



CRÓNICA DE DOM JOÃO I

PRIMEIRA PARTE

FERNÃO LOPES

*Edição crítica e notas de TERESA AMADO,
com a colaboração de ARIADNE NUNES, CARLOTA PIMENTA e MÁRIO COSTA*

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

C I M P R E N S A
Centro de Estudos
Comparatistas
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CRÓNICA DE DOM JOÃO I

PRIMEIRA PARTE

FERNÃO LOPES

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Centro de Estudos Comparatistas
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: Crónica de Dom João I, Primeira Parte

Autor: Fernão Lopes

Edição crítica e notas: Teresa Amado

com a colaboração de Ariadne Nunes, Carlota Pimenta e Mário Costa

Introdução: Cristina Sobral

Coordenação editorial: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Revisão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Design e paginação: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Pré-impressão, impressão e acabamento: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

1.ª edição: Novembro de 2017

ISBN: 978-972-27-2588-0

Depósito legal: 429 019/17

Edição n.º 1021910

Tipos de letra: Adobe Garamond Pro

Papéis: sobrecapa em Bindakote, 120 g; capa em CLA Calandrada, 315 g; miolo em Coral Book Ivory, 90 g

Imagem da sobrecapa: António José de Sousa Azevedo (1830-1864), *A Morte do Conde de Andeiro*, óleo sobre tela (96,5 cm × 131 cm). Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Tecnologia, I. P., no âmbito do projeto UID/ELT/0509/2013.



CRÓNICA DE DOM JOÃO I

PRIMEIRA PARTE

FERNÃO LOPES

Edição crítica e notas de TERESA AMADO,

com a colaboração de ARIADNE NUNES, CARLOTA PIMENTA e MÁRIO COSTA

Introdução de CRISTINA SOBRAL

Fixação do texto com base no manuscrito IANTT, Casa Forte, Crónicas 8

IMPRESA NACIONAL

CENTRO DE ESTUDOS COMPARATISTAS



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

INTRODUÇÃO

UMA LEITURA DA *CRÓNICA DE DOM JOÃO I*

O lugar de Fernão Lopes no cânone literário português é hoje tão evidente quanto o valor historiográfico que sempre se lhe atribuiu. No conjunto da sua obra, a primeira parte da *Crónica de Dom João I* é, sem dúvida, o *magnum opus*, trabalho de narrador exímio e de historiador judicioso, expressão de ideias novas e cenário de novos atores. Nas suas duas partes [BITAGAP texid 1045 e 1046¹], a *Crónica* foi escrita entre 1441 e 1450, depois das duas outras que lhe são inquestionavelmente atribuídas (*Crónica de D. Pedro*, BITAGAP texid 1063, e *Crónica de D. Fernando*, BITAGAP texid 1064). Como seria de esperar de quem escreveu podendo dispor da colaboração de copistas de elevada competência para dar forma limpa à encomenda régia, os autógrafos não sobreviveram. Tão pouco foram preservados os apógrafos contemporâneos do autor. Os manuscritos mais antigos são manuelinos.

Só no século XVII as duas partes da *Crónica* foram pela primeira vez impressas (Álvares, 1644, e Álvares, 1644b, BITAGAP manid 1175 e 1176), facultando à leitura de gerações de eruditos uma obra que já então se tornara de referência para a historiografia nacional. A primeira edição impressa não extinguiu de todo a transmissão manuscrita (v. BITAGAP manid 1165, 4379, 3346), antes conviveu com ela ao longo de dois séculos e só veio a ser reimpressa no século XIX (Cordeiro, 1898, e Cordeiro, 1898b).

¹ Para a informação descritiva e bibliográfica sobre textos e testemunhos, remete-se para a *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses* (BITAGAP).

Em 1915, A. Braamcamp Freire (Braamcamp Freire, 1915) estabeleceu o texto que serviu de referência ao longo do século xx, reimpresso em 1945 pela editora Civilização (Braamcamp Freire, 1945). Em 1973, esgotada esta reimpressão, Luís Filipe Lindley Cintra prefaciou a reprodução fac-similada da edição de 1915, agora para a Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Braamcamp Freire, 1973). Só dez anos mais tarde a Civilização voltou a reimprimir a mesma edição, com novas reimpressões em 1990, 1991 e 1994. Cintra sublinhava, em 1973, que a leitura de Braamcamp Freire é «o único texto que merece confiança, por ser a reprodução fiel de um bom manuscrito — apesar de não se tratar de um texto fixado criticamente» (Cintra, «Introdução», *in* Braamcamp Freire, 1973: 8). O ilustre historiador, de facto, levava a cabo uma edição conservadora, baseada num manuscrito escolhido criteriosamente: o manuscrito do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Crónicas, 8, *olim* cod. 352 (BITAGAP manid 1355). Da primeira parte da *Crónica* conhecem-se hoje 43 testemunhos, dos quais 24 são datáveis desde o final do século xv até ao final do século xvi. O manuscrito escolhido por Braamcamp Freire é obra do *scriptorium* manuelino, onde foram produzidos os códices da chamada Leitura Nova, por copistas de elevadas qualificações e experiência. O testemunho revela traços linguisticamente mais arcaizantes do que outras cópias feitas em período próximo, como o Ms. da British Library Add. 20946 (BITAGAP manid 1083) e o Ms. CIII / 1-9 da Biblioteca Pública de Évora (BITAGAP manid 1339). O modelo que serviu para a cópia era um códice disponível na livraria régia e talvez contemporâneo do autor e por ele revisto ou controlado. Cumpre, assim, os requisitos para servir de base a uma edição que renuncie a propor uma reconstituição do arquétipo que deu origem à tradição textual. Será uma edição que oferece o texto que leram os usuários do códice que serviu de testemunho-base, isto é propõe o estabelecimento do texto que foi lido por aqueles que tiveram acesso à livraria da corte de D. Manuel, abdicando de dar a ler o texto que poderá ter sido conhecido pelos cortesãos do Infante D. Pedro durante a sua regência.

Mesmo quando se baseia num só testemunho (ou mais ainda nesse caso, como alguns defendem) é bem sabido que editar um texto é um trabalho de interpretação, de orientada reconstrução de um certo sentido que o editor faz emergir do texto. A coerência e a pertinência desse sentido repousam, em boa parte, sobre o conhecimento que o editor possa ter da obra e do seu autor. Tratando-se de um autor, como é o caso de Fernão Lopes, de identidade bem definida pelas obras que lhe pertencem e pela originalidade com que as criou,

o *usus scribendi* pode constituir o farol que ilumina os sentidos mais prováveis que o texto pode tomar.

Teresa Amado dedicou boa parte da sua vida académica ao estudo da obra de Fernão Lopes. Iniciou este percurso já atenta a problemas colocados pelo estabelecimento do texto, enfrentados na antologia que organizou em 1980 para a editora Comunicação (Amado, 1980), reeditada e revista doze anos depois (Amado, 1992). Pelo meio ficava a apresentação de uma tese de doutoramento intitulada *Fernão Lopes e a Crónica de D. João I: O Contador de História* (Amado, 1989), mais tarde publicada pela Estampa (Amado, 1991b). No mesmo ano, elaborou uma bibliografia exaustiva sobre o autor (Amado, 1991) e, pouco depois, todos os artigos a ele relativos do *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (Amado, 1993). Em 2004 e 2007 reviu e preparou para publicação na Imprensa Nacional as edições de Giuliano Macchi da *Crónica de D. Pedro* e da *Crónica de D. Fernando* (Macchi, 2004; Macchi, 2007).

Em 2007, reuniu em livro artigos, escritos para diversos encontros científicos, que constituíam fragmentos de leituras de Fernão Lopes (Amado, 2007). Não se tratou, porém, apenas, de coligir artigos dispersos: «Lê-se de maneira diferente um texto de cada vez que se lê», assim abre o volume, introduzindo-nos numa revisão dos fragmentos já conhecidos agora como um percurso por um consistente «modo de ler Fernão Lopes» (Amado, 2007: 14). A autora explica:

O trabalho de revisão desses dez textos que empreendi para os reunir num livro e que resultou em transformações muito mais extensas e profundas do que eu esperara, fez-me perceber melhor os pontos de apoio da leitura, os principais motivos de interesse e os que mais suscitam perplexidade (Amado, 2007: 14).

Trata-se, na verdade, de uma releitura de Fernão Lopes que resulta de um aprofundamento, de uma familiaridade com o texto e com o seu contexto, entendido como uma «rede de aparentes réplicas» textuais que envolve «fenómenos de reinvestimento de sentido em palavras, ou em imagens verbais, repetidas» (Amado, 2007: 15). Implica a compreensão dos processos retóricos usados pelo cronista e do modo como neles se vertem as palavras que contam a História, sem antinomia com a *verdade* comprovável documentalente.

Depois de quase trinta anos a ler Fernão Lopes, o projeto que abraçou em 2009 trouxe-lhe ainda uma nova perspetiva do texto. Tendo defendido

junto dos sócios da Medieval Chronicle Society a importância e originalidade das crónicas de Fernão Lopes (Amado, 2009), foi por aquela associação científica encarregada de colaborar na direção de uma equipa para a tradução da obra do cronista português².

O projeto antigo de editar a *Crónica de Dom João I* começou a tomar forma em 2007. Encontrou acolhimento no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras de Lisboa e constituiu-se com a formação de um grupo de trabalho integrado por jovens investigadores: Ariadne Nunes, Carlota Pimenta, Mário Costa e, na fase, inicial, Marta Marecos Duarte.

Infelizmente, Teresa Amado não pôde terminar a edição que ocupou os seus últimos anos de vida. Deixou-nos em 5 de agosto de 2013. Os meses anteriores foram de intenso trabalho com os seus colaboradores, com os quais reviu o estabelecimento do texto. Temos, assim, na edição que agora se publica, um texto da crónica de Fernão Lopes que foi estabelecido por quem melhor conhecia o cronista, a sua obra e o seu *usus scribendi*. Não houve tempo para deixar escrita uma introdução onde Teresa Amado exporia os critérios de edição e as normas de transcrição. Tudo isto estava, porém, inscrito na sua mente, e tão decidido que escrevê-lo teria sido obra de pouco tempo, assim o tempo tivesse sido apenas um pouco mais benevolente.

Oiçamos, num texto de 2007, o que Teresa Amado pensava acerca da transmissão manuscrita das crónicas de Fernão Lopes, as convicções que inspiraram esta edição e que teriam presidido à redação de uma introdução:

Por outro lado, o primeiro passo para a hierarquização das variantes está facilitado pelo facto de, para todas as crónicas, já há muito tempo não oferecer dúvida qual das versões, sempre a de um dos manuscritos mais antigos, deve ser tomada como texto-base, em resultado de um consenso atingido por sucessivos editores e estudiosos do século passado. Quanto ao confronto das variantes, seja feito empírica seja sistematicamente — conforme se pode ver nas Introduções de Giuliano Macchi às suas edições críticas, da C. D. F. e da C. D. P. — demonstra na sua maioria a existên-

² O projeto, coordenado por Amélia Hutchinson (Universidade da Georgia), reúne tradutores de várias universidades (*Fernão Lopes. People, places and events in the chronicles*. Department of Romance Languages, University of Georgia: <http://lopes.franklin.uga.edu/about-project/project-history>).

cia de variantes de reduzido grau de importância morfológica, sintática ou lexical, o que constitui um fator de confiança na qualidade dos textos considerados globalmente. O trabalho de Macchi mostrou também que, uma vez resolvido o incontornável problema da organização estemática do universo das versões (esse sim, espinhoso) e distribuídas as variantes pela sua ordem de utilidade e fiabilidade, contam-se talvez abaixo da dezena os casos de manifestas incorreções que, nessas muitas centenas de páginas, não correspondem a eventuais erros do original (ou do arquétipo) facilmente explicáveis e portanto facilmente corrigíveis ou a automatismos de cópia que, uma vez identificados, permitem com bastante segurança reconstituir o texto de origem.

Algumas anomalias que subsistem poderão, aliás, ser apenas aparentes e resultar mais da nossa dificuldade de apreender com suficiente finura e versatilidade o funcionamento da língua do século xv do que de verdadeiros erros. Aqui estou a falar de unidades textuais que hão de continuar a provocar dúvidas e a suscitar propostas de interpretação e de solução que talvez nunca atinjam a unanimidade. De qualquer modo, a sua ocorrência é escassa e mesmo essa é possível que venha a ser reduzida se se conseguir aperfeiçoar o conhecimento que temos dos usos linguísticos da época (Amado, 2007b: 191).

O texto da primeira parte da *Crónica de Dom João I* que se estabelece na edição agora publicada toma, em consequência, como testemunho-base, o Ms. Crónicas, 8, da Torre do Tombo, selecionado não só pelos critérios de *bon manuscript* que já Braamcamp Freire lhe reconheceu mas sobretudo porque, confrontado com outros manuscritos quinhentistas, raramente revelou defeitos que o desqualificassem. De facto, antes do estabelecimento do texto, a equipa de trabalho coordenada por Teresa Amado transcreveu e colacionou os seguintes dezanove manuscritos quinhentistas:

Évora: Biblioteca Pública, CIII-1-9 (BITAGAP manid 1339);
Hamburgo: Staatsbibliothek, Hist. 135 fol. (BITAGAP manid 1342);
Londres: British Library, Add. Mss. 20946. (BITAGAP manid 1083);
Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, COD. 387 (BITAGAP manid 1052);
Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, COD. 386 (BITAGAP manid 1051);
Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, COD. 383 (BITAGAP manid 1049);
Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, ALC. 296 (BITAGAP manid 1247);
Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, COD. 390 (BITAGAP manid 1055);

Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, COD. 950 (BITAGAP manid 3662);
Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, COD. 388 (BITAGAP manid 1053);
Lisboa: Arquivo Nacional Torre do Tombo, Crónicas, 8 (BITAGAP manid 1355);
Lisboa: Arquivo Nacional Torre do Tombo, Crónicas, 11 (BITAGAP manid 1137);
Lisboa: Arquivo Nacional Torre do Tombo, Crónicas, 15 (BITAGAP manid 1139);
Lisboa: Arquivo Nacional Torre do Tombo, Ms. da Livraria 1970 (BITAGAP manid 1382);
Lisboa: Arquivo Nacional Torre do Tombo, Ms. da Livraria 546 (BITAGAP manid 1378);
Lisboa: Arquivo Nacional Torre do Tombo, Ms. da Livraria 1778 (BITAGAP manid 1142);
Madrid: Biblioteca Nacional de España, 818 (BITAGAP manid 1369);
Madrid: Biblioteca Nacional de España, Vitr/25/8 (BITAGAP manid 1069);
Porto: Biblioteca Pública Municipal, Geral 783 (BITAGAP manid 365).

A utilização das variantes no estabelecimento do texto corresponde ao que acima a editora classifica como confronto de variantes feito empírica e não sistematicamente. Quer isto dizer que renunciou à constituição de um *stemma codicum* que presidisse a uma *emendatio* sistemática do texto. Como vimos, a editora acreditava que essa «espinhosa» tarefa resultaria ingloriamente em parco fruto, uma vez que seriam muito reduzidos os casos em que as variantes não corresponderiam a «erros do original (ou do arquétipo) facilmente explicáveis e portanto facilmente corrigíveis ou a automatismos de cópia que, uma vez identificados, permitem com bastante segurança reconstituir o texto de origem». Esta convicção assentou não só na experiência de edição de Macchi, feita com apoio estemático, mas também no exame «empírico» das variantes, realizado pelo grupo de trabalho. Uma ressalva ainda operou como critério: nem todas as aparentes anomalias serão verdadeiros erros e sim enunciados que o melhor conhecimento da língua permitirá explicar. Consequentemente, podemos esperar uma edição em que a intervenção editorial substantiva é reduzida.

Só aparentemente esta edição serve os propósitos da edição bedieriana de documentar a leitura dos usuários concretos do testemunho editado. Teresa Amado não renuncia, como princípio, à reconstituição do texto da crónica tal como ele teria sido escrito pelo seu autor. Acredita que essa reconstituição é possível, neste caso, pelas características excepcionais da tradição manuscrita

quinhentista³, sem o recurso à estemática:

(...) embora os mais antigos manuscritos sejam posteriores ao presumível termo da redação das crónicas de cerca de cinquenta anos e estejamos, assim, sujeitos às vicissitudes da reprodução textual que o original sofreu sucessivamente, pelo menos duas vezes, até chegar à produção desses melhores testemunhos, existe uma grande probabilidade de que, seguindo os procedimentos adequados, as edições críticas das crónicas representem bastante fielmente o texto que foi escrito por Fernão Lopes. Presumo, portanto, que seja esse o caso das edições já feitas por Giuliano Macchi, e quero crer que virá a ser também o das restantes (Amado, 2007b: 191-192).

A preocupação da editora com a divulgação da obra do *seu* cronista teria necessariamente de inspirar normas de transcrição modernizadoras onde é possível aplicá-las sem afetar mais do que a grafia. Assim foi feito.

Para a publicação desta edição, foi ponderada a possibilidade de se escrever uma introdução que substituísse aquela que Teresa Amado teria escrito. Melhor dizendo: que *imitasse* aquela que Teresa Amado teria escrito. Poderíamos contar, para isso, com o testemunho e as memórias da equipa que com ela trabalhou durante largos anos: Carlota Pimenta, Ariadne Nunes e Mário Costa. Porém, cedo entendemos que, numa edição que desde o primeiro momento até ao resultado que se pode ler nas páginas seguintes, sempre obedeceu a pensamento original e que nunca se conformou com métodos de escola, não poderíamos encontrar as palavras capazes de uma imitação justa. Escolheu-se, por isso, dar voz apenas às palavras que a Teresa *realmente*

³ «Em parte, as características propícias que esta tradição textual oferece ao editor e ao leitor desejosos deve-se sem dúvida ao carácter oficial do trabalho do cronista e à categoria régia e cortesã dos seus primeiros destinatários e recetores, que não garantiram apenas a competência dos escribas, também zelaram com eficiência pelas boas condições de tempo, espaço e materiais de execução em que eles trabalharam. Os manuscritos mais ricos, do tempo de D. Manuel, que aliam ao cuidado estético a esmerada correção do texto, só puderam atingi-la porque existiam boas versões de onde copiar. (...) outra parte importante dos méritos do estado de correção e mesmo de legibilidade dos manuscritos que contêm estas crónicas deve ser remetida a certas qualidades da escrita de Fernão Lopes, que os seus textos exibem, e até, alargando um pouco a perspectiva, a qualidades da execução material que creio possível supor a partir já não tanto da escrita como do que sabemos sobre a sua mais persistente atividade profissional, desenvolvida antes e ao mesmo tempo que a de cronista.» (Amado, 2007b: 192).

escreveu e entregar a leitores, mais e menos especialistas, uma *Crónica de Dom João I* que resulta de uma leitura lenta e profunda, própria de «quem se entrega ao exercício de tentar conhecer, que é de facto tentar imaginar a Idade Média» (Amado, 2007: 11), e validada por uma «plena comunhão com o texto do seu autor preferido» (Mattoso, 2014: em linha).

Não será excessivo afirmar que hoje já nenhum editor crê poder oferecer uma edição *ne varietur* de um autor desaparecido. Todas as edições que não são sancionadas pelo autor não podem senão constituir-se num encadear de razões e argumentos, em diálogo entre leituras que se confrontam em cada lugar crítico. Esta edição da primeira parte da *Crónica de Dom João I* constituirá sempre, nessa cadeia, um elo forte que nenhuma outra edição poderá ignorar.

CRISTINA SOBRAL

BIBLIOGRAFIA

- ÁLVARES, 1644 — Fernão Lopes, *Chronica Delrey Dom Ioam. I. de Boa Memoria e dos Reis de Portugal o Decimo. Primeira Parte*. Lisboa: António Álvares [<http://purl.pt/218>].
- , 1644b — Fernão Lopes, *Segunda parte da Chronica Delrey Dom Ioam I e dos Reis de Portugal o Decimo*, Lisboa: António Álvares.
- Amado, 1980 = *Crónica de D. João I de Fernão Lopes*, apresentação crítica, seleção, notas e sugestões para análise literária de Teresa Amado, Lisboa: Comunicação.
- , 1989 — Teresa Amado, *Fernão Lopes e a Crónica de D. João I: o Contador de História*, tese de doutoramento em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa.
- , 1991 — Teresa Amado, *Bibliografia de Fernão Lopes*, Lisboa: Cosmos.
- , 1991b — Teresa Amado, *Fernão Lopes Contador de História: sobre a Crónica de D. João I*, Lisboa: Estampa.
- , 1992 — Teresa Amado, *Crónica de D. João I de Fernão Lopes*, apresentação crítica, seleção, notas e sugestões para análise literária de Teresa Amado, 2.^a edição revista, Lisboa: Seara Nova-Comunicação.
- , 1993 — Teresa Amado, «Crónica de D. Fernando», «Crónica de D. João I», «Crónica de D. Pedro», «Crónica do Condestabre», «Fernão Lopes», *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani, Lisboa: Caminho, pp. 179-184, 271-273.
- , 2007 — Teresa Amado, *O Passado e o Presente: Ler Fernão Lopes*, Barcarena: Presença.
- , 2007b — Teresa Amado, «Questões textuais sobre manuscritos das Crónicas de Fernão Lopes», *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, edición al cuidado de Armando López Castro y Luzdivina Cuesta Torre, León: Universidad de León, pp. 191-196.

- , 2009 — Teresa Amado, «Time and Memory in three Portuguese Chronicles», *The Medieval Chronicle*, VI, Rodopi, pp. 91-103.
- BITAGAP — Arthur L. -F. Askins *et al*, *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*: http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/bitagap_po.html.
- BRAAMCAMP FREIRE, 1945 — Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, I, segundo o códice n.º 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, pref. por António Sérgio, Porto: Civilização (reimpressões em 1983, 1990, 1991, 1994).
- , 1973 — Fernão Lopes, *Cronica del-Rei Dom Joham I. Parte Primeira*. Reprodução fac-similada da edição do Arquivo Histórico Português (1915) preparada por Braamcamp Freire, prefácio de Luís Filipe Lindley Cintra, Lisboa: Imprensa Nacional.
- CORDEIRO, 1897 — Fernão Lopes, *Chronica de el-rei D. João I*, t. i, edição preparada por Luciano Cordeiro, Lisboa: Escriptorio, vol. i da Colecção de Clássicos Portugueses [<http://purl.pt/416/1/>].
- , 1897b — Fernão Lopes, *Chronica de el-rei D. João I*, t. ii, edição preparada por Luciano Cordeiro, Lisboa: Escriptorio, vol. i da Colecção de Clássicos Portugueses [<http://purl.pt/416/1/>].
- MACCHI, 2004 — Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, edição crítica, introdução e índices de Giuliano Macchi, 2.^a edição revista por Giuliano Macchi e Teresa Amado, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- , 2007 — Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro*, edição crítica, introdução e índices de Giuliano Macchi, 2.^a edição revista por Giuliano Macchi e Teresa Amado, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MATTOSO, 2014 — José Mattoso, «*In memoriam* de Teresa Amado», *Medievalista online*, n.º 15, janeiro-junho: www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA15/mattoso1502.html. (Consultado em 8-6-2016.)

CRÓNICA DE DOM JOÃO I
PRIMEIRA PARTE

Fixação do texto com base no manuscrito do IANTT, Casa Forte,
Crónicas 8, confrontado com outros testemunhos manuscritos.
No aparato mostra-se a lição do manuscrito-base quando esta difere
do texto fixado. Notas do editor aparecem em itálico.

PROLOGO

Grande licença deu a afeiçom a muitos que tiveram carrego d'ordenar estorias, mormente dos senhores em cuja mercê e terra viviam e hu foram nados seus antigos avós, sendo-lhe muito favoravees no recontamento de seus feitos. E tal favoreza como esta nace de mundanal afeiçom, a qual nom he salvo conformidade dalgũa cousa ao entendimento do homem. Assi que a terra em que os homens per longo costume e tempo foram criados, gera hũa tal conformidade antre o seu entendimento e ela, que havendo de julgar algũa sua cousa, assi em louvor como per contrairo, nunca per eles he dereitamente recontada. Porque louvando-a dizem sempre mais daquello que he, e se doutro modo nom escrevem suas perdas tam mingudadamente como acontecerom. Outra cousa gera ainda esta conformidade e natural inclinaçom segundo sentença dalgús, dizendo que o pregoeiro da vida, que he a fame, recebendo refeição pera o corpo, o sangue e espritus gerados de taes viandas têm hũa tal semelhança antre si que causa esta conformidade. Algús outros tiveram que esto decia na semente, no tempo da geraçom. A qual despõe per tal guisa aquello que dela he gerado, que lhe fica esta conformidade também acerca da terra, como de seus dívidos. E assi parece que o sentio Tulio quando veo a dizer: «Nós nom somos nados a nós mesmos, porque hũa parte de nós tem a terra e outra os parentes». E porém o juízo do homem acerca de tal terra ou pessoas, recontando seus feitos, sempre çopega. Esta mundanal afeiçom fez a algús estoriadores que os feitos de Castela com os de Portugal escreverom, posto que homens de boa autoridade fossem, desviar da direita estrada e correr per semideiros escusos por as minguas das terras de que eram, em certos passos claramente nom serem vistas. E espicialmente no grande desvairo que o mui virtuoso Rei da boa memoria dom Joam, cujo regimento e reinado se segue, houve com o nobre e poderoso Rei dom Joam

de Castela, poendo parte de seus bons feitos fora do lovor que mereciam, e éadendo em algús outros da guisa que nom acontecerom atrevendo-se a publicar esto, em vida de taes que lhe forom companheiros, bem sabedores de todo o contrairo. Nós certamente levando outro modo, posta adeparte toda afeição que por azo das ditas razões haver podíamos, nosso desejo foi em esta obra escrever verdade sem outra mestura leixando nos bons aquecimentos todo fingido louvor e nuamente mostrar ao pobo quaesquer contrairas cousas da guisa que aveerom. E se o senhor Deus a nós outorgasse o que a algús escrevendo nom negou, *scilicet* em suas obras clara certidom da verdade, sem dúvida nom somente mentir do que sabemos mas ainda errando, falso nom quiriamos dizer. Como assi seja que outra cousa nom he errar, salvo cuidar que he verdade aquilo que he falso, e nós engando per ignorancia de velhas escripturas e desvairados autores, bem podíamos ditando errar. Porque escrevendo homem do que nom he certo, ou contará mais curto do que foi, ou falará mais largo do que deve. Mas mentira em este volume, he muito afastada da nossa vontade. Ó com quanto cuidado e diligência vimos grandes volumes de livros de desvairadas linguagens e terras! E isso mesmo públicas escrituras de muitos cartarios e outros logares, nas quaes depois de longas vegílias e grandes trabalhos mais certidom haver nom podemos, da conteúda em esta obra. E sendo achado em algús livros o contrairo do que ela fala, cuidae que nom sabedormente mas errando muito, disserom taes cousas. Se outros per ventuira em esta cronica buscam fremosura e novidade de palavras e nom a certidom das estorias, desprazer-lhe-á de nosso razoado, muito ligeiro a eles d'ouvir, e nom sem gram trabalho a nós de ordenar. Mas nós nom curando de seu juízo, leixados os compostos e afeitados razoamentos que muito deleitom aqueles que ouvem, ante poemos a simprez verdade que a afremosentada falsidade. Nem entendaes que certeficamos cousa salvo de muitos aprovada e per escrituras vestidas de fé. Doutra guisa ante nos calariam que escrever cousas falsas. Que logar nos ficaria pera a fremosura e afeitamento das palavras, pois todo nosso cuidado em isto despeso nom abasta pera ordenar a nua verdade? Porém apegando-nos a ela firme, os claros feitos dignos de grande renembrancha do mui famoso rei dom Joam sendo Mestre, de que guisa matou o conde Joam Fernandez, e como o pobo de Lixboa o tomou primeiro por seu regedor e defensor e depois outros algús do regno e dhi em deante como regnou e em que tempo, breve e sãmente contados, poemos em praça na seguinte ordem.

I

Como o conde houvera de ser morto per vezes e nehúa houve azo de se acabar

Falando algús da morte do conde Joam Fernandez hu se começam os feitos do Mestre, alegam hũ dito de que nos nom apraz, dizendo que fortuna muitas vezes per longo tempo escusa a morte a algús homens por lhe depois azar mais desonrada fim, assi como fez a este conde Joam Fernandez, que muitas vezes lhe desviou a morte que algús tiveram cuidado de lhe dar, por que depois o leixasse nas mãos do Mestre pera o matar mais desonradamente. E nós deste dito nom somos contente, ca assi per razom do que o matou como da morte que per ele houve, nêhũ dos outros o matar podera que lhe muito mor desonra nom fora. Mas temos que o muito alto senhor Deus que em sua providência nehúa cousa falece, que tinha desposto de o Mestre ser rei, ordenou que o nom matasse outro senom ele. E isto em tempo assinado e com certos azos, posto que poderoso fosse de o doutra guisa fazer. Ca certo he que usando o conde per tempo daquela gram maldade que dissemos, dormindo com a molher de seu senhor de que tantas mercês e acrescentamento havia recebido, nom soou esto assi simprezmente nas orelhas dos grandes senhores e fidalgos que lhe nom gerasse grande e assinado desejo de vingar a desonra delRei dom Fernando. Mas a poer esto em obra embargavom muito duas cousas. A primeira, ser o conde aguardado de muitos e bons fidalgos que o sempre acompanhavom de dia e de noite. A segunda, quem se a tal feito possesse aventuirava a vida e perdia-se de todo, que os mais dos homens muito receam de fazer. Outros lhe éadiam ainda que per tal cousa seria elRei muito mais enfamado e seu linhagem dela em maior desonra, que eram os condes e outros grandes do regno. Porém falando em elo per vezes, todos outorgavom de ser em tal feito, mas nehũ nom se atrevia de ser o primeiro. E o conde bem entendia que de taes pessoas nom era mui seguro, nom dando porém a entender nada. Mas seu grande estado e aguardamento de muitos que per azo del haviam grandes desembargos delRei e da Rainha, o fazia segurar de todos. Pero foi assi que o conde dom Joam Afonso irmão da Rainha, quando veo de Castela que foi alá preso na de Saltes e chegou a Lixboa, achando a fama de sua irmã muito peor do que a leixara com este conde que dissemos, houve delo gram queixume e determinou de o matar. E falou esta cousa com algús dos melhores que na cidade havia, assi como com Afons'Eanes Nogueira e outros que eram todos seus vassalos. E encaminhou por ir ver elRei a Rio Maior onde estonce estava quando veo d'Elvas que houvera d'ha-

ver a batalha, acompanhado o conde de muitos que se com el foram. E como hi foi, segundo algûs contam, húa noite se fez prestes e o aguardou muito escusamente com os seus pera o matar. E saindo o conde alta noite do paço desacompanhado salvo com húa tocha, trigarom-se os outros mais do que deverom, como virom o ar da candeia. E el que os sentio sem sabendo quem eram, receou-se muito e tornou atrás. E guardado aquela hora, passou assi que se nom fez por entom mais. Outros escrevem per outra maneira, dizendo que a Rainha como era molher avisada, já per onde quer que foi, ante que seu irmão chegasse soube a tençom que contra o conde levava. E quando pediro pousadas pera ele, mandou ela correger mui bem húa camara nos paços onde pousava dizendo que queria que pousasse com ela, e recebê-o mui bem e fez-lhe grande gasalhado. E presumiam que lhe dera a Rainha algúa grande dadia e que o desviara de em esto poer mão, porque o conde nunca se delo mais trabalhou. E que assi escapara o conde Joam Fernandez daquela vez.

II

Como algûs ordenarom de o conde ser morto e por qual azo se nom fez

Passou aquela hora que se nom fez mais e partio elRei dali e veo-se pera Santarém. Em esto morreo a elRei de Castela a rainha dona Lionor sua molher e foi alá enviado por embaxador o conde Joam Fernandez como ouvistes. E nom cessando a desonesta fama da Rainha com ele, falava-se esto largamente antre algûs senhores do regno, espicialmente antre aqueles que per privança e acrecentamento de honroso estado eram aliados com elRei, pesando-lhe muito da desonra que a seu senhor era feita per tal modo. E antre aqueles a que desto muito pesava, era este conde dom Joam Afonso irmão da Rainha que dissemos, sendo gram privado delRei e muito de seu conselho e a que elRei mostrava gram boa vontade. A Rainha per contrairo posto que sua irmã fosse, nom era el tanto em sua privança e amor, sentindo ela que el nom havia bom desejo ao conde Joam Fernandez por a fama que ambos haviam. Este conde de Barcelos seu irmão, doendo-se muito da desonra delRei, e vendo como sua irmã, enquanto o conde Joam Fernandez fosse vivo, nom havia de cessar do afazimento que com el havia, cuidou d'ordenar outra vez como fosse morto. E falou isto com o Mestre d'Avis, e com dom Pedr'Alvarez prior do Espital e com Gonçalo Vasquez d'Azevedo. E acordarom todos que era bem de o fazer hû homem de pequena conta pera qualquer cousa que

se delo seguisse, porque melhor era perder-se hũ homem ligeiro que hũ de grande honra e maior estado. E falarom primeiro esta cousa com Fernand'Alvarez de Queirós criado delRei e pera muito, homem que acompanhavom de cote quatro de bestas, e el se escusou per muitas razões dizendo que per nehũa guisa faria cousa em que fizesse desprazer à Rainha, mormente tal como esta, de que era certo que ela haveria assinado nojo. Entom o veerom a falar com Rodrigu'Eanes de Buarcos, escudeiro de semelhante conta de Fernand'Alvarez¹, o qual acompanhava continuamente Gonçalo Vasquez d'Azevedo e era todo seu. A este prougue de tomar este encarrego, e acordarom que como o conde Joam Fernandez veesse da embaxada de Castela e entrasse em Portugal que lhe saísse Rodrigu'Eanes ao caminho com cinco ou seis de cavalo e que o matasse e se posesse em salvo até que lhe eles depois houvessem remedio. Este acordo havudo, souberom como o conde Joam Fernandez era partido² de Castela e vinha já pera Portugal. E Rodrigu'Eanes se partio logo e foi per Alcobaça caminho de Leirea per hu diziam que o conde Joam Fernandez vinha. E ele trouve caminho do Espinhal, e assi o errou daquela vez e escapou de morte.

III

Como elRei mandava matar o conde Joam Fernandez e por que se leixou de fazer

Nom parece cousa indigna se algũ que ler ou ouvir esta estoria fezer pergunta, pois que tanto havia que era fama e largamente pobricada antre a Rainha e o conde Joam Fernandez, se tinha elRei delo algũa sospeita, ou sabia de tal fama parte, aos quaes se responde desta guisa. Certo he que antre as condições que do amor escrevem os que dele compridamente falarom e foram criados em sua corte, assi he que por muito que encobrir queira o que ama nom se pode tanto ter que per algũs signaes e falas e outros demonstradores geitos, nom dê a entender aquel ardente desejo que em sua vontade continuadamente mora. E quando os homens veem desacostumadas afeições e prestanças onde nom há tal dívedo que má fama embargar possa, ligeiramente veem a presumpçom do erro em que taes pessoas podem cair.

¹ Fernand'Alvarez] pedrallvarez

² era partido] parthia

E portanto elRei dom Fernando vendo os muitos modos per que a Rainha mostrava desordenada afeição e bem querença ao conde Joam Fernandez e o grande acrescentamento que lhe procurava per qualquer guisa que podia, bem certificou em seu pensamento ser verdade o que as gentes presumiam posto que da pública voz e fama que a Rainha havia com o conde, el ne húa parte soubesse. Nem era algú ousado de lhe tal cousa dizer posto que se de sua desonra com bom desejo doesse, receando pena por galardom e mortal odio por amizade como já a algús aconteceo por taes novas recontarem mormente aos reis e grandes senhores. Assi que elRei dom Fernando bem entendia o que era mas ne húa cousa dava a entender, receando novamente descobrir com dúvida aquelo que a pública voz e fama muito tempo havia que afirmava. E quando a Rainha levou sua filha a Elvas por lhe fazer vodas com elRei de Castela e se elRei dom Fernando mandou trager de Salvaterra pera Almadá, cuidou elRei de o matar per esta guisa. Mandou ao seu escrivam da poridade que fizesse húa carta pera o Mestre d’Avis seu irmão em que lhe mandava e encomendava que vista aquela carta tevesse geito de matar o conde Joam Fernandez nom dizendo porém a razom por quê. E per ela mandava a Gonçalo Mendez de Vasconcelos alcaide-mor de Coimbra que ordenasse de guisa que o Mestre seu irmão fosse recebido na cidade e lhe entregasse a forteza do castelo e que lhe quitava a menagem húa e duas e três vezes. O escrivam fez a carta entendendo bem por que era, e dizem algús que foi Joam Gonçalves. E como foi feita tornou a elRei e disse:

— Senhor, vós mandaes fazer esta carta, resumindo-lhe quegenda era. Porém senhor, disse ele, se vós esta cousa bem esguardar quiserdes, a vossa mercê pode entender que per ne húa guisa a devees de mandar, por o gram dano que se delo seguir pode. Vós, senhor, vedes³ bem como o Mestre vosso irmão he bem quisto de todolos do regno. E se el tevesse Coimbra, falecendo vós, o que Deus nom mande, juntar-se-iam a el todas as gentes e ficaria el por rei desta terra e vossa filha assi deserdada, de guisa que ela nem filho que de seu marido houvesse seria gram maravilha de nunca em ele⁴ mais poder cobrar. E porém me parece, se vossa mercê for, que tal mandado devees d’escusar por ora. E se do conde Joam Fernandez havees tal queixume per que vos esto tenha merecido bem terreos depois tempo pera o mandar matar cada vez que quiserdes per outra maneira e nom desta guisa.

³ vedes] ueerdes

⁴ ele] elles

ElRei cuidando neste feito parecerom-lhe as razões boas e rompeo a carta e nom foi enviada. E assi escapou o conde Joam Fernandez de nom ser morto. E depois desto, sendo elRei dom Fernando doente e muito aficado daquela dor de⁵ que morreo, ao serão na noite que se finou estava hi o conde Joam Fernandez com aqueles que eram presentes. E quando vio que nom havia em el outro remedio se nom morte, receando-se muito do que feito tinha lhe ser acoimado per algú, àquela hora houve tam gram temor, que aquel medo lhe foi assi como degredo que o fez logo sair da camara por se ir a pressa pera seu condado. E em saindo pela porta hũ escudeiro do conde dom Joam Afonso chamado per nome Pedr'Eanes Lobato, sabendo como o el quisera matar em Rio Maior como dissemos, disse ao conde se queria que o matasse estonce pois via tempo azado pera o fazer a seu salvo. E o conde de Barcelos, pero desejasse muito de o ver morto, defendeo que o nom fizesse. E assi escapou o conde Joam Fernandez aquel serão por que parece que ainda nom veera a sua hora.

IV

Como o conde Joam Fernandez houvera de ser morto e per que azo se desviou sua morte

Houvera ainda o conde de ser morto per outra vez e vede de que guisa se azava de ser. Assi he que escrevendo a Rainha a todolos fidalgos do regno que veessem ao saimento do mês que se fazia por elRei dom Fernando, mandou seu recado a Nun'Alvarez que estava Antre Doiro e Minho com sua molher, que veesse àquel saimento. Nun'Alvarez mui anojado por a morte delRei, sem poer mais tardança se fez logo prestes com trinta escudeiros bem corregidos de suas armas e certos homens de pé com eles. E nehũ outro veo ao trintairo corregido com gentes senom ele. E assi chegou a Lixboa onde o saimento havia de ser. Feitas suas exequias e acabado todo, foi hũ dia Nun'Alvarez ver o priol dom Pedr'Alvarez seu irmão. E depois que lhe falou e espaçou hũ pouco com algús fidalgos que hi estavom, apartou-se pelo paço só, a cuidar que havia de ser do regno que assi ficava deserto, e quem o havia de defender dalgús se contra ele quisessem vir, mormente que se dezia que elRei de Castela prendera o ifante dom Joam e o conde dom Afonso seu irmão

⁵ dor de que] door que

como soubera que elRei dom Fernando era morto e que juntava gentes pera entrar poderosamente no reino. E cuidando em esto, certificou em seu pensamento que nom havia outrem que mais direita razom tevesse de se poer por defensom do regno que o Mestre d'Avis filho delRei dom Pedro. O qual el sabia que era bom cavaleiro e de que havia gram conhecimento tempo havia. E logo veo a cuidar que o começo de tal obra havia de ser o conde Joam Fernandez d'Andeiro ser morto, no qual a Rainha havia grande esperança. E andando aceso em este cuidado, olhou pelo paço e vio Rui Pereira seu tio que hi estava e chegou-se a ele e contou-lhe todo o que havia pensado em razom da defensom do regno e quem devia dele tomar carrego, e sobre a morte do conde Joam Fernandez, declarando-lhe certamente que em esto seria ele de boa vontade querendo o Mestre em elo poer mão. Rui Pereira que já esto trazia em grande cuidado, foi muito ledado do que lhe Nun'Alvarez dissera. E tanto lhe prougue, que o nom pôde mais deter e foi-se logo ao Mestre fazer-lhe recontamento de todo. O Mestre sendo delo ledado, mandou logo chamar Nun'Alvarez gradecendo-lhe muito o que com Rui Pereira falara, pero que disse o Mestre contra Rui Pereira:

— A mim parece que nom ouço já agora murmurar as gentes tanto dos feitos da Rainha nem falar em esto como soiam.

— Ó senhor, disse Rui Pereira, vós nom sabees como isto he. Quando eu andava por casar com minha molher todos falavom como eu queria casar com Violante Lopez, e depois que fomos casados nunca nenguem falou em nosso casamento. E estes, senhor, taes som. Usarom tanto de sua maldade e per tanto tempo que os ham já todos por casados, e por isso nom falam já em eles como da primeira.

O Mestre começou de rir desto, e encomendou a Nun'Alvarez que logo se trabalhasse d'haver da sua parte as mais gentes que podesse pera em outro dia ser morto o conde Joam Fernandez, da qual cousa a Nun'Alvarez muito prougue. E logo se partio do Mestre pera sua pousada pera se avisar e concertar do que pera tal feito pertencia. E corregendo-se pera elo com grande aguça, mandou-lhe o Mestre dizer que cessasse do que lhe dissera, ca se nom podia por entom fazer. Nun'Alvarez foi desto muito anojado, por se poer mor espaço em tal obra e tornou-se ao Mestre falando-lhe muitas e boas razões sobr'elo polo reduzir a se fazer logo. E vendo que nom podia, espedio-se dele e foi-se após o priol seu irmão, que já era partido caminho de Santarém, e encalçou-o em Ponteval onde esteve mui poucos dias. E desta guisa se desviou a morte do conde Joam Fernandez desta vez e das outras porque, como já dissemos, parece que ainda nom veera a sua hora.

V

Como se azou a morte do conde Joam Fernandez e quem falou em elo primeiro

Soem às vezes os altos feitos haver começo per taes pessoas cujo azo nehú comum pobo podia cuidar que per eles vesse. Onde assi aveo que em Lixboa havia hú cidadão chamado per nome Alvaro Paez, homem honrado de boa fazenda e fora chanceler-mor delRei dom Pedro e depois delRei dom Fernando. Este vivendo em casa delRei e sendo muito doente de gota, veo pedir a elRei por mercê que desse aquel officio a quem sua mercê fosse e o apousentasse em Lixboa hu tinha suas casas e assentamento. Sua dor nom era tamanha porém quanto foi o gram nojo que por azo da desonra delRei, segundo a má fama que a Rainha havia, se gerava em seu coração. E foi assi que elRei o apousentou honradamente em Lixboa, e a seu requerimento mandou aos vereadores da cidade que nehúa cousa fizessem sem acordo dele. Por a qual razom algúas vezes iam a sua casa ter conselho sobre o que haviam de fazer quando el por azo de sua enfermidade, na camara hu faziam seu conselho nom podia ser presente. Natureza que força os homens usar das condições que com eles nacerom, costrangeo tanto este Alvaro Paez, de guisa que nom perdendo rancor e odio da desonra que a elRei seu senhor fora feita, nehúa cousa entom mais desejava que ver o conde Joam Fernandez morto, pois que o nam fora em vida delRei dom Fernando. E parecendo-lhe tempo azado pera razoar em esto, falou secretamente com o conde de Barcelos dom Joam Afonso irmão da Rainha, que sabia bem que queria mal ao conde Joam Fernandez por esta razom e disse:

— Senhor, vós sabees bem como eu som criado delRei dom Fernando cuja alma Deus haja, e a honra e acrecentamento que em mim fez, por a qual cousa eu e quaesquer criados que seus sejam se deviam doer muito de sua desonra e vingá-la per hu quer que podessem, posto que el morto seja, mormente aqueles que têm tal honra e estado que ligeiramente o podem fazer. Ora senhor, vós sabees bem quanto há que as gentes falom da má fama que a Rainha vossa irmã há com o conde Joam Fernandez. E isto nom somente em vida delRei, mas ainda agora sua má fama nom cessa nem cessará enquanto este homem for vivo, e sendo morto cessaria per tempo e esqueceriam as cousas. Por a qual razom todolos bons se deviam doer de tal cousa, mormente vós que soes seu irmão. A húa por as muitas mercês e grande acrecentamento que elRei em vós fez. A outra por ser vossa irmã e desonrando si, desonra vós e todo seu linhagem. E posto que eu saiba que vós isto entendees e que já em

elo quizeres poer mão, cuidei porém de vo-lo dizer. E vós podees a elo tornar como vossa mercê for, mas de mim vos digo que sendo eu quem vós soes e podendo-o fazer como vós, que muito há que eu nom leixara passar tal cousa poendo-me à ventuira que me Deus dar quisera.

O conde disse que bem sabia todo e que lhe agradecia sua boa vontade e que já tempo fora que houvera talante de o poer em obra mas que por estonce nom via geito azado de o poder fazer. E falando em esto muito, disse o conde a Alvaro Paez:

— Sabees com quem me parece que he bem que falees esta cousa? Falae-o com dom Joam Mestre d’Avis que há tamanha razom de se doer da desonra delRei como eu, e nom vejo aqui homem mais azado pera fazer esto e pera travar em qualquer ardidez que lhe à mão veer como ele.

— Muito me prazeria, disse Alvaro Paez, de o falar com ele e com qualquer outro que eu entendesse que o poeria em obra. Mas quando o vós fazer nom querees, que tantos azos tendes mais que outro nehú, duvido muito de o el nem outrem querer fazer.

— Eu direi ao Mestre, disse o conde, como lhe vós querees falar húa cousa de sua honra e que porquanto vós soes embargado per dor e nom podees aló ir, que quando cavalgar per a vila que venha per aqui e vos fale, e bem creo dele que o queira fazer.

Ficaron neste acordo e espedio-se o conde, e quedou Alvaro Paez com novo cuidado pera falar ao Mestre.

VI

Como Alvaro Paez falou com o Mestre sobre a morte do conde Joam Fernandez e do acordo em que ambos ficaron

Falou o conde ao Mestre d’Avis dizendo como Alvaro Paez havia de falar com ele algúas cousas de sua honra e serviço, e que o fosse ver quando cavalgasse pela vila porquanto per azo de sua doença nom podia ir onde el pousava. O Mestre por saber que era, nom tardou muito de ir alá e foi-lhe falar a sua pousada. E sendo ambos em logar apartado, começou Alvaro Paez de razoar todo o que dissera ao conde de Barcelos e a reposta d’escusa que em el achara, e que depois veera a cuidar que nehú outro havia no regno que mais razões tevesse pera o fazer que ele.

— Primeiramente, disse Alvaro Paez, por vós serdes irmão delRei a que sua desonra mais deve doer que outro nehú. A segunda, porque fostes per

azo dele e da Rainha preso e posto em tal perigo como todos sabem. E que por al nom fosse senom por segurar vossa vida, que nunca há-de ser segura enquanto o conde Joam Fernandez for vivo; por isto somente o devees fazer, ca pois elRei agora he morto, usaróm mais de sua maldade. E receando-se de vós, que bem sabem que disto devees ter mor sentido que outra pessoa, sempre vos buscaróm azo e caminho per hu vossa vida seja cedo finda. E pois que vingança deste feito a nehú outro mais pertence que a vós, fazendo-o da guisa que vos eu digo mostrarees em elo grande façanha e muito de nembrar aos que depois veerem. Em tanto que nem húa cousa de louvor antre os homens seria agora achada que fosse igual nem parelha desta.

O Mestre ouvindo suas boas e muitas razões, com grande vontade que delo havia, bem outorgava de o fazer. Mas eram-lhe presentes taes e tam grandes dúvidas que todolos caminhos pera o poer em obra eram a el escuros com grandes empachos. Espicialmente, dizendo o Mestre que quem se a tal feito houvesse d'aventurar mormente dentro na cidade, compria ter algúa ajuda do pobo, por azo do cajom que se recrecer podia. Alvaro Paez com desejo que havia, mostrava ao Mestre serem todalas razões tam ligeiras pera o acabar, como se fosse hū pequeno feito. E quanto à ajuda do pobo em que o Mestre falou muito, respondeo el e disse que se o el fazer quisesse, que ele lhe oferecia a cidade em sua ajuda, entendendo de o fazer assi. O Mestre cobiçoso d'honra, per sua ardente natureza e grande coração, movido pelos ditos dele, determinou de o poer em obra. O homem bom quando lhe ouvio dizer que todavia queria poer mão em tal feito, foi tam ledó, que mais ser nom pôde. E assi como chorando com prazer se afastou del hū pouco olhando-o, e disse:

— E he isto verdade, filho senhor, que vós tam boa cousa como aquesta querees fazer?

— Certamente, disse o Mestre, si. E nom o leixaria d'acabar por cousa que avir podesse.

Entom se chegou a el Alvaro Paez e beijou-o no rosto dizendo:

— Ora vejo eu, filho senhor, a deferença que há dos filhos dos reis aos outros homens.

Começaram estonce de falar muito como se melhor podia azar sua morte e per que guisa. E depois de grande espaço que em isto houverom falado, espedio-se o Mestre e foi-se pera sua pousada.

VII

Como o conde Joam Fernandez veo ao saimento delRei e o Mestre foi ordenado por fronteiro em Riba d’Odiana

Porquanto dissemos do conde Joam Fernandez que na noite que se elRei finou, partio mui trigoso pera seu condado, receando-se àquela hora de receber dano por o que feito tinha, bem podem algũs dizer neste ponto, como foi depois ousado vinr ao saimento onde forom juntos muitos mais senhores e fidalgos dos que eram presentes quando elRei morreo, pois se dalgũs tanto receava. Ca mui poucos eram em Lixboa àquela sazom que se el finou, porque como veerom das vodas com a Rainha, cada hũs se forom pera suas terras e alcaidarias, assi como Gonçalo Vasquez d’Azevedo pera Santarém dhu era alcaide e tinha seus bens, e assi outros muitos. Onde sabe que assi aconteceu que el receando-se e com temor, veo. E quando a Rainha escreveo a todos los fidalgos que veessem ao saimento e chegou a carta ao conde Joam Fernandez, sua molher lhe contradisse muito tal vinda, pedindo-lhe por mercê que a escusasse, ca o nom entendia por seu proveito. E el nom curando de seu conselho, partio pera Lixboa e chegou a Santarém e foi pousar com Gonçalo Vasquez d’Azevedo, muito seu amigo segundo mostrança de fora. O qual o recebeo mui bem e começou de o prasmarmar porque tragia preto e nom burel como os outros, e fez-lho entom vestir. O conde lhe preguntou se havia d’ir ao saimento, e el respondeo que nom, dando suas coloradas escusas. Mas a verdade era que el sospeitava o que depois aconteceu e nom se queria ver em tal alvoroço, por nom saber o que se havia de seguir, porém conselhou-lhe que nom fosse lá. O conde pero se receasse dalgũas pessoas, de nêhũ se tanto temia em sua vontade como do Mestre d’Avis irmão delRei. Mas este receo dele e dos outros nom era porém privança de fala, mas leda conversaçom e mostrança de bem querer. E se algũa cousa se el receava em vida delRei dom Fernando e muito mais quando el morreo, agora ia já cobrando mais segura vontade entendendo que cada hũ de tal feito perderia sentido por os muitos cuidados que se a todos recreciam, começando-se mundo novo. E com esta fouteza partio estonce de Santarém sem crendo nehũ contrairo que lhe avir podesse. Desi er fortuna lho fazia mais largo entender, que tinha já ordenado de o cedo oferecer à morte. E chegou a Lixboa onde já achou muitos que vinham ao saimento. E bem recebido de todos, foi em gram privança e gasalhado da Rainha, desembargando com ele todos los desembargos do reino. E como o saimento foi feito, entrou logo a Rainha em conselho com os senhores por falar nos trautos que antre os reis havia, os quaes deziã que

elRei de Castela queria quebrar, e juntava gentes pera entrar no regno. Foi acordado per a Rainha e per todolos que hi eram que o regno se defendesse, querendo elRei de Castela vir a ele, e nom lhe obedecessem em outra guisa salvo naquelas que nos trautos era conteúdo. E que pois todos ali eram juntos que ordenassem logo as frontarias, e quaes estevessem em elas e cada hũ com quantas lanças. E foi assi de feito que foram logo repartidas as comarcas, e ordenado ao Mestre as terras do mestrado e certas vilas e castelos d'arredor, dando-lhe logo em escrito todolos que com el haviam de guardar e o desembargo do soldo pera eles.

VIII

Como foi ordenada a morte do conde Joam Fernandez e como o Mestre partio de Lixboa sem levando tençom de o matar

Boscadas as razões dos que livros fizeram desta estoria per testemunho daqueles que presentes foram, segundo todos pela mor parte dizem, o Mestre como teve acordado com Alvaro Paez de matar o conde Joam Fernandez, logo falou este segredo com o conde de Barcelos dom Joam Afonso, e com Rui Pereira e outros, os quaes lhe certificaram que seriam prestes com ele quando em elo quisesse poer mão. E enquanto a Rainha ordenava suas cousas sobre o regimento e percibimento do regno em que o Mestre porém sempre estava, ia el muitas vezes a casa d'Alvaro Paez, algúas horas com o conde e outras adeparte falar com ele sobre a morte do conde Joam Fernandez, e espicialmente como se poderia haver a ajuda do pobo por sua parte. Alvaro Paez muito talentoso de ver tal feito acabado, todavia lhe certificava que si. Nom que el descobrisse a nehũ tal segredo, mas entendia como era certo que a nom boa vontade que as gentes tinham à Rainha e ao conde os faria todos demover contra eles como vissem logar e tempo azado. E acordaram que pera se todo melhor fazer, que tanto que o Mestre chegasse aos paços e começasse em esto de poer mão, que logo Gomez Freire seu page em cima do cavalo em que andava, começasse de vir rijo pela vila bradando até casa d'Alvaro Paez, dizendo altas vozes que acorressem ao Mestre d'Avis que matavam. E que entom sairia ele com os seus em maneira d'acorro chamando quantos achasse pelas ruas, os quaes se iriam com ele de boa mente como ouvissem tal apelido, e que desta guisa se juntaria toda a cidade em sua ajuda. Falado desta maneira e acordado de se fazer assi, foi o Mestre desembargado de todo e dadas cartas quegendas compriam e el espedido da Rainha pera partir. Ora aqui

desvairam algũs autores sobre a partida do Mestre e dizem assi. Hũs contam que el fingeo que se partia aquel dia como de feito partio, por o conde Joam Fernandez segurar mais dele se algũ receo tinha e o Mestre tornar em outro dia e o achar mais despercebido e nom atam acompanhado, e que Alvaro Paez se avisasse entanto de sua parte. Outros afirmam sua partida per outro modo, e deste nos praz mais, dizendo que nom embargando que o Mestre ficasse com Alvaro Paez de poer em tal feito mão da guisa que ouvistes, que el receava muito depois de o fazer por estas seguintes razões. A hũa porque taes hi houve com que ele falou que se escusarom delo quando o houve de poer em obra, temendo-se da Rainha, que tinha elRei de Castela por sua parte, que lhe podia depois azar sua desonra e morte. Salvo se foi Rui Pereira e algũs seus do Mestre a que el esto descobrira. Desi duvidando muito o Mestre da ajuda do pobo se nom seguir como dezia Alvaro Paez, ou a tempo que nom prestasse, era posto em gram pensamento. Porém a principal sobre todas era o grande aguardamento de muitos e bons fidalgos que sempre acompanhavam com o conde Joam Fernandez. Tal come Martim Gonçalvez d’Araíde, e Joam Afonso Pimentel, e Pero Rodriguez da Fonseca, e Fernand’Afonso de Miranda e outros, e bem trinta escudeiros seus de cote. Assi que cuidadas bem taes razões, nom embargando seu ardido coração e boa vontade, foi-lhe mui dovidoso de o começar. E partio da cidade depois de comer e foi dormir a Santo Antonio, hũa aldea que som dhi três legoas, sem levando já nehũa tençom de matar o conde. Ele ali tornou a cuidar como esta cousa fora falada com tantos, que per ventuira estonce ou depois, algũs por cobrar graça da Rainha e isso mesmo do conde Joam Fernandez o podiam dizer a cada hũ deles. Da qual cousa descuberta se seguia a ele e aos seus gram cajom e perda, e per essa guisa a todolos que forom em tal conselho. E cuidando bem isto começou de crecer em ele hũ esforçado desejo com firme proposito de em outro dia matar o conde, poendo-se a qualquer ventuira que aquecer podesse. E por tirar sospeita de sua tornada chamou logo Fernand’Alvarez d’Almeida, hũ cavaleiro da Ordem e vedor de sua casa e disse:

— Tornae-vos logo dormir a Lixboa e fazee-me de manhã prestes de jantar. E dizee à Rainha que eu entendo lá de tornar porque me parece que nom vou desembargado como compre.

E el partio logo e chegou alto serão à cidade, porém ainda falou à Rainha e ao conde o por que vinha, e como em outro dia o Mestre havia de tornar porque lhe parecia que nom ia desembargado como compria. A Rainha e o conde responderom que tornasse muito em boa hora, que el haveria desembargo como chegasse.

IX

Como o Mestre tornou a Lixboa e de que guisa matou o conde Joam Fernandez

Em outro dia pela manhã partio o Mestre daquela aldea hu dormira e começou d'andar seu caminho sem trigança algúa desacostumada. E no caminho dizem que descobrio o Mestre esta cousa a algús seus *scilicet* ao comendador de Jerumenha e a Fernand'Alvarez, e a Lourenço Martinz de Leirea, e a Vasco Lourenço que depois foi meirinho, e a Lopo Vasquez que depois foi comendador-mor, e a Rui Pereira que o foi receber, e disse a hũ deles:

— I-vos deante quanto poderdes e dizee a Alvaro Paez que se faça prestes ca eu vou por fazer aquelo que ele sabe.

O escudeiro andou a pressa e deu-lhe o recado e tornou-se pera o Mestre onde vinha. E el tragia hũa cota vestida e atá vinte consigo com cotas e braçaes e espadas cintas come homens caminheiros, e chegou ao paço a hora de terça ou pouco mais, sem deter porém em outra parte. E quando descavalgou e começaram de sobir acima, disserom hūs aos outros mui manso:

— Sede todos prestes ca o Mestre quer matar o conde Joam Fernandez.

A Rainha estava em sua camara e donas algúas assentadas no estrado, e o conde de Barcelos seu irmão, e o conde dom Alvaro Perez, e Fernand'Afonso de Çamora, e Vasco Perez de Camões e outros estavom em hũ banco, e o conde Joam Fernandez que dante estava em cabeceira deles, estava estonce ant'ela e começava de lhe falar passamente. E em lhe sendo assi falando, baterom à porta. E o porteiro como entrou o Mestre, quis çarrar a porta por nom entrar nehũ dos seus e disse que o preguntaria à Rainha, nom por deles haver nehũa sospeita mas porque a Rainha estava com dó e nom era costume de nêhũ entrar salvo esses senhores sem lho primeiro fazer saber. E o Mestre respondeo ao porteiro:

— Que hás tu assi de dizer?

E em esto entrou de guisa que entrarom os seus todos com ele. E el moveo passamente contra onde estava a Rainha, e ela se levantou e todos os outros que eram presentes. E depois que o Mestre fez reverença à Rainha e mesura a todos, e eles a el recebimento, disse a Rainha que se assentassem e falou ao Mestre dizendo:

— E pois, irmão, qu'he isto a que tornastes de vosso caminho?

— Tornei, senhora, disse ele, porque me pareceo que nom ia desem-bargado como compria. Vós me ordenastes que tevesse carrego da comarca d'Antre Tejo e Odiana, se per ventuira elRei de Castela quisesse vir ao regno

e quebrar os trautos d'antre vós e ele. E porque aquela frontaria he grossa de gentes e grandes senhores, assi como do mestre de Santiago, e do mestre d'Alcantara e doutros e bons fidalgos, e aqueles que vós assinastes pera a guardarem comigo me parecem poucos, porende tornei pera me dardes mais vasallos pera vos eu poder servir segundo compre a minha honra e vosso serviço.

A Rainha disse que era mui bem, e mandou logo chamar Joam Gonçalvez seu escrivam da poridade que visse o livro dos vassallos daquela comarca e que lhe desse quantos e quaes o Mestre requeresse e que fosse logo desembargado de todo. Joam Gonçalvez foi chamado a pressa e foi-se assentar com seus escrivães a prover os livros pera desembargar o Mestre. Em esto começaram de o convidar os condes cada hũ per si, e isso mesmo o conde Joam Fernandez se aficava mais que comesse com ele que os outros. O Mestre nom quis tomar convite de nehũ escusando-se per suas palavras, dizendo que já tinha prestes de comer que mandara fazer ao seu vedor. Porém dizem que disse mui escusamente ao conde de Barcelos que o nom sentio nehũ, «Conde, i-vos daqui, ca eu quero matar o conde Joam Fernandez», e que el respondeo que se nom iria mas estaria hi com ele pera o ajudar.

— Nom sejaes, disse o Mestre, mas rogo-vos todavia que vos vades daqui e me aguardees pera o jantar, ca eu Deus querendo, tanto que isto for feito, logo irei comer convosco.

A ventuira, por melhor azar a morte do conde Joam Fernandez, começou de lhe fazer reçar a vinda do Mestre, per tal guisa que lhe pôs em vontade que mandasse a todolos seus que se fossem armar e se veessem pera ele. E de qualquer geito que foi, partirom-se os seus todos do paço, assi fidalgos que o acompanhavom come os outros e foram-se armar pera se vinrem per'ele. E esta foi a razom por que el ficou só de todos eles, e nehũ estava hi quando morreo. A Rainha isso mesmo pôs femença nos do Mestre. E vendo-os assi todos armados nom lhe prougue em seu coração e disse falando contra todos:

— Santa Maria val! Como os ingreses ham mui bom costume, que quando som no tempo da paz nom tragem armas, nem curam d'andar armados, mas boas roupas e luvas nas mãos come donzelas, e quando som na guerra, entom costumam as armas e usom delas como todo o mundo sabe.

— Senhora, disse o Mestre, he mui gram verdade. Mas isso fazem eles porque ham mui ameúde guerras e poucas vezes paz, e podem-no mui bem fazer. Mas a nós he polo contrairo, ca havemos mui ameúde paz e poucas vezes guerra, e se no tempo da paz nom usarmos as armas, quando veesse a guerra nom as poderiamos soportar.

E falando em isto e em outras cousas chegavam-se as horas do comer e espedio-se o conde de Barcelos e desi os outros, ca os mais deles dava a vontade aquelo que se depois fez. Ficando assi o conde Joam Fernandez, gastava-se-lhe o coração e tornou a dizer ao Mestre:

— Senhor, vós todavia comerees comigo.

— Nom comerei, disse o Mestre, ca tenho feito de comer.

— Si, comerees, disse el, e enquanto vós falaes, irei eu mandar fazer prestes.

— Nom vades, disse o Mestre, ca vos hei-de falar húa cousa ante que me vá, e logo me quero ir ca já he horas de comer.

Entom se espedio da Rainha e tomou o conde pela mão, e saírom ambos da camara a húa grande casa que era deante e os do Mestre todos com ele, e Rui Pereira e Lourenço Martinz mais acerca. E chegando-se o Mestre com o conde acerca dhúa fresta, sentirom os seus que o Mestre lhe começava de falar passo e estiverom todos quedos. E as palavras foram antr'eles tam poucas e tam baixo ditas, que nehú por estonce entendeo quegendas eram, porém afirmam que foram desta guisa:

— Conde, eu me maravilho muito de vós serdes homem a que eu bem queria e trabalhades-vos de minha desonra e morte.

— Eu, senhor! disse ele, quem vos tal cousa disse menti'-vos mui grande mentira.

O Mestre que mais vontade tinha de o matar que d'estar com ele em razões, tirou logo hú cuitelo comprido e enviou-lhe hú golpe à cabeça, porém nom foi a ferida tamanha que dela morrera se mais nom houvera. Os outros que estavom d'arredor, quando virom esto lançaron logo as espadas fora pera lhe dar. E el movendo pera se colher à camara da Rainha com aquela ferida, e Rui Pereira que era mais acerca meteo hú estoque d'armas per ele de que logo caiu em terra morto. Os outros quiserom-lhe dar mais feridas e o Mestre disse que estevessem quedos e nehú foi ousado de lhe mais dar, e mandou logo Fernand'Alvarez e Lourenço Martinz que fossem çarrar as portas que nom entrasse nehú e dissessem ao seu page que fosse a pressa pela vila bradando que matavom o Mestre, e eles fizeram-no assi. E era o Mestre quando matou o conde em idade de vinte e cinco anos e andava em vinte e seis, e foi morto seis dias de dezembro, era já escrita de quatrocentos e vinte e hú.

X

Do que a Rainha disse por a morte do conde e doutras cousas que hi aveerom

Leixemos o page ir hu lhe mandarom e vejamos entanto que se fez no paço da Rainha. Onde assi foi que os estrupos e volta que todos fizeram quando o conde foi morto, soarom rijamente na camara onde ela estava, que era muito preto, e taes hi houve que pensarom que eram algús que nom vee-rom ao saimento e chegarom estonce e faziam dó. A Rainha espantada da volta que ouvia, levantou-se em pé nom sabendo que cuidar, e disse que vissem que era aquelo. Os outros a pressa olharom per antre as portas e disserom que o conde Joam Fernandez era morto. A Rainha quando esto ouviu houve gram temor, pero disse:

— Ó santa Maria val! Como me matarom em ele hũ mui bom servidor, e morre martir, ca o matarom mui sem por quê. Mas eu prometo a Deus que me vá de manhã a Sam Francisco, e que mande fazer hi hũa gram fugueira, e eu farei taes salvas quaes nunca molher fez por estas cousas.

(O que ela tinha mui pouco em vontade de fazer.) Os outros que hi estavom assi homens e molheres, quando isto virom, cuidando àquela hora todos ser mortos, nom ousavom sair polas portas mas fugiam pelas janelas e deles pelos telhados, outros per degraos nom contados, e assi cada hũ per hu melhor podia. Joam Gonçalves escrivam da Rainha, que estava vendo o livro dos vassalos, quando esto vio, começaram de fugir el e os seus, cada hũ per hu melhor azo achava. O Mestre moveo dali pera hũ grande eirado logo muito acerca. E a Rainha começou de dizer:

— Vão preguntar ao Mestre se hei eu de morrer.

E foram-lho preguntar a gram medo. E el respondeo muito mansamente:

— Dizee à Rainha minha senhora, que Deus me guarde de mal, que assessegue em sua camara, e nom haja nehũ temor, ca eu nom vim aqui por empecer a ela, mas por fazer isto a este homem, que mo tinha bem merecido.

E foram-lhe com esta reposta e ela disse:

— Pois assi he, dizee-lhe que desembargue meus paços.

Ca ela nom via a hora que se o Mestre partisse porque nom era segura de sua vida enquanto el assi estivesse. Em esto tornando Lourenço Martinz donde fora ajudar a çarrar as portas, vio estar hũa soma de prata ante a cozinha em hũa mesa e tomou-a toda e lançou-a na aba e levou-a ao Mestre, e disse:

— Digo, senhor, já vós aqui tendes pera a despesa d’hoje.

O Mestre lhe respondeo asperamente que tornasse a prata onde a achara, ca el nom veera ali por aquelo mas por fazer o que tinha feito, e Lourenço Martinz feze-o assi. Os fidalgos que acompanhavom com o conde e os que com ele viviam, nom sabendo do que o Mestre tinha feito, vinham já todos armados pera o paço da Rainha. E vindo muito acerca deles, a volta da gente que começava já de ferver pela rua, e algús que saírom de dentro lhe disserom que nom fossem lá, que o conde era já morto e as portas çarradas, e que as gentes eram tantas que vinham contra os paços segundo deziam, que se lá fossem que nunca escaparia nehú deles e veriam de si mao pesar. Tornarom-se estonce pera dhu veerom e cada hũ trabalhou de se poer em salvo, receando-se que todolos que eram da parte da Rainha e do conde fossem mortos àquela hora.

XI

Do alvoroço que foi na cidade cuidando que matavom o Mestre e como aló foi Alvaro Paez e muitas gentes com ele

O page do Mestre que estava à porta, como lhe disserom que fosse pela vila segundo já era percebido, começou d'ir rijamente a galope em cima do cavalo em que estava dizendo altas vozes, bradando pela rua:

— Matom o Mestre! Matom o Mestre nos paços da Rainha! Acorree ao Mestre que matam!

E assi chegou a casa d'Alvaro Paez que era dali grande espaço.

As gentes que esto ouviam, saíam à rua ver que cousa era. E começando de falar hús com os outros, alvoraçavom-se nas vontades, e começavom de tomar armas cada hũ como melhor e mais asinha podia.

Alvaro Paez que estava prestes e armado com hũa coifa na cabeça segundo usança daquel tempo, cavalgou logo a pressa em cima dhú cavalo que anos havia que nom cavalgara. E todos seus aliados com ele, bradando a quaesquer que achava, dizendo:

— Acorramos ao Mestre, amigos, acorramos ao Mestre, ca filho he delRei dom Pedro.

E assi bradavom el e o page indo pela rua.

Soarom as vozes do arroído pela cidade ouvindo todos bradar que matavom o Mestre. E assi como viuva que rei nom tinha, e como se lhe este ficara em loge de marido, se moverom todos com mão armada, correndo a pressa pera hu deziam que se esto fazia, por lhe darem vida e escusar morte. Alvaro

Paez nom quedava d'ir pera alá, bradando a todos:

— Acorramos ao Mestre, amigos, acorramos ao Mestre que matam sem por quê.

A gente começou de se juntar a ele e era tanta que era estranha cousa de ver. Nom cabiam pelas ruas principaes, e atreuessavom logares escusos, desejando cada hũ de ser o primeiro. E preguntando hũs aos outros quem matava o Mestre, nom minguava quem responder que o matava o conde Joam Fernandez per mandado da Rainha. E per vontade de Deus todos feitos dhũ coração com talente de o vingar, como forom às portas do paço que eram já çarradas ante que chegassem, com espantosas palavras começaram de dizer:

— Hu matom o Mestre? Que he do Mestre? Quem çarrou estas portas?

Ali eram ouvidos brados de desvairadas maneiras; taes hi havia que certeficavom que o Mestre era morto, pois as portas estavom çarradas, dizendo que as britassem pera entrar dentro e veriam que era do Mestre, ou que cousa era aquela. Deles bradavom por lenha e que vesse lume pera poerem fogo aos paços e queimar o treedor e a aleivosa. Outros se aficavom pedindo escadas pera sobir acima pera verem que era do Mestre. E em todo isto era o arroído atam grande que se nom entendiam hũs com os outros nem determinavom nehũa cousa. E nom somente era isto à porta dos paços, mas ainda arredor deles per hu homens e molheres podiam estar. Hũas vinham com feixes de lenha, outras tragiã carqueija pera acender o fogo cuidando queimar o muro dos paços com ela, dizendo muitos doestos contra a Rainha. De cima nom minguava quem bradar que o Mestre era vivo e o conde Joam Fernandez morto. Mas isto nom queria nehũ crer, dizendo:

— Pois se vivo he, mostrae-no-lo e vê-lo-emos.

Entom os do Mestre vendo tam grande alvoroço como este e que cada vez se acendia mais, disserom que fosse sua mercê de se mostrar àquelas gentes, doutra guisa poderiam quebrar as portas, ou lhe poer o fogo, e entrando assi dentro per força nom lhe poderiam depois tolher de fazer o que quisessem.

Ali se mostrou o Mestre a hũa grande janela que vinha sobre a rua onde estava Alvoro Paez e a mais força de gente, e disse:

— Amigos, apacificae-vos, ca eu vivo e são som, a Deus graças.

E tanta era a torvaçam deles, e assi tinham já em crença que o Mestre era morto, que taes havia hi que aperfiavom que nom era aquele. Porém conhecendo-o todos claramente, houverom gram prazer quando o virom, e deziã

hūs contra os outros:

— Ó que mal fez, pois que matou o treedor do conde, que nom matou logo a aleivosa⁶ com ele! Credes em Deus, ainda lhe há-de vir algú mal per ela. Olhae e vede que maldade tam grande: mandarom-no chamar onde ia já de seu caminho, pera o matarem aqui per traiçom. Ó aleivosa, já nos matou hū senhor e agora nos queria matar outro! Leixae-a, ca ainda há mal d’acabar por estas cousas que faz.

E sem dúvida se eles entraram dentro, nom se escusara a Rainha de morte e fora maravilha quantos eram da sua parte e do conde poderem escapar.

O Mestre estava à janela, e todos olhavom contra ele dizendo:

— Ó senhor, como vos quiserom matar per treiçom, bento seja Deus que vos guardou desse treedor! Vinde-vos, dae ao demo esses paços, nom sejaes lá mais.

E em dizendo esto, muitos choravom com prazer de o ver vivo. Vendo el estonce que nehúa dúvida tinha em sua segurança, deceo afundo e cavalgou com os seus acompanhado de todos os outros que era maravilha de ver. Os quaes, mui ledos arredor dele, bradavom dizendo:

— Que nos mandaes fazer, senhor? Que queeres que façamos?

E el lhe respondia, adur podendo ser ouvido, que lho gradecia muito, mas que por estonce nom havia deles mais mester. E assi encaminhou pera os paços do almirante hu pousava o conde dom Joam Afonso, irmão da Rainha, com que havia de comer.

As donas da cidade pela rua per hu el ia, saíam todas às janelas com prazer, dizendo altas vozes:

— Mantenha-vos Deus, senhor. Bento seja Deus que vos guardou de tamanha traiçom qual vos tinham bastecida.

Ca nehú por estonce podia outra cousa cuidar.

E indo assi até entrada do Ressio, e o conde vinha com todos os seus e outros bons da cidade que o aguardavom, assi como Afons’Eanes Nogueira e Martim Afonso Valente e Estevam Vasquez Filipe e Alvaro do Rego e outros fidalgos. E quando vio o Mestre ir daquela guisa, foi-o abraçar com prazer e disse:

— Mantenha-vos Deus, senhor. Sei que nos tirastes de grande cuidado, mas vós mereciees esta honra melhor que nós. Andae, vamos logo comer.

E assi forom pera os paços hu pousava o conde.

⁶ a aleivosa] e a alleiuosa

E estando ele⁷ por se assentar à mesa, disserom ao Mestre como os da cidade queriam matar o bispo, e que faria bem de lhe ir acorrer, e o Mestre quisera aló ir. Disse estonce o conde:

— Nom curees disso⁸, senhor, se o matarem, quer o matem quer nom; ca posto que ele moira, nom minguará outro bispo português que vos serva melhor que ele.

Ao dito do conde cessou o Mestre de sua boa vontade, e o bispo foi morto desta guisa que se segue.

XII

Como o bispo de Lixboa e outros foram mortos e lançados da torre da Sé afundo

Sendo toda a cidade ocupada em este alvoroço, e vindo com o Mestre per junto com a Sé, foram algús nembrados que indo per ali com Alvaro Paez, que bradarom aos de cima que repicassem; e que, repicando em Sam Martinho e nas outras egrejas, que na Sé nom quiserom repicar. E souberom que o bispo era em cima, e que mandara çarrar as portas sobre si. E porque era castelão, disserom logo que era da parte da Rainha e do conde, e que el fora sabedor da treição e morte que quiserom dar ao Mestre, e que por aquelo nom repicaram, assacando contra ele estas e outras muitas sospeitas, que nom minguaava quem as afirmar. E ficou logo ali gram parte do pobo, aceso com brava sanha, por haver a pressa entrada a Sé, e filharem logo do bispo vingança.

O bispo era natural de Çamora e havia nome dom Martinho. E sendo bispo do Algarve, houvera o bispado de Lixboa per Gonçalo Vasquez, lecençado em Degredos, que lho ganhou do papa Clemente, por haver o priorado de Guimarães. Este bispo era grande letrado e bom eclesiastico, e regia mui bem sua igreja morando em cima da claustra dela por continuamente vinr às horas e devinaes officios. E ali tinha em vontade de mandar fazer casas pera morarem todos los conigos por haverem azo de melhor servir.

E sendo el comendo aquel dia, e o priol de Guimarães com ele, que havia hú ano e mais que o nom vira senom entom, ouvirom gram volta no paço

⁷ ele] elles

⁸ disso] disse

da Rainha que era hi acerca, e carpinhas de molheres com grandes vozes de gentes pelas ruas d'arredor, bradando todos que matavom o Mestre.

O bispo ouvindo tamanha volta e que cada vez era maior, bem cuidou que nom era feito leve. E por segurança de qualquer cousa que avinr podesse, leixou a mesa a que estava e deceu-se per húa escada afundo à claustra, el e o priol de Guimarães e hū tabaliam de Silves que esse dia chegara por recadar com ele. Com estes dous convidados e algús seus se foi o bispo à mais alta torre da Sé onde estam os sinos, mandando primeiro fechar adedentro todas as portas da igreja. E quando Alvaro Paez per ali passou à ida, bradarom aos de cima como dissemos que repicassem.

O homem bom nom sabia que volta era aquela, desi porque o dar da campã em tal igreja era azo de grande alvoroço da cidade, dovidou muito de o fazer. Eles quando virom que nom repicaram na Sé e que o bispo daquela guisa estava na torre, as portas da igreja fortemente fechadas e as nom podiam tam asinha quebrar, houverom escadas e entrarom per húa fresta e forom mui a pressa abertas.

Entrarom estonce quantos quizerom, porém muito poucos, em respeito dos que estavom fora. E a comum voz de todos era que fossem acima ver quem estava na torre e por que nom repicara como nas outras igrejas, e se fosse o bispo que o deitassem afundo. Silvestre Estevenz, homem honrado, procurador da cidade, e o alcaide pequeno dela, e outros sobirom per húa estreita escada que anda arredor, per que nom ia mais que hū ante outro nem podia nenguem entrar à torre enquanto a de cima defender quisessem. O bispo vendo como era castelão, e de naçom a eles contraira, receava muito em tal uniom, o que todo sesudo deve de recear, e nom lhe dava logar que entrassem. Porém vendo-se sem culpa, desi tal pessoa e eclesiastica, segurando-o eles porém primeiro e os que com el estavom, houveram entrada acima. E preguntando-lhe por que nom mandara dar à campã, pois aquelas gentes bradavom que repicassem, el se escusou per suas mansas e boas razões, de geito que todos forom contentos. A cega sanha que em taes feitos nehúa cousa esguarda, começou tanto d'arder nos entendimentos do pobo que à porta principal da igreja estava, que começaram de bradar altas vozes aos de cima, que estavom fazendo, que nom deitavom o bispo afundo, dizendo: «Guardae-vos, nom vamos nós lá; ca se nós lá imos, todos vós havees de vinr afundo com ele». Os de cima, que vontade nom tinham de lhe fazer mal nem nojo, era-lhe muito grave de fazer; a húa por ser bispo, de mais seu prelado, desi por a segurança que lhe haviam feita e nom sabiam que fizessem.

A sanha trigava os corações de todos e com menencoria grande começaram de bradar, olhando todos para cima e dizendo:

— Que tardada he essa que vós lá fazees, que nom deitaes esse treedor afundo? E como? Já vos tornastes castelãos come ele? E demais se vos peitou que o nom deitassees e soes já todos dhú acordo?

Entom começaram todos de jurar que se o nom deitavom, e iam acima, que todos vessem afundo com ele. E porquanto todo temor he justo per que homem pode vir a morte ou acerca dela, houveram disto tam grande receo, que logo o bispo foi morto com feridas e lançado a pressa afundo, onde lhe foram dadas outras muitas, como se gançassem perdoança que sua carne já pouco sentia.

Ali o desnuaom de toda vestidura, dando-lhe pedradas com muitos e feos doestos até que se enfadaram dele os homês e os cachopos e foi roubado de quanto havia. Semelhavelmente foi lançado afundo aquel priol de Guimarães seu convidado, porque hû escudeiro que lhe mal queria, sobindo acima com os do concelho, vio tempo azado para o matar, e buscando-o pela torre, achou-o escondido e matou-o. E nom tendo ninguém sentido da morte dele porque estava com o bispo, nem havendo quem o levar dali, deitaram-no da torre afundo.

O coitado do tabaliam que tam pouca culpa havia come os outros, começaram de o trager afundo e de o doestar e empuxar dizendo que ele que com o bispo estava bem sabia parte daquela treição. E tantas lhe derom de punhadas até que lhe começaram de dar feridas e mataram-no. E assi morrerom todos três, e outros fugirom. E jouverom ali aquel dia e a noite o priol e o tabaliam.

E em esse dia logo algúas refeces pessoas lançaram ao bispo onde jazia nu, hû baraço nas pernas e chamando muitos cachopos que o arrastassem, ia hû rustico bradando deante:

— Justiça que manda fazer nosso senhor o papa Urbano Sexto, neste treedor cismatico castelão, porque nom tinha com a Santa Igreja.

E assi o arrastaram pela cidade, com as vergonhosas partes descubertas e o levarom ao Ressio onde o começaram de comer os cães, que o nom ousava nehû soterrar. E sendo já dele muito comesto, soterrarom-no em outro dia ali no Ressio. E os outros dous foram depois soterrados, por tirarem fedor d'ante suas vistas. E posto que a algúas⁹ pessoas taes cousas parecessem mal e desonestamente feitas, nehû era ousado dizer o contraio.

⁹ que a algúas] que alguúas

XIII

Como o Mestre depois que comeo foi pedir perdom à Rainha e das razões que hi foram faladas

Depois que o conde e o Mestre houveram comido segundo dissemos no capitulo dante este, veo-se pera eles o conde dom Alvaro Perez de Castro e Rui Pereira, e outros bons fidalgos. E o Mestre falou com os condes, dizendo que el entendia que fezera grande desprazer à Rainha em matar o conde em seus paços, e que lhe parecia que era bem de lhe ir pedir perdom se o eles por bem houvessem. E acordado per todos que era bem, cavalgarom entom pela vila e foram-se todos ao paço da Rainha; e ela estava em sua camara cuberta de dó segundo havia em costume. E entrando eles pela porta fizeram-lhe sua reverença e ela alçou-se a eles. E os do Mestre, como os condes entraram, assi foram eles todos dentro de volta armados como andavam.

A Rainha quando os assi vio entrar, disse contr' eles como queixosa:

— Ah¹⁰ santa Maria val! Que desmesura he ora essa? Ou que entrada de camara? E como? Todos nós havemos de ser em conselho?

E eles calarom-se e nom disseram nada, leixando-se estar quedos. E ela quando isto vio disse:

— Andar, pois ora a Deus assi praz, estae em boa hora.

E tornou-se a assentar em seu estrado, e disse aos condes que se assentassem. E o Mestre se assentou estonce, e os condes ambos cada hū de sua parte. E sendo eles assi assentados, disse o conde dom Alvaro Perez ao Mestre:

— Senhor, dizee à Rainha o por que aqui veestes e desi falaremos em al.

Entom se alçou o Mestre e os condes e poserom-se em joelhos ante a Rainha. E o Mestre começou a dizer:

— Senhora, aquele que nom erra, nom tem de que pedir perdom. E eu pois vos erreí, he razom que vo-lo peça, como quer que Deus sabe que minha entençom nom foi de vos errar, nem fazer nojo nem desprazer. Mas porque esta cousa que eu fiz se me azou de ser feita em vossos paços, porém vos peço por mercê que me perdoees; ca eu este homem que matei nom o fize por vos fazer nojo nem desonra, mas fize-o por segurança de minha vida, ca entendia que enquanto ele vivesse que minha vida nunca seria segura. E por o eu matar em vossos paços, desto vos peço eu perdom e nom doutra cousa. Ca a morte que lhe eu dei, Deus que he sabedor de totalas cousas sabe bem que

¹⁰ Ah] Aa

muito há que me ele tinha merecido de lha eu dar. Mas matá-lo em vossos paços, isto nom devera eu de fazer. E porém, senhora, seja vossa mercê de me perdoar. E se me esta cousa perdoardes, ainda me Deus chegará a tempo que vo-lo servirei naquelas cousas que me vós mandardes e que eu entender por vosso serviço.

A Rainha enquanto o Mestre falou nom fez nêhú signal que lhe prazia de suas razões, ante calando mostrava triste gesto. E os outros olhando como era razom, esperando sua boa resposta e vendo que a nom dava, falou o conde dom Alvaro Perez contra a Rainha e disse:

— Que he isso, senhora? Nom respondees vós ao que vos diz o Mestre e nom lhe perdoaes? Parece-me que vos diz bem, ca nom he homem mais teúdo, ainda que fosse a Deus, que se lhe erra, pedir-lhe perdom. E pois que vo-lo ele pede, vós lhe devees de perdoar, mormente pois he filho de rei. Desi o erro nom foi ora tamanho, nem feito per tam má guisa, que vos ele mores serviços nom possa fazer.

A Rainha nom respondendo nada a isto, disse entom o conde de Barcelos seu irmão:

— Que cousa he esta, senhora? Por que nom perdoaes ao Mestre? Ca bem vos diz o conde, que nom he homem mais teúdo, ainda que fosse a Deus, ca lhe pedir perdom quando erra. E pois vo-lo ele pede e he filho de rei, sempre em todo tempo vo-lo serviria com bons merecimentos. E porém todavia perdoae-lhe¹¹ pois se tam bem conhece, ca em tempo estaes de lhe perdoar.

Ela quando esta palavra ouvio, foi forçado de responder, e disse como em som d'escarnho:

— Pera que he ora tal pedir de perdom ou pera que som essas razões? Perdoado he ele de seu. Mas dizee-me ora que lho acoime, vós que soes meu irmão, parece-me que sobejo he pedir homem o que tem. E ele pois he perdoado, nom há por que pedir mais perdom. E porém leixemos ora isso, e falemos em outras cousas que nos mais compre de falar.

Entom respondeo o Mestre e disse:

— Senhora, se vos a vós isto anoja, nom falemos em elo mais, e daqui em diante falemos no que vossa mercê for.

— Falemos ora, disse ela, em como dizem que elRei de Castela quer vir a este reino ante do tempo que he posto nos trautos.

¹¹ perdoae-lhe] perdoalhe

— E isso, senhora, disse o Mestre, boa cousa he¹² de se falar, posto que assaz já falado fosse em elo. E se assi he como dizem, quanto a mim parece o que já dito hei, que vós lhe devees de enviar vosso recado, e frontardes-lhe que o nom faça. E ele homem de razom he, e creio que o nom fará quando lho vós assi mandardes requerer.

— E ponhamos, disse ela, que lho envio eu requerir e ele diz que o nom quer fazer?

— Certamente, disse o Mestre, se lho vós enviasseses requerir e o el fazer nom quisesse, entom devees vós de juntar vossas gentes e embargar-lhe sua vinda a todo vosso poder.

A Rainha começou entom de sorrir per modo d'escarnho e disse:

— Ó que boa razom essa! E hi era elRei meu senhor vivo e vós outros todos com ele e nom o podiees fazer, quanto mais agora que ele he morto, e toda vossa esperança soterrada com ele.

Quando estas razões ouvio o conde dom Alvaro Perez, levantou-se em pé e disse:

— Alçae-vos, senhor, e vamo-nos, ca me parece que nom praz aqui com quanto nós dizemos.

Entom se levantou o Mestre e os condes e espedirom-se dela e foram-se. E saindo eles pela porta da camara, olhou ela e vio ainda jazer o conde morto ali onde ficara quando o Mestre o matou¹³ e disse contra eles:

— Ah¹⁴ santa Maria val, que crueldade tamanha! E nom havees ora dó desse homem que hi jaz assi morto tam desonradamente? E sequer por ser homem fidalgo come vós, havee ora dele dó e fazê-o soterrar, e nom jaça hi dessa guisa.

E eles nom curarom desto e foram-se pera suas pousadas.

O conde Joam Fernandez jouve ali morto e cuberto com hũ tapete velho, que nehũ ousava de poer em ele mão pera o soterrar. El jazia vestido e atacado, em hũ gibam de çatim vermelho e hũa tabarda de fino pano preto com alhetas e mangas, mui bem feito corpo d'homem até idade de quarenta anos. E depois que foi bem noite mandou-o a Rainha soterrar o mais escusamente que ser pôde na igreja de Sam Martinho que he logo junto. E partio-se essa noite dali e foi-se pera Alcaceva pera outros paços que aló tinha.

¹² boa cousa he] *om.*

¹³ quando o Mestre o matou] quando o mestre matou. *É admissível que a construção no testemunho-base fosse quando o o Mestre matou, tendo-se juntado os dois o, resultando na omissão de um deles.*

¹⁴ Ah] Aa

XIV

Como os da cidade quiserom roubar os judeus e o Mestre os defendeo que lhe nom foi feito

Passado aquel grande arroído com que as gentes da cidade chegarom ao paço da Rainha e que o bispo foi morto da guisa que ouvistes, gerou-se antr'elles hũa uniom de mortal odio contra quaesquer que sua entençom nom tinham, em tanto que nehú logar era seguro àqueles que nom seguiam sua opiniom. Cada hũ dava folgança a seu officio, e toda sua occupaçom era juntar-se em magotes a falar na morte do conde e cousas que haviam acontecido, desi pois elRei de Castela deziom que vinha ao regno, que maneira se teria na defensom dele. E hús nomeavom o ifante dom Joam, dizendo que a el pertencia o regno de dereito; outros deziom que nom podia ser, ca era já preso em Castela, e que nunca havia de ser solto, ou que per ventuira o mata-riam por este azo. E pois esto assi acontecera, que compria mais ifante no regno, salvo o Mestre d'Avis que era filho delRei dom Pedro come o outro, e que este tomassem por seu rei e senhor.

Gastado aquel dia em taes falamentos, na seguinte manhã tornarom a semelhantes razões. E contando cada hũ o que lhe parecia de taes feitos, naceo antr'elles hũ novo acordo, dizendo que era bem de roubar algús judeus ricos da judaria, assi como dom Juda, que fora tesoureiro-mor delRei dom Fernando, e dom Davi Negro, que era grande seu privado, e outros; e que destes poderia haver o Mestre mui gram riqueza pera soportamento de sua honra. E falando hús com os outros pera o poer em obra, começou-se d'alvo-raçar e juntar muito pobo.

Os judeus como isto sentirom nom curarom d'ir à Rainha, mas forom-se a pressa algús deles às casas de Joam Gil junto com a Sé, onde o Mestre aquela noite dormira. E disserom ao Mestre que os da cidade se alvoraçavom pera os irem roubar e matar todos e que lhe pediam por mercê que lhe acorresse a pressa, senom que todos eram mortos.

O Mestre dezia que se fossem à Rainha, que el nom tinha com aquelo que fazer. E eles se aficavom cada vez mais, pedindo-lhe trigosamente acorro.

Os condes dom Joam Afonso e dom Alvaro Perez que estavom com o Mestre, quando virom que se el escusava, disserom com dó que houveram deles:

— Ó senhor, por mercê i lá ante que comecem e nom lho leixees fazer, ca depois que começarem ser-vos-am mui maos de desviar de tal feito.

Cavalgou estonce o Mestre e os condes com ele, e foi-se logo lá. E quando chegou à judaria, achou gram parte dos da cidade que se juntavom quanto

podiam, e todos alvorçados pera entrarem dentro e a roubarem. E disse estonce o Mestre contra eles:

— Que he isto, amigos? Que obra he esta que querees fazer?

— Senhor, disserom eles, estes treedores destes judeus, dom Juda e dom Davi Negro, que som da parte da Rainha, têm grandes tesouros escondidos e queremos-lhos tomar e dá-los a vós, que queremos por nosso senhor.

— Amigos, disse ele, nom queiraes esta cousa fazer, mas leixae vós a mim esse cuidado, e eu poerei sobr'elo remédio.

— Senhor, disserom eles, nom assi, mas nós iremos buscar os treedores onde jazem escondidos e trazê-los-emos a vós e haverees todo quanto eles têm.

O Mestre dizendo que nom curassem daquelo e eles aperfiando que si, era-lhe grave cousa desviá-los de sua vontade.

Disserom estonce os condes ao Mestre:

— Senhor, querees bem fazer, parti-vos daqui e ir-se-á esta gente toda convosco e nom curaróm mais disto que fazer querem.

E o Mestre feze-o assi e foram-se todos com ele pela rua Nova. E ficando poucos, desfeze-se gram parte daquela assúada.

Ali disse o Mestre a Antam Vasquez que era juiz do crime na cidade que mandasse apregoar da parte da Rainha sob certa pena que nom fosse nehú tam ousado de ir à judaria por fazer mal a judeus; e el disse que o mandaria apregoar da sua parte, mas nom já da Rainha. E o Mestre lhe defendeo que o nom fizesse; e el nom curou em esto de sua defesa e mandou-o apregoar da sua parte.

As gentes todas quando ouvirom este pregom, folgavom muito em suas vontades. E deziã hús contra os outros:

— Que fazemos, estando? Tomemos este homem por senhor e alcemo-lo por rei.

E el ouvia estas cousas e filhava-se a sorrir, louvando Deus muito em seu coração, que tal desejo poínha no pobo contra ele. Entom se tornarom el e os condes pera a Sé, e hi descavalgarom pera ouvir missa.

XV

Que maneira tinha a rainha dona Lionor com o Mestre e com algũs outros a que nom tinha bom desejo

Se os antigos que louvarom as nobres molheres, viverom no tempo da rainha dona Lionor, muito errarom em seu escrever se a nom poserom no conto das mui famosas. Porque se o dom da fremosura de todos muito preçado fez a algũas ganhar perpetual nome, deste houve ela tam gram parte, acompanhado de prazivel graça, que aquela que o mais desejar podesse, seria assaz de contenta do que a natureza a ela proveo, desi com esto, sajeza de costumes e grande avisamento, e de nehũa cousa que a prudente molher pertença, era ignorante. Foi molher mui inteira e de coração cavaleiroso, buscador de maravilhosas artes por firmeza de seu estado. Des que ela reinou aprenderom as molheres ter novos geitos com seus maridos, e as mostranças dhũa cousa por outra mais perfeitamente do que se acha nos anciãos tempos que outra rainha de Portugal fizesse. Ela havia certos fundamentos pera quem tinha má vontade nunca lho poder conhecer, e onde entendia fazer gram dano, azava mortaes empecimentos com mostrança de todo o contrairo. Assi que pero ela tevesse ao Mestre hũ tam mortal odio por a morte do conde Joam Fernandez, em guisa que de nehũ mal lhe podera entom vir tam gram parte que a ela fora abastada vingança. Pero com todo isso ela pôde tanto com seu grande coração, a mui poucos ligeiro de fazer, que nêhús signaes de mal querença mostrava ao Mestre de fora, como se lhe nunca houvesse feito nehũ desprazer. Mas esses poucos dias que lhe depois falou, estando ela na cidade, sempre suas falas e repostas eram contra ele boas e sem mostrança de mau desejo.

Ela aos dous dias depois da morte do conde Joam Fernandez quitou a Fernam Lopez escudeiro do Mestre, a seu rogo dele, cem dobras que lhe demandavom que pagasse por Lourenç'Eanes seu sogro que fora almoxarife delRei dom Afonso. E nom somente ao Mestre, mas ainda a algũs outros que ela por tal razom má vontade tinha, nêhũa cousa dava a entender de rancor que tevesse contra eles. Mas suas falas e desembargos todo era feito ledamente e com bom gesto até que visse tempo azado de se poder vingar segundo seu desejo.

XVI

Como a Rainha partio de Lixboa pera Alanquer, e que maneira teve em sua partida

Movuda tal discordia no pobo como dissemos e trabalhando-se os seguidores dela por levar adeante sua openiom, foi a Rainha posta em grandes pensamentos com mestura de temor, ca ela nom era certa da maneira que o Mestre queria ter com ela. Doutra parte temia-se dos moradores da cidade que sabia que deziã dela muito mal, tam bem homens como molheres, assi que nom sabia que geito tevesse por segurança de sua vida e honra. E cuidando sobr'esto muitas e desvairadas cousas, entendeo que a melhor e mais segura que por o presente podia fazer, era partir-se daquela cidade e ir-se pera outro logar mais seguro. Entom ordenou de se ir daquel logar pera húa sua vila, oito legoas da cidade a que chamam Alanquer.

E partio a Rainha grande manhã, sendo já espaço do dia andado, com donas e donzelas quantas havia em sua casa, e todosos seus com ela, *scilicet* o conde dom Joam Afonso seu irmão, e o mestre de Santiago dom Fernand'Afonso, e o almirante micê Lançarote e Gonçalo Mendez de Vasconcelos tio da Rainha, e Martim Gonçalvez d'Ataíde e Pero Lourenço de Tavora e Joam Afonso Pimentel e Vasco Perez de Camões e Airas Vasquez d'Alvalade e Joam Gonçalvez anadal-mor, e Lourenç'Eanes Fogaça e todosos do desembargo delRei dom Fernando, assi como Alvaro Gonçalvez vedor da fazenda, e Gil Eanes corregedor, e outros muitos criados da Rainha e delRei dom Fernando. E dom Juda, tesoureiro-mor que fora delRei dom Fernando e seu vedor da fazenda, com temor dos grandes agravos que fazia ao pobo com os officios que tinha, nom ousou ir de praça come os outros, mas com húa funda de bacinete na cabeça com lança na mão, assi como page, por nom ser conhecido.

Bernaldom e Martim Paulo, gascões que ficaram no reino do tempo delRei dom Fernando, iam detrás com certas lanças por guarda das azemelas com temor dos de Lixboa, receando-se que fossem de pós eles.

A Rainha chegou a Alverca com trigoso andar e ali comeo, e dali partio e foi dormir a Alanquer. E quando entrou pela porta da vila, disse Gonçalo Mendez:

— Minha sobrinha, agora entendo eu que vós estaes segura, ca nom em Lixboa.

A Rainha nom respondeo a estas palavras nem disse cousa algúa. Mas nom minguava dos de sua companhia quem polo caminho olhando, por

detrás dissesse contra Lixboa que maõ fogo a queimasse e que ainda a visse estroída e arada toda a bois.

Ali esteve a Rainha per dias pousando os seus fora e dentro na vila, a qual se nom velava nem tinha outra guarda senom as portas abertas de dia e de noite.

XVII

Como se o Mestre guisava pera se ir pera Ingraterra, e como pedio perdom a Vasco Porcalho

Pois que os humanaes feitos se julgam segundo a entençom e nom segundo a obra que se deles segue, nehú tenha sentido de prasmarm o Mestre, vendo as cousas que se depois seguirom, dizendo que el com desordenada cobiça de reinar ou haver outro senhorio no reino, e nom por outra cousa, se moveo a matar o conde Joam Fernandez, ca sua vontade nunca esta foi, nem sobio em seu coraçom tal desejo; mas somente por usar dhúa honrosa façanha, vingando a desonra de seu irmão, ante pôs sa vida e honra em grande aventura tremetendo-se de fazer tal obra, despoendo de leixar o regno e o mestrado por esto, como de feito quisera fazer.

Porque tanto que a Rainha partio pera Alanquer e el ficou na cidade, houve o Mestre conselho por segurança de sua vida, de se ir pera Ingraterra, vendo que lhe nom convinha ficar no regno. E mandou fazer prestes todo o que compria pera sua ida em duas naos que jaziam ante o porto da cidade carregadas d’haver de mercadores. E como aquel que era discreto e comprido de toda bondade, esguardou o tempo em que havia de partir. E como era forçado passar per logares onde taes perigos costumam de ser, a que arteficio nem resistencia humana presta, sem especial ajuda daquel senhor que totalas cousas tem em governança; e por alimpamento de sua consciencia, ante as cousas que primeiro fez, chamou Vasco Porcalho comendador-mor de sua Ordem, e contou-lhe pelo meúdo como lhe a Rainha dissera quando fora preso que ele fizera entender a elRei dom Fernando que el se queria ir pera Castela pera o ifante dom Joam em deserviço do regno, e que portanto o mandara elRei prender e nom por outra cousa.

— Por a qual razom, disse o Mestre, eu vos tive tam má vontade, que minha tençom foi de vos matar. E depois cuidei que a mim nom vinha grande honra de o fazer posto que o vós dissessees, e perdi de vós toda má vontade e queixume, de guisa que nunca vo-lo dei a entender des entom até agora que comigo andaes.

Entom lhe contou o Mestre as razões por que o leixara de fazer e disse:

— Nom embargando que eu teúdo nom seja de vos pedir tal perdom como este, porém por mor avondamento, vos rogo que aquela má vontade que vos eu entom tive, vos praza de me perdoar.

O comendador ficou espantado e maravilhou-se muito de tal cousa e disse:

— Ó má mulher, aleivosa, comprida de toda maldade! Eu, senhor, vos tenho em grande mercê por vós de mim haverdes tam grande sanha e nom me quererdes matar nem fazerdes outro nojo. E gradeço muito a Deus e lhe som muito teúdo por vos dar tam bom entendimento pera vós cuidardes a verdade da guisa que foi e nom doutro geito; que vos juro, senhor, em minha alma que nunca lhe tal cousa dixee, nem me passou per maginaçom.

E entom lhe começou de jurar que nunca tal cousa dissera nem sabia delo parte. E disse-lhe que fezera mui mal que lho nom dissera, depois que del perdera aquel queixume.

— Que sede certo, senhor, disse ele, que se o eu soubera quando vós matastes o conde Joam Fernandez, que eu nunca me podera ter que a nom matara.

O Mestre disse que nom curasse daquelo, ca bem cria que el dezia verdade. E cessando desto, falarom em outras cousas.

XVIII

Por quaes razões o Mestre se queria partir do reino e se ir pera Ingraterra

Certas razões assinam os autores por que o Mestre determinou nom ficar no regno e se ir pera Ingraterra, das quaes he bem de saberdes algúas. Primeiramente el se temia muito da Rainha por a morte do conde Joam Fernandez, posto que estando na cidade ela nom desse a entender que lhe por tal cousa tinha nêhú maõ desejo. Mas el que a conhecia por mulher de grande coração e muito vingador de quem desprazer havia, azando-lhe morte e defazimento per modos travessos nom pera cuidar, mormente tendo ela a governança e regimento do regno como havia de ter certos anos, bem certificou em sua vontade nunca sua vida ser muito segura; desi como era púbrica voz e fama que ela escrevera a elRei de Castela que veesse a pressa ao regno por comprir sua vontade, qualquer sisudo pode bem ver tendo feito algú nojo à Rainha, que de segurança era muito afastado. Outras cousas ajudavom ainda o Mestre a ter vontade de se partir do regno: assi como vendo claramente que muitos

receavom de se chegar a ele por temor da Rainha e dos parentes dela; outros o leixavom e se iam de todo, como fez Vasco Porcalho e Martinh'Anes da Barvuda comendador de sua Ordem, e Garcia Perez craveiro d'Alcantara que se veera per'ele. Assi que esguardadas estas e outras taes razões que dizer nom curamos, sua vontade era d'o Mestre em toda guisa partir-se do regno.

XIX

Por quaes razões os da cidade disserom ao Mestre que ficasse no regno e o tomariam por senhor

Fazendo-se o Mestre prestes pera partir, e postas¹⁵ nos navios todalas bitallas e feitas as manjadoiras pera as bestas, eram todolos da cidade assi os grandes como os pequenos abalados com medrosos pensamentos.

Muitas cousas lhe mostravom claros signaes de nova guerra, e nehús podiam cuidar certamente onde taes feitos haviam d'ir ter. Eram ainda em este tempo grandes cuidados nos pobos do regno, espicialmente nas gentes de Lixboa vendo taes cousas muito dovidosas e postas sob esperança de grande estroição da terra.

Qual da cidade podia estonce ser tam seguro que sempre nom fosse muito acompanhado de temor, vendo como a Rainha partira tam queixosa de todos eles por de tal guisa terem com o Mestre na morte do conde Joam Fernandez? De mais que deziam que escrevera a elRei de Castela que logo trigosamente veesse ao reino; a qual vinda bem entendiam todos que nom era salvo por se assenhorar deles, e por destroição dos que contra a Rainha foram, e isso mesmo na morte do bispo. O coração de quantos hi havia era dado a grandes pensamentos, poendo desvairadas fins ao bem e mal que se de taes feitos seguir podiam.

Hú cuidado era ver-se ficar sem firmeza de paz per morte delRei dom Fernando, pois elRei de Castela nom queria guardar os trautos segundo era conteúdo, e vinha contra o reino por tomar posse dele. E segundo, sojeição grande em que esperavom ser postos sob poder de castelãos, temendo-se ser deles sojugados, come de seus mortaes émigos.

Doutra parte grande temor que da Rainha haviam, sendo nembrados do gram mal que ante desto haviam recebido os que contradisserom o casa-

¹⁵ postas] postos

mento delRei dom Fernando com ela. De mais estonce que nom somente foram contra a Rainha em ajuda do Mestre na morte do conde Joam Fernandez, mas ainda soltando-se em desonestas palavras e doestos que lhe a ela foram mui graves de soportar; assi que ficando à mercê da Rainha que conheciam por mui vingador de vontade, era-lhes assaz forte cousa esperar sua execuçom. Além desto entendiam que vindo elRei de Castela ao regno, e entrando sanhoso dentro na cidade, assi por razom do pendom que nom consentirom pela cidade tomando voz por¹⁶ a Rainha sua molher, come por a uniom que levantaram contra sua sogra, que era per força receberem dano nos corpos e haveres a que contradizer nom podiam. Que se er quisessem leixar cercar e defender delRei de Castela, isto era cousa que se longamente manter nom podia. E enfim era per força ser a cidade tomada, e o regno ser todo sojeito a Castela, ca todos esperavom que como Lixboa passasse que assi passariam todolos outros. Outra cousa que muito aficava o povo meúdo era haver na cidade gram parte de galegos e castelãos, e muitos criados da Rainha, assi per criaçom come per benfeitoria e officios que lhe dera. Os quaes avindo tal caso que se defender quisessem, temiam de ser da parte dela e de todo ponto em estorvo contra eles.

E postas estas cousas todas ante seus olhos, nehú era sabedor do que havia de vinr.

XX

Das razões que os da cidade deziã ao Mestre por que se nom devia de partir

Andando o pobo assi levantado, posto em trabalho de falar em tam grandes dúvidas, e vendo no Mestre tanta autoridade que pera os defender era pertencente, ardiam todos com cobiça de o haverem por senhor, e falando hús com os outros deziã:

— Que estamos fazendo? Tomemos este homem por defensor, ca sua discriçom e forteleza he tanta que abastará pera empuxar todolos perigos que nos avinr podem.

Estonce chegaram a ele, pedindo-lhe por mercê que os nom quisesse desemparar leixando eles e o regno todo, que com tanto trabalho fora

¹⁶ voz por] *om.*

ganhado pelos reis donde ele vinha, em poder de castelãos; ca eles bem certos eram que elRei de Castela era a pressa chamado da Rainha, e vindo ao regno poderosamente era per força de se assenhorar dele, se nom tevesse quem no defender, e eles postos em mezquinha e refece sojeiçom; e que porém lhe pediam por mercê que se nom quisesse partir, mas que ficasse na cidade, ca eles o queriam tomar por senhor que os regesse e mandasse em toda cousa.

E se per ventuira o ifante dom Joam vesse e lhe o regno pertencesse per direito, que o tomariam por rei, doutra guisa nom. E sendo assi como todos cuidavom, que eles o tomariam por seu rei e senhor; e que se assenhorasse logo dos tesouros e alfandega e almazéns e de todolos outros direitos e cousas que pertenciam ao rei; e que eles o poeriam em posse do castelo e forteleza da cidade, e que escrevessem cartas per todo o regno de como se esta cousa fazia, e que eles eram certos que os mais de todolos logares teriam esta tençom, por nom caírem em poder de castelãos. Desi deziã-lhe com esto, como por serem da sua parte na morte do conde Joam Fernandez, e cousas que se estonce acontecerom, eram postos em grande homezio da Rainha per cujo azo era forçado, nom tendo quem se por eles poer, de receberem gram dano nos corpos e nas fazendas.

Com taes ditos e outros semelhantes se trabalhavom todos de mover o Mestre a se nom partir da cidade, e ficar no regno por seu defensor. Mas ele se escusava com boas e doces razões, esforçando-os quanto podia com palavras de conforto, que nehús deles receber podiam, nehúa cousa lhe outorgando do que lhe em tal feito iam requerer. E eles nom embargando esto, quantas vezes o Mestre cavalgava pela vila, era assi acompanhado do comum pobo, como se das mãos dele caíssem tesouros que todos houvessem¹⁷ d'apanhar.

E seguindo-o as gentes com grande prazer, hús lhe travavam da redea da besta, outros das faldas da vestidura; e bradando todos, deziã altas vozes que os nom quisesse desemparar, mas ficasse no regno por senhor e regedor prometendo-lhe cada hū das riquezas e haveres que tinham, oferecendo os corpos à morte por seu serviço. E ele olhav'-os rindo do que deziã. E assi chegavom com el atá onde o Mestre pousava, e desi tornavom-se.

¹⁷ houvessem] ouuesse

XXI

Da maneira que a Rainha ordenou pera matar o Mestre quando soube que se queria partir pera Ingraterra

Nom tem o odio menos sentido d’haver vingança daquel que desama que o amor de trigosos pensamentos de cedo possuir quem muito deseja. E assi como onde há mui grande amor se geram desvairados cuidados por cedo percalçar a fim de seu desejo, assi o que tem rancor dalgúa pessoa nom cessa pensar desvairados caminhos com que apague a sede da sua mortal sanha. E portanto a rainha dona Lionor per vontade femenina que geralmente he muito desejador de vingança, desi usando dhú grandioso coração de que natureza lhe nom fora escassa, nehúa cousa por estonce a seu entendimento era mais representada que cuidar ameúde todos modos per que do Mestre podesse haver comprida emenda. E sendo certa como se el trigava pera partir em naves que já tinha bem abitalhadas e se ir pera Ingraterra, e que nehús rogos nem prezes do pobo o podiam fazer reter, entendeo que a vinda delRei de Castela nom podia tam a pressa ser que se el muito mais cedo per mar nom partisse. E leixado o modo da vinda delRei que terminado tinha pera dele ser vingada, cuidou d’ordenar per outra maneira, per que de morto ou posto em prisom, o Mestre per nehúa guisa podesse escapar. E foi deste geito: quando ela foi certa que se o Mestre despoínha pera partir do regno, pensou que entom tinha muito mais prestes azo pera o haver à mão preso ou morto. E dizem que mandou falar em gram segredo com os mestres daqueles navios, especialmente com o mestre daquela nao em que el havia d’ir, prometendo-lhes grandes e assinadas mercês se esto quisessem poer em obra, *scilicet* que como as naves fossem através da costa da Atouguia que sam catorze legoas da cidade, que tevessem geito os mestres e marinheiros de se todos meter nos batees e ir em terra. E leixadas as naos desemparradas de mareantes que era per força de vinrem à costa, e que estonce seria forçado de o Mestre em toda guisa ser preso ou morto. E tal maginação lhe pareceo mui convinavel pera seu preposito ser muito mais cedo acabado.

E presume-se que prouge àqueles a que foi cometido, porque nom dando ela tardança a tal pensamento, quando soube que se o Mestre trigava pera embarcar e nom queria ficar na cidade, falou esta cousa com Vasco Perez de Camões. E tanto aficou sua trigosa vontade, que ante que fosse certa se era partido ou nom, o mandou duas vezes d’Alanquer a Atouguia com certos homens que levava consigo, pera aguardar que como se esto possesse em obra, lho trouvesse preso ali onde estava, ou certo recado como era morto.

E quando a Rainha soube de certo que o Mestre ainda nom partira, e que os da cidade se aficavom em toda guisa de o tomar por senhor, cessou de mandar saber novas desto, até que soubesse se partia ou nom.

XXII

Das razões que Alvaro Vasquez houve com o Mestre sobre sua partida pera Ingraterra

Sendo no pobo cuidado notavel por sua segurança e defensom da terra da guisa que tendes ouvido, nom embargando que se o Mestre escusasse per suas razões a nom poder ficar em no regno, as gentes porém nom leixavom de o seguir, pedindo-lhe cada dia por mercê que os nom quisesse desemparrar. E porque era púbrica voz e fama que se el ia pera Ingraterra, vendo Rui Pereira tanto pobo arredor dele bradando todos que o queriam por senhor, disse húa tal razom contra o Mestre:

— Querees que vos diga, senhor? Vós, dizem que vos is pera Ingraterra, mas a mim parece que bom Londres he este.

Estonce hũ escudeiro fidalgo que chamavom Alvaro Vasquez de Goes chamou o Mestre a parte, e disse desta guisa:

— Vós, senhor, dizem que ordenaes de vos partir daqui, e vos ir pera outra terra?

E o Mestre respondeo que si.

— Que razom vos move, disse el, pera fazerdes tal partida?

— Move-me, disse o Mestre, a vinda delRei de Castela, que he certo que se vem aqui. Desi os mores do regno têm todos da parte da Rainha, a qual me quer mui gram mal por a morte do conde Joam Fernandez, e som certo que me azará todo mal e desonra per hu quer que puder.

— Pera qual parte, disse o escudeiro, vos entendees de partir?

— Entendo, disse o Mestre, de me ir pera Ingraterra.

— Que vida entendees lá de fazer? disse Alvaro Vasquez.

— Entendo, disse ele, servir elRei na guerra que houver com seus êmigos, e ganhar aquela honra e fama que todolos bons desejam percalçar.

— Em verdade, senhor, disse Alvaro Vasquez, eu nom sei em isto bem vossa vontade, mas peço-vos por mercê que me digaes, posto que vos lá andees quanto tempo quiserdes, e que sirvaes mui bem elRei, como eu entendo que o vós servirees, quando entendees vós lá de cobrar outra tam boa cidade per força d'armas, como a cidade de Lixboa em que vós estaes, hu se oferecem os

moradores dela, a vos servir e dar quanto têm até morrerem por vos ajudar? E se vós em outra terra entendees de servir por alcançar honra em feito d'armas, hu podees vós mor serviço fazer, e que melhor renembrancha fique de vós, que a terra que foi gançada per os nobres reis dhu vós descendees e donde soes natural, mormente com gentes que tanto de coração e de vontade vos oferecem sua ajuda e serviço?

Quando o Mestre ouviu taes razões, parecerom-lhe boas e começou de cuidar em sua ficada per que maneira poderia ser com sua honra e proveito.

XXIII

Como frei Joam da Barroca veu a Lixboa e da maneira do seu viver

Ainda que breve e mais simplesmente este capitulo podesse ser contado, porém satisfazendo a nosso desejo, e dalgús a que per ventuira pode prazer delo, sem mais nomear autores, dizemos que os modos das revelações som quatro, *scilicet* dous corporaes e dous espirituaes. Os corporaes som da parte de fora; os espirituaes da parte da alma. O modo primeiro corporal he quando os olhos corporaes som abertos a ver o ceo e a terra e outras cousas; esta revelaçom ou demonstraçom nom he perfeita, porquanto per ela nom acalçamos as virtudes das cousas que vemos. O segundo, quando vemos adefora cousa que tem mesterio de dentro, assi como Moisés, que vio arder o espinheiro per que se mostrava a encarnaçom do filho de Deus.

Dos outros dous espirituaes, hũ he quando com os olhos da alma per alumeamento do Espritu Santo vimos em conhecimento dalgúa cousa; o outro, quando per humanal espiritu e sotileza de natural engenho, investigamos algúa cousa, a qual verdadeiramente depois sabemos, assi como foram os filosofos que souberam os naturaes cursos das planetas e assi doutras cousas.

As revelações outrossi em sonhos som per cinco modos, *scilicet* sonho, visom, oraçom, nom sonho, fantasma. E estes dous modos postumeiros algúas vezes vêm per inchimento do estamago; outras per mingua de vianda; outras por amor dalgúa pessoa a que gram bem queremos; outras vezes per gram temor; outras per azo de profundo pensamento d'humor menencolico. E às vezes per engano de satanáas que se trasfigura em angio de luz, de guisa que a estes dous modos postumeiros, nehũ pode dar interpretaçom que certa seja.

Oraçom he quando a algũ homem de boa vida aparece o senhor Deus, ou algũ angio e lhe diz as cousas que há-de fazer, ou de que se deve de guardar, ele ou outra pessoa. Visom he quando homem, aquelo que vio em sonhos, vê

depois claramente per vista, assi como o sonho que vio Faraó das vacas e das espigas.

Sonho he quando homem vê algũa cousa, a qual per si nom pode declarar nem saber e há mester quem lho interprete, como foi o sonho do copeiro delRei Faraó.

Ora se per algũ destes modos sobreditos ou per outro que aqui nom poemos, aconteceu a vinda de frei Joam a que depois chamarom da Barroca, disto nom havemos mais conhecimento, salvo quanto achamos escripto que contam dele algũas estorias, dizendo que ante per tempo que o Mestre matasse o conde, vivia hũ bom homem devoto em Jerusalém em vida empardeado e era castelão. A este veo em revelaçom que se veesse ao porto de Jafa e que ali acharia hũa nao prestes que vinha pera Portugal à cidade de Lixboa, e que entrasse em ela e aportaria ali.

O homem bom se saiu da cela onde vivia, e chegando àquel porto achou a nao prestes como lhe fora dito, e entrou logo em ela, e encaminhou Deus sua viagem de guisa que chegarom àquela cidade onde el nunca fora. E como foi noite, disse que o levassem a hũa alta barroca acerca do moesteiro de Sam Francisco desse lugar, onde havia hũa prove casa bem pequena, e que lhe çarrassem a porta, salvo hũa estreita janela que ficasse pera vista, e que Deus o proveria ali do que lhe necessario fosse.

Fezerom-no assi aqueles que disto tomarom cuidado, e foi ençarrado em aquel logar. E vivendo ali o homem bom em aspera e apertada vida, começaram as gentes d’haver em ele tal devaçom, visitando-o com suas esmolas de que el pouco tomava, que todos o haviam por santo e que Deus lhe revelava muitas das cousas que eram por vinr. E algũs iam tomar com ele conselho por saúde de suas almas e fazendas.

XXIV

Como o Mestre falou com frei Joam da Barroca e da reposta que lhe ele deu

Porque dos entendidos he requerir conselho e os grandes feitos nom encaminhar per seu proprio siso, teve o Mestre que era bem, nom embarcando o que lhe dissera Alvoros Vasquez e Rui Pereira e outros, de se conselhar com espirituas pessoas, pois a tal carrego qual lhe deziã que tomasse, nom somente compria haver a ajuda das gentes, mas as orações e prezes dos bons e a ajuda de Deus e sua graça. E por a grande nomeada que pela cidade

corria deste frei Joam da Barroca, assi de sua honesta vida, come de bons conselhos que dava a algũs que o iam visitar, foi o Mestre falar com ele. E esta fala dizem algũs que foi a requerimento do homem bom com o qual falara Alvaro Paez, fazendo-lhe queixume como se o Mestre queria partir. E que el lhe disse que todavia conselhasse ao Mestre que se nom partisse, ca a Deus prazia de el ser regedor desta terra e senhor dela.

Outros contam que o Mestre se demoveo a lhe ir falar por haver dele algũ proveitoso conselho em seu feito. Ora de qualquer guisa que seja, el foi a ele e contou-lhe toda sua fazenda e quanto lhe aveera com o pobo da cidade, dizendo como se todos aficavom de o tomar por senhor, e que se nom fosse fora do regno, desi todalas outras razões que com muitos deles houvera, conselhando-lhe todavia que ficasse; mas que el nom via nehũ caminho, como se isto podesse fazer a seu salvo nem do pobo da cidade, porque elRei de Castela vinha muito poderosamente ao regno, e as mais das vilas e logares tinham já sua voz dele. E que pera tal defensom como aquela compria ajuda de muitas gentes e gram soma de dinheiros pera despesa de soldo, desi o castelo da cidade que era contra ela, ser logo tomado, que seria mui grave de fazer tam a pressa. Assi que estas e todalas outras razões contrairas que o Mestre entendeo que tal feito embargar podiam, contou pelo meúdo ao homem bom. E ele a todas respondeo, de guisa que o Mestre folgou muito com sua reposta, poendo-lhe grande esforço em elas, dizendo-lhe todavia que se nom fosse do regno e começasse de seguir seu feito com ardido coração, ca a Deus prazia de el ser rei e senhor dele, e seus filhos depós sua morte. E que pera tomar o castelo da cidade fizesse hũ arteficio de madeira a que chamom gata, e que logo sem muita detença seria tomado com mui poucas gentes.

O Mestre quando esto ouviu, maravilhou-se das palavras do homem bom, e começando de cobrar esforço, partiu-se estonce d'ant'ele assaz cuidadoso de sua fazenda.

XXV

Como foi acordado de enviar a Rainha cometer casamento com o Mestre e segurança pera os da cidade

Nom convém calar, posto que disto poucos livros façom mençom, a maneira que o Mestre teve depois que falou com frei Joane aquela vez e outras algũas, em razom de sua partida ou ficada. Porque cuidando el no

proseguimento de tantos trabalhos e cuidado como a tal feito compria, mandou chamar Alvaro Paez e outros algús da cidade que lhe sobr'esto haviam falado. E disse que pensando el no que lhe per vezes disserom em razom de sua ficada em no reino, que el pensara em elo muito, e que lhe via tantos contrarios a esta cousa nom poder ir adeante com sua honra e proveito deles, que sempre duvidara muito de o fazer. Porém que cuidassem bem em elo, ca nom era cousa pera começar assi de ligeiro; e que se algúa boa maneira podessem achar acerca do que começar queriam, que el prestes era pera o poer em obra doutra guisa, melhor seria nom o começar, e buscar-lhe outro remedio.

E falando sobr'esto perlongados sermões veerom algús a cuidar que por esquivarem semelhante dano, qual aveera ao regno com guerras no tempo delRei dom Fernando, desi por esta cousa ser melhor e mais proveitosamente feita, que era bem que o Mestre casasse com a rainha dona Lionor, dizendo que ela havia d'haver o regimento do regno per certos anos, segundo nos trautos era conteúdo; e que entanto poderia ser que haveria elRei de Castela filho da rainha dona Beatriz, o qual havia de ser trazido ao regno e criado em ele como nas avenças fora outorgado. E que el com a Rainha seria regedor todo aquel tempo, e quando veesse aquela sazom que el houvesse de regnar, que ficaria o Mestre governador delRei e o mor do reino e de seu conselho. E desta guisa seria a terra em assessego e paz, e eles seguros da parte da Rainha pola uniom que levantaram contra ela; e que o Papa vendo quanto bem se de tal cousa seguia que ligeiramente dispensaria com eles que podessem ambos casar.

Foi esta cousa dita ao Mestre e posta em conselho perante aqueles com que razom tinha de o falar. E foi determinado que era proveitosa por estas razões que ditas havemos e outras muitas que algús assinavom, dizendo que era bem de lhe ser cometido, e veriam que reposta daria a elo. E ordenando quem lá houvesse d'ir, acharom que era bem de enviar sobr'esto Alvaro Gonçalvez Camelo que foi depois priol do Espital, e Alvaro Paez cidadão de Lixboa de que em cima he feita mençom. Os quaes chegando a Alanquer receberam dela grande e fingido gasalhado, espicialmente Alvaro Paez a que ela mor mal queria. E falando à Rainha sobre aquilo a¹⁸ que eram enviados, nom se acordou com eles em feito do casamento.

Quanto à segurança dos moradores da cidade pola uniom que alçaram contra ela, dizem algús que teve este geito: como era prudente molher e sages,

¹⁸ a] *om.*

vio que nom lhe dando segurança da guisa que o pobo requeria, que como todos andavom levantados que se poderia seguir mais peor, e ela estonce nom teria azo de se vingar deles segundo desejava. E porém contam que os seguiu, da guisa que lho pedir enviaram. E por mais certos serem de tal segurança e nom poerem em elo dúvida, que fingeo que comungava dhúa hostia, a qual afirmam que nom era sagrada, e deu-lhe suas cartas de seguro pera se partirem.

Ora assi aveo que depois que a Rainha foi em Alanquer como dissemos, começaram de falar perant'ela esses fidalgos e outros que presentes eram sobre o que a cada hū ficara na cidade de que se mais doía, mostrando taes quanto lhe pesava de o assi perderem. A Rainha ouvindo falar em esto, disse contra os outros:

— Quanto a mim nom me pesa tanto doutra cousa que me alá ficasse, como do bacinete e da cota d'Alvoro Paez.

— Como, senhora, disserom eles, e tam boas armas som essas que vós nom poderees haver outras tam boas por dinheiro?

— Nom me dariam, disse ela, outras taes por nehū preço. E se me alguém estas desse à mão, eu lhe daria por elas quanto me pedisse.

E maravilhando-se todos que armas podiam taes ser, souberom que o dezia porque Alvoro Paez era calvo, e por a cota da cabeça. Algús que lhe isto ouvirom, forom-no dizer a Alvoro Paez. E el trabalhou de se partir mais a pressa, e encaminharom pera Lixboa.

E ante que partissem d'Alanquer¹⁹, disse o conde dom Joam Afonso a hū escudeiro casado em Lixboa, com que havia conhecimento que ia em companhia dos embaxadores, que bem via como Castela era contra Portugal, e Portugal contra si mesmo; e que bem devia entender que tal sandice qual levantavom dous çapateiros, e dous alfaiates, querendo tomar o Mestre por senhor, que nom era cousa pera ir adiante. E que portanto ao menos por segurança de seus bens, que leixasse a cidade e se fosse per'eles.

— Nunca tal vistes, disse o escudeiro, quando acá estou, parece-me que he assi como vós dizees; e depois que lá som, semelha-me que todos nom vales nada, e que quanto me falaes que todo he vento.

¹⁹ d'Alanquer] pera Alanquer

XXVI

Como o Mestre outorgou de ficar por regedor e defensor do reino, e do que foi falado na camara da cidade sobre sua ficada

Enquanto Alvaro Gonçalvez e Alvaro Paez foram enviados a Alanquer, alvoraçaram-se as gentes da cidade, sabendo como elRei de Castela se vinha chegando ao regno, e disserom hús contra os outros:

— Que temos de fazer com enviar recado à Rainha, nem poer em isto mais longa tardança? Vamos ao Mestre e peçamos-lhe aficadamente que seja sua mercê em toda guisa, tomar carrego de defender esta cidade e o regno, e nós o serviremos com os corpos e haveres e lhe daremos todo quanto temos. E assi faróm todolos outros do regno que verdadeiros portugueses forem, e nom curem de mais enviar recado à Rainha nem da reposta que lhe há-de mandar.

Estonce o comum pobo livre e nom sojeito a algús que o contrairo disto sentissem, lhe pediom por mercê que se chamasse regedor e defensor dos regnos. E el vendo seu grande desejo, desi o conselho de frei Joane e dos outros que lhe sobr'isto haviam falado, outorgou de o fazer, contanto que eles se juntassem todos aquel dia no moesteiro de Sam Domingos, pera lhes haver de falar o que sobr'elo entendia de fazer em razom de sua ficada, por que tanto era requerido. E eles disserom que lhes prazia muito. Juntos esse dia muito pobo da cidade em aquel moesteiro, propôs o Mestre como se entendia partir do regno e as razões por quê, como já dissemos. Desi como lhe fora muitas vezes requerido per eles que todavia ficasse por seu defensor; e que el se escusara delo por certas razões que lhe logo assinou. Mas que pois se eles tanto aficavom que todavia nom partisse e ficasse na cidade, que el por serviço e honra do regno determinava em sua vontade de ficar, contanto que eles tevessem maneira de o servir e suportar em aquela honra e estado que compria por defensom do regno.

E eles a húa voz nom esperando que falasse hú por todos, mas quantos hi eram juntos, altamente disserom que lhes prazia de o servir e ajudar com os corpos e haveres atá morrerem todos ant'ele. E o Mestre respondeo estonce que pois eles assi deziam e o queriam servir, que a el prazia de tomar carrego de ser seu defensor e poer o corpo a qualquer aventura por honra do regno e sua defensom deles.

Quando o Mestre outorgou desta guisa de ter cuidado e regimento do regno, toda tristeza foi fora das gentes, e seus corações nom derom logar a nehú trespasado temor; mas todos ledos sob boa esperança fundada em bem aventurada fim se esforçaram de levar seu feito adeante, tendo grande fé em Deus que os havia d'ajudar. E disserom logo ao Mestre que, porquanto na

cidade havia muitos honrados cidadãos que ali nom estavam presentes, que fossem chamados à camara do conselho e que lhe fosse todo razoado e preposto quanto ali fora dito, de guisa que outorgassem todos o que eles disse-rom e queriam fazer.

O Mestre disse que era mui bem, e foram em outro dia todos chamados. E sendo assi juntos em aquela camara da cidade, foi razoado por parte do Mestre como todo o pobo meúdo o recebiam por seu regedor e defensor; e que ora era a eles requerido se lhes prazia outorgar aquelo que todo aquel pobo tinha outorgado.

Nehú nom respondia calando-se todos; outros falavom mui manso à ore-lha com os que sïam acerca deles, assi que nem hũ nom dava reposta, que mostrasse que consentia em cousa que os outros dissessem, nom por lhe a eles nom prazer de a cidade e o regno ser defeso dos émigos, mas porque todos aqueles duvidavom muito de tal cousa poder ir adiante nem haver depois boa fim. Mas a entençom do pobo meúdo era muito per contrario. Desi haviam grande receo da Rainha, de lhes acoiar esto com grandes tormentos, como fora feito no tempo delRei dom Fernando quando lhe contradisserom o casa-mento da Rainha com ele. E duvidando estes que eram chamados, e nom respondendo ao que lhe deziã, era hi muito pobo junto, antre os quaes estava hũ tenoeiro que chamavom Afonso Anes Penedo, que fora presente com todolos outros quando se juntarom em Sam Domingos, outorgando de receber o Mestre por senhor. E vendo que nehú nom falava dos mais hon-rados da cidade que eram presentes, começou de se passear andando, e pôs a mão em húa espada, que tinha cinta, e disse:

— Que estaes vós outros assi cuidando, e que nom outorgaes o que outorgarom quantos aqui estom? E como! Ainda vós duvidaes de tomar o Mestre por regedor destes regnos, e que tome carrego de defender esta cidade e nós outros todos? Parece que nom soes vós outros verdadeiros portugueses. Digo-vos que quanto per essa guisa buscae-nos vós todos cedo em poder de castelãos.

Entanto falavom-se algũas razões antr'eles sobr'esto, mas nehúa reposta se dava qual compria, porquanto esses maiores se receavom muito das razões que já tendes ouvidas. Estonce aquel tenoeiro em cima nomeado, pôs a mão na espada outra vez, e disse contra aqueles a que se fazia tal requerimento:

— Vós outros que estaes assi fazendo, querees vós outorgar o que vos dizem? Ou dizee que nom querees, ca eu em esta cousa nom tenho mais aventuirado que esta garganta. E quem isto nom quiser outorgar, logo há mester que o pague pela sua, ante que daqui saia.

E todolos que hi estavom do pobo meúdo, aquela mesma razom disserom.

Vendo aqueles que foram chamados o alvoroço que todos faziam e que lhes nom compria ter em isto outro contrairo geito, outorgarom estonce quanto os outros tinham prometido. E foi assi escripto e assinado per suas mãos. E desta guisa foi o Mestre tomado por regedor e defensor do regno, no qual regimento e defensom que fez, bem se mostrou depois sua virtuosa ardidez como adeante poderees ver.

XXVII

Como o Mestre tomou officiaes pera sua casa e que ditado ordenou de se poer em nas cartas

Depois que o Mestre teve per todolos da cidade este outorgamento de o receberem por senhor, ordenou a maneira que havia de ter por defensom dela e de todo o regno.

E foram logo feitos dous selos, hũ pendente, e outro chão, das armas de Portugal dereitas, éadendo antre os castelos a cruz da ordem d’Avis, da guisa que vedes que se ora traz. E fez o Mestre seu chanceler-mor o doutor Joam das Regras que era mui gram letrado. E o ditado que tomou que se escrevia em todalas cartas, dizia deste modo: «Dom Joam pela graça de Deus filho do mui nobre rei dom Pedro, mestre da cavalaria da ordem d’Avis, regedor e defensor dos regnos de Portugal e do Algarve».

E tomou pera seu conselho este doutor que dissemos, e dom Lourenço arcebispo de²⁰ Braga, e Joam Afonso d’Azambuja que depois foi arcebispo de Lixboa e depois cardeal, e o doutor Martim Afonso que depois foi arcebispo de Braga, e Joam Gil lecenceado em leis, e Lourenço Estevenz o moço, filho de Lourenço Estevenz, privado que foi delRei dom Pedro, e estes ambos por desembargadores do paço e de seu conselho; e por vedores de sua fazenda, Joam Gil e Martim da Maia; e pera tesoureiro da moeda, hũ mercador que havia nome micê Persifal. E fez corregedor da cidade outro mercador a que deziam Lopo Martinz; e almoxarife das casas e tendas, Joam Dominguez Torrado. E repartio outros officios per taes pessoas quaes entendeo que era seu serviço e proveito da terra.

²⁰ de] da

E foi logo ordenado na cidade que vinte e quatro homens, dous de cada mester, tevessem carrego d'estar na camara, pera toda cousa que se houvesse de ordenar por bom regimento e serviço do Mestre, fosse com seu acordo deles. Outros muitos officios foram dados a pessoas que seria longo de dizer, come reino que se novamente começava d'ordenar.

Em se fazendo estas cousas, chegaram os que foram enviados a Alanquer com reposta e cartas da Rainha, e o Mestre nom as quis ler e rompeu-as logo. E eles folgarom muito quando virom que com puro e limpo desejo tomava carrego de reger e defender aqueles que o ajudar a defender queriam. Onde sabe que como o Mestre tomou voz de regedor e defensor do regno, muitos que eram criados da Rainha e feitos per ela e seus familiares, se foram logo da cidade pera ela e assi pera outros logares.

E partiam-se de Lixboa temendo d'estar em ela polo grande alvoroço que viam nas gentes e medo mui forte delRei de Castela. E ante que partissem, tomavom todos seus haveres em arcas e em trouxas como melhor podiam, e poíam-no em guarda em casa de seus amigos. E muitos dos que se achegavom ao Mestre pera o haver de servir, sabendo parte de taes haveres per algús que lho descobriam, pediam que lhes fizesse deles mercê. E ele sem mais detença, sem sabendo se era muito se pouco, outorgava-lhe quanto pediam. E muitos acertavom mui grandes algos.

Alvoro Paez que fora muito em ajuda dos feitos do Mestre segundo em cima já tendes ouvido, vendo tal demanda qual se começava, e como algús deziam ao Mestre que nom desse assi aqueles haveres que muito melhor seriam pera ele, lhe disse hũ dia falando com ele:

— Senhor, crede-me de conselho e dar-vos-á mui grande ajuda pera levar vosso feito adeante.

— Que conselho he esse? disse o Mestre, e se for bom prazer-me-ia muito.

— Senhor, disse Alvoro Paez, fazez per esta guisa: dae aquilo que vosso nom he, e prometee o que nom tendes, e perdoae a quem vos nom errou, e ser-vos-á mui grande ajuda pera tal negocio em qual soes posto.

O Mestre disse que lhe parecia mui bem e feze-o assi, ca dava os bens em todolos logares que por el tinham voz, das pessoas que andavom com a Rainha, ou que se iam pera elRei de Castela. E nas cartas das doações dezia: «porquanto anda em nosso deserviço com dom Joam que se chama Rei de Castela». E prometia officios e terras e outras cousas das que tinha esperança de cobrar adeante. E perdoava as mortes e maleficios a quantos lho requeriam, contanto que nom fosse aleive ou treíçom, e se foram feitos ante do primeiro dia de dezembro, em que el matou o conde Joam Fernandez, da era

de quatrocentos e vinte e hũ, com condiçom que a certos dias se veessem a Lixboa pera servir à sua custa enquanto durasse a guerra.

Dos haveres que ficaram escondidos, houve o Mestre hũ gram tesouro da condessa molher do conde dom Joam Afonso Telo, irmão da Rainha, o qual leixara em Sam Domingos em guarda quando se a Rainha partio pera Alanquer. E era de muita prata e ouro e joias e pedras e outras cousas. E nom embargando que secretamente fosse posto em logar escuso, sobre a porta principal adedentro antre o sobre arco e o telhado, nom mingou quem o descobrir, e foi todo levado ao Mestre.

XXVIII

Como o ifante dom Joam soube que o Mestre seu irmão se chamava regedor e defensor do regno e da maneira que em elo teve

Nom curando muito dalgũas razões que escritas achamos em este logar, somente desta que razoada parece, diremos brevemente por nos espedir, a qual he que o Mestre quando tomou carrego de regedor e defensor do regno, nom embargando as razões que ouvistes que lhe dissera frei Joam da Barroca, sua tençom porém nom foi de regnar, mas por tal que sua fama crescesse de bem em melhor; desi doendo-se da terra dhu era natural e havendo maviosa piedade do comum pobo que o tanto aficava, tomou tal carrego, e nom doutra guisa, esperando que o ifante dom Joam seu irmão houvesse azo per algũa maneira de ser livre de prisom e solto, e vindo ao regno o podesse cobrar e ser senhor dele como algũs deziam; a qual cousa seria a el grande honra e façanha muito de louvar e que lhe todo o mundo teria a gram bem.

E tendo o Mestre ordenado de lho fazer saber na melhor maneira que podesse, aveo que hũ escudeiro dos criados do ifante dom Joam que andavam per Castela espargidos e deles per Portugal, ouvindo dizer que o Mestre seu irmão tomara voz de regedor e defensor do regno, desi como os outros deziam que nom embargando isto que se ia fora da terra, cuidou de o fazer saber ao ifante pera delo ser em conhecimento e ver que lhe mandava fazer em tal feito. E porquanto era defeso per elRei de Castela que qualquer do ifante que fosse achado no logar onde el jazia preso fosse reteúdo até sua mercê, foi lá aquel escudeiro o mais encubertamente que pôde, e falou com hũ frade em confissom, pelo qual fez saber ao ifante aquelo por que era ali vindo, dizendo como se afirmava que seu irmão, aquela tençom que tomara de reger e defender o regno, entendia levar adeante, até esperar ser cercado

delRei de Castela em Lixboa, e outra qualquer cousa que lhe avinr podesse. E que porém fosse sua mercê de lhe mandar dizer, que era o que faria de si.

Ao ifante prougue muito com taes novas, porque fora preso daquela guisa, e mandou-lhe dizer que lhe rogava quanto podia que el e todos seus criados se fossem pera o Mestre e o servissem, e que este era o mor serviço e prazer que lhe por estonce podiam fazer; e mais que dissesse a seu irmão da sua parte que lhe enviava rogar e pedir que em toda guisa se chamasse Rei de Portugal, se o queria ver livre e solto, ca doutra guisa el nunca entendia sair de prisom; e dizem algús que desto lhe deu sua carta de crença assinada per el.

O escudeiro se partio de Toledo e achou Joam Lourenço da Cunha, marido que fora da rainha dona Lionor, e outros seus criados do ifante, e contou-lhe todo o que lhe aveera com ele. Estonce se partirom pera Lixboa aqueles que disto souberom parte, e veerom-se pera o Mestre, e ele os recebeu mui bem, e folgou muito com eles. E quando vio o recado do irmão, cessou de lhe escrever o que tinha em vontade em razom da governança do regno.

XXIX

Do recado que a Rainha mandou a Gonçalo Vasquez d’Azevedo ante que partisse pera Santarém, e das razões que disse aos do logar

Certo he que quaesquer estorias muito melhor se entendem e nembram se som perfeitamente e bem ordenadas que o sendo per outra maneira. E posto que nossa tençom seja de estas que escrever queremos o serem em bom e claro istilo, porém tam grande az d’estorias nos som prestes, mormente em este logar, que desviam muito de tal ordenança nosso desejo e vontade. Porque elRei de Castela vem pera entrar em Portugal, Nun’Alvarez outrossi vem-se a Lixboa, desi o castelo da cidade trabalha-se o Mestre com o pobo de o tomarem, alçam-se vilas contra os alcaldes dos castelos pelo regno, levantam-se uniões dhús contra os outros, fazem-se outras muitas cousas em húa sazom, de guisa que húas torvam as outras a se nom poderem contar nos dias que acontecerom.

E segundo nosso juízo melhor he dizer húas e depois outras, posto que a algús isto nom apraza, que as envurilhar confusamente e serem peores muito de entender. Porém levemos primeiro a Rainha a Santarém e depois falaremos do muito de louvar Nun’Alvarez como se veo a Lixboa pera o Mestre; e desi da tomada do castelo, e assi doutras cousas como as melhor pudermos encaminhar.

Onde entendee que como a Rainha soube que os da cidade tomarom o Mestre por seu regedor e defensor, e que el em suas cartas usava já de tal ditado, que outra nova guerra se gerou nas entranhas dela com mortaes cuidações de lhe empecer. Porém pensando muitas cousas e revolvendo-as no entendimento, cuidou de se partir d'Alanquer e se ir pera Santarém. E porque as gentes desta vila se levantaram ante desto contra o alcaide, quando per seu mandado trouxe o pendom pela vila, segundo ante havees ouvido, e nom era certa se lhe tinham boa vontade, ante dovidava muito por o que assi fezerom, mormente estonce polo levanto de Lixboa, cuidou que era bem de saber per algúa guisa suas vontades deles ante que ao logar chegasse.

Escreveo a Gonçalo Vasquez d'Azevedo que estava em Santarém por alcaide, que falasse com esses bons do logar na melhor maneira que entendesse, e soubesse de suas vontades que taes eram contra ela; e o que em eles achasse, lhe fizesse depois saber segundo visse que compria a seu serviço. Gonçalo Vasquez mandou dizer hũ dia a esses melhores do logar que se juntassem todos²¹ na egreja de Sam Joam d'Alpram por falar com eles algúas cousas. E depois que hi foram juntos chamou-os todos pera hũ gram curral fora da egreja e disse em esta guisa:

— Homens bons, vós sabees bem como eu som vosso vezinho e natural deste regno, e tenho aqui meus bens e casas, tantos e mais que em outra parte, por a qual rezam sempre quige e quero bem a este logar e aos moradores dele. E crede que toda cousa que por vossa honra e acrecentamento podesse fazer que o faria mui de grado. Ora amigos assi he, que eu esta noite jazendo pensando em algúas cousas de minha fazenda, vim a cuidar por vossa honra e minha, e ajuda de todolos moradores deste logar, húa cousa que tal he. E se vos parecer que he bem o que vos eu disser, em²² nome de Deus seja, se doutra guisa entenderdes que he melhor, em qualquer cousa que vos todos acordardes, me acordarei eu convosco; porque de todo bem que a este logar veesse, queria eu ser quinhoeiro, e ainda do contrairo quando mester fizesse. E porém me demovi a vos dizer isto. Vós sabees bem o que aconteceu à Rainha pouco há em Lixboa, e como o Mestre matou o conde Joam Fernandez nos paços hu ela pousava, e já ouviriées todo o que sobr'esto aconteceu, e como se a Rainha partio dhi e se veo pera Alanquer. E de os moradores de Lixboa fazerem isto e outros levantamentos que já fizeram, segundo bem

²¹ todos] todos hũ dia

²² em] *om.*

sabees, nom he maravilha, ca som gentes de muitas misturas e levantam antre si desvairadas opiniões e alvoroços. E porque a Rainha está em Alanquer que he logar em que ela por ora nom está tam honradamente como estaria aqui, parece-me que era bem que lhe enviasses pedir por mercê que se veesse pera esta vila, dizendo que vos parece que nom he sua honra nem proveito estar tam preto de Lixboa em tal logar como aquele; que pera qualquer cousa que seja que mais seguramente estará aqui que onde está. E ela, ora lhe praza ora nom, ter-vo-lo-á em serviço, e vós ficarees por elo louvados. E porque entendi que esto era vossa honra e minha, cuidei de vo-lo dizer, e vós fazees como por bem teverdes.

Entom responderom todos que dezia mui bem e que lhes prazia delo, e que assi lho mandariam dizer per sua carta. E el disse que pois assi era que el seria o messegeiro dela e lhe contaria ainda a boa vontade que em eles sentira, em toda cousa que por sua honra e serviço dela podessem fazer.

Entom se partio Gonçalo Vasquez, dizendo que por isto iria a Alanquer mais cedo do que cuidava. E quando chegou e contou à Rainha a resposta que em eles achara, prôve-lhe muito; e ela mandou-lhes dizer per sua carta que lhes gradecia muito todo o que lhe escreverom e a vontade boa que tinham de lhe fazer serviço; e que os havia por bons e leaes e que fossem certos que lhe faria por elo muitas mercês em qualquer cousa que lhe requeressem.

XXX

Como a Rainha partio d'Alanquer pera Santarém e das razões que disse aos do logar ante que partisse

A Rainha como soube per Gonçalo Vasquez que era estonce alcaide de Santarém que os do logar eram prestes pera seu serviço e que lhes prazia muito de sua ida pera alá, ordenou de se partir d'Alanquer depois da festa do Natal, e leixou por alcaide do castelo Vasco Perez de Camões e por guarda da vila Martim Gonçalvez d'Ataíde. E ante que partisse, mandou chamar os homens bons da vila, e disse-lhe estas palavras:

— Amigos, bem sabees como esta vila he minha, e vós outros todos soes meus, desi vedes bem o alvoroço de Lixboa como se levantaram com o Mestre, que nom sei, disse ela, se he Mestre de trós, se de bombardas. E maravilho-me qual foi a sanha ou sandice que os fez demover a tal cousa. Porém vós nom curees da sandice deles nem do levanto que fezerom, mas sede bons e leaes como sempre fostes e farees muito de vossa prol e honra,

e a mim serviço por que vos sempre farei muitas mercês quando me per vós forem requeridas.

Responderom estonce todos e disserom que a vila e eles todos eram seus e pera seu serviço, e que outra voz nom tomariam salvo a sua, nem fariam outro mandado senom o seu come sua senhora que era. E ela disse que lho gradecia muito e partio estonce pera Santarém. E iam com ela os condes seus irmãos, e o almirante micê Lançarote e Joam Afonso Pimentel e Joam Gonçalvez d'Obidos, e todolos que estavom na Casa do Desembargo de Lixboa, e algús outros cavaleiros e escudeiros, todos porém pouca gente. E quando chegou a Santarém saírom-na a receber esses melhores do lugar, e os judeus com as touras. Ela ia em cima dhúa mua d'albarda, cuberta com hú grande manto preto de maneira que lhe nom parecia o rosto, e assi chegou ao castelo. E Gonçalo Vasquez que era alcaide dele pedio que lhe quitasse a menagem e foi-lhe quite per escritura. E a Rainha ficou apousentada em ele e Gonçalo Vasquez se foi pera suas casas.

O conde dom Joam Afonso foi pousar na alcaceva que era entom bem poborada e cercada sobre si. E nom leixavom sair nem entrar nêhú, senom per recado, velando-se a vila cada noite por temor das gentes de Lixboa que eram contra a Rainha. E o conde dom Gonçalo sabendo como elRei de Castela vinha, e nom sendo certo como se os feitos haviam de seguir, a poucos dias se partio dhi, e se foi pera Coimbra.

Mas ora convém cessar desto por tornarmos a falar de Nun'Alvarez, assi de seu linhagem e criaçom, como da vinda que se veo pera o Mestre a Lixboa.

XXXI

Razões do autor desta obra ante que fale dos feitos de Nun'Alvarez

Escrevendo em este passo, sem costringer nehú que ouça, entendemos ter nos feitos deste homem o modo que têm algús pregadores, que dentro no sermom enxertam a vida daquel de que pregam e na fim dele concludem seu tema. E nós posto que já falassemos algúas cousas deste Nun'Alvarez, seus gloriosos feitos adeante escritos convém que espertem perguntar algús dhu veo seu linhagem, e qual foi seu primeiro começo. Porém cessando hú pouco de prosseguir nossa ordenança, ante que isto em breve ponhamos, per modo de prologo que el bem merece, primeiramente dizemos assi.

Porque a esperiência nos ensina que nom há hi tal que naça sem algúas condições desvairadas, e que nossa natureza nom pode estar em tanto asses-

sego, que algúas vezes nom receba torvaçom, desi porque ter discreto modo nas vãs deleitações he cousa mui forte e grave de fazer; portanto he havudo por bom qualquer que per continuada batalha, vence assi seus naturaes desejos, que nunca em el he achada mingua hu grande logar haja repreensom. E se tal vontade traz consigo honra, este de que falar queremos a merece mui grande, pois per peleja que nunca cessa, nom sem grande força e resistencia subjogou de tal guisa os vicios carnaes, que cheo de fruto de grande proveito, o nom podia nehú prasmarm de mingua algúa que notavel fosse. E podendo nós largamente ordenar seus prudentes feitos, isto seria a nós graciosa renem-brança, e cousa mais doce que ligeira de fazer. Mas quem poderá dignamente contar os louvores deste virtuoso barom, cujas obras e discretos autos sendo todos postos em escrito ocupariam gram parte deste livro?

Certamente a nós fora singular prazer se em sua estoria podéramos seguir a ordenança dos que ditam as cousas em vida daqueles a que acontecem, decendendo a louvar cada húa bondade per si, pois que cada húas virtudes som mercedores de seus pregões. Mas ora depois do seu passamento, mortos os mais dos que lhe foram companheiros, já de seus bons feitos mais gastar nom podemos, senom as escassas reliquias deles.

Assi que ante despenderíamos longo tempo em ler e ouvir suas proveito-sas obras, que breve espaço sermos ocupado em nas recontar e poer em orde-nança, mormente pois fugir nom podemos aos que em reprender tomam deleitação, cujo costume, apropiando sua repreensom a todo proposito e parte que querem, nós cousa algúa dizer nom podemos, que eles nom jul-guem por reppedoira. Porque algús sem limpo desejo, podem dizer que nós o louvamos mais do que seus feitos merecem, mostrando ainda, segundo dissemos, que em²³ este segre nom pode haver tal que de mingua algúa possa carecer, agravando em el algúas leves cousas, com grande encarrego de repreensom.

Ou taes diróm per ventuira que seu louvor he menos do que deve, tendo seus feitos em muito mor conta do que per nós serám recontados, prasmando-nos de ousada presumpçom de querer poer em escrito o que já comprida-mente fazer nom podemos. Outros querrám dar per conto tantas boas cousas feitas per algú de menos autoridade e honra, dando razões pera os igualar a este de mais grande estado.

²³ que em este] que este

Mas ainda que algũs fizessem grandes e famosos feitos cujas bondades nom entendemos d'esquecer, nós porém nom achamos hi tal, que crescendo dhũa virtude em outra per nom cansada firmeza, concorressem em ele tantas bem aventuras. Porém dando logar a estes, cujo officio sempre acha em que obre, pois em vida dele nom foi algũa cousa escrito, nom sem penosos desejos e trabalhosa cuidaçom; nós sob hũa brevidade de curto estilo, entendemos de seguir seus excelentes autos, os quaes ainda que a algũs nom prazam, outros com aguilhões de proveitosa enveja podem espertar a fazer semelhantes.

XXXII

*De que linhagem decendeo este Nun'Alvarez
e quem foi seu padre e madre*

Consirar devemos, quanto à ordem dos mundanaes feitos, que a primeira cousa que he de saber deste homem, assi he começo de seu linhagem. E porém ante que suas bondades comendemos com algũ louvor, vejamos quem foi seu padre e madre e quaes deles decenderom.

Onde assi foi que em Portugal houve hũ bom e grande fidalgo, nobre de linhagem e condiçom, que havia nome dom Gonçalo Pereira. Este era de gram casa e estado, acompanhado de muitos e bons parentes e criados, muito grado e prestador assi aos seus come estrangeiros; em guisa que de sua gradeza se acha escrito, que hũ dia estando em Pereira, deu sessenta cavalos a fidalgos que eram chegados a ele. Seu linhagem dhu antigamente descende, quem largamente o quiser ver, busque o livro dos linhagens dos fidalgos no titulo vinte e hũ, parrafo undecimo, e per ali o pode saber compridamente. Ele houve certos filhos de que dizer nom curamos, salvo dhũ que chamarom dom Gonçalo Pereira como seu padre, que foi arcebispo de Braga e hũ dos grandes prelados que houve em Portugal. Este arcebispo dom Gonçalo Pereira houve hũ filho a que disserom dom frei Alvaro Gonçalvez Pereira, que foi prior do Espital, o qual foi mui honrado, avondoso de riquezas e boas condições. Ele foi fora deste regno ao convento de Rodes, mui grandemente e bem guarnido, assi d'escudeiros come doutra gente; ca el passou àquela terra com vinte e cinco de cavalo, e por galardom de seus bons feitos, lhe proveo o gram-mestre daquela dignidade. Ele fez na Ordem depois que foi prior, muitas boas cousas por acrescentamento dela, antre as quaes foi o castelo da Ameeira que he assaz forte e bem fremoso, e os paços e assentamento de Bom

Jardim a par da Sartãe, que he boa obra e graciosa de ver. E a forte casa de Frol de Rosa que he acerca do Crato, logar defensavel e bem obrado, no qual edificou húa grande e devota egreja à honra de santa Maria. E por²⁴ ser mais honrada ordenou dela nova comenda com abastança de bens que lhe deu, por viver honrado o comendador dela. Este foi privado de três reis de Portugal, *scilicet* delRei dom Afonso e delRei dom Pedro, e delRei dom Fernando, dos quaes foi amado por sua bondade, especialmente delRei dom Fernando.

Aquel priol dom Alvaro Gonçalvez viveo longamente e houve antre filhos e filhas trinta e dous, antre os quaes foi hú dom Pedro Alvarez, que depois de seu padre foi priol do Espital e depois foi mestre de Calatrava em Castela, e este era filho dhúa madre; e Nun'Alvarez que era filho doutra madre que chamavom Eirea Gonçalvez, natural d'Elvas, o qual naceo no mês de junho de trezentos e noventa e oito anos. E esta foi mui nobre dona quanto a Deus e ao mundo, vivendo em grande castidade e abstinencia, fazendo muitas esmolhas e grandes jejuns, nom comendo carne nem bevendo vinho per espaço de quarenta anos.

XXXIII

Como Nun'Alvarez foi tragido à corte delRei dom Fernando e como tomou as primeiras armas de mão da rainha dona Lionor

Este dom Alvaro Gonçalvez Pereira, priol, segundo contam algús em seus livros, como era sisudo e entendido, assi dizem que era astrologo e sabedor. E quando lhe algús filhos naciã, trabalhava-se de ver as nacenças deles, e per sua ciencia entendeo que havia d'haver hú filho, o qual seria sempre vencedor em todolos feitos d'armas em que se acertasse, e que nunca havia de ser vencido. E dizem que sempre em sua vida dom Alvaro Gonçalvez cuidou que esta virtude havia d'haver dom Pedro Alvarez seu filho, que depois de sua morte foi priol, e em tal conta o tinha antre seus irmãos.

Outros escrevem isto per contraio, e desta opiniom nos praz mais, dizendo que em casa deste priol dom Alvaro Gonçalvez, andava hú gram leterado e mui profundo astrologo que chamavom mestre Tomás. E per este contom que soube o priol que hú de seus filhos havia de ser vencedor de batalhas, e que este era Nun'Alvarez Pereira. E mostra-se claramente ser assi,

²⁴ por] po

porque vindo dom frei Alvaro Gonçalves a casa delRei dom Fernando, adreçar seus feitos, pediu por mercê a elRei que tomasse Nun'Alvarez por seu morador, da qual cousa prazendo a elRei, outorgou de o fazer. E o prior se partio pera suas terras, e ordenou de mandar seu filho à corte. E ante que o mandasse, chamou Martim Gonçalves de Carvalhal, tio de Nun'Alvarez, irmão de sua madre, e deu-lhe juramento que húa cousa que lhe descobrir queria que nunca a dissesse ao dito Nun'Alvarez. E prometido per ele de o guardar em segredo, entom lhe disse o priol como queria mandar seu filho à corte, e ele por seu aio pera o ensinar. E que porém lhe rogava que tomasse carregio de o bem criar, que o fazia certo que aquel seu filho havia d'haver tam boas andanças que em todas batalhas que entrasse sempre delas seria vencedor, contanto que se chegasse a Deus em todas suas obras e nehúa cousa fizesse em seu deserviço.

E ordenado assi desta guisa, partio o priol pera a corte, quando elRei dom Fernando houve guerra com elRei dom Henrique; e passou per Santarém e levou certas gentes consigo, e algús de seus filhos com ele, antre os quaes era este Nun'Alvarez, moço de treze anos que ainda nunca tomara armas. E passando as gentes delRei de Castela pera Lixboa, onde já seu senhor estava, mandou o priol a Nun'Alvarez, pero fosse moço, que cavalgasse el e seu irmão Dieg'Alvarez, hú bom cavaleiro da Ordem, com algús de sua casa que mandou ir com eles, por ver que maneira levavom aquelas gentes. E indo eles contra aquela parte per hu deziam que passavom os castelãos, e nom vendo nehús deles, tornarom-se pera a vila. E chegando a par do castelo onde elRei com sua molher estonce pousavom, estando à mesa, mandarom-nos chamar, e preguntando-lhe onde forom, e que acharom lá donde vinham, eles lhe responderom a todo, segundo as perguntas que lhe faziam.

A rainha dona Lionor falando em isto, como era molher mui paçã e de graciosa palavra, disse a elRei, como em sabor, que ela queria tomar Nun'Alvarez por seu escudeiro. E elRei respondeo que era bem feito, e que el tomaria por seu cavaleiro Dieg'Alvarez seu irmão. Entom disse a Rainha contra Nun'Alvarez que ela o queria armar de sua mão come seu escudeiro, e que nom queria que doutras mãos tomasse armas salvo das suas. Nun'Alvarez pero fosse moço, quando esto ouvio, disse que lho tinha em grande mercê, e que prazeria a Deus que ainda lho el serviria com bons merecimentos, e beijou-lhe as mãos por elo.

A Rainha querendo poer em obra esto que assi dissera, mandou buscar hú arnês convinhavel pera Nun'Alvarez, e porque el era de pouca idade, nom lho podiam achar tam pequeno. Entom disserom à Rainha como o Mestre d'Avis

tinha hũ arnês que houvera em sendo moço que seria bom pera Nun'Alvarez, e ela lho mandou pedir. E como lho trouverom, deu-o logo a Nun'Alvarez, e assi tomou ele as armas primeiras da mão da rainha dona Lionor, e ela dhi em deante sempre o chamou por seu escudeiro.

XXXIV

*Como o prior cometeo a seu filho que quisesse casar,
e como em elo consentio e casou com dona Lionor d'Alvim*

Andando assi Nun'Alvarez em casa delRei por morador, sendo de idade pouco mais de dez e seis anos, aveo que viuvou hũa dona d'Antre Doiro e Minho, que havia nome dona Lionor d'Alvim, molher que fora dhũ bom cavaleiro chamado per nome Vasco Gonçalvez de Barroso. Esta dona era bem filha dalgo e comprida de toda bondade, rica assaz de bens deste mundo, assi de móvis como de raiz.

O prior, sabendo parte de sua fama e riqueza, mandou-lhe cometer casamento pera Nun'Alvarez seu filho. E quando Joam Fernandez, comendador de Frol de Rosa, lhe foi cometer este casamento da parte do priol, a dona deu em resposta que o fizessem saber a elRei, e do que a sua mercê sobr'elo mandasse, que ela lhe nom sairia de mandado. Tornou Joam Fernandez com este recado e o priol feze-o saber a elRei, pedindo-lhe por mercê que possesse em elo mão. A elRei prougue delo e mandou-a chamar per sa carta. Em esta sazom que o priol em esto trautava, era Nun'Alvarez em sua casa sem disto saber nehũa parte; e hũ dia chamou seu filho sem estando hi outrem, e disse-lhe em esta guisa:

— Nuno, pero tu sejas moço e de nova idade, parece-me que he bem e serviço de Deus e tua honra que tu hajas de casar. E porque Antre Doiro e Minho há hũa mui nobre dona, manceba e de gram bondade, meu desejo he, se a Deus prouguesse, de tu casares com ela. E porende quero de ti saber que he o que te delo parece.

E nom lhe disse mais.

Nun'Alvarez além de ser a todos mesurado de sua natureza, era-o muito mais a seu padre, e muito mandado e obediente. E quando lhe tal razom ouvio dizer, ficou hũ pouco como torvado. A hũa por a vergonha que de seu padre havia; a outra por lhe falar em feito de casamento, de que sua vontade andava muito afastada, ca el em esta sazom era de pequena idade, e todo seu cuidado nom era, salvo trazer-se bem, si, e os seus; desi cavalgar a monte e

a caça, nom entendendo em amor de nehúa molher, nem tam somente lhe vinha per maginaçom, mas lia ameúde per livros d'estorias, especialmente da estoria de Galaz que fala da Tavola Redonda. E porque em elas achava que per virtude de virgindade Galaz acabara grandes e notavees feitos, que outros acabar nom podiam, desejava muito de o semelhar em algúa guisa. E muitas vezes cuidava em si, de ser virgem se lho Deus guisasse. E portanto era muito afastado do que lhe seu padre falara em feito de casamento; pero por lhe obedecer e dar reposta a sua pergunta, disse-lhe em esta guisa:

— Senhor, vós me falaes em casamento, cousa de que eu nom era avisado. Porém vos peço por mercê que me dees logar pera cuidar em elo, e assi vos poderei responder.

O padre disse que era bem feito, como quer que se maravilhava muito por lhe assi responder, sendo homem tam novo de dias. E falou com sua madre Eirea Gonçalvez todo o que lhe com el aveera, encomendando-lhe que o demovesse que consentisse em tal casamento. Sua madre falou com ele, e nom o podendo reduzir, nem mudar de sua primeira entençom, falarom com Nun'Alvarez, Alvaro Pereira seu primo e Alvaro Gil de Carvalho com que havia grande afeiçom. E per suas aficadas razões, consentio de o fazer, pois a seu padre prazia.

Entanto chegou dona Lionor d'Alvim a Vila Nova da Rainha, onde elRei e sua molher estavom, e bem recebida deles feze-o logo elRei saber ao prior. E el veo com Nuno Alvarez seu filho, e logo como chegarom, o casamento foi feito e Nun'Alvarez recebido com a dona sem mais festa, porquanto era viuva.

Em outro dia partio o prior com seu filho e nora pera as terras da Ordem, a hũ logar que chamom Bom Jardim. E ali conheceo Nun'Alvarez dona Lionor sua molher; à qual com verdade des entom podiam chamar dona, porque posto que ela per tal nome fosse ante nomeada, ela verdadeiramente era donzela, ca o seu primeiro marido nunca dela houve tal conhecimento, o que ela sempre bem encubrio, por sua grande bondade.

XXXV

Como Nun'Alvarez partiu pera sua casa e da maneira do seu viver

Folgo Nun'Alvarez com sua molher em casa de seu padre per algús dias; desi partiu-se e foram-se pera Antre Doiro e Minho, onde ela tinha sua casa de morada, e havia seus herdamentos. E foi ali bem recebido e visitado dos bons da comarca, oferecendo-lhe suas amizades como he de costume.

Nun'Alvarez era de pouca e branda palavra, e seu bom gasalhado e doces rezões contentava muito a todos. Ele era mais monteiro que caçador, como quer que de todo usasse quando compria. Em sua casa havia de cote doze e quinze escudeiros, e vinte e trinta homens de pé, segundo a terra requiere. E estes todos bons e bem homens pera feito, ca el nunca se doutros contentava nem contentou em seus dias.

Nehúa cousa fazia com rancor ou odio, mas por a grande custa que tinha, desi por a terra assi ser azada, às vezes passava além do razoado; como quer que nom tanto que sempre em el nom fosse o temor de Deus, ouvindo suas missas e vivendo bem e honestamente com sua molher, da qual houve três filhos *scilicet* dous que logo morrerom à nacença e húa filha que houve nome dona Beatriz, que depois foi condessa e mui nobre dona como adeante diremos. Em esta sazom a cabo dhús três anos, estando o priol seu padre n'Ameeira, faleceo per morte comprido de longa idade, e foram juntos a seu finamento nove filhos e nove filhas, sendo hū deles Nun'Alvarez. E feitas naquel lugar suas exequias honradamente, dali foi levado à igreja de Frol de Rosa que el edificara.

Estonce foi feito prior dom Pedr'Alvarez seu filho, irmão de Nun'Alvarez, como quer que dom frei Alvaro Gonçalvez Camelo que entom era comendador de Poiares tinha dereito no priorado, mas feze-o fazer elRei dom Fernando. Depois desto, morto elRei dom Henrique, e reinando em Castela dom Joam seu filho, e havendo guerra com elRei dom Fernando, ouvistes como foi chamado Nun'Alvarez pera estar na frontaria com dom Pedr'Alvarez seu irmão, desi como requestava Joam d'Azores filho do mestre de Santiago de Castela. E como esteve com seu irmão sendo fronteiro em Lixboa, e do que lhe hi aveo em húa escaramuça, e que maneira teve por ser com elRei na batalha que houvera d'haver em Elvas; e como depois da morte delRei dom Fernando quisera ser com o Mestre na morte do conde Joam Fernandez, e porque se entom nom azou, se espedio dele e se foi após seu irmão, o qual encalçou no logar de Ponteval.

E pois que já isto tendes ouvido, compre tornar²⁵ a poer em escripto o que lhe aveo em tempo do Mestre, depois que partio da cidade de Lixboa onde leixamos de²⁶ falar de seus feitos.

²⁵ compre tornar] compre a tornar

²⁶ leixamos de falar] leixamos fallar

XXXVI

Como Nun'Alvarez soube que o conde Joam Fernandez era morto e das razões que houve com seu irmão sobr'elo

Assi foi que partido Nuno Alvarez de Lixboa, por se nom azar a morte do conde Joam Fernandez segundo dissemos em seu logar, quando falou com o Mestre sobr'elo, e indo-se pera dom Pedr'Alvarez seu irmão, foi-o encalçar em hū logar que chamam Ponteval, doze legoas da cidade. E estando ali com ele, chegou Gonçalo Tenreiro da parte da Rainha com recado ao priol que todavia fosse em seu serviço, e que ela o acrecentaria, fazendo-lhe muitas mercês, e lhas faria fazer a seu filho elRei de Castela. Deste recado foi Nun'Alvarez e muitos dos outros que com o priol estavom, mal contentes, especialmente Nun'Alvarez a que muito desprougue, em guisa que se nom pôde ter que nom falasse ao priol, dizendo que nom haveria bom conselho dar logar a tal embaxada. E o priol nom curou de seu razoar, nem lhe respondeo nehūa cousa, e partiu-se dali e foi-se a Santarém.

Eles em aquel logar, foi Nun'Alvarez apousentado em Santa Maria de Palhaes. E hū dia à tarde depois de cea, saiu Nuno Alvarez a folgar pela praia afundo, contra a egreja de Santa Eirea. E passando per ante a porta dhū alfageme, vio-lhe ter hūa espada muito limpa e bem corregida, e tomou-a na mão e preguntou-lhe se lhe corregeria assi hūa sua. E el respondeo que si e muito melhor ainda. E Nun'Alvarez fez logo ir por ela e mandou-lha dar que a corregesse.

Em outro dia tornou Nun'Alvarez per ali à tarde e achou-a corregida muito à sua vontade. E tomou-a na mão sendo com ela ledos, e mandou a hū seu homem que lhe pagasse bem seu trabalho. O alfageme respondeo e disse:

— Senhor, eu por ora nom quero de vós nehūa paga, mas irees muito em boa hora e tornarees per aqui conde d'Ourém, e entom me pagarees o que mereço.

— Nom me chamees senhor, disse Nun'Alvarez, ca o nom som, mas todavia quero que vos paguem bem.

— Senhor, disse ele, eu vos digo verdade e assi será cedo, prazendo a Deus.

E assi foi depois como el disse, ca el a pouco tempo tornou per ali conde d'Ourém e lhe pagou bem o corregimento da espada como adeante ouvirees.

Em esto chegarom novas a Santarém como o Mestre matara o conde Joam Fernandez, e que isso mesmo foram mortos o bispo de Lixboa e outros. Nun'Alvarez como isto ouvio, foi-se logo ao prior seu irmão contar-lhe estas novas que assi ouvira, dizendo que esto era obra de Deus, que se queria mem-

brar do regno de Portugal, pois que os da cidade queriam tomar o Mestre por seu regedor e defensor, pera defender o reino a elRei de Castela que era fama que vinha pera entrar em ele. E pois que se tal cousa começava, que lhe pedia por mercê que todavia se tornasse pera o Mestre pera ajudar a defender o reino.

O priol nom curou de quanto lhe sobr'esto falava, dizendo que aquela cousa era perigosa e mui mao começo pera as gentes, e que se seguiria delo gram dano ao regno, e que nom tinha siso o que ia pensar que tal feito havia d'ir adeante como el dezia. Nun'Alvarez disse que aquelo nom era mal, e que o Mestre fizera bem e o que devia, em vingar a desonra delRei seu irmão, e se poer a defender o regno que seus avós com gram trabalho ganharam. E que Portugal sempre fora regno e isento per si, e nom sujeito a Castela, e que ora nom era razom de o ser.

O prior tornou a dizer que tal cousa nom era pera falar em ela, que Portugal nom estava em ponto de se defender delRei de Castela, que era hũ tam poderoso rei, de mais com a mor parte de Portugal que com ele teria polas menagens que lhe haviam feitas segundo nos trautos era conteúdo. Nun'Alvarez respondeo, dizendo que taes menagens nom eram de guardar, pois que elRei quebrava os trautos; e que todos los fidalgos podiam ser em ajuda do Mestre sem nehũ prasma, o qual bem poderia juntar mil homens d'armas, e muitos homens de pé com que lhe poderia poer batalha; e que mais valia poer-se o Mestre em aventura com eles todos e pelejar com elRei de Castela, que ficarem sujeitos de castelãos, e usarem depois deles a seu livre talante.

O prior disse que as cousas nom stavom em tal estado, pera se tal obra poder começar e acabar seguramente, porém que nom falassem mais em tal estoria. Nun'Alvarez vendo que achava o prior muito arredado de sua entençom, falou com Dieg'Alvarez seu irmão que se fossem todavia pera o Mestre. E el outorgou que lhe prazia e ficaram ambos em este acordo.

XXXVII

Como Nun'Alvarez descobrio aos seus que se queria ir a Lixboa pera servir o Mestre

Partio o prior pera suas terras caminho da Golegã, e Nun'Alvarez e Dieg'Alvarez seus irmãos nom foram com ele, e encaminharom pera Lixboa onde o Mestre estava, segundo ante tinham acordado. E sendo já arredados atá três legoas do logar, Dieg'Alvarez se rependeo da partida que fizera, e disse

que se queria tornar pera o prior seu irmão. Nun'Alvarez que o de tal vontade desviar nom pôde, houve-se de espedir dele e veo dormir esse dia a hũa aldea que chamom a Eireira. E ali chamou adeparte seus escudeiros e disse:

— Amigos, eu vos quero contar hũ segredo e grande feito que trago cuidado em meu coração, o qual he este: assi he que eu vejo no meu entendimento hũ poço mui alto e mui profundo cheo de grande escoridõe; e bem me diz a vontade que nom há homem que em ele salte que dele possa escapar, salvo per grande milagre, querendo-o Deus livrar dele por sua mercê. E nom posso com meu coração, se nom todavia que salte em ele. E porque há já dias que vós soes meus companheiros, e eu hei provado vosso bom desejo acerca de meus feitos, porém vos faço saber esta cousa, porquanto eu todavia quero saltar em ele. E aqueles de vós a que prouguer de comigo em el saltarem, ter-lho-ei a grande bem e estremado serviço; os outros a que nom prouguer, podem-se ir pera hu quiserem e fazer de seus corpos o que por mais seu proveito sentirem.

Os escudeiros quando isto ouvirom, ficaram espantados e nom sabiam que dizer. Porém responderom e disserom:

— Nun'Alvarez, vós bem sabees que nós somos vossos e prestes pera vosso serviço, mas esta cousa que nos falaes, he assi escura e tam má de entender, que nehũ de nós sabe que vos responda. Porém vos praza que no-la declarees por sabermos o que he e entom vos daremos reposta segundo que entendermos.

Nun'Alvarez tornou estonce a sua razom e disse:

— Amigos, o poço mui alto e escuro que vejo ante meus olhos he a gram demanda que o Mestre dizem que quer começar por defensom destes regnos contra elRei de Castela. E entendo que quem com ele em ela entrar que lhe será grave e mui perigoso, nem he ainda de cuidar que dela escape, salvo per graça de Deus. E porque minha tençom he de me ir per'ele e o servir em ela, porém vos dixee se vos prazia de serdes em elo meus companheiros.

Eles responderom estonce dizendo:

— Nun'Alvarez, nós somos vossos e pera vosso serviço; e somos prestes pera vos acompanhar em esta demanda que seguir querees, e em qualquer outra cousa que vós sintaes por vossa honra e proveito, posto que gram perigo seja até despendermos os corpos e as vidas por vosso serviço.

Nun'Alvarez lho agradeceo per boas palavras, dizendo que el era prestes pera lho galardoar em toda cousa que de sua honra e proveito fosse, come bons criados e amigos.

XXXVIII

Como Nun'Alvarez chegou a Lixboa e das razões que disse ao Mestre

Nun'Alvarez em outro dia seguiu seu caminho, estando entom a Rainha em Alanquer, e com ela os condes seus irmãos, e outros muitos como disse-mos. E quando chegou a Alverca, determinou de dormir ali. A Rainha soube como se el ia caminho de Lixboa pera o Mestre e quisera mandar a el certas gentes que o prendessem, dizendo contra aqueles que eram presentes:

— Vistes tal sandice de Nuno que eu criei tamanino, que leixou o prior seu irmão com que ia e agora vai-se a Lixboa pera o Mestre?

— Senhora, disserom algús que hi estavom que queriam bem a Nun'Alvarez, nom havees por que o mandar prender, posto que el vá pera Lixboa, pois nom sabees a entençom que leva; ca per ventuira el vai com tal vontade e desejo, que de lá vos poderá tam bem e melhor servir, que se vir aqui pera vós.

Nun'Alvarez foi sabedor desto aquela noite que dormio na Alverca, e temendo-se muito de o a Rainha mandar prender ao caminho, falou com seus escudeiros, percebendo-os que se tal cousa aveesse que todavia ante se leixassem morrer que haverem de ser presos. E toda aquela noite nunca foram desarmados, nem as bestas desseladas. Em outro dia chegou Nun'Alvarez a Lixboa, e foi logo falar ao Mestre que o mui bem recebeo, dizendo que de sua vinda lhe prazia muito, e que dias havia que o desejava de ver. Os da cidade isso mesmo foram mui ledos com ele e o receberam todos mui bem.

E depois de dous dias que Nun'Alvarez chegou a Lixboa, foi-se ao paço do Mestre, e falou-lhe em esta guisa:

— Senhor, grandes dias há que eu muito desejei e desejo de vos servir, e nom foi minha ventuira de o até este tempo poder fazer. E porque ora vós soes em tal ponto e estado que cuido que poderei cobrar o que tanto desejava, eu vos ofereço mim e meu prove serviço com mui boa vontade, e vos peço por mercê que daqui em diante me hajaes por todo vosso quite, servindo-vos de mim em todalas cousas, come d'homem que pera elo serei mui prestes.

O Mestre lhe agradeceo muito sua boa vontade, porque dias havia que o conhecia por bom, recebendo-o por seu como el disse. E feze-o do conselho com os outros que em el estavom, e dhi em diante nom fazia cousa de que el parte nom soubesse.

XXXIX

Como sua madre de Nun'Alvarez vinha pera torvar seu filho do serviço do Mestre e do que sobr'elo aveo

Eirea Gonçalves madre de Nun'Alvarez estava a este tempo na vila de Portalegre que som quatro legoas do Crato, onde o prior com seus irmãos haviam estonce chegado.

E quando soube que seu filho Nun'Alvarez nom tornara com eles, veo-se logo ali a pressa, preguntando que era de Nun'Alvarez seu filho. O prior disse que ficava em Santarém, e que esperava cada dia por ele. E ela respondeo que bem parecia que curava pouco de seu irmão, e que nunca lhe bem quisera, e que agora o mostrava per obra, pois que vindo em sua companhia, nom fezera conta de o trazer consigo. E partio logo caminho de Lixboa onde soube que Nun'Alvarez estava. E falando com ele disse quanto lhe parecia grave cousa e mui perigosa aquelo que fazer queria, em se chegar a servir o Mestre, e lhe ajudar a defender o regno contra toda Castela, e contra a mor parte de Portugal, mostrando-lhe muitas e vivas razões, que a entençom que tomava, nom podia ir adeante, nem podia per ela crecer em bem nem em honra.

Nun'Alvarez firme em seu proposito, dava-lhe outras contrairas razões a desfazer quanto ela dezia, de guisa que tanto razoarem sobr'elo, que onde ela vinha pera reduzir seu filho pera serviço delRei de Castela, Nun'Alvarez reduse estonce ela pera encaminhar serviço do Mestre.

E sendo ambos d'acordo que era bem o que lhe ele dezia, tornou ela dizer a Nun'Alvarez:

— Filho, eu vos rogo e vos encomendo por a minha bençom que pois vós escolhestes o Mestre pera o servir e ficar com ele, que vós o servaes sempre bem e verdadeiramente, e vos nom partaes dele em nehũa guisa por cousa que avir possa. E eu farei logo pera vós vir Fernam Pereira vosso irmão, que seja vosso companheiro em seu serviço.

E el disse que assi o faria.

O Mestre sabendo como ela era na cidade, e como vinha pera demover seu filho da vontade que tinha pera o servir, foi-a ver às casas onde pousava. E contou-lhe como sua tençom era de se despoer a defender o regno, e que entendia que ela nom veera ali, salvo por demover seu filho da vontade que tinha pera o servir; e que porém lhe rogava que de tal cousa se nom quisesse tremeter nem o torvasse, que esto a que se el queria poer, era serviço de Deus e honra do reino; e que esperava em Deus que ele lhe encaminharia tam bem seus feitos, que seu filho sairia deles com grande acrecentamento de sua honra.

E falando ambos em esto, ela lhe respondeo quanto lhe prazia seu filho ficar com ele pera o servir, e que assi lho tinha mandado por a sua bençom.

Entom se partiu ela pera dhu veera, e falou com seu filho Fernam Pereira e encaminhou de tal guisa com ele que se partiu logo com sua gente e se foi a Lixboa pera o Mestre.

XL

Como o Mestre falou com os de seu conselho sobre sua ficada ou partida do regno

Tornando a falar dos feitos do Mestre, de que cessamos por levar a Rainha a Santarém e trager Nuno Alvarez a seu serviço, foi assi que nesta sazom que Nun'Alvarez veo pera ele, era o Mestre posto em gram cuidado, e desvairados pensamentos.

Porque algús de seu conselho lhe deziã que nom aguardasse elRei de Castela com seu gram poder no reino, mas que se fosse pera Ingraterra, esperando muitas razões por que o devia de fazer, e assinando certos proveitos e seguranças que se delo seguiã, dizendo antre as outras cousas que per azo de tal partida el poderia aló haver tanta ajuda de gentes, per que depois poderia tornar ao reino e o cobrar com muita sua honra, sem perda das gentes e dano da terra. Outros eram de todo contra esta opiniom, desfazendo os ditos de taes com outras contrairas razões, assi como Nun'Alvarez e Rui Pereira e Alvaro Vasquez de Goes e o doutor Joam das Regras, e Alvaro Paez, e o doutor Martim Afonso, dizendo que a partida do Mestre nom era boa nem serviço de Deus, nem seu, porque indo-se el fora da terra, ficava o regno deseparado e sem defensor. E entanto cobraria elRei de Castela a cidade, e os outros logares que lhe revelavom, e dá-los-ia a taes pessoas, e afortelezaria de tal guisa que se nom poderiam²⁷ depois cobrar, senom com grande afam e espargimento de sangue. E que porém lhe pediam por mercê que assegesse no regno e se nom partisse dele; que Deus que pera esto o chamara e escolhera, encaminharia seus feitos com grande acrecentamento de sua honra e estado.

O Mestre ouvia as razões de hús e dos outros, e pero que aqueles que o aconselhavom que se partisse do regno assinassem certas e notavees razões

²⁷ poderiam] poderia

por que o devia de fazer, seu grande coração desejador de cavaleirosos feitos o fazia enclinar a todavia ficar em ele, e se poer a qualquer ventuira por defensom da terra.

Mas desta tençom o torvavom muito os que lhe conselhavom o contrairo, em guisa que o faziam duvidar. E hũ dia depois de comer, o Mestre mandou chamar os de seu conselho e Nun'Alvarez com eles; e como todos foram juntos, o Mestre propôs ante eles dizendo em esta guisa:

— Amigos, vós vedes bem o grande perigo em que este regno está, e como partindo-me eu dele segundo algũs de vós outros dizem, ele seria de todo perdido e sojeito a elRei de Castela, de guisa que taes hi há, que dizem que melhor era por defensom da terra morrer honradamente que cair em servidom de seus ímigos. E de mim vos digo que eu tal tençom tenho e som desposto pera ficar em ela, e nom me partir per nehũa maneira, se o vós outros assi acordardes.

Os do conselho que eram deste bando, disserom que o Mestre dezia mui bem, e foram mui ledos com suas razões, pedindo-lhe por mercê que assi o fizesse, e nom curasse doutro conselho. E que eles e todolos outros o serviriam bem e lealmente, e que esperavom no poderoso Deus, que ele trageria seus feitos a tam boa fim que seria muito com sua honra, e de todo o regno.

E depois de grandes razoados que sobr'esto houveram falado, forom todos d'acordo que o Mestre ficasse no regno e nom se partisse dele e começaram de falar em outras cousas e na tomada do castelo.

XLI

Como o Mestre quisera combater o castelo de Lixboa e como o tomou sem combato

Acabado esto que havees ouvido, disse o Mestre que hũ dos empachos que tinha neste feito era o castelo da cidade que estava contra ele por parte da Rainha, o qual compria muito de ser filhado, por a cidade nom receber dano per ele dalgũas gentes se vinr quisessem contr'ela.

Nun'Alvarez e os outros do conselho disserom que o nom temesse²⁸ nem se anojasse por elo, que Deus que lhe dera a cidade, lhe daria o castelo. Ora assi aveo que pensando a Rainha nas cousas trespassadas, era seu coração

²⁸ temesse] teuesse

ameúde cercado de gastosos pensamentos, e receando o que se depois seguio, estando²⁹ estonce em Alanquer, falou com o conde dom Joam Afonso seu irmão, que era alcaide de Lixboa, e tinha em ela muitos e bons vassallos, que lhe enviasse dizer que se lançassem no castelo com seus escudeiros, por segurança de qualquer cousa que avinr podesse. Outorgado pelo conde que esto era bem feito, falou com Afons'Eanes Nogueira que aló estava, que era hū deles, que se veesse à cidade, e falasse com aqueles que seus eram, que o fezessem assi. Afons'Eanes chegou a Lixboa, e todos aqueles com que havia de falar, eram já do Mestre decipulos escondidos, tendo outra crença mui contraira da primeira, sendo já da sua parte contra a Rainha.

E quando falou com Estevam Vasquez Filipe, desi com Afonso Furtado, e com Antom Vasquez e outros bons da cidade, e os achou mudados do que cuidou que tinha em eles, nom o quis dizer a mais. E foi-se pera sua pousada e corregeo-se o melhor que pôde, e lançou-se no castelo pela porta da treição com hūs dez ou doze escudeiros.

E em se lançando assi, naceo hūa voz pela cidade, dizendo, «Treição, treição! Acorree ao Mestre que querem matar!»

As gentes como esto ouvirom, foi grande alvoroço em eles, e começaram de se armar e correr a pressa contra o castelo, porquanto o Mestre fora pousar nos paços do bispo, que som acerca dele, como ordenou de o tomar. E vendo os que alá iam que nom era nada do que lhe disserom, tornavom-se mui sanhudos, razoando muitas palavras d'ameaça contra quaesquer que se tal cousa tremeterom de fazer.

Martim Afonso Valente, hū dos honrados da cidade, que era alcaide do castelo por o conde dom Joam Afonso irmão da Rainha, foi requerido que o desse ao Mestre, e nom consentisse que per ele veesse mal à cidade e a todo o reino, pois que português verdadeiro era, dizendo-lhe muitas razões por que o devia de fazer. Martim Afonso se escusava delo dizendo que o nom faria per nehūa guisa, por dele ter feita menagem, e cair em mao caso, com grande seu doesto, e de todos os que del decendessem.

O Mestre ordenou entom de o³⁰ combater, e mandou fazer hū arteficio de madeira que chamam gata, que como hūa baixa cava que estonce o castelo tinha fosse chea podesse ir per cima juntar com ele e de sô ela podessem³¹

²⁹ estando] *om.*

³⁰ o] os

³¹ podessem] podesse

ir picar o muro e entrar dentro. E deziã os de fora aos do castelo que o dessem ao Mestre seu senhor, senom que juravom a Deus que poeriam em cima da gata Costança Afonso, madre d'Afons'Eanes Nogueira e irmã da molher de Martim Afonso, alcaide do castelo. E isso mesmo as molheres e filhos de quantos dentro eram, e que entom lançassem de cima fogo e pedras em quaes deles quisessem. Algũs de dentro receando esto, deziã ao alcaide que ante se sairiam fora, e nom ajudariam a defender o castelo, que terem azo de matar as molheres e os filhos da guisa que lho deziã.

Em esto ante que a gata fosse feita, nem a cava chea pera ir per cima, disse Nun'Alvarez ao Mestre que el queria ir falar com Martim Afonso Valente, e com Afons'Eanes Nogueira sobre feito do castelo, e que entendia que lho dariã. O Mestre disse que lhe prazia, e foi Nun'Alvarez ao castelo e disse a Martim Afonso muitas razões por que o devia de dar ao Mestre, dizendo que nom compria que per seu azo se perdesse a cidade, e o regno fosse posto em aventura, a qual cousa pois verdadeiro português era, nom lho devia consentir o coração. E fazendo-o doutro geito que todo o mundo lho teria a mal, e merecia de o apedrarẽm todalas gentes da cidade por elo.

Com estas e outras razões que lhe Nun'Alvarez disse, desi vendo Martim Afonso todo o pobo da cidade alvoraçado contra si por tomarem o castelo e o combato que lhe queriam dar; e como os que estavom com ele deziã que se os daquela guisa combatessem que eles nom haviam de matar as molheres e os filhos por lho ajudar a defender, entendeo que nom havia poder de se ter muito tempo. E estonce disse Martim Afonso a Nun'Alvarez que bem lhe prazia de dar o castelo ao Mestre, mas que o faria primeiro saber à Rainha, e ao conde dom Joam Afonso, a que dele tinha feita menagem.

Nun'Alvarez disse que logo ficasse determinado até qual dia se sofreriam de o combater e que lhe desse segurança d'arrefẽs por elo, nom sendo acorrido àquela sazom. Entom se preitejou Martim Afonso que nom lhe vindo acorro até corenta horas que o castelo fosse entregue ao Mestre sem outra contenda. E foi posto em arrefẽs em poder de Nun'Alvarez, Afons'Eanes Nogueira e trouve-o consigo pera sua pousada.

Os da cidade como souberom que o castelo era preitejado, corriã todos pera alá com armas; e toda aquela noite foi posta grande guarda em ele, dormindo arredor do monte com muitas candeas acesas velando com grande cuidado, pera embargar qualquer ajuda, se acontecesse de vinr ao alcaide. Martim Afonso mandou a pressa hũ escudeiro a Alanquer, fazendo saber ao conde em que ponto era com os da cidade, e como o queriam combater e de que guisa. E quando lhe contou como os da cidade deziã que lhe poeriam

as molheres e os filhos a todos em cima da gata, e que matassem quaes deles quisessem, começou o conde de sorrir e disse:

— Em verdade bom bioco era esse que vos eles póinham por lhe haverdes de dar o castelo; dizee que houvestes vontade de lho dar e dest’o-lho; parece que fostes taes com esse medo que vos poserom por vos espantar, como a raposa que estava ao pé da arvor e ameaçava com o rabo o corvo que estava em cima com o queijo no bico por lho haver de leixar. E vós outros taes fostes, tomastes medo vão de que nom houverees de tomar e por terdes azo de lho dar mais cedo, fostes-lo aprazar a certas horas por nom poder ser acorrido. Eu gentes nom tenho aqui tantas com que lhe possa accorrer, e ainda que as tevesse, o prazo he tam pequeno que somente pera ferrar nom haveria hi espaço. O escudeiro respondeo que Martim Afonso nom podera maior tempo haver, e que ainda aquele lhe derom de mui má mente.

Falou estonce o conde à Rainha e contou-lhe o geito que os da cidade queriam ter em no combater, e ela disse que pois assi era, que lhe mandasse dizer que lho entregasse, ca quem depois houvesse a cidade, haveria o castelo. Tornou-se o escudeiro com este recado, e passado o prazo, foi entregue o castelo ao Mestre trinta dias do mês de dezembro, e foi pousar em ele, e mandou-o devassar e tirar as portas da parte da cidade per conselho de todo o pobo.

Martim Afonso como deu o castelo ao Mestre, veo-se pera sua mercê com os que dentro eram, e el e Afons’Eanes e os outros todos o serviram depois³² sempre bem e lealmente.

XLII

Como foi tomado o castelo de Beja e morto o almirante micê Lançarote

A Rainha ante desto como o conde Joam Fernandez foi morto e o levanto de Lixboa feito, havia mandado pelo regno suas cartas, assi aos alcaides dos castelos como aos homens bons das vilas e cidades, fazendo-lhe queixume do que havia acontecido e a maneira que haviam de ter, em tomar voz por sua filha. E isso mesmo escreveo a elRei de Castela que se trabalhasse de vinr a pressa ao reino, o qual nesta sazom já era na Guarda, segundo adeante poderees ver. Assi que por azo de sua vinda como por

³² serviram depois sempre] seruiram sempre

todos os mais do regno serem da parte da Rainha, foi alçada voz e pendom por sua filha da guisa que lhe escreveo em suas cartas. Mas este tomar de voz e alçamento de pendom, com tal titulo como se apregoava, era grave cousa d'ouvir à gente pequena dos logares. E nom podendo contradizer às grandes pessoas, gastavam-se em si mesmos consentindo com medo e temor o³³ que contradizer nom podiam.

Assi como aconteceu em Estremoz que Joane Mendez de Vasconcelos, primo da rainha dona Lionor que àquel tempo tinha o castelo, quando mandou levantar voz com pendom por a rainha dona Beatriz, e o trouverom pela vila, Lopo Afonso e Lourenço Diaz com algús outros do logar, porque virom que o outro pobo era posto em torvaçom e mal contente de tal feito, logo disserom que mester havia na praça cepo e çator³⁴ pera decepar os que contradissem o que eles faziam. E durando esta devisom nos corações dhús e dos outros, foi sabudo pelo reino, como o Mestre tomara carrego de se chamar regedor e defensor dos regnos e como tomara o castelo de Lixboa e o tinha em seu poder. E a³⁵ algús do regno que disto souberom parte prougue muito, especialmente aos pobos meúdos; a outros er que eram da parte da Rainha pesava assaz, posto que entendessem que todo era vaidade.

Ora assi aveo que em Beja estava por alcaide Gonçalo Vasquez de Melo e tinha o castelo e voz por a Rainha. Em esto escreveo outra vez a Rainha suas cartas ao concelho de Beja que tevessem todavia voz por ela. E que se elRei de Castela acontecesse de vir per hi, que o colhessem na vila sem nehú receo e temor, ca ele os defenderia de quem quer que lhe nojo quisesse fazer, e lhe faria por elo muitas mercês.

As cartas recebidas pelos principaes do logar, mandarom deitar pregom pela vila, que todos em outro dia fossem ouvir recado de cartas que sua senhora a Rainha mandara.

No dia seguinte juntarom-se Estevam Mafaldo, e Joam Afonso Neto, e mestre Joane, e Rui Paez Çacoto, e Mend'Afonso, e outros honrados do logar, e apartarom-se todos à porta pequena de Santa Maria da Feira, e começaram de ver aquelo que lhe a Rainha escrevera.

O pobo era muito que estava pelo adro, aguardando que lhe dissessem que novas eram aquelas que a Rainha mandava dizer. E trigando-se as vont-

³³ o] a

³⁴ *carrasco* (*sector, oris* — *o que corta*)

³⁵ E a algús] E alguús

des de todos, disse hū que chamavom Gonçalo Ovelheiro contra os outros:

— Nom está ora aqui nehū que vá saber que cartas som estas, ou que recado he este que a Rainha manda?

Falou estonce hū bom escudeiro que chamavom Gonçalo Nunez d’Alvelos que nom era dos grandes nem dos mais pequenos e disse contra Vasco Rodriguez Carvalhal:

— Queres-me tu ajudar, e iremos saber que cartas som estas?

E el disse que lhe prazia. Entom se juntarom com eles até hūs trinta e chegarom contra onde estavom aqueles mais honrados e falou Gonçalo Nunez e disse:

— Que cartas som estas que vós assi ledes de que nós nom sabemos parte? Per ventuira esta vila há-se de manter e defender per quatro ou cinco que vós aqui soes? Certamente nom, mas per nós outros que aqui moramos.

Disse entom Estevam Mafaldo:

— Que uniom he essa com que vós assi vindes?

Respondeo Gonçalo Nunez dizendo:

— Isto nom he uniom mas queremos saber que cartas som estas.

Falou estonce Mend’Afonso, e disse que el preguntava bem e era razom que as vissem. Entom se meterom todos no paço do concelho, e parte dos outros com eles, e leúdas as cartas deram-nas a hū tabaliam que as publicasse aos de fora. E ele saiu a eles e disse:

— Amigos, o feito he este, eu nom hei pera que me mais deter em ler o que aqui vem. A conclusom he esta: se queeres ter ante com a Rainha, ou com o Mestre?

E eles responderom todos a hūa voz, dizendo: «Com o Mestre, com o Mestre!» Esses maioraes quando isto ouvirom, partirom-se logo cada hū pera suas pousadas, e nom ousavom de parecer.

Eles em isto sem mais tardança, virom parecer gentes d’armas no castelo. Entom começaram todos de bradar: «Alça-se o castelo, alça-se o castelo!» Gonçalo Nunez cavalgou a pressa, e os outros todos se foram armar e começaram logo de o combater.

O alcaide quando isto vio, pôs fogo a duas torres em que estava muito almazém, pera os da vila se nom prestarem dele, acontecendo de ser tomado. E os de dentro defendendo-se rijamente e ferindo algūs de fora, poserom os da vila fogo às portas do castelo. E como foram ardidias, entrarom dentro hūa quarta-feira a horas de comer e tomarom o alcaide e poserom-no em salvo algūs que lhe bem queriam.

Gonçalo Nunez e Vasco Rodriguez tomarom logo o castelo e alçarom voz por o Mestre roldando e velando a vila às portas fechadas em nome dele.

E velando-se assi a dita vila depois desto per algús dias, chegou ao serão em cima dhúa egoa hũ homem do campo d'Ourique, e falou aos da vela, dizendo que dissessem ao que tinha carrego de reger a vila que aquela tarde chegara micê Lançarote a hũ logar que chamam os Colos, que som dali nove legoas. E que se ia a Odemira que he no regno do Algarve, pera se alçar com ele, e tomar voz por elRei de Castela.

Gonçalo Nunez como esto soube, levou consigo cinquenta de cavalo, e cento antre besteiros e homens de pé, e andarom toda a noite em guisa que chegarom aló ante manhã. O almirante tinha já selado pera cavalgar el e os seus, e assi armados como estavom, forom todos presos, e mouros e mouras e azemelas, com quanto haver levavam. E aos seus tomarom as armas e bestas e leixarom-nos ir. E o almirante veo pera a vila em cima dhúa mula.

Ele no logar, poserom-no na torre da menagem, dizendo ele aficadamente a todos:

— Amigos, mandae-me a meu senhor o Mestre bem preso e arrecadado, e nom me queiraes matar sem por quê.

E eles deziã que nom houvesse medo. E enquanto Gonçalo Nunez foi levar ao Mestre todo quanto lhe haviam tomado, receando os da vila que se levantasse o almirante com o castelo, forom-se hũ dia todos alá e disserom a Vasco Rodriguez que o lançasse fora. E el receando-se deles, foi-se pera sua casa e leixou-o na torre. O almirante quando esto vio, começou de se defender o melhor que pôde. E eles bradando que decesse afundo e nom houvesse medo, houve-o de fazer. E cuidando de achar em eles piedade e compaixom, matarom-no de má e desonrada morte, e assi acabou seus pustumeiros dias.

XLIII

Como o castelo de Portalegre e o d'Estremoz forom tomados

Desta guisa que havees ouvido, se levantarom os pobos em outros logares sendo grande cisma e divisom antre os grandes e os pequenos.

O qual ajuntamento dos pequenos pobos, que se estonce assi juntava, chamavom naquel tempo arraia meúda. Os grandes à primeira escarnecendo dos pequenos, chamavom-lhe pobo do mexias de Lixboa, que cuidavom que os havia de remir da sojeiçom delRei de Castela.

E os pequenos aos grandes depois que cobrarom coração, e se juntavom todos em hũ, chamavom-lhe treedores cismaticos, que tinham da parte dos castelãos, por darem o regno a cujo nom era. E nêhũ, por grande que fosse,

era ousado de contradizer a esto, nem falar por si nêhúa cousa, porque sabia que como falasse, morte má tinha logo prestes sem lhe nehú poder ser bom. Era maravilha de ver, que tanto esforço dava Deus neles, e tanta covardice nos outros, que os castelos que os antigos reis per longos tempos jazendo sobr'eles com força d'armas nom podiam tomar, os pobos meúdos mal armados e sem capitam, com os ventres ao sol, ante de meo-dia os filhavom por força.

Antre os quaes foi hũ castelo de Portalegre de que era alcaide dom Pedr'Alvarez prior do Espital, e de sua mão tinha voz por a Rainha, assi como os outros; que se juntarom os da vila hũa quinta-feira pela manhã e começaram de o combater, e ante de meo-dia com a ajuda de Deus, foi filhado.

Semelhavelmente os da vila d'Estremoz postos em grande alvoroço, cometerom ao alcaide que leixassem o castelo, e se veessem pera a vila, que doutra guisa nom seriam del seguros. Joane Mendez disse que o nom faria por cousa que fosse, ca de o fazer lhe vinha gram desonra e prasmo. Vendo eles sua reposta, determinarom de o combater, e tomarom hũ carro, e poserom-no na praça, e ordenarom de poer nele as molheres e filhos dos que dentro estavom com o alcaide, que eram todos naturaes do logar.

E os de dentro quando esto virom, disserom a Joane Mendez que leixasse o castelo aos da vila que doutra guisa nom no³⁶ entendiam d'ajudar. Vendo-se ele em tal apertada, mandou dizer aos de fora que lhe enviassem pessoa segura com que falasse, e acordar-se-ia com eles. Mandarom estonce frei Lourenço, guardiam de sam Francisco, e outros com ele que fossem ao castelo. E Joane Mendez propôs muitas razões, a se escusar de nom ter com Castela, mas ser verdadeiro português como eles. Mas suas falas nom prestando nada, foi determinado que todavia leixasse o castelo e fosse entregue a hũ dos da vila que o tevesse.

Outorgou o alcaide que lhe prazia, porque nom pôde mais fazer; foi entregue a hũ escudeiro que chamavom Martim Perez, e o alcaide foi logo fora do castelo, e depois se foi pera Moura que tinha Alvaro Gonçalvez por elRei de Castela. E os do concelho mandarom tirar as portas da torre e as do castelo contra a vila, e derribar o peitoril e ameas daquela parte. E dhi em deante foi o castelo velado e roldado por o Mestre, e posto em poder do pobo meúdo.

E nom somente os homens como dito he, mas as molheres antre si tinham bando polo Mestre, contra qualquer que da sua parte nom era. Em guisa que hũ dia se levantarom Mor Lourenço e Margarida Anes adela, e outras molheres

³⁶ no] nos

em razões contra Maria Estevenz madre de Nuno Rodriguez de Vasconcelos, dizendo que seu filho dissera mal do Mestre, e que era castelão. E elas per si o matarom, e foram-no lançar do muro afundo.

XLIV

Como o alcaide d'Evora quisera ter voz por a Rainha e foi tomado o castelo pelos da cidade

Ouvindo esto que acontecia em algús logares, Alvoro Mendez d'Oliveira, alcaide-mor da cidade d'Evora, que entom tinha o castelo por a Rainha, e vendo que semelhavel caso do que acontecia aos outros podia acontecer a ele, e que nom tinha outras gentes consigo com que o defender podesse, salvo algús seus criados, assi come Gonçalo Eanes Melom e Martim Bravo, e Rui Gil e outros até sete ou oito per todos, mandou hũ dia chamar Martim Afonso Arnalho mercador que era entom juiz, e sia casado com hũa donzela da rainha dona Lionor, e Gonçalo Lourenço alcaide pequeno, e Vasco Martinz Porrado escrivam da camara do concelho e Rui Gonçalvez midideiro e Martim Velho, e Alvoro Vasquez mercador e outros honrados do logar. E indo todos a seu chamado, ele lhe propôs tantas e taes razões por parte da Rainha, que el queria ter, que todos outorgarom de se virem per ele e lho ajudarem a defender. E como se todos lançarom dentro, e foi sabudo pela cidade, logo em esse dia Diego Lopez Lobo, e Fernam Gonçalvez d'Arca, e Joam Fernandez seu filho, que eram hús dos grandes que hi havia, com todo o pobo da cidade, se levantarom contra eles, e foram combater o castelo, sobindo em cima da Sé, e isso mesmo do açougue, que som logares altos dhu lhe podiam empecer as bestas. E dali tiravom muitos viratões aos que estavom no castelo, o qual era mui forte de torres e muro e cerco de cava e mui mao de tomar sem gram trabalho.

E por os fazerem render mais asinha, tomarom as molheres e os filhos dos que dentro eram pera o defender, e poserom-nos em cima de senhos carros, todos amarrados em eles, que era hũ jogo que os pobos meúdos em semelhante caso muito costumavom entom de fazer. E chegarom assi à porta do castelo bradando aos de cima que saíssem fora, e o desemparassem logo, se nom que as molheres e filhos lhe queimariam todos, em vista e presença deles. E em dizendo esto, começaram de poer fogo às portas com grande alvoroço e arroído de muita gente. O alcaide quando isto vio, falou com aqueles que eram dentro com ele, e receando-se de cair na destemperada sanha daquel

pobo, acordaram de lhe dar o castelo ante que se mais fizesse. E foi a preiteisia que os leixassem sair fora do castelo e da cidade em salvo e com sua honra, e que lho leixariam desembargadamente. E depois que os segurarom com esta condiçom, foram lançados fora per a porta da treição, tendo çarradas todas as portas da cidade, receando-se que os nom fossem roubar o pobo meúdo depois que saíssem.

O castelo era bem forte e certo he que nom fora tomado tam a pressa, da guisa que o foi, se nom fora aquel modo que tiverom em poer as molheres e filhos dos que dentro eram em cima daqueles carros. E como foi tomado, logo foi roubado de quanto hi acharom, e derribado per muitas partes, e posto fogo dentro em ele, de guisa que queimadas casas e quanto em el havia, ficou devasso come pardieiro, sem parte defensavel que em el houvesse.

A porta da treição foi logo quebrantada, que nehú nom podia entrar nem sair dentro no castelo. E o alcaide se foi pera Fernam Gonçalvez de Sousa, que estava em Portel, e tinha voz por Castela. E dos outros algús se foram pera Pero Rodriguez da Fonseca que era alcaide de Olivença, e deles pera Pae Rodriguez alcaide de Campo Maior, que tinham ambos voz por elRei de Castela. E foi a tomada deste castelo aos dous dias do mês de janeiro da sobredita era de quatrocentos e vinte e dous anos.

E como esta cousa assi foi feita, escreverom logo a pressa ao Mestre toda a maneira que em elo tiverom. E el trigosamente mandou suas cartas aos principaes que em tal feito foram, e a Martim Gil Pestana que era alferez da cidade, dizendo que vira a carta do concelho da obra muito de louvar que todos haviam feita por serviço de Deus e honra do reino e de sua pessoa; por a qual razom era teúdo de acrescentar em eles, fazendo-lhe muitas mercês como a bons e leaes servidores; e que esperava em Deus que fora começo de taes feitos que seria bom meo e fim deles.

E que porém lhe rogava como verdadeiros naturaes do regno, que em todo trabalhassem e tevessem tam boa maneira que a el nem a eles podesse vinr nehú dano.

XLV

Como os da cidade se levantaram contr'a abadessa e do geito que tiverom em na matar

Tomado o castelo da guisa que dissemos, ficou o pobo da cidade cheo de grande alvoroço, fora de todo bom costume. Começaram de se mover

per brava sanha, multiplicando novos queixumes contra quem lhe nom havia feito erro; usavom de seu livre poder, desdenhando quem à primeira tomavom por capitães, assi como Diego Lopez Lobo, e Fernam Gonçalvez, e outros grandes do logar. E poendo sospeita sobre eles, disserom que se amavom serviço do Mestre e eram da sua parte que se fossem a Lixboa pera o servir e ajudar a defender o regno. Eles vendo que lhe nom compria contender sobr'esto, fezerom-no assi, e veerom-se pera o Mestre.

Os maioraes daqueste alvoroço eram Gonçal'Eanes cabreiro, e Vicent'Eanes alfaiate, e seguindo seus feitos como lhes dava a vontade, tragiam por apelido: «Abite, abite, aqui dos d'abite». Como algús deles deziam «Vamos a foão, matá-lo, e roubemo-lo», logo assi era feito, sem lhe valer nehú dos grandes da cidade posto que se por el quisesse poer.

Ora aveo que nesta sazom estavom as freiras e a abadessa de sam Bento, dhú moesteiro nom longe desse logar, dentro na cidade em húas suas casas que som no muro quebrado, com receo e temor da guerra que se já estonce começava descubertamente. E andando o pobo em este alvoroço, sem outra ocupaçom em que despendessem tempo, naceo húa voz segundo algús recontam, dizendo que Gonçal'Eanes cabreiro, hú dos capitães daquela uniom, falou contra aquel pobo e disse:

— Vamos matar a aleivosa da abadessa, que he parenta da Rainha e sua criada.

Outros dizem doutra maneira e esta parece mais razom *scilicet* que a abadessa ouvindo como eles andavom daquela guisa, e as cousas que faziam, que disse de geito que o souberom eles:

— Ex os bêvados! Andam com sa bevedice, leixade-os vós, ca ainda se eles mal ham-de achar por estas cousas que andam fazendo.

Ora per qualquer guisa que fosse, o levanto contra ela nom foi em vão, e foram-na logo buscar às casas onde assi pousava, e nom a acharom em elas, porque ela fora ouvir missa com suas freiras à igreja catedral dessa cidade, segundo havia em costume. Húa servidor de sua casa, quando vio que a assi buscavom, correo a pressa e foi à Sé dizer-lhe como a buscavom daquela maneira.

Ela com gram medo que houve deles, a que defensom nom esperava d'haver, leixou de ouvir missa e meteo-se no tesouro, e tomou a copa em que vão comungar, hu dizem que estava estonce o corpo de Deus consagrado. E tendo-a assi nas mãos, abraçando-se com ela, os que a nom acharom em casa foram-na trigosamente buscar à Sé, entrando todos com grandes brados de seu apelido que tragiam: «Abite, abite!». E como todos

chegaram, preguntaram por ela, mostrando gram desejo de a achar. Saíram estonce a eles, Gonçalo Gonçalvez que era dhi daiam, e Mem Perez Chantre, e outros beneficiados, por os desviarem da tençom que tragiam. E nunca tanto poderom fazer, nem pregar da parte de Deus e de santa Maria, dizendo-lhe que a leixassem por entom e nom tirassem da igreja, e que eles a teriam presa e bem guardada, pera se fazer dela dereito, se algú mal fezera ou dissera, que nunca o fazer quisessem. Nem isso mesmo as doridas prezes dela poderam amansar a braveza daquel sanhoso pobo, mas sem nehúa reverença do Senhor que nas mãos tinha, que os por entom leixou usar de seu livre poder, per juízo a nós nom conhecido, lhe tomarom a copa das mãos e a tiralom fora do tesouro.

E levando-a assi pela Sé, ante que chegassem à porta da escada lançou-se hū deles a ela rijamente, e levou-lhe o manto e as toucas da cabeça, e leixou-a em cabelo sem outra cobertura. E indo mais adeante, ante que chegassem à porta principal, lançou-se outro homem a ela, e cortou-lhe as faldras de todos vestidos, em tanto que lhe parecerom as pernas todas, e parte de seus vergonhosos nembros. E assi a tiralom fora da Sé desonradamente, e a levarom pela rua da Selaria até praça. E naquel logar lhe deu hū deles húa cuitelada pela cabeça, de que caiu morta em terra, e desi os outros começaram de acuitelar per ela, cada hū como lhe prazia.

Estonce a leixarom assi jazer na praça, e foram comer e buscar outros desenfadamentos, e acerca da noite veerom aqueles que a matarom, e lançarom-lhe hū baração nos pés, e levarom-na arrastando até o Ressio, acerca do curral das vacas. E leixando ali aquel desonrado corpo, algús que desto houverom sentido, o tomarom de noite e soterrarom na Sé ascondidamente, ca doutra guisa nom eram ousados de o fazer de praça.

XLVI

Como foi alçada voz e pendom polo Mestre na cidade do Porto e da maneira que o pobo em elo teve

Deves de saber que tanto que o Mestre tomou carregos de regedor e defensor dos³⁷ reinos e soube que elRei de Castela vinha com seu poder pera entrar em eles, que logo escreveo suas cartas a algúas vilas e cidades, e isso

³⁷ dos] do

mesmo a certas pessoas, notificando-lhe em elas como bem sabiam da guisa que estes regnos estavam em ponto pera se perder. E como elRei de Castela vinha pera os tomar, e meter os pobos deles em sua sujeição contra a ordenação dos trautos que prometidos tinha, a qual cousa deviam de ter por tam grave e tam estranha, que ante se todos deviam aventurar a morrer sobre tal demanda, que cair em servidõe tam odiosa. E que el por honra e defensom do reino, e dos naturaes dele, se desposera a tomar carrego de os reger e defender, o que com a graça de Deus entendia de levar adeante com sua boa ajuda deles.

E que porém lhes rogava que todos de bom coração, come verdadeiros portugueses, tevessem voz por Portugal e nom curassem de nem húas cartas que lhe a Rainha nem elRei de Castela em contrairo desto mandassem.

E ante os logares a que seu recado chegou, foi a cidade do Porto onde suas cartas nom foram ouvidas em vão. Mas como foram vistas, com coração muito prestes logo se juntarom todos, especialmente o pobo meúdo, ca algús outros dessa comunal gente duvidando receavom de poer em tal feito mão. Entom aqueles que chamavom arraia meúda disserom a hũ, per nome chamado Alvaro da Veiga que levasse a bandeira pela vila em voz e nome do Mestre d’Avis. E el recusou de a levar, mostrando que o nom devia de fazer; o qual logo foi chamado treedor e que era da parte da Rainha, dando-lhe tantas cuiteladas, e assi de vontade, que era sobeja cousa de ver. Este morto, nom se fez mais naquel dia, mas juntarom-se todos o outro seguinte com sua bandeira tendida na praça, tendo ordenado que a levasse hũ bom homem do logar que chamavom Afonso Anes Pateiro. E se a levar nom quisesse que o matassem logo como o outro. Afons’Eanes soube disto parte per algús deles que eram seus amigos, e bem cedo pela manhã primeiro que o convidassem pera tal obra, foi-se à praça da cidade onde já todos eram juntos pera a trazer pelo logar. E ante que lhe nehũ dissesse que a levasse, deitou el mão da bandeira, dizendo altas³⁸ vozes que o ouviam todos «Portugal, Portugal! Polo Mestre d’Avis».

Entom cavalgou Afons’Eanes em cima de hũ grande e fremoso cavalo que pera isto já ali estava prestes, tragendo-a mui honradamente per toda a cidade, acompanhado de muita gente, assi clerigos come leigos, bradando todos a húa voz: «Arreal, arreal, por o Mestre d’Avis, regedor e defensor dos regnos de Portugal!»

³⁸ dizendo altas] dizemdo ell altas

E andando assi pela cidade foram-se à Sé, onde grandes tempos havia que era posto interdito, e nom soterravam nehú. E começaram de tanger os sinos e fazer dizer missas, e desoterrar os mortos onde jaziam enterrados e tragê-los dentro à egreja, e nehúa pessoa ousava esto contradizer.

Pregou estonce hū frade muito a proposito de sua entençom, concluindo que todos deviam de ser dhúa vontade e desejo, e nom andar antr'eles desvairo nêhú, mas servir o Mestre lealmente e de bom coração, come verdadeiros portugueses, pois que se poínha a defender o regno, pera o livrar da sujeiçom delRei de Castela.

Muito foram todos contentes das razões que o frade pregou, e dhi em deante nêhú desacordo houve antre eles, mas todos dhú talante se desposserom a ter e seguir a tençom do Mestre. E desta guisa que tendes ouvido, tomarom³⁹ os pobos meúdos muitos castelos aos alcaides deles, que por nom alongar leixamos de dizer, alçando voz com pendões pela vila, bradando todos e dizendo: «Portugal, Portugal, polo Mestre d'Avis!» E nom guardavom dívido nem amizade a nehú que sua tençom nom tevesse. Mas quantos eram da parte da Rainha, todos andavom à espada.

Quanta descordança pensaes que era de pais com filhos e de irmãos com irmãos, e de molheres com os maridos! A nêhú era ouvida razom nem escusa que por sua parte dar quisesse. Mas como hū falava, dizendo⁴⁰ «E foão deles he», nom havia cousa que lhe desse vida, nem justiça que o livrasse de suas mãos. E isto era especialmente contra os melhores e mais honrados que havia nos logares, dos quaes muitos foram postos em grande cajom de morte, e roubados de quanto haviam.

E deles com medo fugiam pera as vilas que tinham voz por elRei de Castela. Outros se iam pera fora do regno, leixando seus bens e todo quanto haviam, os quaes o Mestre logo dava a quem lhos pedia. E os meúdos corriam após eles, e buscavom-nos e prendiam-nos tam de vontade, que parecia que lidavom pola fé.

³⁹ tomarom os pobos] tomarom uoz os poboos

⁴⁰ dizendo] *om.*

XLVII

Por que razom enviou o Mestre embaxadores a Ingraterra, e da reposta que lhe de lá veo

Porque toda razom natural outorga que melhor e mais poderosamente podem os muitos dar fim a húa gram cousa quando a começar querem que os poucos por mui ardidos que sejam, ordenou o Mestre com os de seu conselho que era bem d’haver gentes em sua ajuda. E acordarom de enviar pedir a elRei de Ingraterra que lhe prougesse dar logar e lecença aos de seu regno, que por soldo à sua vontade o veessem ajudar contra seus êmigos.

E foi ordenado de irem lá por seus embaxadores Lourenço Martinz criado do Mestre, que depois foi alcaide de Leirea, e Tomás Daniel Ingres; os quaes partirom em duas naos d’ante a cidade em aquel mês de dezembro. E depois foi acordado de mandarem dom Fernand’Afonso d’Albuquerque mestre da ordem de Santiago, e Lourenç’ Eanes Fogaça chanceler-mor que fora delRei dom Fernando, o qual entom na Sé o Mestre fez cavaleiro ante que partisse.

Onde sabeo que este dom Fernando Afonso d’Albuquerque, estando na vila de Palmela, se veo com todas suas gentes a Lixboa pera o Mestre e o recebeo por senhor e ficou por seu vassalo pera o servir. Mas porém nom embargando esto, porquanto el fora feito pela Rainha, receando-se del que se poderia deitar com elRei de Castela, e lhe dar as fortezas do mestrado, disserom que era bem que fosse por embaxador, por ser alongado de tal azo, desi que era mor honra do Mestre enviar taes embaxadores que de mais pequena condiçom, e⁴¹ outorgarom todos de o enviar.

E embarcarom em dous navios: o mestre em húa nao, e Lourenç’ Eanes em húa barca e forom sua viagem. E chegarom daquel dia a oito dias que era sexta-feira a húa vila que chamam Preamua⁴² logar de Ingraterra. E dali houverom bestas e encaminharom pera Londres onde elRei estonce estava e forom del bem recebidos, e de todos os senhores e fidalgos da corte e depois forom falar ao duque d’Alancastro, e ordenou elRei de ter conselho em húa cidade Sarrasbri, depois que o duque veio, e ali⁴³ preposerom sua embaxada, cuja conclusom em breve era esta: que sendo o reino per seu azo despachado

⁴¹ e] *om.*

⁴² *Plymouth*

⁴³ depois forom falar ao duque d’Alancastro, e ordenou elRei de ter conselho em húa cidade Sarrasbri, depois que o duque veio, e ali] *om.*

e livre dos êmigos, que toda ajuda que lhe⁴⁴ os portugueses fazer podessem, assi de galés come de seus corpos, onde el mais por seu serviço entendesse, que eram muito prestes de o fazer e maes que se o duque d'Alancastro per seu corpo quisesse vir a cobrar o reino de Castela que lhe por azo de sua molher de dereito pertencia, que vinha a tempo muito prestes e todo Portugal em sua ajuda⁴⁵ levando o mestre e Lourenç' Eanes pera firmar esto e outras cousas, grandes e largos poderios, per procuraçom do Mestre e de Lixboa e do Porto.

ElRei havudo sobr'elo acordo, prougue a el e a todolos do conselho que quaesquer gentes d'armas que por seu soldo em ajuda de Portugal lhes prouguesse vir que livremente o podessem fazer, jurando elRei e prometendo que nom faria menos pera poer em obra toda boa ajuda que neste feito dar podesse do que faria por defender seu reino.

E porquanto o duque d'Alancastro era em Cales, a trautar tregoa com elRei de França, e esperavom por ele cedo, pera lhe elRei dar encarrego como se esto melhor encaminhasse, trabalhou entanto o mestre e Lourenç'Eanes Fogaça de enviar algúas gentes d'armas e archeiros, por a necessidade em que o regno estava, porém foram poucos; das quaes eram capitães hû que chama-vom Elisabri⁴⁶, e outro Tersingom⁴⁷, e hû cavaleiro gascom que havia nome mossém Gavilho de Monferro⁴⁸. E eles prestes pera partir em duas naos, mandou o mestre Lourenço Martinz ao dito logar de Preamua pera os fazer vir e embarcarem ali. E el como hi chegou, meteo-se com eles nos navios e veo-se a Portugal como adeante diremos; da qual cousa o Mestre e Lourenç'Eanes Fogaça houverom mui grande queixume por se vir daquela guisa.

E tanto prougue aos ingleses desta ajuda que lhe os portugueses requerir enviavom, que muitos hi houve que lhe emprestarom dinheiros pera paga do soldo das gentes que logo haviam de enviar. Assi come mossé Nicol⁴⁹, mayre de Londres, e Anrique Bivembra⁵⁰ cavaleiro que lhe emprestarom três mil e quinhentos nobres e assi outros mais e menos como cada hû podia.

⁴⁴ lhe] *om.*

⁴⁵ e maes que se o duque d'Alancastro per seu corpo quisesse vir a cobrar o reino de Castela que lhe por azo de sua molher de dereito pertencia, que vinha a tempo muito prestes e todo Portugal em sua ajuda] *om.*

⁴⁶ *Elias Blyth*

⁴⁷ *Cressyngham*

⁴⁸ *Guilhem de Montferrand*

⁴⁹ *Nicholas*

⁵⁰ *Tratar-se-ia de Nicholas Brembre, mayor de Londres, e Sir Henry Green*

De guisa que com esto e com as mercadarias dos portugueses que lá achavom que tomavom a seus donos per escripto, dizendo que lhas pagariam depois, contentavom as gentes per tal modo que lhes prazia virn com leda vontade.

E a resposta que elRei de Ingraterra enviou ao Mestre sobr'esta ajuda que lhe entom foi demandada, podees ver per esta seguinte carta:

«Ricardo pela graça de Deus Rei d'Ingraterra, e senhor d'Ibernia, ao mui nobre e grande barom Joane, per essa mesma graça mestre da ordem da cavalaria d'Avis, regedor e defensor dos reinos de Portugal e do Algarve, nosso mui preçado amigo, saúde e desejo de limpa amizade.

Pouco há que recebemos ledamente os nobres e excelentes cavaleiros, Fernando, mestre da ordem de Santiago, e Lourenço Fogaça chanceler-mor de Portugal, vossos embaxadores a nós enviados. E claramente entendemos todo o que nos da vossa parte disserom. E certamente, mui preçado amigo, de coração vos gradecemos o bom desejo que vós, e os gentis homens dessa terra, a nós por vosso azo têm, segundo per obra e conhecimento vemos.

E quanto he ao que nos per eles foi declarado, sobre vossos oferecimentos, assi de serviço de galés, come doutras cousas, que nos desses regnos compridoiras fossem, isto vos gradecemos muito. E antre eles e os do nosso conselho, foi sobr'elo feito certo trauto, segundo esse mesmo Lourenço vos mais largamente pode recontar. E pera o acorrimento que a vós e vossos aliados desses Reinos compridoiro era, nós outorgámos aos ditos embaxadores que de nossa terra podessem tirar homens d'armas e frecheiros por seu soldo, quantos e quaes lhe prougesse. O que em verdade consirando as revoltosas guerras, em que polo presente somos postos, assi de ligeiro a outra pessoa nom outorgariamos. E queremos que em hũ trauto, que ora com nossos aversairos de França e de Castela fizemos em Cales⁵¹, que se entendam hi, vós e vossos aliados.

E bem nos prouguera que vossos embaxadores derom a elo consentimento, mas escusando-se disserom que nom haviam de vós tal mandado. E porque o nom tragiam aqueles que por nossa parte ali eram, nos ficaram que vos escrevessemos, e isso mesmo os franceses por sua parte ao ocupador de Castela, que as treguas per nós feitas até primeiro dia de maio seguinte, com os ditos aversairos, dhũa parte à outra fossem guardadas⁵²; a qual cousa se o nosso comum aversairo nom quiser consentir, nós vos reservamos propria liberdade, pera haverdes guarda e defensom de nossas gentes.

⁵¹ *Calais*

⁵² guardadas] guardados

E esto entendemos que era bem de escrever à vossa nobreza, por fazerdes requerer esse vosso aversairo o mais cedo que poderdes, por tal que vista sua reposta, nós com bom e maduro conselho possamos esguardar vossa honra⁵³ e principalmente nossa comum defensom.

Vós entanto sede forte, tendo boa esperança em Deus, crendo firme que o Rei dos Reis, que he justo, e nom desempara os que por justiça pelejam, nom desemparará vossos feitos, mas fazer-vos-á glorioso vencedor com grande e honrada vitoria. Nobre e excelente barom, todas vossas obras guie o senhor Deus, e vivaes bons e perlongados dias a vosso prazer. Escripta».

XLVIII

Como a cidade de Lixboa deu hũ serviço ao Mestre pera ajuda de fazer moeda

Já vistes no reinado delRei dom Pedro, quanto os reis de Portugal fezerom por juntar tesouros e haver riqueza, por ter largamente que despender, quando lhes acontecesse defender seus reinos ou mover outra guerra se vissem que lhe compria. E quanto eles trabalharam que aquel tesouro nom veesse a tal mingua, per que em taes mesteres conveesse lançar peita ao pobo, tanto trabalhou elRei dom Fernando de os gastar sem necessidade per vãs guerras e sem proveito.

E nom somente gastou todolos tesouros que lhe dos outros reis ficaram, mas lançou novamente sisas e mudou moedas em grande dano e destroçoim de todo seu pobo. De guisa que quando o Mestre tomou carregio de regedor e defensor dos reinos nom tinha nehũa cousa com que manter guerra, nem de que fizesse bem e mercê àqueles que se a el chegavom pera o ajudar a defender.

Entom vendo todos que lhe convinha por serem livres de tal sojeição, de acorrer a tamanha necessidade como esta, ordenarom de dar ajuda e fazer serviço ao Mestre d'alguns dinheiros. E pormeteo-lhe a cidade em serviço cem mil libras⁵⁴ que eram mil dobras⁵⁵ em que pagavom os mouros e judeus moradores em ela; as quaes lhe forom pagadas em dinheiros meúdos e moeda

⁵³ honra] *om.*

⁵⁴ d'alguns dinheiros. E pormeteo-lhe a cidade em serviço cem mil libras] ao meestre de cem mill livras

⁵⁵ mil dobras] *om.*

branca e em prata. Moeda branca chamavom estonce, graves e barvudas e pilartes, e estes dinheiros tiravom certas pessoas pelas freguesias. E era mandado que qualquer que levasse moeda da cidade pera⁵⁶ fora, que a perdesse toda, e houvesse o quinto o que a tomasse. E filhavom-na a algús que a levavom escondidamente, e entregavom-na ao Mestre.

Além desto, pedio o Mestre a algúas pessoas da cidade e de seu termo, que entendeo que o podiam fazer, certos dinheiros emprestados. E todos lhe ofereciam de boa vontade qualquer cousa com que o ajudar podiam. E a comuna dos judeus afora o que pagaram no serviço, lhe emprestarom sessenta marcos de prata. Empreistou-lhe mais a crezeria em cruces e calezes e outros labores, aquela prata que escusar podiam, em guisa que a igreja cathedral da Sé, com vinte egrejas que há na cidade, lhe perfezerom⁵⁷ duzentos e oitenta e sete marcos, de que a Sé deu os oitenta e sete, e as outras egrejas segundo que a cada húa tinha escusada.

E ordenou o Mestre pera ser tesoureiro de sua moeda, hũ mercador que chamavom Persifal. A este foram entregues todos estes dinheiros e prata que dissemos, e mais novecentos marcos de prata que o Mestre tinha em sua camara, e muitos dinheiros meúdos e moeda branca, e outras moedas de Castela que dizer nom curamos, as quaes lhe entregou Afonso Martinz seu escrivam da poridade.

XLIX

Como o Mestre ordenou de fazer moeda e de que liga e talha foi feita

Como o Mestre teve encaminhado pera poder fazer moeda, ordenou logo de mandar lavrar reaes de prata. Mas primeiro sabeo que ao tempo que o Mestre tomou esta voz de regedor e defensor do regno, corriam-se em ele as moedas que já dissemos *scilicet* dinheiros alfonsis, que nove deles valiam hũ soldo, e vinte soldos valiam húa livra; e mais barvudas que valiam dous soldos e quatro dinheiros; e graves, que cada hũ valia catorze dinheiros; e pilartes, que valiam sete dinheiros segundo he escripto em seu logar, onde falámos do abaixamento que elRei dom Fernando fez nas moedas. E corriam mais reaes de prata de lei de dez dinheiros, e de cinquenta e seis no

⁵⁶ cidade pera fora] çidade fora

⁵⁷ perfezerom] fezerom

marco, e a razom por que estonce foram taes nomes postos a estas moedas queremos aqui dizer.

Quando elRei dom Fernando começou guerra com elRei dom Henrique como ouvistes, veerom a Castela com ele muita gente de franceses, a que chamavom companha branca. E vinham armados⁵⁸ a esta guisa: trágiam bacinetes com estofas e camal de malha com cara posta e chamavom-lhe barvudas. E o cunho de que era cunhada aquela moeda tinha dhúa parte húa cruz em aspa e em meo dela hú escudo com cinco pontos de quinas, e da outra parte a barvuda com sua cara. E esta gente d'armas trágiam graves com pendões pequenos em cima, a que ora chamam lanças d'armas. E aos moços que trágiam as barvudas em cima dos chibaos, chamavom pilartes, e depois lhe chamarom porta grave. E nós chamamos agora às barvudas bacinetes de camal, e aos moços pages.

E daqueles nomes das armas levarom nomes aquelas moedas, ca o grave tinha húa lança no cunho e hú pendom pequeno em cima, e da outra parte⁵⁹ aspa e quinas. E correndo-se assi estas moedas juntamente, valia a dobra cruzada cinco livras, e a mourisca quatro livras e mea, e o franco d'ouro de França quatro livras; e o marco da prata de lei de onze dinheiros, vinte e duas livras.

E o Mestre ordenou de lavar moeda nova de reaes de prata, e eram de lei de nove dinheiros e de setenta e dous no marco. E depois mudou outros desse mesmo peso de lei de seis dinheiros, e desi outros de lei de cinco. E por o lavramento que mandava fazer de meos lei, gançava pera as despesas. E dizem algús em suas estorias que estes reaes primeiros que o Mestre mandou lavar que prestavom pera algúas dores, e muitos os encastoavam em prata e trágiam-nos ao colo.

E depois que o Mestre reinou, mandou lavar reaes de lei dhú dinheiro, que⁶⁰ valia cada hú dez soldos. E depós estes mandou fazer outros reaes de três livras e mea de três dinheiros de lei. E quando ordenou de tomar Cepta, segundo adeante ouvirees, mandou lavar húa moeda de reaes que chamavom brancos, que valia hú dez de três livras e mea, e eram de lei de três dinheiros e de setenta e dous no marco.

⁵⁸ armados] armadas

⁵⁹ outra parte aspa] outra aspa

⁶⁰ que] qua

E durando assi estas moedas, forom em elas feitas tantas mudanças de liga e talha, que seriam longas de contar, de guisa que veo a valer hũa coroa cento e cinquenta reaes brancos de trinta e cinco livras cada hũ, e mil e quinhentos de três livras e mea, em que montava cinco mil e duzentas e cinquenta livras. Assi que porquanto achavom no tempo delRei dom Fernando, mil e cento e setenta e três dobras, nom achavom depois mais de hũa dobra. E estas mudanças lhe fez fazer as necessidades das guerras, que muitas vezes com elRei de Castela houve, por azo das quaes se lhe recreciam grandes despesas que escusar nom podia. E porém compre aqui de notar hũ grande dito e mui proveitoso, que cada hũ rei e principe deve d’haver em seu conselho quando lhe tal necessidade aveer, que o doutra guisa remediar nom possa: que mais val terra padecer que terra se perder.

Ca per taes mudanças e lavramento de moedas, com a ajuda do mui alto Deus, o reino de Portugal foi per ele defeso e posto em boa paz com seus êmigos, posto que as gentes em elo algũa mingua e dano sentissem.

L

Como o Mestre deu logar a algũs que lavrassem moeda⁶¹ e pôs mantimento a muitas pessoas

Leixadas as razões que abastosamente algũs escrevem, mostrando quanto he proveitoso ao reino de lavrarem todos moeda, quaesquer que o fazer puderem do modo que o Mestre em isto teve, digamos e mais nom.

Onde sabe que nesta sazom que o Mestre mandou lavar sua moeda, sentindo-o por seu serviço e proveito, deu lecença ao concelho de Lixboa que lavrasse hũa soma de prata pera ajudar a suportar seus encargos, assi de gentes d’armas que a cidade havia de pagar, come doutras cousas necessarias a sua defensom, que lhe por estonce recreciam. E isso mesmo deu logar ao doutor Joam das Regras e outros, sem levando gança do que assi lavravom, mas quanto rendia lhe era entregue. E como o Mestre teve feita moeda, ordenou logo seus mantimentos aos fidalgos e officiaes de sua casa.

Assi como ao doutor Joam das Regras, e ao doutor Martim Afonso, a cada hũ cem livras e assi a outros segundo⁶² que tal era. E a dom Afonso filho

⁶¹ moeda] *om.*

⁶² segundo] *segum*

do conde dom Alvaro Perez, e a dona Lionor Telez molher de dom Pedro de Castro, e a dona Beatriz sua irmã dele, que haviam cem livras por mês, e dos mais nom compre d'escrever.

Mas que diremos deste virtuoso senhor e de sua grande bondade, que nom embargando que seu coração fosse entom partido em tantos e desvai-rados cuidados como cada hũ pode pensar que tal negocio requeria, nom se esqueceo porém dos esprituaes feitos?

E ordenou logo hũ mui honrado saimento por a alma delRei dom Fernando seu irmão, de que teve carrego Antom Rodriguez prior de sam Nicolao, em que fez grande e larga despesa.

E mais pôs mantimento a certas pessoas devotas que rogassem a Deus por el e por o estado do reino, assi como a frei Joam da Barroca, e a Margarida Anes, e a Maria Estevenz empardeadas, que haviam quatro soldos por dia.

Fez mais hũa cousa muito notavel e de gram louvor antre as gentes que todos tiveram por assinado bem, que algũs que eram presos em poder de castelãos pola guerra que era já muito acesa, e nom tinham per onde pagar suas rendições, que ele os mandava tirar de cativo, pagando por eles todo o que haviam de dar, e a⁶³ outros fazia grossas ajudas pera logo serem livres de poder de seus êmigós.

E por estas e semelhantes cousas que obrava começou de ser tam amado do pobo, vendo em el largueza de dôes com leda e prazivel graça de dar. Além destó, fé e saber e grande avisamento na governança e regimento que tomara, que todos se tinham por bem aventuirados de o haver por senhor.

LI

Como os da vila d'Almadã tomarom voz por o Mestre, e como foi sobre Alanquer

Segundo ensina o longo uso, e a prática disto nos faz muito certos, em nehũa parte tem a enveja tam grande morada como na corte dos reis e senhores. E tendo o Mestre ameúde conselho com os seus pera proseguir tamanho negocio, falava às vezes, porém adeparte dizendo a Nun'Alvarez algũas cousas de que os outros nom eram em conhecimento.

⁶³ a] o

Ora assi aveo que este comum mal que he a enveja se veo tanto assenhorar dos corações daqueles que eram do conselho do Mestre, assi como de Rui Pereira e d'Alvoro Vasquez e do doutor Joam das Regras, e de todos os outros seus privados, vendo como o Mestre falava em especial com Nun'Alvarez algúas cousas e seguia em elas seu conselho, que veerom todos a acordar em segredo, havendo desto grande despeito, que sempre fossem contra quaesquer conselhos que Nun'Alvarez desse ao Mestre, posto que bons e razoados fossem, e que nunca se tevessem a eles; e de feito assi o faziam.

Nun'Alvarez soube parte deste segredo, e nehúa cousa disse a algús deles. E falando hú dia o⁶⁴ Mestre em seu conselho húa cousa muito notavel, respondeo Nun'Alvarez o que entendeo, de guisa que prougue ao Mestre de sua reposta e acordou-se com el na sua tençom.

Os outros do conselho, porque se o Mestre tinha à razom de Nun'Alvarez, nom foram de tal acordo contentes, ante o contradisserom muito, mostrando assaz de razões a seu conselho nom ser bom.

Nun'Alvarez vendo esto começou de rir, sabendo bem parte por que o faziam.

O Mestre, quando vio, perguntou-lhe por que assi ria; e el lhe contou todo como era, e por que desacordavom do que el dezia. E o Mestre se maravilhou muito de tal enveja e teve com eles geito em lhe falar, de guisa que nom tiveram mais tal tençom, e foram dali em deante todos em hú acordo.

E antre as cousas que em aquel conselho foram faladas, assi foi quanto era necessario de a vila d'Almada ter sua voz do Mestre, porque era assi come chave do mar pera qualquer armada que elRei de Castela sobre a cidade quisesse fazer. E pois que a vila nom tinha castelo nem alcaide que dela tevesse feita menagem, que ligeiramente a poderia haver. O Mestre houve este por bom conselho e foi alá. E os da vila o receberam bem e ficaram por seus pera o servirem. E esto foi primeiro dia de janeiro de mil e quatrocentos e vinte e dous anos.

E como tornou d'Almadá pera Lixboa, ordenou logo d'ir sobre Alanquer, húa vila com seu castelo que som oito legoas da cidade, na qual estivera a Rainha depois da morte do conde Joam Fernandez ante que partisse pera Santarém, segundo já tendes ouvido. E em esta vila estava por alcaide Vasco Perez de Camões, que a tinha por a rainha dona Lionor.

O Mestre juntou até duzentas lanças, e besteiros e homens de pé nom muitos. E foi esse dia dormir à Castanheira húa legoa do logar, e no outro

⁶⁴ o] ao

bem cedo de madrugada, amanheceu sobr'ele. E pousou no mosteiro de Sam Francisco, e Nun'Alvarez nas casas de Vasco Martinz d'Altero que estava casado com sua irmã.

E logo à tarde foram os do Mestre escaramuçar com os da vila, onde chamam a Porta de Soire. E o Mestre chegou hi e feze-os recolher porque os feriam do muro às bestas. E pero hi fossem feitas per vezes escaramuças, nehúa cousa aproveitavam que prestasse, porque o logar era mui forte e eles nom levavam artefícios de combater.

Mas ora convém de cessar desto, e leixarmos o Mestre em Alanquer, e a Rainha em Santarém, e vamos ver que fez elRei de Castela em seu regno quando lhe chegaram novas que elRei dom Fernando era finado.

LII

Como elRei de Castela mandou prender o conde dom Afonso seu irmão

Assi aveo que estando elRei de Castela na Poboia de Monte Alvom, onde ficou quando leixámos falar de seus feitos, chegou-lhe recado como elRei dom Fernando era morto. E tanto que o soube, logo em outro dia mandou chamar seu irmão dom Afonso conde de Gijom à camara onde estava. E disse-lhe como lhe trouverom recado que elRei dom Fernando seu padre era finado, e que porém por ser dele seguro porque estava casado com sua filha e se temia de se lançar em Portugal, e fazer alvoroço no reino, que lhe prazia de ser preso.

O conde ficando espantado, quando lhe esto ouviu, pedia-lhe por mercê que lhe mantevesse o que lhe prometera, quando com ele comungara o corpo de Deus.

ElRei disse que nom curava de suas razões, ca ele era certo que depois que o conde partira de Gijom e veera pera sua mercê, que ele errara muito em mandar algúas cartas a Portugal em seu deserviço.

O conde jurava que nunca tal cousa fizera, e que fosse sua mercê de lhe ter o que lhe prometera. ElRei nom curando de cousa que dissesse, entregou⁶⁵ o preso a dom Pedro Tenoiro arcebispo de Toledo, e trouxe-o fora do paço onde já estavom até cinquenta de cavalo. E entregou-o a hú dos mais honrados que com ele andavom e foi-se onde o conde pousava e prendeo a

⁶⁵ entregou] entrego

condessa sua molher e mandou-a logo a Toledo, que eram dali cinco legoas. E o conde isso mesmo foi alá levado. E sendo o conde preso per gram tempo, deu elRei a terra de Norvena à egreja de Ovedo, e confiscou pera a coroa de seus regnos todolos outros bens que o conde havia nas Estuiras.

LIII

Como elRei de Castela mandou prender o ifante dom Joam de Portugal

Já tendes ouvido onde falámos da ida do ifante dom Joam pera Castela, como per azo da ifante dona Beatriz sua irmã, molher do conde dom Sancho, fora encaminhado de ficar com elRei. E foi assi que lhe deu elRei Alva de Tormes, e Real de Maçanales e logares outros. Porém nom vivia tam abastadamente como compria a seu estado, ca nom andavom com ele mais que até dez ou doze que o acompanhavom de cote. Mas outros fidalgos que o amavam muito por quem ele era, lhe faziam grande honra e gasalhado, acompanhando-o em sua casa, e pera o paço, assi como dom Joam filho de dom Telo, irmão delRei dom Henrique, que tragia dez tanta casa mor que o ifante. E isso mesmo o marquês de Vilhena e Pero Fernandez de Valasco, que nunca errava cento e cinquenta de mulas consigo. E acompanhavom-no mais Joam Duque e Rui Duque seu irmão, e outros bons fidalgos de casa delRei.

E como elRei de Castela casou com a ifante dona Beatriz sabendo que elRei dom Fernando era doente muito ameúde, logo se recearom de o ifante poder reinar depós sua morte, e começaram de nom segurar dele e ter maneira que nom fizesse de si cousa que o elRei nom soubesse.

Algús dos seus que esto entendiam, deziam-no per vezes ao ifante, e el como homem afastado de toda malicia, nom curava do que lhe deziam. E tanto que elRei fez prender o conde dom Afonso seu irmão, logo mandou prender o ifante dom Joam per Garcia Gonçalvez de Grisolva nas pousadas do ifante. E fez-lhe dizer que o nom prendia por cousa que del soubesse contra seu serviço, mas que se receava, pois elRei dom Fernando era finado, de o tomarem algús portugueses por rei e fazer boliço no reino contra a ordenaçom dos trautos, e que até que todo⁶⁶ fosse assessegado, lhe prazia ser reteúdo.

Outros afirmam sua prisom muito per outra maneira. E dizem que tanto

⁶⁶ que todo fosse] que fosse

que se elRei dom Fernando finou que logo algús do reino lhe escreveram a pressa como elRei seu irmão era morto, e que visse por sua honra o que lhe compria fazer sobr'elo. E que el como lhe este recado chegou, que se foi a elRei e mostrou-lhe as cartas, e el dizendo que lho agradecia muito, que estonce o mandou prender. Porém de qualquer guisa que fosse, elRei mandou poer em ele boa guarda, e defendeo que qualquer dos seus que fosse achado naquela cidade onde o el mandara levar, que fosse preso até sua mercê.

LIV

Como elRei fez em Toledo exequias por elRei dom Fernando e da maneira que em elo teve

Presos assi o conde dom Afonso e o ifante dom Joam como ouvistes, ordenou elRei de fazer saimento por elRei dom Fernando na cidade de Toledo. E mandou alá correger as cousas que compria, e el atendeo ali até que fosse feito. E como lhe trouverom recado que era todo prestes, partiu elRei pera alá e a Rainha isso mesmo. E ElRei levava hū saio preto, e a Rainha ia em hūas andes vestida d'almafega preta, e as andes cubertas todas de pano preto que a nom via nehū.

Os portugueses que com ela andavom, levavam burel branco vestido, e isso mesmo as molheres. E quando chegarom era já hora de vespora, e foram descavalgar a hūa egreja que he muito preto do logar. E veerom-se pera ela todalas donas da cidade pera irem em sua companhia.

Dali levarom a Rainha à Sé, onde já estava hū grande estrado feito e ataúde em cima posto, todo corregido como compria.

E quando entrarom pela porta da Sé, fizeram todolos portugueses gram dó, e a Rainha com as molheres que de Portugal foram. E depois que acabaram suas vespervas era já tarde, e foram pera seus paços que eram dentro na cidade, onde a Rainha tinha a sala e a camara, todo armado de panos tintos pretos.

Em outro dia pela manhã partio elRei e a Rainha pera a Sé onde já estava feito hū alto corregimento pera eles. E como entrarom pela porta fizeram seu dó assi como às vespervas. E depois que se tirarom afora, ElRei desvestio os panos pretos que levava, e vestio hū comprido mantom de pano d'ouro forrado d'arminhas aberto per a parte direita; e chamavom-lhe estonce mantões lombardos.

A Rainha outrossi foi vestida daquel pano mui ricamente, e o sobreceo e assentamento em que estavom, todo era cuberto até o chão daquel mesmo

pano d'ouro. E foi-se elRei e a Rainha assentar naquel corregimento. Estando eles assi, veo húa procissom em esta guisa: vinha o arcebispo de Toledo com capa bem rica e mitra na cabeça, e todolos conigos e crelezia da cidade rezando. E traziam a bandeira das armas de Castela, e os sinaes de Portugal coseitos em baixo. E levarom-na com esta procissom e poserom-na antre elRei e a Rainha.

Fez entom elRei chamar Vasco Martinz de Melo que fora de Portugal com a Rainha, e el veo logo presente ele. E elRei disse que a mais honrosa cousa que em seu reino havia que officio fosse, assi era o seu alferez-mor; e que el por lhe galardoar sua vinda que veera de Portugal com a Rainha sua molher, desi polo conhecer por mui bom, que o fazia seu alferez de Castela e de Portugal. E que tomasse logo aquela bandeira e levantasse-a por ele segundo costume quando fazem algũ rei novamente. Vasco Martinz disse que lho tinha em grande mercê, mas que tal carrego nom filharia por ele ser vassalo delRei dom Fernando e sua guarda-mor; e que poderia ser de se recrecer depois guerra contra o regno de que ele era natural e cair em caso de menos valer.

LV

Do que aconteceo quando alçarom pendom por elRei de Castela

Quando elRei vio que sua entençom era nom tomar carrego de ser seu alferez, mandou chamar Joam Furtado de Mendonça e deu-lhe aquel officio, e entregou-lhe a bandeira. Joam Furtado teve-lho em grande mercê, e levantou-a logo. E começaram de dar às trompetas dizendo a grandes vozes «Arreal, arreal por elRei dom Joam de Castela e de Portugal». E assi levarom a bandeira até fora da Sé.

À porta estava já prestes hũ cavalo delRei selado pera trager a bandeira em ele per toda a cidade. E estava hi Joam Nunez de Toledo e outros de cavalo, com senhas hastas de dardos brancas nas mãos e alfaremes em elas pera irem em sua companhia.

Cavalgou o alferez, e poserom-lhe a bandeira na funda que levava na sela. E Joam Nunez deu grandes vozes, que todos dissessem: «Arreal, arreal por seu senhor elRei dom Joam de Castela e de Portugal», começando correr todos após a bandeira que ia deante.

E correndo assi com grande prazer, descoseo o vento os sinaes de Portugal que iam em baixo, e ficarom pendurados. E o cavalo em que ia o alferez foi topar em o canto fora da Sé e quebrou-lhe húa espadao e caiu com ele.

Algús que esto viam tenerom-no a mao sinal, dizendo antre si que nunca elRei de Castela havia de ser Rei de Portugal.

E disserom a elRei que nom era bem de os sinaes de Portugal andarem assi em fundo. E ele mandou logo poer os sinaes ambos em escudo iguaes. E os portugueses que faziam dó por elRei dom Fernando, quando viram o que acontecera do descoser da bandeira e do caimento do cavalo com o alfe-rez, tomavam grande prazer por elo, dizendo hús aos outros que nunca o Deus havia de fazer senhor de Portugal.

Em esto deceo elRei e a Rainha do assentamento em que estavom, e vestirom os panos de dó que ante trariam. E revestio-se o arcebispo e disse missa por elRei dom Fernando. E acabado o dó e suas exequias, foram comer e desi partirom logo pera a Poboia de Monte Alvom hu ante pousavom e ali esteve-rom até hús dez dias.

LVI

Como elRei teve conselho se era bem entrar em Portugal, e como determinou de o fazer

Estando elRei em aquel logar, teve conselho, se era bem entrar logo em Portugal poderosamente, por se assenhorar do reino, ou que maneira em elo teria. Porque tanto que el soube que elRei dom Fernando era finado, logo enviou por companhas e homens d'armas pera entrar com elas em Portugal. E sobr'esto houve gram conselho que durou per dias e era partido em duas vozes.

Os mais do conselho, e que o melhor e mais sãmente conselhavom, deziom assi:

— Senhor, vós nom devees nem podees dereitamente entrar em Portugal per esta guisa com gentes d'armas, segundo os traustos que antre vós e elRei dom Fernando foram firmados. Mas compre muito a vosso serviço, segundo a forma em que som jurados, de os guardar e cumprir em todo, e ter maneira com as gentes de Portugal, de guisa que nom vades per força de gentes entrar no reino. E fazendo-o assi, guardarees vossa verdade, segundo prometestes, e nós isso mesmo convosco. Doutro modo, entrando em Portugal com vosso poderio, nom podees escusar fazer dano na terra, sequer ao menos no tomar das viandas, por a qual razom creceria grande odio antre os portugueses e os castelãos, que nom era vosso serviço, desi er quererdes entrar com pouca gente, podia-se-vos seguir perigo. E porém nos parece que he bem que vos

vades pera Salamanca, que he acerca de Portugal, e nom enviees entanto por nêhúa gente d'armas. Mas dali mandae vossos embaxadores a Portugal, notificando aos senhores e poderosos dele, como soubestes que elRei dom Fernando era finado, e que bem sabem como ficou por herdeira do reino sua filha a Rainha dona Beatriz vossa molher, e isso mesmo os trautos e avenças que forom sobr'esto feitas e juradas. E que vossa vontade he de guardar e cumprir todalas cousas nos trautos conteúdas segundo o tendes jurado e firmado. E que se eles entendem que hi há algúa cousa de éader ou minguar em eles que seja proveito e honra do reino, que soes muito prestes de o fazer sendo em elo guardada vossa honra e serviço. E que enviem seus embaxadores àquela cidade pera verdes seu recado e concordar ali com eles todo o que por vosso serviço sentirdes. E ainda nos parece que he bem que vindo taes embaxadores a vós, que lhe façaes muita honra e partaes com eles de vossos dinheiros e joias, e que lhe digaes como queriees e vos prazeria muito de ter taes maneiras com eles, que fossem vosso serviço e proveito do regno, e honra dos moradores dele. Outrossi lhe podees mais dizer que bem sabem como nos trautos jurados e firmados antre vós e elRei dom Fernando he conteúdo que a rainha dona Lionor vossa sogra haja a governança do regno, até que vós hajaes filho que passe de catorze anos, o qual há-de ser criado em Portugal, do dia que nacer a três meses sô poderio de sua avó, e que assi vos praz de o guardar e ter. E que se eles entendem outra melhor maneira de regimento per algú ou algús do reino que dele sejam regedor ou regedores, que per qualquer guisa que eles virem que mais proveito he, guardando vosso serviço e honra, que vos praz muito delo, e que assi o querees fazer. E assi o digam os mestegeiros que a Portugal mandardes, àqueles fidalgos e senhores com que houverem de falar, e a eles prazera com taes maneiras como com eles querees ter, e assessegaróm suas vontades e havê-los-ees pera vosso serviço.

Outros do conselho, nom verdadeiros conselheiros, vendo como elRei havia gram desejo de entrar em Portugal, sem curando dos trautos e juramentos que el e os seus haviam feitos por guarda deles nem das penas e caso em que caíam, indo contra todos ou parte deles, mas somente per vontade por comprazer a elRei, louvavom todo o que el razoava, dizendo que era mui bem de entrar logo poderosamente em Portugal sem curando de nehúas avenças, dizendo a elRei que nom era teúdo de guardar taes trautos ca forom feitos contra sua honra, e ainda contra direito, e que porém nom deviam ser guardados.

Mas que era mui bem que ante que os portugueses sobr'esto houvessem algú avisamento, que el entrasse com suas gentes no reino por cobrar o direito que em el tinha. E que se algúa outra avença hi houvesse d'haver

sobr'esto, que mais seu serviço era fazer-se dentro em Portugal⁶⁷ que nom estando el em Castela.

ElRei que gram vontade havia de cobrar o reino, per qualquer guisa que fosse, chegava-se a esta razom louvando o que eles deziam.

Os que primeiro falarom desfaziam estas razões havendo todo por jogo e nom sãmente entendido, dizendo a elRei:

— Senhor, quanto vosso estado he maior, tanto vos devees mais de guardar de em algúa cousa serdes prasmado. E assi como nas cousas boas a tardança he cousa fea, assi a trigança onde nom compre, he contada por torpeza. Nem podemos crer que de tal entrada per esta guisa se siga tanto proveito que muito mais dano nom seja; ao menos fazer-vos ficar em dobrada mingua, falecendo da prometida verdade, e mais do juramento e menagens feitas por elo. Como se pode dizer por vossa parte que fostes enganado nos trautos sendo feitos contra vossa honra e proveito como estes dizem, onde tantos leterados e assi avisados e discretos homens de vosso conselho foram juntos ante que os outorgassees? E vós mesmo no juramento que fezestes em Badalhouce aprovando todalas cousas que per vosso procurador foram⁶⁸ feitas, assi em razom de vosso casamento, come na socessom do regno depois da morte delRei dom Fernando, daes de vós testemunho e fé, que primeiro de vós⁶⁹ foram vistas e examinadas, havendo sobre todas e cada húa delas largo e maduro conselho, e assi he conteúdo e escripto nos trautos. Pois como se pode dizer agora que foram feitos em vosso perjuízo? Dizem-no estes por vos seguirem vontade, mas nom por mostrar razom que o de dereito podees fazer. Ante quebrantaes vossa verdade, e nós ficamos fé perjuros, e caímos em mau caso.

ElRei desejando de entrar em Portugal, crendo que com o gram poderio lhe obedeceriam todos⁷⁰ e cobraria o regno, nom poínha dúvida em no fazer, nem curava de conselho que lhe nehú contra esto desse.

⁶⁷ dentro em Portugal] em portugall dentro

⁶⁸ foram feitas] feitas

⁶⁹ de vós] *om.*

⁷⁰ todos] *om.*

LVII

Como o bispo da Guarda disse a elRei que lhe daria a cidade e como elRei determinou em toda guisa entrar no regno

Tendo elRei vontade de entrar desta guisa em Portugal, pero duvidando ainda hũ pouco por azo dos muitos que lho desdeziã, andava hi hũ bispo da Guarda chanceler da Rainha, que fora com ela de Portugal quando casara segundo ouvistes. Este disse a elRei de Castela que a cidade da Guarda donde ele era bispo era mui forte, e na frontaria de seu reino, e todolos mais que em ela viviam eram seus criados e fariam o que lhe ele mandasse; e que se sua mercê fosse de elRei lá ir, que ele o colheria logo em ela.

A elRei prougue muito do que lhe o bispo disse e creceo-lhe mais a vontade de entrar todavia em Portugal; e partio logo da Poboia de Monte Alvom onde estava, enviando por companhas e gentes d'armas que se veessem a pressa pera ele onde quer que fossem.

E chegou elRei e a Rainha à ponte d'Alcolea que entom o arcebispo fazia no Tejo, e mandou-lhe o arcebispo dar a eles e aos seus todalas cousas que lhe mester faziam. E estiverom hi dous dias, e partirom pera Talaveira e dhi se foram a Prazença. Ali disse elRei aos de seu conselho que o bispo da Guarda lhe dissera que lhe daria aquela cidad'e que era o que lhes delo parecia.

E algũs deles lhe disserom outra vegada, que fosse sua mercê de esguardar os trautos que antr'ele e os de Portugal havia firmados, e as juras e penas em que el e os seus caíã em nos quebrantando, por a qual razom em nehũa maneira os devia passar. E que entrando per tal guisa em aquela cidade, que os do regno se temeriam dele, dizendo que contra vontade e a seu pesar se queria apoderar da terra. Demais que a governança do reino, segundo os trautos, era da rainha dona Lionor sua sogra, e que el per direito em nehũa guisa o podia fazer. E os que davom este conselho deziã ainda mais polo desviar que eles sabiam como na cidade da Guarda havia hũ castelo mui bom, o qual tinha Alvorô Gil de Cabral, que nom era da parte do bispo, e que lhe nom compria entrar na cidade, sem cobrar logo aquele castelo; e que portanto nom se trigasse até que se as cousas melhor encaminhassem por seu serviço. Outros que de nehũa cousa curavom senom falar à vontade delRei, deziã que era bem que elRei partisse logo e cobrasse a cidade, que era cabeça de toda a comarca da Beira, que era hũa gram terra em que havia mui ricos e honrados cavaleiros e escudeiros que se vinriã logo per'ele, querendo ante ser sô governança e senhorio seu que da rainha dona Lionor sua sogra.

ElRei todavia por cobrar o reino, postas adeparte totalas juras e promettimentos que ouvistes, disse que este era mui bom conselho. E mandou ao bispo que se fosse deante pera ter prestes e encaminhado como el fosse recebido na cidade.

LVIII

Como elRei de Castela entrou em Portugal e dalgũs fidalgos que se veerom pera ele

Foi-se o bispo da Guarda e chegou ao logar. E elRei partio de Prazença e chegou a Perosim, junto com Fonte Guinaldo. E ali lhe veo recado do bispo que tinha já a cidade por ele e que fosse a pressa de guisa que amanhecesse no logar, porque os da vila e do termo sabiam já como ele vinha. E que se àquel tempo nom fosse, que era dúvida de o haver, porque seriam já todos percebidos, e el nom o poderia padecer bem.

ElRei como vio seu recado, partio de Perosim à tarde e andou toda aquela noite, e a Rainha com ele, e chegou à Guarda em amanhecendo. E nom iam com ele mais de até trinta homens d'armas de seus officiaes dos que andavom com ele de cote.

O bispo saiu a recebê-lo com sua creleza em procissom o mais honradamente que el pôde. E assi entrou em na cidade el e a Rainha e os que com el iam, e foi elRei pousar aos paços do bispo.

Alvoro Gil nom saiu a ele, mas esteve quedo em seu castelo, sem mostrar por qual parte tinha. Mas veo Vasco Martinz de Melo que fora com a Rainha e pousava em Fonte Guinaldo, a que elRei mandara dizer quando partia de Perosim que se fosse em pós ele à Guarda. E Martim Afonso ric'homem seu irmão, que tinha Celorico e Linhares, foi o primeiro que se veo pera elRei de Castela, e ficou por seu ali na Guarda, da qual cousa desprougue muito a seu irmão Vasco Martinz, porque el começara de se virn pera ele ante que nêhú outro.

A elRei veo em outro dia algúa gente daquela por que mandara, que seriam até duzentas lanças. E a cabo de três dias chegou o conde de Maiorgas, desi Pero Fernandez de Valasco, e Pero Sarmento⁷¹ e outros capitães com húas quinhentas lanças.

⁷¹ Sarmento] exarmento

ElRei vendo que Alvaro Gil nom lhe vinha falar nem saía fora do castelo, disse a Martim Afonso de Melo que houvesse com ele que lhe falasse.

Feze-o assi Martim Afonso, e trouxe-o seguro de ida e vinda, e falou com elRei e tornou-se pera seu castelo, e nom lhe falou depois mais.

Em outro dia Vasco Martinz mandou falar a Alvaro Gil per Martim Afonso seu filho, dizendo que fezera gram bem de se nom virn pera elRei de Castela, nem se lhe desse, que lhe fazia certo que elRei nom jaria sobr'ele, senom que passava per hi e ia-se seu caminho. E que se tal cousa aveesse que o elRei quisesse fazer, que lhe prometia de se lançar com ele com seus filhos e com os que tinha e lhe ajudaria a defender o castelo.

ElRei houve menencoria d'Alvaro Gil, por lhe mais nom falar, nem se virn pera ele. Mas veerom-se dos cavaleiros e escudeiros daquela comarca enquanto elRei esteve na Guarda, estes aqui nomeados: Martim Afonso de Melo que foi o primeiro, Vasco Martinz da Cunha, Martim Vasquez seu filho, e outros seus filhos; Fernand'Afonso de Melo⁷², e Alvaro Gil de Carvalho e outros. ElRei recebia-os mui bem, dizendo que lhe fizessem preito e menagem por as fortezas que tinham. E eles faziam-lhe menagem de receber e haver por sua rainha e senhora a rainha dona Beatriz sua molher, e el assi como seu marido. E esto todavia com entendimento que os trautos fossem guardados pela guisa que foram postos antre ele e elRei dom Fernando.

A elRei pesava muito de tal condiçom, que poínham em taes menagens, porém dava logar a elo, porque nom podia mais fazer por estonce.

E como quer que se estes cavaleiros e escudeiros veessem ali pera elRei; pero segundo algús escrevem nom se contentavom do gasalhado e acolhimento que achavom em elRei, e assi como se veerom pera ele cedo, assi começaram de trautar antre si por se partir logo. E esto dizem que foi por duas razões: a primeira, porque elRei era homem de poucas palavras e nom muito ledto, e eles haviam usado elRei dom Fernando que era de grandes gasalhados; a outra, porque lhe elRei logo nom dava dinheiros e que el nom podia esto fazer, ca atam a pressa entrara no reino por cobrar a posse dele que nom tevera sentido d'esperar nehús dinheiros.

⁷² Melo] merlloo

LIX

Das razões que Beatriz Gonçalvez disse a seu filho por nom dar os castelos que tinha a elRei

Hú bom fidalgo daquela comarca chamado per nome Gonçalo Vasquez Coutinho era alcaide de Trancoso, e Lamego, e outros logares. E estando el em Trancoso quando elRei chegou à Guarda, pensou elRei que se veesse pera ele como fezerom algús outros. E el demovido foi, segundo algús escrevem, mas outros assinam em seus livros razões algúas por que o leixou de fazer. Hús contam que el enviou estonce hú escudeiro com cartas de crença, húa a Vasco Martinz de Melo, e outra a Vasco Martinz o moço seu filho que morreo depois da batalha, como adeante ouvirees, per que lhe rogava que o conselhassem que maneira teria em esta entrada que elRei fazia no regno per esta guisa, porque via muitos fidalgos daquela comarca virem-se pera elRei de Castela, e que el nom faria sobr'esto nehúa cousa sem seu conselho.

E que eles lhe mandarom dizer que se nom veesse pera ele, que elRei de Castela nom vinha senom por passar seu caminho e nom por cercar el nem os outros, posto que se logo pera ele nom veessem.

Outros contam que nom foi per esta razom, mas que Beatriz Gonçalvez sua madre estava com el em aquel logar, e falando com ela que maneira teria em seus feitos, pois elRei de Castela entrava no reino per aquela guisa, que sua madre lhe respondeo e disse:

— Filho, com os neicios, e com os trigosos ganham os homens, e nas cousas que som pera esguardar, sempre a trigança he danosa; e os reis e os poderosos muitas vezes cuidam d'acabar cousas de que ham gram desejo, e às vezes se lhe nom segue como eles pensam. ElRei de Castela entra em este reino, quebrando os trautos segundo bem vemos. E posto que algús se venham pera ele e fiquem por seus, nom praz a muitos porém com sua vinda, ante pesa a todolos pobos tendo que faz o que nom deve, como he verdade, quebrando as avenças que antre ele e⁷³ elRei dom Fernando foram firmadas. Lixboa tomou o Mestre por seu regedor e defensor, como souberom que elRei de Castela quiria vinr. E som já cidades e vilas outras do reino com eles nesta tençom, assi que já estes feitos levam começo, pera se nom livrarem muito de ligeiro, como quer que algús digam que a voz que Lixboa e os outros logares tomam contra elRei, he hú pouco de vento. E porém me parece que he bem que vos

⁷³ antre ele e elRei] amtre elRei

leixees assi estar atá que vejaes que termo Deus pôe nesta cousa, e assi podees encaminhar vossos feitos, como sentirdes por mais vossa honra e proveito.

A el pareceo este bom conselho e creio sua madre do que lhe dizia. E esta foi a razom por que nom veo falar a elRei, e nom a primeira como algús disserom.

LX

Do recado que mandou a rainha dona Lionor a algús concelhos depois da morte do conde Joam Fernandez

No mês passado acerca deste hu se começava o novo ano em Castela da nacença de nosso senhor Jesu Cristo de mil e trezentos e oitenta e quatro, e da era de Cesar de mil e quatrocentos e vinte e dous, depois da morte do conde Joam Fernandez estando a Rainha entom em Alanquer, mandara cartas a algús concelhos em que largamente lhe fez saber quanto ficava lastimada e chea de quebranto, por morte delRei seu marido, e como por seu finamento os⁷⁴ regnos ficavom à rainha dona Beatriz sua filha.

E que por se nom seguir juntamente destes regnos com os de Castela, mas sempre serem coroa sobre si, como atá'li foram segundo nos trautos era divisado, e elRei dom Fernando leixara em seu testamento que ela tomara carrego do regimento deles, aquel tempo que o havia de ser, posto que em elo sentisse gram trabalho do corpo, e afriçom pera sua alma. Mas que o fazia por salvaçom deles todos e por lhe satisfazer de muito serviço e honra que deles havia recebida. E que estando ela em Lixboa em seus paços, ordenando o que compria por serviço de Deus e proveito dos reinos, que tornara o Mestre d'Avis que ela já tinha enviado, por poer recado nas vilas da Ordem⁷⁵, e outras algúas daquela comarca, e que matara o conde Joam Fernandez, por cujo azo e alvoroço da cidade se partira dela e se fora pera Alanquer.

E que se enviava querelar a eles de taes cousas por se sentirem delo, às quaes sua tençom nom era tornar com vingança de vontade, mas somente por fazer dereito e justiça.

E que entendia de enviar recado a elRei de Castela que se sofresse d'entrar em no reino pera todos eles nom receberem dano e os reinos ficarem sobre

⁷⁴ os] o

⁷⁵ da Ordem] doordem

si, o que seria gram dúvida, se a Rainha sa filha e elRei seu marido cobrassem logo o regimento deles. E que esto lhe enviava notificar come a pessoas de que muito fiava, e por verem sua entençom qual era na prol e honra deles todos.

LXI

Como a Rainha escreveo a elRei que entrasse no reino, e a tençom por que o fez

Mandadas taes cartas pelo reino, cuja conclusom em breve dissemos, os enfermos coraçõs de todos postos em gram pensamento nom sabiam que cuidar em taes feitos.

Era-lhes muito grave de ouvir que elRei de Castela veesse ao reino, vendo-o posto em grande balança, pera de todo ficar com Castela, e isto a mor parte do pobo meúdo que nom era do bando da Rainha.

E hús tinham que elRei se sofreria de tal entrada escrevendo-lhe sua sogra daquela maneira que dissera, mormente por razom dos trautos, que com taes menagens e juramentos eram feitos. Outros de todo perdiam esta esperança, vendo aquecimentos de desvairadas guisas, espargidos⁷⁶ pelo reino, e como já deziã que vinha a pressa, por logo cobrar a posse dele.

Em este comeos entrou elRei como ouvistes, e estando na Guarda em este mês de janeiro que dissemos, chegarom cartas aficadas da Rainha, muito em contrairo do que ela ante escrevera aos concelhos. Ca ela lhes certeficava que entendia de enviar seu recado a elRei que se sofresse d'entrar em no regno pera eles todos nom receberem dano. E nestas fazia saber a elRei como todas cousas em Lixboa haviam passadas, assi da morte do conde Joam Fernandez que o Mestre matara em sua presença e paços, como da morte do bispo e dos outros que aquel dia forom mortos na Sé. E que ela com receo e muito nojosa partira de Lixboa e se veera a Santarém onde por estonce estava. E que porém lhe rogava que possesse aguça em seu caminho e chegasse ali, ca ela se tinha por mui desonrada do Mestre d'Avis, e dos moradores de Lixboa, os quaes entendia que nom queriam obedecer a ele, nem haver a rainha dona Beatriz sua molher por senhora.

E que da discordia e levantamento dos da cidade que o Mestre era capitã e cabeça, poendo-se por eles a os defender, chamando-se regedor e defensor

⁷⁶ espargidos] espargidas

do reino em suas cartas, que seria azo de seu grande acrecentamento. Porém que ela tinha irmãos e grandes fidalgos seus dívidos bem poderosos que haviam assaz de fortalezas, com que lhe podiam fazer boa ajuda em muitas guisas, desi a vila de Santarém em que ela estava, que era húa das melhores do regno, e que portanto compria muito dar trigança a sua vinda pera onde ela estava.

ElRei de Castela vendo seu recado, prougue-lhe muito com ele. E como aquele que havia gram desejo de entrar em no reino, nom lhe foram menos estas cartas da Rainha quando assi chegarom, senom éader esporas ao que havia vontade de correr, e logo em outro dia ordenou de partir.

Onde sabe que a razom por que a Rainha escreveo taes cartas, segundo algús em seus livros assinam, foi o grande queixume que ela havia do Mestre d’Avis e doutros do regno de que sospeita havia, e isso mesmo dos pobos de Lixboa e dalgús logares que tinham com eles. Entendendo ela, que depois que elRei de Castela chegasse, que faria às gentes com seu gram poder que lhe obedecessem, e que a vingaria de todos, especialmente dos homens e molheres de Lixboa de que ela dizia que nunca havia de ser vingada, até que tevesse hū tonel cheo das linguas delas.

E sem dúvida se as cousas se seguiram como ela cuidava, estranhas foram as justiças que ela mandara fazer nos moradores daquela cidade, por o que sabia que deziã dela assinadamente na morte do conde. E depois que desta guisa fosse vingada, e o regno todo assessegado, que se tornaria elRei pera sua terra, e ficaria ela em sua honra e regimento, assi que nehū dhi em deante por grande que fosse, e muito mais pouco os pequenos pobos, seriam ousados de lhe contradizer, receando semelhavel vingança. E ela vingada e o reino sem alvoroço, que se iria elRei pera sua terra, e ficaria ela como desejava.

LXII

Como elRei de Castela seguio seu caminho e chegou a Santarém

Partio logo elRei da Guarda, e foi-se em romaria a Santa Maria d’Açores e jantou naquel lugar, e foi dormir a Celorico, que lhe já Martim Afonso de Melo tinha dado, e esteve hi quatro dias. Dali partio e andou seu caminho e chegou per Coimbra que tinha o conde dom Gonçalo irmão da Rainha, e estava hi Gonçalo Mendez de Vasconcelos seu tio dela.

E estes nom se veerom pera elRei, nem o colherom na cidade, mostrando que lhe nom prazia com ele. Desi chegou a Miranda onde estava o conde de Viana, o qual veo a recebê-lo e ficou por seu, e esteve elRei ali hū dia.

No outro seguinte dia partiu de madrugada e foi dormir ao Chão do Couce. E em outro dia foi comer a Ceras e dormir a Tomar.

Ali pensou elRei que se vesse pera el o mestre de Cristos sobrinho da Rainha dona Lionor filho de sua irmã. E quando chegou a Tomar, e soube que se partira dhi, houve desto grande queixume, porque cuidou que ficasse por seu come os outros. E foi elRei pousar às pousadas do Mestre que estam no Ressio.

E certamente segundo escreve hū autor em sua estoria, assi foi de feito, que o mestre se ia pera elRei ao caminho, por ficar com ele e o servir. E hū cavaleiro de sua Ordem quando o assi vio ir e a tençom que levava, disse ao Mestre em esta guisa:

— Senhor, a mim parece que vós is receber elRei de Castela por ficar com ele e serdes seu. E vós, senhor, se esto bem esguardardes, nom o devees assi de fazer até que vejaes a que termo estes feitos querem vinr. E depois que virdes como se encaminham, entom podees fazer o que sentirdes por vossa honra e proveito sem ficando com nehū prasmó.

Com estas e outras razões que assi foram falando, foi o mestre movido a nom ir por deante, e tornou-se pera Pombal e ali esteve.

ElRei dormindo em Tomar, foi aquela noite guarda no arravalde, e foi feita hūa escaramuça, em tal guisa que matarom hū que havia nome Anrique Alemom, e hūs cinco até seis com ele.

ElRei partio dhi à mea-noite e foi amanhecer à Golegã, e hi comeo, e partio pera Santarém, e a Rainha sua molher com ele. E ante duas legoas que chegasse a Santarém, juntarom-se esses que eram com a Rainha, nom porém todos juntos, mas cada hū como lhes prazia, e saíram-no a receber, beijando a mão a el e à Rainha oferecendo-se por seus. Antre os quaes foi Gonçalo Vasquez d’Azevedo, e Joam Gonçalvez Teixeira dizendo a elRei da parte da rainha dona Lionor que a Rainha sua madre se enviava muito encomendar a ele e que fosse mui bem vindo, que tempo havia que o desejava ver em Portugal.

A rainha dona Beatriz, ante que chegasse às vinhas de Santarém, deteve-se ali hū pouco, pera se correger como lhe compria, porque trazia seus correjimentos de caminho. E mandou elRei a Pero Fernandez de Valasco, e a Pero Sarmiento, que se fossem deante, e que o aguardassem ao Chão da Feira que he ante a porta do castelo. E eles fezerom-no assi, e Gonçalo Vasquez e Joam Gonçalvez tornarom-se pera a Rainha.

LXIII

Como se o Mestre tornou d'Alanquer pera Lixboa

O Mestre, que leixámos em Alanquer, trazia enculca com elRei de Castela depois que lhe disserom que era na Guarda, por saber as gentes que com ele vinham, e que caminho queria trazer. E ante algús dias que chegasse a Santarém, chegou ao Mestre recado como se vinha pera ali dereitamente e que trazia suas gentes espalhadas, e nom muito acompanhado. O Mestre disse a Nun'Alvarez como elRei de Castela vinha pelo reino, e que seria mui cedo em Santarém. E que lhe parecia que era bem de se tornarem pera a cidade, pera poer guarda e recado em ela. Nuno Alvarez respondeo a esto dizendo que posto que se eles tornassem pera a cidade que tam bem saberia elRei de Castela o caminho pera vinr sobre ela, como eles que a haviam de defender. Mas que seu conselho era que enquanto elRei de Castela vinha com pouca gente, ante que se juntasse com ele maior poder, que trouvesse enculca com ele, e quando chegasse a termo de Santarém, que lhe saíssem eles de travessa ao caminho e que pelejassem com ele, e assi o poderiam desbaratar ligeiramente, por cujo desbarato adeantariam muito em sua demanda.

O Mestre disse que lhe parecia bom seu conselho, mas que esto se nom podia fazer a seu salvo, porquanto eram ali muito poucos. Em esto veo-lhe outro recado, que elRei de Castela havia de ser aquel dia em Santarém. E o Mestre partio com suas gentes e veo-se pera Lixboa.

LXIV

Como elRei falou à Rainha e a levou consigo pera o moesteiro onde pousou

Ante algús dias que elRei de Castela chegasse a Santarém, mandou deante Pero Carrilho seu apousentador-mor por requerir à Rainha que lhe mandasse dar pousadas e bairro pera os seus. E ela houve conselho com esses fidalgos e senhores que com ela estavam, e acordarom que elRei nem os que com el vinham nom pousassem dentro na vila, mas que elRei pousasse em hũ dos moesteiros, qual lhe mais prouvesse, e os seus de fora como melhor podessem.

O apousentador vendo esto nom se tornou porém pera elRei, mas aguardou ali até que veesse. A vila começou de se velar melhor, que ante nom por isso, como se fosse em guerra.

Ora contam algús que nom embargando que a rainha dona Lionor mandasse chamar elRei de Castela e lhe prouguesse muito de sua vinda, pero como era molher sages e percebida em todo, que nom tinha o coração bem seguro que elRei teria em seus feitos aquela maneira que ela desejava e queria. E receando muitas cousas e de nehúa sendo segura, que duvidava muito sair do castelo e se poer em poder delRei, receando o que lhe depois aveo. E que nom quisera sair fora a lhe falar, mas que fora elRei entanto pousar em hũ desses moesteiros, e que depois acordariam a maneira que tevessem em suas falas. Dizendo-lhe Martim Gonçalvez d’Ataíde, e Gonçalo Rodriguez de Sousa, e outros fidalgos, que todavia nom se posesse em poder dele, porque poderia ser que a reteria elRei até que lhe entregasse aquele lugar, e os outros todos que por ela estavam.

E Gonçalo Vasquez e Joam Gonçalvez disserom à Rainha que o nom fizesse per nehúa guisa, mas que pois seus filhos eram, e os fezera de seu reino vinr, chamados per suas cartas, que a ela seria gram desmesura, e cousa de que elRei teria má sospeita, e grande queixume, em nom sair logo a os receber e lhe falar. Mormente que eles entenderom nele quando o foram receber que el lhe tinha bom desejo e vontade de lhe fazer prazer em toda cousa que podesse.

E dizem que em esto chegou elRei a Santarém em hũa terça-feira depois de vespera, doze dias de janeiro, e a rainha dona Beatriz sua molher, a qual vinha em cima dhúa mula de sela cuberta de dó, e dona Beatriz de Castro, e outras donas e donzelas com ela. Com elRei vinham até cento e oitenta de cavalo todos armados, e lanças levantadas e trombetas consigo, mas logo à tarde veerom muitos mais⁷⁷.

E descavalgou el e sua molher em hũ grande chão que se faz ante a porta do castelo, e todos los fidalgos e donas e donzelas que em sua companhia vinham. E que estando assi pé terra, que o foram dizer à Rainha, e que entom saiu ela de má mente, cuberta de hũ grande manto preto que lhe nom parecia o rosto, tragendo-a de braço Vasco Perez de Camões, e poucos com ela. E elRei como a viu foi-a logo receber, abraçando-a el e sua filha. E ela chor-migando, começou logo dizer a elRei:

— Filho, senhor, faço-vos queixume do Mestre d’Avis que matou o conde Joam Fernandez em meus paços acerca de minhas faldras, e me deitou fora de Lixboa, mim e quantos eram meus e tinham da minha parte.

⁷⁷ muitos mais] mujtos

E que elRei lhe respondeo que a esso era el vindo por lhe fazer todo prazer e honra, e lhe dar vingança do que lhe assi fora feito. E que estonce se espedio a Rainha delRei e de sua filha, e que se quisera tornar pera o castelo. E que elRei leixar a quisera ir se nom fora Pero Fernandez de Valasco, que disse que razoada cousa lhe parecia de a levar consigo, pois havia tanto tempo que nom vira el nem sua filha, e que a levasse todavia.

Sem embargo desto a Rainha se quisera tornar pera o castelo, dizendo a elRei que pois ainda nom estava apousentado, que a leixasse ir por entom, e que em outro dia pela manhã se iria pera ele e pera sua filha. ElRei disse todavia que se fosse com ele, e tomou-a de braço dhũa parte e a Rainha doutra e levarom-na consigo pera o moesteiro de Sam Domingos onde elRei havia de pousar.

Mas pois do começo desta obra seguimos poer desvairadas openiões, por cada hũ reter qual lhe mais prouguer, digamos aqui outro razoado, que muito em parte desacorda deste, ca hũ autor que dá testemunho que esteve de presente diz que já ela estava na ponte à porta do castelo, como disserom que elRei vinha. E que elRei e a Rainha ambos chegaram juntos, e a abraçarom, beijando-lhe sua filha a mão, e que as razões que eles houverom nehũ as ouvio. E que entom a apartou elRei hũ pouco da Rainha sua filha, e falou mui pequeno espaço com ela sem nehũ ouvindo o que deziam. E entom a levou pera o moesteiro de Sam Domingos, e assi foi sua partida, e doutra guisa nom, poendo logo guarda essa noite de duzentas lanças com elRei, e assi dhi em deante.

LXV

Como elRei ordenou de se vinr pera a vila, e da maneira como entrou no logar

As falas e razões que elRei aquela noite houve com a rainha dona Lionor sua sogra, nehũ claramente as põe em escripto, salvo quanto dizem que elRei lhe disse que el nom lhe podia dar vingança do Mestre nem dos outros que ela queria, nem sojugar vila nem cidade das que tinham voz contra ela, se primeiro nom renunciasse a el e a sua filha todo o regimento que ela havia d’haver no regno segundo nos trautos era conteúdo. E ela mudando de seu proposito e vontade, determinou de o fazer.

Nem valeo, segundo contam certos autores, o conselho que à Rainha derom algũs que disto souberom parte, dizendo que nom podia éalhear o

regimento e senhorio que lhe ficara per morte delRei dom Fernando, indo contra sua postumeira vontade, que per direito era havuda por lei, de mais que tal renunciaçom era contra os trautos, nos quaes nom podia éader nem minguar sem consentimento dos prelados e pobos do reino, como em eles fazia mençom. E ela disse que nom haviam por que poer dúvida em tal cousa, que bem sabiam que elRei era senhor do regno de Portugal e a Rainha sua filha, e que em tal feito nom se podia já mais fazer. E logo em outro dia à quarta-feira mandarom chamar hū tabaliam e foi feita a escritura em que renunciou todo o direito do regimento que havia d’haver em no reino e o pôs em el e em sua filha.

E à quinta-feira pela manhã bem cedo se veo a Rainha pera o castelo e quitou a menagem a Gonçalo Vasquez d’Azevedo que era dhi alcaide-mor. E mandou chamar Joam Gomez d’Avreu, cavaleiro, hū dos honrados moradores do lugar, e disse que quando fosse a horas de meo-dia, que fizesse abrir as portas de Leirea que estavom fechadas e guardadas de gentes da vila, e vinria elRei de Castela com sua molher e gentes pousar dentro na vila.

Joam Gomez respondeo que fosse sua mercê de nom querer que elRei de Castela, nem suas gentes entrassem no lugar, que melhor pousariam per esses moesteiros, e fora no arravalde onde lhe dariam mantimento por seus dinheiros, que lhe poer a vila em poder e se envurilharem todos.

A Rainha houve desto queixume, e disse a Joam Gomez come sanhuda: «E como, nom querees vós que meus filhos entrem dentro na vila? Eu vos digo, se vós nom quiserdes, que eu lhe darei entrada pela porta deste castelo, e sairám per esta outra porta dentro à vila. E onde eu tenho ordenado de eles irem pousar nas casas de Gonçalo Vasquez d’Azevedo, eles irám pousar nas vossas convosco». Respondeo entom Joam Gomez e disse:

— Senhora, eu dezia esto por bem, entendendo-o por vosso serviço. Mas pois que a vós assi nom praz, eu farei todo o que vós mandaes.

E logo em esse dia depois de jantar abrirom as portas, e elRei como comeo veo-se à vila. E vinha em cima de hū cavalo e parte dos seus de bestas armados e lanças levantadas todos deante. E as ruas des o castelo até Sant’Estevam onde elRei havia de pousar, e dali até a⁷⁸ alcaceva todas primeiramente foram filhadas, e postos muitos homens d’armas a pé terra em elas. E mandou a Rainha aos judeus que fossem receber seus filhos com as touras fora da vila, e fezerom-no assi.

⁷⁸ a] *om.*

E quando elRei chegou à porta do castelo que saía contra o Chão da Feira, já ali estava a Rainha de besta e tomou-a elRei de redea, e a Rainha sua filha trás ela, a qual levava o ifante de Navarra. E elRei ia armado dhúas solhas, e hũ ramo de cidreira na mão, e entraram pela porta de Leirea e levarom a rua toda de longo, até que chegarom às pousadas de Gonçalo Vasquez d’Azevedo onde haviam de pousar, que eram junto com a igreja de Sant’Estevam desse logar; e ficou a Rainha dentro nas pousadas com elRei.

E logo em esse dia lhe foi entregue o castelo e a alcaceva, e foi tirado aquel que o tinha por Gonçalo Vasquez, e posto em ele Lopo Fernandez de Padilha. E na alcaceva poserom Garcia, e Sancho de Vilhodre⁷⁹ ambos irmãos, com oitenta lanças. E havia elRei sempre em seu paço, de guarda de dia e de noite, cinquenta homens d’armas.

LXVI

Da maneira que elRei teve com os desembargadores da justiça e como mizcrou suas armas com as de Portugal

Estando elRei assi em Santarém, que he húa das grandes e melhores vilas que há no reino de Portugal, e mais abastada de todos mantimentos, vinham-lhe cada dia grandes capitães com muitas gentes de seus regnos.

E o apousentador da Rainha com outro delRei de Castela repartiam bairro a cada hũ segundo que era dentro na vila, e pelo arravalde de fora. E nom escusavom nehú de pousarem com ele, salvo a judaria em que nom pousarom, por azo de dom Davi Negro, e dous judeus de grande estado aliados à Rainha. E tinham os castelãos boa maneira logo no começo com os que pousavom, e no comprar das viandas. E estavom todolos desembargadores e officiaes da casa do tempo delRei dom Fernando com a Rainha em Santarém, quando elRei de Castela chegou, que se veerom com ela quando partio de Lixboa.

Assi como Lourenç’Eanes Fogaça chanceler-mor, e Gonçalo Perez seu escrivam, e o doutor Gil do Sem, e Joam Gonçalvez e Fernam Gonçalvez, e Lopo Estevenz de Leirea, todos três lecenceados em leis, e Rodrigo Estevenz de Lixboa, e Gonçalo Perez priol d’Ourém, e Gonçal’Eanes, ambos bacharees em dereito canonico. E estes e outros livravom todolos feitos de Portugal com

⁷⁹ *Villodre*

gram deliberaçom e dereito. E quando elRei de Castela chegou, nom quis desfazer o modo como estavom, mas pôs cada hũ de sua mão no officio que tinha, e isso mesmo os escrivães e todos os outros.

E fez seu procurador Gonçalo Martinz bacharel em degredos, e todos receberam dele mantimento de dous meses, e em seu nome livravom os feitos, como aqueles que entendiam que já tinha o reino por seu. E andava Gil Eanes, corregedor da corte, e hũ alguazil delRei pela vila que a regiam e ouviam algũs feitos antre os castelãos e os portugueses.

ElRei de Castela posto que se ante chamasse Rei de Castela e de Leom e de Portugal e do Algarve, ali começou de se nomear muito mais claramente, por azo das sentenças, e dos outros desembargos do reino, alçando pendões de suas armas com as quinas no cabo delas como já tendes ouvido. E como elRei ali chegou, disse a Lourenç'Eanes Fogaça, chanceler-mor que fora delRei dom Fernando, que lhe levasse os selos que tinha, assi chãos come pendentes, pera os mandar desfazer e quebrar, e mandar fazer outros, com as armas e signaes de Castela, e as de Portugal mizcradas com elas, dizendo-lhe que como fossem feitos que logo lhos entregaria, porque nom era seu desejo d'haver outro chanceler no regno, senom ele.

Lourenç'Eanes comprio seu mandado, e entregou-lhe os selos com pouca vontade de os mais receber, nem ser seu chanceler. E por ter azo de se partir em salvo, el e Gonçalo Perez seu escrivam, disse hũ dia a elRei de Castela:

— Senhor, eu e Gonçalo Perez, vosso escrivam da chancelaria, nom⁸⁰ temos aqui nossas molheres, ca eu tenho a minha em Lixboa, e el tem a sua em Evora. Seja vossa mercê de nos dar lecença pera irmos por elas, assi por sua segurança, como por termos azo de vos melhor servir.

A elRei prougue de tal requerimento, pensando que fosse como el dizia. E eles foram-se pera o Mestre oferecendo-lhe seu serviço. E el mandou Lourenç'Eanes a Ingraterra como tendes ouvido, e depois Gonçalo Perez à cidade do Porto como adeante contaremos.

O mizcrar das armas fez elRei per esta guisa: a redondeza do selo partio de todo per meio e na primeira meatade estavom as armas dereitas de Castela e na outra meatade as dereitas de Portugal *scilicet* a barra de longo com o meio da redondeza era cercada de castelos, e dentro cinco escudos com as quinas. E as leteras que cercavom todo o selo arredor deziã «Johanis Dei gratia, regis Castelle et Legionis et Portugallie».

⁸⁰ nom] no

Seu ditado nas cartas e em quaesquer outras escripturas era este: «Dom Joam pela graça de Deus Rei de Castela, de Leom e de Portugal, de Toledo, de Galiza», e dos outros logares que se costuma de nomear. E taes selos e com tal ditado se chamou entom, e depois per tempo.

E ordenou o concelho de Santarém de darem logo hū serviço a elRei de Castela, e foram-lhe outorgadas pelos homens bons desse logar trinta mil livras, as quaes depois houve o Mestre, sendo rei, daqueles que delas foram recebedores.

E teve elRei conselho de fazer moeda em Santarém, e mandou lavar hūs reaes de prata de lei de sete dinheiros e coroados, e outras moedas de valor pequeno.

E dizem que deu a rainha dona Lionor a elRei de Castela muitas joias das que ficarom delRei dom Fernando, e el lhas agradeceo muito, e foram logo à primeira muito d'acordo e bem amigos.

LXVII

Dos fidalgos e cavaleiros que estavom com elRei em Santarém, e do que aveo a Gonçalo Vasquez com o soldo que mandou pagar aos seus

ElRei em Santarém como dizemos, estavom hi dos fidalgos do regno estes senhores e capitães com ele, *scilicet* dom Henrique Manuel de Vilhena filho de dom Joam Manuel conde de Sea que tinha Sintra, e dom Pedr'Alvarez Pereira prior do Espital e o conde dom Joam Afonso irmão da rainha dona Lionor, e o conde de Viana, e Gonçalo Vasquez d'Azevedo que tinha Torres Novas, e Vasco Perez de Camões que tinha Alanquer e Joam Gonçalvez Texeda que tinha Obidos, e Dieg'Alvarez, e Fernam Pereira, irmãos do dito prior do Crato, e Vasco Martinz da Cunha, e Martim Vaz, e Gil Vasquez, e Vasco Martinz seus filhos, e Vasco Martinz de Melo, e Joam Afonso Pimentel, e Joam Rodriguez Portocarreiro e Martim Gonçalvez d'Ataíde e Afonso Gomez da Silva, e Fernam Gomez da Silva, e Martim Afonso de Melo, e Vasco Martinz seu irmão, e seus filhos destes e Fernam Gonçalvez de Sousa, e Gonçalo Rodriguez de Sousa e pelo reino outros muitos e bons cavaleiros, que tinham grandes e boas fortalezas com que obedeciam a seu mandado.

E destes senhores e fidalgos que ali chegarom a Santarém, mandou elRei a algús que se tornassem pera seus logares, e outros ficaram em sua companhia. Onde sabe que todos os senhores e fidalgos que ali ficarom, e os que se tornarom pera os castelos que lhe já tinham oferecidos, a todos elRei desembar-

gava soldo pera certas lanças com que o houvessem de servir. Antre os quaes desembargou a Gonçalo Vasquez d’Azevedo soldo pera cem lanças. Gonçalo Vasquez trazia gram casa e era acompanhado de muitos e bons escudeiros que com el viviam, assi come Rodrigu’Eanes de Buarcos, Vasco Rodriguez Leitom, Joam Rodriguez da Mota e outros semelhantes de boa conta. E hú dia foi el ao paço, e leixou dito ao seu vedor que desse o soldo a todos os seus, segundo já tinha ordenado. E el pôs três montes de dinheiros em cima de húa mesa, hú de florins e outro de reaes de prata, e outro de moeda corrente.

E quando requerio os escudeiros que o tomassem nehú foi que os quisesse receber, mas tomavom os florins na mão e começavom de rir deles, e tornavom-nos a seu lugar. Gonçalo Vasquez a horas de cea tornou pera a pousada; e quando vio os dinheiros estar daquela guisa, nom soube que cuidar e perguntou ao seu vedor por que os nom dera como el mandara.

— Sabee, disse el, que todos convidei com eles e nom foi nehú que os quisesse receber.

Gonçalo Vasquez esteve hú pouco quedo, sospeitando por que o faziam, e disse que os guardassem dali, e que posessem a mesa. E entom os chamou todos adeparte, e disse:

— Espantado som de vós serdes todos homens a que eu tal desejo tenho, assi d’acrecentar em vossas honras, come de encaminhar vossos feitos com elRei meu senhor per hu quer que eu possa, e nom quererdes vós tomar seu soldo, pera o haverdes de servir em minha companhia. Em verdade eu tinha de vós tal entençom, que nom digo eu com elRei de Castela, que he hú senhor, que todos somos teúdos de servir. Mas ainda que me eu tornara mouro, e me fora pera Grada, pera lá viver por sempre, que vós vos tornárees mouros comigo e me serviríees em quaesquer cousas que de minha honra fossem. E ora me parece que era enganado convosco, porque disto vejo muito o contrario, e pois que assi he rogo-vos que me digaes por que o fazees.

E eles todos calando, respondeo Vasco Rodriguez e disse:

— Digo-vos, pois estes calam e nehú nom fala, que eu quero falar por mim e por eles. Sabee que eles nem eu nom temos vontade per nehúa guisa de tomarmos soldo delRei de Castela, nem vosso pera o haver de servir. E ante nos partíremos todos de vós que havermos de tomar seu soldo nem sermos seus. Mas se vós quiserdes ter a tençom do Mestre e de Lixboa, digo-vos que nom havees mester ouro nem prata, nem outro dinheiro que nos dees. Mas todos de boa vontade despenderemos os corpos e vidas e quanto temos por vos servir e morrer convosco hu quer que vós fordes. E esta he nossa final entençom, da qual já nom temos de desviar. E se vos algú disser

o contrario, sabe que vos mente e nom lhe creaes nem fiees dele, nem de mim tam pouco posto que vo-lo diga.

Gonçalo Vasquez quando esto ouvio, ficou espantado e disse que pois assi era, que el nom entendia de os perder nem forçar, mas que el encaminharia de geito que esto nom vesse mais a praça. Entom houve com elRei que se fosse pera Torres Novas e ali estevesse por guarda do logar, e assi se foi.

Eles vendo que seu desejo era de servir elRei e ter sua entençom, partirom-se dele poucos e poucos, e foram-se a Buarcos pera Alvaro Gonçalvez seu filho que tinha voz do Mestre, e meterom-se na frota do Porto, quando depois veo a Lixboa, como adeante diremos.

LXVIII

Dos logares que tomarom voz por Castela em todalas comarcas do regno

Pois que dissemos parte dos senhores e fidalgos que se veerom pera elRei de Castela, convém que digamos dos logares que tomaram sua voz, e lhe obedeciam, por verdes como teve gram parte do regno a seu mandar, per todalas comarcas dele. Nom porém que os pobos moradores dos logares lhos dessem nem lhe obedecessem per seu grado. Mas os alcaldes e os melhores de cada hũ logar lhos ofereciam, e tomavom sua voz e a faziam tomar aos pequenos per força. Assi como fez Lopo Gomez de Lira em Braga, que se chamava meirinho por elRei de Castela, que por prisom que fez aos moradores do logar e às pessoas eclesiasticas do cabido da Sé, lhes fez que fizessem menagem ao arcebispo de Santiago em nome delRei de Castela, e que tevessem sua voz e lhe obedecessem como a seu senhor, porque o dito Lopo Gomez entrou na cidade contra vontade do concelho e cabido, e fez hi entrar o arcebispo de Santiago, e outras companhas de Galiza com ele. Entom Lopo Gomez mandou lançar pregom per a cidade que todolos moradores dela, assi clerigos come leigos se fossem logo à claustra da Sé pera fazer menagem ao dito Rei de Castela e sua molher que os houvessem por senhores e fizessem por eles paz e guerra. E aqueles que o nom quisessem fazer que os degradava do senhorio dos regnos de Portugal e que perdessem os bens que haviam.

Além desto, eram subjogados do castelo que está sobre a dita cidade de que era alcaide Vasco Lourenço irmão do dito Lopo Gomez, dizendo que se nom fizessem as ditas cousas que lhe Lopo Gomez mandava que seriam des-

troídos. E eles todos com temor lha fizeram estonce como ele quis, e per esta guisa e outras semelhantes se davom os pobos a elRei de Castela, mas nom de vontade.

Onde cuidae que sendo soada sua partida de Castela pera vinr a Portugal, que voz de grande espanto, como dissemos, foi ouvida em todo o reino quando as gentes foram certeficadas que elRei de Castela queria entrar em ele, vendo que tal entrada nom podia ser sem grande escandalo e discordia, a qual poínha os humanaes entendimentos em opiniões de muitas guisas. Em tanto que posto que o amor da terra e natural afeiçom costringesse muitos fidalgos e alcaides de castelos a ter com Portugal, ante que com Castela; outros porém havia hi taes, que usando de cobiça mesturada com entençom maliciosa, e deles com temor e receo de cada hũ perder sua honra, desi cobrar outra maior da que tinha, lhe fez de todo escolher o contrairo per tal modo que foi o reino deviso em si e partido em duas partes. E mui poucos lugares e fidalgos tomarom voz do Mestre pera o ajudar e todolos outros se derom a elRei de Castela obedecendo a seu mandado. Assi que polas comarcas do reino estavom por el estas fortelezas *scilicet* na Estremadura, Santarém, Torres Novas, Ourém, Leirea, Montemor-o-Velho, Castelo da Feira, Penela, Obidos, Torres Vedras, Alanquer, Sintra; e antre Tejo e Odiana, Arronches, Alegrete, Castel da Vide, o Crato, Ameeira, Monforte, Campo Maior, Olivença, Vila Viçosa, Portel, Moura, Noudal, Mertola, Almadá; e Antre Doiro e Minho, Lanhoso, Braga, Guimarães, Valença, Melgaço, Ponte de Lima, Vila Nova de Cerveira, Caminha, Viana, o Castelo de Neiva; em⁸¹ Tras-os-Montes, Bragança, Vinhaes, Chaves, Monforte de Rio Livre, Montalegre, o Mogadoiro, Mirandela, Alfandega, Lamas d'Orelham, Vila Real de Panoias; na Beira, Castel Rodrigo, Almeida, o Sabugal, Monsanto, Penamacor, a Guarda, Covilhã, Celorico, Linhares. Estes cinquenta e quatro logares, e outros mais que dizer nom curamos, teve elRei a seu mandar quando veo, e ante que entrasse no regno.

E posto que os ricos e poderosos, assi alcaides de castelos come outros fidalgos, tevessem voz por elRei de Castela, os pobos porém todos em seus corações eram contra ele e contra a Rainha, em guisa que assi como disse-mos se levantavam muitas oniões em algũs logares e tomavom os castelos aos alcaides deles, alçando voz por o Mestre d'Avis, escrevendo-lhe que que-riam ser seus e o ajudar com os corpos e haveres. Assi como tomarom Evora

⁸¹ em] *om.*

a Alvaro Mendez d'Oliveira, e Estremoz a Joane Mendez de Vasconcelos, e Beja e outros logares que ouvistes. E àquelas vilas que tinham voz por Castela, mandava elRei gentes d'armas quantas via que eram mester, de guisa que o alcaide com elas e com seus criados e amigos as podessem defender como compria, ca dos que moravam nos logares nom eram os alcaides muito seguros por as cousas que viam acontecer.

E das fortezas que tinham voz por Castela saíam os alcaides portugueses a fazer grandes roubos e cavalgadas nos termos dos que tinham a parte do Mestre, prendendo e roubando e matando em eles, como se lho devessem per contrairos merecimentos. Assi que os que deviam ser seus defensores e os livrar das mãos dos êmigos, aqueles os matavam e perseguiam, usando contra eles de toda crueldade. Ó que forte cousa e mortal guerra de ver, hús portugueses quererem destruir os outros, e aqueles que hú ventre gerou e húa terra deu criamento, desejarem de se matar de vontade, e esparger o sangue de seus dívedos e parentes!

LXIX

Como forom filhados os navios do pescado que vinham de Galiza

Começando-se esta nova guerra antre portugueses com portugueses, além da que haviam com os castelãos, e estando o Mestre em Lixboa como disse-mos, húa segunda-feira pela manhã, primeiro dia de fevereiro da sobredita era, pareceo pela foz na entrada do rio húa galé de Castela, e cinco baixees, e húa grande nao. E com tempo contrairo pousaram os baixees aquém de Restelo, mais dhúa legoa da cidade, e a nao e galé ficaram muito atrás antre Ueras⁸² e Santa Caterina, grande espaço dos baixees.

O Mestre soube parte que algús destes navios eram de Galiza, carregados de farinha e mantimentos, que vinham pera a frota de Castela, cuidando que jazia já sobre a cidade; outros iam carregados de pescado seco pera Aragom. E sendo certo que todos eram de seus êmigos, fez logo fazer prestes duas galés e duas naos e três barcas, e foram prestes e fornecidas d'armas e companhia em dous dias.

Estes navios que assi pousaram, nom pensavom receber dano dos da cidade, tendo que o cuidado de se perceberem do cerco que esperavom era tam

⁸² *Oeiras*

grande, que esto lhes dava assaz que cuidar, a nom ter doutra cousa sentido; e foi assi que ante manhã devalarom as naos e barcas dos portugueses contra aqueles navios. A galé de Castela, como vio as galés e as outras velas ir daquela guisa, leixou as ancoras e fugio e foi-se. E os navios pequenos foram filhados todos e tragidos ante a cidade sem mais pelejarem, ca lhe nom compria.

A nao era de duzentos tonees, nova e grande e bem fornecida dhú judeu que chamavom dom Davi da Crunha. E quando vio o que se fazia, mui a pressa deferio, posto que tempo azado nom houvesse. E quis sair pela carreira da alcaceva e meteo de ló contra vento quanto pôde. As galés iam a geito a longo da terra, e húa nao e duas barcas a seguiam sendo no mar grande cavadia por o vento que era forçoso. E porque levava grande espaço ante elas, já desesperavam de a encaçar.

O Mestre estava em seus paços, e muitos da cidade com ele olhando. E quando vio a grande vantagem que a nao de Galiza levava ante as suas, disse contra os que eram presentes: «Sae-se aquela!» E el em dizendo estas palavras, o lais da verga que som atá três braças de húa das partes, aconteceu de quebrar à nao, per cujo azo lhe foi forçado amainar. E desta guisa a cobraram os portugueses, sem mais pelejar, nem ferida, que algú houvesse. Grande foi o prazer que o Mestre e todos da cidade houverom por este bom aquecimento, mormente em tempo que lhe tanto fazia mester. Ca em estes navios foi achado muito pescado seco de pescadas e congros, e polvos, e sardinhas de fumo e de pilha, e muita farinha e outros mantimentos.

Onde sabe que nom embargando que geral officio fosse a todos prover e azar qualquer comum proveito que cada hū sentia pera a cidade, que deles houve hi porém taes de que se assenhorou tanto a cobiça, que ligeiramente lhe fez outorgar nos corações, requerer e demandar ao Mestre que lhe vendesse aquele pescado, pera o levarem fora do regno, polo grande ganho que em el sentiam, mostrando que era muito seu serviço e proveito com húa apparencia de palavras, todas émigas da prol comunal.

O Mestre, em que nom falecia mas ante era em el avondosa discreçom e juízo, disse que nehú lhe falasse em tal cousa, ca el entendia que Deus lhe encaminhara aquelo por dar a todos boa quaresma que se entom chegava. E que aqueles mercadores que lhe por cobiça de ganho tal requerimento faziam, bem mostravom que pouco se doíam do bem do pobo e de sua defensom, em tempo que o tanto havia mester pera seu mantimento, e outras necessidades. E assi foi que com aquel pescado era a cidade farta em boa avondança. E pagavom aos fidalgos e às outras gentes o soldo em ele, de que a elRei de Castela muito desprougue quando o soube em Santarém.

LXX

Como o conde de Maiorgas mandava desafiar o Mestre e como Nuno Alvarez respondeo a elo

Antre os senhores que com elRei de Castela vinham, era hũ deles o conde de Maiorgas, dom Pedr'Alvarez de Lara, filho bastardo de dom Joam Nunez de Lara. Este era grande homem d'armas e mui afamado cavaleiro e bem ardido.

Ora aqui dizem algũs, contando os feitos de Nun'Alvarez em seu louvor, que estando el com o Mestre em Lixboa, e ouvindo a fama deste conde e quanto era pera muito, que cuidou de o mandar requestar pera se matar com ele trinta por trinta. E que pedio lecença ao Mestre, decrarando-lhe as razões por que se a elo movia. E que o Mestre lha outorgou. E que Nun'Alvarez mandou desafiar o conde, e el recebeu sua requesta, e que foi assinado o logar e dia, e prestes Nun'Alvarez pera elo. E que o Mestre vendo depois os feitos e trabalhos que se lhe recreciam, que lho defendeo que o nom fizesse, e que portanto se nom pôs sua requesta em obra.

Mas hũ outro estoriador, cujo falamento nos parece mais razoado, conta esta estoria muito doutra guisa, e de seu escrever nos praz mais, dizendo que hũ jogral que chamavom Anequim, que vivera com elRei dom Fernando e ficara com a rainha dona Lionor, ia muitas vezes às casas hu elRei de Castela pousava. E tinha por costume de chamar compadre a qualquer que conhecia, e assi chamavom os outros a ele. E como havia em usança d'andar por casa dos senhores, disse hũ dia que queria ir a Lixboa por ver o Mestre d'Avis e folgar com ele.

O conde de Maiorgas quando esto ouvio dizer chamou-o estonce e disse:

— Compadre, dizem-me que te vás a Lixboa.

— Si, disse ele, lá quero chegar pera ver o Mestre.

— Pois rogo-te, disse o conde, que me faças esta graça: que digas ao Mestre que se me el nega, que el nom faz treição e maldade em alvoraçar este reino, e se querer assenhorar dele, o qual de direito he de meu senhor elRei e de sua molher, que eu lhe poerei o corpo sobr'elo, e lho farei conhecer. E rogo-te que lho digas todavia.

Anequim disse que prometia de lho dizer e de trazer a reposta. E foi assi que el chegou a Lixboa, e falando ao Mestre, disse-lhe esta embaxada do conde. E acabando el de a dizer, Nuno Alvarez que presente estava, ante que o Mestre nehũa cousa falasse, respondeo a Anequim e disse:

— Meu senhor o Mestre nom he razom que lhe ponha o corpo, mas sobr'essa entençom que el diz, eu lho quero poer de mui boa mente. E se me

el nega que o Mestre meu senhor, e nós outros portugueses com el, nom fazemos justa guerra por defensom de nossos corpos e haveres; e que elRei de Castela, mal e como nom deve, entrou em este reino ante do tempo que devera, britando os trautos que teúdo era de guardar, por a qual razom perdeu todo quanto direito em el havia; e que porende o reino pertence ao Mestre meu senhor que aqui está, como filho delRei dom Pedro que he; que eu lhe poerei o corpo sobr'elo, e lho farei conhecer, quer hū por hū ou dous por dous ou quantos ele quiser e rogo-te que assi lho digas.

Falarom estonce em outras cousas, e a poucos dias partio Anequim pera Santarém, e o conde lhe perguntou se dissera sua encomenda ao Mestre. E el disse que si e a resposta que Nun'Alvarez dera a elo.

— Quem he esse Nun'Alvarez?, disse o conde.

— Senhor, disse ele, he hū irmão de dom Pedr'Alvarez priol do Crato.

— Nom sei, disse o conde, que homem he, nem o conheço. Nem curo doutrem senom da pessoa do Mestre, nem poerei o corpo senom a ele, que quanto aos padres da linhagem dos reis vimos, e da parte das madres ambos somos bastardos. Pois se mo el poer nom quer, quanto com outrem nom entendo d'entrar em campo, nem lhe poer o corpo sobr'esto.

Em este comeos provendo o Mestre o que cedo esperava de ser, como elRei de Castela foi em Santarém e se el partio d'Alanquer pera Lixboa, mandou logo recolher pera a cidade todos os moradores do termo, com os mantimentos que levar podessem. E eles trigosamente com receo dos castelãos, que lhe deziã que já corriam a terra, partiam-se com as molheres e filhos e com os gados e bestas, e cousas que levar podiam e vinham-se pera Lixboa. Outros se passavam além do rio a Ribatejo, por buscar segurança a sua vida, segundo cada hū melhor entendia.

Ó que dorida cousa era d'esguardar, ver de dia e de noite, tantos homens e molheres vir em manadas pera a cidade com os filhos nos braços e pela mão, e os pais com outros aos pescoços e suas bestas carregadas d'alaias e cousas que trazer podiam! E assi se recolherom de todo o termo pera a cidade todos os moradores d'arredor ante que elRei de Castela veesse.

LXXI

Como Nun'Alvarez foi a termo de Sintra à forragem, e algũs capitães de Castela chegarom ao Lumear

Porque o Mestre entendia que hũa das cousas que lhe mui necessarias eram, pois cercado havia de ser, assi era avondança de mantimentos, ordenou ante que elRei de Castela veesse, de mandar gentes à forragem aos logares que nom tinham sua voz por bastecer a cidade de viandas o mais que se fazer podesse.

E mandou a Nun'Alvarez que fosse a Sintra, pera trazer de seu termo algũs mantimentos. E com ele atá trezentas lanças d'escudeiros e cidadãos, e poucos homens de pé, estando entom em Sintra o conde dom Henrique e gentes com que o bem podia defender, que tinha voz por elRei de Castela. E correo Nun'Alvarez a terra d'arredor toda sem achando nehũ que o torvasse. E apanhou muitos mantimentos de gados e trigo, e outras cousas de comer, de que carregarom assaz d'azemelas de que já iam percebidos pera esto e nehũ saiu do logar fora que se trabalhasse de lho tolher.

ElRei de Castela que em Santarém estava, havia muito pouco que enviara dom Pedro Fernandez Cabeça de Vaca, mestre de Santiago, e Pero Fernandez de Valasco seu camareiro-mor, e Per'Rodriguez Sarmiento adeantado-mor de Galiza. E com eles mil lanças de bons homens d'armas que chegassem a termo de Lixboa, pera fazer começo de cerco. E nom consentissem aos da cidade que se estendessem pela terra a fazer dano nêhũ. E na noite seguinte que Nun'Alvarez partio de Sintra com sua cavalgada, lhe chegou recado que aquelas gentesstavom em Alanquer, e queriam vinr sobr'el. Pola qual razom se logo partirom algũs de sua companhia, e se veerom à cidade. E os que ficaram, no dia seguinte lhe deziã que se partisse a pressa e nom atendesse ali aquelas gentes. Mas Nun'Alvarez nom o quis assi fazer, nem curou de quanto deziã e veo-se muito passo e devagar com sua cavalgada que trazia. E no caminho muito contra vontade de todos aguardou atá meo-dia se vinriã os castelãos pera lhe poer a praça.

O Mestre em Lixboa onde estava, quando soube disto parte, mandou-lhe em ajuda Rui Pereira tio de Nun'Alvarez com cento e cinquenta lanças. E depois que foi tarde vendo que os castelãos nom vinham a eles, veerom-se pera a cidade com todo aquilo que traziam e foram do Mestre mui bem recebidos. Aqueles capitães de Castela que dissemos, vinham com suas gentes pera encaçar Nun'Alvarez e lhe tomar a presa que fezera. E porque havia já hũ dia que Nun'Alvarez era na cidade, pousarom-se no Lumear e pelas aldeas

d'arredor sem indo mais por deante. E foi esto aos oito dias do mês de fevereiro já nomeado.

LXXII

Como o Mestre teve ordenado d'ir a Santarém pelear com elRei de Castela, e por que azos se nom fez

Já dissemos como elRei de Castela quando veo a Santarém, foram apouentados todolos seus pela vila, com pessoas grandes e meãs e de pequena condiçom, em guisa que nom havia nehú no logar com que nom pousassem.

E logo no começo de seu apousentamento, começaram de ter boa maneira com os hospedes. E depois per dias começaram de se assenhorar deles, fazendo-lhes tantas sem razões e desmesuras, que todos se tinham por muito agravados. Ca eles filhavom a seus donos o que haviam, e tiravom dous e três vizinhos de suas casas e faziam-nos pousar em outra parte, e colher todos em húa casa, nom lhe leixando tirar das casas nehúa cousa, nem roupa de cama pera dormir, salvo a que trajiam vestida.

Outros lançavom fora da casa, e ficavom eles com a molher, e dormiam-lhe com ela. E a outros o faziam presente seus olhos, mal que lhe pesasse, dizendo que quanto tinham, todo era seu, e deles nehúa cousa, doestando-os de torpes e más palavras, dizendo-lhe assaz de desonras e escatimas. E se algú queria falar ou responder, logo mostravom que o queriam matar. Outros legavom de pés e de mãos, e assi os tinham toda a noite. E outros nom ousavom de sair fora de suas casas pera nehú logar sem alvará, doutra guisa logo eram presos e mal trazidos. Em tanto que muitos desemparavom quanto haviam, e fugiam pera Lixboa e pera outros logares. E foi esto em tanto, que algús dhi de Santarém, e outros portugueses que com elRei de Castela estavom, enviavom per vezes a Lixboa dizer ao Mestre que fosse aló em barcas pera pelear com elRei de Castela, e que eles o ajudariam.

Esta cousa falou o Mestre primeiro com Nun'Alvarez, e depois com os outros do conselho. E todos acordarom que era bem de se tremeter delo. E querendo-se o Mestre trabalhar de o poer em obra, houve depois conselho de o nom fazer nem ir a tal logar em barcas, que som navios que nom podem levar senom pouca gente, onde compria de levar muita. De mais que as barcas nom chegariam mais longe senom até Muja que som duas legoas do logar, por a augua do Tejo que era muito pouca, e nom podiam ir mais acima. E a mor dúvida deste feito era se aqueles recados que vinham

eram verdadeiros, ou azados per arte delRei de Castela pera matar ou prender o Mestre, e todos aqueles que em sa companhia fossem. E porém cessou de se nom fazer.

LXXIII

Como a Rainha escreveo ao conde dom Gonçalo seu irmão que desse Coimbra a elRei de Castela

A Rainha logo no começo sendo d'acordo com elRei de Castela fez-lhe entender que ligeiramente podia haver e cobrar todos los logares que no reino havia, ca os maiores da terra eram seus dívidos e de sua molher, e todos los outros que vilas e castelos tinham, obrigados a ela per criaçom e benfeitura. E que posto que algûs de maõ recado alçassem voz contra ele, mostrando que o queriam deservir, que nom curasse da doudice de taes, ca eram sandeus e seguidores da sandia opiniom, fundada em vã esperança. E que ela escreveria ao conde dom Gonçalo seu irmão, e a Gonçalo Mendez de Vasconcelos seu tio, que estavom em Coimbra que era hú dos principaes logares do regno, e que logo tomariam sua voz e lhe dariam a cidade, posto que o nom saíssem a receber quando el per hi passara. E que ela chegaria lá com ele se comprisse, e assi a cada hú dos outros logares, quando possessem dúvida de lhos entregar.

Onde segundo achamos escrito o conde dom Gonçalo ante desto veera ao Porto fazer saimento por elRei dom Fernando; e a Rainha lhe escreveo que se veesse a Coimbra e aos homens bons da cidade que o recebessem bem e lhe fizessem toda honra, e el veo-se pera hi e trouve consigo cem lanças.

No castelo estava por alcaide Gonçalo Mendez tio do conde e da Rainha a que muito prougue com sua vinda. E dizem que pousando el na vila lhe fez prometimento seu tio que el nom desse o castelo, nem ele a vila a nehúa pessoa sem consentimento d'ambos, e desta guisa estava o logar.

E depois que o conde hi foi, veerom-se pera el Joam Rodriguez Pereira, e Joam Gomez da Silva, e Alvaro Gonçalvez Camelo que depois foi priol do Espital, e Nuno Veegas, e Nuno Fernandez de Mariz, e Nuno Fernandez de Penacova, e Pero Gomez de Seavra, e Martim Correa e outros. Assi que tinha hi consigo trezentas e cinquenta lanças, e estava bem seguro e muito à sua vontade. E quando a Rainha falou a elRei assi como já dissemos, disse-lhe ele que escrevesse a seu irmão e a Gonçalo Mendez que houvessem por bem de lhe darem a cidade e tomar sua voz, e que el lhe faria por elo muitas mercês.

E a carta que lhe enviou achamos que foi desta guisa:

«Irmão amigo que eu muito amo, creio que bem sabees como hei renunciado o regimento deste regno, e posto em elRei de Castela meu filho. E entendo que fige em elo o que devia, porque bem vedes vós que doutra guisa nom podia minha filha cobrar esta terra e haver o senhorio dela, segundo o começo que estas cousas levam. E porque eu sei que Gonçalo Mendez vosso tio, posto que me dessa cidade tenha feita menagem, nom a pode dar se vós nom quiserdes, porém vos rogo como irmão e amigo, em que hei gram feúza, que vos praza de tomardes voz por elRei de Castela vosso cunhado, recebendo-o por senhor, e farees em elo o que devees por minha honra e vossa, e el vo-lo galardoará com muitas mercês e vos poerá em maior estado. Ca nom compria a mim nem a vós cobrá-la o Mestre d’Avis, pera nosso linhagem ser por elo desonrada».

Escreveo outrossi a Gonçalo Mendez dizendo que bem sabia a honra e acrecentamento que ela em ele fezera; e como tinha aquel castelo de sua mão, de que lhe havia feita menagem; e que porém lhe rogava que sem outra contenda tomasse voz por elRei de Castela seu filho e lho entregasse; e que em esto faria o que devia e a ela grande prazer e serviço; e que fosse bem certo que el lho galardoaria com muitas mercês melhor do que el poderia cuidar.

LXXIV

Do que aveo a algús da cidade que saírom fora pera pelejar com os castelãos

Enquanto estes recados forem a Coimbra e veer deles algúa reposta, vejamos que fizeram o mestre de Santiago, e Pero Fernandez de Valasco e Pero Rodriguez Sarmiento, que leixamos no Lumear como ouvistes. Onde assi foi que pousando eles naquelas aldeas húa legoa da cidade, saírom hú dia per mandado do Mestre, Joam Fernandez Moreira, e outros de cavalo com ele, com algús peões e besteiros, até hú campo que chamom Alvalade Grande. E esto por saírem os castelãos a eles e os trazerem até cerca da cidade.

E foi de tal guisa que os castelãos como souberom que eles estavom em aquel logar, derom às trombetas. E cavalgarom os capitães e muitos dos seus com eles e derom os portugueses volta. E como forom acerca, nom se poderom tanto sair, que os outros os nom encaçarom, e matarom deles e prenderom, e foi hi morto o dito Joam Fernandez. E se nom forom as vinhas per hu se deitavom, per que os de cavalo nom podiam romper, mais dano fizeram em eles seus émigos.

O Mestre saíra aquel dia e Nun'Alvarez com ele e gente da cidade até trezentas lanças e homens de pé e besteiros, e poserom-se em batalha em húa lombada que se faz acima da egreja de Sam Lazaro, que serám dous tiros de besta da cidade. E aguardava ali que quando os castelãos veessem pelo encalço após aqueles, que assi chegarom até Alvalade, que o achassem prestes de peleja. E eles quando chegarom e os virom assi estar pé terra ordenados em batalha nom se quiserom decer e houverom por entom seu acordo de nom pelejar, e tornarom-se pera as aldeas, onde pousavom, e o Mestre com os seus pera a cidade.

LXXV

Das razões que Nun'Alvarez disse ao conde dom Alvaro Perez de Castro e a seu filho, e como o Mestre ordenou de pelejar com os capitães de Castela que estavom no Lumear

Certamente falando em este passo, e tirada toda afeição afora, o Mestre maravilhosamente he de louvar, se bem parardes mentes no prosseguimento de seus notavees feitos. Ca posto que el tevesse hū muito ardido e ousado coração, igual aos fortes e virtuosos barões, muitos contrairos lhe eram porém prestes. Ca el via a mor parte de Portugal contra hū pequeno Portugal que ficava, e conhecia algūs que se vinham per ele, por moles e de fracos corações segundo os conselhos que lhe davom; doutros lhe er poínham suspeita e duvidava de suas lealdades. Mas estas e totalas cousas que entender podees, que lhe eram assaz de contrairas, nom o mudavom porém de seu firme proposito, como aquelas que caíam em hū grande e alto coração nom vencido de taes tempestades⁸³.

Ca o conde dom Alvaro Perez de Castro quando se veo pera ele, falou hū dia o Mestre com ele e com seu filho totalas cousas que lhe aveerom até li e o que tinha em vontade de fazer. E o conde que mor desejo tinha ao proveito e honra delRei, que àquelo que o Mestre começara, havia por nada todos seus feitos, dizendo-lhe que havia forte cousa começada, e muito duvidava de a poder acabar com sua honra. Assi que aquele que o devia desforçar pois que vinha pera o servir, aquel lhe dizia estas e outras taes palavras que eram abastantes pera desemparar de todo quanto tinha começado e em vontade de fazer.

⁸³ tempestades] tempestates

Nun'Alvarez que presente estava nom pôde sofrer seu razoado nem soportar que lhe nom falasse, e respondeo estonce em esta guisa:

— Digo-vos, senhor conde, que pois vós ficastes com meu senhor o Mestre, e vontade boa tendes de o servir, que taes razões e conselho como esse que lhe vós daes, nom he bom nem comunal, nem el nom vo-lo deve de crer, ante deve d'ir per seu feito em deante e nehúa cousa tornar atrás. E nom digo contra elRei de Castela que he hū alto e poderoso rei, mas ainda que fosse contra todolos reis do mundo, el deve de continuar sua defensom, e de todos aqueles que lhe som sojeitos, ca tem coração e razom de o fazer, e nehú outro há em Portugal pertencente pera elo senom ele. E todolos bons portugueses têm razom de o servir e ajudar e seguir o que começado têm, despendendo com el os corpos e haveres até morte. E Deus que o a esto chamou encaminhará seus feitos de bem em melhor, e o tragerá em sua guarda, e à fim que el deseja. E quem vontade houver de o bem e lealmente servir assaz terá de tempo em que o mostre.

O conde com sanha quando o vio assi falar respondeo-lhe logo e disse:

— E isso, Nun'Alvarez? Como falaes vós assi ousadamente? Nom havees empacho de falardes tam solto?

— Em verdade, disse Nun'Alvarez, nom, ca de quanto dixे nehúa cousa me pesa, senom por ser muito pouco.

A esto respondeo estonce dom Pedro seu filho, e disse contra Nun'Alvarez:

— Nom havees vergonha, Nun'Alvarez, de assi falardes contra meu padre?

— Digo-vos, disse ele, que nom. Ca eu do que a vosso padre dixе nom hei vergonha dele nem de vós, ca dixе o que devia por serviço de meu senhor o Mestre, e nom por outra cousa.

Em esto, ante que mais palavras houvesse antr'eles, mandou o Mestre que se calassem, e calaram-se logo.

Ora vendo o Mestre como aqueles capitães de Castela estavom d'assesego no Lumear havia já bem quinze dias, e nom se partiam dali, vindo algúas vezes escaramuçar acerca da cidade, falou com o mestre de Santiago, e com Nuno Alvarez, e com todolos de seu conselho, dizendo que lhe parecia que era bem de irem pelear com eles. E Rui Pereira, e Joam Lourenço da Cunha, e todolos outros que hi estavom, outorgarom de se poer em obra.

E em falando que capitães eram os que vinham com aquelas gentes, e nomeando cada hū per nome, quando deziam «Vem hi foão, mestre de Santiago», respondia o conde dom Alvaro Perez, encolhendo-se todo e dezia: «Ai, que menino!». E em dizendo, «E vem hi mais foão», e el respondia, dizendo: «E esse que parvo!». E assi dezia por outro: «Ai que cachopo!». E assi dava a

cada hũ seu motete, dando a entender que nom era bem de irem pelejar com eles, dizendo que lhe parecia que eram muitas gentes e grandes e bons capi-tães com elas. E que pois deles pouco nojo recebiam, que nom curassem de sua estada.

O Mestre disse que aquelo nom era de sofrer, serem a seu despeito tam preto da cidade, e nom tornarem a elo como deviam. Entom juntarom todos suas gentes, fazendo-se prestes pera em outro dia. E os castelãos que trigosa-mente isto souberom, partirom-se a pressa deles pera Alanquer, e outros pera Torres Vedras, e nom os quiserom atender. E muitos dos portugueses quando o ouvirom, chegarom alá, e acharom as aldeas desemparradas deles, e as pane-las ao fogo, e espetos com carne que nom houverom vagar de comer, com trigança de sua partida. E se o algũs doutra guisa escrevem come opiniom ímiga da verdade, deve ser engeitado seu dito.

LXXVI

Por que se gerou o desprazimento antre a rainha dona Lionor e elRei de Castela

Se dizem que a malicia bebe gram parte da sua peçonha, bem se pode esto dizer da rainha dona Lionor. Porque pousando ela em aquelas casas com elRei seu genro como dissemos, nom forom muitos dias que à Rainha come-çou de desprazer da conversaçom delRei, e a el isso mesmo da sua. E o des-prazimento que a Rainha principalmente começou a'ver dele, contam que foi per esta guisa.

Em Castela vagou o arrabiado-mor dos judeus nesta sazom que a Rainha mandou o recado a Coimbra que ouvistes e veerom-no pedir a elRei ali em Santarém onde estava. E a rainha dona Lionor como o soube lho foi pedir pera dom Juda, tesoureiro que fora delRei dom Fernando, e muito seu pri-vado dela. E el se escusou de lho outorgar e deu-o à rainha dona Beatriz sua molher, pera dom Davi Negro, privado que er fora delRei dom Fernando, judeu mui honrado e rico que começou de a servir como a Rainha chegou a Santarém. A rainha dona Lionor como era molher de gram coração, e que toda sua vontade queria comprida, vendo a maneira que ela tevera com elRei em poer nele o regimento do regno, desi outras cousas, e que ora el nom lhe quisera dar aquel arrabiado que era hũa cousa tam pequena e a primeira que lhe ela pedira, entendeo que ao deante poucas cousas havia d'acabar com ele, mormente vendo que eram contrairos em suas falas e condições.

E com gram menencoria que houve delRei, dizem que disse a algús daqueles que com ela foram de Lixboa:

— Vede que senhor este, e que mercês esperaremos vós e eu dele, que húa tam pequena cousa que lhe pedi me nom quis outorgar? Ora vede que mercê há-de fazer a mim nem a vós? Juro-vos em verdade que se me quisessees crer de conselho que vós fariees bem de vos ir todos pera o Mestre, pois he vosso natural e senhor, que vo-las fará melhor. Ca eu que vo-las queira fazer, já nom tenho azo como, e cada vez o terei peor, segundo a maneira que eu em el entendo. E faço-vos certos que se me eu daqui podesse partir como vós com minha honra, que nunca aqui mais estivesse, tam somente hũ dia.

E assi o fezerom depois os demais deles, que se foram todos pera o Mestre.

As razões que er contam, por que a elRei começou de desprazer dos modos da Rainha, dizem que foi porque a vio mui solta em falar, tendo geitos em suas falas, nom quaes compria a molher viuva, mormente havendo tam pouco que elRei dom Fernando morrera, e ela toda cuberta de dó. E dizendo-lho elRei adeparte antre si e ela, e sua condiçom que se em tal conselho muito nom outorgava, lhe fazia que em fim das razões, nunca se partiam muito d'acordo.

LXXVII

Como elRei partio de Santarém caminho de Coimbra com entençom de a cobrar

Passando-se assi estas cousas, a Rainha começou de se repreender mui muito do que começado tinha, assi da vinda que fezera vir elRei ao regno, come da renunciaçom do regimento que havia posto em ele. E leixando o pensamento que primeiro tinha cuidado, dizem que encubertamente mandou suas cartas a algús logares dos que elRei de Castela entendia cobrar, que ainda que ele lá fosse e ela em sua companhia com ele, que lhos nom dessem por muitas razões que ela dissesse nem lhe per outrem mandasse dizer, antre os quaes foi hũ deles a cidade de Coimbra.

Em esto veo reposta do primeiro recado que ela enviara ao conde dom Gonçalo e a Gonçalo Mendez segundo ouvistes, dizendo o conde que lhe prazia muito do que lhe escrevera, mas que esto se nom podia fazer em nehũa guisa, a menos de elRei aló ir com seu poder, mostrando que o ia cercar por haver a cidade, ca doutro modo duvidava de o consentirem aqueles que com

el estavam, e que ela todavia fosse em sua companhia e⁸⁴ nom fizesse hi outra cousa. Visto este recado, prougue a elRei muito com ele e ordenou logo de partir com sua hoste, e as Rainhas ambas consigo, e foi esse dia dormir a Torres Novas. E elRei e sua molher pousavam⁸⁵ no arravalde e a rainha dona Lionor em outras pousadas, a qual foi aquela noite guardada de certos homens d'armas castelãos. E ela em outro dia, quando o soube, disse contra os que iam em sua companhia:

— Como? Guardada som eu de gente de castelãos? Quanto agora entendo eu que vou presa.

ElRei sabendo-o, disse que o fazia por melhor e por sua segurança, e outras taes razões com que se escusou.

Dali partio e passou per Tomar e pelos outros logares que som no caminho, onde achou mui mau acolhimento, e as portas das vilas çarradas. E dizia elRei aos seus adeparte que bem lhe dava a ele a vontade, ante que partisse de Santarém, que tal recibimento lhe haviam a ele de fazer em aqueles logares.

LXXVIII

Como elRei chegou a Coimbra, e dalgúas cousas que hi acontecerom

Chegou elRei a Coimbra e muitas gentes com ele e pousou nos paços de Santa Clara junto com a ponte da cidade; e o conde de Maiorgas dentro no moesteiro, e o conde dom Pedro em Santa Ana, e com este pousavam Afonso Anriquez, e outro Afonso Anriquez o moço, seus irmãos. E o conde dom Joam Afonso de Barcelos e Joam Rodriguez Portocarreiro e Joam Afonso Cabeça de Vaca pousavam em Sam Francisco. E dom Joam conde de Viana logo hi acerca em húa tenda, e Fernam Gomez da Silva e algús cavaleiros em Sam Martinho, couto do bispo. E outros em Sam Jorge e nas almoinhas, e per outros logares dessa comarca.

E depois que todos foram assessegados, nom fezerom nehú mal nem querença de combater. Ante entrava cada dia na cidade o conde de Maiorgas e outros a falar com o conde dom Gonçalo e com Gonçalo Mendez de Vasconcelos, e comiam e beviã com eles; pelos quaes lhe elRei mandou dizer e rogar que lhes prouguesse de lhe dar aquela cidade, e tomar sua voz,

⁸⁴ e] *om.*

⁸⁵ pousavam] pousava

e que lhes daria soldo pera quantos com eles estavam, prometendo a hús e aos outros grandes e largas mercês, assinando além desto muitas razões por que o deviam de fazer. E o conde deu em resposta que nom dariam a cidade, senom a cuja fosse de derecho.

ElRei vendo suas razões mandou-lhe dizer que tevesse por bem de lha dar, e que o faria senhor de toda a Estremadura até o Porto. Ou que lhe daria vilas e logares no reino de Castela onde lhe mais prougesse de que el fosse contente. E que do seu condado nom fizesse conta, ca el o acrecentaria e poeria em muito mor estado do que ele era, aficando-o muito que o fizesse aqueles que levavom o recado. E el dava sempre em resposta a que já ante havia dada. Entom lhe mandou elRei rogar, que pois lha dar nom queria, e ele tinha o regimento do reino, que estevesse assi sem lhe fazendo dela guerra.

O conde respondeo que se sua irmã sem seu conselho, e daqueles com que o devera de falar, fezera o que tinha feito, que lá se compoesse que el com aquilo nom tinha que fazer, e que a resposta que já dada havia, entendia de dar quantas vezes lhe em esto falassem.

Em esto passou hū dia o conde de Viana o rio contra Vila Franca e chegaram a hū logar que chamam Arregaça. E saiu da vila Martim Correa com algús seus, e hús poucos de peões, e quatro besteiros, e houverom ali hūa pequena d'escaramuça, em que matarom seis peões dos da vila, e prenderom três.

E em se recolhendo o dito Martim Correa e outros com ele, deitou em pós eles hū escudeiro criado delRei tam desatentadamente, que se meteo o cavalo com el em hūa vinha e ali chegarom peões da vila, e matarom-no. E este vio elRei matar e desvestir das armas. Entom os do arreal quando esto virom, matarom dous prisuneiros que tinham presos.

Depois saiu o conde de Maiorgas e Pero Diaz de Quaderma, e saiu o conde dom Gonçalo, e Gonçalo Mendez e outros, e prenderom hū escudeiro castelão que chamavom Garcia de Vila Odre⁸⁶, e logo em outro dia o enviaron a elRei, com todas suas armas. E dali em diante nom se fez mais, salvo que às vezes se lançavam setas dhūa parte à outra. E tirou Nuno Fernandez com hūa besta de torno e deu a hū mui bom cavaleiro que chamavom Joam Afonso de Bolanho e matou-o.

⁸⁶ *Villodre*

LXXIX

Das razões que dona Beatriz de Castro falou com Afonso Anriquez e do que lhe respondeo

Contando esta estoria compridamente por virrdes em conhecimento qual foi a razom por que elRei de Castela mandou a Rainha fora deste reino, e se teve justa razom de o fazer ou per contrairo, vejamos o que escreve hū autor em sua cronica, que largamente maes que nehū outro falou de todo como se seguio.

Onde sabeo, segundo el pōe, que estando elRei assi per algūs dias aguardando se mudariam suas vontades o conde dom Gonçalo ou Gonçalo Mendez, que a Rainha desemparada da sua primeira esperança, e posta em amargosas e tristes cuidaçōes, mostrava de si torvado sembrante, de guisa que qualquer lhe podia entender seus nojosos pensamentos. E vendo esto dona Beatriz, filha do conde dom Alvaro Perez de Castro, que andava com a rainha de Castela, falando hū dia em seus amores com Afonso Anriquez, irmão do conde dom Pedro primo delRei que era muito seu namorado, veo-lhe a dizer em esta guisa:

— Vós vedes bem como a rainha dona Lionor, que me criou e me deu a sua filha por acrescentar em mim, he posta em tam gram coita como todos vemos, e espera de o ser muito mais segundo a mim parece, porque se as cousas nom guisam à vontade delRei nem sua, por a qual razom som postos em mor desacordo do que nehū cuida. Ora pois vós dizees que me querees tamanho bem que de boa mente casariees comigo, eu vos quero descobrir hūa cousa que tenho cuidada. E se vós fossees homem que podessees postar com o conde vosso irmão esto que eu trago cuidado, eu faria de mui boa mente vosso talante, em toda cousa que me vós requeressees, e entom seria nosso casamento muito melhor e muito mais com grande nossa honra.

— Nom há cousa, disse el, que me vós requeiraes, e que eu por vós possa fazer, e meu irmão, por minha honra, que a nós nom façamos muito de grado, e dizee o que vos prouguer.

Feitas entom suas juras e prometimentos de esto ser muito guardado em segredo, começou ela de razoar e disse:

— Bem vedes como a fazenda da Rainha que me criou vai tanto pera mal, e mui em contrairo do que nós todos pensavamos. E se ela nom he fora do poder delRei de Castela, nunca pode ser que seu feito venha senom a muita desonra. E porém se o conde vosso irmão que he homem de grande estado, e que me parece que tem com ela bom geito, podesse azar per algūa

guisa, como ela fosse fora de seu poder, e posta dentro na vila com o conde seu irmão, e nós outrossi com ela, entom seria ela tornada a toda sua honra, e nós mais honradamente casados. E ainda vos digo mais, que se vosso irmão podesse fazer esto, e ela fosse posta em seu livre poder, que nom era maravilha de a Rainha depois casar com ele e haverem ambos o regimento desta terra, ca ela tem taes irmãos e tantos parentes e criados, que era per força de se assenhorar do reino, e haver o regimento dele como ante tinha.

Quando Afonso Anriquez ouviu estas razões e outras muitas que sobre tal feito falarom, parecerom-lhe taes e tam boas, que logo consentio em sua vontade de se trabalhar muito pera tal cousa ser posta em obra; e disse que ele o falaria logo com seu irmão, e ela que o falasse com a Rainha.

LXXX

Das razões que a Rainha houve com o conde dom Gonçalo seu irmão

Falou dona Beatriz isto com a Rainha, e Afonso Anriquez com seu irmão. E à Rainha prougue muito de tal conselho, e ao conde dom Pedro nom menos. E falando em seus feitos sobre tal cousa, acordaram de o mandar dizer per Afonso Anriquez ao conde dom Gonçalo, o qual quando o soube foi muito ledo de se poer em obra.

E foram-lhe essa noite falar à vila, o conde e seu irmão, ambos sós, e contou-lhe todo o que em elo queria fazer. E o conde disse que lho gradecia muito, e que se o possesse em obra que ganharia em ele hũ bom amigo, pera fazer qualquer cousa que por sua honra fazer podesse. E que ele os aguardaria com suas gentes aquela noite que pera elo fossem prestes. E por se esto fazer mais descadamente⁸⁷ e carecer de toda sospeita, vinham algũs à salva fé da parte do conde dom Gonçalo falar à Rainha, e isso mesmo ao conde dom Pedro, fazendo mostrança e dando a entender a elRei que todo se fazia por seu serviço e por cobrar cedo aquela cidade.

Desi ordenou a Rainha com elRei que era bem de falar a seu irmão de praça, por ver se o poderia demover per suas falas, e encaminhar como houvesse o logar, pois que per falas doutrem o nom podia postar com ele.

ElRei disse que era bem feito, e nom embargando que nom soubesse parte do que se traitava antre eles, nom segurou que isto nom fosse arte,

⁸⁷ *Ocultamente, sem alguém o saber (Viterbo, Elucidário, vol. 1, p. 260).*

e mandou fazer na ponte hũ palanque, de guisa que o nom podesse o irmão tomar, posto que tal fala houvesse antr' eles.

E quando veo o dia da fala, tomou o conde dom Pedro a Rainha de braço, e até vinte com ela. E o conde estava já na ponte e três ou quatro com ele. E quando a Rainha chegou, fez-lhe el sua reverença, e tomou a mão e beijou-lha, e ela disse estonce:

— Mão beija homem que queria ver corta.

— Senhora, disse el, verdade he, mas nom he ela a vossa.

— Pois se ela a minha nom he, disse ela, porque nom daes vós esta cidade a elRei meu filho como vos eu mando? Maravilhada som de vós muito! Saberdes bem a honra em que vos eu puse, e o grande acrescentamento que em vós hei feito, e como vós nom metêrees o pé em este lugar se eu nom fora. E ora por minha honra o nom querees dar a quem vos eu mando e rogo.

— Verdade, disse ele, he o que vós dizees, e eu logo a darei a vós de mui boa mente se vós cá quiserdes vinr.

— Eu presa som, disse ela, e nom posso alá ir.

— E eu, disse ele, porque vos vejo presa e posta em poder alheo, porém me parece que faria gram maldade de a dar a quem vos prendeo. E pois vós fezestes o que vos prougue sem conselho meu, nem daqueles com que o devêrees de falar, lá vos avinde com ele.

— Bem posso dizer, disse ela, que desemparada som de vós e de todos meus parentes, a que eu fige grandes mercês e muito bem.

Aqueles isso mesmo que vinham com a Rainha, começaram de dizer ao conde que lhes parecia que fazia mal ver sua irmã daquela guisa, posta em gram desavença com elRei, por azo daquel lugar, e nom lho querer entregar, pola qual razom lhe elRei faria muitas mercês, e que eles ficariam por fiadores delo.

— O que lhe eu farei, disse o conde, he esto: se elRei com cem lanças e ela quiserem vinr comer comigo dentro em esta vila, eu lhe darei mui bem de jantar.

— ElRei, disse ela, nom faria essa cousa e isso som palavras de bom mercado.

— Pois se o vós fazer nom querees, disse el, eu nom sei mais que vos faça.

Entom se fizeram todos afora e eles falarom ambos de tal guisa que nehũ pôde ouvir nem entender cousa que algũ deles dissesse.

LXXXI

Das falas que se trauntavom antre o conde dom Gonçalo irmão da Rainha e o conde dom Pedro

A Rainha depois das falas, fez entender a elRei que ela tinha esperança de el cobrar mui cedo a cidade, nom embargando as razões que com seu irmão houvera por outras cousas que depois com ele falara. E esto todo dizem que era por se entanto guisar tempo azado, pera se poer em obra aquilo que ela com o conde contra elRei tinham ordenado. E era per esta guisa segundo escreve aquel autor.

ElRei havia de ser morto húa noite pelo conde dom Pedro e certos algús de sua parte e lançar-se o conde com todolos seus dentro na vila e a Rainha com ele. E que el tomasse logo voz de se chamar rei de Portugal, e ela rainha assi como era, casando primeiramente ambos. E que desta guisa ficaria ela senhora do regno pela ordenança que era nos trautos pois o renunciara como nom devia, nom o podendo fazer de dereito. E que dali trauntaria com o Mestre e encaminharia todos seus feitos.

Mas o conde dom Gonçalo nom sabia parte da morte delRei, nem do casamento da irmã com o conde que se havia de chamar rei. Porque el quando lhe em tal feito falou, nom lhe descobrio mais de sua fazenda, salvo que se lançaria com a Rainha dentro na vila por a tirar do poder delRei de Castela, mostrando-lhe que era descontente delRei, por o grande logar e privança que dava a Pero Fernandez de Valasco. E o conde dom Pedro entendia que com os muitos parentes que tinha, desi das gentes delRei de Castela que ficassem que se chegariam a ele, que bem poderia levar sua tençom adeante. Mormente que a Rainha o esforçava bem, dizendo que com os parentes e criados que ela tinha, e isso mesmo delRei dom Fernando, que polo reino tinham muitas fortalezas, que lhe logo dariam, ante que a elRei de Castela, por ficar o regno isento sobre si, eles poderiam acabar quanto quisessem.

Onde sabe que o principal embaxador destes feitos que levava recado à Rainha, e ao conde dom Pedro, da parte do conde dom Gonçalo, e isso mesmo que tragia reposta, era hū frade de sam Francisco. Mas el nom sabia parte da morte delRei, nem das outras cousas que ao conde dom Gonçalo nom foram descubertas. E quando este frade ia falar ao conde sobre seu segredo e da Rainha, ia-se logo o conde dom Pedro a elRei dizer-lhe como aquel frade veera a ele, e como lhe falara sobre o dar da cidade, e a razom por que se detinha, e como todo faziam por melhor. E elRei mui ledto com estas razões, cada dia esperava de a cobrar.

Ora assi foi que este frade que andava nesta embaxada era muito amigo e conhecente daquel judeu dom Davi Negro, a que elRei dera o arrabiado de Castela que ante dissemos. E receando que na revolta que se havia de fazer, ao lançar do conde com a Rainha dentro na vila, recebesse algú dano este judeu e filhos pequenos que tinha consigo, cuidou de lhe fazer saber que se partisse do arreal e se veesse pera a cidade e que el buscaria caminho e azo como o possesse em salvo com sua honra. E isto lhe fez saber mui escusamente per hũ escrito. E que esta vinda fosse todavia ante dhũ dia certo que lhe logo assinou.

O judeu quando vio o escrito ficou tam espantado, que mais nom pôde ser, vendo ser muito contrairo tal recado à esperança que elRei e quantos no arreal havia tinham. E nom lhe assessegando o coração trabalhou-se muito e fez de tal guisa que o frade lhe veo falar encubertamente como seu especial amigo que era. E o judeu lhe preguntou que escrito era aquel que lhe mandara. E el respondeo que, por quanto poderia ser que no dia que diziam que se a cidade havia de dar, se podia fazer tal revolta que seria dano dos do arreal, em que el podia receber algú cajom, que portanto lho fezera saber. E isto lhe dizia o frade por se escusar de lhe mais descobrir.

O judeu que era sisudo, bem entendeo quanto segredo andava neste feito. E tanto o aficou per força d'amizade, dizendo que el lhe descobriria outras cousas mores da parte do arreal, que o frade lhe descobrio em grande segredo, como hũa certa noite ao serão, depois que lhe o conde enviasse dizer que era prestes, haviam de ripicar na vila hũ sino e fazer mostrança que saía o conde dom Gonçalo fora com gentes. E que o conde dom Pedro que pera esto havia de estar prestes, havia de mandar dar à trombeta e mostrar que saía ao conde pera lhe contradizer tal vinda. E que em esta ida que o conde assi fosse, havia de levar a Rainha consigo. E mostrando o conde dom Gonçalo que lhe fugia, havia o conde dom Pedro d'ir em pós ele, mostrando que o vencia e entrar dentro na vila, e lançar-se com seus irmãos e com todos os seus e com a Rainha dentro. E que esta era a dada da cidade que se lhe havia de dar e doutra guisa nom. Mas nom lhe soube dizer, como o conde dom Gonçalo, e o conde dom Pedro, logo como isto fosse feito, haviam de tornar com todos os seus e dar d'arrevato no arreal, e entom tomar a Rainha, se a o conde logo consigo nom podesse levar, e matarem elRei e dos outros aqueles que tinham ordenado.

O frade depois que sobre esto falarom quanto compria, pôs este segredo em gram puridade ao judeu e el prometendo-lhe de o guardar, e que se trabalharia de partir do arreal ante daquel dia, espedirom-se hũ do outro e ficarom muito mais amigos.

LXXXII

Como foi sabudo o que o conde dom Pedro queria fazer, e como fugio e se foi ao Porto

O judeu que nom via a hora em que esta cousa descobrisse a elRei, foi-lhe a pressa logo contar todo o que lhe aveera com o frade. ElRei quando o ouviu ficou muito espantado, e nom podia crer esto, que lhe o judeu dizia, pero que muito afirmasse que era assi como lhe contava. E de o elRei nom crer, nom era maravilha, ca o conde era seu primo coirmão, filho do mestre dom Fradarique, irmão delRei dom Henrique, padre deste rei dom Joam.

Entom chamou elRei a Rainha, e contou-lhe todo o que dissera o judeu. E ela creio logo esto mais ligeiramente, e disse estonce contra ele:

— Eu vos digo, senhor, que sempre me receei deste homem, por a grande afeiçom que lhe vi haver com minha madre, posto que nehúa cousa vos eu dissesse.

E quando veo aquel dia que se esto havia de fazer, chamou elRei o conde de Maiorgas e descobriu-lhe todo o que lhe o judeu dissera, e disse mais:

— Avisae hoje todolos vossos em segredo, que sejam armados e prestes à noite e vós com eles, pera quando o conde dom Pedro fazer enfinta que sae contra os da vila, que vós e os vossos comecees de bradar: «Treiçom! Treiçom! Polo conde dom Pedro!» Entom prendee el e os seus quantos mais poderdes, ou os matae, se a prisom se dar nom quiserem.

E isso mesmo falou com hū cavaleiro que aquela noite possesse tal guarda na Rainha que nom podesse ser tomada, nem se lançar dentro na vila.

A guarda daquela noite era do conde dom Pedro. E el trabalhou de cor-reger sua fazenda o melhor que pôde, pera acabar o que tinha ordenado. E porque a cousa era mui pesada e bem duvidosa de fazer, pôs el tam gram tardança em vinr ao paço, que a outra guarda se queria ir pera a pousada, e ficava elRei sem guarda nehúa. E o conde de Maiorgas disse a elRei que lhe parecia que era bem de se vinrem cinquenta lanças das suas pera ele e nom ficar o paço taes horas sem guarda nehúa. ElRei disse que lhe prazia delo, e foram logo mui aginha prestes.

Em esto hū escudeiro daqueles com que o conde dom Pedro falara seu segredo, que andava polo paço olhando o que faziam, quando vio aquelas gentes vinr daquela guisa, sospeitou que o segredo do conde era descuberto, e foi-se a el mui a pressa e disse:

— Que he esto, senhor, que estaes fazendo?

— Como? disse el.

— Sabee por certo, disse o escudeiro, que gentes do conde de Maiorgas som já em no paço, e estam hi todos armados em maneira de guarda.

Quando o conde isto ouvio, sentio que era descuberto, e foi tam fora de si, que nom soube al que fazer, senom el e os irmãos, e dos seus quantos poderom, tomarom a pressa essas melhores cousas que tinham, e foram-se pela ponte. E quando o conde dom Gonçalo soube que el ia daquela guisa e nom levava sua irmã, maravilhou-se ende muito, e preguntou-lhe como vinha assi. E el disse que fôra descuberto e que fugia com medo, que havia de o elRei mandar matar. O conde houve disto nom boa sospeita, cuidando que era fala, e nom verdade, e nom o quis receber na vila, mais disse que pois assi era, que fosse pousar no arravalde, e el foi-se a Santa Cruz, e pou-sou hi.

ElRei que nom dormia, e estava armado em sua camara aguardando o sinal que haviam de fazer na vila, quando vio que se perlongava a hora, e soube como o conde dom Pedro era já fugido, entendeo que soubera parte do que lhe a ele fôra descuberto. E mandou logo essa noite prender dom Juda, judeu gram privado da Rainha, e Maria Perez sua camareira, que deste feito entendeo que sabiam parte.

E nom pôde elRei logo saber se era o conde dentro na vila, se fora. E como soube que era no arravalde, mandava passar mil lanças pelo vao pera o tomarem. E o conde dom Gonçalo soube-o, e mandou-lhe dizer que se possesse em salvo. E el foi-se pera o Porto a tam gram pressa, que maior ser nom podia. E quando aló chegou, e contou como lhe aveera, receberam-no no logar como quer que nom fiavom bem dele, cuidando que andava com falsura. Porque nêhú que daquela puridade parte nom soubesse, nom podia al entender, senom que per azo delRei de Castela e seu consentimento se par-tira dele pera tomar algú logar.

E hús deziavam que o matassem, outros que o leixassem estar. Entom hou-verom conselho de o guardarem de vista, sem prisom nehúa até que fezessem saber ao Mestre como ali chegara, e que mandava fazer dele.

LXXXIII

Das razões que elRei e a rainha dona Lionor houverom sobre este feito

A elRei parecia longe a manhã por saber a verdade e certidom deste feito. E como o dia veo, e ouvio missa bem cedo, mandou trazer à camara dom

Juda e a camareira, nom estando hi outrem salvo elRei e a Rainha sa molher, e o ifante de Navarra, e dom Davi que descobrira a puridade, e hũ escrivam que havia de escrever. E como veerom, mandou elRei que os desvestissem e metessem a tormento.

O judeu disse que nom havia por que o desonrar, mas que ele deria a verdade daquel feito. Entom começou a dizer em como a Rainha escrevera a todolos alcaides dos castelos per hu passaram que os nom dessem a elRei, e como todalas falas que se fizeram até aquel tempo, com o conde dom Gonçalo, eram por se lançar o conde dom Pedro com a Rainha dentro na cidade. E com'o conde se havia de chamar rei, matando-o primeiro, e todalas outras cousas que dissemos. E daquela guisa o confessou Maria Perez, e foi todo escrito e ratificado per eles.

E elRei lhes perguntou se o diriam assi per ante a Rainha, e eles disserom que si. Entom mandou elRei por a Rainha, e tragia-a de braço aquel cavaleiro a que elRei encomendara que parasse nela mentes. E ela nom embargando que vesse como presa vinha bem sem medo, sem mudança que mostrasse, come molher de gram coração. E entrou ela só na camara e nom outrem. E quando vio o judeu que descobrira o segredo, disse contra ele esforçadamente:

— Aqui estaes vós, dom David, e vós me fazees aqui vir!

— Mais razom he, disse elRei, que seja ele aqui que me deu a vida, que quem me tinha bastida a morte.

Entom disse elRei ao escrivam que lesse à Rainha todo o que o judeu dissera contra ela. E ela quando ouvio o que el confessara disse contra ele queixosamente:

— Ó perro cam treedor! E tu disseste aquilo de mim?

— Eu, disse ele, dixei e digo que assi he verdade e que assi passou de feito.

— Mentos, disse ela, come perro treedor. E se assi passou de feito, tu mo conselhaste.

E em começando de razoar sobre esto, disse a rainha dona Beatriz:

— Ó madre senhora, em hũ ano me quiserades ora ver viuva e orfã, e deserdada?

— Ora, disse elRei, aqui nom compre mais razões. Eu matar nom vos quero, por honra de vossa filha, posto que mo vós bem merecido tenhaes, nem me compre andardes mais em minha companhia, nem eu na vossa. Mas mandar-vos-ei pera hũ honrado moesteiro de Castela, onde já estiverom rainhas veúvas e filhas de reis. E ali vos mandarei dar honradamente mantimento per que bem possaes viver.

E ela sem medo e receo nehú respondeo a elRei e disse:

— Isso fazee vós a algúa irmã se a teverdes, que a metee por freira nesse moesteiro, ca vós a mim nom havees de fazer freira nem nunca vo-lo olho tem de ver. Em verdade este he bom galardom que me vós daes. Leixei o regimento que no reino tinha e fiz-vos haver a mor parte de Portugal, e agora, a dito de hú perro, que com medo dirá que Deus nom he Deus, assacaes-me que raivei, por me nom terdes as cousas que me prometestes e sobre que comungastes comigo o corpo de Deus em Santarém. Digo-vos que quanto a isto podem bem dizer que quem o seu cam quer matar, raiva lhe põe nome.

ElRei nom curando do que ela dizia mandou levar a camareira presa, e ao judeu perdoou a rogo de dom David, e por estonce nom se fez mais.

LXXXIV

Como a rainha dona Lionor foi levada pera Castela

Pôs elRei este feito em conselho com aqueles com que o devia de falar, dizendo que lhe parecia razom e aguisado de prender a Rainha sua sogra, e a mandar pera Castela, pera algú moesteiro, e nom consentir que mais estevesse em Portugal, por as cousas que haviam acontecido.

E taes hi houve do conselho que disserom que era bem o que elRei dizia, e que assi o mandasse poer em obra, dizendo que se a Rainha estevesse com el mais no reino, que mandaria seus recados aos fidalgos que tinham as fortalezas, que lhas nom dessem nem se veessem pera ele, a qual cousa era muito seu deserviço e grande éavessamento do que começado tinha. Outros diziam que nom era bem de elRei prender a Rainha sua sogra, nem lhe fazer aquilo que dezia, porquanto ela leixara o governmento do reino que houvera de ter segundo nos trautos era conteúdo e o posera em ele. E mais que lhe dera a vila de Santarém, e outros castelos como todos bem sabiam. E sobre todo ser madre da Rainha sua mulher e dona tam honrada como era que lhes nom parecia razom, nem cousa pera fazer, de a elRei mandar daquela guisa. E destas contrairas razões teve-se elRei ao conselho primeiro, que era bem de a prender, e levarem a Castela. E foi logo entregue a Diego Lopez d’Estunhega.

E partio elRei de Coimbra e veo-se a Santarém, e dali encaminharom com ela pera Castela pera a poer no moesteiro de Outerdesilhas. E indo ela pelo caminho, escreveo mui escusamente suas cartas a Martinh’Anes da Barvuda, e a Gonçal’Eanes de Castel da Vide que lhes rogava aficadamente, recon-tando muitas razões por que o deviam de fazer, que se fizessem prestes pera a

tomar no caminho àqueles que a daquela guisa levavom. E foi tal sua ventuira que as cartas se derom tam tarde, que eles nom houverom nehú espaço pera poer em obra seu rogo. E assi foi levada pera Castela, àquel moesteiro.

Maria Perez foi metida a tormento, pera confessar hu a Rainha posera algú tesouro d'ouro e prata e outras joias. E dizem que em Santarém confesou que estavom muitas cousas em casa dhú homem bom do logar de que a Rainha muito fiava, e que houve elRei gram parte delas.

LXXXV

Do recado que os d'Alanquer enviaram ao Mestre, e da resposta que lhe sobr'elo deu

Os moradores d'Alanquer quando souberom que a Rainha era presa em Coimbra e o geito que elRei de Castela com ela tevera, acordarom todos juntamente que era bem de terem com o Mestre, e esto com seu reguardo, e certas condições. E enviaram a Lixboa seu recado per Vasco Martinz d'Altero, e Alvoro Fernandez do Rego, os quaes chegarom ao Mestre, e ditas suas encomendações, proposerom per esta guisa:

— Senhor, aqueles homens bons d'Alanquer e nós com eles, consirando como somos portugueses e todos naturaes destes regnos, e como de razom somos teúdos de amar prol e honra deles, mormente contra aquelas pessoas que sem razom e contra dereito lhes querem fazer dano e mover guerra, assi como ora faz elRei de Castela, e aqueles que ajudam seu bando, querendo-os meter em dura e grave sojeiçom contra razom e dereito, acordámos que era bem de seguir vossa voz, e ter aquela vila por vós, e em vosso nome. Com esta condiçom, que sendo a rainha dona Lionor solta, que ora he presa em poder delRei de Castela, e posta em seu livre poder, de guisa que esse Rei nem outra pessoa nom a possam reter nem lhe fazer outro desaguisado contra sua vontade, que estonce vós lhe confirmees e hajaes por firme a doaçom daquel logar, pela guisa que lha elRei dom Fernando vosso irmão fez. E que as rendas e dereitos que vós entanto houverdes do logar, que lhas mandees depois entregar donde vossa mercê for. E que confirmees aos moradores dessa vila seus bons usos e foros que antigamente sempre houverom.

Respondeo estonce o Mestre, e disse que esguardando el seu bom desejo que haviam por honra e defensom do regno, desi como el tinha a Rainha em logar de madre pera a honrar e fazer por sua honra todo aquelo que el bem podesse, quando ela, disse el, fosse tal que quisesse olhar por honra e defensom

destes regnos, o que cremos que daqui em diante fará, vendo bem as maneiras que contra ela teve elRei de Castela, e como a trautá tam mal, praz-nos de lhe outorgar o que vós e eles pedis. Contanto que eles tomem logo nossa voz, e se ponham por toda honra e defensom deste reino e nos respondam com as rendas desse logar. E sendo a Rainha em seu livre poder, que haja essa vila como dante havia, e assi lha outorgamos e confirmamos. Com condiçom que ao tempo que lhe o dito logar for entregue per nosso mandado, ela prometa e jure que seja em toda prol e honra e defensom destes regnos, assi contra elRei de Castela, come contra quaesquer outras pessoas que contra eles sejam. E nom o fazendo ela assi, e conselhando o contrairo de dito ou de feito, que a doaçom que lhe fezermos seja nehúa, e que eles sejam teúdos de se levantar contra ela e fazer guerra e paz por nós. E além de seus bons usos e foros que lhe confirmamos, lho entendemos de conhecer com grandes graças e muitas mercês.

Entom lhe deu o Mestre suas cartas de todo esto, e com tal reposta se tornaram aos moradores do logar, e ficaram por seus.

LXXXVI

Como elRei partio de Santarém e do conselho que houve se cercaria Lixboa

ElRei de Castela entendendo que havia mester mais companhas das que consigo tinha, segundo se as cousas guisavom nom como el cuidava, havia ante desto mandado ao marquês de Vilhena e ao arcebispo de Toledo, e a Pero Gonçalvez de Mendonça, os quaes leixara em Torrijos, acerca de Toledo por esta razom, que lhe enviassem até mil lanças bem corregidas. E foram prestes e enviadas a elRei como el mandou.

ElRei partio de Santarém, com totalas gentes que hi tinha, aos dez dias do mês de março, levando consigo a Rainha sua molher. E leixou no castelo hũ cavaleiro que chamavom Lopo Fernandez de Padilha, e na outra forteleza que chamom a alcaceva outro cavaleiro a que diziam Fernam Carrilho, e com eles assaz de gentes abastantes pera guardar todo.

E veo-se a Alanquer onde Vasco Perez de Camões o saiu a receber, e lhe deu o logar, fazendo-lhe por el menagem; e desta guisa fez Fernam Gonçalvez de Meira, por Torres Vedras, e Joam Gonçalvez Teixeira, o que era anadal-mor em tempo delRei dom Fernando, por o castelo d'Obidos, contra vontade dos moradores dos logares. E veo elRei pousar a húa aldeia termo dessa vila, que chamom o Bombarral, e esteve hi hús quatro dias, e dali partio e foi-se a

Arruda. E algúis do logar com medo, meterom-se em húa lapa, cuidando-se a defender ou escapar ali. E souberom-no os castelãos e poserom-lhe o fogo, e queimarom em ela bem quarenta pessoas.

Os reposteiros que vinham deante pera correger a camara onde elRei havia de pousar, quando entrarom dentro em ela acharom dous homens que jaziam escondidos e tinham suas espadas e punhaes nas cintas, e filharom-nos e tenerom-nos presos até que elRei de Castela veo. E quando lhos apresentarom, e soube da guisa como forom achados, disse contra os que eram presentes:

— Por certo nom pode ser, ainda que estes digam que se esconderom aqui com medo, salvo que vinham per mandado do Mestre, pera depois que eu jouvesse dormindo, me haverem de matar.

E mandou que os enforcassem.

Em esto houve elRei seu conselho se cercaria a cidade de Lixboa, ou se andaria pelo reino fazendo guerra pois que tam publicada era antre os portu-gueses e os castelãos.

E hús lhe conselhavom dizendo que nom era bem de vinr cercar a cidade, porquanto algúas de suas gentes começaram já de morrer de pestelencia, e que muito mais dano faria em eles sendo todos juntos que espalhados pela terra. E que muito melhor seria, pois lhe gram parte do regno revelava e era contra ele, de o andar apoderando, fazendo escarmento nos que lhe obedecer nom queriam, que por estonce cercar a cidade. Mormente que ainda que el seu arreal possesse sobre Lixboa, ela nom seria porém cercada, pois o mar era desembargado, e sua frota nom era vinda pera lhe embargar a servidom dele.

Além desto, que el nom tragia engenhos nem outros arteficios pera lhe nojo fazer. E que os tevesse, que lhe prestariam mui pouco segundo as muitas gentes que dentro jaziam. E que porém melhor era nom poer cerco sobr'ela. Outros de todo eram contra este conselho, dizendo que tanto que a sua frota veesse, que logo em ponto cercasse a cidade, porquanto Lixboa era o melhor logar de todos, e cabeça principal do reino, e que de tal guisa tinham nela olho quantos logares hi havia, que ganhada Lixboa todo Portugal era cobrado.

De mais que com o Mestrestavom muitos dos que contra ele tinham voz com suas gentes, desi os moradores da cidade e outros que se acolherom a ela d'arredor do termo. E que nom podia ser que lhe as viandas nom falecessem per tempo, pola qual razom nom haviam poder de lha defender longamente e era per força cobrá-la todavia mao seu grado.

A elRei parecerom estas razões boas, e crendo este conselho, que lhe depois foi danoso, determinou como a frota chegasse que logo nessa hora a

fosse cercar. E que entanto muito melhor e mais à sua vontade estariam pelas aldeas e comarca d'arredor. Onde leixemos elRei d'assedego com todas suas gentes até que lhe venha sua frota, sem tendo por ora mais que contar dele. E vejamos que fez em este tempo o Mestre com os da cidade por percebimento de sua defensom, havendo logar pera elo desembargadamente bem per espaço de cinquenta dias.

LXXXVII

Como o Mestre ordenou por fronteiro antre Tejo e Odiana Nun'Alvarez Pereira

Em meio deste tempo que dissemos, passando-se as cousas que havees ouvidas, vinham ao Mestre muitos recados a Lixboa onde estava, em como vilas e castelos d'Antre Tejo e Odiana tomavom sua voz. E como as filhavom per força os moradores dos logares àqueles que as tinham por elRei de Castela, com os quaes o Mestre e todolos que com el eram tomavom mui gram prazer.

E vindo-lhe assi estas boas novas, chegou-lhe hū novo recado, que o pôs em grande e cuidadoso pensamento, dizendo algūs concelhos daquela comarca que porquanto eles haviam tomada sua voz, de que elRei de Castela havia gram despeito, que mandara a Fernam Sanchez de Toar seu almirante-mor que depois que armasse a frota pera vinr sobre Lixboa que juntasse suas gentes e se veesse per terra d'Alcantara onde o Mestre estava. E que eles e dom Joam Afonso de Gozmam, conde de Nevra, e dom Pedr'Alvarez, prior do Espital, e outros senhores com suas companhas, que veessem combater aqueles logares que tinham sua voz, e destróissem toda aquela terra, e se fossem depois pera el ao cerco de Lixboa. E que jouverom sobre Portalegre cinco dias, e cortarom vinhas e olivaeas, e fezerom outro muito dano, e assi o faziam per hu quer que chegavom. E que porém lhe pediam por mercê que lhe mandasse algū capitam a que se todos juntassem pera haverem de poer os émigos fora daquela terra.

O Mestre contou esta cousa a algūs de que fiava. E falando no conde dom Alvoroz Perez de Castro, se era bem de ser lá enviado, poínham dúvida em ele por ser parente da Rainha, desi por outras cousas que em seu logar tocamos. Isso mesmo falando em outros, também lhe achavom certas dúvidas, de guisa que o Mestre veo a dizer que nehū via pera elo mais pertencente, nem que o com melhor desejo fizesse, que Nun'Alvarez Pereira, prazendo-lhe de tal carrego tomar. O doutor Joam da' Regras era muito contra esto, dizendo que

pera tamanho encarrego compria mandar hũ homem de madura autoridade, muito avisado, e sabedor de guerra. De mais que Nun'Alvarez tragia seus irmãos com os émigos, e outras razões que assinava, pera nom ser ele o que houvesse d'ir.

O Mestre nom curou dos que o contradieziam, e falou com Nun'Alvarez, encomendando-lhe tal negocio, com todas as boas razões de esforço e encomenda, que se em tal feito compriam de dizer. E ele sem nehũa cobiça d'honra nem de ganho, mas somente por serviço de seu senhor, e defensão da terra dhu era natural, recebeu sua encomenda e mandado, como aquel que com limpa vontade tinha gram desejo de o servir em toda cousa que lhe a mão veesse. Entom foi sabudo a todos como Nun'Alvarez havia d'ir por fronteiro à comarca d'Antre Tejo e Odiana. E el trabalhou-se de levar consigo até quarenta escudeiros dos bons que na cidade havia, nom por segurança do Mestre como algũs escrevem, mas porque sempre seu talante foi d'haver em sua companhia homens que o fossem per nome e obra.

Dos quaes diremos aqui algũs por verdes quem foram, e ficar em renem-brança *scilicet* Joam Vasquez d'Almada, Pedr'Eanes Lobato, Rui Cravo, Afonso Perez da Charneca, Antom Vasquez, Vasco Leitom, Joam Alvarez, micê Manuel, Alvaro do Rego, Joam Lobato, Estev'Eanes Berbeleta, Lopo Afonso da Augua, Lourenço Afonso, seu irmão Lourenço Martinz Pratas, Diego Durãez, Diego Dominguez, filho de Domingos de Santarém. Estes e outros bons escudeiros assi d'Evora como de Beja, que em esta sazom estavom em Lixboa e se veerom pera o Mestre porque os lançavom fora dos logares os pobos meúdos poendo em eles dúvida, foram em companhia de Nun'Alvarez quando partio.

LXXXVIII

Da bandeira que Nun'Alvarez mandou fazer, e do poder que lhe o Mestre deu

Tomando Nun'Alvarez este encarrego que dissemos, e vendo como nom somente nas grandes cousas mas ainda nas⁸⁸ muito pequenas devemos sempre demandar a ajuda daquel Senhor, sem o qual nehũa cousa pode haver bom começo nem fim, propôs em sua alma haver Deus por guaiador principal

⁸⁸ nas] *om.*

de seus feitos, e ordenar os autos mundanaes, quanto sua humanal fraqueza acerca de cada húa bem podesse encaminhar.

E porque hu som os mores perigos ali convém mais devota relembrança daquel Senhor cujo ajudoiro homem espera, mandou Nuno Alvarez fazer húa bandeira a qual havia o campo branco e húa grande cruz vermelha per meo. E no quarto primeiro da cerca da hasta, havia pintada a imagem do nosso salvador Jesu Cristo crucificado, e sua madre, e sam Joam acerca dele. E no outro seguinte da ponta da bandeira, estava a imagem da preciosa Virgem com seu bento filho no colo. E nos dous quartos de fundo, no primeiro junto com a hasta, sam Jorge armado em joelhos com as mãos juntas orando pera cima; e no outro Santiago desta mesma guisa tendo cada hú seu bacinete ante si, por tal que ao tender da bandeira nos logares onde comprisse, vendo a figura do Salvador e da sua preciosa madre mais devotamente, acendesse o seu coração pera os chamar em sua ajuda. E eram postos nos cantos da bandeira quatro escudos pequenos das armas de seu linhagem, que he húa cruz branca em campo vermelho, aberta pela meatade.

O Mestre deu cartas a Nuno Alvarez pera todos os logares que tinham sua voz, fazendo-lhe saber como o mandava àquela comarca por fronteiro e defensor dela; e que quaesquer cousas que lhe ele requerisse por seu serviço, e defensom do regno, que fossem prestes pera cumprir seu mandado como se el mesmo fosse de presente. E pera os corações, assi dos que com el iam come dos outros que se veessem pera ele, serem mais acesos no que lhe fosse encomendado, desi porque a esperança do trigoso galardom os grandes trabalhos faz parecer pequenos, pedio Nun'Alvarez por mercê ao Mestre que lhe desse poder, que el podesse dar os bens de quaesquer pessoas que sua voz nom tevessem; e dados per el primeiro que pelo Mestre, que a sua dada fosse valiosa; e que podesse dar dinheiros de graça e fazer quaesquer outras mercês e acrescentamentos, como cada hú merecedor fosse.

E o Mestre nom somente em esto, mas nas menagens dos castelos e justiça, e em todas as outras cousas, lhe outorgou todo seu poder. E foi-lhe logo pagado o soldo dhú mês, e Nun'Alvarez se fez prestes pera partir.

LXXXIX

Das razões que o Mestre disse a Nun'Alvarez, e como se espedio dele

Gram liança d'amor e bem querença se gerou muito antre Nun'Alvarez e o Mestre des que veo pera el e começou de o servir. E esto foi, segundo algús

escrevem, porque eram ambos de cavaleirosos corações, e acompanhados de virtuosos costumes. E porque nom há cousa que antre os homens gere mor amor que a concordança nos bons desejos, nom pôde o Mestre com sua vontade que se espedisse dele em Lixboa, quando Nun'Alvarez partio da cidade. Mas como passou per Almadá, e se foi a Couna, que som dhi três legoas, chegou hi o Mestre em húa galé, e comeo esse dia com Nun'Alvarez.

E depois que houverom comido, saiu o Mestre a hũ espaçoso ressió que hi há, e Nuno Alvarez com ele, e todolos que consigo levava. E sendo assi juntos falou o Mestre a Nun'Alvarez de guisa que o ouviam muitos dos que eram presentes, e disse em esta guisa:

— Nun'Alvarez, vós sabees bem os recados que a mim veerom d'Antre Tejo e Odiana daqueles senhores e gentes de Castela que entram per aquela parte por danar aquela comarca. E como os logares que por mim têm voz me enviárom pedir por mercê que lhe enviasse algũ capitam com que se houvessem de juntar por lhe embargar de fazer mais dano daquele que começado têm. E eu por vos amar e fiar de vós, por vós serdes bom e pera elo pertencente, vos escolhi antre os outros todos, pera vos enviar àquela comarca. E dei-vos por companheiros esta boa gente que aqui está, que som verdadeiros portugueses, e parte deles de minha criaçom. Os quaes eu creio que vos seguiróm e ajudaróm lealmente em toda cousa de meu serviço e de vossa honra, em que se acertar de poerdes mão. E eu assi lhe rogo, e mando que o façam; e que vos sejam obedientes, e bem mandados em toda cousa que lhe vós disserdes como seriam a mim mesmo. E eu ter-lho-ei em grande serviço e lhe farei por elo muitas mercês.

E eles responderom todos ledamente que lhes prazia muito de o fazer, e que assi o compririam de boa vontade.

Entom tornou o Mestre contra Nun'Alvarez dizendo que lhe encomendava aquela boa gente que consigo levava, e que lhe rogava que os trautesse bem, e lhes desse de si bom gasalhado, como era certo que o el faria. E fazendo-o assi que lhe faria gram prazer e lho teria em serviço.

Nuno Alvarez disse que lhe prazia muito, e que assi o faria com bom desejo. Entom beijou as mãos ao Mestre, e todolos outros que com ele eram, e partio-se o Mestre pera Lixboa, e Nun'Alvarez com todolos seus caminho de Setuval.

XC

Dhúa sajaria que Nuno Alvarez fez pera provar os seus de que esforço eram

Chegou Nun'Alvarez aquel dia a Setuval com entençom de pousar e dormir na vila, e os moradores do logar, porque ainda estavom sem determinaçom de cuja parte teriam, nom o quiserom receber na vila nem somente consentir que entrasse dentro. E el vendo suas entenções, e seu nom bom acolhimento, tornou-se a dormir ao arravalde, e hi se alojou com as gentes que levava.

Ora vede quanto he de louvar Nun'Alvarez em grandeza de engenho, e avisamento de sua nova guerra. Certamente ele deve ser dado como por exemplo aos grandes e virtuosos homens. Nem nós nom podemos contar louvor dalgú notavel barom, em que el dereitamente nom haja parte. Porque vendo el como levava algúa gente nova, taes que ainda nom foram em nehús perigos, e doutros nom sabia suas vontades quaes eram, cuidou de provar seu ardimento qual seria, quando se encontrassem com seus émigos. E porquanto muitas gentes delRei de Castela estavom estonce em Santarém, disse Nun'Alvarez que lhe parecia razom, por nom vinrem algúas delas pela riba do Tejo afundo, de que el parte nom soubesse, e receber delas dano, que quiria mandar poer de noite suas guardas e escuitas, húa legoa dali contra o castelo de Palmela. Das quaes guardas e escuitas deu encarrego de as requerer, e poer, a hū escudeiro que chamavom Lourenço Fernandez de Beja. E falou com el em segredo que de noite tornasse mui a pressa, dizendo que gentes de castelãos vinham a ele.

Lourenço Fernandez foi poer suas guardas e escuitas. E jazendo Nun'Alvarez de noite dormindo em sua pousada, chegou Lourenço Fernandez mui de rijo, dizendo a Nuno Alvarez que se percebesse a pressa, que fosse certo que Pero Sarmiento vinha a el com trezentas lanças, afirmando que el vira os fogos no logar onde jaziam alojados.

Nun'Alvarez mostrou que de taes novas era muito ledo, e mandou logo dar à trombeta, e suas gentes foram logo juntas com el e armados todos e prestes, começando já d'amanhecer. E Nun'Alvarez partio com sua gente, e tanto que saiu do arravalde pose-os todos em batalha per ordenança como devia. E assi foram regidos pé terra bem acerca dhúa legoa contra hu Lourenço Fernandez dezia que vira os fogos. E sendo já alto dia disse que aqueles fogos que el vira eram d'almocreves que jaziam em hū grande vale em sua meijoadá, e começaram de se tornar. Nun'Alvarez olhou em eles e vi'-os

todos consigo, sem falecer nehú, mostrando ardida vontade pera qualquer cousa que lhes aveera, e folgou muito com eles quando lhes vio tal desejo.

XCI

De que guisa Nun'Alvarez escolheo dos seus os que tomou pera seu conselho

O seguinte dia depois desto, chamou Nuno Alvarez gram parte daqueles que consigo levava, dizendo que quiria falar com eles algúas cousas que eram seu proveito deles, e serviço de seu senhor o Mestre, e começou de dizer assi:

— Amigos, eu vos direi o que tenho pensado sobre nosso feito. A nós convém de boa razom havermos per vezes recado do Mestre, e ele também de nós. E isso mesmo que hajamos ameúde novas de nossos émigos, por nos desviarmos de seu dano deles, e lhes empecermos o mais a nosso salvo que podermos. E sobre taes cousas como estas convém d'havermos nosso conselho pera determinarmos cada húa como entendermos por mais serviço de nosso senhor o Mestre, desi por honra de vós outros todos. E porque fazendo-se este conselho presente quantos aqui somos, seria cousa muito devassa e logo sabuda pelos de fora, que pouco convém a bons guerreiros. Porém me semelha boa ordenança, que quando taes cousas como as semelhantes vee-rem, onde comprir vosso conselho, que eu o fale com algús de vós, pera com vosso acordo ordenarmos o que vos melhor parecer. E se eu escolhesse algús de vós outros, crendo que eles tinham vantagem pera seguir seu acordo, logo aqueles que som seus iguaes se haveriam por descontentes e sempre seriam anojados tendo que com desprezamento os nom fezera do conselho, nom os havendo por tam bons. E porém me parece que he bem que os de Lixboa escolham antre si quaes lhe prouguer com que fale meus segredos. E isso mesmo os d'Evora e de Beja, e doutros logares se os hi houvesse, e desta guisa eu haverei meu conselho com eles como compre, e eles vos podem depois razoar o que for pera descobrir, e requerir-vos quaesquer cousas que a⁸⁹ cada hús de vós outros pertençam. Outrossi porque nós temos justa que-rela, e razom dereita pera defender nossa terra, crendo que Deus he justo juiz, cheguemo-nos a ele que nos ajude. E se o assi fizermos tendo firme esperança em Deus, poucos de nós vencerám muitos. Além desto vos encomendo que

⁸⁹ a] *om.*

nossa ajuda e acorro seja de tal guisa feita aos nossos naturaes que andando nós pela terra pola defender, eles nom sentam de nós tal dano, como recebem de seus émigos. Doutra guisa a mim convirá tornar a elo fazendo-vos algú desprazer, o que eu nom queria por cousa que fosse.

Responderom eles estonce dizendo que lhes prazia muito de o fazer daquela guisa, e que ele o cuidara tam bem que melhor ser nom podia. E que naquelo e em todalas outras cousas lhe entendiam de cumprir vontade, quanto seu poder abrangesse.

Escolherom entom os de Lixboa antre si pera serem do conselho Joam Vasquez d'Almadá e Afonso Perez da Charneca, e Vasco Leitom, e Pedr'Eanes Lobato; e d'Evora, Diego Lopez Lobo, e Joam Fernandez da Arca e Lopo Rodriguez Façanha, e assi outros, e começaram-lhe de chamar senhor.

XCII

Como Nun'Alvarez mandou chamar algúas gentes, e das razões que propôs a todos

Nuno Alvarez ante que dali partisse, ordenou logo officiaes, e fez hū seu escudeiro que chamavom Diego Gil alferez de sua bandeira, e fez meirinho e ouvidor, e cadea e tesoureiro pera receber do tesoureiro do Mestre. E ordenou capela e pregador e ouvia duas missas cada dia, que nehū rei nem senhor até ali tinha em costume. Dali partio Nun'Alvarez com sua gente, e foi caminho de Montemor-o-Novo. E porque os homens bons do logar nom eram ainda bem firmados no serviço do Mestre, folgou hi hū dia, e falou com eles dizendo-lhe muitas razões boas por a parte do Mestre, de guisa que foram bem contentes, e firmes de todo em manter sua voz.

Em outro dia partio Nun'Alvarez de Montemor e foi à cidade d'Evora onde foi bem recebido e lhe fezerom muita honra. E falou com os da cidade aquilo que compria por sua guarda e defensom do regno, da qual cousa foram todos mui contentes, ca el era de graciosas palavras e de bom acolhimento, e todos se contentavom de lhe obedecer, come se de longo tempo o houvessem por senhor. E dali escreveo logo a todolos logares da comarca que se veessem pera ele cada hús prestes de suas armas, como lhe compria, nom lhe declarando porém cousa que fazer quisesse.

E nom embargando que lhe escreveo que sua vinda compria ser muito a pressa por serviço do Mestre seu senhor, nom lhe veerom senom trinta lanças, e com as duzentas que levava, eram duzentas e trinta, e antre peões e besteiros

juntaria até mil. E com estas gentes partio logo d'Evora e se foi a Estremoz. E ali houve novas certas que aqueles senhores de Castela e gentes que consigo trariam eram todos na vila do Crato, que estava por Castela, e vinham cercar Fronteira, e que eram muitos e bem corregidos.

Nuno Alvarez como tal recado houve, porque pousava no arravalde e tinha pouca gente, mandou-o logo apalancar todo pera ser empacho, e podem ouvir se algúas gentes a el de noite vessem. E assi estava em Estremoz aguardando as gentes que mandara chamar que lhe nom vinham, especialmente os d'Elvas e de Beja a que mais vezes escrevera que a outros. Pero com suas aficadas cartas houverom-se de virn pera ele. E como todos foram juntos, fez alardo no Ressio. E era pouca gente d'armas e nom bem armados, ca nom seriam mais de cavalo que hús trezentos, e antr'eles cento e oitenta de bacinetes, e pouco mais de mil homens de pé e até cem besteiros. E a estes falou juntamente em esta guisa:

— Amigos, creio que já sabees todos como o Mestre, meu senhor e vosso, me mandou a esta terra pera com a ajuda de Deus e vossa a defendermos dalgú mal e dano se lhe os castelãos quiserem fazer, de guisa que lhe demos dela bom conto. E porque eu hei por novas certas que o priol do Espital meu irmão, e o mestre d'Alcantara, e Joam Rodriguez de Castanheda, e outros senhores com soma de gentes estam já no Crato que he daqui mui acerca, e som prestes pera entrarem em esta terra de meu senhor o Mestre, por fazer todo mal e dano que puderem, minha vontade he com a ajuda de Deus em companhia de vós outros de os ir buscar ante que entrem e pelejar com eles. E espero na mercê de Deus, que nos dará deles tam bom vencimento, per que sempre de vós ficará honrada fama e boa nomeada. E mais farees ao Mestre meu senhor grande e estremado serviço, e a vós gram bem em defender vossa terra e bens, o que dereitamente soes teúdos de fazer.

Acabadas estas e outras razões que Nun'Alvarez disse por lhe fazer vontade e esforço, responderom todos a húa voz dizendo que a cousa era muito pesada e nom pera responder supitamente, mas que lhe desse espaço pera cuidar em ela e falarem antre si, e entom lhe responderiam o que delo sentissem. Nuno Alvarez foi disto muito pouco ledto vendo a tençom por que o diziam. E pero logo quisera a repostta, conveo estonce que se soffresse porque nom podia mais fazer.

XCIH

*Da reposta que a Nun'Alvarez foi dada
e como todos outorgarom de ser com ele na batalha*

Falarom os melhores dos logares com esses que com eles vinham, e isso mesmo hús com outros sobr'esto, grandes e desvairadas razões. E no seguinte dia havendo todos seu acordo, foi a reposta dada em esta guisa:

— Nun'Alvarez, senhor, nós entendemos bem todo o que nos ontem per vós foi preposto, e achamos que he cousa mui duvidosa de nos irmos em vossa companhia pelejar com aquelas gentes por duas principaes razões: a primeira, por hi vinrem grandes senhores por capitães com muitas e boas gentes. Ca hi dizem que vem dom Joam Afonso de Gozmam, conde de Nevra, e dom Diego Martinz, mestre d'Alcantara, e Pero Gonçalvez de Sevilha, adeantado-mor de Andaluzia, e Joam Rodriguez de Castanheda, e Garcia Gonçalvez de Grisalva, e Alvaro Perez de Gozmam, e Pero Ponço de Marchena, e Joam Gonçalvez de Carenço, e o craveiro, e Garcia Fernandez de Vila Garcia⁹⁰ e Martinh'Anes de Barvudo. E ainda dizem que vem hi Fernam Sanchez de Toar, almirante-mor de Castela, e outros grandes senhores a que nom sabemos os nomes, e que tragem consigo mil lanças e mais, mui bem corregidos, e muitos ginetes e besteiros, e gram soma d'homens de pé. E segundo a pouca gente que nós somos, tal peleja como esta seria mui desigual.

Disse estonce Alvaro do Rego, hū bom escudeiro que andava com Nuno Alvarez:

— Certo he, senhor, que de muitas gentes e boas, que o som eles, porque eu conheço os mais de quantos capitães ali vêm. E mais vos digo ainda que leixada a outra gente, que ali vêm mais de bons que nós aqui somos de comunaes.

A esto respondeo Pedr'Eanes Lobato, outro escudeiro que andava com Nun'Alvarez, e disse:

— Quanto de mim vos digo, senhor, que taes os queria todos pera pelejar, grandes senhores e bem delicados, ante que escudeiros afanosos nem homens de trabalho, que me dessem que fazer todo o dia. Ca estes que vêm banhados d'augua rosada, e de frol de laranjo, nom se ham-de ter muito que os logo nom vençaes.

— A outra razom, disserom eles, por que muitos duvidam, assi he porque hi vem dom Pedr'Alvarez priol do Crato, vosso irmão, e outros dous vossos

⁹⁰ e Garcia Fernandez de Vila Garcia] *om.*

irmãos, e duvidam muito e ham por escarnho que vós pejees com vossos irmãos. Ante dizem que he cousa em que mui aginha podiam receber cajom e ser enganados e todos mortos e perdidos, e as vilas donde som, cobradas dos castelãos, que era pouco serviço de Deus e do Mestre. E porém em conclusom vos respondem todos que nossa tençom he de nom irmos convosco a tal obra.

Nuno Alvarez quando ouviu tal resposta foi mui anojado em sa vontade, pero sem sanha e graciosamente respondeo estonce e disse:

— Amigos, eu nom sei mais que diga do que vos já tenho dito, pero ainda vos quero responder a esto que me dissestes. Quanto he ao que dizees, que os castelãos som muitos e vêm grandes capitães e senhores com eles, tanto vos seja⁹¹ mor honra e louvor de serem per vós vencidos. Ca já muitas vezes aconteceu os poucos vencerem muitos porque todo vencimento he em Deus, e nom nos homens. Na outra cousa em que duvidaes segundo parece, que he a vinda de meus irmãos em sua companhia, isto nom temaes per nehúa guisa, nem Deus nom quisesse que nehú per mim fosse enganado; ca eu nom os hei por meus irmãos em esta parte, pois que vêm por destruir a terra que os gerou. E nom digo contra meus irmãos, mas em verdade vos juro que ainda que hi veesse meu padre, eu seria contr'ele por serviço de meu senhor o Mestre. E pera vós verdes que he assi, se a vós praz de em esta obra sermos todos companheiros, eu vos juro e prometo que eu seja o deanteiro ante a minha bandeira, e o primeiro que comece a pelear. E assi poderees ver a vontade que eu neste feito tenho contra meus irmãos. Mas nom embargando isto, se vossa tençom he todavia qual me dissestes, aqueles que se quiserem ir pera suas casas e logares vam-se com Deus; ca eu com esses poucos de bons portu-gueses que comigo vêm lhe entendo de poer a praça.

Entom aqueles que duvidavam, quando lhe taes palavras ouviram dizer, cobraram coração de o seguir e acompanhar, dizendo todos a húa voz que queriam ir com ele.

— Ora amigos, disse ele, eu vos rogo que os que comigo quiserdes ir a esta obra que vos passees da parte além deste regato d'agua; e os que nom quiserdes, ficae desta outra parte.

E eles disserom que todos passariam.

E como quer que o assi dissessem, algús se remordiam antre si, mostrando que mais o disserom por vergonha que por vontade de o fazer. Especialmente Estev'Eanes, o moço, e Mend'Afonso de Beja, que se nom poderom tanto

⁹¹ seja] seera

ter que nom dissessem de praça que iam lá em forte ponto que nunca de lá haviam de tornar.

Nuno Alvarez fingeo que os nom ouvia nem curou de seus ditos, tanto era ledó com a repostá que lhe todos derom que queriam ir com ele. E sendo assi ledó e seguro que todos iriam em sua companhia, propôs logo em outro dia bem cedo partir pera a batalhá.

E jazendo dormindo em sua pousada, à mea-noite, ou pouco mais, chegou a el Alvoró Coitado mui rijo a pressa, dizendo como Gil Fernandez, e Martim Rodriguez d'Elvas tinham já selado e estavom armados, que se queriam ir pera Elvas, nom querendo ser na batalhá com ele.

Nuno Alvarez como esto ouvio, alçou-se a pressa e foi-se a eles onde estavom já mandando carregar, e disse:

— Ó irmãos amigos, e pera vós he fazerdes tal obra, leixardes tanta honra como vos Deus tem prestes, e falecerdes do que prometido tendes, por vos tornardes pera vossas casas?

E contra Gil Fernandez em especial disse:

— E sequer vós, Gil Fernandez, que eu pensava e penso que soes hū dos bons servidores que o Mestre meu senhor em esta terra tem, tal mingua mostraes vós em tal obra como esta?

Dizendo-lhe que mais preçava o seu corpo só que quantos com ele vinham.

E eles se escusarom com boas razões. E el com outras melhores os mudou daquelas vontades, outorgando todavia que seriam com ele na batalhá.

XCIV

Das razões que Nuno Alvarez houve com Rui Gonçalves

Como foi manhã sem outro traspasso, mandou logo dar à trombeta e partio com todos caminho de Fronteira, que eram dali quatro legoas, pera onde os castelãos haviam de vinr. E indo pelo caminho mandou deante algūs genetes por haver novas dos émigos onde eram.

Em esto nom tardou muito que hū escudeiro castelão, que chamavom Rui Gonçalves, que já em outro tempo vivera com Nuno Alvarez em casa de seu padre, e entom vivia com dom Pedro Alvarez seu irmão, veó mui rijo em cima de hū cavalo caminho de Fronteira. E chegou a Nuno Alvarez que o recebeo mui bem, e lhe perguntou onde era seu irmão e os outros senhores de Castela. E el lhe disse que ficavom já em Fronteira que seria legoa e mea donde el achou Nun'Alvarez. O qual lhe perguntou que faziam, e el disse que

tinham tençom de combater o logar. E Nuno Alvarez lhe perguntou a que vinha e que lhe dissesse verdade, se vinha por enculca, ou per cujo mandado.

E Rui Gonçalvez disse:

— Bem sabees vós, senhor Nuno Alvarez que em esto nem em al, eu nom vos hei-de dizer, salvo verdade. Vós sede certo que a vosso irmão, e àqueles senhores e gentes de Castela fizeram entender que vos vós percibiees e erees prestes pera os irdes buscar, e lhe poer batalha. E desto se maravilham tanto que muito lhes he grave de crer, terdes vós tam pouca gente como eles sabem que vós tendes, e trabalhades-vos de tal cousa. E falarom com vosso irmão que lhe parecia desto, e el respondeo que nom sabia, pero que de tanto os certificava que se vós em este feito algúa cousa haviees começado, que vos conhecia por tal que a levariees todavia adeante até morrer. E os outros lhe disserom que lhe prouvesse de me mandar a vós por saber vossa tençom, e por esto me mandou. Além desto, el vos envia dizer que vejaes bem o que cometees, ca he cousa mui duvidosa pera vós, com tam pouca gente como vós tendes, irdes pelejar com tantos e tam grandes senhores como ali estam. Ca vos faz certo que ali estam taes capitães e assi corregidos, que ainda que elRei dom Fernando fosse vivo, el haveria que fazer, de lhe poer a praça, mormente vós da guisa que estaes, que vo-lo nom há por cordice. Porque se vós na batalha fordes, em vós nom há defensom. Nem el em tal obra nom vos poderá ser bom ainda que queira; e que porém lhe prazeria, e assi vo-lo envia conselhar como a seu irmão que cessees desto, e escolhaes de duas cousas húa: que, ou vos tornees pera seu senhor elRei de Castela, por o qual vos faz segurança, que vos fará muitas mercês, e vos acrecentará de guisa que sejaes bem contente; ou que sejaes em Estremoz como estavees, e os leixees correr pela terra, como entendem de fazer, e nom queiraes perder vós mesmo, com as gentes que convosco tendes.

Nun'Alvarez ouvindo aquestas razões, respondeo ao escudeiro e disse:

— Rui Gonçalvez, eu hei bem entendidas as cousas que me dissestes, e em breve vos respondo assi: que vós digaes ao priol meu irmão que eu neste feito nom quero seu conselho, nem Deus nom querrá que o haja de crer do que me manda dizer. E que assi o diga a esses outros senhores, ca eu da entençom que tenho tomada, nom me mudarei em nehúa guisa, senom com a ajuda de Deus levá-la em deante. Mas que se percebam pera a batalha que eu com estes poucos de portugueses que comigo tenho lha entendo d'ir poer. E nom sei ora cousa que mais deseje que ser já em ela; e ante de pequeno espaço, eu serei com eles a Deus prazendo, e desto nom duvidem. E rogo-vos Rui Gonçalvez, amigo, que tanto façaes por o meu amor, que vos vades com este

recado, o mais a pressa que poderdes, até matar o cavalo, ca entendo que nom poderees ir tam aginha, que eu com a ajuda de Deus nom seja deles mui acerca.

XCV

Como Nun'Alvarez pôs batalha aos castelãos, e os venceo e desbaratou

Partio Rui Gonçalvez como lhe Nuno Alvarez encomendou e foi mui a pressa, quanto o cavalo o podia levar a trote e a galope. E chegou mui aginha a Fronteira, hu aqueles capitães com suas gentes estavam. E como chegou, falou ao priol e aos outros senhores todo aquilo que Nuno Alvarez dissera, e o que lhe havia respondido. E eles como o ouvirom, cessarom logo da obra que tinham começada pera combater a vila, e com grande aguça se perceberom pera irem à batalha.

E eles que começavom sair do arravalde onde pousavom caminho d'Estremoz per onde Nuno Alvarez vinha, e Nuno Alvarez com suas gentes era já em hú logar bem convinhavel pera a batalha, onde chamom os Atoleiros, húa mea legoa pouco mais ou menos aquém de Fronteira. Como Nuno Alvarez foi em aquel logar, sendo já certo que os castelãos vinham à batalha, fez logo decer pé terra todolos homens d'armas. E dessa pouca gente que tinha, concertou suas batalhas da vanguarda, e reguarda, e alas derecha e esquerda, e fez concertar os besteiros e homens de pé pelas alas, onde entendeo que melhor estariam pera bem pelejar.

E receando-se dos homens de pé, que lhe nom falecessem por os castelãos que eram muitos, pôs algús homens d'armas com eles dizendo-lhe que se eles vissem que tornavam atrás, que os matassem. Esto assi concertado, começou d'andar pelas batalhas em cima dhúa mula, esforçando as gentes com boas palavras, com gesto ledó, e vulto prazivel, dizendo a todos que se nembrassem bem de quatro cousas, e as afirmassem em seus corações.

A primeira, que se encomendassem a Deus e à virgem Maria sua madre, que os quisesse ajudar contra seus émigos, pois que justa querela tinham contra eles, e que tevessem firme fé que assi havia de ser. A segunda, como vinham ali por defender si e suas casas e bens, e se tirarem de sojeiçom em que os elRei de Castela queria poer contra razom e dereito. A terceira, como eram ali por servir seu senhor, e alcançar grande honra que a Deus prazeria de lhe dar mui cedo. A quarta, que firmassem em seus entendi-

mentos, de sofrer todo trabalho, e aperfiar na peleja, nom húa hora, mas húa dia se mester fosse.

Estas foram suas palavras d'esforço ante que entrasse à batalha, as quaes assi ditas, os castelãos eram já muito acerca. E Nuno Alvarez se deceo logo da mula em que andava, e se pôs na avanguarda com os primeiros ante a sua bandeira assi como o prometera. E era esto húa quarta-feira de trevas no mês d'abril, nom havendo ainda comido nehúa cousa.

E ficou os joelhos em terra e fez sua oraçom à imagem do crucifixo e da sua preciosa madre, que tragia pintada em sua bandeira. E isso mesmo todolos seus, os joelhos em terra com as mãos alçadas, fizeram sua oraçom, e muitos deles choravom. E beijou a terra e alçou-se em pé, e pôs seu bacinete sem cara, e tomou a lança nas mãos que lhe tragia o page, e disse contra os seus:

— Amigos, nêhú nom duvide de mim, e todos aqueles que me ajudardes, Deus seja aquele que vos ajude; e se eu aqui morrer per vossas culpas e mingua, Deus seja aquele que vos demande minha morte.

Os castelãos tragiã vontade de pelejar pé terra, e Nun'Alvarez assi o entendia. E quando virom os portugueses postos daquela guisa, pera morrer ou vencer, mudarom⁹² seu proposito e ordenarom de vinr à batalha de cavalo, atrevendo-se que eram muitos e bem encavalgados e que logo os desbaratariam como dessem em eles; a qual cousa a todo homem razoado parecia ser assi. E concertarom suas batalhas a cavalo, e os genetes se apartarom com a carriagem em húa ladeira dhú pam verde, logo acerca dhu havia de ser a peleja.

Entom moverom os castelãos com grande esforço contra eles, as lanças sô os braços mui rijo d'encontro, dando grandes vozes e alaridos chamando «Castilha, Santiago». Nuno Alvarez e os da sa parte chamando «Portugal e sam Jorge» abaixarom as lanças cada húa ao seu. E os cavalos topando em elas, algús deles caírom logo em terra com seus donos; outros ante que de todo chegassem topar na batalha eram feridos de viratões e dardos que lançavom homens de pé per cima dos homens d'armas. E os cavalos alvorando, lançavom de si os que em eles vinham; deles com as feridas queriam dar volta, e tornando atrás, e topando em outros, caíam em terra.

Semelhavelmente, vinham outros de refresco, que estavom atrás pera isto prestes, e assi lhes avinha como aos primeiros. E Nuno Alvarez com os seus

⁹² mudarom] mudadarom

sobr' eles matando, de guisa que prougue a Deus de os castelãos serem desbaratados. E posto que a batalha fosse pelejada de vontade, mui pouco espaço durou que se logo nom venceo. E forom mortos ao primeiro juntar quarenta homens d'armas, e depois outros até setenta e sete, e dos portugueses, nehú morto nem ferido.

Antre os quaes foi hi morto o mestre d'Alcantara, e Pero Gonçalvez de Sevilha, e Rui Gonçalvez, e o craveiro, e outros bons fidalgos que nom eram de tamanha conta. E foram feridos o almirante, e o priol e Garcia Gonçalvez de Grisalva.

Mas neste passo escrevem algús duas razões repugnantes à verdade. A húa he que per má ordenança que os castelãos em si poserom, foram entom desbaratados; a segunda, que aqueles que ficaram vivos que se recolherom em hú, e que os portugueses os nom ousarom mais acometer. A qual cousa por favor, nem encobrir mingua nom se devera assi d'escrever, ca o autor da estoria nom deve de ser émigo, mas escrivam da verdade, a qual foi desta guisa.

O conde de Nevra e o priol do Crato, e o almirante, e Martinh'Anes de Barvudo, que se chamava mestre d'Avis, e outros capitães com muitos dos seus, depois que se virom fora da batalha nom quiserom mais tornar a ela, mas começaram de fugir, hús pera o Crato, e outros pera Monforte, e pera os outros logares que tinham voz por Castela. E indo assi fugindo, disserom algús ao almirante dos que iam com ele que desse volta e tornasse à peleja, ca assaz eram de gentes pera eles. E el respondeo aos que lho deziã e disse:

— Homem morto, nom troba soldo. Ande a bandeira e vá-se, ca depois que homem húa vez he desbaratado, mal torna outra vez à batalha.

Em dizer que ordenarom mal sua peleja, a verdade isto nom consente. Ca hi vinham senhores e capitães, assi portugueses come castelãos, assi sabedores de guerra com tanta e tam boa gente, que nom somente pera Nuno Alvarez com aqueles poucos que consigo tinha, mas pera hú mui alto principe eles eram abastantes pera ordenar bem sua batalha, e pelejar com ele, e com tal ardidez e boa ordenança os cometerom. Mas o mui alto senhor Deus, em cuja mão he todo vencimento e poderio de dar muitos nas mãos dos poucos, prougue entom de dar vitoria aos portugueses; os quaes vendo como os castelãos fugiam, foi logo Nun'Alvarez a cavalo com mui poucos dos seus, porque tam a pressa nom poderom todos haver bestas. E seguio o encalço húa grande legoa até que per noite foi forçado de se tornar, dizendo-lhe algús dos seus que aquelo era tentar Deus, nom se contentar da mercê que lhe Deus fezera, e seguir o encalço, tam longe. E Nuno Alvarez se tornou pera onde foi a batalha, e mui tarde foi dormir a Fronteira.

E em se tornando acerca do logar, chegou hũ escudeiro a pressa, armado em cima dhũ cavalo, e meteo-se antre os portugueses *scilicet* Joam Vasquez d'Almadá, e Pedr'Eanes Lobato, e outros. E depois que lhes falou, dizendo «Mantenha-vos Deus, senhores», disse se seria seguro.

— Serees, disserom eles, mas dizee-lo já mui tarde.

Entom lhe preguntarom que homem era e a que vinha, e el disse que era filho de Pero Gonçalvez de Sevilha, e que vinha saber se era morto ou preso, ou de que guisa estava. E eles levarom-no a Nun'Alvarez, e depois que lhe falou e soube o por que vinha, entom o certificarom que era morto, e quem fora o que o matara. E Nun'Alvarez mandou que o agasalhassem bem, e lhe fizessem toda honra, e em outro dia o mandou poer em salvo.

Onde aqui notae que este Nun'Alvarez foi o primeiro que da memoria dos homens até este tempo pôs batalha pé terra em Portugal e a venceo.

XCVI

Como Nun'Alvarez cobrou Arronches e Alegrete

Desta bem aventura primeira, que Deus deu a Nun'Alvarez e aos portugueses, forom mui ledos todolos daquela comarca que voz e vontade por Portugal tinham, e muitos dhi em deante, com bom desejo⁹³ se vinham pera ele, e lhe eram obedientes em toda cousa que lhes mandava. E isso mesmo o Mestre quando o soube em Lixboa, onde estava prestes pera ser cercado, tomou com taes novas mui grande prazer; e elRei de Castela pelo contrairo, que era estonce na comarca do termo d'Obidos.

No seguinte dia depois da batalha, logo pela manhã sem mais repousar de seu trabalho, Nuno Alvarez se fez prestes, e partio pera Monforte, onde estava Martinh'Anes de Barvudo que dissemos, cavaleiro português e mui afamado por bom homem d'armas, com muitas gentes consigo com que fugira da batalha; e Nun'Alvarez levava tençom que se a el sair nom quisessem, que o combatesse.

E depois que foi em Monforte, as gentes que dentro eram, nom quiserom sair, pero eram bem trezentas lanças. E por o logar ser forte e muitas gentes nele, e Nun'Alvarez nom ter arteficios de combato, nom curou de o combater, pero esteve hi hũ dia, no qual se fezerom boas escaramuças antre

⁹³ desejo] *om.*

os portugueses, e os da vila, em rosto das barreiras, sem se fazer porém cousa que muito de contar seja.

Em outro dia pela manhã, que era dia d'endoenças, se foi Nun'Alvarez de pé e descalço, em romaria a sancta Maria do Açumar, que he húa legoa dhi, egreja bem devota, e todolos seus de pé com el. E como chegou à egreja achou-a mui suja das bestas dos castelãos, que em ela metiam, quando per hi passavam; e ante que se apouentasse, a mandou alimpar, e el foi o primeiro que começou a tirar o esterco fora.

Em esto veo recado dalgús portugueses a Nuno Alvarez que podia tomar Arronches que estava por Castela, e que lhe dariam a vila. Nun'Alvarez foi daquesto mui ledó e partio pera alá, e foi dormir ao Açumar; e mandou seu recado aos que a vila haviam de dar, que maneira havia de ter, e houve essa noite logo a reposta.

Em outro dia grande manhã, cavalgou com sas gentes, e chegando à vila, foi recebido nela. E como foi dentro na vila, começaram de combater o castelo de toda parte. Em ele estavam bons cavaleiros castelãos *scilicet* Afonso Sanchez, Gonçalo Sanchez de Guntas, e Sancho Sanchez, e consigo até trinta lanças, e outros portugueses.

O combato foi grande e queimadas as portas do castelo, e entrados per força. E forom todos tomados, e Afonso Sanchez e Sancho Sanchez houve Gil Fernandez, e os levou presos consigo, quando se tornou com as gentes d'Elvas. E cobrarom os portugueses em aquel logar cavalos e armas, e outras cousas de que se aproveitaram.

Outrossi d'Alegrete, que também estava por Castela, lhe enviaram dizer que mandasse receber aquel logar pera o Mestre. E Nun'Alvarez mandou logo lá hũ bom escudeiro, que chamavom Martim Afonso da Aramenha, que dhi era natural, mas morava em Portalegre, e algús outros com ele a receber o logar, e foi-lhe entregue, e assi ficarom por o Mestre, Arronches e Alegrete.

E leixou Nun'Alvarez por alcaide em Arronches, seu tio Martim Gonçalves. E teve ali a Pascoa, e mandou muitos que se fossem pera suas casas, e que estevessem prestes como vissem seu recado. E el partio pera Estremoz, e desi pera Evora, e depois pera Montemor.

XCVII

Dhúa entrada que os portugueses fizeram per Castela, e do roubo que trouverom

Se soes bem nembrados do que tendes lido, ElRei de Castela he em termo d'Obidos esperando sua frota pera ir cercar Lixboa. E enquanto Nuno Alvarez está de folga e o Mestre aguarda seu poderoso cerco, por este tempo nom ficar de vago, vejamos em tanto algúas cousas posto que ligeiras sejam, até que a frota venha a que havemos de tornar.

Onde assi aveo que alçando voz por a Rainha muitos alcaides de castellos como ouvistes, mandou o Mestre Vasco Porcalho, comendador-mor de sua Ordem, a Vila Viçosa por alcaide, e que lançassem fora Garcia Perez do Campo, craveiro da dita Ordem, porque era criado da Rainha de que tomavom sospeita.

E tendo Vasco Porcalho assi sua voz, mandou o Mestre que Alvaro Gonçalves Coitado estivesse em Vila Viçosa com trinta escudeiros natu-raes da dita vila, porque el era desse mesmo lugar. Este Alvaro Coitado era muito amigo de Pero Rodriguez, alcaide do Alandroal, e acordarom ambos de fazer húa cavalgada em Castela porque nêhús que voz por Portugal entom tevessem, eram ousados de esto cometer, porquanto Pero Rodriguez da Fonseca estava em Olivença mui poderoso com quinhentos de cavalo antre homens d'armas e genetes. De guisa que toda aquela comarca era temerosa ant'ele, e os gados todos mui seguros ó longo do extremo da parte de Castela.

O acordo feito e o dia devisado, juntou Alvaro Gonçalves seus trinta escudeiros e cento e cinquenta homens de pé de Vila Viçosa, e Pero Rodriguez quinze de cavalo, e cinquenta homens de pé do Alandroal, assi que eram per todos quarenta e cinco de cavalo e duzentos homens de pé. E juntos assi pera entrar per Castela, passaram de noite Odiana pelo porto da Cerva, e foram ao enxido de Chelas sobre o quarto da alva, e fizeram presa em dous fatos de vacas de Garcia Gonçalves de Grisalva. E tomarom catorze vaqueiros e arrancarom as tendas, e carregarom os fatos com todos seus aparelhos. E assi trouverom vacas e novillos e egoas com seus pastores que nom escapou mais que hú que foi dar novas a Vila Nova de Fresno e a Alconchel, logares do senhorio de Castela. E Pero Rodriguez e Alvaro Coitado mandarom tanger a cavalgada aos homens de pé, e lhes derom dez de cavalo que veessem com eles, e eles com os besteiros ficaram em reguardo, se algúa gente recrecesse pera pelejar. A qual cavalgada

passarom per Ferreira, e veerom com ela per o soveral da Ordem, antre a vila do Alandroal e Jurumenha até o campo de Pardaes, onde está húa igreja de sam Marcos.

Em aquel campo partirom sua cavalgada, os capitães sua direita parte, e a cada hū dos outros o que lhe hi montava, e o quinto que era dado a Alvaro Coitado, nom quis àquela hora havê-lo pera si, mas que se partisse per eles, de que todos foram mui contentes e lho agradecerom muito.

E acharom em aquela presa, setecentos novillos que andavom apartados em hū dos fatos, e as vacas eram mil e quatrocentas, e vinte e seis eguas, e nove poldros de três anos e outros poldros pequenos. E as eguas derom a Alvaro Coitado, que mandou pera húa sua quintá acerca de Benavente. E esta foi a primeira cavalgada que os portugueses fizeram per Castela no começo desta demanda.

XCVIII

Como Vasco Porcalho foi lançado de Vila Viçosa, por sospeita que dele tomarom

Esta cavalgada e roubo assi feito, soube Pero Rodriguez certamente que o comendador-mor Vasco Porcalho recebia cartas de Pero Rodriguez da Fonseca, contra serviço do Mestre, e feze-o saber per hū seu escudeiro a Alvaro Coitado em Vila Viçosa onde estava. E quando o escudeiro chegou com este recado, estava Vasco Porcalho na praça da vila, e Alvaro Gonçalves se fez prestes de o prender, falando primeiro com algūs da vila, e tomada a porta da treição com besteiros e homens de pé, que nom leixassem sair nem entrar nêhū. E mandou poer à porta do castelo dez escudeiros e çarrar todalas portas da vila, e a grande pressa mandou ao Alandroal, que he dhi húa legoa, chamar Pero Rodriguez, o qual como vio seu recado, cavalgou com dez escudeiros e sessenta homens de pé e a mui grande pressa chegou logo hi.

E Alvaro Gonçalves que tinha já tomada húa torre grande que está sobre húa das portas, lhe mandou abrir. E como se virom, falarom ambos que nom foi ouvido, e logo com os seus e com todos da vila, chegarom aos paços d'Ordem, onde já o comendador estava com quinze escudeiros e trinta homens de pé, e dez besteiros e a rua dos paços bem apalancada pera se defender.

A gente era muita e foi logo quebrado o palanque, bradando todos alta

voz dizendo:

— Moira o treedor com quantos tem, que nos tinha vendidos a elRei de Castela.

E dizendo todos que lhe posessem o fogo, fizeram-nos estar quedos, e mandaram dizer ao comendador que saísse fora pera lhe falarem, ou iriam eles dentro, qual el ante quisesse.

Vasco Porcalho, depois que seguraram el e os seus, saiu dos paços fora a falar com eles; e afastados a húa parte, perguntou o comendador por que se moverom a o desonrar e matar sem porquê, cercando-lhe seu castelo de menagem em que o seu senhor o Mestre posera, e lhe tinha por el feito preto e menagem.

— Na qual cousa, disse el, nom me parece que fezestes bem, nem houvestes bom conselho, nem o Mestre, cujo criado e freire eu som, nom o haverá por bem nem vo-lo terá em serviço. E digo-vos que eu lhe entendo de escrever todo mal e desonra que me per vós he feita.

Ditas estas e outras razões que largamente propôs por sua querela, respondeo Alvaro Gonçalvez e disse:

— Cavaleiro, vós nom vos agravees, nem hajaes por mal cousa nehúa destas que som feitas, nem que hajamos de fazer, ca nehúa se fez por vos desonrar nem matar, mas por o entendermos assi por serviço de nosso senhor o Mestre. A nós he dito, e somos delo certos, que vós vos carteaes com Pero Rodriguez da Fonseca, alcaide de Olivença, e que há já três meses que soes vassalo delRei de Castela, e recebestes del mercês, e lhe prometestes de dar esta vila; e que em Olivença estam trezentas lanças de castelãos, que hoje haviam de vinr tomar posse dela. E porque esto seria mui gram mal e dano e deserviço do Mestre nosso senhor, queremos ser de vós seguros e que nos entreguees este castelo. E entom vos i per ele mostrando-vos sem culpa desto, e servi-o no que vos mandar; e aqui nom há mester mais razões nem escusas coloradas, ca vos nom ham-de conhecer delas. Mas hoje será o castelo chão com a vila, e a ponte quebrada e todo o mais que entendermos por segurança do logar e serviço de nosso senhor o Mestre.

A esto deu el sua resposta per que quis mostrar que nom era assi. E eles disserom que nom razoasse mais sobre tal estoria, ca bem sabia que era verdade, e que lhe entregasse logo o castelo, que por entom nom entendiam de fiar dele.

Vasco Porcalho nom podendo mais fazer, chamou Lopo Gil, escudeiro de que muito fiava, e mandou que se fosse com eles, e que lhe entregasse o castelo, tomando primeiro estormentos da força que lhe faziam, e protestando de nom encorrer em caso por o preto e menagem que dele fezera. Tomarom entom

posse do dito castelo e mandaram quebrar a ponte da porta da treição, e taipar a porta das partes de fora. E fizeram que se servisse a vila e o castelo todo em hũ, e o comendador foi fora, com todas suas cousas e quantos com el estavam.

XCIX

Como o Mestre mandou entregar a Vasco Porcalho o castelo como ante tinha

Partio o comendador pera Lixboa, com aqueles que com ele aguardavam, e o Mestre o recebeo mui bem, nom embargando que Pero Rodriguez e Alvaro Gonçalvez lhe tinham já escrito como se todo passara. Vasco Porcalho fez gram queixume ao Mestre, mostrando que lhe fora feita gram desonra por enveja e nom por ser verdade o que del deziam.

O Mestre relevou todo com boas razões, dando-lhe de si bom gasalhado, e esteve assi algũs dias. E comendo hũa vez o Mestre, servia ant'ele o comendador de copa, e na fim da mesa deu a agua às mãos. E depois que alçaram os mantees, chamou o Mestre o comendador e disse:

— Comendador, nom sejaes triste, por esto que assi passou porque aqueles que o fizeram, entenderom que me faziam serviço. Mas eu nom embargando esto, quero de vós daqui em diante fiar muito mais do que dante fiava, e quero que vós sejaes tornado a vossa honra, e que vos entreguem o meu castelo de Vila Viçosa como dante tinhees. E se me vós fordes desleal, seredes o mais treedor homem do mundo, serdes vós freire da minha Ordem e meu cavaleiro, e cuidardes vós nêhũa treição contra mim. Esto nom poderia eu crer, nem creio que vos fez Deus tal que trabalhees de poer sobre vosso nome, apelido vergonhoso. Eu vos mandarei dar minhas cartas pera Alvaro Gonçalvez e Pero Rodriguez, e pera os homens bons dessa vila que vos entreguem vosso castelo como dante tinhees, ca vos hei por bom e leal, e creio que vós tal soes, que farees vosso dever, e eu fazer-vos-ei por elo mercês. E mando-vos que hajaes toda boa amizade com esses cavaleiros, e eles polo meu vos honraróm, e vós assi o fazee a eles, e a esse concelho.

O comendador ouvindo aquesto, beijou a mão ao Mestre, dizendo que lhe tinha em grande mercê de o tornar a sua honra, ca já se havia por contado com os mortos, sem culpa que em elo houvesse; ca seu coração nom cuidara contra ele cousa per que o deservisse, nem Deus nom quisesse que tal mingua per el passasse. Estas e outras razões lhe disse o treedor, per que o Mestre cada vez o havia por mais sem culpa.

Entom mandou o Mestre escrever suas cartas de crença pera Alvaro Gonçalves e Pero Rodriguez e pera o concelho, da maneira que com el tevessem, e el se espedio do Mestre e se veo a Vila Viçosa, e pousou no moesteiro com os que tragia. E mandou as cartas a Alvaro Gonçalves e a Pero Rodriguez, ao qual pesou muito quando vio tal recado.

E leixou boa guarda na vila, e foi falar a Alvaro Coitado pera haver conselho com ele. E quando chegou a Vila Viçosa, achou que Alvaro Coitado tinha totalas portas da vila çarradas de pedra, e nom estava nehúa aberta, salvo hû postigo que está sob poderio dhúa grande torre; e àquel postigo estavam dez homens d'armas, e vinte peões e seis besteiros, e per ali entrou Pero Rodriguez.

E depois que falou a Mecia Perez do Campo, molher d'Alvaro Coitado, foi-se àquela torre onde el estava, e mostraram as cartas hû ao outro, e virom que vontade era do Mestre de Vasco Porcalho ser tornado a posse do castelo, assi como ante. E pero lhes muito pesasse e aos da vila, houverom acordo de cumprir mandado do Mestre, e mandarom-no chamar que se vesse pera seu castelo, pois mercê era do Mestre de o ele ter.

C

Como Vasco Porcalho prendeo Alvaro Gonçalves per arte

Depois que Vasco Porcalho entrou no logar, falou a Alvaro Gonçalves e a Pero Rodriguez com boas e mesuradas razões, como he costume dos que enganar querem, dizendo que lhe perdoassem se os anojara em algúa cousa, e que el era prestes por serviço do Mestre, de toda cousa que eles mandassem e tevessem por bem, e que lhes prometia boa e verdadeira amizade, e que fossem em hû amor e em húa vontade. E tal conversaçom deu de si a todos e per tal modo, que el tornou a reparar o castelo como dante estava, havendo-o todos por bem feito. E pôs muita pedra no muro, e per cima das ameas grossas traves, e açalmou-se de lenha e carnes e doutras cousas que pera defensom pertenciam, dizendo que assi lho mandara fazer o Mestre.

E em fazendo estas cousas fingeo grande amizade com Alvaro Coitado, e foi seu compadre dhú filho que Alvaro Gonçalves bautizou, ao qual bautismo veo Pero Rodriguez, alcaide do Alandroal. E depois que todos comerom com Alvaro Gonçalves, tornou-se Pero Rodriguez pera dhu veera. E Alvaro Gonçalves nom foi dormir aquela noite àquela grande torre da vila, de que ainda estava de posse, mas como foi serão, veo-se pera ele Vasco

Porcalho, mostrando que vinha beber com seu compadre, e tomar com el prazer. E deteve-se com el tam alta noite até que entraram cinquenta escudeiros, e duzentos homens de pé, que tinha escondidos dentro no castelo, e prendeo Alvaro Coitado e sua mulher e filhos e quantos com el estavom, e os levarom logo supitamente à torre da menagem, e lhe roubou as casas de quanto nelas tinha.

E aquele serão, entraram dentro no castelo duzentas lanças de castelãos, e grande madurgada derom às trombentas, e levantaram bandeira na torre da menagem, bradando altas vozes «Castilha, Castilha».

Quando os da vila virom os castelãos consigo, foram mui desacordados e postos em gram torvaçom, assi por a tomada da vila, come por a prisom d'Alvaro Gonçalvez, e abriram aquel postigo, e começou a gente a fugir pera Borva, assi de pé come de cavalo. E o comendador folgava por livrarem a vila e se irem todos como de feito fizeram, e el deu logo os bens daqueles que se foram a seus criados.

Entom começou Vasco Porcalho de fazer má vizinhança a Pero Rodriguez, alcaide do Alandroal, e assi fazia Pero Rodriguez a ele. E os do Alandroal passavam já fracamente de mantimentos, comendo pam de belotas, e doutras asperas cousas de comer.

O comendador como prendeo Alvaro Coitado, feze-o saber a elRei de Castela, e que lhe mandasse como era sua mercê de fazer dele. E isso mesmo escreveo Pero Rodriguez ao Mestre como o treedor do comendador de que el fiara, dera Vila Viçosa a elRei de Castela, e como tinha preso Alvaro Coitado. E ao Mestre pesou muito, e mandou a Pero Rodriguez que possesse bom recado na vila que tinha.

Veio recado delRei de Castela, e mandou ao comendador que enviasse Alvaro Coitado preso à torre de Olivença, por ser hi melhor guardado, e húa carta a Pero Rodriguez da Fonseca, que o guardasse bem até que visse seu mandado. Nuno Alvarez soube parte como Alvaro Gonçalvez fora preso, e pesando-lhe muito, escreveo a Pero Rodriguez do Alandroal que fizesse muito por saber se haviam de levar dali Alvaro Coitado. E el escreveo-lhe que si, mas que nom sabia como nem quando.

E Nun'Alvarez lhe enviou algús escudeiros pera os ter consigo, e ordenar com eles se podesse, como fosse tomado aos castelãos quando o levassem pera Olivença; dos quaes era hū Afonso Perez o Negro, que depois foi alcaide de Vila Viçosa, e Lourenço Martinz do Tojal, e Gonçalo Cão, e Gonçalo Colaço, e Lourenço Perez Sinza, e Gomez Lourenço de Sam Paio, e doutros bons escudeiros até dez e seis, os quaes mandou que fizessem todo o que lhes Pero

Rodriguez ordenasse. E eles assi lho disserom quando a el chegarom, e el lho agradeceo com boas palavras, e folgou muito com eles.

CI

Como os portugueses pelejarom com certos castelãos e os vencerom e os desbaratarom

Logo acerca como estes escudeiros chegarom, cavalgarom hũa noite de Vila Viçosa, o comendador de Çalamea, e o comendador de Calatrava, com certos de cavalo e de pé, e forom correr termo d'Evora e per aquela comarca. E indo eles grande noite muito encubertos, hú moço português natural de Borva, que chamavom Rodrigo Valejo, ia por page de hú castelão, que deziam Diego Gonçalvez Maldonado, e fugio-lhe do caminho no quarto da alva, e foi-se à vila do Alandroal dar novas a Pero Rodriguez, alcaide do logar, como aquelas gentes eram entradas a roubar o termo d'Evora; e que eram duzentos homens de pé, antre almogavares e outra gente, e cento de cavalo com genetes que com eles iam. E disse-lhe o caminho que levavom e a fala onde haviam de ir⁹⁴ fazer prea.

Quando Pero Rodriguez esto ouviu, foi muito ledio com taes novas, e muito mais o forom os escudeiros que Nun'Alvarez ali mandara, porque Vasco Porcalho dera os bens dalgũs deles que eram de Vila Viçosa. E Pero Rodriguez houve logo conselho com eles como lhes parecia que era bem de fazer em tal feito, e acordarom todos, como quer que a gente fosse muita, que os fossem aguardar no caminho, e que pelejassem com eles todavia.

Pero Rodriguez fez logo fazer prestes os que consigo havia de levar, e eram com os escudeiros de Nun'Alvarez vinte e seis de cavalo e sessenta homens de pé. E tomaram caminho d'Estremoz cavalgando o mais que poderom até estrada que vai de Vila Viçosa pera a cidade d'Evora. E levavom consigo o moço que lhe as novas trouvera, e aquele os pôs na trilhada per onde os castelãos passarom, e isso mesmo da serra. E ali houverom acordo que no porto dela os esperassem, onde seriam tam bons os poucos come os muitos. Acor-dado que ali os aguardassem a qualquer ventuira que lhe Deus quisesse dar, encobrirom-se os de cavalo e os de pé em hú baixo. E pôs Pero Rodriguez duas atalaias que devisavom grande terra per aquel campo, e el estava em hũa

⁹⁴ ir] hi

delas. E assi estiverom des hora de prima até meo-dia, que virom virn os de pé tangendo a cavalgada, e com eles dez genetes em guarda.

E era a cavalgada mui grande a maravilha, ca eles traziam cinco mil ovelhas e mil e quinhentas cabras. E antre homens e moços até sessenta, metudos em três baraços, e os de pé vinham todos com a presa e com eles dez genetes, e os homens d'armas ficavom em reguardo detrás; e com tal segurança tangiam sua cavalgada como se estevessem em Castela. E em esto pareceo a gente d'armas e vinham fazendo mor vista dos que eram. E leixarom a estrada que tragiam dereita e foram correr o Redondo que estava dhi muito preto, e escaramuçavom arredor da vila com algús dos que hi estavam.

Quando Pero Rodriguez e aqueles escudeiros esto virom, disserom hús aos outros:

— Agora he tempo de darmos sobre estes de pé que aqui vêm com a cavalgada e sobre estes genetes, ante que lhe venha acorro da gente d'armas.

E logo se partirom em duas partes assi os de pé como os de cavalo, e foram dar nos de pé e nos genetes assi como vinham. E nos primeiros golpes, derribarom cinco genetes, e de pé, cinquenta e três, de taes feridas, que nom houverom mester mestre que os pensasse. E mao seu grado desepararom a cavalgada e começaram de fugir pera a serra aqueles que o poderom fazer. Ca os portugueses assi de pé come de cavalo, e os que eles tragiam cativos que foram logo soltos, os seguiam mortalmente, matando e prendendo em eles como melhor podiam, em guisa que em pequeno espaço foram antre presos e mortos, cento e vinte e três, e os outros escaparam na serra. E fez logo Pero Rodriguez com as armas e bestas dos cinco que caírom, cinco escudeiros d'homens de pé que o bem mereciam, assi que já eram trinta e hū de cavalo pera pelejar.

Os cinco genetes que escaparam foram dar novas aos homens d'armas, como a cavalgada era em poder dos portugueses e muitos dos seus presos e mortos. E eles com gram menencia recolherom-se todos, e ao mor andar que poderom per fora da estrada veerom sobre o lugar onde fora a peleja, e acolherom-se a hū cabeço mui alto donde podiam bem ver quantos eram os portugueses.

Pero Rodriguez quando os assi vio estar, houve acordo com os escudeiros que posto que a peleja mui desigual fosse, que ante que os castelãos cobrassem esforço de virn a eles, que os cometessem eles primeiro.

Entom pôs os de pé todos a húa parte, e mandou-lhes que estevessem quedos, e nom se descorregessem por cousa que vissem, ca eles queriam ir cometer aqueles de cavalo, ante que eles houvessem acordo de vinrem a eles;

e se com eles nom podessem que entom se recolheriam onde eles estavam, e eles nom houvessem dó de partir os dardos e lanças pelos cavalos dos castelãos. E entom poserom as lanças sô os braços e bradando todos «Portugal e sam Jorge» foram ferir nos êmigos. Os comendadores com os da sa parte, com bom desejo, aderênçarom a eles, chamando «Castilha, Santiago». E ao juntar das lanças caírom em terra dez castelãos e dos portugueses dous.

As lanças depois que foram perdidas veerom às espadas, e feriam-se bem de vontade. E de tal guisa o faziam os castelãos porque eram muitos, que se vergonha nom fora leixarom a praça os portugueses. Os homens de pé entenderom esto, e vendo a peleja assi desigual, nom embargando o mandado que tinham, trabalharom de lhe acorrer a tempo que lhe fazia bem mester seu acorro.

E como chegarom, começaram a despender daqueles dardos nos cavalos dos castelãos, per cujo azo seus donos caíam em terra. E tanto fezerom os de cavalo e de pé por haver a melhor de seus êmigos que per força os fezerom arrancar do campo. E Lourenço Martinz do Tojal, e Gomez Lourenço de Sam Paio, quando virom que se os castelãos venciam e começavom de fugir, disserom hû ao outro:

— Vamos a estes comendadores, pois os conhecemos, nom nos escapem assi. Entom deitarom após eles, cada hû a seu.

Os comendadores, por recolher a gente iam-se detendo, acompanhados porém dos seus. Lourenço Martinz e Gomez Lourenço meterom-se per antre todos, e cada hû encontrou o seu, de guisa que os poserom fora das selas. Eles em terra, seus bons criados tornarom sobr'eles, e matarom os cavalos a Lourenço Martinz, e a Gomez Lourenço, e ficarom ambos a pé, feridos. Entom cobraram os comendadores cavalos, e sobreveo Pero Rodriguez que acorreo àqueles escudeiros, onde já estavam pera serem mortos ou presos. E per ali se partio a peleja. Daquel logar se tornou Pero Rodriguez e disse aos escudeiros que levassem aquelas ovelhas pera o Alandroal, ca ali acudiriam seus donos por elas.

E recolhida a gente, achou que nom minguava nehû dos seus, mas foram feridos vinte e cinco homens de pé, e dos escudeiros onze de feridas porém seguras de morte. E morrerom dos castelãos, ali onde juntarom, quatro de cavalo, e foram nove presos, e seis cavalos mortos e nove vivos. E da parte dos portugueses, cinco cavalos mortos, mas nom minguarom outros melhores pera seus donos daqueles.

Ali veerom seus donos das ovelhas, cada hû por suas, e davom a Pero Rodriguez a meatade. E el nom quis mais de trezentas cabras e cem carneiros pera comerem aqueles feridos.

CII

Como foi livre de prisom Alvaro Coitado, e desbaratados os castelãos que o levavam

Nom tardou muito que acerca desto, chegou hũ dia pela manhã hũa enculca que Pero Rodriguez tinha em Vila Viçosa, e disse que aquela noite que havia de vinr, haviam de levar Alvaro Coitado de Vila Viçosa pera Olivença, e que visse o que compria. Pero Rodriguez chamou logo os escudeiros perante aquel homem, e começaram de falar que maneira teriam em elo. E acordaram que aquela noite se lançassem em celada acerca de Vila Viçosa, em hũ pinhal azado pera elo, e que aquel homem fizesse de guisa que soubesse as horas a que havia de ser levado, e per que maneira. E mandarom-no que se fosse, e que lhe levasse novas àquele pinhal. Pero Rodriguez depois de sol posto com aqueles dez e seis de Nuno Alvarez, e com quinze escudeiros seus, e cinquenta homens de pé, partio do Alandroal, fingendo que levava caminho d'Estremoz. E depois que foi noite, derom volta per outro caminho o mais encubertos que poderom, e forom-se ao pinhal que devisado tinham. Eles ali esperando reposta do homem que mandarom que lhe trouvera o recado, era já grande serão andado, e nom sabiam lingua do logar que certa fosse, salvo quanto lhe dissera aquel homem que esperavam.

E vendo sua tardada mui grande, começaram duvidar se era verdade o que lhe dissera. E deziã algũs que esto podia ser treição de aquel homem, de que Pero Rodriguez fiara, os ter vendidos. E o que se desto mais receava, era o dito Pero Rodriguez, em tanto que el e os outros, bem lhe prouguera serem dali fora, e nom ter tal obra começada. Em esto os dous escudeiros Lourenço Martinz e Gomez Lourenço começaram de dizer assi:

— Pero Rodriguez, vós soes aqui vindo por serviço de Deus e do Mestre. E Nun'Alvarez quando nos a vós mandou, esta foi a principal cousa que vos mandou encomendar, que este Alvaro Gonçalvez saísse de prisom, quando o daqui quisessem levar, se o vós podessees fazer. Ora se esto he treição, já ordenada está, e nom lhe podemos fugir per nehũa guisa, que o nom hajamos de livrar per as mãos, aguardando qualquer aventura que avenha, ou aqui ou no caminho. E portanto se vos prouguer, nós queremos ir com dous homens de pé, e tomaremos lingua se pudermos, e vós aguardae aqui, ca mui toste tornaremos a vós.

Pero Rodriguez disse que lhe prazia, e que nom partiria dali per nehũa guisa, até que eles veessem.

Forom-se os escudeiros com dous homens de pé almogavares. E como foram preto da vila, mandaram os de pé ao arravalde, e eles ficaram acerca em dereito da porta da treição.

E estando assi, virom muita gente de pé e de cavalo; e veerom dous homens de pé, castelãos, que se queriam ir com aqueles que estavom à porta da treição per mandado do comendador. E os escudeiros prenderom-nos logo e fezerom-nos calar. Em esto veerom os⁹⁵ dous homens que foram com eles, e disseram:

— Já Alvaro Gonçalvez tiram do castelo, e lhe têm húa mula prestes em que vá. E parece-nos que serám duzentos de cavalo, a nosso esmar, e muita gente de pé; e chamom Afonso Garcia almocadém, dizendo que saia má hora, se há-de sair.

— Ora, disserom eles, ficae vós aqui e como eles moverem e começarem de cavalgar, vá hũ de vós dar novas, e o outro vá acerca, e vejam em certo quanta gente he, e per qual caminho vão.

Entom se partirom os dous escudeiros com aqueles homens que assi prenderom, e foram-se ao pinhal. E como chegarom, contarom a Pero Rodriguez e aos outros todo o que lhes aveera; e estando preguntando àqueles prisuneiros que gente estava em Vila Viçosa, chegou o homem por que Pero Rodriguez esperava, e outro dos que ficarom no logar, por saber o caminho. E ambos deram novas dizendo assi:

— Sabee que os comendadores vêm com Alvaro Gonçalvez, e trazem consigo até noventa de cavalo, e sessenta homens de pé⁹⁶ todos escolheitos, e vinte e cinco besteiros. E vem por sua guia deles Afonso Alvarez almocadém, e trazem esta estrada da corte d’Elvira, e ora os ouvirees passar per aqui.

Começarom entom de se poer a cavalo, e em se corregendo, ouvirom o tom dos cavalos dos castelãos.

— Como vos parece, disse Pero Rodriguez, que será bem ou em que logar cometeremos esta demanda?

— Parece-nos são conselho, disserom os outros, de os leixarmos alongar da vila, e à entrada daquel azinhal os cometermos.

E esto falando, chegou outro peom com recado dizendo:

— Já passam os comendadores, e levam a mor palra de palavras que homem ouviu, e vão sem avisamento nehũ, ca eles nom levam gentes que vão deante, nem nehũ reguardo doutra gente.

⁹⁵ os] nos

⁹⁶ pé] om.

Entom disse Pero Rodriguez:

— A mim parece que he bem que em aquel campo além destes estebaes, hajamos a demanda com eles e nom havemos por que os mais leixar ir, ca poderóm de nós haver sentido, e achá-los-emos melhor percebidos. A noite faz boa e nom muito escura, e nós feiramos em eles de sospeita. E prazendo a Deus, eles nos faróm graça d'Alvoro Gonçalvez, e dalgús cavalos e armas que levam.

Entom cavalgarom ao mor andar que poderom, e entrarom na estrada per onde iam os comendadores, e chegarom tam acerca deles, que ouviam as repartições do grande arrojido que levavom antre si. E como começaram d'entrar ao campo corregerom-se os portugueses pera ir a eles, e poserom as lanças sô os braços, ao mor correr dos cavalos que levar podiam.

Os castelãos quando os assi ouviram, derom húa grande arrancada por deante, e a grandes vozes disseram os comendadores:

— Nom he nada, senhores, nom he nada. Volta, senhores.

E ao arrancar que fezerom, deu hú cavaleiro⁹⁷ a Alvoro Gonçalvez húa lançada sobre húa jaqueta que levava vestida, dizendo:

— Ó treedor, vendido nos hás.

E Alvoro Gonçalvez se lançou da mula em terra com húa adova mui grande que levava nas pernas, e se escudou da mula.

Pero Rodriguez com os que com el iam, foram ferir nos castelãos. E desta chegada que derom em eles, caírom bem vinte escudeiros das bestas, e os seus homens de pé se colherom ao monte, sem fazer cousa que de contar seja. Os peães portugueses nom houverom outro trabalho, senom prender daqueles escudeiros que caíam, e apanhar lanças e adargas que jaziam per esse campo, e tomar mulas e cavalos e azemelas e outras bestas com fardagem dos comendadores, e doutros escudeiros de conta que iam em sua companhia, ca hi nom havia quem lho tolher, porque logo foram vencidos, e arramados per esses estebaes.

E porque era de noite, e ficaram sem guia, deciam-se dos cavalos, e lançavom-se ao monte por escapar. E por esta razom, ficaram muitos cavalos sem donos, além dos que na volta primeira caírom.

Os comendadores foram dar consigo em húa fraga muito pedregosa, e ali leixarom os cavalos, e os outros que com eles iam, e os cavalos tornavom-se ao campo.

⁹⁷ cavaleiro] cauallo

Os portugueses nom sabiam parte d'Alvoro Gonçalvez, e bradavom por ele, chamando-o per seu nome. E ele jazia em hũ grande juncal, e nom ousava responder, crendo que aquele era Martinh'Anes de Barvudo que o vinha tomar aos castelãos, pera o levar cativo por o mal que lhe queria. E per aventura foi pera aquele juncal Gomez⁹⁸ Lourenço de Sam Paio, e andando bradando por Alvoro Gonçalvez, el⁹⁹ conhece'-o na fala, e entom respondeo. E havendo gram prazer com ele deceo-se do cavalo, e ajudou-o a montar em ele, ca ele nom podia por razom da adova que tinha, e pôs-lhe hũa espora e deu-lhe a lança. E cobrou Gomez Lourenço o cavalo do comendador de Calatrava, que era o mais afamado que hi vinha, e foram-se pera onde estavam os outros. Pero Rodriguez foi mui ledo com ele, e quantos hi eram, dizendo-lhe que somente por ele foram ali vindos. E el gradecia-lhe sua obra quanto podia.

O arroído era grande na vila e repicavom quanto podiam, cuidando que era Nuno Alvarez que ia sobr'eles, e esta entençom tinham os do logar segundo lhe deziam os que se colhiam à vila.

Em este desbarato foram presos nove escudeiros, e tomados dez e seis cavalos e seis mulas e seis azemelas, e vinte e cinco bestas d'albarda com frasca dalgús escudeiros.

E leixando as razões que ambos houverom, Alvoro Gonçalvez se espedio de Pero Rodriguez, e de quanto lhe davom nom quis mais levar que oito cavalos. E foram-se com el pera Estremoz os dez e seis escudeiros que Nuno Alvarez mandara e mais algús homens de pé, e Pero Rodriguez se tornou pera o Alandroal; o qual em outro dia deu seis cavalos a seis homens que fez escudeiros, e repartio as outras cousas todas e a rendiçom dos presos tanto a hũ como ao outro. E tam bom quinhom haviam sempre, os que se acertavam ficar no logar, como os que iam fora com ele.

⁹⁸ juncal Gomez] Jumcall e gomez

⁹⁹ el] e ell

CIII

Como Pero Rodriguez foi por acorrer a Alvaro Coitado que o nom prendessem os castelãos

Quando Vasco Porcalho soube a tomada d'Alvaro Gonçalvez, e como os comendadores foram desbaratados, houve muito grande pesar. E com gram queixume dezia per modo d'escarnho, contra os que estavom presentes:

— Em verdade hei por estranho, nunca nehús de vós me pedirem o quinto destas cavalgadas que fazees; cento de vós pelejam com trinta, e sempre de vós ficam mortos duas duzeas, e os outros fugindo come ovelhas tornam-se pera este curral. Quanto com tal honra como esta, boa fama irá de nós a elRei.

E mandou essa noite duas enculcas saber que fazia Pero Rodriguez, e que gentes foram com ele na tomada d'Alvaro Gonçalvez, ou se estava ainda no Alandroal, ca el quisera hi vinr correr e fazer algú bem se podera.

E hús homens que Pero Rodriguez mandara essa noite por escuitas, tomarom lingua das escuitas de Vasco Porcalho; o qual sabendo que Alvaro Gonçalvez era já em Estremoz, e havia em aquele dia de partir pera Borva, mandou quarenta de cavalo e trinta homens de pé que se fossem poer no caminho per onde Alvaro Gonçalvez havia de vinr, e que de morto ou preso nom lhe escapasse a todo seu poder. E Alvaro Gonçalvez nom sabia desto parte.

Pero Rodriguez sabia desto novas, e mais per hū homem de Vila Viçosa, que lho veo dizer. E como desto foi certo, mandou chamar os do logar, e perguntou-lhe que lhes parecia que devia fazer em tal feito. E eles disserom que fizesse o que por sua honra entendesse, que eles prestes estavom.

— A mim parece, disse ele, que nom he bem leixarmos perder quem nos tanto trabalho deu polo havermos de livrar, ca se lhe nós nom acorremos, poderá ser preso ou morto, cousa que eu nom queria per nehúa guisa que acontecesse.

— Fazez-vos prestes, disseram eles, que nós prestes somos.

Entom cavalgou ele com o concelho do Alandroal, e chegou àquel logar de Montalvom onde lhe disserom que o comendador mandara aguardar Alvaro Gonçalvez. Os castelãos tinham duas atalaias, e quando os virom ir, foram-se acolhendo, nom nos querendo aguardar, e nom pôde Pero Rodriguez percalçar nehú. Entom se foi cavalgando pera Estremoz, e achou Alvaro Gonçalvez que ainda nom partira, e contou-lhe por que ali veera. E ele lho agradeceo muito, e disse-lhe que possesse em si boa guarda e aviso, que nom recebesse dano.

Partirom entom Alvaro Gonçalvez, e Pero Rodriguez com ele pera a vila de Borva. E no dia seguinte alta manhã, mandou Alvaro Gonçalvez descobrir terra per dous escudeiros e acharom dez de cavalo que vinham correr a vila de Borva. E estes veerom até o logar após aqueles dous¹⁰⁰ que foram descobrir, e tomarom junto com a vila vinte bois, que andavom pacendo.

Alvaro Gonçalvez e Pero Rodriguez, quando virom esto, saírom a eles pera lhos tolher, e tomarom-lhos ante que chegassem a húa celada que os castelãos tinham lançada hu chamam Orelhal. E foi a celada descuberta e seguida de corredura, até as hortas do reguengo acerca da vila, onde tomarom sete azemelas do comendador Vasco Porcalho, as quaes os castelãos nom ousarom de lhe ir tolher, cuidando que era muita mais gente. Entom se tornou Alvaro Gonçalvez pera Borva, e Pero Rodriguez pera o Alandroal.

CIV

Como Vasco Porcalho foi correr ao Alandroal, e da prea que tomou aos portugueses

O comendador Vasco Porcalho vendo a fouteza que contra ele mostrava Pero Rodriguez com os que consigo tinha, escreveo a Pero Rodriguez, alcaide de Olivença, que mandasse correr a vila do Alandroal de que recebia mui má vizinhança. E que fosse certo que como os corresse, que assi os de pé como os de cavalo, que logo sairiam a eles, e que os nom haviam de leixar até o rio de Odiana, ca atanto corriam os homens de pé daquele logar, como os de cavalo, e que assi os podiam bem prender e acutelar à sa vontade, lançando-lhe húa celada longe aquém do logar. E enquanto el mandou este recado, enviou vinte de cavalo correr o Alandroal, e fezerom presa em hús poucos d'asnos e foram-lhe tolhidos pelos do concelho. Estes corredores tornando pera a vila disserom a Vasco Porcalho que nom entendiam lá mais d'ir per aquela guisa, porque os seguirom de tal maneira, que se o caminho nom fora longe, lá ficaram por seus hospedes.

O comendador com grande despeito cavalgou grande madurgada, e levou cento e cinquenta de cavalo, e duzentos e cinquenta homens de pé, e lançou-se em celada acerca do Alandroal onde chamam o Pinheiro. E depois que

¹⁰⁰ dous] dos

foi bem de dia, mandou vinte de cavalo que corressem até as portas da vila, e qualquer cousa que achassem, travassem em ela sem receo nehũ. Os genetes fizeram como lhes el mandou, e correram até as portas do logar, e tomarom setecentas cabras.

Os da vila saírom a eles, Pero Rodriguez com dez de cavalo e setenta e cinco homens de pé. E foram per outra parte, por lhe tomar a deanteira. E já os de pé tinham as cabras tiradas aos corredores, e os de cavalo foram dar na celada; a qual descuberta, leixarom-se todos ir dereitamente à vila que era muito acerca.

Pero Rodriguez por acorrer aos peães, veerom todos envurilhados até cerca das casas do arravalde da Mata. E ali os esperarom, e começaram de pelejar, e Pero Rodriguez era a pé com os seus. E sendo a peleja muito desigual, foram os portugueses vencidos per força, e fugirom pera a vila, acolhendo-se às casas da rua da Mata, que eram furadas hũas pelas outras. E per ali foram escapando, doutra guisa os mais deles foram mortos e presos, mas nom foram mais que cinco homens mortos bem mancebos e pera muito, os quaes lhe matarom junto com o muro, e foram muitos feridos. E Pero Rodriguez houve hũa ferida. E dos castelãos morrerom dous e quinze cavalos.

Tornou-se estonce Vasco Porcalho com grande prazer pera Olivença, e levou aquelas setecentas cabras sem haver nehũ que lhe possesse embargo. E ficou Pero Rodriguez com os seus bem nojoso por tal desaventura. Porém que dezia de praça por os confortar:

— Amigos, tal vai de guerra em semelhantes cousas; oitenta e cinco a trezentos e cinquenta leixar-lhe o campo sem vergonha o podem fazer; e estes que morrerom por defensom do reino, Deus lhe haverá mercê às almas.

CV

Como Pero Rodriguez da Fonseca lançou hũa celada aos do Alandroal e do que lhe aveo

Pero Rodriguez da Fonseca nom foi esquecido do que lhe escreveo Vasco Porcalho, e cavalgou d'Olivença, com duzentos de cavalo e trezentos homens de pé, e veo hũa noite lançar-se em celada, acerca de Sam Brás do Moeiteiro, hũa grande legoa do Alandroal. E como foi manhã, disse aos seus em esta guisa:

— Amigos, eu queria tomar esta vila e matar ou prender os que nela vivem. E se o fazer podermos segundo meu desejo he, faremos serviço e pra-

zer a elRei de Castela, e lograremos totalas cavalgadas. E pois que Vasco Porcalho outro dia matou parte deles per húa celada que lhe lançou, nós façamos per esta maneira. Os que forem correr se tomarem algús prisuneiros ou qualquer outra cousa façam enfinta que vão contra Terena; e algús dos outros fiquem em face da¹⁰¹ vila, travando com eles com o mor resguardo que puderem; e se nom acharem cousa em que façam presa, tirem-nos o mais à longa da vila que puderem, e façam-no saber o mais escuso que ser puder. E eles assi alongados do logar, eu com estes escudeiros meter-nos-emos antre eles e a vila. E quem conhecer Pero Rodriguez, faça muito por o prender, e nos outros mate quanto puder. Ca se el for preso, el me dará logo o logar, ou o degolarei eu à porta da vila.

Os outros ouvindo aquestas razões, disserom que tal acordo era muito bom, mas que lhe parecia que era bem de o fazer saber a Vasco Porcalho que estava cavaleiroso de gente, e assi seria muito melhor e mais a seu salvo.

Pero Rodriguez disse que lhe nom prazia, que esta honra queria ele pera si e pera eles.

— Ca hoje queimaremos a porta do logar, disse ele, e depois que for em nosso poder, ele o saberá, e doutra guisa me nom praz.

Firmando-se assi em este conselho, estremou corenta de genetes os melhor encavalgados que achou e de que mais fiava e tornou-os a avisar da maneira que dizemos, encomendendo-lhes que segundo seu bom juízo usassem do que lhes encomendava.

Eles correrom a vila come lhes era mandado. E Pero Rodriguez, alcaide do Alandroal, mandara essa manhã descobrir terra per dous escudeiros contra Vila Viçosa; e a atalaia que vio os genetes deu à campam, e derribou o cesto. Os do logar como virom aquelo saírom a pé com lanças e dardos. E quem esto nom tinha, levava seis e sete estebas agudas com aviamentos. Pero Rodriguez nom quisera que saírom, e depois que os vio em escaramuça saiu com dez de cavalo. E de tal guisa os seguírom que o caminho que cuidavom de levar, nom poderom ir per ele, mas servidos de dardos e de garrochas, começaram de fugir pera onde Pero Rodriguez da Fonseca jazia em celada mui descuidado de tal aquecimento.

E quando os portugueses e os castelãos foram misturados, assi dar em eles assi¹⁰² de sospeita, foi o desacordo tam grande em eles, que algús nom

¹⁰¹ da] de

¹⁰² em eles assi] em eles em huú assi

poderom montar a cavalo. E sem esguardar se eram muitos ou poucos, fugiam per esses matos quanto melhor podiam, tam bem de cavalo como de pé. Assi que a ventuira ajudando os poucos, e dando temor e espanto nos muitos, fugio Pero Rodriguez com aqueles que se com el acertarom, e outros nom chegarom dhi a dous dias a Olivença.

E forom na volta mortos dos émigos sete homens de pé, e dous de cavalo, e cinco dos genetes. E mortos treze cavalos, e ficarom nove vivos. E dos da vila forom feridos três de cavalo, e dez homens de pé, e morto hú. E trouverom muitas lanças e dardos que ficarom no campo, e tornarom-se com gram prazer pera a vila.

CVI

Como Pae Rodriguez prendeo Gil Fernandez d'Elvas

Em se passando assi estas cousas, escreveo o Mestre de Lixboa, onde estava, a Gil Fernandez d'Elvas, que fosse falar a Pae Rodriguez Marinho, alcaide de Campo Maior, que alçasse voz por ele, e que lhe faria muitas mercês. Gil Fernandez cavalgou logo com cinquenta homens d'armas consigo, e foi-se a Campo Maior. E estando fora da vila junto¹⁰³ a húa egreja que se hi faz, mandou dizer a Pae Rodriguez que lhe prouvesse de sair fora do castelo, pera falar com ele cousas que eram de sua honra e proveito. Pae Rodriguez disse que nom sairia fora, mas que fosse Gil Fernandez antre o muro e a barreira do castelo, e que levasse dez homens d'armas consigo. Gil Fernandez disse que lhe prazia, com condiçom que dhúa parte e doutra fosse feito pretoito e menagem, que fosse seguro hú do outro. Pae Rodriguez disse que lhe prazia, e foi assi firmado e posto antre eles. Estonce apartou Gil Fernandez dez homens d'armas, e foi-se à barreira do castelo onde haviam de falar, e achou já Pae Rodriguez prestes. E quando se veerom a abraçar, lançou Pae Rodriguez a Gil Fernandez o braço no ombro, em maneira de segurança, e com a outra mão lhe tomou a espada, e disse:

— Vós serees preso.

Gil Fernandez, quando esto ouvio, ficou espantado, e nom teve geito de se defender, ca Pae Rodriguez tinha tanta gente e assi corregida, que os dez escudeiros nom o poderom ajudar. Mas trabalhando de fugir quando aquelo

¹⁰³ junto] *om.*

virom, foram deles presos cinco *scilicet* Gonçalo Casco, e Martim Vasquez, e Gil Lourenço, seus primos e outros dous. E enquanto estes prenderom, saltarom os outros cinco a barreira, e foram-se pera aqueles que fora ficarom. E todos espantados de tal treição tornarom-se pera Elvas.

Gil Fernandez sendo assi preso houve-se de render por duas mil dobras, e deu fiadores e saiu da prisom. E quando chegou a Elvas houverom todos com el mui gram prazer, porque enquanto el jazia preso, eram mui ameúde corridos de seus émigos. E pera segurança de sua rendição, derom os clerigos as cruces das egrejas, e os leigos taças e espadas e cintas guarnidas e dinheiros, e outras cousas, que possesse todo em prenda a Pae Rodriguez, até que baratasse sua rendição. E depois que todo teve entregue, tornou-se a Sancho Sanchez, e a Afonso Sanchez que trouvera por prisioneiros d'Arronches segundo ouvis-tes, e rende'-os por outras duas mil dobras, das quaes lhe derom logo as mil, e as outras a dia certo como el era obrigado a Pae Rodriguez. E assi pagou todo, e quitou as prendas e os escudeiros.

CVII

Como Gil Fernandez foi prear a Castela, e do que lhe aveo

Esto assi feito, mandou Gil Fernandez chamar seus amigos, e juntou antre eles e os outros d'Elvas até cento de cavalo, e quatrocentos homens de pé. E entrou de praça per beira d'Olivença, e d'Alconchel, e foi prear a terra de Exarez, e trouxe mui gram presa de vacas e d'ovelhas e de prisioneiros. E vindo el assi com todo pera Portugal, juntarom-se os de Exarez e doutros logares d'arredor até trezentos de cavalo, e muita gente de pé e encalçarom-no em hū logar que chamam a Serra das Porcas. E eles ali acerca hūs dos outros disserom algūs a Gil Fernandez:

— Vós sabees bem que tendes deante em Olivença Pero Rodriguez da Fonseca, e Pae Rodriguez Marinho que já com el está, que têm ambos hūas trezentas lanças, e setecentos homens de pé, pera pelejar convosco à tornada. E se vós aguardardes que estas gentes que vêm depós nós se juntem com as outras que estam deante, terées a peleja muito mais forte. Porém nos parece que he bem que pelejees com estes agora; e estes vencidos, os outros nom vos querrám aguardar.

Gil Fernandez disse que lhe parecia aquel bom conselho. E ante que el corrigesse suas gentes pera ir pelejar, trigarom-se algūs pera pelejar sem ele e dando nos émigos, foram desbaratados, e algūs deles feridos. Gil Fernandez

quando os vio daquela guisa, chegou rijamente por lhe acorrer e disse:

— Santa Maria Val, que cousa he esta? Volta, volta namorados, ca nom som pera nada.

Entom se lançou antr'eles esforçando os seus. E com tal ardideza feriram nos castelãos, que foram vencidos e desbaratados, e fugiram deles pelo campo, e outros àquela serra que chamam das Porcas, que nom ousaram mais tornar a Gil Fernandez. E vindo el assi com sua cavalgada, esperando d'ha-ver outra tal peleja com aqueles fidalgos que dissemos, souberom eles como Gil Fernandez desbaratara os de Exarez, e ambos houverom por seu acordo nom pelear com el. E el passou com todo aquel gado sem nojo nehú atá vila d'Elvas, o qual era tanto que quem quisesse tomar dele pera comer nom lhe era vedado.

CVIII

Como Gil Fernandez pelejou com Pae Rodriguez Marinho, e foi desbaratado e morto

Por verdes de que guisa foi vingado Gil Fernandez de sua prisom, posto que tam acerca nom fosse, quero-lo logo aqui dizer, porque nom sabemos se nos vinrá à mão de mais falarmos de seus feitos. Onde assi foi que Pae Rodriguez Marinho mandou vinte de cavalo de Campo Maior, que veessem correr a Elvas. E Gil Fernandez saiu após eles com cinquenta de cavalo e seguiu-os per mui grande espaço, e tomou deles quatro escudeiros, e deteve-se a beira dhũ cabeça que chamom Segoiua, entendendo que vinria ali Pae Rodriguez, que já os seus mandarom chamar. E estando aguardando, veerom algũs de Pae Rodriguez deante, e Gil Fernandez prendeo-lhe dous deles.

Pae Rodriguez tragia oitenta de cavalo consigo mui bem corregidos, e como chegou, tomou logo hũa pequena d'altura a beira do caminho, à ilharga daquel cabeça, e Gil Fernandez estava no baixo. D'ambas as partes nom havia homens de pé mais que dous, que tragia Pae Rodriguez, hũ era besteiro e outro tirava pedras de mão com que fazia bem nojo.

Em esto disse hũ bom escudeiro, que chamavom Pero Fernandez Bizcainho, a Pae Rodriguez:

— Digo-vos Pae Rodriguez, que de meu conselho vós nom pelejaries com Gil Fernandez.

— Em verdade, disse Nuno Fernandez Cogominho, vós o conselhaes mui bem. Sermos aqui oitenta de cavalo bem corregidos e Gil Fernandez nom

tem ali mais de cinquenta e todos ladrom, e seu companhom, assi come Joam Ruivano e Afonso das Vacas e outros taes, e dizees que nom peleje com eles! Digo-vos eu que se el esta erra, que tarde cobrará outra tam boa.

Respondeo estonce Pero Fernandez dizendo:

— E como Nuno Fernandez, nom vedes vós ali andar bons escudeiros acerca de Gil Fernandez? Faça Pae Rodriguez como lhe prouguer, que eu nom lh’hei-de fugir do campo.

Nuno Fernandez era homem de conta e tinha hi sete escudeiros seus, e desi era bom guerreiro. Pae Rodriguez nom respondeo a nehú deles e esteve-rom embestados hús contra os outros quanto seria hú quarto d’hora. Vendo estonce Gil Fernandez esto, falou assi contra os seus:

— Arredemo-nos hú pouco deles, e logo cobraróm coração de decer a nós.

E como se começaram d’arredar, logo Pae Rodriguez correo rijamente por tomar maior altura sobre Gil Fernandez, e Gil Fernandez correndo, tomou outra ladeira, e foi sair a igual dele. Entom aderençou Pae Rodriguez rijamente contra ele, e deu logo húa lançada de sobre mão, a hú que diziam Afonso Estevenz, que lhe passou a cota em dereito da ilharga e entrando pelo corpo cortou duas costas, e chegou aos bofes e caiu morto em terra. E Gil Eanes, primo de Gil Fernandez, pôs a lança sô o braço e foi encontrar pela ilharga Pae Rodriguez, e deu com ele em terra de cima do cavalo.

Os de Pae Rodriguez acudiro sob’ele e derom com Gil Eanes em terra. Em esto mexendo-se a peleja rijamente, começaram de fugir os de Pae Rodriguez. E Gil Fernandez disse a dous escudeiros que tevessem preso Pae Rodriguez enquanto el seguia o encalço. Em tanto Martim Vasquez, hú dos escudeiros que forom presos com Gil Fernandez, quando o assi vio estar, disse contr’ele desta guisa:

— Que he isso, Pae Rodriguez? Agora pagarees vós o que fezeistes a Gil Fernandez e a seus parentes.

— Nom sejaes bravo contra os mansos, disse ele, ca eu assaz de manso estou.

E sobre esto se começaram de seguir taes¹⁰⁴ palavras antre eles, que Martim Vasquez o matou e lhe cortou a cabeça. E assi fez a Nuno Fernandez Cogominho, e a outro escudeiro que chamavom Alvaro Rodriguez, e foi-se logo pera Elvas e levou as cabeças consigo.

Quando Gil Fernandez tornou do encalço e soube como Martim Vasquez os matara daquela guisa, perguntou por ele pera lhe fazer mao jogo.

¹⁰⁴ taes] a taees

E quando o nom achou, com gram menencoria disse:

— Andar, pois que assi he, dos émigos se quer os mais poucos.

Entom mandou juntar algús que foram presos, e encaminhou pera a vila d’Elvas, ca nom foram per todos antre presos e mortos mais que até hús vinte e cinco, dos quaes foi hú Pero Fernandez Bizcainho, aquel escudeiro que aconselhava Pae Rodriguez que nom pelejasse com Gil Fernandez.

CIX

Dalgúas naos de Genoa que o Mestre cobrou a seu poder e como combaterom Alanquer e nom foi tomado

Vós todos ouvis e nêhú nom pergunta depois que Nun’Alvarez passou a Alentejo, e se estas cousas fezerom que temos contadas, que fazia entanto o Mestre em Lixboa ou em que gastava seu tempo por defensom do regno e da cidade. E pois que o nenguém nom pergunta, queremos que saibaes que depois que o Mestre se espedio em Couna de Nuno Alvarez como tendes ouvido, e se tornou a Lixboa, que três galés suas e três barcas nom longe do porto da dita cidade foram tomar duas naos carregadas de panos e prata, e doutras muitas cousas que em elas vinham, e mais húa barca de Galiza, carregada de madeira.

Barnabó Dentudo, e Nicolao de Palma que eram patrões destas naos bradavom que eram de Génoa, dando razões muitas a provar que si, a qual cousa era bem vista. E os da cidade bradavom muito mais que eles, aperfiando todavia que eram de Castela. Em esta dúvida que se bem escusar podera, mandou o Mestre poer totalas mercadarias na alfandega, de que se depois muito aproveitaram, e lhe foi grande ajuda pera paga de soldos e outras despesas. Ca em elas foram achadas mais de três mil e cem peças de pano D’Ipres, e Brujas, e ezcarlatas, e outros panos de menor preço, e mais de mil peças de sarjas, e mais de mil varas de lenço francês, e prata e ouro e chumbo e penas, e muitas outras cousas que nom compre de se escrever. E dhi a sete dias chegou húa barca à dita cidade e deu novas que os ingreses eram prestes pera partir poderosamente e vinr em ajuda do Mestre e do regno.

Em esto fezerom saber os d’Alanquer ao Mestre que mandasse aló cinquenta homens d’armas, e que os da vila com eles se trabalhariam de tomar o castelo, e alçariam voz por ele. Ao Mestre prougue desto muito e veerom-se algús de noite pera irem com as gentes que o Mestre aló mandasse. O Mestre armou logo duas galés, e fez capitam dos que haviam d’ir, micê Manuel Almirante, filho de Lançarote o que matarom em Beja.

E foram estas galés pelo rio acima até ponte da Marinha, que he húa legoa do logar. E quando ali chegarom pera poer a gente, era já taes horas, que eles no logar era sol levado bem manhã, que os podiam¹⁰⁵ ver de toda parte. Pero nom embargando esto, houverom as portas da vila como tinham azado, e entrarom dentro sem outro estorvo, e foram-se logo dereitamente ao castelo, assi os que iam de Lixboa como os moradores do logar. E começaram de o combater mui de rijo, dizendo ao alcaide que desse o castelo a seu senhor o Mestre. E vendo que o fazer nom queria, começaram de bradar que vesse fogo pera queimar as portas. O fogo foi aginha prestes e bem servido pera arder, ca hús levavom trancas e toucinhos, outros lenha e azeite, cada hús como melhor podiam, de guisa que per mingua de boas ajudas nom leixasse de queimar. Mas porque o logar onde estava a porta era muito abrigado de vento que o ajudasse, desi a muita agua que lançavom de cima os que defendiam o castelo, foi todo aquel trabalho despeso em vão.

E durando o combate des hora de prima até cerca de vespera, em que foram algús feridos, alçarom-se novas como elRei de Castela, que estava dhi quatro legoas no Bombarral, mandava gentes a pressa, por socorro do logar que lhe mandara pedir Vasco Perez de Camões, alcaide do castelo. Outros diziam que vinha elRei com as gentes que tinha.

E vendo os da vila como se o castelo nom podia tomar assi a pressa como eles cuidavom, e que se elRei de Castela ou os seus veessem, que era per força de passarem mal, pola entrada que derom da vila, acordarom de se partir logo. Entom se partirom todolos melhores do logar com as molheres e filhos, e com essa pouquidade que levar poderom, e nom ficarom senom algús pobres que depois nom receberom nojo. E pero Vasco Perez bradava quando os via ir que se tornassem e nom houvessem medo delRei nem de gentes suas posto que veessem, poendo adeparte sua segurança, meterom-se todos nas galés e veerom-se a Lixboa muito anojados do que começaram, pois nom houvera fim. E ficarom-lhe muitos dos bens móvis que tinham, e as casas avondadas d'alfaias que os do castelo depois roubarom ante que outra gente vesse.

Em outro dia chegou Garcia Fernandez de Vila Odre¹⁰⁶ a Alanquer per mandado delRei com muitas gentes pera lhe acorrer cuidando que ainda o estavom combatendo os que veerom de Lixboa.

¹⁰⁵ podiam] podia

¹⁰⁶ Villodre

CX

Como o Mestre mandou armar certas galés em Lixboa

Vendo o Mestre e os do seu conselho como elRei de Castela vinha com todo seu poder e a grande frota de naos e galés que mandava armar pera vir sobre Lixboa, por lhe tapar o porto que nom fosse socorrida de mantimentos de nehúa parte, houverom seu acordo d'armar as naos e galés que havia na cidade, por estarem prestes se algús poucos navios em tanto veessem, que lhe podessem embargar a vinda, e haver mantimentos desembargadamente da parte d'Alentejo, assi pera açalmamento da cidade, come por segurança dos que se pera ela vinham daquela parte em ajuda de sua defensom. E quando soubessem que a frota de Castela vinha poderosamente, que se iriam as naos e galés ao Porto e juntar-se-iam com as outras que lá estavom, e estonce viriam todas juntamente pelejar com a frota de Castela.

E pera armar as galés foi dado encarrego a dom Lourenço, arcebispo que entom era de Braga, o qual o tomou muito de vontade, e começou logo de as mandar poer nos vasos e deitar agua. E tal aficamento e tantas gentes fazia juntar a este trabalho, que as mais delas foram deitadas às mãos na agua sem cabrestante. E ele andava pela cidade em cima dhú cavalo, e duas cotas vestidas e o roxete em cima, e húa lança na mão, o ferro sempre por deante.

E posto que os da cidade com bom desejo se oferecessem àquele trabalho, ainda os ele mais aficava, nom leixando nehú de qualquer estado que fosse, em guisa que nom ficava clerigo nem frade, nem outra pessoa que todos ali nom fizesse chegar. E se lhe algú dizia que era clerigo, e el respondia que assi era clerigo como ele; e o que lhe dizia que era frade, «E eu arcebispo que he melhor que frade», dizia ele. E tal aguça pôs em nas armar que em breves dias foram armadas doze galés, e veerom mais húa galé e húa galiota armadas do Algarve. E porque hi nom havia escudos e dardos, que se perderom nas armadas que fezera elRei dom Fernando, faziam escudos de leivas dos tonees, e serravam bordos e faziam dardos.

CXI

Como foi entregue o estendarte a Gonçalo Rodriguez, e partio a frota pera o Porto

Armadas sete naos e mais as galés e prestes de todo o que lhe compria, ordenou o Mestre por capitam da frota Gonçalo Rodriguez de Sousa, alcaide

que entom era de Monsaraz. E veo o Mestre muito acompanhado à Sé, e todolos da cidade e ordens e crelizia. E dali saírom todos em grande solene procissom, a crelizia toda deante e o Mestre acerca com todo o outro pobo, e muitas trombetas em logar hu nom faziam torva. E assi com gram prazer levarom per meo da cidade o estendarte das armas dereitas de Portugal, e chegarom com el até a porta da Oira que he junto com a beira da agua.

E ali foi entregue a Gonçalo Rodriguez, e posto na mor galé de todas que chamavom a Real. E esto assi feito, tornou-se o Mestre e os outros cada hús pera suas pousadas. E foi maravilha na noite seguinte que cristãos e mouros que velavom o muro da parte de Sam Vicente de Fora, acerca donde he feita húa capela que chamam dos Martires que foram na tomada da cidade quando foi cobrada de mouros, que à mea-noite, velando algús, virom vinte homens vestidos em vestiduras alvas assi como sacerdotes, e quatro deles tragiam nas mãos quatro cirios acesos, e iam e vinham em procissom entrando dentro na egreja, e falavom muito baixo antre si, como se rezassem algúas horas. Os do muro quando virom aquesto, ficarom muito espantados, e começaram de chamar os outros que olhassem tam grande milagre, e supitamente desaparecerom.

E logo nessa hora falando hús com outros em esto, virom, nas pontas das lanças que estavom nas torres, senhas candeas acesas de claro lume que durou acerca dhúa hora. E de esto derom testemunho sete cristãos e três mouros que velavom húa torre. E já ante de esto havia oito dias chegara hū homem de Montemor-o-Velho, e trouxe ao Mestre hū estormento pubrico, feito per mão de Lourenço Afonso, tabaliam do dito logo, no qual era conteúdo que húa segunda-feira aos onze dias daquel mês d'abril, sendo presentes Gonçalo Gomez da Silva e seus filhos e outros muitos da dita vila, chovera cera naquel logar tal como a que põem nas candeas e trouxe amostra dela.

Os da cidade quando em outro dia ouvirom aquel milagre que contavom os da guarda de Sam Vicente de Fora, foram mui ledos com ele e com outras taes cousas que nesta sazom ao senhor Deus prazia mostrar. E o bispo e crelizia com todo o pobo em procissom foram àquela egreja dos Martires, dando-lhe muitas graças e pedindo-lhe mercê que fosse em sua ajuda.

Em esto foi gram tormenta no mar, e chegarom hū dia três naos de Castela com tempo contrairo muito a seu pesar, e pousarom dentro no rio três legoas da cidade em dereito hu chamam Ueiras. E estas naos vinham carregadas de farinha e de cevada, e doutras cousas pera o arreal delRei de Castela, cuidando que jazia já sobre a cidade. As gentes das galés como houverom delas vista remarom contra elas, pera as haverem de tomar. As naos quando esto virom, fezerom todas vela por se saírem, e fugir em salvo se poderom.

E vendo que o fazer nom podiam por o tempo que lhe era contrairo, as velas levantadas, deram ante com as naos em terra que quebrassem, que as cobrassem os portugueses, e se aproveitarem delas e das cousas que tragiam. E os homens poserom-se em salvo em batees e a nado e como melhor podiam. E as gentes delRei de Castela que estavom em Sintra e andavom per aquel termo os ajudaram a defender, que nom houverom dano. E os portugueses queimaram as naos e tornarom-se pera a cidade. E naquela tormenta que fez, se houverom de perder quatro galés das que jaziam ante a cidade, e prougue a Deus de as guardar.

O tempo como foi azado pera as galés poderem partir, ante que a frota de Castela chegasse, que já haviam novas que era no mar, foi o Mestre fazer alardo com elas da parte d'Almadá hu chamam a Amora, e à tarde veerom as velas pousar ante a cidade. E aos catorze dias do mês de maio partio Gonçalo Rodriguez com elas pera a cidade do Porto.

As naos nom poderom ir em sua companhia por o tempo que era contrairo, e tornarom-se pera a cidade. Chegarom as galés a Atouguia e o lugar estava por elRei de Castela, porquanto Joam Gonçalves, que era alcaide d'Obidos e tinha sua voz, costringia per tal guisa os moradores dali, que tinham a parte que el defendia. E portanto os das galés saírom fora e roubarom mantimentos e outras cousas que achavam, e tomarom nove batees balieiros, que ficarom do tempo delRei dom Fernando pera se aproveitarem deles, porque eram ligeiros. Dali foram as galés sua viagem, e chegarom à cidade do Porto, onde jaçam hú pouco folgando enquanto imos ver elRei de Castela.

CXII

Como escaramuçaram os castelãos com os portugueses, e foi hi preso Joam Ramirez d'Arelhano

ElRei de Castela ficou, dias há, acerca d'Obidos na aldea que chamom Bombarral, per azo dos seus que o conselharom que nom veesse cercar Lixboa até que a sua frota chegasse, pera lhe tomar de todo a ribeira, e nom poder haver socorro de gentes nem de mantimentos da parte d'além Tejo, desi por outras razões que já som escritas. E porém assessegou elRei ali per dias, e depois veo-se chegando per essas aldeas hu melhor desenfadamento achava, até que chegou a húa grande e espaçosa aldea, que chamom o Lumear, húa legoa da cidade, e ali propôs entanto estar d'assessego.

Os seus pousavom per outras aldeas de muitas e boas que há per essa comarca. E enquanto elRei per ali esteve, nom vinham os seus escaramuçar contra a cidade, senom mui poucas vezes e esto porque estavom arredados dela e nom lhe vinha assi à mão. Porém hũ dia veerom algũs capitães com suas gentes d'armas e peões e besteiros, e sobirom do vale de Santa Barbora ao monte de Sam Gens. E ali se poserom em magote com suas bandeiras, apupando contra os da vila todos em pavesada. E estando assi hũ pouco, moverom contra a porta de Santo Agustinho.

Em aquela quadrilha estavom por guarda o conde dom Alvaro Perez de Castro, e dom Pedro seu filho, e Mem Rodriguez, e Rui Mendez, filhos de Gonçalo Mendez de Vasconcelos, que tinham suas bem duzentas lanças, afora outros da cidade, que com eles eram de companhia. E quando virom os castelãos estar daquela guisa, saírom algũs fora pera escaramuçarem, e em se revolvendo a escaramuça muito de vontade antre hũs e os outros, foi preso da parte dos êmigos hũ bom fidalgo daqueles capitães, que chamavom Joam Ramirez d'Arelhano. E como aquel foi preso, cobrarom os da cidade esforço, e fezerom-lhe fazer volta, e derom com eles per aquel gram sopé afundo. E iam arrastando as bandeiras per cima de pães semeados na costa daquel monte onde forom algũs feridos e mortos.

O Mestre, ouvindo como os seus escaramuçavom, saiu fora pé terra com gentes d'armas e besteiros, à porta de Sam Vicente naquel chão que se hi faz. E depois que vio a escaramuça desfeita, tornou-se pera a cidade, e mandou guardar Joam Ramirez no castelo da menagem, aos que tinham carregado d'estar em ele, e deu-lhe dos vestidos de seu corpo e lhe faziam toda honra. Em este dia que eram vinte e seis de Maio, começou de vir a frota de Castela, e chegarom ante a cidade treze galés e hũa galiota com as quaes elRei folgou muito, por ter azo de se virn lançar arredor dela.

CXIII

Como elRei chegou sobre a cidade e do combate que lhe deu

Passou hũ dia e mais nom, e ao sabado seguinte bem cedo pela manhã, chegarom às torres que som em hũ alto monte em dereito de Sam Domingos algũs fidalgos a cavalo da parte dos castelãos. E falando à salva fé, disserom contra os das torres que fossem dizer ao Mestre que elRei seu senhor, que já vinha per caminho, queria ali fazer seus editos e certos requerimentos, e que porém mandasse ali virn algũs cavaleiros e cidadãos da cidade, pera verem como fazia suas protestações.

Fezerom esto saber ao Mestre, e el mandou-lhe dizer que se fossem logo dali, e se o fazer nom quisessem, que lhe tirassem às bestas. Ouvindo os castelãos este recado, partirom-se donde estavom, arredando-se longe do muro, e ali aguardarom elRei seu senhor que já vinha per caminho.

Onde sabe que estes editos que elRei quisera fazer eram pera julgar de mau caso todos os moradores da cidade pera lhe depois dar os bens e proceder contra eles à sua vontade, dizendo como chegara ali per pessoa com sua bandeira tendida, e que o nom quiserom receber como seu senhor que era de direito.

E em esto chegou elRei de Castela com sua hoste, todos a cavalo, e muitos peões e besteiros que houvera das galés por avisar a cidade. E chegou acerca dela a hũ alto monte a que ora chamom monte Olivete, e esteve ali gram parte do dia, e muitos dos seus andavom entanto cortando arvores e vinhas, e fazendo todo dano que podiam.

Ora assi foi que em este dia pela manhã ante que elRei de Castela vesse, saírom da cidade pela porta de Santa Catelina, algũs homens d'armas e besteiros, e isso mesmo homens de pé. E ordenarom sua pavesada pera escaramuçar com os castelãos que já eram certos que haviam de vir. Antre os quaes era Fernam Pereira, irmão de Nuno Alvarez, e o doutor Martim Afonso que depois foi arcebispo de Braga, e Joam Lourenço da Cunha e Joam Afonso de Beça e Martim Paulo Gascom, e Vasco Martinz d'Ega, e Fernand'Alvarez, vedor da casa do Mestre, e outros mui bons homens d'armas. E o Mestre estava na torre d'Alvoro Paez pera ver que elRei de Castela faria, com aquelas gentes que consigo tinha.

ElRei esteve deteúdo em aquel logar sem fazer nehũa cousa passante d'hora terça. E vendo como aqueles que saírom da cidade estavom a vista deles, sem mostrando que lhe haviam medo, disse estonce contra os seus:

— Vós outros nom vedes como estes vilãos andam fora da cidade sem receo nehũ que de nós hajam? A eles, a eles, faze'-los ençarrar dentro, ca vilãos som todos!

Algũs dos seus que esto ouvirom, disserom que aquelo nom era de fazer, porque ainda que eles dessem em eles até as portas, nom haviam poder de empecer à cidade.

ElRei ouvindo isto houve menencoria, e sem mais responder, pedio o bacinete, e disse ao mestre de Santiago que fosse deante com sua bandeira. E el fazendo o que elRei mandou, decerom-se muitos dos cavalos e com as lanças nas mãos, moverom contr'eles até chegarem hũs aos outros.

Os castelãos eram muitos, e os da cidade poucos, e nom os podendo sofrer, fezerom-nos tornar rijos pera a cidade. E com outros derom dentro na

cava que era entom baixa, e ali os matarom ou prenderom, senom foram os das torres e muros que os defendiam às pedras e viratões.

Em isto vinha elRei detrás com muitos dos seus. E Pero Fernandez de Valasco começou a dizer altas vozes:

— Avante, senhores, avante, ca nossa he a cidade!

E isso mesmo o conde dom Joam Afonso Telo, irmão da rainha dona Lionor, vinha bradando per essa guisa:

— Avante, senhores, avante, ca per aqui vai o caminho pera minha casa!

O Mestre que todo esto olhava, quando vio que se os da vila colhiam assi sem regimento e os castelãos aderçavam dereitamente à porta, veo-se com grande aguça da torre donde estava, e çarrou per sua mão húa porta, e mandou a outros que çarrassem a outra e disse contra os seus:

— Volta, volta, senhores, que he isto? Eu vos farei que sejaes bons ainda que nom queiraes.

Entom ficaram os portugueses que andavom fora antre o muro e a barvacá todos, e ali se começaram de dar às lanças hús com outros mui rijamente. E pero o combate durasse per grande espaço, nunca os castelãos os poderom arrancar daquel portal da barvacá que era sem portas. A muita bestaria isso mesmo, assi das galés como da que elRei trazia, nom quedavom tirar aos do muro, de guisa que todo era cheo de viratões. Outrossi os besteiros de dentro tiravom per antre as ameaas aos de fora, e de cima das torres deitavom muitas pedras, que carretavom molheres em cestos, que lhe pouco empeciam porque eram moles e esboroavom-se todas. O arroído era mui grande, e a mais da gente da cidade acudia ali toda. Enquanto se esto fazia, andavom homens de pé e besteiros fora da cidade, além das torres de Sam Domingos. E veo a eles dom Alvaro Perez de Gozmam com muitos genetes, e fez húa esporoadá contra eles, e foram deles feridos, e perderom dous cavalos e nom morreo hi nêhú dhúa parte nem doutra.

E vendo os castelãos que nom aproveitavom, durando o combate per mui grande espaço leixarom de combater, sendo já algús feridos e mortos. Antre os quaes morreo o cavaleiro dos donzees e outro que chamavom Rui Duque, e outros algús, e os mais deles de trons que lançavom de húa torre. Dos portugueses foram mortos quatro e muitos feridos, antre os quaes foi ferido Fernam Pereira e Martim Palos, e outros. E esto assi feito, tornou-se elRei com os seus donde partira; e os da cidade tiveram cuidado de soterrar seus mortos, e pensar dos feridos.

CXIV

Como elRei de Castela chegou sobre Lixboa, e como assentou seu arreal sobr'ela

No dia seguinte que eram vinte e nove do dito mês de maio, chegaram as naos que foram armadas pera vir de companhia com as galés. E eram per todas quarenta antre grandes e outras nom tamanhas.

ElRei, como soube que a frota das naos chegara, partio logo em outro dia com toda sua hoste, pera poer arreal sobre a cidade, e chegaram sobr'ela a hora de terça. E a fama das gentes que elRei de Castela ali tinha, seriam atá cinco mil lanças, afora gentes que ficavom em Santarém, e per todos os outros logares que por el estavom. E mais mil genetes de que era capitam dom Alvaro Perez de Gozmam, e muitos bons besteiros que eram bem seis mil segundo algús escrevem; e de gente de pé mui muita sem conto, afora a que veo na frota, e doutras assaz que lhe vinham cada dia per terra. E mandou elRei apousentar o arreal a par dhú moesteiro de donas que chamam Santos, da ordem de Santiago, que he arredado da cidade pouco mais de dous tiros de besta.

Ali fezerom logo pera elRei húa alta casa sobradada, feita sobre quatro traves grossas, cercada de parede de pedra seca. Acerca dela eram assentadas muitas e mui nobres tendas, assi delRei como dos senhores que com ele vinham. Todalas outras gentes apousentaram suas tendas per Alcantara, e per Campolide, e per a comarca d'arredor, em grandes e bem ordenadas ruas. E todas em cima com bandeiras e pendões de desvairadas armas e sinaes.

De como cada húa era acompanhada d'armas com que o arreal resplandecia, e da multidom das trombetas e outras cousas que lhe davom grande apostamento nom compre fazer razoado.

O arreal era todo palancado da parte da cidade, em hú pequeno vale, onde está hú poço, ca de nehú outro logar haviam receo de receber nojo, pois que todalas vilas d'arredor estavom por ele. E era avondado e muito farto de mantimentos que lhe vinham de Santarém em barcas per mar. E per terra grandes arracovas de bestas, por cuja guarda mandava elRei sempre estar gentes em certos logares no caminho, onde entendia que podiam receber dano. E nom somente de Santarém mas de todos os outros logares que por elRei de Castela estavom, era o arreal servido de todo o que mester havia.

De Sevilha vinham muitas barcas e baixees com mantimentos e armas e quaesquer outras cousas que lhe necessarias eram. E nom cuidees que somente de mantimentos, mas especiarias de muitas e desvairadas maneiras

achariees em ele em grande avondança a vender. Ali havia fisicos e celurgiães e buticairos, que nom somente tinham prestes as cousas necessarias pera conservar a saúde do corpo, mas desvairados modos de confeitos e açucares e conservas lhe achariees em muita fartura. Agua rosada, e outras destiladas aguas de que os viçosos homens usam no tempo da paz, todo se ali achava por dinheiro segundo cada hũ queria.

E o azo destas e outras muitas cousas serem achadas no arreal, em grande quantidade, foi chegada de duas carracas que iam do levante carregadas pera¹⁰⁷ Frandes. E tempo contrairo as costrangeo per força que pousarom em Res-telo, junto com a frota. E elRei lhes mandou rogar que lhes prouguesse descarregar ali, e venderem suas mercadarias no arreal em que fariam muito seu proveito, e que lhe fariam em elo grande prazer e serviço, e el lhe faria por elo mercês. Houverom os mercadores e patrões sobr'elo seu acordo, e com os aficados rogos delRei e receo, desi movidos por seu proveito, outorgarom o que lhe requerio, e descarregarom suas mercadarias, de que as gentes achavam grande abastança.

Panos de sirgo e de lã de desvairadas maneiras achariees em certas tendas como cada hũ houvesse mester; rua de molheres mundairas havia no arreal, tamanha como se costuma nas grandes cidades. No arreal havia rua, em que vendiam e adubavom muitas armas; e outra de mercadores cristãos e judeus em que achavom panos e saios e outras muitas cousas a vender. Hi havia rua de cambadores em que havia compra e venda de moedas de prata e d'ouro, e doutras maneiras em grande avondamento. Muitas outras cousas que dizer nom curamos achariees em el a vender, somente de calçadura nunca foi bem abastado. Era muito manteúdo em justiça, de guisa que nehũ homem receava de dormir só, posto que muitos dinheiros consigo tevesse, nem se faziam em ele outros erros, por que os homens costumam d'haver pena.

Por guarda do arreal de dia, leixada a ordenança de noite, estavam em certos logares a vista da cidade algũs de cavalo, que nehũ nom podesse sair dela, que logo deles nom fosse visto. No mar acerca d'Almadã jaziam sempre duas galés prestes, por nom virem à cidade pelo rio mantimentos nem gentes pera ajuda de sua defensom.

A frota das naos jazia ao longo da cidade, des Cata-que-Farás até a porta da Cruz, todas em ordenança hũa ante a outra. E dhũa à outra havia deitado hũ grosso cabre, por tal que ainda que algũa barca ou batel quisesse passar

¹⁰⁷ pera] pera em

d'além, com gentes ou mantimentos, que o nom podesse fazer per ali, por azo do embargo de taes cabres. E assi tinha elRei seu cerco per mar e per terra, que bem mostrava aos que vissem que seu nobre e grande poder abas-tante era pera esta e maior conquista.

E porque os senhores e fidalgos, que hi eram com ele, viam da sua parte tantas ajudas, assi dos logares que já tinham come das gentes e mantimentos que lhe cada dia vinham, e estas cousas muito per o contraio viam ao Mestre e aos logares que por el tomarom voz, algús deles falando em esto disserom hũ dia a Fernand'Alvarez de Toledo, marichal de Castela:

— Fernand'Alvarez, vós que soes homem antigo, e vistes muitas cousas de guerra semelhantes a esta, assi em França em companhia delRei dom Henrique come em outros logares hu vos acertastes em feito d'armas, parece-vos a vós que o Mestre e Lixboa podem levar adeante esta tençom que tomarom, a se defenderem delRei nosso senhor, e da mor parte de Portugal, e ainda de gentes doutros reinos que som em sua ajuda, e seriam mais se el quisesse?

— Senhores, disse el, eu vi já muitas cousas, porque som homem de muitos dias. E vi mui grandes feitos começar com gram poderio, e muitos azos pera se acabarem, e nunca chegarom ao desejo daqueles per que eram começados. E vi cometer mui pequenos feitos, sem nehũa azada razom que tevessem, pera se haver d'acabar, e pouco e pouco chegarom a tam gram termo, que a nehũ podia vir per pensamento. E assi digo desta demanda que elRei nosso senhor toma com o Mestre, que se lhe ventuira hũ pouco der favor, o Mestre e a cidade irám por deante com o que começado têm, e deste feito mais nom entendo.

CXV

Per que guisa estava a cidade corregida pera se defender, quando elRei de Castela pôs cerco sobr'ela

Nem hũ falamento deve mais vizinho ser deste capitulo que havees ouvido que poermos logo aqui brevemente de que guisa estava a cidade, jazendo elRei de Castela sobr'ela. E per que modo poínha em si guarda o Mestre, e as gentes que dentro eram, por nom receber dano de seus êmigos, e o esforço e fouteza que contra eles mostravom, enquanto assi esteve cercada.

Onde sabe que como o Mestre e os da cidade souberom a vinda delRei de Castela, e esperarom seu grande e poderoso cerco, logo foi ordenado de recolherem pera a cidade os mais mantimentos que haver podessem, assi

de pam e carnes, come quaesquer outras cousas. E iam-se muitos às liziras em barcas e batees, depois que Santarém esteve por Castela, e dali trariam muitos gados mortos que salgavam em tinas e outras cousas de que fezerom grande açalmamento. E colherom-se dentro à cidade muitos lavradores com as molheres e filhos e cousas que tinham, e doutras pessoas da comarca d'arredor, aqueles a que prougue de o fazer. E deles passaram o Tejo com seus gados e bestas, e o que levar poderom, e se forom contra Setuval, e pera Palmela. Outros ficarom na cidade e nom quiserom dali partir. E taes hi houve que poserom todo o seu, e ficarom nas vilas que por Castela tomarom voz.

Os muros todos da cidade nom haviam mingua de bom reparamento, e em setenta e sete torres que ela tem arredor de si, foram feitos fortes caramanchões de madeira, os quaes eram bem fornecidos d'escudos e lanças e dardos e bestas de torno, e doutras maneiras com grande avondança de muitos viratões.

Havia mais em estas torres muitas lanças d'armas e bacinetes, e doutras armaduras, que reluziam, tantas que bem mostrava cada hũa torre per si que abastante era pera se defender. Em muitas delas estavom trons bem acompanhados de pedras, e bandeiras de sam Jorge, e das armas do reino e da cidade, e doutros algũs senhores e capitães que as poínam nas torres que lhes eram encomendadas. E ordenou o Mestre com as gentes da cidade que fosse repartida a guarda dos muros pelos fidalgos e cidadãos honrados, aos quaes derom certas quadrilhas e besteiros e homens d'armas pera ajuda de cada hũ guardar bem a sua.

Em cada quadrilha havia hũ sino pera repicar quando tal cousa vissem. E como cada hũ ouvia o sino da sua quadrilha, logo todos rijamente corriam pera ela, porquanto às vezes, os que tinham carregos das torres vinham espachar pela cidade e leixavo'-nas encomendadas a homens de que muito fiavom. Outras vezes nom ficavom em elas senom as atalaias, mas como davom à campã logo os muros eram cheos e muita gente fora. E nom somente os que eram assinados em cada logar pera defensom, mas ainda as outras gentes da cidade, ouvindo repicar na Sé, e nas outras torres, avivavom-se os corações deles. E os mesteiraes dando folgança a seus officios, logo todos com armas corriam rijamente pera hu diziam que os castelãos mostravam de vinr. Ali viriees os muros cheos de gentes, com muitas trombetas e brados e apupos esgremindo espadas e lanças e semelhantes armas, mostrando fouteza contra seus émigos.

Nom curavom entom do texto que diz que «mais ajuda a egreja o regno com suas orações, que os cavaleiros com as armas». Nom se guardava ali a

degratal «Clerici arma portantes», aos quaes segundo direito nom convém de tomar armas, posto que seja pera defensom da terra. Mas clericos e frades especialmente da Trindade, logo eram nos muros com as melhores que haver podiam. Cada hús de noite velavom suas torres, e os das quadrilhas roldavom todo o muro e torres dhúa quadrilha até outra. E outras sobrerroladas andavom pelos muros, húas indo e outras vindo.

E nom embargando todo isto, o Mestre que sobre todos tinha especial cuidado da guarda e governança da cidade, dando seu corpo a mui breve sono, requeria per muitas vezes de noite os muros e torres com tochas acesas ante si, bem acompanhado de muitos que sempre consigo levava. Nom havia hi nehús revees dos que haviam de velar, nem tal a que esquecesse cousa do que lhe fosse encomendado, mas todos muito prestes a fazer o que lhe mandavom, de guisa que a todo bom regimento que o Mestre ordenava nom minguaava avondança de trigosos executores.

De trinta e oito portas que há na cidade, as doze eram todo o dia abertas, encomendadas a bons homens d'armas que tinham cuidado de as guardar, pelas quaes nehúa pessoa que muito conhecida nom fosse, havia d'entrar nem sair, sem primeiro saber em certo por que razom ia ou vinha. E ali atrevesavom paos com tavoado pera dormir, os que tal cuidado tinham, por de noite serem deles acompanhados¹⁰⁸, e nehú malicioso ser atrevido de cometer nehú erro. E dalgúas portas tinham certas pessoas de noite as chaves por razom dos batees que taes horas iam e vinham d'além com trigo e outros mantimentos, segundo ledes em seu lugar. Outras chaves apanhava hú homem cada noite de que o Mestre muito fiava, e vendo primeiro como as portas ficavom fechadas lhas levava todas aos paços onde pousava.

Acerca da porta de Santa Caterina, da parte do arreal per onde mais acostumavom sair à escaramuça, estava sempre húa casa prestes com camas e ovos e estopas, e lenções velhos pera romper, e celorgiam, e triaga, e outras necessarias cousas pera pensamento dos feridos quando tornavom das escaramuças.

Na ribeira havia feitas duas grandes e fortes estacadas de grossos e valentes paos, que o Mestre mandara fazer ante que elRei de Castela vesse, por defender o combate da ribeira. E eram feitas des onde o mar mais longe espraia, até terra junto com a cidade. E húa foi caminho de Santos, afundo da torre da atalaia contra aquela parte onde entendeo que elRei poeria seu arreal; outra fezerom no outro cabo da cidade junto com o muro dos fornos da cal,

¹⁰⁸ acompanhados] acompanhadas

contra o mosteiro de Santa Clara, as quaes eram destacadas, dobradas e assi bastas, que nehú de cavallo podia passar per elas, e tam pouco os homens de pé sem primeiro sobindo per cima da altura dos paos, que lhe seria grave cousa de fazer. E antre as ordens das dobradas estacas, havia espaços em pedra deitada, em que hũ batel podesse caber sem remos, postos através, se comprisse de se ali colher.

Nom leixavom os da cidade por serem assi cercados de fazer a barvacá d'arredor do muro da parte do arreal, des a porta de Santa Caterina até torre d'Alvoro Paez que nom era ainda feita, que seriam dous tiros de besta. E as moças sem nehú medo, apanhando pedra pelas herdades, cantavom altas vozes dizendo:

Esta he Lixboa prezada,
mirá-la e leixá-la,
se quiserdes carneiro,
qual derom ao Andeiro,
se quiserdes cabrito,
qual derom ao bispo,

e outras razões semelhantes.

E quando os émigos os torvar queriam, eram postos em aquel cuidado, em que forom os filhos de Israel quando rei Serges, filho de rei Dario, deu lecença ao profeta Neemias que refezesse os muros de Jerusalém, que guerreados pelos vezinhos d'arredor, que os nom alçassem, com hũa mão poínham a pedra, e na outra tinham a espada pera se defender. E os portugueses, fazendo tal obra, tinham as armas junto consigo, com que se defendiam dos émigos quando se trabalhavom de os embargar que a nom fizessem.

As outras cousas que pertenciam ao regimento da cidade, todas eram postas em boa e igual ordenança. Hi nom havia nehú que com outro levantasse arroído nem lhe empecesse per talentosos excessos, mas todos usavom d'ami-gavel concordia, acompanhada de proveito comum.

Ó que fremosa cousa era de ver, hũ tam alto e poderoso senhor como he elRei de Castela, com tanta multidom de gentes assi per mar come per terra, postas em tam grande e boa ordenança, ter cercada tam nobre cidade! E ela assi guarnecida contra ele de gentes e d'armas com taes avisamentos por sua guarda e defensom! Em tanto que diziam os que o virom que tam fremoso cerco de cidade nom era em memoria d'homens que fosse visto de mui longos anos até aquel tempo.

CXVI

Como foi tomado Ourém per o mestre de Cristos, e preso Diego Lopez Pacheco, e dado por ele Joam Ramirez d’Arelhano

Estando o Mestre assi desta guisa aos onze dias do mês de junho, chegou-lhe recado per certo recontamento que o mestre de Cristos, dom Lopo Diaz de Sousa, tomara a dita vila que estava por Castela e mantinha sua voz, e a posera sô o senhorio do Mestre. No qual logar foram entom tomados e presos dous filhos do conde dom Joam Afonso conde de Barcelos, irmão da rainha dona Lionor, e todolos homens d’armas que o dito conde tinha pera guarda dele. E ao Mestre e aos da cidade prougue muito com estas novas.

E logo acerca morreo de sua morte dom Alvaro Perez de Castro conde d’Arraiolos e soterrarom-no no moesteiro de Sam Domingos. Em este comeos, nom foram muitos dias, estando ainda a vila d’Almadá por o Mestre, a qual he de dereito de Lixboa húa legoa através do rio da outra parte, chegou hi Diego Lopez Pacheco que andava em Castela, de que em algús logares he feita mençom, el e três seus filhos *scilicet* Joam Fernandez que era lidemo, e Lopo Fernandez, e Fernam Lopez, bastardos; e quisera entrar na vila, e os do concelho nom quiserom, temendo-se dele, porque vinha de Castela. E pousou no arravalde com outros portugueses que hi pousavom, e trazia consigo até trinta homens dos quaes eram catorze de cavalo.

E buscando o azo de sua vinda, dizem algús em este passo, depois que a rainha dona Beatriz reinou em Castela, que sempre el teve sospeita que nom podia lá bem viver. E porque o sospeitoso nunca he seguro, receando-se el da Rainha que lhe teria odio como lhe tinha elRei dom Fernando seu padre, por azo da vinda que elRei dom Henrique veera sobre Lixboa e destruiçom que em ela fezera, a qual afirmavom que fora per seu azo dele; e posto que el tal sospeita e receo tevesse, nom podia hi al fazer nem lhe compria andar mais mundo do que já andara, ca era já homem bem de oitenta anos. E quando ouvio dizer que o Mestre tomara carrego de regedor dos reinos de Portugal e do Algarve, determinou de se partir de Castela e se lançar com o Mestre em Lixboa por mais segurança de sua vida, e com tal entençom se veo a Almadá. E vendo que passar nom podia por azo da frota que jazia no rio, aguardava tempo e hora pera quando o podesse fazer a seu salvo.

Ora assi aveo que elRei de Castela, depois que a sua frota chegou, mandou dizer aos d’Almadá que lhe dessem a vila e fossem seus, e que lhe faria por elo mercês. Os do logar responderom, antre as outras cousas, que eles

eram portugueses e nom entendiam fazer mudança, mas que como Lixboa fizesse que assi fariam eles.

Estando desta guisa a cabo de três ou quatro dias que Diego Lopez chegou, sabendo elRei parte de sua vinda, mandou de noite encubertamente passar em galés e batees de naos muitas gentes d'armas e besteiros e cavalos, e duas galés delas foram à Margueira, que he hũ porto acerca da vila, e estiverom quedas. E nas outras galés e batees, passaram toda a noite aqueles que elRei mandou, e foram aportar ao barco de Martim Afonso, que he acima da ribeira de Motela.

E quando foi manhã, a gente dos castelãos se foram à estrada que vem de Couna pera o logar, e as escuitas que os da vila tinham fora lhe foram dar novas de sua vinda deles. A manhã era muito nevoosa, e saírom fora os mais de cavalo e de pé, e Diego Lopez e seus filhos com eles. E eram na vila per bons e comunaes atá oitenta de cavalo, e gente de pé e besteiros, seriam quatrocentos e cinquenta homens. Os castelãos seriam atá quatrocentos de cavalo, e muitos besteiros e peões. E ao topar que fizeram hús com outros, caírom dos êmigos antre de pé e de cavalo quarenta, e dos portugueses sete. Húa celada que os castelãos tinham lançada antre a vila e onde aportarom, sobreveo dar em eles. E morrendo dhúa parte e da outra, foi preso Diego Lopez, e fugirom os filhos em cima de seus cavalos pera hũ castelo que chamom Sezimbra que som dali três legoas que mantinha voz do Mestre. E foi mais preso Afonso Galo, regedor da vila, e outros com ele, e deles fugiram pera Sezimbra.

Os castelãos, que eram muitos, combaterom logo Almadá, e nom lhe podendo entom fazer cousa que lhe muito nojo fizesse, poserom cerco sobr'ela d'asseseço, e des entom a tenerom cercada. Diego Lopez foi tragido a elRei de Castela, e tinha-o preso no arreal, havendo del mui grande queixume. O Mestre vendo como Diego Lopez se partira de Castela com seus filhos pera o vir servir, e que por defensom do reino fora preso daquela guisa, ordenou logo de o livrar de prisom, e comprou Joam Ramirez d'Arellano a Perrim Gascom, e a Diegue Estevenz cujo prisioneiro era, pera o dar por Diego Lopez. Deste escambo nom prazia a muitos, desviando o Mestre que o nom fizesse, dizendo que Diego Lopez era já homem d'oitenta anos e mais e nom tal de que se podessem prestar em feito de guerra; e que Joam Ramirez era bom homem d'armas, e assi o mostrara quando fora preso; e pois que era pessoa que lhe podia empecer, que tal feito nom era igual nem se devia fazer per nehúa guisa.

E certamente assi era como se dizia, ca Joam Ramirez era mui bom e ardido cavaleiro, e amava-o elRei de Castela muito, porque o criara, e por ser

estremado homem d'armas, e era filho de madama veneziana de que elRei muito fiava e era sua ama. O Mestre nom curou de quantos lho contradiziam, mas teve por bem de o dar por ele, usando em tal feito de virtuosa vontade com direito conhecimento. E assi foi dado Joam Ramirez por Diego Lopez, o qual o Mestre logo fez de seu conselho e lhe pôs por mês quinhentas libras de mantimento.

CXVII

Dos capitães que entraram com o arcebispo a correr em Portugal e como foi preso Fernand'Afonso de Çamora

Ouvido tendes já vai em dous meses como treze galés partirom de Lixboa, e se foram à cidade do Porto, pera todas juntamente com as naos e galés desse logar vinrem dar batalha à frota delRei de Castela depois que jouvesse sobre a cidade. E pera melhor vemos todo o que se fez depois que hi chegarom, leamos primeiro três capitulos seguintes do que aveo ante de sua chegada.

Onde sabe que tendo elRei de Castela cercada Lixboa como dissemos, e estando por el Antre Doiro e Minho os logares que já som ditos, ajuntou-se dom Joam Manrique arcebispo de Santiago com muitas gentes de portugueses e castelãos pera correr e destruir toda aquela comarca, que voz tevesse da parte do Mestre. E os capitães portugueses que com el vinham eram estes *scilicet* Lopo Gomez de Lira, e Joam Rodriguez Portocarreiro, e Fernam Gomez da Silva, e Airas Gomez o velho, e Martim Gonçalvez d'Ataíde, e Vasco Gil de Fontelo, e Gonçalo Perez Coelho.

E os capitães galegos eram Fernam Perez d'Andrade e Bernald'Eanes de Santiago, e Garcia Rodriguez do Valcarce, e Martim Sanchez da Marinha e Pedr'Alvarez e Pae Sorredeia, e Joam Rodriguez de Bema e Gonçalo Marinho, e outros, e tragiam todos até setecentas lanças, e dous mil homens de pé, todos gentes escolheitas, bem prestes pera pelejar.

Andava mais naquela comarca hú cavaleiro castelão, que chamavom Fernand'Afonso de Çamora, homem bem fidalgo, acompanhado de oitenta de cavalo mui bons escudeiros, assi castelãos come doutra gente, mas este andava apartado per si, e com arte per esta guisa. Quando chegava aos logares que estavom por Portugal, dizia que era da tençom do Mestre, e quando chegava aos que estavom por Castela, com poucas palavras lhe fazia entender que era da sua parte. E assi andava com aqueles seus, comendo e gastando a terra sem lhe contradizendo nêhũa pessoa. E com este fingimento chegou a Santo Tisso

de Riba d’Ave com suas gentes, e lançou-se hi a folgar mui dessegurado de nehú contrairo que lhe avinr podesse, sem poendo sobre si algũa guarda.

O conde dom Pedro que estava no Porto como já he dito, quando isto ouvio, disse aos da cidade como sabia em certo que aquel Fernand’Afonso andava com esta falsura. Quando eles ouvirom dizer que el usava de tal arte, roubando e gastando a terra, trasnouitarom sobr’el húa noite, e chegarom de madurgada ao logar hu jazia com todos os seus, dessegurado, e acharom-nos ainda nas camas. E pero que el trabalhou de se defender quanto pôde, e assi algús dos seus, nom lhes prestou nada, mas ante houve hi feridos dhúa parte e da outra e mortos dos seus sete e outros fugidos cada hū per hu melhor pôde. E prenderom el, e Afonso de Valença seu filho, e matarom hū seu sobrinho, e tomarom-lhe os cavalos e mulas e todas as outras cousas que lhe acharom, e trouverom todo à cidade. E jouve preso el e o filho até que a frota depois foi pera Lixboa, e foi tomado em ela dos castelãos como adeante ouvirees.

CXVIII

Do conselho que o arcebispo houve com os seus como fossem cercar o Porto

Estando o arcebispo em Braga com as gentes que já nomeámos, e estendendo-se pela terra a roubar e fazer todo mal que podiam, houverom conselho em que maneira fariam guerra o mais a seu salvo que podessem e com mais sua honra. E dizem algús que disserom antre si:

— Vamos ao Porto que som daqui oito legoas e cerquemo-lo per húa parte. E nosso arreal seja posto a porta do Olival e em breves dias o tomaremos, porque na cidade nom há quem pelear connosco, nem há poder de se defender que muito seja.

O arcebispo quando esto ouvio respondeo estonce e disse:

— Eu nom som em esse conselho por duas razões, a húa, por a cidade ser de muita gente que a poderóm bem defender; a outra, porque he porto de mar, que per muitas guisas pode haver acorrimento quando tal cousa aveesse. Mas parece-me que será bem nom nos chegarmos muito a ele, mas andemos a geito duas legoas arredor, e tirar-lh’-emos os mantimentos. E porque eles nom som encavalgados, nom nos podem vinr fazer nojo. E entanto ir-se-am gastando antre si. E per ventuira por este azo se tornaróm da nossa parte, sem outro nehú nosso dano. Ca pois a maior parte do regno está por Castela, o revelar de Lixboa e deste lugar e dalgús outros que têm voz do Mestre nom

pode ser que muito dure. Ca eles veram que fazem vaidade em defenderem perfiosamente sua entençom, e farám toda cousa que lhes elRei nosso senhor e a Rainha sua molher mandarem. E digo-vos que este seria meu conselho.

No qual se outorgavom todolos galegos e castelãos que hi eram.

Mas os portugueses desnaturados que hi eram, especialmente Lopo Gomez de Lira com seus parentes e amigos, disserom ao arcebispo:

— Senhor, vamos adeante todavia, e nom havemos por que haver receo dos que moram na cidade. Gentes som de concelho, e nom há em eles nehú bom regimento. E porque os corações dos muitos som desvairados, nom somente per enveja, mas ainda per sospeiçom, a qual cousa anda muito antr’eles, pode ser, quando nos virem junto consigo, que se avolverám todos sem governança e nacerá antr’eles tal desacordo, que será a nós mui grande ajuda, e azo de nos vinr gram proveito. Se er houverem vontade de sair a pelejar connosco, nunca pescador lançou melhor lanço do que nós em isto podemos lançar. Ou per ventuira pode ser que tomaremos a cidade, que será a nós mui grande honra e façanha. Assi que dhúa guisa ou doutra nom podemos disto lançar, senom bem. E porém nom o ponhamos mais em vagar, mas cheguemos lá em toda guisa. E que mais nom seja, vamos sequer fazer mostrança, e provar que querem fazer.

E o conselho era mui bom, se os da cidade forom em desacordo como eles diziam, porque nom há hi morte mais chea de peçonha nem que assi destrua as cidades e vilas e que as faça mais asinha perder, que discordia antre os moradores delas. Mas esto era muito pelo contrario, ca as gentes da cidade todas eram dhú acordo, por saúde e defensom dela, e todos tinham hú coraçom e desejo, como se mostrou depois ao deante.

Entom o arcebispo vendo-se aficado destas e doutras razões, houve de consentir ao acordo que os outros diziam. E começaram d’andar seu caminho pela estrada de Guimarães, e chegarom ao meo-dia acerca do Porto, e pousarom seu arreal onde chamam Sam Romão, que he mea legoa do lugar, e ali comerom e folgarom.

CXIX

Como os do Porto saírom fora da cidade pera pelejar com os galegos

Quando os da cidade souberom como os castelãos eram em aquel lugar, e a vontade com que vinham, houverom todos seu acordo dizendo hús aos outros:

— Estas gentes que ali jazem som muitas e boas e vêm com entençom de cercar esta cidade, e a tomar se puderem. Pois nós cercados deles, ou nos

leixaremos aqui jazer ençarrados come gado em curral e nom sairemos fora, ou lhe poeremos a praça. Se nom sairmos fora, esto será a nós mui grande mingua e prasmu, pois compre todavia de sairmos, ca em outra guisa que vergonha seria a nossa, vermos nós a cidade cercada de nossos émigos, que querem haver de nós honra, e provar pera quanto somos, e nós nom curarmos delo e estarmo-los olhando do muro come molheres? Porém nom devemos a consentir que eles levem de nós tal louvor, e a vergonha fique connosco, leixando-os chegar aqui à sua vontade, mas saiamos a eles em toda guisa, e nehú haja receo ca Deus será em nossa ajuda.

Havudo este acordo e leixado o conselho, trabalharom logo de se armar todos à maior pressa que poderom, em tanto que do maior até o mais pequeno que podia tomar armas nom ficou nehú que se nom armasse pera sair fora como fossem prestes. Dos quaes era o principal o conde dom Pedro já nomeado com quinze escudeiros seus bem armados, e quarenta homens de pé com eles; e Airas Gonçalvez da Feira que tinha o castelo de Gaia com quarenta escudeiros bem corregidos, e outro fidalgo chamado Martim Correa, e doutros bons escudeiros com suas gentes, de guisa que eram per todos com os da cidade, até setecentos homens d'armas, e trezentos besteiros, e mil e quinhentos homens de pé.

Era mais em esta companhia Gonçalo Perez, escrivam da chancelaria, padre que foi de Luis Gonçalvez e de Pero Gonçalvez, que chamarom Mala-faia, de que adeante fará mençom; o qual o Mestre ante destu havia mandado em húa barca com Joam Ramalho e Nicolao Dominguez, homens honrados da dita cidade, pera encaminhar cousas de seu serviço. Este nom quedava, dizendo¹⁰⁹ a hús e a outros:

— Amigos, saiamos a eles, ca nom som pera nada. Nós somos portugueses direitos, e por defender nossa terra e regno, nom devemos tomar nehú receo, mas todavia pelejar com eles, e defendê-lo até morte, ante ca nos sojulgarem contra razom e direito.

Eles todos prestes com grande esforço e vontade, saírom todos fora, e foram-se apousentar ao chafariz de Mijavelhas que he pequeno espaço da cidade, ca porque nom eram encavalgados, e era já sobre a tarde, nom ousarom d'ir mais longe, e atenderom-nos ali. E quando virom que nom pareciam, tornarom-se pera a cidade, e nom se fez mais por entom.

¹⁰⁹ dizendo] dizem

CXX

Como as galés de Lixboa chegarom ao Porto, e se juntarom as gentes delas¹¹⁰ com os da vila, pera pelejarem com os galegos

Em outro dia de madurgada, armarom-se todos e saírom pela porta do Olival, porque ouvirom dizer que daquela parte queriam vir aquelas gentes. E forom-nos aguardar per grande espaço longe da cidade. E eles estando ali, chegarom as galés que dissemos que partirom de Lixboa todas pavesadas e bem corregidas, e com grande alegria dando às trombetas, dizendo suas saudações como he costume de mareantes, pousarom ante a cidade. Os que ficaram em ela e nom saírom fora, quando virom as galés forom mui ledos com elas, e mandarom-no logo dizer aos outros.

Os das galés isso mesmo como chegarom e lhe disserom como os da cidade saírom pera pelejar com aquelas gentes, sem outra tardança nem mais trespasso, poserom logo as pranchas fora e saltarom todos em terra com a bandeira do Mestre tendida ante eles *scilicet* Gonçalo Rodriguez de Sousa e Afonso Furtado, e Estevam Vasquez Philipe, e Gonçalo Vasquez, filho de Vasco Martinz de Melo, e seu irmão, e Antom Vasquez, e Airas Vasquez d'Alvalade, e outros fidalgos e patrões de galés; e com eles até trezentas lanças e quinhentos besteiros, e três mil e quinhentos galeotes. Assi que eram per todos com os da cidade que já ditos som, mil homens d'armas, e oitocentos besteiros, e cinco mil homens de pé, todos com gram vontade de pelejar.

Quando os galegos ouvirom dizer que as galés de Portugal chegarom e como as gentes delas eram juntas com as da cidade, muito lhes pesou de taes novas, de guisa que de todo perderom a esperança em que ante confiavom. Pero porque eram certos que os do logar nom eram encavalgados, leixarom-se estar d'assesego.

Os portugueses quando esto souberom, houverom acordo antre si, dizendo:

— Pois que assi he que eles nom querem vir a nós, vamos nós buscá-los ali onde estam, e nehú se enfade enquanto andar pudermos, ca doutra guisa fariam de nós escarnho.

Entom moverom todos caminho de Paramos com suas bandeiras deante: a húa do Mestre que todos haviam d'aguardar, e a outra dos sinaes da cidade. E muitos dos que os assi viam ir, choravom com prazer dizendo «Senhor Deus, Rei piedoso, sei do nosso bando e ajuda-os contra seus émigos».

¹¹⁰ delas] della

Eles indo assi regidos em batalha com gram vontade de pelejar, veerom quatro genetes da parte dos galegos a descobrir terra. E como os virom ir daquela guisa, derom logo volta e disserom ao arcebispo e aos outros que já pareciam no viso de¹¹¹ Paramos. Entom cavalgarom todos aginha e passarom Agua de Leça e poserom-se acima da ponte do rio em hũ alto logar e forte, de geito que nehũ lhes podia fazer nojo, nem passar per aquela ponte sem muito grande seu dano.

Os portugueses quando os virom daquela maneira, acendeo-se em eles mais a vontade de pelejar, e buscando logar azado per onde passassem a seu salvo, pera os fazerem decer daquel monte, nunca o poderom achar. E porque se chegava a noite, apousentarom-se aos mormoiraes de Leça, e dali mandaron seu recado ao arcebispo per hũ frade da ordem de Sam Francisco que chamavom frei Vasco Patinho. O qual chegou a ele e disse:

— Senhor, aqueles capitães que ali estam com aquelas gentes, vos enviam dizer e rogar que vos praza de vos arredardes daqui, de guisa que eles possam passar pela ponte desembargadamente e vos ponhaes em logar hu vos eles possam poer a batalha e pelejar convosco.

— Amigo, disse o arcebispo, estas gentes estam aqui juntas como vós vedes. Se eles a nós quiserem vinr, aqui nos acharóm prestes pera pelejar. Mas doutra guisa nós nom nos mudaremos de como estamos, senom quando virmos que nos compre. E esta resposta lhe levae.

Tornou-se o frade com este recado, desi çarrou-se a noite e poserom suas escuitas pelos caminhos que nom recebessem dano dalgũa parte. E fezerom muitas fugueiras no arreal e os demais vigiarom toda a noite, ca nom eram mais longe deles que a tiro de viratom. E os castelãos nom quedarom de espalhar o arreal, e mandar suas azemelas contra Braga.

CXXI

Como os portugueses escaramuçarom com os galegos e se foi o arcebispo

Foi-se gastando a noite aginha ca era no mês de maio, e na alva da manhã tanto que alvoreceo, os galegos estavom já todos prestes assi os de cavalo como os de pé, com sua bandeira tendida dos sinaes de Santiago.

¹¹¹ de] *om.*

Os portugueses quando isto virom, buscavom logar per onde passassem, e nom o podiam achar, e bem mostravom adefora a gram vontade de pelejar que dentro no coração tinham. Acima houverom-se de meter per húa branha muito espessa, e acharom hû porto nom bem azado pera passar, pero deitarom em ele muitos paos e ramos d'arvores e começaram per ali de passar o melhor que poderom até trezentos antre de besteiros e de pé e algús de cavalo, e com eles hû cidadão do Porto que os acaudelava que chamavom Joam Ramalho.

Os galegos quando virom que eles passavom per logar tam mao, maravilharom-se e disserom:

— Leixemos passar quantos puderem; e depois que forem da parte d'aquém, ante que sejam acaudelados e regidos como compre, daremos em eles rijamente de volta e assi os desbarataremos.

Os portugueses entenderom esto, e foram-se mais afundo buscar outro melhor logar per hu fossem todos juntos. E ante que passassem, os galegos a cavalo e de pé todos em tropel, veerom dar mui rijamente naqueles poucos que já eram da parte d'além. Os portugueses por todo isso, nom se arramaram, mas teverom-se todos juntos, e começaram de se ferir de vontade, de guisa que caírom logo mortos hû de cavalo e dous de pé, e afastarom-se afora per força.

Falou estonce o arcebispo aos seus e disse:

— Amigos, nom paraes mentes como estas gentes vêm a nós, assi como homens que nom temem morte? Certamente grave cousa seria, e nom me parece razom, havermos de nos envurilhar com eles, ca eles tragem muitos besteiros per que ham de nós gram melhoria e matando-nos os cavalos, podiamos asinha ser vencidos. E porém leixemo-los e vamo-nos a nosso salvo, ca ainda que dous reis estivessem pera pelejar e veesse a hû deles gente de treze galés em ajuda, tal vinda lhe daria tanta vantagem e poeria o outro em tam gram dúvida, que bem cuidaria que tal peleja era d'escusar, mormente que deve fazer a nós, disse el.

Entom outorgarom todos em esto que o arcebispo dizia, e moverom e foram-se logo. E em indo algús portugueses a geito deles ladrando-os, derom parte dos galegos volta, e foi morto hû português. Estonce leixarom de os seguir. E guardarom aquel día e a noite seguinte pensando que seus émigos faziam aquilo com arte e que per ventuira tornariam a eles. E depois que souberom que eram mui alongados, tornarom-se pera a cidade com gram prazer.

CXXII

Como Rui Pereira disse sua mensagem aos do Porto, e da reposta que lhe derom

Depois que os da cidade foram assessegados, e isso mesmo as gentes da frota, disse Rui Pereira aos do logar que se juntassem todos, ca lhes queria notificar algúas cousas que lhe o Mestre mandava dizer.

Em outro dia húa sesta-feira ajuntarom-se todos pera ouvir sua embaxada, a qual per el preposta mostrando primeiro húa carta de crença, começou dizer desta guisa:

— Senhores, amigos, o Mestre nosso regedor e defensor vos envia muito saudar e se encomenda em vossas boas lealdades, e manda-vos dizer que bem sabees como este regno anda todo avolto com desvairadas tenções, e como os castelãos o querem sojugar e haver pera si a todo seu poder, o que lhe Deus nunca guisará. E como el por bem do reino e sua defensom tomou voz de regedor e defensor dele, pois hi nom há outro que se ponha por ele a o defender e emparar, e que el se oferece por sua defensom até poer o corpo e vida à morte. E que outrossi sabees bem como elRei de Castela está já mui acerca da cidade com todas sas gentes e poder pera o haver de cercar, e correm e gastam toda aquela comarca que já têm por sua, aguardando que como veer a frota que logo cerquem toda a cidade per mar e per terra. E porém vos envia rogar come a bons naturaes e leaes portugueses, e como àqueles que sempre mostrastes lealdade à casa de Portugal, que vos praza de estas naos e barcas que aqui há em esta cidade, de serem logo armadas. E isso mesmo façaes deitar as galés na augua, e sejam logo equipadas pera elas, com estas outras que ora veerom de Lixboa, irem todas pelejar com a frota de Castela depois que veer. E temos esperança em Deus e na virgem Maria sua madre, que nos ajudará contra eles. E nos dará dela tal vencimento, que será grande honra e proveito do regno, e serviço de nosso senhor o Mestre, e muita boa nomeada de nós outros todos. Além desto vos envia mais dizer que por a gram necessidade em que ele he posto, e pera defensom destes regnos a que tanto faz mester, que lhe acorraes com húa soma de dinheiros emprestados que escusar nom pode pera tam necessarias despesas como vós vedes que se seguem. E que el nom tem outras prendas que vos dar por tal emprestido senom si mesmo se o Deus guardar de mal, o que prazerá a Deus que o guardará. E que el vos promete, come filho de rei que he e per toda sua verdade, que el vos pague todo mui bem. E pera esto eu trago aqui sua procuraçom e poder abastante como bem podees ver, pera me obrigar em seu nome como a vós todos prouguer.

Respondeo estonce hũ homem bom, cidadão do logar, que chamavom Domingos Perez das Eiras, a que derom logar os da cidade que falasse por eles, havendo já ante enformaçom do que lhe havia de ser preposto, e disse em esta guisa:

— Rui Pereira, vós dissestes mui bem vossa mensagem, e todo o que vos foi encomendado, e eu digo por mim e por todo este pobo que aqui está, que nós somos prestes com boa vontade de servir o Mestre nosso senhor, e fazermos todo o que el mandar por seu serviço e defensom do regno. Ca já el seria hũ estranho que nós nom conheceriamos, e quando se el desposesse a taes trabalhos e perigos por nos defender e emparar, nós o serviriamos com os corpos e haveres. Mormente ser ele filho delRei dom Pedro como he, e nom termos outrem a quem tenhamos mentes, senom a Deus e a el, mui grande razom he de nós fazermos qualquer cousa que sua mercê for, de mais por defensor destes reinos de que todos naturaes somos. E porém o ouro e prata e dinheiros e todo quanto temos, todo faremos prestes pera tal negocio, ca se nom podem despender em cousa mais aguisada que por defensom de nossa terra e por nunca sermos em poder de castelãos. E todos seguiremos sua tençom ca he muito aguisado, e nom há em esta cidade quem tenha o contrairo desto. E quando hi tal fosse achado, o que Deus nom mande, el nom haveria vida antre nós. E pera esto as naos e barcas e galés com totalas outras cousas que lhe fezerem mester lhe oferecemos de mui boa vontade. De farinhas, carnes e pescados e vinhos que fezerem mester à frota, de todo haveres abastamento. E totalas gentes da cidade que pera tal obra forem pertencentes, todas entraróm em ela de mui boa vontade. E porém vós poee¹¹² pera esto requeredores quaes vós quiserdes, e logo será todo feito sem nehũa mingua. E mandae vossas cartas pelas comarcas, a quaesquer que têm voz por Portugal, que se venham a pressa pera irem em esta frota. E certo he que todos os que amam honra e proveito do reino, que logo aqui serám. E antre esses a que todavia havees de escrever, he o conde dom Gonçalo que tem Coimbra. E esto por três razões: a primeira, de Coimbra que poeremos em segurança, que he logar de que poderia vir gram torva a nossa demanda; a segunda, das gentes que tem consigo, que nos serám boa ajuda; a terceira, que se el veer pera ir em ela, que nehũ dos outros nom haveróm que dizer.

Entom acordarom que era bem de lhe enviarem recado per dom Martin Gil, abade de Paço. Desi escreverom suas cartas a outras pessoas per essa

¹¹² *Imperativo de poer, com sentido de nomear: poei, nomeai.*

comarca, fazendo-lhe saber toda sua tenção qual era. E que se guisassem logo e se veessem ao Porto, e que hi lhe dariam todas cousas que mester houvessem sem nehúa mingua.

CXXIII

Do recado que os do Porto enviaram ao conde dom Gonçalo e da resposta que a elo deu

Esto assi acordado, escreverom sua crença pera o conde, e derom-na a dom Martim Gil¹¹³, abade de Paço, que depois foi bispo do Algarve. E el chegou a Coimbra onde o conde estava, e foi bem recebido dele, porque era sua feitura, e per ele houvera a abadia. E perguntou-lhe o conde de praça, que o deitara daquela parte:

— Senhor, disse el, o que me acá fez virr, he húa mensagem que vos trago daqueles homens bons do Porto.

Entom se apartarom a parte, e leúda a carta de crença, propôs dom Abade em esta guisa:

— Senhor, aqueles homens bons da cidade do Porto, e isso mesmo o capitam da frota que ora hi chegou de Lixboa com todas gentes que em ela som, se enviam muito encomendar em vossa mercê dizendo que bem sabees como este reino por nossos pecados he ora deviso em duas partes, de guisa que a vinda do Antecristo nom podia em el fazer mor devisom do que ora esta terra está, ca os castelãos som todos contra Portugal, e a mor parte dos portugueses segundo bem vedes. Pero nom embargando esto, o Mestre com toda vontade se põe de todo a o defender, sofrendo em elo grande trabalho e perigo, pois hi nom há outrem que o queira emparar. Ele está em Lixboa prestes pera ser cercado como já ouvirees dizer. E elRei de Castela vai sobre a cidade com todo seu poder e frota. E o Mestre receando-se muito do gram nojo que receber pode da frota de Castela tendo-lhe tomado o rio, e nom haver os mantimentos, e ajuda que haver poderia dalgús logares d’Alentejo, por azo de ser cercado per mar, mandou certas galés ao Porto, pera se juntarem com as naos e galés que hi som; e todas armadas segundo lhe compre, irem pelejar com a frota de Castela, por desempachar o rio, e ficar a cidade desabafada daquela parte. E pera esto arma-se a frota das naos e galés quanto

¹¹³ Gil] gomçalluez

mais pode. E escreverom já a muitos sobr'elo que se venham a pressa pera entrar em ela. E porque a frota compre d'ir bem armada, e posta sô governança dhú bom capitam, e em esta comarca nom há nehú semelhante a vós, acordarom que era bem de vos escrever sobr'elo. Porém vos enviam pedir por mercê que os ajudees a esta demanda e vos praza de tomar encarrego da frota e serdes senhor dela; e eles vos querem obedecer todos, e ir sô vossa guarda e capitania, e vos dar compridamente todas cousas que mester houverdes, vós e os vossos. Por a qual razom se vossa mercê for de o fazer, me parece que acalçarees mui grande honra e mostrarees em elo vossa bondade. E todos vos terám a gram bem ajudardes a defender a terra de que soes natural segundo meu entendimento abrange, e deste feito nom entendo outra cousa.

Depois destas e outras razões que dom Abade ao conde disse, a primeira cousa que lhe respondeo foi esta, dizendo por que nom ia Gonçalo Rodriguez de Sousa por capitam da frota, assi como de Lixboa veera.

— Senhor, disse el, assi he que Gonçalo Rodriguez como chegou ao Porto, logo a poucos dias partio dhi, e dizem que vos veo falar; desi a Gonçalo Gomez da Silva e ao mestre seu sobrinho, e depois a Gonçalo Vasquez d'Azevedo. Da qual cousa todos foram mal contentes, dizendo que nom andava lealmente no serviço do Mestre, mas que queria vender as galés e a frota a elRei de Castela, por a qual razom foi grande alvoroço na cidade, e ele quasi reteúdo. E por esto nom fiam dele cousa que seja, nem há d'ir por capitam nem outro titulo nehú d'honra.

O conde ouvindo aquesto, depois de longo razoado que antre eles houve, finalmente lhe deu em reposta que se o Mestre lhe quisesse dar as terras que foram da rainha dona Lionor sua irmã, que el tomaria sua voz e o serviria na frota, e em toda cousa que seu serviço fosse.

Tornou-se entom dom Abade com este recado, e visto per Rui Pereira e Gonçalo Perez e outros que do serviço do Mestre tinham grande carrego, escreverom-lhe logo sobr'elo.

O Mestre quando esto vio, nom soube reposta que a elo desse, porquanto delas tinha feita mercê a Nun'Alvarez que lhas ante pedira. Pero por haver o conde a seu serviço, fez saber a Nun'Alvarez o que lhe escreverom, e estes feitos todos em que termo estavom.

Nun'Alvarez que todo seu desejo era encaminhar serviço do Mestre per hu quer que podesse, quando vio sua carta, mandou logo d'Evora onde estonce estava hú seu escudeiro com reposta ao Mestre dizendo que nom embargando que lhas el prometidas tevesse, e feita delas mercê primeiro, que a el prazia muito que as desse ao conde, por o haver pera seu serviço. E que nom dizia ele

aquelas terras, mas todo o mais quanto ele tinha que o desse a quem sua mercê fosse por encaminhar seu serviço, ca el esperava no senhor Deus que lhe acrescentaria tanto sua honra e estado, que el lhe galardoaria depois todo melhor do que lhe el saberia pedir.

O Mestre, quando esta reposta vio, teve-lho por grande bondade, desi por azar seu serviço, que lhe em tal sazom tanto compria, escreveo logo a pressa ao conde prometendo-lhe as terras que de sua irmã foram. E o conde ficou logo por seu, e começou de se fazer prestes pera o servir e entrar na frota.

Entom chegou hi Gonçalo Perez, e pedio ao conde que lhe mandasse dar bizcoito que estava em Coimbra e em Montemor, e ao conde prouve delo, e levarom dhi muito bizcoito e armas de que carregarom dous baixees pera o Porto. E ao conde mandou o Mestre dar muitos dinheiros de graça e peças de pano pera el e pera os seus. E desta guisa teve el com o Mestre, e tomou sua voz.

CXXIV

Como as galés foram correr a costa de Galiza e do que lhe aveo em sua viagem

No Porto estava dom Pedro conde de Trastamara, que se lançou em Coimbra, quando elRei de Castela hi veo pera cobrar a cidade segundo ante contámos, e dous seus irmãos com ele, hū deles era Afonso Anriquez, caçador-mor delRei de Castela, outro era Afonso Anriquez mais moço, que foi filho dhúa judia. E este se veera já a Lixboa dizer ao Mestre como estavom ali prestes pera seu serviço, e ficou ali com ele. E todos três eram filhos do mestre de Santiago dom Fradarique, filho que foi delRei dom Afonso, e de Lionor Nunez de Gozmam; o qual dom Fradarique foi depois morto per elRei dom Pedro de Castela segundo dissemos em seu logar, se delo soes acordados.

Em este comeos o pobo da cidade solto e livre dos outros cuidados, nom com pequenas mas grandes despesas, faziam correger com trigança quaesquer cousas que convinhavees eram pera tamanho negocio e serviço do Mestre sem o qual eles nom criam o regno poder ser defeso. E trabalhando cada hū de poer em obra quanto sua boa vontade desejava de fazer, houverom antre si conselho, que pois as galés já eram armadas, e as gentes se vinham juntando pera entrar nas naos, que fossem entanto correr a costa de Galiza.

E ordenado como se partissem, foi-lhe dado mantimento de certos dias, e iam nas galés de Lixboa por patrões os que dela veerom em elas, salvo se

era na galé real, em que fora Gonçalo Rodriguez de Sousa, que em esta ia o conde dom Pedro por capitom a que todos obedecessem; e na galé que chamavam Santa Ana, ia Gonçalo Vasquez de Melo e Vasco Martinz seu irmão que depois morreo na batalha; na Bem Aventuirada, Afonso Furtado; na que chamavam Santa Clara, Estevam Vasquez Philipe; na que diziam Sanhoane, Lourenço Mendez de Carvalho, comendador; em outra que chamavam Sam Jorge, micê Manuel, filho de Lançarote Peçanho, almirante que foi morto em Beja; na que chamavam Santa Bitoria, Joam Rodriguez Guarda; em Santa Maria de Cacela, Antom Vasquez e assi Gil Estevenz Fariseu, e Airas Perez de Camões e outros em galés assi do Porto come de Lixboa que mais nom curamos de nomear.

E correndo a costa de Galiza, chegaram primeiro a Baiona de Minhor, castelo fraco e pequeno, e por lhe nom queimarem a pescaria, derom quatrocentos francos. E depois se forom a Mugia que he pescaria sem forteleza e queimaram hi dous navios que estavom no estaleiro. Dali partirom pera a Crunha, e por lhe nom queimarem a pescaria, lhe derom seiscentos francos. E ficaram ali parte das galés e forom-se seis a Ferrol. Este foi todo queimado que nom ficou dele senom a egreja. Desi chegaram a Neda, e foi preitejada por quatrocentos francos.

Depois tornaram estas seis galés, e partirom com as outras todas da Crunha, e forom-se a Betanços, boa vila castelada, porquanto houverom novas que estavom hi algúas naos com arteficios de combater vila que iam pera Lixboa. E acharom húa nao carregada d'engenhos que ia pera o arreal, e poserom-lhe o fogo. E queimaram outra nao nova de Pero Ferrenho da Crunha, e tomarom húa galé que chamavam a Volanda junto com o muro da vila em que forom algús feridos, e trouverom-na consigo. Entom começaram combater o logar de guisa que çarraram com o muro, ca iam hi mui valentes homens e ardidos de coração, assi como Joam Rodriguez Guarda, e Antom Vasquez e outros fidalgos pera muito. E estando em ponto de a tomar e os da vila tam aficados que já começavom desemparrar os muros, o conde dom Pedro, que por capitam ia, mandou dar às trombetas bradando que se afastassem afora, dizendo que nom era bem morrerem ali algús por tomarem hú tal logar como aquele; mas que se preitejasse que se lhe em outro dia nom vesse acorro, que lhe fosse entregue sem outra contenda. Esto fezerom os portu-gueses de mui má mente, tomando desto nom boa sospeita.

Em essa noite veo Fernam Perez d'Andrade com tanta gente, e se lançou no logar, que foi escusada a preitesia. Disto foi muito prasmado o conde, dizendo que porque ele sabia este acorro que havia de vinr aos da vila, que

por tanto lhe dissera que nom combatessem mais, fazendo-lhe entender que mais seguro era de lhe dar espaço, que o tomarem per força.

Andarom estonce per aquela costa tomando muito refresco, fazendo todo mal e dano que podiam, de guisa que do percalço que entom trouverom foi pagado às galés soldo de três meses. Eles no Porto, por ledice de sua vinda, ordenarom hũ torneio em vespera de sam Joam que era dia em que os moradores daquela cidade costumavom de fazer gram festa. E o torneio foi de cape-linas com espadas brancas muito cortadores, segundo usança daquel tempo. E deu Afonso Anriquez, caçador-mor, a seu irmão o conde per cajom hũa cuitelada na mão direita, de que depois foi aleijado; per cujo azo nom veo na frota quando partio do Porto pera Lixboa.

CXXV

Como Nun'Alvarez houvera d'ir na frota, e por que razom nom entrou em ela

As galés no Porto como dizemos, faziam-se¹¹⁴ as naos prestes quanto podiam por cedo vinrem acorrer ao Mestre e à cidade, que haviam novas que era minguada de mantimentos, por azo da frota de Castela que lhos embargava a nom poderem vir per mar. E empostando-se a frota do que lhe compria, nom embargando a grande trigança, passavom mais dias dos que mester haviam os que atendiam sua ajuda e acorro.

O Mestre vendo que a frota tardava, desi a cidade posta em gasto de mantimentos, e havendo gram feúza no seu mui leal servidor Nuno Alvarez Pereira, que o em elo bem serviria, escreveo-lhe trigosamente a Evora onde estava, que juntasse suas gentes e se fosse ao Porto embarcar na frota e veesse em ela pera pelejar com a de Castela que assi tinha a cidade cercada. Nun'Alvarez como vio seu recado, sabendo como o conde dom Gonçalo, e Rui Pereira, e outros fidalgos haviam d'ir na frota, escreveo-lhe a pressa que lhes prouguesse de o esperar, ca mui cedo encaminharia pera ser seu companheiro. E partio logo com os seus hũ pouco d'ouro que lhe o Mestre enviara, aos quaes prougue muito quando lhe Nuno Alvarez contou como lhe escrevera que se fosse ao Porto.

O conde e Rui Pereira e outros algús a que Nun'Alvarez escreveo, logo como virom seu recado, com enveja e corruta entençom, segundo se afirma,

¹¹⁴ faziam-se] faziam

nom o quiserom aguardar, mas ordenarom de partir com a frota como de feito partirom. Nun'Alvarez sem disto saber parte, a grande trigança andou seu caminho, levando consigo até duzentas lanças, e quem menos escreve, erra em seu escrever.

E quando chegou a Tomar onde estava o mestre de Cristos, comeo hi com ele hū dia. E o mestre lhe perguntou que lhe parecia destes feitos, come se os houvesse por estranhos, e nom pera vinr a tal acabamento como Nun'Alvarez e outros cuidavom. E Nuno Alvarez lhe respondeo que a Deus graças os começos lhe pareciam bons e que esperava em el que a fim fosse melhor. E assi se espedio do Mestre e levou caminho de Coimbra, e quando hi chegou, soube que a frota era já em Buarcos, e outra vez escreveo aos capitães dela que lhes rogava que por serviço do Mestre o aguardassem e nom partissem sem el, ca logo em ponto alá seria. E eles como virom seu recado, usando ainda da primeira enveja, ordenarom de partir logo, e nom o quiserom ali atender.

Nun'Alvarez como foi certo de sua partida, pesou-lhe muito e entendeo bem como era, dizendo que Deus os quisesse bem encaminhar; e que se algūs se trigarom por partir mais cedo do que deviam por ele nom ir com eles, que Deus nom lho acoimasse, e os guiasse a seu salvo como desejavom.

Onde leixemos as naos e galés andar pelo mar, e enquanto elas fazem sua viagem levemos Nun'Alvarez a Alentejo. E como for em Evora donde partio, entom tornaremos a contar da frota como chegou a Lixboa, e do que lhe hi aveo.

CXXVI

Como Nun'Alvarez ordenou de partir de Coimbra, e do que lhe hi aveo

Nun'Alvarez estando assi em Coimbra, pousava hi estonce a condessa, molher do conde dom Henrique Manuel, que tinha Sintra por elRei de Castela. E por odio que havia a Nun'Alvarez de quando fora correr o termo daquel logar, desi por ser muito da parte da Rainha, e fazer serviço a elRei, ordenou de o prender juntando secretamente muita gente d'escudeiros e doutros homens, porquanto ela ali tinha assaz de parentes e d'amigos e criados pera bem poder fazer tal obra.

As gentes de Nun'Alvarez já como e em que guisa disto souberom parte, começaram de se avolver juntando-se pera ir ao paço, onde a condessa diziam que fazia seu ajuntamento, e em toda guisa quiserom ordenar de ter com ela

má maneira. Nun'Alvarez que disto nom sabia parte, quando lho disserom acudio mui a pressa a isto, e fez que se nom fizesse nehúa cousa do que se houvera de fazer. E assi guardou Deus Nun'Alvarez de prisom, e a condessa de gram perigo.

Em esto Nuno Alvarez, querendo-se partir pera dhu veera, nom tinha pera si nem pera os seus cousa com que se partisse, de guisa que algús tiravom apenhado sobre as armas o que haviam de comer. Nun'Alvarez vendo nos seus esta mingua, mandou vender quanta prata tinha, e partio o preço com eles pera se desapenhorem. Mas com todo isto nom pôde escusar que nom falasse aos homens bons de Coimbra, rogando-lhe que lhe acorressem com algús dinheiros emprestados pera sua partida. E a eles prougue de o fazer, e acorrerom-lhe com certos dinheiros, de que mandou dar a cada hũ sete livras daquela moeda pera despesa do caminho.

Entom se partio e foi primeiro falar a Gonçalo Mendez de Vasconcelos que tinha o castelo de Coimbra, e falou-lhe acerca dhũ postigo da parte de fora. E Gonçalo Mendez quando vio algúas gentes daquelas de Nuno Alvarez, nom corregidos como ele cuidava, maravilhou-se, dizendo aos seus depois que se Nuno Alvarez partio:

— Espantado som de taes homens como estes poderem defender este reino a elRei de Castela, que he hũ tamanho senhor, salvo se Deus anda por seu capitom deles.

Dali se foi Nun'Alvarez a Tomar, e hi houve seu conselho de chegar a Torres Novas por falar a Gonçalo Vasquez d'Azevedo que era muito seu amigo, e tinha o logar por elRei de Castela, se o poderia reduzir a serviço do Mestre. E de feito foi alá e falou com ele nestes feitos como el melhor entendeo. E depois de muitas razões que ambos houverom, outra reposta nom pôde haver dele, salvo que nom via caminho nem fundamento, como os feitos do Mestre veessem àquela fim que el desejava, dando por isso a entender, nom muito claro porém, que se el visse taes congeituras em que se podesse fundar, que bem lhe prazia servir o Mestre. E assi se espedio del Nuno Alvarez, e se tornou a Tomar.

CXXVII

Do que aveo a Nuno Alvarez com dom David Alguaduxe sobre dinheiros que lhe quisera dar

Segundo parece per qualquer guisa que foi, Gonçalo Vasquez d’Azevedo houve de saber parte do que a Nun’Alvarez aveera em Coimbra, e como andava mesteiroso de dinheiro. E escreveo a pressa a elRei de Castela que lhe parecia que era bem de o mandar convidar com algú dinheiro, pera ver e provar que reposta acharia em ele e se se demoveria por azo da mingua em que era posto. E que se o houvesse por sua parte, que nom somente tinha hú grande estorvo arredado de seus feitos, mas ainda cobrado todo o que desejava d’haver.

ElRei de Castela respondeo a isto que lhe nom parecia razom nem aguisado ser-lhe tal cousa cometida por sua parte, porque poderia depois ser que nom se outorgando em elo, que se gabaria andando, que o mandara rogar e convidar com peita, a qual cousa lhe todos contariam por mingua, mas que o enviasse el cometer per outra maneira come de seu. E que se Nuno Alvarez se demovesse a tomar algúa cousa, e sentisse em el que por lhe darem à sua vontade, se tornaria da sua parte, que entom por mingua de pormeter nom falecesse nehúa cousa, e que lhe fizesse logo saber todo.

Gonçalo Vasquez falou estonce com hú judeu que chamavom dom David Alguaduxe, irmão da molher de dom Juda, tesoureiro que fora delRei dom Fernando. E chegou a Nun’Alvarez a Tomar onde estava, e disse-lhe como lhe parecia que el andava mui mesteiroso de dinheiro, e que el tinha algús dinheiros delRei de Castela; e que se a el prouguesse de tomar deles algús, que el lhe acorreria com mil dobras por estonce, e que tempo vinria em algúa sazom que ele as serviria a elRei seu senhor.

Nun’Alvarez vio as razões do judeu e entendeo bem este cometimento, e falou com algús de seu conselho, por ver que lhe em tal feito conselhavam. E taes hi houve que lhe disserom que lhes parecia que era mui bem, pois que lhas Deus trazia à mão sem seu requerimento, que as tomasse todavia pois que as tanto havia mester pera sua despesa. Nun’Alvarez disse que lhe nom parecia bem nem aguisado, tomarem dinheiros de nehúa pessoa, salvo daquela a que entendessem¹¹⁵ de servir. E que pois eles andavam por serviço do Mestre, e defensom do reino de Portugal, que doutro nehú deviam de

¹¹⁵ a que entendessem] a que os emtemdesse

tomar dinheiro; e que eles até estonce andaram sempre limpos sem prasmado de nehúa cousa, e que agora tomando estes dinheiros, por fazer escarnho de cujos eram, que dalgús poderiam ser prasmados, dizendo que já tomarom dinheiros delRei de Castela, e houverom dele bem e mercês, a qual cousa por ventuira entre eles poeria desacordo e má sospeita. Assi que os dinheiros nom foram tomados, pero que o judeu mui aficadamente o convidasse com eles.

CXXVIII

Como Nuno Alvarez pelejou com algús castelãos e os desbaratou

Nuno Alvarez se partio de Tomar onde estava e se foi a Punhete por encaminhar pera antre Tejo e Odiana, que era comarca donde tinha carrego. E ali soube que certas gentes de castelãos stavom no Crato por partir pera Santarém, e que de Santarém queriam ir outros pera Castela. E estas gentes iam em guarda de grandes arracovas de roubos que algús castelãos faziam em termo de Santarém e per outros logares, de roupas de camas, e vestidos, e alfaias, e doutras cousas que se prestar entendiam. E houve conselho d'aguardar hús ou outros na estrada per hu haviam de passar dous ou três dias, pera com a ajuda de Deus pelejar com quaesquer que acontecesse de vir.

E com esta tençom partio de Punhete, e chegou à estrada per onde os castelãos haviam de passar pera Santarém, ou de Santarém pera Castela, a húa pequena ribeira onde chamam Alperaiam, e comeo acerca dela, de sô hús verdes freixeos. E ante que se assentasse a comer, mandou poer a tiro de besta e mais longe em algús outeiros, suas atalaias, por nehúas gentes poderem passar, de que el parte nom soubesse, porque el havia por costume de nunca se alojar de dia que nom tevesse atalaias, e de noite guardas e escuitas, a longe e a preto.

E tendo suas atalaias postas, e estando a comer assi el como as outras gentes, aqui¹¹⁶ vem húa das escuitas rijamente e mui calado, e disse que pela estrada de contra Santarém vira grandes pós, e que lhe parecia que vinham algús de cavalo e de pé. Com estas novas Nun'Alvarez foi mui ledado, e deu logo de mão aos mantees, e mandou que lhe selassem as bestas mui passo e sem arroído. E assi o disserom a todolos seus, e que se veessem logo pera ele mansamente. E eles fizeram-no assi, ca nom tinham razom de se deter,

¹¹⁶ aqui] a que

ca todos estavam armados somente das cabeças, e as bestas seladas e prestes pera o que aguardavom. Nun'Alvarez estava desviado da estrada per onde os castelãos vinham, e antre el e a estrada havia hū levantamento de charneca, a guisa de comeada, e daquela comeada se fazia húa decida pera a estrada. E el disse aos seus que todos fossem a pé calados até o teso da charneca, e eles fizeram-no assi. E como foram em cima no teso, mandou dar rijamente às trombetas, e todos em tropel decerom a pressa aquela estrada onde os castelãos vinham, os quaes nom eram mais que oito de cavalo, e cento homens de pé, bons almogavares todos com lanças e dardos, e seus punhaes, e com eles algús besteiros.

Como os castelãos virom Nun'Alvarez decer assi rijo com sua gente, foram torvados, porém muito pouco, porque logo se começaram de defender come bons homens, mas sua defensom nom prestou nada, porque mui asinha foram desbaratados. E antre mortos e presos ficaram hi pouco mais d'oitenta, e algús se esconderom pelos matos, que nom poderom ser achados. E levarom os de Nun'Alvarez muitas azemelas e outras bestas, e ouro e prata e dinheiros e roupas de vestir e outras cousas e foram-se caminho d'Evora.

Onde leixemos estar Nuno Alvarez por guarda de sua frontaria, e vejamos se chegou já a frota que partio do Porto a Lixboa e do que lhe aconteceo.

CXXIX

Do conselho que elRei de Castela houve com os seus em que guisa pelejaria com a frota de Portugal

Armando-se a frota no Porto, e prestes pera partir como ouvistes, elRei de Castela tragia suas enculcas per caminho, de guisa que cada dia sabia novas do que se fazia naquela cidade. E ante algús dias que a frota houvesse de partir, soube el o dia certo em que havia de sair de foz em fora, e mandou chamar Fernam Sanchez de Toar, seu almirante-mor, e Pero Afam de Ribeira, capitom das naos, e disse-lhes em esta guisa:

— Fazee aqui vir de manhã todolos alcaides das galés e mestres das naos, ca quero convosco e com eles falar algúas cousas que comprem a meu serviço.

Em outro dia fizeram eles como elRei mandou, e trouverom consigo os alcaides das galés e mestres das naos, segundo lhes foram dados em rol. E foi-se elRei com eles dentro ao moesteiro de Santos, e com el algús cavaleiros *scilicet* Pero Fernandez de Valasco, e Fernand'Alvarez de Toledo, e o conde de Maiorgas e outros. E mandou elRei às guardas que çarrassem as portas, e

fezessem todos afastar longe d'arredor do moesteiro, por nêhú poder ouvir cousa do que se dentro falasse; e assentou-se elRei nos degraos do altar maior, onde já estava corregido como compria. E posto ali hũ livro missal, e pousados todos ante el dhũa parte e da outra, disse estonce elRei contra eles:

— Eu vos fize aqui chamar pera hũ conselho que convosco todos quero haver, mas ante que nehũa cousa saibaes do que vos eu hei-de dizer, vós me jurarees em os Santos Evangelhos que do que ora eu aqui falar convosco que nehũa cousa seja descuberto, atá aquel tempo que for necessario pera se fazer.

E depois que todos jurarom, êadeo el mais e disse:

— Nom embargando o juramento que já todos fezestes, eu vos defendo a cada hũ sô pena de treißom que cousa algũa do que se ora aqui falar que vós a parente nem amigo nem a outra pessoa algũa que seja que vós nom descobraes nem dees a entender nehũa cousa salvo quando vo-lo eu mandar, ou que se houver de poer em obra.

E eles disserom que assi o fariam.

— Ora sabe, disse elRei, que a razom por que vos aqui fize juntar he esta: eu hei por novas certas que a frota de Portugal he já armada e prestes pera partir tal dia de foz em fora, e penso que vem em ela Nun'Alvarez com muitas gentes d'Alentejo. Ora compre que hajamos conselho em que guisa poderemos melhor pelejar com ela a nosso salvo, se aqui dentro no rio ou no mar de foz em fora. E pera esto Fernam Sanchez com os alcaides, e vós Pero Afam com esses mestres das naos, apartae-vos¹¹⁷ cada hũ a seu cabo, e eu com estes fidalgos haverei meu conselho, e onde os mais de nós acordarem, àquela razom nos tenhamos.

Entom se arredarom hús dos outros, cada hús a sua parte. E depois que elRei houve seu acordo com esses fidalgos, fez chamar os outros, e perguntou a Fernam Sanchez que era o que havia acordado.

— Senhor, disse o almirante, o que a mim e a estes alcaides sobr'esta razom parece, he esto: que melhor será pelejar com a frota no mar de foz em fora, que aqui dentro no rio. E a razom por que, he esta: ou assi he que a sua frota vem bem armada, ou nom; se o nom vem, já vem vencida; se bem armada vem, nós iremos melhor que eles, e poer-nos-emos trás a Berlenga, e dali sairemos a pelejar com ela. E entendemos com a mercê de Deus, e na vossa boa ventuira, de a vencer, sem nos escapar nehũa vela. E se pelejarmos aqui em no rio, ainda que com todos eles aferremos, podem-se algús ir saindo.

¹¹⁷ apartae vos] apartaa uos

De mais que têm ante a vila algũas naos e barcas que podem bem armar, e vinram em sua ajuda, e podem-nos fazer mui grande estorvo. E porém o nosso acordo he todavia pelejarmos com ela de fora.

— E vós, Per’Afam, disse elRei, que he o que vos parece?

— Parece-nos, senhor, disse el, que muito melhor he pelejarmos com a frota dentro aqui no rio, que em no mar de foz em fora. E esto por muitas razões. Primeiramente, nós estamos em tempo que os aguiões reinam muito em esta terra, e querendo ir ao mar, nom poderiam as naos iguar com as galés. E posto que iguassem, nom podiam ir senom barlaventeando, e porém convinha que se espargesse a frota e nom poderia ser toda junta, o que a nós nom compria, ca eles vinram todos juntos, porque tragem o vento por si. E como nos achassem andar espalhados, podiam-nos apanhar todos hũ e hũ. E ainda que nós fossemos juntos e quisesses com eles aferrar, pois que eles tragem o vento consigo, cortar-nos-iam todos até o mar; mormente que vêm em ela mui bons mareantes e bem sabedores de guerra. E por estas razões será melhor e mais seguro pelejarmos com ela no rio, que doutra guisa, ca nós faremos prestes mui bem nossas naos, e poer-nos-emos além de Restelo, e as galés todas trás nós. E quando eles veerem, leixá-los-emos passar per nós, e desi desfaldaremos logo sobre eles, e o vento que eles trazem por si, ficará entom por nosso e estonce pelejaremos com ela. E com a ajuda de Deus, e na vossa boa ventuira, desbaratá-los-emos sem dúvida nêhũa. E em caso que doutra guisa fosse, o que Deus nom queira, a terra d’além he vossa, e a d’aquém isso mesmo, e a qualquer das partes que fossemos, achariamos ajuda e acorro, e poderiamos haver gentes d’armas quantas houvessemos mester.

— Certamente, disse elRei, ele he mui bom conselho, e esse he o acordo que eu e estes fidalgos houvemos.

— Em verdade, senhor, disse entom Fernam Sanchez, esto parecerá mui gram covardice, estardes vós aqui com toda vossa hoste e frota, e nom sairmos nós fora do rio, pera lhe darmos sequer hũa saudaçom de trons. Mandae, senhor, por mercê ao menos se quer, que saiamos até Cascaes. E essa razom d’avantagem que se por nós pode haver do vento que eles tragem por si dentro aqui em no rio, essa mesma haveremos em Cascaes, e muito melhor ainda, como quer que de meu conselho, nós todavia iriamos aguardá-los dentro no mar.

— E ponhamos, disse elRei, que acontecesse tal cousa, que dentro em esse mar fossees desbaratados, que fariees entom?

— Quando essa cousa fosse?, disse el, o que Deus nom quisesse, vinr-nos-iamos a gram pressa nas galés por gentes que vós teriades prestes pera fornecer a frota.

— Almirante, disse elRei, o vosso dizer he mui bom, mas o luitador a que hũa vez dam hũa queda, de má mente toma por outra. E vós depois que começassees ser vencidos, de má mente tornariees outra vez lá. E porém melhor he pelejar com ela dentro no rio que doutra maneira, ca eu terei tantas gentes prestes, que se tal cousa comprir, que logo sejam dentro em barcas e batees.

— Senhor, disse Pedro Afam, quanto a nós assi parece, porque em qualquer guisa que nos avenha, melhor poderemos ser ajudados de preto que de longe.

— E a mim, disse elRei, assi me praz, e mando que assi se faça.

CXXX

*Das razões que Pero Fernandez de Valasco disse,
por que nom era bem de a sua frota pelejar com a de Portugal,
e do que elRei respondeo sobre elo*

Acabadas estas razões e o conselho havudo como já he dito, alçou-se Pero Fernandez de Valasco e pôse-se em geolhos ante elRei e disse em esta guisa:

— Senhor, vós havees tomado conselho e acordo de pelejar com a frota de Portugal aqui em no rio, ante que de foz em fora, pero contra vontade do almirante e destes alcaides que com el veerom. Do que a mim parece que nom he de fazer gram força em pelejar com ela mais em hú logar que no outro, pois que d’ambalas partes som dadas muitas boas razões que cada hús entendem d’haver em sua ajuda. E porém hu quer que vossa mercê for de se fazer, ali he bem que se faça, sem mais razoando sobr’elo. Mas pelejar com ela todavia, ou nom, a esto digo na vossa mercê, e sô reverença vossa, e de quantos aqui estam, que tal conselho nom he assi bom, que se outro melhor nom possa haver, por algúas razões segundo a mim semelha. Vós, senhor, parece entendees que pelejando com esta frota, e a vencendo, que per aqui vencees e cobraes todo o reino; e a cousa nom he assi, porque em ela vem boa parte de fidalgos de Portugal, e outros escudeiros e cidadãos e ainda d’homens de baixa mão muitos, os quaes ham gram dívedo em esta cidade, e em todo o reino, per parentes e criados e especiaes amigos. E morrendo eles aqui, fica-vos pera sempre omezio com todos seus dívedos, que pode ser que terám boa parte das fortalezas do reino. E vendo eles como lhe vós havees mortos seus filhos e irmãos e parentes, e os senhores per que foram feitos, nom vos querrám obedecer e sempre vos farám todo nojo e

deserviço em qualquer guisa que puderem. E ainda que vos assenhorees dos corpos, nunca já mais poderees cobrar os corações deles, nem seu amor, que he a melhor cousa que o rei pode haver quando se quer assenhorar dalgũ regno novamente. Ca doutra guisa, que prol he ao senhor haver os corpos dos vassallos, se deles nom há os corações? Pois nom lhe havendo as vontades, nunca serees senhor da terra em assesego e paz, o que a vós nom compra. A segunda, vós dissestes que cuidaes que Nuno Alvarez vem na frota com muitas gentes d'Antre Tejo e Odiana, em que parece que ela vem bem armada; e tantos por tantos e poucos mais, nom há hi vantagem nêhũa, senom o bom aquecimento da aventura a quem o Deus quiser dar, o qual he mui dovidoso até que seja visto. E de mais he de cuidar, que eles todos vêm dhũ coração pera morrer ou vencer, e posto que sejam vencidos, eles farám tal mortindade na vossa gente ante que o sejam, que esto será a vós mui gram nojo e deserviço, e perda grande ao reino de Castela. Se eles er vencerem, que he cousa que podia acontecer, entom seria já muito mor perda e nojo, e gram quebranto da vossa gente, e esforço grande da sua. E por em todas estas cousas vós escolherdes o mais seguro, parece-me que seria melhor de trautardes boa avença com o Mestre, em guisa que el ficasse grande na terra, e vós senhor do regno, ante que pelejardes com a frota, nem se fazer mais outra guerra, pois que el está em tal tempo, que he de cuidar, que trautarees com el à vossa vontade. E per esta guisa assesegarees melhor os corações deles todos, e nom os moverees contra vós, mais daquelo que estam acesos.

ElRei disse que tal conselho nom entendia de tomar nem mover ao Mestre nehũa preitesia, ca bem via ele que a mor parte dos logares e fidalgos de Portugal tinham sua voz, e eram da parte da Rainha sua molher, e que bem mostraria mingua e gram covardice, quem taes vantagens tinha per mar e per terra sobre o Mestre, mover-lhe nehũa avença nem outra preitesia, mas pelejar todavia com sua frota e continuar seu cerco sobre a cidade até que a tomasse e o reino todo que lhe per direito pertencia.

E se neste logar algũs escrevem que elRei respondeo que já lhe cometera muitas preitesias assinando como e per que guisa, e as¹¹⁸ repostas que o Mestre dava, tal escritura havee por patranha, e nom lhe dees fé por ser mui contraira da verdade. Porque manifesto he que elRei até este tempo, nunca lhe cometeo nehũa avença, nem tinha razom de lha cometer; ante havia por

¹¹⁸ as] a

escarnho a voz que tomara, el e a cidade, tendo que cedo se havia de perder de todo, el e quantos mantinham seu bando.

CXXXI

Como a frota do Porto chegou a Cascaes, e da maneira que lhe o Mestre mandou que tevessem

Depois que elRei teve determinado de pelear a sua frota dentro no rio como dissemos, mandou duas galés de foz em fora como por atalaia, que estevessem ali aguardando, por lhe tragerem recado como vissem a frota de Portugal vinr.

E jazendo as galés sete legoas da cidade onde chamam Mata Palombas e a frota de Portugal pareceo juntamente assi como vinha, a qual eram dez e sete naos e dez e sete galés como ouvistes.

As duas galés como as virom, veerom logo dar novas a elRei de Castela, e isso mesmo aos da sua frota. E quando derom novas aos seus que a frota de Portugal parecia, toda a chulma das galés se levantou em pé e esgremiam espadas nuas e outras armas, dando muitos apupos e alaridos, e fazendo grandes alegrias, cuidando que em outro dia haviam de vencer a frota, e tanto que a vencessem, que logo a cidade era tomada, e esto seria pouco mais dhúa hora ante de sol posto. Os da cidade viam aos da frota fazer taes alegrias, mas nom sabiam por que era esta tamanha ledice. Em esto chegou a frota a Cascaes esse dia depois de comer que era domingo, dez e sete dias de julho da era já nomeada.

A frota pousada em aquel logar que eram cinco legoas da cidade, houverom acordo os capitães dela que maneira teriam em sua entrada, e isso mesmo na peleja que havia de ser. E hús diziam que porque elRei de Castela tinha muitas gentes, e muito mor frota que eles, que lhe nom compria arredar-se pelo mar, por quanto hi vinham muitos homens da terra que o nom haviam em uso, e podia ser que os torvaria. E seguindo-os as naos de Castela, voltariam sobr'elas quando vissem geito, e que esto lhe daria grande vantagem pera os vencer. E esto e outras muitas razões falarom hús com outros, mas nehúa terminaram de se fazer, e houverom acordo de mandar hū batel muito ligeiro, que trouvesse novas ao Mestre como estava ali a frota, e que maneira lhes mandava que tevessem em sua entrada, e que encaminhasse de os ajudar.

O batel partio bem de noite muito remado, e com bons paveses, vindo acerca da terra d'Almadá, por os da frota nom haverem dele sentimento.

E vinha em ele pera falar ao Mestre, Joam Ramalho, mercador do Porto bem rico e mui atrevudo no mar, e chegou a Lixboa alto serão. E disse ao Mestre como a frota estava em Cascaes e as horas a que chegarom, e que vinha saber como era sua mercê de fazerem em outro dia. O Mestre o recebeu mui bem, e folgou muito com estas novas, e quantos hi eram presentes. E entenderom todos que a alegria que os das galés de Castela mostravom, era por azo da vinda da frota quando souberom que parecia.

Entom se apartou o Mestre com ele em húa camara, e perguntou-lhe por a frota como vinha armada e de que guisa. E el lhe respondeo que as galés vinham bem armadas, mas que as naos, delas vinham comunalmente, e outras minguidas d'homens d'armas. E que a razom por que as galés vinham bem armadas era porque o conde dom Gonçalo vinha por capitom delas com muitos e bons escudeiros.

Ao Mestre pesou desto muito, porém disse:

— Joam Ramalho, vós farees per esta guisa: eu tenho aqui muitas barcas grandes que mandei correger, e todas com bandas a guisa de fustas, e algúas naos e barcas que aqui jazem, as quaes de manhã bem cedo serám todas prestes. E pois o vento he bom e bem de viagem, vós partirees logo com a maré, as galés todas ao longo do rio, e as naos acerca delas da parte d'Almadá o mais que poderdes, ou como melhor entenderdes. E nom curees de pelejar nehúa cousa, mas vinde-vos todos ante a cidade, e entom forneceremos as naos de boa gente, e isso mesmo armaremos estes navios e barcas que aqui estam. E todos juntamente, e eu convosco, iremos depois pelejar com eles. Se er per ventuira as naos de Castela aferrarem com algúas de vós, defendam-se entanto o melhor que puderem, e eu terei os navios prestes com gentes assaz com que vos acorra, ou per ventuira me acharees no mar, e per este modo seja vossa vinda.

Entom se espedio Joam Ramalho, e tornou-se o batel da maneira que veo, sem sendo sentido da frota nem outro estorvo que houvesse.

CXXXII

Como foi sabudo pela cidade que a frota vinha, e do que as gentes por elo fezerom

Como se Joam Ramalho espedio do Mestre, pero fosse já alta noite, logo foi sabudo pela cidade como veera recado da frota que jazia já em Cascaes, e que em outro dia havia de entrar e pelejar com a frota de Castela. E quando

isto soou e foi sabudo per toda a cidade, de quanto cuidado e esperança foram cheos os corações dos moradores dela, nom he leve de dizer. Eles haviam grande prazer tendo esperança que pelejando a sua frota com a de Castela, e a vencendo, que ficaria a cidade desabafada¹¹⁹ da parte do mar e poderiam haver mantimentos per ele, de que eram muito minguados. E vencida a frota, era per força gançarem parte dela, por a qual razom vinria tal perda aos caste-lãos, que per ventuira seria azo de elRei de Castela decercar a cidade.

Doutra parte haviam temor e receo, quando consiravom como a frota de Castela era muita mais que a sua e armada de muitas e boas gentes, e a grande ajuda que podia haver do arreal delRei que tam preto tinha, se lhes comprisse; e sendo a frota de Portugal vencida a gram perda que todolos de mais haveriam de padres e filhos, e maridos e irmãos, e doutros seus parentes que pereceriam per morte. Além desto, outro gram mal que lhes era prestes *scilicet* a cidade posta em tanta pressa e angustura, que nom somente de todo perderiam esperança de sua defensom, mas ainda acontecendo-lhes tal cousa, de em breves dias caírem per força nas sanhosas mãos de tam mortaes émigos, pera usarem deles a seu livre talante.

E estes tam forçosos cuidados os fez logo levantar todos, assi homens como molheres, que nom poderom mais dormir. E falando das janelas hús aos outros assi em estas cousas como na peleja do seguinte dia, começou de se gerar per toda a cidade hū grande rumor e alvoroço de fala, o qual durando per longo espaço, foi azo de cedo tangerem às matinas, mormente em noites pequenas. Em esto começaram as gentes de se ir às egrejas e moesteiros com candeas acesas nas mãos, fazendo dizer missas e outras devações com grandes prezes e muitas lagrimas. Qual estado nem modo de viver era entom isento deste cuidado? Certamente nehú, porque nom somente as leigas pessoas, mas ainda as religiosas, todas eram postas sô o grande manto de tal pensamento, como assi seja, que do vencimento ou do seu contraio, cada hús esperavom de receber parte.

Qual seria o peito tam duro de piedade, que nom fosse amolentado com amaviosa compaixom vendo as egrejas cheas d'homens e de molheres com os filhos nos braços, todos bradando a Deus que lhes acorresse, e que ajudasse a casa de Portugal? Certas nehú, salvo se fosse nom lindo português. E assi gastorom boa parte da noite, até manhã, hús em lagrimas e devotas orações, outros em se correger e fazer prestes contra os émigos.

¹¹⁹ desabafada] desabauada

CXXXIII

*Como algúas naos de Portugal pelearom com as de Castela,
e foram tomadas três dos portugueses e morto o bom de Rui Pereira*

Mui pouco dormio o Mestre aquela noite, nem as gentes da cidade como dissemos, mas como foi alta manhã bem cedo, ouviu sua missa e veo-se à ribeira com muitos que o aguardavom, pera armar os navios e barcas com que havia de acorrer à frota. E em se metendo as gentes em eles, e o Mestre querendo entrar em húa nao, naceo antre eles húa doce contenda. Os da cidade diziam ao Mestre que se nom metesse em nehú navio, ca nom era cousa pera consentir de se el aventuirar a tal perigo, e poer sua salvaçom em dúvida, mas que eles iriam pelear com os émigos, e que el ficasse na cidade e nom os deseparasse.

O Mestre disse que lhe tinha muito em serviço seu bom desejo e fiel bem querença, mas que em nêhúa guisa do mundo, el nom ficaria na cidade, mas per sua pessoa seria presente na peleja, e que fiava em Deus que sairia dela com muito sua honra e de toda a cidade e do reino de Portugal. Eles quando virom que se al nom podia fazer, disserom que fizesse como sua mercê fosse. E em fazendo-se esto assi, a frota delRei de Castela que eram quarenta naos e treze galés, como foi manhã, as naos todas meterom as vergas altas e fornecerom-se de muitas e boas gentes. E porque a maré vazava, e o vento era calmo¹²⁰, levavom as galés as naos grandes à toia, e as outras mais pequenas os batees por d'avante, e foram-se todas a Restelo-o-Velho que era dali húa pequena legoa, contra onde a frota havia de vinr. E poserom-se todas em ordem, com as proas pera a terra d'Almadá, e cada húa seu proiz em terra, por nom garrarem¹²¹ com a maré, e assi estava ordenada sua batalha. E mais mandou elRei gentes d'armas a cavalo acerca dos muros de Santo Agustinho, e de Sam Vicente de Fora por serem os da cidade ocupados em acudir àquela parte, e nom ajudarem os da frota desembargadamente.

Ora assi foi que sendo pouco mais d' hora de terça, e enchendo já a maré, pareceo a frota de Portugal pela ponta de Sam Giam, que som três legoas da cidade, e vinha ordenada desta guisa: vinham cinco naos deante e na maior delas que chamavom a *Milheira*, vinha Rui Pereira, com sessenta homens

¹²⁰ calmo] calma

¹²¹ garrarem] gurrarem

d'armas, e quarenta besteiros consigo; e em outra que chamavam a *Estrela*, Alvaro Perez de Castro; e na *Farinheira*, Joam Gomez da Silva; e na *Sangrenta*, Airas Gonçalvez de Figueiredo; e em outra, Pero Lourenço, e Rui Lourenço de Tavora; e assi nas outras, seus capitães, assi como Gil Vasquez e Lopo Vasquez da Cunha, e Joam Rodriguez Pereira, e Lopo Diaz de Castro e Nuno Veegas, e Gonçal'Eanes do Vale, e outros; mas estas quatro nomeamos, porque estas sós aferraram. Depois destas cinco naos, vinham as galés todas juntas, pavesadas. E trás as galés vinham doze naos; e a viraçom ventava tendente ao longo do rio, muito de viagem pera poder entrar.

Rui Pereira, barom bem notavel, em que avondava maravilhoso e ardido coração, quando vio as naos de Castela estar çarradas em terra como dissemos, que ainda nom deferirom, nom sabendo a tençom por que, veo-as demandar mui acerca, e as outras quatro naos com ele. E quando vio que os castelãos nom fizeram querença contra eles, fez em outro bordo contra Almadá.

Ora assi foi que ainda a manhã com sua claridade nom alomeava bem a terra e já os muros e logares altos eram cheos d'homens e molheres pera ver. Em este espaço do dia que atá'qui passou, nom faziam homens e molheres des que amanheceo senom correr pera os muros e logares altos por terem lugar dhu vissem a peleja. Vinham-lhe à memoria seus padres e irmãos que ali tragiam, e batendo nos peitos, ficados os joelhos em terra, rogavom a Deus chorando que os ajudasse. Enduziam as madres os inocentes parvos que tinham no colo, que alçassem as mãos ao ceo, ensinando-lhe como dissessem que prouguesse a Deus d'ajudar os portugueses. Outros faziam seus votos per desvairadas maneiras, chamando a preciosa madre de Deus, e o martir sam Vicente, que fossem em sua ajuda.

Doutra parte o Mestre e toda a gente da cidade era ocupada em se fazer prestes pera entrar nos navios e barcas que haviam d'armar pera acorrer à sua frota, de guisa que nom somente os homens mancebos, mas as velhas cabeças cubertas de cãs, se guarneciam d'armas pera pelejar. Estonce entrou o Mestre em húa grande e fremosa nao que fora das que tomarom com os panos dos genoeses que dissemos, e entrarom com ele bem quatrocentos homens d'armas. E porque a nao nom era lastrada, e a gente entrou mais da que devera, nom podia reger como compria.

Nos outros navios se meterom tantas gentes, e isso mesmo nas barcas bandadas, que se queriam entornar com elas. Húa barca em que ia Gonçalo Gonçalvez Borjas deferio por fazer viagem pera Restelo, e o vento contrairo a levou per força caminho de Sacavém, e assi fez a outra em que ia Mem Rodriguez de Vasconcelos.

O Mestre quisera também fazer vela, e vendo a maré e vento contraio, e que era muito peor deferir, saiu-se em terra e as gentes com ele. As barcas eram navios pequenos, e nom podiam empecer aos grandes, mormente per tempo a elas contraio, e desarmarom-se como os navios.

Ora fazendo a nao de Rui Pereira e as outras aquel bordo que dissemos contra Almadá, e vindo as galés de Portugal todas a remos em escala, em dereito da frota dos émigos, e vendo os castelãos que já as poderiam ter de julavento, desferirom todos assi como estavom pera ir sobr'elas. Dos quaes o primeiro que fez vela, foi húa grande nao que chamavom de Joam d'Arena, que tinha hū batel a meo masto fornecido d'homens d'armas.

Rui Pereira quando vio que as naos iam sobre as galés, com a viraçom que refrescava cada vez mais, temendo que lhe fariam dano polas empachar, mais com avisamento que com sandia ousança como algús disserom, fez em outro bordo, e veo aferrar com Joam d'Arena. E aferrarom com três de Portugal, cinco de Castela, e hū carracom, e empacharom-se as guarnições dhúas com as outras, de guisa que todas iam em húa massa pelejando nom mui devagar, e bem sem piedade. E assi os lançou a maré e o vento contra as barrocas d'Almadá a par de Cacilhas. E este aferramento que Rui Pereira fez com aquelas naos, deu grande ajuda às galés de Portugal, porque as primeiras naos de Castela quiserom dar pelas galés, e enquanto Rui Pereira aferrou e se empachou com elas, passarom as galés que nehúa das outras naos lhe pôde empecer nem chegar. Mas cruel fortuna, havendo grande espaço que durava a peleja, azou entom sa morte daqueste modo.

Em pelejando Rui Pereira, quanto hū valente e ardido cavaleiro podia pelejar, alçou a cara do bacinete que nom podia bem sofrer, e houve húa virotada pela testa, de que em pouco espaço lançou aquel fidalgo o espiritu, que tam cedo nom devera fazer fim.

Ó nobre e valente barom, e verdadeiro português! De quantos entom fuste prasmado, dizendo que per tua sandia ardidez a podendo bem escusar a peleja, e te ir em salvo como as outras naos, te ofereciste a tam mortal perigo! Porém nom foi assi, mas como falava o comum pobo, dizendo que assi como Jesu Cristo morrera por salvar o mundo todo, assi morrera Rui Pereira por azar salvaçom dos outros; de cuja morte o Mestre e todolos da cidade tiveram grande sentido.

As doze naos que eram detrás, vinham-se quanto podiam pera a cidade, e as de Castela todas trás elas, mas nam lhe podiam fazer nojo por o muito vento que traziam. A nao em que vinha Airas Gonçalvez desferrara quando

começaram de se vencer. E seguia'-na¹²² aferrando com ela cinco galés, fazendo muito pola tomar, especialmente hu chamam a Cuba por azo do vento que lhe acalmava emparando-o a altura da terra. E aficavom-na tanto às bestas, que toda a nao e o tréu e os aparelhos eram cheos de viratóes, de guisa que era estranho de ver. E como se a nao houve fora da sombra daquel monte, saiu-se das galés com a maré e vento que tragia, e escapou e foi-se em salvo.

Ó que fremosa cousa era de ver! Em tam pouco espaço, através dhú tam estreito rio, ver cinquenta e sete naos, e trinta galés, todas armadas e bem corregidas, com desejo de empecer húas às outras! Ó que dia de tanto cuidado, mormente dos que na presente peleja tinham gram parte de sua esperança, porque húa cousa julgava o desejo, e outra ordenava a ventuira!

As galés de Castela nom poderom encaçar as de Portugal, nem elas nom quiserom aferrar com elas, porque cada húa galé de Castela tragia trás si húa nao fornecida de gentes d'armas, pera lhe socorrer quando tal cousa comprisse. Nem aferraram outras naos salvo as que dissemos, de que foram tomadas três dos portugueses, e mortos algús dhúa parte e doutra, e os outros todos presos, e feridos boa parte deles. O Mestre andava pola ribeira armado a pé com muitos consigo, recebendo bem as gentes da frota, a qual se lançou junto com terra des as taracenas até porta do mar, e a de Castela se tornou pera Restelo.

CXXXIV

Como trouverom a elRei hú dos escudeiros que foram presos e das razões que houve com ele

Tomadas assi aquelas três naos, e as outras todas postas em salvo, cessou a peleja d'ambalas partes. E os castelãos começaram de poer fora nos batees os portugueses que em elas acharom, tam bem os feridos, come os outros que nehú cajom houverom. E elRei mandou que levassem ant'ele algú daqueles que hi foram tomados que nom fosse refece pessoa.

Os que foram enviados por esto como chegarom à ribeira, virom vinr em hú batel com outros que tragiam a terra, Vasco Rodriguez Leitom, que era hú dos bons escudeiros que hi vinham. E disserom que aquel abastava pera

¹²² seguia'-na] seguia na

dar novas a elRei, do que sua vontade desejava de saber. Levaram-no estonce perante elRei. E a primeira cousa que lhe preguntou, se vinha Nun'Alvarez naquela frota. E el respondeo que nom. Entom lhe preguntou quaes vinham nas galés e nas naos. E el lhos nomeou todos per nome, e da guisa que pelejarom, e como fora morto Rui Pereira, e outras cousas que a esto pertenciam.

E em falando assi com elRei vinha a Rainha pera húa camara, pera acerca donde elRei estava. E Vasco Rodriguez quando a vio, foi-lhe beijar as mãos. E ela que o bem conhecia porque era criado de Gonçalo Vasquez d'Azevedo, olhou-o e disse:

— Ó Vasco Rodriguez, aqui soes vós?

— Aqui senhora, disse ele, à mercê de Deus e vossa.

Passou estonce a Rainha, e ficando el assi, tornou-se onde elRei estava. E elRei sorrindo-se, disse contra ele:

— Ah¹²³ n'ora mala! Que bom beijar de mão este! Vem com a lança na mão contra sua natural senhora pera lhe fazer perder o reino que he seu de direito, e beija-lhe as mãos em modo d'escarnho. Nom haviees vós mester senom quem vos cortasse os beijos e a lingua, por tal beijar de mão qual fazees.

— Senhor, disse el, nom no-lo dizem a nós assi mas fazem-nos entender que esguardando o fundamento desta guerra e como entrastes no reino ante do tempo que nos trautos era posto, e britastes as cousas em el conteúdas, que perdestes o direito que em el haviees. E que nós fazemos razom e o que devemos em defender nossa¹²⁴ terra, pois desta guisa no-la querees tomar.

Pero Fernandez de Valasco, e outros cavaleiros que hi estavom, quando isto ouvirom a Vasco Rodriguez, disserom estonce contra elRei:

— Tomade lá, senhor, que vos dizem. Esto he o que vos nós dissemos per vezes, e nosso conselho nom foi creúdo e fezeistes o que vossa mercê foi.

Falando em esto, tirarom o escudeiro d'ant'el, e levarom-no pera os outros prisuneiros que saíom das naos. E taes hi houve que depois foram rendidos, e algús dados por outros, e deles fugirom e veerom-se pera a cidade. Outros foram levados nas galés pera Sevilha.

¹²³ Ah] Aa

¹²⁴ nossa] nossa nossa

CXXXV

Porque nom pelejou mais a frota com a de Castela, e como elRei mandou combater Almadã

Tendo o Mestre sentido e cuidado de fornecer bem sua frota de gentes pera pelejar com a de Castela por as razões que já som tocadas, começou com os¹²⁵ da cidade d'ordenar por sua defensom, e ajuda, todo o que vio que compria a tam grande feito, e as contrairas cousas que acontecer podiam, leixar em mão da ventuira. E esperando tempo azado pera se esto poer em obra, sobreveo a elRei de Castela mais frota da que tinha *scilicet* vinte e húa naos, e três galés armadas, nom havendo ainda húa somana que a peleja das outras naos fora.

Assi que elRei tinha per toda sua frota, sassenta e húa naos afora as caracas, e dez e seis galés e húa galiota. As quaes mandou deitar ao longo da cidade des Cata-que-Farás até a porta da Cruz segundo a ordenança que tendes ouvida. E vendo o Mestre a desigualdança da frota, e as grandes vantagens que elRei tinha em semelhante feito, conveo cessar do que tinha cuidado.

Em este comeos havendo já acerca de dous meses que a vila d'Almadã era cercada des aquel dia que Diego Lopez foi preso como dissemos, era o logar muito aficado de combatos que lhe davom seus émigos da parte da terra hu tinham seu alojamento. Ca da outra do mar, nehúa cousa lhe podiam empercer, por a grande altura do monte, salvo no tolher da agua que lhe vedarom; o qual lhe foi mor guerra que outras armas nem cavas, nem húa poderosa bombardarda, com que lhe fizeram algús tiros. De guisa que os que dentro eram, que mantinham voz do Mestre, começaram de gostar cousas asperas de sofrer, as quaes he bem que em breve saibaes pois ainda nom foram tocadas.

Onde assi foi que como a frota de Castela veo sobre Lixboa, os moradores do logar se colherom todos ao castelo. E dous batees baleeiros que tinham em que às vezes levavom mantimentos à cidade, quiserom-nos as galés tomar em terra sô o castelo onde estavom em seco, e por os defenderem àquela hora, foram muitos feridos, e nom os poderom levar, e depois os queimarom os do logar por os nom cobrarem os castelãos. Na vila havia assaz de gente que a podesse defender, e doutros estrangeiros que se colherom a ela, que se vinham lançar com o Mestre, e nom poderom por azo da frota.

¹²⁵ os] as

Eles tinham mantimentos de pam e vinho e carnes e doutras cousas pera seis meses e mais, mas nom havia outra agua, salvo dhúa pequena cisterna. E sobr'esta foi posta grande guarda, dando a cada húa pessoa por dia húa canada e mais nom. E nom embargando esto, os da vila saíam fora esperar os castelãos em certos passos, os quaes iam à forragem pelo termo, e a Sezimbra e matavam deles e feriam em tanto que já nom ousavam d'ir senom muitos juntos. E assi esperavam os que iam nos batees a Arrantela e a Amora a roubar de guisa que hū dia matarom mais de trinta todos em húa lama, querendo-se colher aos batees e nom sabendo o porto. E esta saída e tornada quando queriam era pola porta da Barroca, que chamom Meijom Frio, que he contra o mar.

E sendo muitas vezes combatida, e nom lhe podendo fazer cousa de que gram nojo recebesse, mandou elRei que lhe fezessem húa cava per sô terra, a qual começaram de longe no arravalde que ia direita a húa alta torre que está sobre a porta do castelo pera a poer em contos e com fogo a derribar, segundo se costuma. E os de dentro souberom delo parte. E onde os castelãos cuidarom que iam alto per sô terra, forom sair com a boca da cava à carcova da barvacá que os de dentro já tinham cavada muito mais alta do que dante era. E ali pelearom hūs com outros e foi morto o mestre dela e algūs feridos dhúa parte e doutra, de guisa que se nom poderom dela mais aproveitar, a qual hoje em dia parece e podem ver.

ElRei houve gram menencoria quando isto soube, e per seu corpo passou à dita vila, com parte de suas gentes e capitães pera a fazer combater à sua vontade. E mandou que lhe fezessem no campanairo da igreja de Santiago que he preto do dito castelo, hū cadafais forte de madeira, donde el visse toda a vila, e como se combatia.

E quando foi o dia do combate, pose-se elRei em aquel cadafais, e fez a toda sua gente combater o logar todo em redor da parte da terra, porque do mar nom podia ser, por a grande aspreza da altura do monte. E foi combtido com gentes d'armas e de pé, e trons, e bestaria, e fundas de manguela e mantas, e outras artelharias de combate, des hora de terça até depois de meo-dia. Os da vila sentindo que elRei estava naquel cadafais, como quer que del nom haviam combate salvo de setas, ordenarom de lhe tirar com hū trom. E elRei enfadado, que se partia pera comer, sendo na igreja, desparou o trom e deu no cadafais e matou dous homens e ferio três. E mandou elRei afastar as gentes, e nom combaterom mais por aquela vez. E forom mortos e feridos algūs castelãos, e dos portugueses, mortos hū filho de Joam Lobato, e Diego Dominguez filho de Domingos de Santarém, e outros feridos de pedras e de

setas. Porque dos trons que os êmigos queriam deitar dentro nom recebiam dano, porquanto todos passavom e iam dar na agua, por azo da estreitura do logar. Depois mandou elRei levar húa bombardarda que deitava húa pedra que pesava mais de cinco quintaes. E a primeira pedra que lançou foi muito baixa e nom fez nehú nojo. E ao segundo tiro que nom empeceo nada quebrou de tal guisa que nom pôde mais aproveitar.

Vendo elRei que se nom queriam dar per nehúa guisa, prometeo de nunca preitejar com eles, mas que todos andassem à espada. E leixou sobre o logar Pero Sarmento, e Joam Rodriguez de Castanheda com gentes em grande avon- dança, e mandou que os combatessem cada dia, e ordenou de se partir dali.

CXXXVI

Das cousas que passavom os d'Almadã per mingua d'agua

Tornou-se elRei pera seu arreal, jurando e prometendo que nunca lhe desse vagar de serem combatidos, até que per força fossem entrados sem nehúa preitesia.

Onde sabeo que dentro na vila eram hús quarenta cavalos, afora outras bestas de serventia. E quando lhe a agua foi minguando houverom conselho de nom darem de beber às bestas, e foi tanta a sede em elas, que ali onde mijavom os homens, iam as bestas chuchar, e comiam aquela terra molhada. Entom ordenarom de as¹²⁶ lançar fora por as¹²⁷ nom verem morrer. E por os castelãos se nom prestarem delas¹²⁸, lançarom-nas¹²⁹ todas¹³⁰ pela barroca afundo contra o mar. E cada hū lançava a sua¹³¹, e assi forom todas mor- tas. E per mingua d'agua que nom tinham, amassavom o pam com vinho, e coziam a carne e o pescado. E comiam o pam enquanto era quente, e como era frio, nom o podia nenguém comer e assi outras viandas.

Em esto faleceo a agua da cisterna, e foi-lhe forçado tornar a beber outra muito d'avorrecer *scilicet* a que jazia na alarcova que chovera no Inverno, na qual as molheres, ante que fossem cercados, lavavom as roupas enfondiçadas,

¹²⁶ as] os

¹²⁷ as] os

¹²⁸ delas] delles

¹²⁹ lançarom-nas] lamçaromnos

¹³⁰ todas] todos

¹³¹ a sua] o seu

e os trapos dos meninos, a qual era verde e muito çuja. E jaziam em ela bestas mortas, e cães, e gatos que era nojosa cousa de ver, e de noite saíam de dentro homens per cordas a furtrar aquela agua. E quando os castelãos souberom que a daquela guisa tomavam, trabalhavom-se de a guardar. E muitas vezes acontecia de noite e de dia serem sobr'ela mortos e feridos algús dhúa parte e doutra. E esta agua coziam, e cozida a beviã e amassavom com ela.

Depois que esta agua mingou, trabalharom-se d'haver da agua do mar, e de tinas que tinham postas na ribeira pera apanharem agua doce, e deciam per a barroca per hũ caminho que fezerom a tomar daquela agua. E o primeiro dia a trouverom à sua vontade. E os castelãos como o souberom, poserom guarda nela, e os da vila, indo alá, acharom os castelãos que a guardavom. E eles nom eram mais que dez e sete, e dos émigos eram bem cento que jaziam escondidos antre os penedos. E pelejando sobr'a¹³² agua, foram mortos três portugueses, e os catorze mui mal feridos de setas e de dardos. E nom levarom mais que dous odres meos d'agua, e quebrarom-lhe as tinas.

Em esto morria já a gente com sede assi homens e molheres, come moços pequenos. E algús dos que se a ela colherom, se lançavom fora da vila de noite e fugiam por buscar suas vidas. E faziam do logar toda a noite ao Mestre muitas almenaras de fogo, per que lhe davom a entender o grande aficamento em que eram postos, porque doutra guisa lho nom podiam fazer saber, sendo assi cercados per mar e per terra.

O Mestre e os da cidade bem entendiam seu grande trabalho em que eram postos, mas nom lhe podiam prover de nehũ acorro. Porém o Mestre mandou húa noite húa ligeira barca com hũ trom que tirava muito, e polvora, e bestas, e outras defensavees armas. E foi per aquecimento aportar hu jaziam batees de Castela, e foi filhada com as armas, e presos todolos que a levavom. Estonce hũ cavaleiro gascom, chamado per nome Mosse Imam, muito homem de prol e bom homem d'armas, tinha preso Afonso Galo que era regedor da vila, e fora preso na primeira escaramuça quando Diego Lopez Pacheco foi preso. Este cavaleiro trouve ali preso per húa corda Afonso Galo acerca do castelo. E disse aos de dentro que bem sabiam como aquela vila e todo o reino era de direito delRei de Castela. E que muitos logares do reino se lhe derom e davom, e que eles com perfia nom queriam fazer como faziam os outros. Porém fezessem de guisa que nom quisessem ser treedores, e dessem a vila a elRei de Castela que lhe faria por elo muitas mercês. E que el tra-

¹³² sobr'a] sobella

gia perante eles aquel Afonso Galo, que era regedor da vila, e que fizessem o que lhe el dizia, senom que era per força o dito Afonso Galo morrer. E nom quisessem ver sua morte, e dos outros que presos eram, que elRei mandava matar todos.

Os da vila responderom que bem os podia elRei matar se quisesse, mas que a vila nom dariam por cousa que fosse, e que se arredasse dali com sua honra, e se fosse com seu prisuneiro. E el aperfiando em suas razões que todavia dessem a vila a elRei, fizeram prestes hú trom pequeno, e tirarom-lhe d'antre as ameas, e foi tal sua ventuira que deu com ele morto em terra, e ficou Afonso Galo vivo em pé. De cuja morte elRei houve gram queixume, jurando que todos haviam de morrer à espada.

CXXXVII

Como os d'Almadã derom a vila a elRei de Castela

Sendo os d'Almadã em tam gram pressa per mingua d'agua que haver nom podiam, acordarom que mandassem recado ao Mestre mas nom sabiam remedio nem conselho como o podessem mandar. O Mestre isso mesmo que bem suspeitava as tribulações em que eram postos, desejava muito de saber em que ponto eram seus feitos, e nom tinha geito nem sabia maneira como delo podesse haver comprida certidom. Estonce hú homem d'Almadã que veera na frota do Porto, disse que el lhe levaria recado a nado, se o Mestre lho quisesse mandar.

Ao Mestre prouge delo muito, e disse-lhe per palavra as cousas que lhe dissesse. E mais lhe escreveo per carta o que entendeo por seu serviço. E húa noite chegou aquel homem à ribeira do monte e sobio per aquel escuso caminho da barroca, que bem sabia, hu chamom Meijom Frio. E falando aos do castelo que velavom, espantaron-se quando o ouvirom, e conhecendo-o, abrirom-lhe a porta folgando muito com ele. E quando virom que veera a nado, houverom-no por muito. E a conclusom do recado per palavra e per escrito era que lhe mandassem dizer em que ponto eram, e que se tevessem o mais que podessem. E eles lhe fezerom saber quanto haviam passado até ali e que nom tinham agua nehúa, nem sabiam remedio que fazer a suas vidas. E com este recado se tornou logo de noite aquel homem a nado.

O Mestre, vistos seus padicimentos a que se remedio poer nom podia, a cabo de três dias tornou aquel homem outra vez com recado, em que lhe o Mestre mandou dizer que lhe pesava muito do que haviam padecido e que

pois assi era que preitejassem com elRei de Castela o melhor que podessem, e lhe entregassem o logar. Estonce ordenarom de mandar dous homens bons com recado a elRei, como queriam ser seus, e lhe dar a vila. Porém que primeiro nadou aquel homem o rio que he antre Lixboa e Almadá seis vezes, em levar recados e trazer repostas, e sempre de noite.

ElRei sabia já per hũ homem que fora tomado dos que fugiam do logar, como nom tinham agua nehũa, e que morrerom muitas crianças, e morriam cada dia, e que era per força de se darem ou morrerem todos, e tinha vontade de nom preitejar com eles, e tal reposta deu aos que lá forom. E havendo três dias que lá andavom elRei nom os queria ver. E querendo-se tornar, mandou-os chamar a Rainha, e com eles pedio a elRei por mercê que lhes perdoasse e preitejasse com eles.

E a elRei prougue delo e foi a preitesia que elRei lhe segurava os corpos e haveres, e que cada hũ estivesse em sua casa, e fosse senhor do seu, sem lhe tomando nehũa cousa. E assi lho comprio. E aos dous dias depois do trauto, primeiro dia d'agosto, ElRei e a Rainha forom em galés a Almadá, e foi-lhe entregue a vila e as chaves dela e recebido por senhor, padecendo primeiro como dissemos, tantas pressas e tribulações quaes nehũ logar de Portugal padeceo, por serviço do Mestre nem manter sua voz.

ElRei e a Rainha comerom dentro na vila; e chamou os do logar, dizendo-lhe que lhe fossem leaes, e que lhes faria muitas mercês. E algũs lhe pediom algũas cousas, e el lhas outorgou e mandou que os tabaliães escrevessem em seu nome, e se chamassem seus e leixou por juizes os que o eram antes. E pôs na vila por regedor hũ cavaleiro, que chamavom Joam Bravo, e por guarda dela, as gentes e capitães que ante¹³³ a tinham cercada. E logo em esse dia se tornou pera seu arreal.

CXXXVIII

Como foi descoberto ao Mestre o que dom Pedro tinha ordenado de fazer, e da maneira que em elo teve

Muitas graças fez o senhor Deus ao Mestre em começo de seus bons feitos, antre as quaes hũa delas foi descobrir-lhe algũas treições que contra el cuidavom taes de que muito fiava. Porque muitos com travesso desejo e per-

¹³³ que ante] que a amte

verso coração que se pera el vinham, assi pessoas grandes como doutra condição, mostrando-lhe sinal d'amor e serviço, sua perseverança era de pouca dura, segundo em seus logares verees.

Doutros tinha el nom boa sospeita, fazendo-lhe porém grandes mercês, por mudarem sua má vontade. E leixando pouco e pouco o fingimento começado, caíam depois em grande mingua e vergonhosa reprehensom. Antre os quaes segundo se afirma que nodoa tomou de tal erro, foi dom Pedro filho do conde d'Arraiolos, dom Alvaro Perez de Castro, que era já morto segundo ouvistes, que era casado com húa filha do conde dom Joam Afonso Telo e da condessa dona Guiomar, que chamavom dona Lionor. Mas como o Mestre disto soube parte, escreve-se per muitas guisas.

Hús dizem que tendo este dom Pedro de Castro fala feita com elRei de Castela, em que era Joam Lourenço da Cunha, que lhe desse entrada per sua quadrilha, que o falou com Rui Freire, porque era galego como ele, cuidando que lhe tevesse segredo, e que Rui Freire o descobriu ao Mestre. O qual como vio dom Pedro presente muitos fidalgos, lhe disse de praça, como lhe fora dito, e per quem; e que dom Pedro disse que Rui Freire mentia, e que lhe poeria o corpo; e dizendo o outro que bem lhe prazia e outras razões a isto pertencentes, que o Mestre lhe disse que se calassem, e nom curou mais delo, e que assi cessou este feito.

Mas tal escrever he muito errado, por duas breves razões. A primeira nom he de cuidar que hū senhor tam sisudo e discreto como o Mestre, ouvindo húa tam gram cousa como esta que era perda do reino, e de mais sua desonra com grande cajom de morte, a fosse descobrir desta guisa, a quem lha em puridade dissesse. A outra que nom curasse mais delo, e que o leixasse assi passar sem pena, como se fosse feito de jogo.

Outros dizem que Joam Lourenço da Cunha e algús com ele, andavom pera matar o Mestre com peçonha, ou per outra guisa, e dar a cidade a elRei de Castela. E que desta treição sabia parte este dom Pedro que era o principal deles, por razom da guarda de Santo Agustinho que era sua, per cuja porta elRei ou os seus haviam d'entrar.

Mas hū outro autor, a cujas razões nos mais acostamos, falando neste passo, diz assi: que o conde dom Alvaro Perez, e seu filho dom Pedro de Castro estando com o Mestre em este cerco, haviam a guarda dos muros des a porta de Santo André, até porta de Santo Agustinho, tendo consigo pouco mais de cem lanças, afora outros homens d'armas da cidade, por guarda daquela quadrilha; e morto o conde como dissemos, ficou el com as gentes suas e de seu padre em aquela mesma guarda. E que o Mestre soube per

Rui Freire todo o que dom Pedro em este feito tinha ordenado de fazer e quando, mas nom já, que o Mestre o descobrisse. E que de Rui Freire esto dizer ao Mestre, tinha mui grande razom, ca era filho do mestre de Cristos dom Nuno Freire, que fora aio do Mestre d’Avis em sendo moço, por a qual cousa o Mestre lhe tinha grande boa vontade. Desi diz que em esto veo a adoecer dhúa dor de que morreo Joam Lourenço da Cunha, marido que fora da rainha dona Lionor. E quando se confessou de seus pecados, disse a seu abade, como el sabia muitas cousas que eram dano da cidade e do Mestre, e ainda de todo o reino. E o confessor disse que o nom assolveria, nem lhe daria pendenza até que as nom dissesse ao Mestre. Entom foi o Mestre chamado, e falou com aquel Joam Lourenço, e descobrio-lhe muitas cousas, de que se o Mestre avisou.

Antre as quaes foi que dom Pedro de Castro com todos seus vassalos por grande quantidade d’ouro e de prata que delRei havia de receber, lhe tinha vendida a dita cidade. E que aos quinze dias daquel mês d’agosto na noite da Assumpçom da benta Virgem, havia de dar entrada às gentes delRei; os quaes haviam de sobir per escadas postas nos muros quaes compria, e que os ferros pera elas foram feitos em Alanquer. E que o sinal certo das horas a que veessem, havia de ser húa candea posta em húa seteira do muro. Do qual sinal o Mestre sabendo parte mandou poer gentes em guarda acerca daquel logar; os quaes receberam os castelãos quando chegaram com setas e pedras e outras cousas, de que lhe muito nom prougue. E dom Pedro foi logo esse serão preso e todolos seus com ele.

Em outro dia quando foi sabudo pela cidade como esto acontecera, bradavom todos ao Mestre que o mandasse matar de cruel morte. E el os apacificou com boas palavras, sem lhe sendo feito mais nojo. E dhi a húa somana, mandou lançar fora da cidade todos seus vassalos e chegados, tomando-lhe suas armas e quanto haviam, e algús outros galegos e castelãos, e dom Pedro ficou bem preso e arrecadado.

E pois temos aqui a pena, e nom torvamos depois a ordem do que havemos de falar, digamos logo outro bom jogo d’Afonso Anriquez que veo na frota, irmão do conde dom Pedro que ficou no Porto, o qual acompanhava muito com Joam Rodriguez de Sá, mostrando-lhe grande amizade. E foi assi hú dia que Afonso Anriquez, tendo vontade de se lançar com os castelãos, disse a Joam Rodriguez que fossem mirar o arreal delRei de Castela. Joam Rodriguez disse que lhe prazia, e cavalgarom ambos, Joam Rodriguez em cima dhú bom cavalo castanho, e Afonso Anriquez em cima dhúa mula. E estando ambos olhando, disse Afonso Anriquez a Joam Rodriguez:

— Irmão, empresta-me esse cavalo e irei falar àqueles meus parentes. E por lhe falar mais seguro, quero ir em cima dele, ante que em esta mula.

Joam Rodriguez muito descuidado do que el tinha em vontade de fazer, deceo-se logo, e cavalgou ele. Afonso Anriquez como foi em cima do cavalo, falou a Joam Rodriguez dizendo:

— Irmão, queda-te com Deus que eu quero-me ir pera meus parentes.

Entom chegou as pernas ao cavalo, e fugio pera o arreal dos castelãos.

Joam Rodriguez ficou espantado, e teve-se por escarnido dele. E veo-se ao Mestre que achou nas taracenas, e contou-lhe como lhe aveera com ele, desculpando-se que de tal cousa nom sabia parte.

O Mestre que bem conhecia Joam Rodriguez por bom e verdadeiro portugûes filhou-se de rir, e disse que o havia por sem culpa.

Onde sabe que Afonso Anriquez, quando se lançou, nom levou consigo nehû dos seus que com el viviam, que lhe todos tiveram a mal. E os seus choravam porque se daquela guisa fora. E seu irmão lançava gajes ante o Mestre, dizendo que qualquer que dissesse que el daquelo sabia parte, que lhe poeria o corpo. O Mestre ria dizendo que nom curasse de sua ida, que dele nom tinha nehûa sospeita.

Em esto chamou o Mestre todolos da cidade, e ordenarom de se tirar hû pedido de cem mil livras da moeda antiga pera paga do soldo das gentes d'armas, do qual nom foram escusados clerigos nem frades, nem pessoa algûa por honrada que fosse. E afora o que cada hû clerigo pagava por si segundo a renda de seu beneficio, todalas egrejas e moesteiros derom ajuda de prata em cruces e calezes e outros ornamentos pera fazer a dita moeda.

Seguiu-se estonce que aos dez e nove dias do dito mês foi o sol eclipse ao meo-dia e perdeo sua claridade, estando entom em sino de leo, a qual cousa foi espanto a todos. E deziam os astrologos que senificava em casa real gram mortindade de gente honrada. E assi aconteceu depois nos grandes senhores delRei de Castela segundo adeante ouvirees.

CXXXIX

Como as galés de Castela quiserom tomar as de Portugal, e do que sobr'elo aconteceo

Jazendo as naos de Castela daquela maneira e as galés acerca de Santos, vogavam muitas vezes perante a cidade contra Exobregas ao longo do rio, lançando muitos trons e viratões à frota de Portugal que jazia encalhada

acerca dos muros *scilicet* as naos junto com o muro do Paço da Madeira, com mastos através e outras defensões deante, por razom dos trons que lhe tiravam. E as galés logo acerca. Porém prazia a Deus que nehú lhe empecia, nem isso mesmo às gentes de dentro.

ElRei de Castela ia às vezes nelas, por avisar e olhar a cidade. Desi tornavam-se as galés, e elRei ia-se pera seu arreal. E vendo elRei como as galés de Portugal nadavam com a maré quando vinha e de baixa-mar ficavam em seco, desi as poucas gentes que em elas estavam por guarda, cuidou como as poderia tomar todas. E mandou chamar patrões e alcaides, e outros que desto haviam conhecimento, e descobrio-lhes toda sua tençom, e o que sobr'esto havia cuidado.

E louvando eles as razões delRei, e quanto sobr'esto pensara, derom-nas logo por tomadas, da guisa que o elRei dizia. E fezerom-lhe pergunta se queria ele que lhas queimassem todas, ou que as trouvessem como jaziam. E elRei disse que lhe nom queimassem suas galés mas que lhas trouvessem o mais em salvo que ser podesse.

— ... Ca as galés, disse elRei, som minhas e nom as quero dessa guisa perder.

E esto dizia ele dando a entender que as galés e o reino todo era seu, e quanto em el havia.

Entom esses capitães e homens mareantes com que elRei isto falou ordenarom per esta guisa: que aos vinte e sete dias daquel mês d'agosto que seriam as auguas vivas, e a maré chea na alva da manhã, as gentes das galés se armassem todas de noite levando poucos galiotes, e besteiros e homens d'armas muitos, e todolos grandes batees das naos se corregessem e fizessem prestes. E esto fosse assi calado e assessegadamente feito, que nom fosse visto nem sentido pelos da cidade. E que o conde de Maiorgas com quatrocentos homens d'armas e peões e besteiros, combatesse des a porta de Santa Cateлина até Cata-que-Farás, e pela ribeira se podessem e cobrassem a estacada. E que àquela porta combatessem quinhentas ou seiscentas lanças com muitos pavesados e bestaria, mostrando que quiriam per ali combater, e de feito combatessem rijamente, por éavessar os da cidade acorrendo a desvairados logares. E o conselho era mui bom, se as gentes foram poucas espalhando-as per muitas partes. Mas hi havia tantas companhas e assi abastantes pera a defender, que ainda que se toda arredor combater podera, o que ser nom podia, hi havia bem quem torvar seu combate.

Veo aquel sabado que tinham devisado de combater e bem cedo pela manhã, quando queria sair o sol, começaram as galés de vogar d'a par de

Santos hu jaziam ao longo da ribeira, e os batees pavesados e armados como compria. O conde de Maiorgas vinha isso mesmo per terra com muitas gentes pera combater ao longo do muro, e outras muitas à porta de Santa Cateлина segundo era ordenado, e esto todo feito mui trigosamente.

As velas da cidade, quando esto virom começaram logo repicar na Sé, e também nas quadrilhas onde estavom sinos, nom tendo porém sospeita nehúa do que as galés queriam fazer, mas pensaron que iam remando ao longo do rio, segundo que dante haviam em usança. E por as gentes que per terra vinham, começaram d'acudir aos muros daquela parte, onde os émigos faziam mostrança que queriam combater, dormindo ainda muitos da cidade.

As galés húas com outras jaziam bem juntas, e todas tinham os remos varados, e cada hū fidalgo cuidado de sua, nas quaes sempre leixavom gentes de reguardo como melhor entendiam. As dos castelãos vindo em dereito da cidade, remaron todos rijo pera terra, e leixando as ancoras por de ré começaram d'aferrar com elas por proa e os batees armados antr'elas, por tal que supitamente e improviso as podessem todas tomar. Mas nom poderom aferrar com todas.

E assi como aferrarom, com a muita bestaria e homens d'armas que traziam, magoavom mui mal essas poucas gentes e galiotes que em elas estavom, sem percebimento de tal defensom. De guisa que pero as defendessem o melhor que podiam, já deles muitos feridos e outros sem feridas começavom deseparar as galés. Os da cidade acudiam rijamente polos ajudar, mas dava-lhe gram torva as portas çarradas acerca das galés, e nom podiam vir à ribeira, salvo per porta dali alongada.

O Mestre que estava nos paços, quando ouviu repicar, e vio como as galés aferravom com as suas, veo-se a cavalo muito a pressa à ribeira com muitos bons homens que o seguiam e entrou pela porta da Taracena muito contra vontade do conde dom Gonçalo, que com covardo coração lhe dizia que nom saísse fora até que visse que cousa era. O Mestre nom curou de seu dito, e meteo-se pela ribeira dizendo aos seus que entrassem nas galés, esforçando-os quanto podia. As gentes creciam cada vez mais, cobrando esforço com sua presença, per cujo azo tomavom mor ousança de as defender quanto podiam. Húa galé em que entrou Afonso Furtado jazia de través e nom ao longo. E duas galés veerom por aferrar com ela. E ele fez fazer banda contra terra, e a banda contra o mar estava alta, e as duas galés lhe derom com as proas no costado. E a galé se defendeo mui bem, porque tinha a banda sobr'eles, e ferio assaz das outras galés, e nom foi tomada.

Em esto húa galé de Castela que estava aferrada com outra de Portugal de que era patrom Fernam Nunez Homem, comendador da ordem d'Avis, foi entrada per força dos êmigos. Mas esto foi depois que Afonso Goterrez de Padilha, hû bom cavaleiro castelão que andava com o Mestre, foi derribado com feridas. Porque enquanto ele esteve na proa com húa lança nas mãos e bacinete sem cara, nehú pôde em ela entrar, por muito que se delo trabalhasse. E tendo já quatro viratões chantados no rostro, e pelejando assi com eles, alçou o braço por fazer hû golpe e veo hû dardo per aquecimento, o qual entrando per sô o braço, lhe apontou dentro na boca. E reteúdo per tal ferida, deu logar a lhe darem outras com que foi forçado de cair da proa afundo. Entom entraram os castelãos a mao seu grado dos que a defendiam chegando per força bem até meatade.

As gentes da ribeira quando virom que outra nehúa galé nom era entrada se nom esta, e que estava em ponto de se perder, começaram de bradar aos do muro que lhe deitassem machados pera arrombar, que a nom levassem os castelãos, e foram-lhe deitados.

E começando de dar na galé, era hi presente Joam Rodriguez de Sá, barom de notavel fama e muito bom homem d'armas. E vendo tam apressurada peleja dentro na galé, como cavaleiro mui prestes de maravilhosa ardi-deza, per cima dos remos por lhe acorrer, em pés e em mãos com a lança sô si através, leixou a galé em que estava, e hû seu homem de pé com ele, e entrou na que os castelãos tomavam. E com a lança nas mãos pela coxia ao longo, começou de o fazer assi, que aos portugueses era gram prazer de ver, e aos êmigos grave de soportar. Ele fez desempapar a galé a quantos castelãos eram dentro em ela, deles feridos e mortos, e outros nom querendo esperar seus golpes, de guisa que a galé foi despachada¹³⁴ dos que a tomada tinham per força.

Em esto acendia-se cada vez mais a peleja, a qual dhúa parte e doutra era mui brava e de grande arroído, assi de brados d'homens e sons de trombetas e repicos de sinos, come de chamar altas vozes «Portugal, e sam Jorge». Outros, «Castilha, Santiago». E nom eram postos em menos pressa, como se já a cidade tevesse parte de seus êmigos dentro no muro, e outros provassem pera entrar.

Bradava o Mestre que fezessem algúas cousas que via que compriam trigosamente. E o grande arroído das gentes e som das armas com que pelejavom empachava tanto seu mandado que parecia que mandava em vão.

¹³⁴ despachada] despachada

Duas cousas fazia ser esta peleja mui forte e descomunal da parte dos castelãos. A primeira, desejo grande de tomar as galés por que vinham, que ligeiramente cuidavom cobrar como ficaram a elRei seu senhor. A segunda, determinado tempo que mais durar nom podia pera pelejarem, que enquanto as galés podessem nadar. Da parte dos portugueses outrossi¹³⁵ era mui ferida, tendo-se todos por mui escarnidos, perdendo-as daquel geito per despercebimento.

E posto que nós louvemos Joam Rodriguez e Afonso Goterrez, que eles faziam tam boas façanhas, nom entendaes vós porém que eles sós defendiam as galés sem outrem pelejar por as defender. Mas estes e algús fidalgos que aqui nom nomeamos tinham tam grande vantagem ante os outros homens d'armas, como bravos touros metidos em corro, em companhia de manso gado.

O Mestre andava a cavalo pela ribeira como dissemos, fazendo entrar as gentes nas galés metendo-se no mar com aficamento. E na agua veo hũ viratom e deu-lhe na espadoa do cavalo. E o cavalo sentindo-se ferido, caiu logo com ele na agua. E foi o Mestre sô a agua armado como andava com bacinete sem cara. E a gente que era toda ocupada cada hũ onde melhor podia, nom o virom. E sem sendo acorrido de nehũ, quando se sentio sô a agua fora da besta, pôs as mãos nos joelhos e alçou-se em pé. E achou-se tam alto que lhe dava a agua per sô a barva; e quando se assi viu, saiu-se fora da agua. E algús que o assi virom, chegaram-se a ele logo, e trouverom-lhe hũa mula em que cavalgou. E el tornou a seu primeiro officio d'esforçar os seus, e os fazer entrar nas galés pera as defender.

Ora assi aveo per aquecimento que esta galé de Castela de que era patrom Vasco Perez de Meira, que entrou a de Portugal, que foi livre per Joam Rodriguez, quando juntou ao aferrar, caiu a mão da sua ancora pela argola da ancora que chamam anete, da galé com que assi aferrou. E aquela galé de Portugal jazia em dereito da porta do açougue e tinha hũ proiz per hũa larga agulheira adentro dos muros da cidade. E vendo hũ homem enquanto pelejavom, como as ancoras assi estavom empachadas, meteo-se em hũ cópano preso a banda da galé, e foi amarrar bem hũa ancora com a outra.

O mui sem medo e bom de Joam Rodriguez, pero estevesse já muito ferido, nom se contentou do que feito tinha, de que era assaz de louvar em tolher daquel geito aos castelãos a galé que tomada tinham, mas ainda se trabalhou de lhe filhar a sua per força. E pelejou de tal guisa com outros que o

¹³⁵ outrossi] outra

ajudavam, que a mão seu grado dos êmigos, saltou dentro na sua galé. Os castelãos vendo como se venciam, quiserom desaferrar e não podiam, ca era aquel logar mui defendido, e não prestava todo seu afam, nem sabiam parte que estavam empachados daquela guisa. Estonce começaram os portugueses de bradar aos do muro que tirassem pelo proiz da sua galé. E começando de tirar, eram os homens e mulheres tantos àquel trabalho, que não achavam onde pôer mão, e tiravam as galés ambas pera terra. Em esto venciam-se a galé cada vez mais, deitando-se muitos galiotes a água, ante que serem mortos ou cativos.

Vasco Perez quando vio que se a galé perdia de todo, e se não podia salvar per nehúa guisa, deo-se pela popa assi armado como andava, e pôs os pés na beira do cópano, e embrocou-se com ele na água, e ali morreo. E assi fizeram outros muitos, os quaes depois que a maré vazou, ficavam em seco, e deles tiravam com redes.

As outras galés pelejaram tanto, até que cansaço e desesperaçom de não poder comprir o que começado tinham as fez afastar afora. E leixaram-se fazer de largo mui anojados do que lhe acontecera, pensando dos que eram feridos. E foram presos e mortos muitos castelãos, e dos da cidade até dez, e ferido Joam Rodriguez de Sá, de quinze feridas e duas no rosto. E acharam na galé que assi foi tomada presoneiros portugueses de sô tilha, e cartas que algú mandavam de Sevilha a seus amigos que lhe levassem das moças chamorras que eram boas servidores.

As gentes que vieram per terra e pela ribeira, como dissemos, pera combater, não empeceo seu trabalho cousa que nojo fizesse, ca mais era feito por torvaçom de éavessar as gentes que por proveito que em elo sentissem. Desi as pedradas e setas foram tantas do muro, que houverom por seu barato de se afastarem dele e da estacada da ribeira.

O Mestre andava vendo esses cavaleiros e escudeiros que eram feridos esforçando-os com boas palavras, e fazendo-lhes mercê, e todos davom graças a Deus que os assi ajudara a defender de seus êmigos.

CXL

Dalgúas cousas que aconteciam aos da cidade com os do arreal, jazendo cercados

Passado aquel dia de gram trabalho assi per mar como per terra, e vendo o Mestre, e os da cidade como lhe fora feito per arte não havendo daquelo nehúa sospeita, poserom nas galés e em outras cousas melhor reguardo e aviso.

E tendo assi elRei a cidade cercada com grande multidom de gentes, desi a ribeira chea e ocupada com suas naves e galés, com que lhe embargava toda ajuda, e mantimento que haver podiam, começou a cidade de sentir maior gasto que dante havia por azo das gentes que veerom na frota, de guisa que sua crença era delRei, sabendo bem disto parte, que a havia de tomar per fame.

Ora mantendo-se assi a cidade o melhor que podia, nom eram estonce em ela mais que até vinte de cavalo. Porque como souberom que haviam de ser cercados, logo mandarom totalas bestas da parte d'além, porque as nom podiam manter durando o cerco longamente. E estes vinte eram assi como Joam Afonso de Beça, e Gomez Garcia de Foios, e Vasco Martinz d'Ega, e Luis Anriquez, e outros taes.

E ainda estes poucos que hi havia nom podiam haver mantimento pera elas, ante compravom os cabeças cheos de palha e livravom-nos¹³⁶ dela, e aquilo lhe davom a comer. E às vezes iam estes de cavalo com homens de pé e besteiros escaramuçar com os émigos, e os do arreal saíam a eles, e envurilhavom-se como he de costume.

Assi que contando per meúdo totalas cousas que em combatos e escaramuças aconteciam a hús com outros, nom abastaria o presente dia dando a vós fastio d'ouvir, e a nós cansaço de escrever. Porém leixando homem destes feitos o que chãmente poderia bem falar, tende aquilo que em semelhantes jogos comunalmente acontece *scilicet* que a ventuira que nom pode aprazer a ambalas partes, às vezes ordenava que os émigos davom com os da cidade até as portas, e às vezes os portugueses com os castelãos junto com o palanque do seu arreal acerca do poço de Santos. Nas quaes dhú cabo e do outro algúas vegadas havia presos e mortos e feridos, e outras vezes nom.

E porque se estas escaramuças faziam nom muito longe da cidade saíam muitos olhar sem levando algúas armas e o Mestre houve isto por mal, porque podiam receber algú dano dos émigos. E mandou que qualquer que fosse ver e nom levasse armas pera se defender ou ferir, que lhe tomassem a roupa. E des entom se cavidarom, e saíam todos com armas.

Em esto aveo hú dia que nacerom novas na cidade, nom foi sabudo per quem, que elRei se passara a Almadá por azo da pestelencia, e que nom estava no arreal senom mui pouca gente.

E alvorçarom-se todos trigosamente e quiserom sair fora pera ir dar em ele, nom somente os homens, mas ainda as molheres, dizendo que queriam

¹³⁶ livravom-nos] liuraromnos

levar lenha pera o queimar. Eles à porta de Santa Caterina, esguardou o Mestre em isto, e disse que nom era bem saírem assi desordenadamente ca per ventuira nom era assi como se dezia, e seria mui gram perigo. Mas que fossem esses poucos de cavalo que hi havia, saber em certo como esto era, e que entom acordariam na maneira que sobr'elo tevessem.

Partirom os de cavalo per outra porta que chamam de Santo Antom, por nom serem vistos dos do arreal. E forom per hū vale acima acerca das tendas dos émigos. Os castelãos quando os virom consigo, começaram de bradar «Armas! Armas!», dando às trombetas muito rijamente. E foi grande alvoroço no arreal, cavalgando a pressa muitos de cavalo, que sempre tinham as bestas prestes e isso mesmo de pé, cada hū como melhor podia. E derom empós eles, e encaçarom hū escudeiro galego que caiu com o cavalo, que chamavom Vasco Gonçalvez que depois foi almoxarife do celeiro, e prenderom-no, e saiu per rendiçom.

E enquanto eles assi forom e tornarom, sempre o Mestre esteve à porta, tendo as gentes que nom saíssem. E quando os virom virn daquela guisa, saiu Fernam Rodriguez comendador de Juromenha, que depois foi Mestre d'Avis, cuja era a guarda da porta aquel dia, com homens d'armas que consigo tinha, pera recolher os de cavalo que vinham fugindo por os castelãos que lhe chegavom acerca. E desta guisa se houvera de perder entom muita gente da cidade, se os ¹³⁷ Mestre nom detevera com sua boa discreçom e aviso.

CXLI

Como elRei enviou cometer avença ao Mestre, e das razões que sobr'elo passarom

Nom curando mais de falar das cousas que no cerco acontecerom, começou a triste morte de mostrar sua sanha mais asperamente contra os do arreal. E isso mesmo contra os da frota, matando nom somente escudeiros e fidalgos, e doutros de pequena condiçom, tantos que era estranha cousa de ver, mas ainda começou de encetar nos senhores de grande estado, de guisa que pôs grande espanto em todos.

Os castelãos vendo-se assi aficados de pestelença que se cada vez mais ateava em eles, bem entenderom que sua estada nom podia ali ser muito,

¹³⁷ o] om.

e que era per força de descercar a cidade, e se partir dela cedo. E disserom a elRei razoando sobr'esto muitas e desvairadas consirações que era bem de mover ao Mestre algúa preitesia, por levar algúa honra de sua vinda.

A elRei pareceo bem por as razões que cada hū dezia e mandou pedir ao Mestre segurança pera lhe da sua parte poder ir falar Pero Fernandez de Valasco que era homem de que elRei muito fiava. Ao Mestre prouve delo, e ao dia que foi devisado de lhe vinr falar, mandou o Mestre algús cavaleiros ao caminho, que ficassem em arreféns com as gentes que vinham com Pero Fernandez, até que el falasse com o Mestre, e se tornasse, segundo da parte dos castelãos fora pedido. Estes foram Joam Afonso de Beça, e Alvaro Gonçalvez Camelo e Afons'Eanes Nogueira, e Mem Rodriguez, e Rui Mendez de Vasconcelos, e outros.

Chegou Pero Fernandez ante de meo-dia em cima dhú bom cavalo, e hū page consigo com húa lança e barreta que ficou com os outros.

O Mestre estava a cavalo com cota e braçaes e húa espada cinta, e húa tabardilha em cima. E quando se virom, fizeram suas mesuras e abraçarom-se. E esto foi antre a barvacá e o muro, à porta de Santa Catelina.

Mas as falas que neste logar foram faladas fez a afeiçom escrever a algús em favor delRei de Castela da guisa que nom acontecerom, dizendo que o Mestre demandava a Pero Fernandez que se a elRei prouguesse de el ficar por governador do reino, até que elRei de Castela houvesse filho da Rainha sua molher, tendo o governmento segundo o havia de ter a rainha dona Lionor, como fora posto nos trautos antre ele e elRei dom Fernando, que el tomaria voz da rainha dona Beatriz, e regeria o reino por ela, tornando-se elRei de Castela pera seu reino, e nom curando mais em ele entrar, guardando a forma dos capitulos em este passo devisada; e que desto lhe faria quaesquer menagens e escripturas que em tal caso comprissem.

E éadem ainda dizendo mais que Pero Fernandez respondeo ao Mestre que elRei seu senhor nom faria tal preitesia per nehúa guisa que fosse. Mas que tanto lhe faria que fossem dous governadores *scilicet* o Mestre hū deles, e outro hū cavaleiro castelão qual elRei quisesse escolher. E que o Mestre deu em reposta que o reino de Portugal nom consentiria que cavaleiro de Castela fosse regedor nem governador dele e que assi se espedio Pero Fernandez, nom se acordando com el em tal preitesia.

Mas quem taes razões vencido d'afeiçom escreveo em favor doutrem, à verdade fez grande enjúria, ca nehú humanal entendimento, ainda que per nós nom fosse escripto, pode consentir que Pero Fernandez veesse por tratar algúa avença com o Mestre da parte delRei seu senhor, e que o Mestre

fosse cometedor dela, ante que a Pero Fernandez requerisse, de mais o que se depois seguio da vinda do priol do Crato que encubertamente calarom. Porém engeitando tal razoado, as falas recontadas em breve se passarom per este modo.

Pero Fernandez disse ao Mestre que el lhe vinha dizer cousas de seu serviço, se a el prouvesse de cair em elas, dizendo que el bem via como era cercado per mar e per terra de seu senhor elRei de Castela, e que os mantimentos eram tam poucos na cidade, que nom havia poder de se manter muito como el bem sabia, e pois que filho de rei era, que se nom quisesse perder de tal geito, mas que preitejasse com elRei seu senhor, de que receberia muitas mercês e acrecentamento em cousa que fosse de sua honra, e que da preitesia que el fizesse com elRei de Castela, que el e Pero Sarmiento, e outros quaes el quisesse lhe fariam preito e menagem, que elRei de Castela lhe guardasse toda avença e concordia em que ambos ficassem. E nom o fazendo elRei assi, que eles deservissem elRei de Castela, e ajudassem o Mestre contr'ele em toda cousa de seu serviço.

A esto respondeo o Mestre que el dezia come bom cavaleiro que era, e que lho gradecia muito, mas que el soubesse de certo, que em qualquer cousa que lhe aveesse sobr'esta demanda que começada tinha, que el entendia que se nom perdia, mas entendia que se ganhava, ca este reino fora de seu padre, e de seus avós, e que ora elRei de Castela o queria sojugar e haver injustamente, contra os trautos que prometidos tinha. E que porém muitos criados delRei seu padre e delRei dom Fernando seu irmão se veerom pera ele pera lho ajudar a defender, e que el com eles, e com a verdade que tinha, entendia com a graça de Deus de o defender, nom somente delRei de Castela, mas de qualquer outro que lhe dano fazer quisesse. E que posto que as cousas nom veessem àquela fim que el desejava assi como el dezia, que el entendia que se nom perdia em elo, mas que se ganhava com muito sua honra, el e todos aqueles que o seguiam.

Sobr'esto passarom mui muitas razões, às quaes o Mestre nunca deu resposta d'abrir algũ começo de preitesia, ca se a dera como algũs escrevem, cuidade que mui aspera fora a convença em que elRei de Castela nom caíra, segundo a pestelença que antre os seus andava e por levar algũa honra de sua vinda.

As gentes estavom olhando pelos muros à de longe, rogando a Deus que os possesse em algũa avença, per que a cidade fosse decercada, por a grande mingua que haviam de mantimentos.

Pero Fernandez vendo que por quantas boas razões dizer podia ao Mestre, nom dava logar a falarem em nehũa preitesia, espedio-se dele com sua graça,

e foi-se pera os seus que o estavam aguardando. E os cavaleiros portugueses veerom-se pera a cidade. E quando Pero Fernandez chegou a elRei de Castela, perguntou-lhe que recado achara no Mestre. E el respondeo dizendo:

— Dae-o ao demo senhor, ca nunca outra razom em el pude achar, de quantas cousas lhe falei, nem outra reposta que me respondesse salvo «Nom, nom, nom, nom».

ElRei houve disto menencoria e disse que nom curava delo, que per ventuira el lhe requereria depois avença em tempo que lhe seria mui má d’haver e outras taes razões.

Dom Pedro Alvarez priol do Espital que hi estava, que era gram privado delRei e muito amigo do Mestre, e seu compadre, disse que el lhe queria ir falar, e que entendia que el o demoveria e saberia del toda sua entençom. ElRei por o presente nem depois per dias nunca em elo quis consentir. Acima per aficamento dos seus, desi por a pestelença, que cada vez era maior, houve-o d’outorgar. E havendo já vinte e dous dias que Pero Fernandez veera falar ao Mestre, lhe veo falar o priol, e vinha com el o conde de Maiorgas mas nom pera falar.

E prepostas totalas razões que o priol em tal feito bem pôde dizer, outra reposta nom pôde haver do Mestre, salvo a que dera a Pero Fernandez, e espedio-se del e foi-se. Da qual cousa elRei houve mui gram queixume, dizendo que jurava a Deus que nunca lhe mais cometesse avença, nem se partisse de sobre a cidade, por cousa que avinr podesse, até que a per fame, ou força d’armas cobrasse como desejava. Entom entenderom todos, assi os da cidade como os do arreal, que esta nova e grande guerra nom se havia de partir per avença e preitesia mas per ferro e espargimento de sangue.

O priol tendo daquesto sentido, por éavessar Nuno Alvarez seu irmão, e o poer em desacordo com o Mestre, escreveo-lhe húa carta em que lhe fazia saber que elRei de Castela preitejava com o Mestre suas avenças de que lhe muito prazia, mas que lhe pesava muito, porque na preitesia que tinha trautada nom fazia dele nehúa mençom, tendo-lhe feitos tantos bons serviços.

Nun’Alvarez quando vio tal carta, bem entendeo que esto nom era salvo por o desviar do serviço do Mestre. E respondeo-lhe per outra que se o Mestre seu senhor fazia com elRei algúas avenças de qualquer guisa que fosse, que ele o conhecia por tal e tam bom que ele nom faria nehúa preitesia, salvo com sua honra e de todolos seus, mas que se maravilhava muito d’ele haver tam pouco tempo que andava com os castelãos, e saber já tantas castelánias.

Onde sabeo que no seguinte dia depois que o priol falou ao Mestre, que era o postumeiro d’agosto, depois de comer, veo do arreal o conde de Maiorgas

muito acompanhado de bons homens, e recebo por molher dona Beatriz filha do conde dom Alvaro Perez de Castro já finado, sendo o Mestre presente, que a levou de redea, e o conde dom Gonçalo, que os meteo per mãos, e outros muitos cavaleiros e fidalgos, e levarom a noiva pera o arreal, e sua madre com ela.

CXLII

Como o Mestre determinou com os de seu conselho de pelear com elRei de Castela

Tardando toda esperança e humanal ajudoiro, que o Mestre haver podia dos logares e pessoas a que o requerido tinha, per torvaçom de fortuna segundo ouvistes, e nom dando logar a nehúa avença que lhe elRei de Castela mandasse cometer, propôs em sua vontade e conselho de nunca cair em nehúa preitesia que lhe cometida fosse. Mas ou de todo ponto poer o reino em aventureira e sua honra e vida e estado, ou de tal guisa trabalhar por defensom dele que nunca fosse sujeito a Castela.

E vendo como os mantimentos eram gastados, desi as cousas que já som tocadas, e outras que adeante ouvirees em mor acrecentamento, determinou de fazer aquelo que nom convinha se nom a grande e forte coraçom *scilicet* ante que a mingua fosse mais acesa, e outras cousas que se recrecer podiam, que se juntassem todos e fossem pelear com elRei de Castela; e que sendo deles vencido o que eles em Deus esperavom, que cobrariam tam grande honra, qual de longos anos nom fora ouvida; e avindo per contrairo, o que ser podia, que morreriam come bons e honradamente, ante que serem sojeitos de quem nom deviam.

E posto que vissem grande cavalaria de seus émigos, e muitos e notavees perigos em tal feito prestes, acordarom em toda guisa que o postumeiro remedio deste feito era pelear com elRei de Castela, à ventuira que lhe Deus dar quisesse, esperando em el que seria boa. Mas esta peleja razoavom per desvairados modos.

Hús deziam que veesse Nun'Alvarez d'além Tejo com suas gentes, e todos juntamente saíssem a pelear com elRei. Mas esto era mao de fazer porque hi nom havia em que passassem escusamente, salvo hús poucos de batees pequenos, em que tantos vinr dhúa vez nom podiam. E posto que tantos hi houvera em que vinr podessem, era com gram medo e perigo por a frota de Castela que tinha o rio tomado.

Outros acordavam que era melhor que se passasse o Mestre com as gentes que tinha nas galés da parte d'além e que as queimassem logo todas por as nom tomarem os castelãos. E que se juntasse com Nuno Alvarez, e que veessem todos per arredor pelejar com elRei de Castela. Mas esta razom desfaziam muitos, dizendo que a cidade ficava em tanto em mui gram dúvida e perigo.

E depois de muitas razões quaes podees entender que se em tal cousa fariam, finalmente foi acordado que o melhor conselho pera tam gram feito era mandar recado a Nun'Alvarez, que a hũ dia certo e hora, o mais caladamente que ser podesse, veesse dar no arreal com suas gentes, e que entom saísse o Mestre com todos da cidade. E que desta guisa haviam feúza em Deus que desbaratariam seus émigos muito mais a seu salvo.

Entom escreveo o Mestre a Nuno Alvarez, como a frota do Porto chegara a Lixboa, e como nom podera pelejar com a de Castela, por ser muita mais e melhor armada, e o tempo nom bem azado pera lhe socorrer com ajuda. E que a cidade ficara cercada da parte do mar assi como dante era, por a qual razom, se à primeira era minguada de mantimentos, agora o era e seria cada vez muito mais, mormente por as muitas gentes que sobreveerom na frota. E porque de dia em dia a esperança de se poder defender minguava, que el tinha determinado e acordado em seu conselho de sair com as gentes da cidade a pelejar com elRei de Castela. E que el além das trezentas e vinte lanças que consigo entom trazia, juntasse as mais que podesse, e veesse d'arredor pera aquel dia e hora que ambos devisassem se poer esto em obra. E que el fezera alardo das gentes que consigo tinha, e que achara de lanças do soldo, mil e seiscentos homens d'armas, e dos moradores da cidade quatrocentas lanças, e muitos peões e besteiros; e que porém lhe fazia saber todo, pera lhe responder sobr'elo e encaminhar a maneira que em esto houvessem de ter.

E se algũs contam que o Mestre lhe escreveo que se veesse aos Montijos com todos seus, por quanto el queria passar além Tejo, pera juntar gentes, e virn pelejar com elRei de Castela e que Nuno Alvarez veo ali, esto era por falar com ele a maneira que tevessem na peleja, mas nom por desemparar a cidade e a deixar em poder de muitos, de cujo serviço nom era bem seguro; a qual cousa se fazer nom pôde.

Nun'Alvarez foi ledto com este recado, como aquel que d'honrosos feitos era mui desejador, e disse aos seus como lhe o Mestre escrevera todo o que se passara até entom, e o ponto em que já estavom. E que pois a cidade era cercada per mar e per terra, e nom podia ser acorrida de mantimentos que era gram dúvida poder-se defender que muito fosse, e sendo Lixboa tomada,

que o reino era todo perdido. E que porém lhe parecia que era bem que leixassem ali toda a carriagem que se escusar podesse e nom levassem mais mantimentos que quantos avondassem até Lixboa; e que húa madurgada amanhecessem sobre o arreal delRei de Castela; e que nom curassem de guardas que achassem, nem doutro nehú embargo, salvo que todos juntamente fossem direitos à casa onde elRei pousava; e trabalhando-se os do arreal de o querer defender, que pelejassem com eles. E que ele enviaria dizer ao Mestre que em aquel dia e aquela hora saísse com as gentes da cidade a os ajudar, e que esperava em Deus, e na sua preciosa madre que levariam sua obra em deante com muito sua honra. E quando doutra guisa fosse, o que Deus encaminharia per contrario, que muito melhor era morrerem todos ali honradamente arredor das faldras dhú tam nobre rei, que os andar ele depois apanhando de logar em logar come perdigotos e enforcá-los hús e hús pelos sovereiros.

Ouvido esto que Nuno Alvarez propôs, responderom os seus e disserom que o conselho era mui bom e bem acordado, mas que Lixboa nom estava ainda em tamanho aficamento per que se devessem de poer em tam grande aventura, mas que aguardassem per algús dias, até que vissem o que Deus em esto queria obrar. E quando a cidade vesse a tal aficamento, que outro cobro hi nom houvesse, que esto lhes ficava fazer à derradeira.

E posto que Nun'Alvarez muito tevesse em vontade de se logo esto poer em obra, pero porque seu costume era consentir aos do conselho nas boas e aguisadas razões outorgou-se com eles em esto, mormente que pera tal obra, bem he de entender que nom compria de irem nehús senom com viva e leda vontade. Da qual depois dezia Nuno Alvarez per vezes que quando el cuidava como eles eram mui poucos e os outros muitos e bem corregidos, que lhe parecia hū forte feito e mui receado de cometer. Doutra parte quando esperava em Deus com firme feúza que haviam de vencer elRei de Castela, que lhe semelhava que os via fugir pera Sintra e pera Cascaes, e pera os outros logares que tinham sua voz. Escreveo entom ao Mestre o acordo que com os seus houvera, e todo o que naquel feito entendiam de fazer.

E desta guisa estava a cidade esperando aquel dia da mercê de Deus, ca já doutrem nom entendia ajudoiro nem acorro. A qual leixemos com esta esperança, sem mais por ora falar de seus feitos, e vamos saber que fez Nun'Alvarez depois que partio de Punhete, e chegou à cidade d'Evora.

CXLIII

Como Nun'Alvarez ordenou de tomar Monsaraz per arte, e de que guisa foi filhado

Estando Nun'Alvarez em esta cidade, por acudir a qualquer parte que os émigos quisessem fazer guerra, soube novas como Gonçalo Rodriguez de Sousa que tinha o castelo de Monsaraz, e se lançara com os castelãos, mandara àquele que por el tinha o castelo que alçasse voz por elRei de Castela e tevesse o castelo por ele. Da qual cousa Nun'Alvarez foi mui anojado por o logar ser no extremo, e donde ele algúas vezes entendia d'ordenar cousas por serviço do Mestre. Desi porque tam bom fidalgo como ele e outros taes de que o Mestre fiava e fazia mercês nom andavom sámente em seu serviço segundo algús per obra mostravom. E que ora se parecia que era verdade a sospeita que dele tomarom no Porto quando ia por capitom da frota.

Onde sabe, pois que o ainda nom dissemos que este Gonçalo Rodriguez era filho de Rodrigo Afonso de Sousa ric'homem, e de Costança Gil molher solteira, de que o houvera em sendo casado.

E desejando Nuno Alvarez de haver aquel castelo, teve húa tal maneira. Soube per certa enformaçom que o escudeiro que era alcaide nom tinha consigo salvo sua molher e poucos homens, e que estava minguido de mantimento. E falou Nun'Alvarez com hũ escudeiro de que fiava e deu-lhe por parceiros até dez ou doze, que se fossem lançar húa noite no arravalde do logar, e que el da outra parte do castelo mandaria lançar cinco ou seis vacas afundo em hũ vale que hi há, como que andavom deseparadas e ficarom dalgũ roubo que os castelãos levarom, e que entendia que o alcaide sairia a elas pela porta que chamam Çolorquia, e nom curaria de a fechar por trazer as vacas pera o castelo. E que eles tevessem atalaia com ele que como o vissem sair do castelo, que logo em ponto saltassem todos dentro, e fechassem as portas sobre si a pressa.

Os escudeiros foram alá e deles se meterom em algúas casas mais chegadas bem acerca do castelo, e outros trás penedos e barrancos que som juntos muito preto. E sendo as vacas ante manhã lançadas onde Nuno Alvarez ordenara, alçou-se o alcaide e vio-as andar naquele vale. E como as vio teve que Deus lhe tragia boa ventuira pela porta, e saiu-se logo rijamente de guisa que com aguça de ir às vacas, nom curou de a fechar, nem mandar poer em ela guarda pensando de se tornar logo com elas.

Os escudeiros que sobr'ele tinham guarda, como o virom sair fora foram-se logo rijos à porta e entrarom no castelo, e lançaron a molher do alcaide e

os que com ela estavom fora, e fizeram saber a Nun'Alvarez como o castelo era filhado. Da qual cousa el foi mui ledo, e mandou em el poer recado qual compria, e feze-o saber ao Mestre a que muito prougue.

CXLIV

Do recado que Joam Rodriguez de Castanheda mandou a Nun'Alvarez, e do que sobr'elo aveo

Nun'Alvarez sendo assi em Evora, chegou-lhe recado e soube de certo que hũ grande e mui notavel cavaleiro que chamavom Joam Rodriguez de Castanheda, que era capitam de trezentas lanças, e Garcia Fernandez comendador-mor da ordem de Santiago, com outros cavaleiros e mui boas gentes chegara a Badalhouce dizendo que o queria ir buscar, e esta vinda escrevem algũs que foi per mandado delRei de Castela.

Nun'Alvarez como esto ouvio, foi-se logo caminho d'Elvas ante que Joam Rodriguez partisse de Badalhouce polo escusar de trabalho.

Joam Rodriguez como soube que Nun'Alvarez era em Elvas, que som dhi três legoas, mandou-lhe dizer per hũ seu trombeta que bem sabia como seu senhor elRei de Castela era rei de Portugal de dereito. E que se lhe a ele prouguesse de o servir e ser seu vassalo, que el haveria com elRei que acrescentasse em el, e lhe fizesse muitas mercês. E que se o fazer nom quisesse, que ele o iria buscar, e que o aguardasse ali, que logo em outro dia seria com ele pera lhe poer a praça se el a ela quisesse vir, ca bem via que fazia mal em dar a elRei guerra em sua terra.

Nun'Alvarez recebeo bem o trombeta, e mandou-o logo agasalhar. E deu-lhe depois em reposta que dissesse a Joam Rodriguez que el bem sabia que nos trautos que elRei de Castela fezera com elRei dom Fernando quando casara com sua filha, eram conteúdos certos capitulos os quaes ele nom guardara, e se veera meter no reino contra o juramento que feito tinha. E que el enviasse dizer a elRei de Castela que se alçasse de sobre Lixboa e se tornasse pera sua terra, mantendo os trautos como neles era posto, e que assi poderiam todos ser d'acordo, e doutra guisa nom. E na parte que dezia que o queria vir buscar e lhe poer a batalha que lhe prazia muito de sua vinda, e que ele lhe teria bem feito de jantar. E com esta reposta se partio o trombeta em outro dia na manhã, e ainda nom iria fora das vinhas, pouco mais de dous tiros de besta, e Nun'Alvarez mandou dar às trombetas, e saírom com ele os da vila tam ledos, como se fossem pera a voda, assi os homens d'armas como peões.

E seriam per todos com os de Nun'Alvarez até quatrocentas lanças e peões e besteiros. E Joam Rodriguez teria bem quinhentos homens d'armas, e trezentos genetes, e doutra gente de pé assaz dela, assi dos que consigo trouxera, como dos moradores do logar.

E em contando o trombete a reposta que levava a Joam Rodriguez e a esses outros cavaleiros que com el estavom, havendo eles todo por escarnho, e rindo de tal reposta, e Nun'Alvarez foi visto onde ia com suas gentes. E eles se maravilharam desto e cavalgarom muito a pressa e saírom fora da cidade, e quiserom embargar o porto da Ribeira d'Odiana que vai per hi acerca e Nun'Alvarez passou a mao seu grado. E ali foi envolta húa mui grande e forte escaramuça e bem pelejada, na qual forom presos até vinte escudeiros de Joam Rodriguez e muitos feridos. E foi-lhe per força dar volta com os seus e lançar-se na cidade e mandou çarrar as portas.

Nuno Alvarez se deteve mui grande espaço arredor do logar, a traito de viratom, aguardando se saíriam outra vez fora pera vingar algú queixume se o tinham, e nehú foi ousado de o mais cometer. E el se veo com suas gentes bem ordenadas pera Elvas donde partira.

CXLV

Como Nun'Alvarez houve recado que gentes se juntavom pera o vir buscar e da maneira que em elo teve

ElRei de Castela havendo gram sanha da guerra e desprazer que lhe Nun'Alvarez fazia naquela comarca dhu era fronteiro, e tendo sentido da morte do Mestre d'Alcantara que fora morto na batalha dos Atoleiros como ouvistes, mandou a hú grande capitom de sua hoste e mui famoso de bom homem d'armas que chamavom Pero Sarmiento adeantado-mor de Galiza que de suas gentes tomasse quantas quisesse e se fosse a Alentejo buscar Nun'Alvarez. E que de morto, ou de preso, em nehúa guisa lhe escapasse; prometendo Pero Sarmiento a elRei, falando com el nesta estoria, que ele o açoutaria no cu como fazem ao menino.

Outros escrevem que dom Pedr'Alvarez priol do Espital, irmão de Nun'Alvarez, e este Pero Rodriguez Sarmiento pedirom a elRei por mercê que lhes desse lecença, que eles queriam ir vingar a morte do Mestre d'Alcantara e que elRei lha deu.

Nun'Alvarez estando assi em Elvas, chegou-lhe recado que muitas gentes de castelãos estavom no Crato, e que do arreal de sobre Lixboa onde elRei de

Castela jazia, haviam de vir pera se juntar com elas, o dito Pero Sarmiento, e o priol do Espital seu irmão, com seiscentas lanças. Nun'Alvarez tanto que esto ouvio teve logo seu conselho, de lhe ir ter o caminho à Ponte do Sor, ante que se juntassem com as outras gentes, e partiu-se a pressa d'Elvas, e andou esse dia com sua hoste sete legoas, e foi-se alojar à Fonte da Figueira que está no cabo do Ameial caminho do Cano. E mandou de noite poer suas guardas e escuitas como havia em costume.

E sendo já alto serão, hūas trinta lanças de sua companhia se alongaram do alojamento do arreal, contra o Cano, por suas bestas passarem melhor, que andavam muito trabalhadas. E levarom consigo hūa trombeta que andava em companhia dhū daqueles que se assi apartarom. E quando veo à mea-noite aquela trombeta, per mingua de bom avisamento, começou de tanger, e foi ouvida no alojamento onde Nun'Alvarez jazia, e cuidarom que eram os caste-lãos que iam buscar, que vinham seu caminho.

E logo Nun'Alvarez mandou dar às trombetas, e foi posto em batalha com todolos seus armados. E assi de pé às tochas foi ordenadamente até hu a trombeta tanger. E como soube o que era, tornou-se pera dhu partira, e defendeo que dhi em deante nehū fosse ousado de se apartar da hoste por cousa que fosse.

Como foi manhã Nun'Alvarez partio caminho da Ponte do Sor, e indo além d'Avis lhe veo certo recado que Pero Sarmiento e o priol seu irmão, e as outras gentes que com eles partirom do arreal pera o Crato passaram per aquel logar, havia hū dia, da qual cousa lhe muito desprougue, e àqueles que eram com ele.

E dali se tornou ao Cano, onde forom bem pensados de figos ca outro mantimento nom havia hi por azo da guerra, que nom consentia demorar ali nenguém nem eles nom o tragiom, e dali se veerom a Evora.

CXLVI

Como Nun'Alvarez pôs batalha a Pero Sarmiento e outros capitães e nom quizerom pelejar com ele

Nun'Alvarez em Evora cuidadoso por estes feitos chegou-lhe recado de seu senhor o Mestre em que lhe fez saber que do arreal delRei de Castela eram partidas seiscentas lanças pera se juntarem no Crato com as outras gentes que hi estavom pera lhe irem poer batalha, e que o encomendava a Deus. E enviou-lhe dinheiros pera soldo dhū mês que muito por entom mester haviam.

E logo após este recado, lhe chegou outro que Pero Sarmiento e o priol seu irmão e Joam Rodriguez de Castanheda, e o conde de Nevra e o Mestre d'Alcantara que veera por mestre depois da morte do outro que morreo na batalha de Fronteira, e Martinh'Anes de Barvudo que se chamava mestre d'Avis, e outros fidalgos e escudeiros, que eram per todos duas mil e quinhentas lanças, e seiscentos genetes, e muitos peões, e besteiros, eram todos juntos no Crato. E hi se estavom corregendo das cousas que lhe mester faziam pera sua entrada, e pera o ir buscar e lhe poer batalha. Desi pera roubar e correr todo antre Tejo e Odiana, na peor maneira que o fazer podessem.

Nun'Alvarez mandou logo pela comarca por juntar mais gentes consigo das que tinha. E foram per todas quinhentas e trinta lanças e cinco mil antre homens de pé e besteiros. Em esto partirom estes senhores com toda sua gente do logar do Crato, correndo a terra e chegarom a Arraiolos o qual algús contam que foi combatido e tomado per força. Mas os que mais certos nesto falom, dizem que lhe foi dado per algús nom bons portugueses dos quaes era o principal Gonçalo Mendez d'Oliveira, que era parente da Rainha.

Dali enviou Pero Sarmiento, per hũ cavaleiro de sua companhia, que chamavom Garcia Gonçalvez de Ferreira, a Nun'Alvarez hũa carta mui desmesurada. Da qual Nun'Alvarez nom curou nem quis responder a ela. E mais lhe trouxe hũa espada d'armas de duas mãos e disse que a desse a Nun'Alvarez em gajas e que o desafiasse da sua parte, que se com el vesse ao campo que o entendia d'açoutar no cu come menino.

Nuno Alvarez sem mostrar de si sanha, pero as palavras fossem descorteses, recebeo bem o cavaleiro, e tomou a espada e aceptou a desafiaçom. E mandou que o apousentassem bem, e disse que ele lhe daria depois a reposta. E ordenou logo os que ficassem por guarda na cidade, e todo o al que vio que compria. E houve seu conselho de todavia ir primeiro a eles ante que eles vessem a ele¹³⁸.

No dia seguinte ouvio Nun'Alvarez cedo missas, e mandou chamar aquel castelão que trouvera aquela desonesta carta e desafiaçom, e disse com gesto prazivel:

— Cavaleiro amigo, ora vós i-vos com Deus, e dizee vós a meu amigo Pero Sarmiento e a esses capitães que som em sua companhia que se venham ao caminho quando quiserem, e hi me acharóm prestes como eles desejam.

¹³⁸ a ele] eelle

Garcia Gonçalvez se partiu logo, maravilhando-se muito de sua mesura e aridez. Em esto, estando Nuno Alvarez pera comer, foi certificado que os castelãos se vinham chegando quanto podiam. E como isto soube sem mais comer nehúa cousa, mandou dar às trombetas pera cavalgar. E suas gentes beberom pé terra, cada hũ como melhor pôde, e foram juntos com el mui a pressa. E el partio logo com todos mui ordenadamente, e foi além da quintã d'Oliveira, pouco mais dhúa legoa da cidade, e naquel logar se deteve e esperou os émigos.

Ali comera Nun'Alvarez se tevera que, ca el nom mandou levar azemelas nem outra carriagem, entendendo que tinha a batalha muito prestes, como chegasse, por quanto os castelãos eram muitos e eles mui poucos em comparação deles. Desi cuidava que quem vencesse o campo acharia o que mes-ter houvesse. E buscarom-lhe algũa cousa de comer pela companhia, e nom acharom outra vianda salvo hũ pam encetado, e hũ pequeno de rávom e hũ pouco de vinho que hũ homem de pé levava em húa cabacinha. E estas foram suas iguarias por aquel dia todo, onde esteve com sua batalha posta acerca do caminho, aguardando os castelãos até noite.

Em outro dia pela manhã bem cedo partio, e se foi ao Divor húa legoa daquel logar. E ali ordenou sua batalha pé terra assi como ante. E pôs sua avanguarda e reguarda, e alas d'homens d'armas e peões e besteiros como el bem sabia fazer, e el estava na avanguarda.

Ali veo Pero Sarmiento e o priol e esses outros capitães, e ordenaram sua batalha a cavalo d'avanguarda e reguarda e alas, mui acerca hús dos outros, e leixarom-se estar quedos sem mostrança de pelejar.

Os genetes dos émigos cercavom todolos portugueses, de guisa que d'Evora nom podia nenguem vir pera a companhia de Nun'Alvarez, nem dos seus sair pera a cidade, que logo nom fosse preso. E faziam os genetes algúas remetidas nos homens de pé e onde melhor entendiam, mas todo achavom prestes de defensom sem lhe poder empecer.

Os castelãos assi per grande espaço, receando começar a batalha, mandaram dizer a Nun'Alvarez que bem via que seu jogo era departido, e que de tal entençom qual tinha nom curasse. Ca bem visto era que nom havia em el defensom mas que todavia se tornasse a serviço delRei de Castela, que o acrecentaria, fazendo-lhe muitas mercês, como as el bem merecia, e que este era mais são conselho que se perder com quantos ali estavom. A estas e outras taes razões, Nun'Alvarez em breve disse ao messegeiro que daquelas palavras nom curasse, mas que se fosse em boa hora e que dissesse àqueles senhores que o a el enviarom que lhe parecia que nom era bem de se o tempo assi pas-

sar de balde. Pois que o desafiar mandaram, que pouco faziam de sua honra serem tantos e tam bem encavalgados, e eles polo contrario e tardarem tanto de nom vinrem à batalha que veerom buscar, e tinham tam prestes como el bem via. Ca pois eles eram a cavallo, e vinham demandar a batalha, que eles a deviam de começar primeiro, ou que ordenassem eles sua batalha pé terra, e que ele os iria cometer; e que porém lhe prouvesse de todavia vinrem a ela.

A estas razões nom tornarom os castelãos, mas leixarom-se estar assi com sua batalha posta, e per noite se afastarom hũ pedaço, e assentarom seu arreal.

Nun'Alvarez vendo que os castelãos faziam esto com sajaria pera os esfaimar, havendo já dous dias e hũa noite que eram fora da cidade sem mantimentos, e que ao recolher os poderiam matar a seu salvo sem batalha, ordenou de se tornar aquela noite a Evora, pera em outro dia tornar à batalha percebido de mantimentos, se lha quisessem poer. A qual noite foi de grande tempestade d'agua e de sarraçom, e o recolhimento perigoso, de guisa que algũs éalhevom a terra, e nom sabendo vinr pera a cidade iam dar no arreal dos castelãos, e ali os filhavom e tomavom por prisioneiros. Outros ficavom pelas vinhas comendo uvas, e ali os achavom seus êmigos e prendiam e matavam.

Nun'Alvarez chegou alta noite a Evora, e quando veo na manhã, soube que os castelãos levantarom seu alojamento e iam caminho de Viana, duas legoas d'Evora. E como eram bem encavalgados correrom a terra, e levarom o mais roubo que poderom, e foram-se pera Arraiolos. E dali partirom deles pera o Crato. E Pero Sarmiento e Joam Rodriguez de Castanheda, e outros cavaleiros até setecentas lanças, caminho de Lixboa per Almadã, desi ao arreal delRei de Castela.

E foram falar a elRei, do qual foram nom bem recebidos, por nom pelear com Nun'Alvarez segundo ficaram de pelear. E escusando-se eles com frias razões foram mui disditos delRei, dizendo contra eles que lhe nom podia Nun'Alvarez mais fazer, ca lhe poer a praça no campo, esperando dous dias a batalha, e com covardice nom ousarom de pelear com ele. Desto tiverom grande sentido Pero Sarmiento e o priol, vendo a gram mingua que per eles passara.

CXLVII

Como Nuno Alvarez ordenou de ir a Almadã sobre Pero Sarmiento e do que sobr'elo aconteceo

Grande sentido teve Nuno Alvarez do geito que os castelãos com ele tiveram em lhe fazer poer a praça duas vezes nom querendo vinnr à batalha, e esto por o desbaratarem per sajaria d'arteirice, e nom per razoada ardidez, pois muitas mais gentes e melhor corregidas eram. Desi roubarem daquela guisa a terra de que ele estava por fronteiro, teve-se por escarnido deles. E cuidou de lhe ordenar semelhante jago, ou com melhoria se o fazer podesse.

E per suas enculcas que a Almadã mandou, soube parte do que Pero Sarmiento e Joam Rodriguez de Castanheda, e outros algũs fidalgos faziam. E tendo vontade de vinnr sobr'eles, como pera elo visse razoado tempo, juntou suas gentes que passariam de trezentas lanças afora homens de pé e besteiros poucos, e veo-se com eles a Palmela, e ali se deteve, e ordenou sua ida. E se alguém aqui diz que Nun'Alvarez desta vegada tomou o castelo de Palmela, a isto nom damos fé, nem está em razom de crer, ca os logares do mestrado de Santiago sempre tiveram voz por Portugal, depois que mestre dom Fernand'Afonso d'Albuquerque se veo a Lixboa como dissemos. E se o el estonce tomou, que se fez dos castelãos e do alcaide que nele estava e tinha voz por Castela, ca todolos logares que sua voz mantinham, em todos elRei pôs alcaldes e gentes que os guardavom? Bem fora pera esto provar dizer sequer o nome do alcaide e muito em breve como fora tomado, mormente logar tam forte e tam mao de filhar, mas parece que nom houve lecença pera o dizer.

Em outro dia foi Nun'Alvarez por espaçar, correr monte, nom longe da vila, e matou hũ grande e fremoso porco, o qual mandou poer em cima dhũa boa azemela, e quatro homens de pé com ela, e hũ escudeiro a que deu cargo de o apresentar, que chamavom Gonçalo Martinz Farazom.

Ora aqui escrevem algũs que Nun'Alvarez mandou este porco em presente a Pero Sarmiento e que lhe mandou dizer que a poucos dias o iria ver. E que Pero Sarmiento foi ledo com ele e que o mandou logo a elRei de Castela ao arreal, e que enviou dizer a Nuno Alvarez que lho gradecia muito, e que ao mais nom respondeo.

Outros eãdem sobr'esto e contam que Nun'Alvarez quando lhe mandou aquel porco, que lhe enviou dizer que queria ir jantar com ele. E que Pero Sarmiento disse que veesse muito em boa hora quando quisesse, que prestes acharia a salsa.

Mas examinadas taes opiniões segundo hū estoriador escreve, nom satisfazem ao razoado entendimento. E mostra-se claramente ser assi, porque se o presente de Nuno Alvarez fora apresentado a Pero Sarmiento com taes palavras como estes dizem, sojugara tanto sua condiçom a se avisar logo dele que a Nun'Alvarez fora mui mao de fazer cousa que sobr'esto tevesse pensada.

Nem os que esta estoria desta guisa contam, nom fazem mençom de Pero Sarmiento à chegada de Nun'Alvarez sobre Almadá, nem cousa que lhe com el avesse. Mas como querees vós que fizessem mençom do que nom estava hi, nem lhe foi apresentado porco nem porca?

Porém leixando seus errados ditos, e segundo as razões dhū autor que muito escodrinhou o feito de semelhantes dúvidas, devees de saber que húa quarta-feira pela manhã postumeiro dia do mês d'agosto, partirom os homens de pé com aquel porco caminho d'Almadá que som dhi boas cinco legoas. E quando chegarom ao meo-dia nom acharom hi Pero Sarmiento por quanto era além do rio no arreal delRei de Castela, e poserom o porco em Cacilhas, porto d'Almadá, atendendo Pero Sarmiento que tornasse.

O porco enviado, falou Nuno Alvarez com os seus que tevessem à chegada certos carregos, cada hús em seus logares *scilicet* que hús fossem às barreiras e palanque que stavom feitos nas entradas das ruas, e que os britassem per força, ante que os castelãos ali acudissem, e deles se metessem antre o arravalde e a vila pera filharem os que do arravalde na vila se quisessem lançar. E com estes havia d'ir a sua bandeira, e se achassem a porta aberta, que entrasse a bandeira dentro com aqueles homens d'armas que a acompanhavam ou se lançasse dentro de volta com aqueles que fogissem, e que assi se tomasse o castelo. Outros haviam d'ir ao porto de Cacilhas, que se algús castelãos da frota passassem, que os embargassem a nom tomar terra.

E por quanto Nun'Alvarez foi certo que em Couna três legoas d'Almadá stavom em guarda trinta genetes que se algúas companhas suas ou doutra parte veessem, que fossem dar novas aos do logar, pois aquel era o razoado caminho per hu deviam de vinr; porém partio el com tal entençom como dissemos bem sol posto já tarde, e levou caminho da charneca per cima d'Azeitom contra Sezimbra, arredado húa legoa daquelas escuitas, cuidando de todo ser na alva rompente em Almadá. E andou toda aquela noite bem sete legoas, e as mais delas fora do caminho.

E as guias nom sendo bem certas, desi as trevas hū pouco espessas, cuidarom que era já preto d'Almadá. E Nun'Alvarez se deteve já quanto, e dormirom senhos poucos. E quando se levantarom e começou de amanhecer, virom que eram mais longe do logar que pensavom.

Entom se trigou Nun'Alvarez d'andar mais rijo, e saindo o sol, chegou a hũ logar que chamom a Sovereda, que he acerca de hũa legoa d'Almadá. E vendo tam tarde, falou aos seus que andassem a troto e a galope quanto as bestas os levar podessem. E eles assi o fizeram, de guisa que per toda a terra já era cercada e cuberta de sol, ainda eles chegarom a tempo que muitos dos castelãos jaziam nas camas, a que mal prestou o sono da manhã.

E o primeiro que às barreiras chegou, foi Nun'Alvarez com três escudeiros que se a pressa decerom pé terra. E com estes entrou Nun'Alvarez pela barreira do arravalde, des contra Couna, dando-se às lanças com algūs castelãos que o embargar queriam. Desi chegou logo a sua bandeira que vinha muito preto, com todos aqueles que a aguardavom e tomarom a rua direita que vai contra Cacilhas fazendo cada hũ o melhor que podia.

Em esto os castelãos que pouco cuidado tinham de semelhante feito, deles dormindo, outros jazendo de seu vagar, quando ouvirom bradar do castelo e pelo arravalde: «Armas, armas, Castilha, Castilha», deles se lançavom fora das camas por saber que era, outros se vestiam querendo-se armar a pressa, e os que já andavom fora das pousadas, faziam-se prestes a defender as ruas. Mas o desacordo era tam grande que sua defensom prestava mui pouco, porque o principal cuidado era trabalhar por escapar a vida.

Porém juntando-se algūs, cobrarom coração, e quiserom voltar a Nun'Alvarez per aquela rua, per onde el ia, conhecendo já que era aquele. E hũ seu peam chamado Lopo Alvarez, saiu de travessa ante Nun'Alvarez e os êmigos, e remessou hũ castelão com hũa azcuma, e deu com ele em terra morto. Os outros fogindo quanto mais podiam, e nom querendo aguardar semelhante jogo, ia com eles de mestura Joam Rodriguez de Castanheda que se levantou rijo da cama na pousada hu jazia, nom podendo acabar hũ gibam de vestir.

A bandeira de Nun'Alvarez chegou bem acompanhada até porta do castelo, cuidando de a achar aberta como levavom devisado. Mas os do castelo çarrarom as portas, e colherom dentro primeiro aqueles que poderom; os outros, deles se lançavom na barvacá, e outros pelas barreiras cada hũ como melhor podia.

Çarrados os castelãos dentro no castelo e nom lhe podendo mais empecer, ficaram ali algūs homens d'armas e outros tornarom sobre o arravalde onde matarom e prenderom muitos castelãos; deles que fugiam pelos telhados, outros que se escondiam em logares escusos, de guisa que mui poucos escaparom, que nom fossem presos ou mortos, e se nom fora tanto de dia, nunca nehũ escapara. Desi como homens desacordados que nom tinham sentido senom de fugir, nem poderom levar consigo as cousas que tinham.

E foram-lhe filhados todolos cavalos e azemelas, e quantas armas e boas cousas tinham, assi de Pero Sarmento come de todolos outros que pousavam fora do castelo.

Depois que o arravalde foi todo roubado, mandou Nun'Alvarez dar às trombetas, e recolheo assi toda sua gente. E ainda aqueles a que foi mandado que guardassem o porto de Cacilhas acharom o porco estar na ribeira que Nun'Alvarez mandava a Pero Sarmento aguardando por ele que tornasse do arreal.

A gente recolhida e todos acerca del, moveo a hũ monte de sobre o mar e feze-os poer em az ordenados com sua bandeira em meo tendida dando às trombetas e apupando com outros sinaes de ledice. E esto a vista dos da cidade e do arreal dos castelãos. Os quaes vendo-os daquela guisa estar, cuidavam que eram as gentes da vila que faziam alardo pera lhe pagarem soldo. E os da cidade cuidavam que eram das gentes dos émigos.

ElRei que sabia que tal soldo nom mandara pagar, bem cuidou que era outra cousa. E pensando que per ventuira ordenara aquelo Pero Sarmento, mandou-o chamar, e perguntou-o que gentes eram aquelas que estavam em aquel outeiro.

— Certamente senhor nom sei, disse el, mas diz-me a vontade que he Nun'Alvarez.

— Em verdade, disse elRei, essa he ora boa reposta. Serdes vós fronteiro daquel logar, e vir-vos hũ escudeiro de cinco rocins fazer tal baldom.

— E assi o dizees vós, senhor. Pois agradece a Deus e a este rio que está antre vós e ele. Ca se este mar nom fosse, aqui vos vinria buscar hu estaes.

Entom se partio Pero Sarmento a pressa ainda nom acabado de vestir, e meteo-se em hũa galé, e elRei mandou que vogassem as outras e meter gentes d'armas nelas. Mas nom se pôde fazer tam aginha, por nom estarem desto percebidos.

Nun'Alvarez esteve assi quanto lhe prougue, de cuja vista elRei tomou gram nojo, e os da cidade mui grande prazer, quando souberom que era aquele.

A galé em que entrou Pero Sarmento chegou ante que as outras ao porto de Cacilhas. E como foi em terra começou de dizer altas vozes: «Castilha, Castilha, nom he nada, nom he nada», bradando a pressa que lhe trouvessem hũ cavalo.

— Nom sei, disse hũ castelão dos que foram roubados, como vós dizees «nom he nada, nom he nada». Mas dou ao demo a cousa que me a mim ficou, de quanto eu tinha, assi bestas como armas, que me todo nom levarom, e ainda de gram ventuira escapei de prisom ou morte, e assi todos

quantos éramos, e vós dizees que vos tragam cavallo. E que presta de vos a vós tragerem cavallo, ainda que o hi houvesse, ca Nuno Alvarez se foi já com toda sua gente à sua vontade como quis?

— Nom monta nada, disse el, tragam-me a mim o cavallo se o hi há, sequer verei como se vão.

E nom se fez mais sobr'esto.

Nun'Alvarez foi comer a Couna e ali repartio o esbulho per todos sem havendo pera si parte algúa. E dhi cavalgou e foi a Palmela. E quando foi de noite, mandou fazer taes almenaras de fogo de guisa que o viam os de Lixboa por saberem os da cidade que estava ele ali, e tomarem algú esforço.

E certamente assi foi de feito, que o Mestre quando vio aquelas almenaras de fogo em Palmela, bem entendeo que era Nun'Alvarez que ali estava com suas gentes, e houve mui gram prazer, el e todos aqueles que o viam. E mandou acender muitas tochas no grande eirado dos paços delRei hu estonce pou-sava, por as verem de Palmela, e lhe dar a entender que via suas almenaras, e que lhe respondia com aqueles lumes, pois outra fala antre eles haver nom podia.

E assi esteve o Mestre per hú bom espaço falando com os seus nos feitos de Nun'Alvarez com aquel doce razoar e louvores, quaes tam leal servidor merecia de se del dizerem. Desi colheo-se pera sua camara.

Nun'Alvarez er apagou seus fogos por cobrar o sono que dante perdera, onde fique com boas noites. E nós tornemos ver a atribulada de Lixboa em que ponto está.

CXLVIII

Das tribulações que Lixboa padecia per mingua de mantimentos

Estando a cidade assi cercada na maneira que já ouvistes, gastavom-se os mantimentos cada vez mais, por as muitas gentes que em ela havia, assi dos que se colherom dentro do termo, de homens aldeãos com molheres e filhos, come dos que veerom na frota do Porto. E algús se tremetiam às vezes em batees e passavom de noite escusamente contra as partes de Ribatejo, e metendo-se em algús esteiros, ali carregavom de trigo que já achavom prestes, per recados que ante mandavom.

E partiam de noite remando mui rijamente e algúas galés quando os sentiam vinr remando, isso mesmo remavom a pressa sobre eles. E os batees por lhe fugir, e elas por os tomar, eram postos em grande trabalho.

Os que esperavam por tal trigo, andavam per a ribeira da parte de Exobregas, aguardando quando vesse. E os que velavam, se viam as galés remar contra lá, repicavam logo por lhe acorrerem.

Os da cidade como ouviam o repico, leixavam o sono, e tomavam as armas e saía muita gente, e defendiam-nos às bestas se compria, ferindo-se às vezes dhúa parte e doutra. Porém nunca foi vez que tomassem algú, salvo húa que certos batees estavam em Ribatejo com trigo, e forom descubertos per hú homem natural d'Almadá, e tomados per os castelãos. E el foi depois tomado e preso e arrastado, e decepado e enforcado. E posto que tal trigo algúa ajuda fizesse, era tam pouco e tam raramente, que houvera mester de o multiplicar como fez Jesu Cristo aos pães com que fartou os cinco mil homens.

Em esto gastou-se a cidade assi apertadamente, que as pubricas esmolas começaram desfalecer, e nehúa geraçom de pobres achava quem lhe dar pam. De guisa que a perda comum vencendo de todo a piedade, e vendo a gram mingua dos mantimentos, estabelecerom deitar fora as gentes minguadas e nom pertencentes pera defensom. E esto foi feito duas ou três vezes, até lançarem fora as mancebas mundairas e judeus e outras semelhantes, dizendo que pois taes pessoas nom eram pera pelejar, que nom gastassem os mantimentos aos defensores. Mas isto nom aproveitava cousa que muito prestasse.

Os castelãos à primeira prazia-lhe com eles, e davom-lhe de comer e acolhimento. Depois vendo que esto era com fome, por gastar mais a cidade, fez elRei tal ordenança que nehú de dentro fosse recebido em seu arreal, mas que todos fossem lançados fora. E os que se ir nom quisessem, que os açoutassem e fizessem tornar pera a cidade. E esto lhes era grave de fazer, tornarem per força pera tal lugar, onde chorando nom esperavam de ser recebidos. E taes hi havia que de seu grado se saíam da cidade, e se iam pera o arreal, querendo ante de todo ser cativos, que assi perecerem morrendo de fome.

Como nom lançariam fora a gente minguada e sem proveito, que o Mestre mandou saber em certo pela cidade que pam havia per todo em ela, assi em covas come per outra maneira, e acharom que era tam pouco que bem havia mester sobr'elo conselho?

Na cidade nom havia trigo pera vender, e se o havia, era mui pouco e tam caro que as pobres gentes nom podiam chegar a ele, ca valia o alqueire quatro libras, e o alqueire do milho quarenta soldos, e a canada do vinho três e quatro libras. E padeciam mui apertadamente, ca dia havia hi que ainda que dessem por hú pam húa dobra que o nom achariam a vender. E começaram de comer pam de bagaço d'azeitona, e dos queijos das malvas e raízes d'ervas, e doutras desacostumadas cousas, pouco amigas da natureza. E taes hi

havia que se mantinham em alfeloá. No logar hu costumavom vender o trigo, andavom homens e moços esgaravatando a terra. E se achavom algús grãos de trigo, metiam-nos¹³⁹ na boca sem tendo outro mantimento. Outros se fartavom d'ervas, e beviam tanta agua, que achavom mortos homens e cachopos jazer inchados nas praças e em outros logares.

Das carnes isso mesmo, havia em ela grande mingua. E se algús criavom porcos mantinham-se em eles; e pequena posta de porco valia cinco e seis livras que era húa dobra castelá; e a galinha quarenta soldos; e a duzia dos ovos doze soldos. E se almogavares tragiam algús bois, valia cada hũ satenta livras que eram catorze dobras cruzadas, valendo entom a dobra cinco e seis livras; e a cabeça e as tripas húa dobra. Assi que os pobres per mingua de dinheiro nom comiam carne e padeciam mal. E começaram de comer as carnes das bestas, e nom somente os pobres e minguidos, mas grandes pessoas da cidade, lazerando nom sabiam que fazer. E os gestos mudados com fame bem mostravom seus encubertos padecimentos.

Andavom os moços de três e de quatro anos pedindo pam pela cidade por amor de Deus, como lhes ensinavam suas madres. E muitos nom tinham outra cousa que lhe dar senom lagrimas que com eles choravom que era triste cousa de ver. E se lhes davom tamanho pam come húa noz, haviam-no por grande bem.

Desfalecia o leite àquelas que tinham crianças a seus peitos per mingua de mantimento. E vendo lazerar seus filhos a que acorrer nom podiam choravom ameúde sobr' eles a morte ante que os a morte privasse da vida. Muitos esguardavom as prezes alheas com chorosos olhos, por cumprir o que a piedade manda, e nom tendo de que lhes acorrer, caíam em dobrada tristeza.

Toda a cidade era dada a nojo, chea de mezquinhas querelas, sem nehú prazer que hi houvesse, hús com gram mingua do que padeciam, outros havendo dó dos atribulados. E isto nom sem razom, ca se he triste e mezquinho o coração cuidadoso nas cousas contrairas que lhe avinr podem, vede que fariam aqueles que as continuadamente tam presentes tinham. Pero com todo esto quando repicavom, nehú nom mostrava que era faminto, mas forte e rijo contra seus émigos.

Esforçavom-se hús por consolar os outros, por dar remedio a seu grande nojo, mas nom prestava conforto de palavras. Nem podia tal dor ser amansada com nehúas doces razões. E assi como he natural cousa a mão ir ameúde

¹³⁹ metiam-nos] metianos

onde sé a dor, assi hús homens falando com outros, nom podiam em al departir, senom em na mingua que cada hú padecia.

Ó quantas vezes encomendavam nas missas e pregações que rogassem a Deus devotamente por o estado da cidade, e ficados os geolhos, beijando a terra, bradavam a Deus que lhes acorresse, e suas prezes nom eram compridas!

Hús choravam antre si, maldizendo seus dias, queixando-se por que tanto viviam, como se dissessem com o profeta: «Ora veesse a morte ante do tempo, e a terra cobrisse nossas faces, pera nom vermos tantos males». Assi que rogavam a morte que os levasse, dizendo que melhor lhe fora morrer, que lhe serem cada dia renovados desvairados padecimentos.

Outros se querelavam a seus amigos, dizendo que foram desaventuirada gente, que se ante nom derom a elRei de Castela, que cada dia padecer novas misquindades, firmando-se de todo nas peores cousas que fortuna em esto podia obrar.

Sabia porém isto o Mestre, e os de seu conselho, e eram-lhe dorosas d’ouvir taes novas. E vendo estes males a que acorrer nom podiam, çarravam suas orelhas do rumor do pobo.

Como nom queeres que maldissessem sa vida e desejassem morrer algús homens e molheres, que tanta deferença há d’ouvir estas cousas àqueles que as entom passaram, como há da vida à morte?

Os padres e madres viam estalar de fame os filhos que muito amavam, rompiam as faces e peitos sobr’eles, nom tendo com que lhe acorrer, senom planto e espargimento de lagrimas. E sobre todo isto, medo grande da cruel vingança que entendiam que elRei de Castela deles havia de tomar. Assi que eles padeciam duas grandes guerras: húa dos émigos que os cercados tinham, e outra dos mantimentos que lhes minguvom, de guisa que eram postos em cuidado de se defender da morte per duas guisas.

Pera que he dizer mais de taes falecimentos? Foi tamanho o gasto das cousas que mester haviam que soou hú dia pela cidade que o Mestre mandava deitar fora todolos que nom tevessem pam que comer, e que somente os que o tevessem ficassem em ela. Mas quem poderia ouvir sem gemidos e sem choro tal ordenança de mandado àqueles que o nom tinham? Porém sabendo que nom era assi, foi-lhe já quanto de conforto.

Onde sabe que esta fame e falecimento que as gentes assi padeciam, nom era por ser o cerco perlongado, ca nom havia tanto tempo que Lixboa era cercada. Mas era per azo das muitas gentes que se a ela colherom de todo o termo. E isso mesmo da frota do Porto quando veo, e os mantimentos serem muito poucos.

Ora esguardae como se fossees presente húa tal cidade assi desconfortada e sem nehúa certa feúza de seu livramento, como veviriam em desvairados cuidados quem sofria ondas de taes aflições.

Ó geraçom que depois veo, pobo bem aventuirado, que nom soube parte de tantos males, nem foi quinhoeiro de taes padecimentos! Os quaes a Deus por sua mercê prougue de cedo abreviar doutra guisa, como acerca ouvirees.

CXLIX

Da pestelença que andava antre os castelãos e dalgús capitães que em ela morrerom

Nom compre muito trabalhar por dar louvor às muitas e boas gentes que elRei de Castela consigo tinha quando se demoveo pera entrar em Portugal. Porque sem dúvida sabe de certo que a casa de Castela era entom húa das nobres casas do mundo de muitos e gentis homens. Assi de grandes senhores e fidalgos come cavaleiros e escudeiros bem encavalgados e guarnidos d'armas e doutra meá gente de besteiros e homens de pé em grande numero e cantidade.

E depois que elRei entrou pelo reino e se veo chegando contra Lixboa, pousando per essas aldeas, a duas e três legoas, começaram a morrer de pestelença algús do arreal das gentes de pequena condiçom.

E quando algú cavaleiro ou tal escudeiro que o merecia acertava de se finar, levavom-no os seus a Sintra ou a Alanquer ou a algú dos outros logares que por Castela tinham voz. E ali os abriam e salgavom e poínam em ataúdes ao ar, ou os coziam e guardavom os ossos, pera os depois levarem pera donde eram. E por esta razom se mudava elRei dhúa aldea pera outra com suas gentes, até que veo a sua frota, e se lançou sobre a cidade como já he dito.

E tendo seu cerco sobr'ela, começaram de morrer na frota, e isso mesmo dos do arreal, de guisa que hús e os outros eram muito anojados, dando per vezes a elRei conselho que se partisse dali por estonce e depois teria tempo pera a vinnr cercar cada vez que quisesse. Mas el engeitando seus bons razoados era muito inclinado a nom decercar o logar, por cousa que avinnr podesse, sabendo bem como a cidade era muito minguada de mantimentos e que nom havia poder de se ter grande espaço que a nom cobrasse à sua vontade.

Ora como assi seja, que antre totalas cousas em que o devinal poderio vemos que mais resplandece, assi he naquelas que de todo ponto som desesperadas, produzê-las a proveitoso efeito quando lhe apraz. Assi obrou entom por sua mercê acerca desta cidade.

Porque sendo ela muito atribulada per desvairados modos de fame, desi todos cheos d'arrefecimento dalgũa esperança que doutra parte haver podessem salvo aquela que no mui alto Deus tinham, e na sua preciosa madre que os havia de ajudar, em se aventuirando hũ dia a todos morrer ou vencer como dissemos, prougue àquel senhor que he principe das hostes, e vencedor das batalhas, que nom houvesse hi outra lide nem peleja senom a sua. E ordenou que o angio da morte estendesse mais a sua mão e percutidisse asperamente a multidom daquel pobo.

E nom embargando que dante assaz morressem, começou de se atear a pestelença tam bravamente em eles assi per mar come per terra, que dia havia hi que morriam cento, e cento e cinquenta e duzentos. E assi mais e menos como se acertava, de guisa que o mais do dia eram os do arreal ocupados em soterrar seus mortos assi que era espanto de ver aos que padeciam, e estranho d'ouvir aos que eram cercados.

Ca do dia que se finou de trama o mestre de Santiago dom Pedro Fernandez Cabeça de Vaca até esta sazom, morrerom mais de dous mil homens d'armas dos melhores que elRei de Castela tinha, afora muitos capitães que nomear nom podemos, pero dalguns diremos seus nomes.

Assi como dom Rui Gonçalvez Mexia a que elRei deu o mestrado, depois da morte de dom Pero Fernandez; e dom Pero Rodriguez de Sandoval comendador-mor, que cuidou de ser mestre; e Pero Fernandez de Valasco, camareiro-mor delRei; e dom Fernam Sanchez de Toar seu almirante-mor, Fernand'Alvarez de Toledo mariscal de Castela, Pero Rodriguez Sarmiento adeantado em Galiza, dom Pero Nunez de Lara conde de Maiorgas que pouco havia que casara como ouvistes, dom Joam Afonso de Benavides, dom Fernand'Afonso de Çamora mestre de Santiago, e com este forom três mestres; Joam Martinz de Rojas, Lopo Uchoa d'Avelaneda, e treze cavaleiros delRei da cidade de Toledo; e muitos outros cavaleiros e escudeiros de Castela e de Leom.

E era gram maravilha per juízo a nós nom conhecido, que em fervor de tamanha pestelença, nehũ dos fidalgos portugueses que hi andavom nem prisuneiros, ou doutra qualquer guisa, que nehũ nom morria de trama, nem era tocado de tal dor.

E os castelãos por vingança e menencia que lhe nom prestava, lançavom os portugueses prisuneiros que trajiam com os que eram doentes de tramas, por tal que morressem pestelenciados. E morriam os castelãos doentes, e dos portugueses nehũ percia, nem dentro na cidade que era tam preto do arreal, nem fora em no termo.

Que forte cousa parece de crer, ser hũ rei assi acompanhado e servido de taes e tam nobres fidalgos como consigo ali trouvera, e ver sem nehũ proveito tantos deles morrer ante si, afora o grande numero doutro meũdo pobo, e nom mudar seu desejo do que começado tinha, com quantos conselhos lhe eram prepostos, come se cintemente lhe prougesse de os oferecer à morte!

CL

Das razões que dom Carlos disse a elRei de Castela e como elRei levantou seu arreal e decercou a cidade

Sendo a tormenta do reino tam grande como ouvistes, e Lixboa assi aflita com ondas de taes tempestades, desi a comarca dela gastada per fogo e outras destruições, de guisa que totalas aldeas e quintãs que havia em seu termo até Cascaes, que dhi he¹⁴⁰ cinco legoas, eram já deitadas per terra, e mais os logares de todo Ribatejo; além desto, fame continuada, e nehũa certa esperança de seu livramento; de cada parte se gerava nos moradores dela mui pouca feúza de poder escapar salvo aquela que em Deus haviam da maneira que dissemos.

Isso mesmo elRei de Castela, nom embargando a forçosa demostraçom que via da mortindade dos seus, per que devera entender que nom prazia a Deus de ali mais estar; pero com todo esto, seu firme proposito era perseverar até que a tomasse. Assi que os cercados e os cercadores sofriam duas graves penas per contrairas esperanças.

Os da cidade esperavam cada dia que elRei levantasse mui cedo seu arreal, por aficamento da gram pestelença. Os castelãos outrossi entendiam que os de dentro costringidos per fame lhe rogariam com a cidade, com preitesias de muito sua honra.

Assi que hũs e os outros mantendo sua opiniom, sofriam dous mores danos que em semelhante feito podiam acontecer *scilicet* hũs apertada fame dos mantimentos que mester haviam, outros mortal pestelença em todolos estados das gentes do arreal.

Dom Carlos, ifante herdeiro de Navarra, casado com a ifante dona Lionor irmã delRei que era com el em este cerco, vendo a desordenada mortindade que antre eles andava, e como cada vez era maior, dizia a elRei per

¹⁴⁰ he] *om.*

muitas vezes que fosse sua mercê nom querer tentar Deus, estando mais em aquel logar, mas que se alçasse de sobre a cidade e tornasse pera seu reino.

Ca posto que se el dali partisse, assaz leixava em Portugal de cavaleiros e outras gentes que tinham muitas vilas e castelos, donde fariam guerra ao Mestre, e aos que sua voz quisessem manter. E depois que a Deus prouguesse de cessar aquela pestelença de todo, que entom podia tornar com sua gente, e cobrar o regno à sua vontade.

Dizendo que nom fosse tal como fora elRei dom Afonso seu avô quando posera o cerco sobre Gibraltar, que morrendo os seus de pestelença e sendo conselhado pelos senhores e grandes capitães da hoste que se partisse de sobre o logar por as muitas gentes que morriam, e sua pessoa estava em perigo, que nunca o quisera fazer.

Respondendo aos que o conselhavam que em tal cousa lhe nom falassem, ca el tinha aquela vila que muito presava de tomar, tam aficada, sem esperança de nehú acorro, que a poucos dias seria sua e a cobraria. E com tal entençom nom se quis levantar por mui aficados conselhos que lhe dar podessem. Em isto naceo-lhe húa mortal landoa de que se finou a poucos dias e perdeu o logar e muitas das gentes que consigo trouvera.

— E vós senhor, disse el, nom façaes semelhante estada nem detença de tamanho perigo, ca ainda que vos eu e os outros do vosso conselho isto nom dissessemos, a razom vos dará delo comprido conhecimento. Mormente que nehú nom vos conselha que de todo ponto leixees esta guerra nem a demanda que começada tendes à qual podees tornar cada vez que vossa mercê for. Mas dizem-vos o que he razom, que pois a Deus praz de esta pestelença tanto dano fazer em nos vossos, que espacees esta cousa pera tempo pertencente. Doutra guisa querendo sobr'elo mais aperfiar, parece-me que já este feito leva caminho, pera o arreal cedo ser órfam dos mais e melhores que convosco veerom.

— Em verdade, disse elRei, o vosso conselho he bom, e eu assi o quero fazer. E pois vós dizees que meu avô cercou Gibraltar, e nom embargando que desse pestelença nos seus, que porquanto el tinha aquela vila que muito prezava de tomar, assi aficada, sem esperança de nehú acorro, que a poucos dias seria sua, que porém a nom quis decercar posto que muitos dos seus morressem, até que a morte o privou da vida. E todo isto fez por cobrar húa curugeira de pouco valor.

Ora vede que devo eu de fazer por cobrar húa tal cidade como esta, a qual cobrada como eu espero, per aqui cobro todo o reino. E tenho-a já tam aficada per fame que os de dentro padecem, que sem combate nem outra peleja, segundo as novas que eu sei de certo, eles me rogaróm com ela ante de

muitos dias, e faróm toda minha vontade. E porém quero seguir o conselho de meu avô, e nom o vosso, nem doutro nehú que me disser que me daqui levante. De os meus morrerem, a mim pesa muito, porém quero cuidar que entrarem comigo em húa batalha, na qual perecerom por sua honra e defen-som de meu reino. E nengüem nom me fale nesto outra cousa.

ElRei nom embargando que esto dissesse, bem via as razões que lhe davom assi o ifante como os de seu conselho, que eram justas e bem razoadas. Mas seu grande e esforçado coração, desprezava e tinha em pouco toda dúvida e cuidaçom temerosa que acerca de taes feitos algús sobr'esto maginar podiam. De guisa que pero duramente soffresse tal pena, sua vontade era endureda, a nom levantar seu cerco, e continuar o que começado tinha.

Em esto derom duas tramas à Rainha porém nom de grande aficamento, por cujo azo elRei determinou de se logo partir do cerco. Entom levantou seu arreal hú sabado depois de comer, poendo os seus fogo em aquel dia e ao domingo seguinte a totalas cousas de que se prestar nom podiam, segundo he costume dos que leixam cerco.

E ardendo toda a noite, era hú dos grandes fogos que os homens virom. E foi-se aposentar da outra parte da cidade junto com o moesteiro de Santo Antom, que he muito preto dela, e esteve ali hú dia.

Nun'Alvarez que disto nom sabia parte, quando vio taes fogos de noite em Palmela hu ainda estava, ficou mui espantado, e com gram torçaom, cuidando que ao Mestre era feito grande engano e deslealdade per algús dos melhores que com el andavom de que el sospeitava que nom erom fiees em seu serviço, porque os fogos eram tamanhos, que parecia que ardia toda a cidade. E este nojo e cuidado lhe durou até em outro dia pela manhã, que Lixboa pareceo claramente, sã e sem nehú cajom de fogo.

Aos cinco dias do dito mês, húa segunda-feira pela manhã, partio elRei de sobre a cidade, caminho de Torres Vedras com toda sua gente, como quer que de noite começaram muitos d'encaminhar, cada hú como melhor podia. De guisa que se na cidade houvera tantos de cavalo que se atreverom a pelejar com ele, bem lhe poderom fazer grande nojo.

E começando elRei seu caminho, muito mais triste que ao cerco veera de ledo, e chegando a tal logar de que perdia vista da cidade, voltou o rosto contr'ela, e dizem que disse: «Ó Lixboa, Lixboa, tanta mercê me faça Deus que ainda te veja lavrada de ferros d'arados!»

Ali começou de reger sua gente, a qual ainda o angio da morte nom cessava de perseguir, morrendo algús pelo caminho, e nos logares hu depois chegou.

E foi esse dia dormir à Çapataria que som cinco legoas da cidade; e em outro dia a Torres Vedras que eram dali três, na qual vila a Rainha sua molher foi em ponto de morte das duas nacenças que do arreal levava, pero prougue a Deus de cobrar saúde.

E assi durou o cerco depois que elRei chegou ao Lumeiar até três dias do mês de setembro que se levantou de sobre a cidade, quatro meses e vinte e sete dias nom contando aqui o tempo que o mestre de Santiago, e Pero Fernandez de Valasco com muitas outras gentes consigo começaram de fazer cerco pela comarca d'arredor ante que elRei veesse, segundo em seu logar havemos contado. Ca se deste tempo contarmos como algús contam, porque des entom e ante, todalas gentes do termo jaziam dentro na cidade com medo dos caste-lãos e se gastavom os mantimentos, diremos que o foi sete meses.

ElRei partio de Torres Vedras e chegou a Santarém com sua molher e gentes que levava, onde faça seus feitos, e ordene suas frontarias, enquanto nós formos ver que fez o Mestre e os da cidade depois que se elRei levantou do cerco.

CLI

Como os da cidade ordenarom hũa procissom por darem graças a Deus, e da pregação que hũ frade em ela fez

Quando o Mestre e os da cidade virom como se elRei de Castela partira com suas gentes, e como alçara o cerco de sobr'ela, no tempo da sua mais aficada tribulação, que era mingua de mantimentos que haver nom podiam, foram todos tam ledos com sua partida, quanto se per escripto dizer nom pode, dando muitas graças ao senhor Deus, que se daquela guisa amerceara deles.

E saírom fora da cidade por ver o assentamento do arreal que já era queimado, e acharom muitos doentes naquel moesteiro de Santos que dissemos, e usavom com eles de piedosa caridade, posto que seus émigos fossem.

No seguinte dia ordenarom logo hũa grande e devota procissom, na qual todos fossem descalços ao moesteiro da Trindade que he dos muros adentro do logar. E o honrado dom Joam Escudeiro, bispo que entom era dessa cidade, partio descalço da igreja catedral da Sé, revestido em pontifical com o corpo de Deus nas mãos, o mais honesto e honradamente que se fazer pode, muito acompanhado d'Ordens e clerezia, e desi do Mestre com todo outro pobo.

E chegando todos àquel moesteiro, depois que fezerom sua devota oração, começou de pregar hũ grande e notavel pregador mui leterado em teolesia,

chamado per nome mestre Rodrigo de Sintra da ordem de Sam Francisco. O qual fez húa solene e comprida pregaçom mui bastamente tecida de textos das santas escrituras que a seu proposito mui sabedormente trouve, da qual se mais dizer nom pode, senom o modo que em ela levou segundo muito breve algús leixarom em escripto, e foi daquesta guisa.

El tomou por tema em começo de seu sermom: «*Misericordiam fecit nobiscum*», tornando a dizer per linguagem: «Gram misericordia fez o senhor Deus connosco». E depois que declarou que cousa era misericordia e piedade, e como a misericordia procedia dos naturaes dereitos, a qual era relevar homem seu proximo da miseria que padecesse; e como toda perfeiçom da religiam cristã estava em misericordia e piedade; entom traudou que movera elRei de Castela leixar seus grandes e poderosos reinos contra o gram juramento dos trautos que prometera, e vinr nom dinamente ocupar o reino, que lhe ainda o dereito¹⁴¹ nom concedia. Dizendo que esto fezera húa nom discreta cobiça, com deleitaçom de se assenhorar; desi mau conselho dalguns seus privados, com os quaes depois de grandes trabalhos e mortes de muitos, ficaria sem nehú fruto.

— Parae mentes e abri os olhos dos vossos coraçoes, disse el, e esguardae como veerom dias em estes reinos, e especialmente sobr' esta cidade em que seus émigos a cercarom, e poserom em grande angustia. E por nossos pecados, Portugal contra Portugal peleja, ficando tam pouca parte dele, que quasi nu e desemparado pareceo de todo. Assi que toda maldade em este tempo de grandes trevas, em hús e nos outros teve e tem corrupta entençom.

Entom falou per claros exemplos da gram cidade de Samaria que cercou Benadab Rei de Siria no tempo do profeta Eliseu. Sobre a qual tendo seu cerco foi a fame tam grande em ela, que davom a cabeça do asno por oitenta reaes de prata. E hũ pouco d'esterco de pombas pera salgar a vianda valia cinquenta, de guisa que com a grande fame algúas pessoas comiam os filhos. Da qual mingua e pressa elRei foi posto em tanta coita que rompeo suas vestiduras, e pareceo do celicio de que andava vestido a carom da carne. E postos de todo em desesperaçom, se amerceara o senhor Deus deles dando tal espanto nos do arreal, que lhes parecia que grande hoste de gente os perseguia, de guisa que fोगirom todos sem curando de levar cousa algúa.

Contou da cidade de Jerusalém como fora cercada per Senacarib rei de Assur sendo estonce Ezequias rei dela. E como a tendo assi cercada, querendo-se Deus amercear dela, ferira o angio de Deus húa noite os do arreal e matara

¹⁴¹ o dereito] *om.*

cento e oitenta e cinco mil deles. E fugira elRei somente com dez homens com gram temor e espanto que houve.

Disse mais do principe Olofernes como cercara a cidade de Betulia, e como lhe britara os canos das aguas que vinham dentro à cidade e lhe tolhera o logramento dhúas fontainhas que eram acerca dela. De guisa que com a gram mingua d'agua, começaram de se queixar hús contra os outros, dizendo que melhor fora servir Olofernes que morrer assi de sede. E que sendo assi nesta pressa, ordenara Deus que saíra fora da cidade a santa mulher Judic sô fingimento que a visse Olofernes e a cobiçasse pera dormir com ela. E fora assi que a vira e cobiçara. E sendo-lhe levada a sua tenda que se lançou el farto de vinho e adormeceu primeiro e ela cortou-lhe a cabeça com a sua espada e tornou-se pera a cidade. Em outro dia achando os do arreal seu senhor morto e sendo mui torvados, começaram de fugir, e assi foi decercada a cidade.

E tornando el a comparar per meúdo, a carestia e fame de Lixboa, e as outras minguas e padecimentos com a cidade de Samaria e isso mesmo das outras cidades; e a gram misericórdia que Deus fizera com ela, em nos livrar daquela maneira; taes semelhanças e comparações nom eram ouvidas sem grandes choros e saluços, e espargimento de muitas lagrimas, de guisa que parecia gram planto feito por algú senhor, alçando todos as mãos ao ceo e dando muitas graças ao senhor Deus que tam grande misericórdia quisera fazer com eles.

— Ora, disse el, sendo esta cidade assi atribulada, e ardendo o fogo da sua gram tribulaçom, na força da sua mor quentura, que era aficamento de grande cerco, e sofrença de muita fame, o apagou Deus per seu partimento.

«Nom prestavom humanaes pensamentos, nem cousa algúa que fazer podessees contra o poderio delRei de Castela. Nom valiam missas nem prestavom orações, que devotas pessoas podessem fazer, bradando a Deus que se amercesse de nós e quisesse livrar esta cidade das mãos de seus mortaes émigos, de guisa que já parecia que o senhor Deus çarrara suas orelhas de nos ouvir, e tornara a sua face de nos querer livrar. E nós assi postos na postumeira parte de tamanha lástima e angostura, disse o mui alto rei celestial, padre de grandes misericórdias e Deus de toda consolaçom, no consistorio da sua sabedoria: «Tempo he que hajamos compaixom com a cidade atribulada e nom a leixemos mais padecer», como se dissesse: «Ó cidade de Lixboa, ouvida he a tua oraçom. E porque te amei quero-te livrar, havendo de ti grande dó e esto será em mão forte, e a tua feúza daqui em deante, em mim será».

«Mas porquanto aquel gram rei de Castela era enduredo em seu coraçom a nom decercar esta cidade por cousa que avinr podesse, até que per fame ou

força d'armas a podesse tomar, nom quis Deus com el ter outro geito, por mostrar seu grande poderio, salvo aquele que teve com elRei Faraó, a que mandou per tantas vezes que leixasse ir o seu pobo sacrificar ao deserto; que pero o percutisse com grandes e estranhas pragas, nunca o quis leixar de todo, até que o Deus tangeo com a decima plaga, matando-lhe todos primogenitos filhos, des o filho do maior senhor do Egipto, até o filho da mais pequena serva que havia antre eles. E dos filhos de Israel nehú por estonce morria.

«E assi o senhor Deus começou de o tanger com pestelença, ante que a esta cidade chegasse, que era sinal e amoestamento que lhe nom prazia de vir a ela, e el por isso nom leixou de vir. E depois que a teve cercada, lhe começaram de morrer muitos dos seus, assi da gente de bom estado, come doutros de mais pequena condiçom.

«Desi crescendo a mortindade, começaram de morrer dos fidalgos e senhores que eram seus primogenitos tanta multidom trigosamente como todos bem sabees. E el por todo isso tinha sa vontade firme de a nom decercar, com quantos conselhos lhe davom sobr'elo. Até que o Deus percutio no seu primogenito filho que mais amava que foi a Rainha sua molher, à qual nacerom duas pestelenciaes postemas. E entom seu duro coração com espanto da triste morte se partio e decercou esta cidade, na qual cousa Deus connosco fez mui grande misericordia. E nom embargando que o Deus tangesse com aquela plaga pestelencial como vistes, ainda el vai com entençom de tornar a este reino polo destruir e sojugar.

«E acontecer-lhe-á, disse el, em sua tornada, aquilo que aconteceu a Faraó com o pobo d'Israel, que depois que os leixou ir pera o deserto foi depós eles com mui grande hoste. E cuidando de os perseguir e matar, foram mortos e destróidos quantos consigo levava, e el nom comprio seu desejo. E assi há-d'acontecer a elRei de Castela, que se el tornar a este reino com a entençom que leva, que Deus lhe matará tantos dos seus primogenitos, que som os grandes e honrados de seu reino, com que britou a verdade que prometida tinha, que nunca mais haverá vontade de tornar a esta terra. El põe sua esperança em multidom de muita gente, pera nos destruir sem por quê, e nós esperemos em hū só Deus que nos livrará de suas mãos; o qual nos leixou padecer tantas pressas e tribulações como vistes por termos razom de o mais amar quando nos delas livrasse.

«Com boa feúza ergo leixemos fazer o senhor Deus, que totalas cousas obra em bem segundo sua mercê he. As quaes se fazem per seu justo juízo como el quer, a nós muito ascondido, ca doutra guisa querer homem escodrinhar, como e por que esto se assi faz, nom he outra cousa, senom dar guerra e cansaço

ao entendimento. Confessemos, pois assi he, que somos dinos do que nos avém por nossos pecados, e cheguemo-nos a Deus per pendenza. E cantemos ao senhor Deus, cantar novo assi como cantarom os judeus, quando virom o que Deus fezera por eles, matando seus êmigos ante seus olhos e digamos todos com pura mente e de vontade: «Bento sejas tu mui alto Deus principe dos reis da terra, doce solaz dos atribulados. E muitas graças te damos, que nos quiseste ouvir, e do favo da tua dulçura destilaste sobre nós a tam grande misericórdia, abriviando os dias da nossa tribulaçom, que nom fossem mais perlongados, ca se mais tempo durarom, fora gram dúvida de o podermos soportar. A ti benzam e louvem todalas criaturas. E nós benzemos e louvamos o teu santo nome pera sempre sem fim, amem».

Estas e outras muitas razões disse aquel frade em sua pregaçom com que o pobo muito chorava, alçando todos as mãos ao ceo dando muitas graças ao alto Deus que os assi desabafara do poder de seus êmigos.

Acabada a pregaçom disserom missa mui solenemente e tornou-se a proçissom a Sé com o corpo de Deus assi como ante e¹⁴² partirom todos com gram devaçom e muito consolados.

CLII

Como Nun'Alvarez passou a Lixboa por falar ao Mestre

Soube Nun'Alvarez, que estava em Palmela, como se levantara elRei do cerco e estava em Santarém e prougue-lhe muito com taes novas. E foi certificado que ele fezera hi alardo de pouca gente nom bem corregida pera repartir per¹⁴³ suas frontarias.

E como o mui sages e em toda cousa ardidido Nun'Alvarez disto soube parte, desi como haviam d'ir com ele muitos mortos e doentes dos de sua companhia, entendendo que iriam à longa pelo caminho nom bem acaudelados, com grande e esforçado coração, pôs de todo em sua vontade, de lhe ir sair deante, e com a ajuda de Deus pelejar com ele, e desbaratá-lo com toda sua gente.

E dizem aqui algús contando em breve esta estoria, que mandou pera elo pedir lecença ao Mestre. E que el lhe respondeo que lhe prazia delo muito, e que lhe rogava que o aguardasse, ca queria com ele ser em tal obra. E que

¹⁴² e] om.

¹⁴³ per] pera

por se esta cousa poer em trespasso, e o Mestre nom ir ao tempo que compria, elRei de Castela se foi seu caminho sem torva que de nehú houvesse de que a Nuno Alvarez muito pesou e da lecença que pedir mandara.

Mas hũ outro compilador destes feitos, de cujos garfos per mais largo estilo exertamos nesta obra segundo que compre, reconta isto per esta maneira. Diz que Nun'Alvarez estando em Palmela e sabendo as novas que já ditas som, e que elRei ia com gram desejo de poderosamente tornar ao regno pera o sojugar per força de guerra, ordenou de vinr falar ao Mestre, assi sobre a peleja que entendia d'haver com elRei de Castela, come doutras cousas que muito compriam a seu serviço, nom embargando que ainda a frota jouvesse toda sobre a cidade assi como ante jazia.

E por esta razom se veo ao cabo do Montijo que he em Ribatejo duas legoas da cidade, onde já tinha hũ batel prestes em que passasse. E quando houve de entrar no batel, hũ seu escudeiro de que muito fiava, chamado per nome Vasco Martinz do Outeiro falou a Nuno Alvarez a parte e disse:

— Nuno Alvarez, eu vos peço por mercê que nom queiraes entrar em este batel, nem fazer tal viagem pera além, ca eu vos digo que eu sonhava esta noite como ia convosco em este batel, e que vos tomavom as galés de Castela, e todos nós outros que convosco íamos. Da qual cousa eu tomava tamanho nojo que me queria matar quando via tal perda. E porém me parece que he bem que escusees esta ida por ora.

Nun'Alvarez quando isto ouviu, respondeo mui manso e disse:

— Amigo meu, eu vos gradeço vosso bom conselho, mas esta cousa Deus a fará melhor do que vós dizees. E pera vós nom verdes esto que assi sonhastes, eu vos mando que fiquées e nom vades comigo. E per esta guisa vós nom verees vosso sonho comprido, nem prazerá a Deus que será assi.

O escudeiro nom embargando esto, disse que quiria ir com el todavia, e Nuno Alvarez nom o quis consentir, e assi ficou muito contra sua vontade.

Nuno Alvarez desprezando todo sonho e agoiro vão, nom mudou tençom do que preposto tinha, e entrou no batel com algús seus a horas de meanoite. E posto que se desviar podera, quis atravessar pela frota que jazia ante a cidade. E como foi antre ela, mandou logo dar às trombetas.

Os das naos quando esto ouvirom, começaram de se alvoraçar, bradando todos: «armas, armas», e hús saltavom nos batees, outros vinham a bordo, nom sabendo que era aquelo. Porém algús das naos preguntaram aos do batel quem ia ali, e foi-lhe respondido que era Nuno Alvarez. E vendo que lhe nom podiam empecer, cessarom de começar nehúa cousa contr'ele. E foi esto na derradeira doma de setembro.

CLIII

Como Nuno Alvarez falou ao Mestre e das razões que ambos houverom

Chegou Nuno Alvarez a terra ante manhã, e os que o virom houverom gram prazer com sua vinda. E trouverom-lhe húa mula em que cavalgou, e seu page trás ele com a espada d'armas que lhe enviara em gajes Pero Sarmiento quando houvera d'haver a batalha com el em Evora. E os seus todos de pé arredor dele e muitos outros que o acompanhavom.

E foi-se logo ao mosteiro de Sam Domingos ouvir missa, em Santa Maria de Escada, em que havia gram devaçom. E como acabou d'ouvir missa, foi-se dereitamente aos paços onde o Mestre pousava; o qual sabendo já parte como el veera, se fazia prestes pera o receber.

Em esto disserom-lhe como vinha Nun'Alvarez, e o Mestre deceo às portas dhú grande e espaçoso curral que se faz ant'eles. E quando o vio, houve com el gram prazer e enviou-se rijo a ele, abraçando-o. E nom somente o Mestre, mas os seus com os de Nuno Alvarez se abraçavom e beijavom nas faces, que parecia que se nom podiam fartar hús dos outros.

Nuno Alvarez se ficou em joelhos ant'ele por lhe beijar as mãos, e o Mestre o nom quis consentir. E el estando em geolhos ant'ele, trabalhava por lhas beijar e o Mestre por o levantar, dizendo que nom era tal como ele, pera lhe darem a beijar as mãos, mas pera lhe fazer muitas mercês e acrecentamento.

— Mormente, disse o Mestre, a tal como eu que jouve aqui ençarrado em este curral sem fazer bem nehú.

Àquele respondeo Nuno Alvarez tam boas e tam mesuradas palavras que a muitos dos que hi estavom, vendo tam amaviosa contenda, naciom lagrimas nos olhos com prazer, que lhe corriam pelas faces.

E em fim de suas razões, Nun'Alvarez nunca se quis levantar até que o Mestre consentio de lhe beijar as mãos. Entom se levantou e foram-se ambos pera a camara, onde falarom per algús dias que hi esteve muitas cousas, no provimento da guerra em que eram postos e esperavom de ser.

Antre as quaes Nun'Alvarez disse ao Mestre que el fora certificado per Pedr'Eanes Lobato que a el enviara com recado da tomada de Monsaraz, que falando com algús fidalgos dos que consigo tinha, que em muitos deles entendera que nom eram fiees em seu serviço. E que porém lhe parecia que era bem que houvesse com eles que lhe fizessem todos menagem, e o recebessem outra vez por senhor, assi aqueles que o recebido tinham, come os fidalgos d'Antre Doiro e Minho, e que ficassem por seus vassalos pera o servir

na guerra que esperavam. Porque depois que se cada hũ fosse pera suas casas sem fazendo isto primeiro, que nom seria tam seguro deles nem os teria assi obrigados, nem tam prestes pera seu serviço. E que esta fora a principal cousa por que se demovera a lhe vinr falar, a qual lhe pedia por mercê que encaminhasse como fosse feita.

O Mestre houve este por bom conselho, e ordenou como se posesse em obra. E aos dous dias do mês d'outubro, forom todolos fidalgos e gentes da cidade juntos no moesteiro de Sam Domingos.

Aos quaes o Mestre propôs dizendo que bem sabiam como sendo el pres-tes pera se partir do reino por certas razões de que todos eram em conheci-mento per aficados rogos e prezes dos moradores da cidade, e isso mesmo dalguns fidalgos que presentes eram, tomara carrego de regedor e defensor destes reinos, por cuja defensom e emparamento el sofrera e entendia sopor-tar quaesquer cajões e trabalhos que lhe avinr podessem, até aventuirar-se por ele à morte.

E que segundo eles viam a desposiçom em que o reino estava, e a enten-çom com que elRei de Castela ia, que muito mores trabalhos lhe eram prestes pera sofrer, que os que passados até estonce tinha. E porque cobrar os logares que por Castela estavam e mais defender os que mantinham sua voz, nom se podia fazer senom sendo todos dhũ acordo e dhúa vontade, desi ordenar donde se podessem haver despesas pera soportamento de taes encarregos, que por tanto ordenara enquanto estavam todos juntos de falarem sobre estas cousas. Ca bem viam eles que o reino era acerca de perdido, e que nom eram postos em menos cuidado de o cobrar que quando fora filhado a mouros. Porém falassem sobr'estas cousas como se melhor fazer podiam, ca em todo bom acordo que eles ordenassem, el era prestes de consentir.

CLIV

Como os fidalgos e pobos fezerom menagem ao Mestre e dos privilegios que deu à cidade

Faladas muitas e desvairadas cousas, assi pelos fidalgos come todo o pobo, e posto ante seus olhos o mal e bem que de taes feitos avinr podia, depois de longos razoados que leixar queremos, por vos nom deter, sua postumeira conclusom foi esta: que nom embargando que todolos da cidade, e algús fidalgos dos que eram presentes tevessem já recebido o Mestre por senhor, e el se chamasse em seu ditado regedor e defensor, que outra vez novamente

o recebessem todos por senhor, assi fidalgos come cidadãos, e lhe fizessem menagem, come a regedor e defensor dos reinos de Portugal e do Algarve; e que o servissem e ajudassem com os corpos e haveres que cada hũ havia, pois viam que estavom em tempo de o haver mester. E mais que fossem chamados aqueles concelhos que por Portugal mantinham voz, e todos em Coimbra com os fidalgos e prelados que hi fossem juntos, falassem sobre o provimento da guerra, e donde se poderiam haver as despesas pera ela necessarias.

Esto assi determinado, quando veo aos seis dias daquel mês d'outubro da era per vezes já nomeada de quatrocentos e vinte e dous, foram juntos no paço delRei onde o Mestre pousava, o conde dom Gonçalo, e dom frei Alvaro Gonçalvez priol do Espital, e Nun'Alvarez Pereira, e Diego Lopez Pacheco e outros senhores com todolos fidalgos, assi cavaleiros come escudeiros, e todos moradores da cidade e doutros logares que a tal feito compriam d'estar.

Os quaes juntamente e cada hũ per si jurarom aos Santos Evangelhos corporalmente tangidos, e fizeram preito e menagem ao Mestre, come a seu senhor, de o servir e ajudar com todas suas forças, assi contra elRei de Castela, come contra qualquer outro que lhe algũ nojo fazer quisesse, e lhe beijarom a mão por senhor; deles de coração e obra, e outros fingido e nom de vontade, como se depois mostrou. E el lhe prometeo e jurou guardar todos seus privilegios e liberdades que haviam, e manter o reino em dereito e justiça.

Tanto que esto foi acabado, vio o senhor Mestre como os moradores da cidade mostravom tal desejo de o servir, que maior ser nom podia, despoendo-se em toda guisa a levar este feito adeante, nom embargando o cerco e fame em que foram postos. Desi a destroiçom dos bens que tinham passada, e esperavom de receber até despoer os corpos a morte, por serviço seu, e honra do reino. Como nobre senhor de real coração, em que nom somente avondava largueza de grandes dões mas ainda se podia del bem dizer que era hũ corrente rio de limpa e virtuosa gradez, com firme proposito, sem fazer tardança, pôs logo em sua vontade de regar os corações deles, das mui doces aguas do agradecimento.

E chamou esses de seu conselho, assi como o conde dom Gonçalo, e dom frei Alvaro Gonçalvez priol do Espital, e dom Lourenço arcebispo de Braga, e dom Joam bispo de Lixboa, e dom Pae de Meira bispo de Silves, e Nuno Alvarez Pereira, e Diego Lopez senhor de Ferreira, e o doutor Joam das Regras, e o doutor Martim Afonso, e outros assaz que aqui nom dizemos.

E propôs ant'eles e disse que bem viam como a cidade de Lixboa era a maior e melhor que no reino havia. E como ela fora a primeira que tomara voz e esforço pera defender estes reinos da sojeiçom em que os elRei de

Castela quisera poer, sem tendo razom nem dereito em eles, querendo-os a rainha dona Lionor de todo sojugar a ele, fazendo muito por ser assi. Na qual sojeiçom os de Lixboa nunca consentir quiserom e o tomarom por senhor regedor e defensor deles, assi como outras vilas e logares do reino, depois por seu azo, fizeram semelhante. Desi como ela por esta razom fora cercada per mar e per terra, como todos virom, no qual cerco que assi houverom perderom muitos dos bens que haviam e espargerom muito do seu sangue; per cujo defendimento com a graça do mui alto Deus, o reino ficava em parte livre e fora de tal sojeiçom, na qual nom ficara se eles em ela consentir quiserom.

Além desto, que el esguardava as grandes despesas que atá'li fizeram, e lhes convinha fazer por honra de seu estado e exalçamento do reino. E que lhe parecia que aqueles que tamanha demanda queriam levar adeante, como era defender a terra do gram poder de seus émigos, que lhes convinha sopor-tar taes perigos e trabalhos, que adur se podiam galardoar com mercês.

Porém por galardom de tal façanha, e por ficar em memoria por sempre àqueles que depois veessem, que el tinha cuidado de dar certos privilegios, e fazer algúas mercês à dita cidade, em recompesaçom de tam grandes serviços. As quaes posto que igualdança nom fossem do que ela merecia, que ao menos seu desejo era de a fazer franca e livre de saioarias dalguns dereitos de pequena condiçom, que os reis em ela e em seu termo per foro e costume atá'quel tempo haviam; de guisa que todos vivessem sem refeces sojeições, usando livremente do que houvessem.

E ditos per ele quaes eram e de que guisa, nom foi tal que o contradis-sesse, mas cada hũ dezia que era muito pouco em comparaçom de tam assi-nados serviços, quaes eram os que ela fazia e continuava de fazer; razoando sobre tal feito muitas cousas, e dizendo que posto que outras cidades e vilas do reino mantevesssem sua voz e tençom, que todo era em esforço e favor de Lixboa, tendo mentes que como ela fizesse, que assi fariam todas; em tanto que a honra e perda do reino, em ela somente estava de todo. A qual cousa era muito de notar, louvando todos a grande bondade do Mestre, por tam virtuosa tençom acerca desto ter cuidada, dizendo que Deus lhe encaminharia depois seus feitos, com tanto sua honra e exalçamento de seu estado, que el lho galardoaria cada vez melhor, com avondança de largas mercês.

Estonce lhe quitou estes costumes e dereitos que haviam usança de pagar *scilicet* relego, jugadas de pam e de vinho, mordomado, anadaria, açougagem, çalaio, mealharia, lombos, alcavala. E mais lhe fez mercê dos paços em que se tiravom taes dereitos, assi como do Paço do Trigo que está sô a portagem que em outro tempo foram carneçarias, e do Paço das Fangas da Farinha, e do

paço onde ora os carneiros cortam a carne. E mais lhe deu dez e seis tendas que eram des os Arcos das Marceiras até porta das Carneçarias *scilicet* oito dhúa parte e oito doutra; as quaes mandou que derribassem, por a praça da cidade ser mais fremosa. Deu-lhe mais dous tabaliados que havia em Ueiras, e no reguengo de Ribamar, por nom haver outros tabaliães no termo e fazerem jurdiçom per si.

E nom somente lhe quitou estes direitos e costumes, mas ainda deu privilégio a todolos vezinhos da cidade e seu termo, que entom eram ou fossem ao deante, que nom pagassem em todolos logares do senhorio de Portugal e do Algarve portagem nem usagem, nem costumagem, nem outro nehú direito nem trebuto de totalas mercadarias que levassem pera cada hú logar dos ditos reinos ou que trouvessem doutros logares pera a dita cidade, assi pera seus mantimentos, come pera vender.

E desto lhe mandou fazer escripturas as mais fortes que ser poderom, com que os da cidade foram mui contentes, e el cobrou gram louvor e fama. Os quaes lhe pediom por mercê que mandasse logo derribar o castelo dessa cidade. E sendo outorgado per ele, foi deitado em terra sem outra tardança.

Em esse dia falou Nun'Alvarez ao Mestre como sua firme vontade era quando elRei de Castela partisse de Santarém sair-lhe ao caminho ao Chão do Couce, e húa manhã dar sobr'ele. E que o entendia com a ajuda de Deus de desbaratar, e que lhe pedia por mercê que lhe desse lecença pera esto, dizendo que se eles haviam de pelejar com ele à vinda com muitas gentes e bem corregidas, que melhor pelejariam estonce com poucas companhas e mal ordenadas. O Mestre respondeo que lhe prazia muito, e que pera tal obra como esta, el queria ser seu companheiro. E que porém se tornasse el pera Palmela, e que o aguardasse ali. E que el passaria além com os mais que podesse, e dali partiriam a ir buscar elRei e pelejar com ele.

Tornou-se entom Nuno Alvarez da guisa que veera no batel. E aguardando o Mestre pera esto que dizemos, partio entanto elRei mais cedo do que eles cuidavam, nom sabendo porém disto parte, e cessou de se poer em obra o que contra ele tinham ordenado, e Nuno Alvarez se foi pera Evora. Onde folgue por hú pouco, até que vá tomar Portel, e nós iremos poer entanto elRei de Castela fora do reino.

CLV

Como elRei de Castela chegou a Santarém e ordenou alcaides em algũs logares

Partio elRei de Torres Vedras como ouvistes e chegou a Santarém com sua mulher, a qual ia em hũas andes ainda nom bem sã, levando-a o ifante de Navarra de redea. E ali começou d'ordenar como ficassem seguros e defesos os logares que mantinham sua voz. E hũa segunda-feira fez alardo em Valada, por ver que gentes tinha pera repartir, assi as que ficassem em cada hũ logar, como as que havia de levar consigo. E o alardo foi de pouca gente, e nom bem corregidos come homens que vinham de sobre cerco, e aos mais deles morrerom os senhores com que veerom.

E tirou elRei em Santarém d'alcaide Lopo Fernandez de Padilha por o levar consigo. E leixou na vila por fronteiro Diego Gomez Sarmento seu irmão, e na alcaceva mandou que ficasse Gomez Perez de Val de Ravanos, e com eles bem oitocentas lanças e trezentos besteiros. E em Sintra leixou o conde dom Henrique Manuel, e em Torres Vedras hũ cavaleiro de Castela que deziam Joam Duque, e em Alanquer Vasco Perez de Camões, e em Obidos Joam Gonçalvez Teixeira, e em Leirea Garcia Rodriguez meirinho-mor que fora delRei dom Fernando, e em Torres Novas Afonso Lopez de Texeda, natural de Castela, comendador de Santiago, por levar consigo Gonçalo Vasquez d'Azevedo a que fez hũ bom jogo que neste capitulo contaremos.

E em Penela e Miranda leixou o conde de Viana. E isso mesmo nos outros logares leixou aqueles que os tinham, segundo tocámos onde compria, ou outros algũs em seu logar; assi como o priol dom Pedr'Alvarez que se foi estonce com elRei. E nas fortezas do seu priorado leixou certos que as guardassem. E Gonçal'Eanes em Castel da Vide, e em Vila Viçosa Vasco Porcalho comendador-mor da ordem d'Avis, e em Portel Fernam Gonçalvez de Sousa, e em Monforte Martinh'Anes de Barvudo, e em Campo Maior e Ouguela Pae Rodriguez Marinho, e em Olivença Pero Rodriguez da Fonseca,¹⁴⁴ em Moura Alvaro Gonçalvez, e em Mertola Fernam d'Antas comendador-mor de Santiago, e em Guimarães Airas Gomez da Silva, e em Ponte de Lima Lopo Gomez de Lira, e em Braga Joam Lourenço Bubal, e assi outros alcaides nos logares que tinham.

¹⁴⁴ e] *om.*

E também nestes come nos outros, em todos ficaram gentes d'escudeiros e besteiros e homens de pé, aqueles que elRei vio que pera cada hús compriam, falando aos alcaides a que falar pôde e a outros escreveo que estevessem firmes e defendessem bem suas fortelezas; ca el a Deus prazendo entendia de tornar mui cedo, e lhes cobraria todo com grandes galardões e mercês.

E dizem que tam minguido foi elRei ali de dinheiro pera pagar soldo às gentes que leixava, que ante mandou desfazer sua grande baixela d'ouro e de prata que tragia, e cortavom-na à tisoira e davom-na em marcos a cada hús.

Ora em este logar devees de saber que posto que algús culpassem Gonçalo Vasquez d'Azevedo, que el fora em conselho e azo de darem Santarém a elRei de Castela, que el nom esteve porém no cerco com ele, nem se tremeteo mais de seus feitos, salvo estar sempre em Torres Novas, nom determinando qual parte teria, até ver a fim de tamanho negocio. Mas outros razoam muito per contrario, dizendo que estando el em Torres Novas, per sas cartas e mestegeiros, enviou dizer ao Mestre que lhe perdoasse todo o que passado era; e que el o serviria bem e lealmente contra elRei de Castela, e contra quaesquer pessoas; e que desto lhe enviou sua firmeza per palavra e per escrito. E que ao Mestre prougue delo muito, e que deu pera el e pera suas gentes soldo em dinheiros, e doutras joias. E esta razom parece mais certa, porque Alvaro Gonçalvez filho deste Gonçalo Vasquez se lançou entom da parte do Mestre com certos escudeiros seus e de seu padre, e veo a Lixboa na frota do Porto, mostrando-lhe o Mestre grande gasalhado e boa vontade, até que fugio com Gonçalo Rodriguez de Sousa e se foi pera os castelãos.

E quando elRei desta vez chegou a Torres Novas, Gonçalo Vasquez nom o saiu a receber, nem elRei nom pousou no castelo quando esto vio, porque entendeo que lhe nom prazia. E pousando assi na vila, nehú castelão nom entrava dentro mas à porta lhe vinha falar, quando lhe algú recado queriam dizer. E pero lhe elRei mandava rogar que lhe veesse falar, sempre se escusava de o fazer, receando o que lhe depois aveo.

ElRei tendo desto grande sentido, crendo que como el dali partisse que Gonçalo Vasquez logo daria volta, e se tornaria da parte do Mestre, cuidou todavia de o levar consigo, e foi deste geito. A soltura que os homens dam às molheres que muitas vezes lhe traz desonra e perda, encaminhou que Enês Afonso molher de Gonçalo Vasquez fosse ver a rainha dona Beatriz sua cunhada, e isso mesmo elRei. E ambos lhe disserom o nom bom geito que seu marido mostrava em nos servir, de guisa que nom tinham em ele boa esperança, dizendo-lhe quantas boas razões tinha pera amar seu serviço, e el de lhe fazer mercês e acrecentamento; as quaes ela per ligeiro siso, todas

concebeo em sua vontade, prometendo-lhe que ela o reduziria de todo ponto a seu serviço.

E quando tornou pera seu marido, começou-lhe de pregar todalas razões que lhe elRei e a Rainha disserom, e a grande honra e acrecentamento que tinham em vontade de o poer; principalmente por ser seu tio, desi por ter sua voz, o que teúdo era de fazer. E que porém desse o castelo a elRei e se fosse em sua companhia, e que ela assi lho aconselhava dizendo que a tençom do Mestre era húa abusom sem fundamento em que algús neicios de pouco entender caíam, e os sisudos se guardavom delo. Ca pois a Rainha renunciara o regimento em poder delRei, desi a rainha dona Beatriz, herdeira do reino, a que nehú contradizer podia, mormente sendo já tantos logares por ela, e Portugal contra Portugal, que bem se mostrava ser todo o al vento, como el muito cedo veria; ca o Mestre nom havia poder de se emparar ao gram poderio delRei de Castela, ainda que tevesse vinte tantos dos que tinha.

Gonçalo Vasquez ouvia bem todo e nom respondia cousa de que ela fosse contenta, tendo el sua vontade enferma, como algús outros tinham quando virom que elRei tornava pera seu reino, nom acabando o por que veera, que era azo de mui gram dúvida. Enês Afonso, vendo que nom podia enduzer seu marido com fremosura de palavras a dar o castelo e se ir com elRei, ordenou que a horas que el nom tevesse geito de preguntar por ela, se saiu escusamente per a porta da treiçom dizendo que a mandava elRei chamar, e foi-se ao paço pera falar com ele. ElRei depois que a teve consigo, mandou dizer a Gonçalo Vasquez que lhe fosse falar, e el escusando-se delo com algúas razões, enviou-lhe elRei dizer em resposta que nom fazia força quer fosse quer nom, que pois já tinha sua molher em poder, que ficasse ele com Deus que ele a levaria consigo pera Castela.

Gonçalo Vasquez quando esto ouvio, ficou contorvado de tal razom, e perguntou aos seus por ela, e disserom-lhe da guisa que se fora, de que ficou muito espantado. Movido entom per coração femenino, a que as molheres chamam amavioso, por lhe nom levar a molher foi falar a elRei. E ele depois que o teve consigo, mandou a molher e a nora pera o castelo, e levou Gonçalo Vasquez e Alvaro Gonçalvez seu filho. E partio de Torres Novas leixando por guarda do logar Afonso Lopez de Texeda com as gentes que vio que compriam.

E quando a Lixboa chegou recado que elRei de Castela partira dali pera seu reino que foi aos catorze dias do mês d'outubro, em esse dia mandou o Mestre decepar dos pés e das mãos e arrastar, e poer na forca hú homem chamado Joam do Porto, que fora escrivam da camara delRei dom Fernando,

por cartas que falsara do dito rei sendo vivo; e isso mesmo do Mestre depois que fora regedor.

E dhi a sete dias que foram vinte e hũ do dito mês, se partio a frota de Castela pela manhã assi naos come galés. E à vespora tornarom todas por tempo contrairo que houverom, e depois aos vinte oito dias, se foram todas sem mais tornar. E quem diz que esta frota jouve sobre Lixboa até que elRei depois veo à batalha, dizee que sonhou quando esto escrevia.

CLVI

Como elRei de Castela partio pera seu reino e da maneira como ia

Enquanto elRei de Castela esteve em Santarém, veerom-se pera ir em sua companhia todolos que algũs senhores tinham mortos, pera os levarem pera suas terras, segundo ante havemos dito. E partirom d’Obidos e d’Alanquer e dos outros logares que por Castela estavom, e juntarom-se todos com el em aquela vila. E quando se elRei partio do dito logar, partirom todos com ele e levavom esta ordenança. Eles iam todos deante sem mestura doutra gente d’armas. E cada hũs levavom seu senhor em hũ ataúde cuberto de dó posto em cima dhũa azemela e arredor dela, todolos de pé, vestidos de grande luito, e de trás os de cavalo que o acompanhavom na vida com a bandeira de suas armas logo junto acerca dele. E assi iam todos hũ ante o outro per grande espaço do caminho, a qual procissom era dorida de ver.

ElRei de Castela ia de trás com suas companhas assaz de bem nojoso e desacompanhado dos senhores e fidalgos que à primeira consigo trouvera, e segundo pertencia a seu real estado. Como poderia haver prazer no coração dhũ rei, o qual tantos e tam bons vassalos trouvera consigo, e assi guarnidos e ledos pera o servir e ajudar, e em tam breve tempo os via levar ante si mortos, sem nehũa cousa que de suas honras fizessem? Certamente crede que segundo o grande nojo que estonce elRei levava por estas e outras gentes que perdera, e isso mesmo os que com el iam; desi o gram quebranto dos corações dos que acompanhavom os mortos, que mui pouca gente que contra ele estonce veera com boa vontade de lhe fazer nojo, que em mui pequeno espaço poderom comprir todo seu talante.

E desta guisa que dizemos levou elRei seu caminho, até que chegou ao extremo onde cada hũs tiverom cuidado de levar a soterrar seus senhores aos logares hu lhe pertencia. E elRei foi-se pera Sevilha. E ali ordenou que dom Pero Nunez de Godoi mestre de Calatrava, fosse mestre de Santiago;

e que dom Pedr'Alvarez Pereira priol do Espital em Portugal, que era hi com elRei, fosse mestre de Calatrava; como quer que a muitos desprougue desta mudança que elRei fez, mas os freires destas ordens fizeram o que lhes elRei mandou; e o que se chamava papa Clemente com que elRei estonce tinha, confirmou-lhe estas permudações.

E como dom Pedr'Alvarez foi feito mestre de Calatrava, fez elRei logo o conde de Barcelos, conde de Maiorgas, e Gonçalo Vasquez d'Azevedo, adeantado de Castela-a-Velha.

E dizem algús que esto começava elRei de fazer, receando-se dos que tinham seu bando fazerem depois mudança per que sua honra fosse abalada, segundo as cousas que avinr podiam. E que portanto sô fingimento de trigoso galardom, mostrando gram desejo d'acrecentar naqueles que sua voz tomavom, quisera degradar de todo Portugal aquelas honradas pessoas, de que lhe algú estorvo depois podia nacer. E as honras e dinidades que no reino haviam, dá-las a seus naturaes, por segurança de seu estado.

Outrossi porque atáqui nomeámos dous priores do Crato, e nom dissemos como isto era, ante que al começemos de dizer, sabe que se chamavom desta guisa: Alvaro Gonçalvez Camelo por seus bons merecimentos em tempo delRei dom Fernando foi proveúdo pelo gram-mestre d'Ordem do priorado em Portugal. ElRei que mor desejo havia de o haver Pedr'Alvarez, filho do priol dom Alvaro Gonçalvez seu padre, encaminhou como lhe provesse dele o que se chamava papa Clemente, por que elRei tinha declarado, dizendo que o gram-mestre tinha com o papa Urbano Sexto, e que nom curava do provimento que fezera a Alvaro Gonçalvez. E desta guisa houve dom Pedr'Alvarez o priorado e o outro ficou sem ele.

E quando o Mestre começou seus bons feitos, e se Alvaro Gonçalvez chegou a el pera o servir, havendo o Mestre dom Pedr'Alvarez por seu émigo, e este por bom servidor, pose-lhe nome de prior posto que o outro houvesse a renda, e este do Mestre bem gradas mercês, atá que depois houve o priorado.

Mas ora leixemos elRei em Sevilha como dissemos juntando suas gentes, e armando frota pera tornar a Portugal, e contemos como Nun'Alvarez tomou Portel, e do que depois aveo a Lixboa e ao Mestre atá que foi alçado por rei em Coimbra.

CLVII

Como Nun'Alvarez cobrou a vila de Portel per azo dalgús que dentro moravom

Antre os logares que voz mantinham por Castela antre Tejo e Odiana, era hũ deles a vila de Portel, da qual era alcaide hũ gram fidalgo português que chamavom Fernam Gonçalvez de Sousa, casado com dona Tareija, aia que fora da rainha dona Beatriz que entom era de Castela. E dizem que per conselho desta sua molher tomou el voz contra Portugal e se tornou castelão, como fez Gonçalo Vasquez d'Azevedo e outros. E afora as gentes que el consigo tinha, estava no logar por fronteiro dom Garcia Fernandez senhor de Vila Garcia, mestre que depois foi de Santiago, com cento e vinte lanças e outras gentes de castelãos.

E estando o logar assi por Castela, receando-se Fernam Gonçalvez dos moradores dele, tomou-lhes as armas a todos e pôse-as no castelo. E aveo hũ dia que os d'Evora forom correr a Portel e levarom algús gados e prisioneiros. E Garcia Fernandez saiu a eles com sua gente e os da vila em sua companhia, e nom levavom al senom capas nos braços e pedras nas mãos. Garcia Fernandez quando aquelo vio, houve-os por bons e disse a Fernam Gonçalvez que lhe nom parecia razom aqueles homens estarem sem armas daquela guisa, ca posto que algú bem quisessem fazer, nom tinham com quê e que pareciam mui mal indo com ele com capas nos braços e pedras nas mãos. Assi que por estas e outras palavras que lhe sobre elo falou, se demoveo Fernam Gonçalvez a lhe dar as armas.

Em este logar de Portel havia hũ clerigo de missa que chamavom Joam Mateus, e desejava muito que aquela vila estevesse por Portugal, e tevesse voz por o Mestre. E pensou em seu coração que esto se poderia bem fazer havendo chaves contrafeitas pera abrir as portas quando el quisesse. E tomou cera e pôse-a nas fechaduras. E foi-se escusamente a Evora onde Nun'Alvarez estava, ao qual falou da maginaçom que cuidada tinha, e como se queria trabalhar d'haver chaves feitiças pera abrir as portas de noite. E depois que as consertadas tevesse, que lho faria saber. Nun'Alvarez lho agradeceo muito, como aquel que havia gram despeito porque Portel estava por Castela, porque era logar de sua frontaria, e onde el muito comarcava. E disse que se trabalhasse de o poer em obra e que o Mestre lhe faria por elo muitas mercês.

O creligo mandou fazer as chaves em Evora e foi-se com elas a Portel muito encubertamente, e forom feitas de guisa que desfecharom as portas. E certificado desto, veo-se outra vez a Evora a falar a Nun'Alvarez e como as

chaves abriam as portas. E que el tinha falado com Joam Longo, e outros que eram velas sobre aquela porta a que muito prazia delo.

Nun'Alvarez foi ledo com taes novas, e acordarom que a hũ dia certo partisse ao serão com suas gentes, e andasse aquelas seis legoas de tal guisa que amanehesse alta madurgada acerca da vila, assi que a noite os encubrisse da vista dos do logar. E o sinal certo pera chegar seguro às portas seria este. Porquanto a rolda dos castelãos andava polo muro requerendo as velas e poderia ser que à chegada da porta seria ela entom presente, a qual cousa era gram perigo, que portanto quando a rolda veesse acerca daquela porta, que eles bradariam altas vozes apupando: «Ex a raposa vai, ei-la raposa vai!». E que estonce estevessem quedos e nom movessem nada. E quando bradassem nom nomeando raposa, que entom movessem a pressa, e achariam as portas abertas.

Esto assi ordenado, Nun'Alvarez se percebeo dalgũas gentes, nom mostrando sua tençom pera hu era, e partio hũ dia d'Evora sobre a tarde e levou caminho d'Evoramonte bem hũa legoa da cidade. E depois tomou per hũa ribeira afundo atravessando sempre sem caminho, até que foi sair à estrada que vai pera Portel, a hũ logar que chamam a Torre dos Coelheiros que som dali três legoas, e estonce folgarom hũ pouco e algũs dormirom.

Desi cavalgarom e forom de geito que ante da manhã bom espaço chegarom a preto do logar, sendo a noite assi çarrada e eles com tal asseseço, que os da vila nom souberom disto parte. Ali descavalgarom todos e se poserom pé terra com os bacinetes nas cabeças, e suas acostumadas armas com as lanças nas mãos. E começaram d'andar o mais caladamente que se fazer pôde.

E os da vela que disto tinham esperto cuidado, como sentirom que eram acerca, e virom virn a rolda pelo muro, começaram de bradar apupando: «Ex a raposa vai, ei-la raposa vai!», que era o certo sinal antr'eles. E depois que a rolda passou já longe começaram eles de cantar e dizer outras razões.

O clerigo Joam Mateus, que d'abrir as portas tinha mor cuidado que de rezar as matinas, foi logo muito passamente a elas e abrio-as, e as gentes de Nun'Alvarez começando de entrar, algũs castelãos que estavom com as velas, houverom deles já quanto sentido, e começaram de bradar dizendo: «Armas, armas! Castilha, Castilha!»

Nun'Alvarez vendo que era descuberto, mandou dar às trombetas. Garcia Fernandez e todos os seus sentirom a cousa como era e colherom-se ao castelo deles em camisa, e outros mal vestidos, o mais a pressa que se fazer pode e muitos forom presos. Este Garcia Fernandez quisera Nun'Alvarez haver por prisioneiro se tam cedo nom fora descuberto. E cobrarom os seus totalas armas e bestas dos castelãos e todo quanto hi tinham que nom poderom salvar nada.

CLVIII

Como entregaram o castelo a Nun'Alvarez e se foi Fernam Gonçalvez pera Castela

Fernam Gonçalvez que no castelo estava como dissemos, era o mais saboroso homem que em Portugal havia e mui solto em suas palavras. E quando vio tal obra, ficou espantado, entendendo bem que os do logar azarom aquelo, mas nom soube remedio que fazer a tal feito. Assessegados todos, e roubado quanto acharom, mandou-lhe Nun'Alvarez dizer que lhe desse aquel castelo pera o Mestre seu senhor, se nom fosse certo que o combateria logo e o romperia per três partes.

Fernam Gonçalvez pero estevesse assaz de nojoso, nom leixou d'usar daquelo que per natureza tinha, e deu logo em reposta a quem lhe esto disse:

— Dizee a Nun'Alvarez que nom devia de aprazer a Deus com tanta soberva e ameaça, ca ainda que o castelo de Portel fosse bragas de pano francês que tem três buracos, nom se romperiam tam asinha como el diz que romperá este castelo. Ora vos i e dizee que haverei meu acordo.

Em esse dia gentes de Nun'Alvarez e algús de Beja que eram com eles, depois que cearom, sem lho mandando nehú, supitamente sem outra ordenança começaram combater o castelo, bradando que posessem fogo às portas.

Fernam Gonçalvez quando vio aquesto disse contra os seus em sabor: «Vistes nunca mais estranha cousa que esta, que Portel combate Portel?» E esto dizia ele por a avondança dos muito bons vinhos que há em aquel logar, dando a entender que beberom mais do que lhe compria, e portanto se demoverom a fazer aquelo.

Nun'Alvarez mandou entom que nom combatessem mais, ca poderiam perecer algús, sem podendo fazer cousa que muito aproveitasse. Entom mandou Fernam Gonçalvez rogar a Nun'Alvarez que lhe prouguesse de falarem à salva fé. Nun'Alvarez disse que lhe prazia, e falarom à barreira do castelo que he contra a porta de Beja. Na qual fala Nun'Alvarez, por o reduzir a serviço do Mestre, disse a Fernam Gonçalvez que se maravilhava dele muito, ser tam bom fidalgo, e de tam gram linhagem, desi lindo português como era; além desto ser senhor daquel logar e de Vilalva e de Vila Ruiva, e leixar todo por dar Portel a elRei de Castela leixando o certo polo incerto, que lhe parecia que nom houvera nelo bom conselho. Porém nom embargando esto, se a el prouguesse de tomar voz de seu senhor o Mestre, que ele haveria com el que lhe desse todo e outros logares, e lhe fizesse muitas mercês.

Fernam Gonçalvez respondeo e disse que Deus sabia bem que repreendido era do que tinha feito, mas que já doutra guisa nom podia ser, senom levar adeante o que começara. Mas que lhe rogava que fizesse com el e com os castelãos algũ preitejamento que razoado fosse. Nun'Alvarez disse que falasse el com dom Garcia Fernandez e com os outros, e segundo a preitesia que pedissem, assi lhe responderia.

Tornou Fernam Gonçalvez pera seu castelo, e logo em outro dia lhe mandou dizer que os leixasse ir em salvo pera Castela com todo o seu, entregando-lhe o que tomado tinham e que lhe dariam o castelo; contanto que desto lhe fizessem juramento, Nuno Alvarez, e certos dos que andavom com el.

A Nun'Alvarez prougue desto, e fez aquel juramento como lhe foi requerido. Antre os quaes que esto jurarom, foi Fernam Pereira seu irmão que era hi com ele. Estonce mandou Nun'Alvarez entregar a Fernam Gonçalvez e a dom Garcia Fernandez e aos outros todos o que foi achado que era seu. Salvo hũa cota e hũa espada de dom Garcia Fernandez que Fernam Pereira escondo, sem sabendo Nun'Alvarez parte.

Esto assi feito, Fernam Gonçalvez e sua molher com todolos outros se fizeram prestes pera se partir. E Nun'Alvarez mandou com eles pera os poer em salvo em Castela hũ bom escudeiro d'Evora que chamavom Diego Lopez Lobo. E quando Fernam Gonçalvez e sua molher houverom de partir da vila, pero pouco prazer tevesse, começou dizer que lhe chamassem as trombas pera tanger, dizendo a sua molher:

— Andae per aqui, boa dona e iremos balhando vós e eu a som destas trombas, vós por má puta velha, e eu por vilão fodudo no cu ca assi quisestes vós. Ou cantemos desta guisa que será melhor: «Pois Marina bailou / tome o que ganhou; / melhor era Portel e Vila Ruiva, / que nom Çafra e Segura; / tome o que ganhou, dona puta velha».

E esto dezia el porque perdia Portel e Vila Ruiva, e davam-lhe em Castela Çafra e Segura; desi esta voz que tomara, era fama que sua molher o demovera que o fizesse. Estes sabores e outros ia dizendo Fernam Gonçalvez enquanto foi pela vila e pelo arravalde. Desi cavalgarom e foram-se caminho de Castela. E Nun'Alvarez pôs regimento e segurança no lugar, qual compria, e tornou-se pera Evora.

CLIX

Dos nomes dalgúas pessoas que ajudaram o Mestre a defender o reino

Pois esta obra he compilada segundo a pouquidade do nosso engenho, a nós parece ser digna cousa e boa que aqueles que foram companheiros ao Mestre, em seus grandes e virtuosos trabalhos, houverom quinhom dalgúa renembrancha, que somente ficasse em escripto. Ca se o escorregamento dos grandes tempos gasta a fama dos excelentes principes, muito mais a longa idade soterra os nomes das outras pessoas, dentro no moimento com eles.

E porque em começo de seus bons feitos, o Mestre houve fidalgos e cidadãos que o bem e lealmente servirom, poendo os corpos e vidas por honra do reino, injúria nos parece que lhe foi feita, leixá-los cair em perpétuo esquecimento. Ca assi como este senhor de que falamos, com grande largueza d'espicias dões, galardou todos sem ficar nehú, assi deveróm os velhos autores fazer deles algúa mençom, a qual nos parece que devera de ser deste geito: nomear primeiro que fidalgos de linhagem em tempo tam duvidoso se vee-rom pera o Mestre e ficarom com el pera o servir; depois os alcaides dos castelos que tiverom voz por Portugal sem fazer mudança; desi os moradores e filhos de cidadãos de Lixboa que andarom sempre em seu serviço.

E querendo nós socorrer a tal mingua e outras em que os antigos nom compriram nosso desejo, achamos que se nom pode já inteiramente fazer, porque envelhecendo os nomes de taes, morreo a claridade da sua nobreza.

Quem querees vós que tire já agora d'escoridom de tantos anos os nomes daqueles que outras testemunhas nom têm, salvo esquecimento e cinza, que adur pode ser achada? Quem cuidaes que se nom enfade, revolver cartairos de podres escripturas, cuja velhice e desfazimento, nega o que homem queria saber? Quem achará tantos bitafes antigos, que os muimentos em que som escritos, dêem testemunho de quem jaz em eles? Quem contentará vontades alheas e tam desvairados juízos dos homens de guisa que a todos praza o que dizer queremos? Certamente he cousa impossibel.

Porém com trabalho, nom como compria, somente por remedear como se devera de fazer, o processo disto será¹⁴⁵ muito breve, nomeando algús fidalgos que com el ficarom; desi de Lixboa, certos cidadãos, pois ela foi madre e cabeça destes feitos. Ca posto que deles tenhamos seus nomes em algús logares deste livro postos, aqui juntamente acharóm em soma, escriptos aqueles

¹⁴⁵ será] seer

que percalçar podemos. De guisa que como no começo desta obra nomeámos fidalgos algús que ao conde dom Hanrique ajudaram ganhar a terra aos mouros, assi neste segundo volume diremos hús poucos dos que ao Mestre foram companheiros em defender o reino de seus émigos.

Onde nom escrevendo per ordem de fidalguia mas como a mão quiser mover a pena, o primeiro nesta ladainha seja o mui nobre Nun'Alvarez Pereira, gloria e louvor de todo seu linhagem, cuja claridade de bem servir, nunca foi eclipsi nem perdeo seu lume. E nom somente ainda Nun'Alvarez, mas per breve e solaçosa comparação ele e os de sua companhia devem ser postos primeiro que outros. Porque assi como o filho de Deus depois da morte que tomou por salvar a humanal linhagem, mandou pelo mundo os seus apóstolos pregar o evangelho a toda creatura, por a qual razom som postos em começo da ladainha, nomeando primeiro sam Pedro; assi o Mestre, depois que se despôs a morrer se comprisse, por salvaçom da terra que seus avós ganharam, enviou Nun'Alvarez e seus companheiros pregar pelo reino o evangelho português; o qual era que todos cressem e tevessem firme o papa Urbano ser verdadeiro pastor da Igreja e com isto ter aquela crença que seus padres sempre tiveram *scilicet* gastar os bens e quanto haviam por defender o reino de seus émigos; e como por manter esta fé espargerom seu sangue até morte. A qual pregaçom, Nun'Alvarez e os seus, por palavra e obra, fizeram tam compridamente que algús deles, como depois verees, foram mortos pola defender, assi como Fernam Pereira, e Antom Vasquez, e outros que nomear nom curamos.

Porém leixados algús dos que já dissemos, quando Nun'Alvarez partio de Lixboa, e muitos que seria sobejo d'escrever, estes seguintes avondem por ora *scilicet*:

Do reino do Algarve, de Tavira, e de Farom, Rodrigo Afonso d'Aragom, Vasqu'Eanes pai de Vasqu'Eanes Corte Real, Gonçalo Arraiz, Nuno Velho, Pedr'Afonso d'Ancora, Joam Fernandez Garganta, Gonçalo Vasquez Baiam, Pae Pereira.

De Loulé e de Silves, Vasco Afonso alcaide-mor do lugar, Joam Vasquez seu irmão, Gonçalo Nunez Barreto, Lope Estevenz de Saria.

Da Albofeira, Rodrig'Alvarez Banzam, Fernam Perez Banha, Gonçalo Navarro, Joam Delgado.

De Beja e do Campo d'Ourique, Martim Gomez comendador-mor de Santiago, Rodrigu'Eanes Frandino, Alvaro Afonso de Negrelos, Vasco Lourenço meirinho, Gonçalo Nunez alcaide-mor do lugar, Mend'Afonso de Beja, Joam Afonso de Brito.

De Serpa e de Moura, Diego Nunez de Serpa, Vasco Lourenço da Coutada, Egas Lourenço Raposo, Pero Rodriguez e Lop'Alvarez filhos d'Alvaro Gonçalvez de Moura, Pero Lourenço d'Arraiolos, Joam Gomez vigairo, Estev'Eanes Mangancha.

De Portel e de Mouram, Per'Estevenz padre de Pae Rodriguez, Lopo Soarez, Sueir'Alvarez.

D'Elvas, Pero Martinz Alcoforado.

De Juromenha e do Alandroal, Vasco Afonso comendador de Juromenha, Pero Rodriguez do Alandroal, Joam Gomez.

De Vila Viçosa e d'Estremoz, Lourenço Gonçalvez, Afonso Perez o Negro, Lopo Gonçalvez d'Alcanena, Fernam Lourenço, Gil Nunez, Gonçal'Eanes Frandino, Mend'Afonso, Alvaro Martinz d'Alvarenga.

D'Evora, Fernam Gonçalvez Darca o velho, Joam Fernandez seu filho, Diego Lopez Lobo, Fernam Lopez Lobo, Martim Lopez Lobo, Estevam Fernandez, todos quatro irmãos, Alvaro Perez Carvoeiro, Rodrig'Alvarez Pimentel, James Lourenço, Afonso Perez filho d'Ama, Martim Cotrim, Fernam Martinz Brandam, Gomez Martinz Zagalo, Afonso Lourenço do Vimeiro, Joam Afonso da Regueira, Joam Farto, Martim Vicente de Vila Lobos, Fernam Gonçalvez Façanha.

De Portalegre e de Montemor, Martim Gonçalvez de Tavares, Martim Afonso da Aramenha, Martim Gonçalvez tio do conde, Nuno Fernandez de Moraes, Lourenço Mendez, Lourenç'Eanes Azeiteiro, Vasco Gil que foi corregedor, Joam Lourenço Carvalho.

D'Alcacer e de Setuval, Rodrigu'Eanes Carvalho, Martim Anes Serrão, Alvaro da Aguiá, Pero Fernandez, Gomez Fernandez seu irmão.

De Lixboa, Joam Vasquez d'Almadá, Pedr'Eanes Lobato, Vasco Leitom filho de Estevam Leitom, neto do mestre de Cristos dom Estevam Gonçalvez, Afonso Perez da Charneca, Antom Martinz, Joam Alvarez de Faria, Estev'Eanes Berbeleta, Joam Estevenz Correa, Lop'Afonso da Agua, Lourenço Afonso seu irmão, Afonso Dominguez de Saavedra, Joam Lobato, e outros que tocámos em seu logar, que mais nom compre serem repetidos.

Mas podemos bem dizer e apropriar que assi como o nosso salvador Jesu Cristo, sobre Pedro fundou a sua Igreja dando-lhe poderio que aquel que legasse e assolvesse na terra seria legado e assolto nos ceos, assi o Mestre que sobre a bondade e esforço de Nuno Alvarez fundou a defensom daquela comarca, lhe deu livre e isento poder, que el podesse poer alcaides, e tomar e quitar menagens, e dar bens móvis e de raiz, e poer tenças e tirá-las, e todalas outras cousas assi perfeitamente como o Mestre delas usar poderia.

E que aquelas que Nun'Alvarez per suas cartas desse, o Mestre nom desse depois a outrem; e assi se guardava sem poer mais dúvida. De guisa que como a dada de Nun'Alvarez se mostrava ser feita primeiro, logo o Mestre mandava que cessasse a sua, dizendo que sua mercê era de nom ir contra nehúa doaçom que Nun'Alvarez fizesse a algúa pessoa, mas confirmá-la e mantê-lo em ela. E assi o fez a Nuno Fernandez de Moraes, a que Nun'Alvarez deu os bens de Gonçalo Mendez d'Oliveira que Nuno Rodriguez de Vasconcelos havia em Evora e em Arraiolos, e a outros muitos que nom compre d'escrever.

Outros honrados dicipulos se chegaram depois a Nun'Alvarez pera lhe ajudar a pregar este Evangelho português, cuja perseverança fez a eles e a seu linhagem sobir em grande honra e acrecentamento. Assi como foi o almirante micê Carlos, Alvaro Perez de Castro, Martim Afonso de Melo, Afonso Vasquez Correa, Gonçal'Eanes de Castel da Vide, e outros que nom som escritos em este livro.

CLX

Dos nomes dalguns fidalgos assi portugueses come castelãos

Per semelhavel comparaçom podemos em outra ordem nomear por martires os moradores de Lixboa e aqueles que com o Mestre, sendo cercado, estiverom em sua companha e esto com justa razom. Porque nom somente som martires os que padecem por nom adorar os idolos, mas ainda aqueles que dos hereges cismaticos som perseguidos por nom desemparrar a verdade que têm. E se martir quer dizer testemunha, bem testemunhas som os de Lixboa, dos que no cerco dela morrerom, e de suas tribulações e padecimentos. E porém a ela como cidade veúva de rei, tendo entom o Mestre por seu defensor e esposo, podemos fazer pergunta dizendo:

— Ó cidade de Lixboa, famosa antre as cidades, forte esteo e coluna que sostém todo Portugal! Quegendo he o teu esposo, e quaes foram os martires que te acompanharom em tua perseguiçom e dorido cerco?

E ela respondendo, pode dizer:

— Se me perguntaes de que parentes descende, delRei dom Afonso o quarto he neto. A altura do seu corpo, de boa e razoada grandeza, e a composiçom dos membros em bem ordenada igualdade com graciosa e honrada presença. He de gram coração e engenho, nos feitos que a minha defensom pertencem, e todo meu bem e defendimento somente he posto em ele.

«Os martires que o acompanharam foram de duas maneiras: hús vendo a boa entençon e justa querela que eu tinha em me trabalhar de defender o reino de seus tam mortaes émigos, publicamente foram convertidos, recebendo tal crença em seus corações, chegando-se a mim, por ser deles ajudada, segundo de praça mostravom. Mas depois a breves dias enduzidos de todo per espiritu de sataná, e mau conselho de falsos portugueses, poucos e poucos leixaram seu bom proposito, tornando a fazer seus sacrificios, e adorar os idolos em que ante criam.

«E de algús deles isto fazerem, sem dando tal fruto, quaes folhas mostram suas palavras, nom som tanto de culpar, pois que eram exertos tortos, nados d'azambugeiro bravo; assi como o conde dom Hanrique Manuel, o conde dom Pedro, Afonso Anriquez seu irmão, Vasco Perez de Camões, Lopo Gomez, Joam Afonso de Beça, Gonçalo Tenreiro que se chamava depois em Castela mestre de Cristos, Afonso Tenreiro seu irmão, Lopo Gomez de Lira, e outros taes.

«Mas aquelas vergontes dereitas, cuja nacença trouve seu antigo começo da boa e mansa oliveira português, esforçarem-se de cortar a arvor que os criou, e mudar seu doce fruto em amargoso licor, isto he de doer e pera chorar. Assi como o almirante micê Lançarote, dom Gonçalo Telez conde de Neiva, dom Joam Afonso Telez conde de Barcelos, o conde de Viana filho do conde velho, dom Pedro de Castro, dom Afonso seu irmão, dom Pedr'Alvarez prior do Espital, Dieg'Alvarez seu irmão, Martim Afonso de Melo ric'homem, Fernand'Afonso de Melo seu filho, Fernam Gonçalvez de Sousa, Gonçalo Rodriguez de Sousa, Airas Gomez da Silva, Fernam Gomez da Silva, Afonso Gomez da Silva seu irmão, Gonçalo Vasquez d'Azevedo, Alvaro Gonçalvez seu filho, Pero Lourenço Bubal que se chamava arcebispo de Braga, Pero Rodriguez da Fonseca, Gonçal'Eanes da Fonseca, Martim Gonçalvez d'Ataíde, Garcia Rodriguez Taborda, Fernam d'Antas alcaide de Mertola que se chamava em Castela, mestre de Santiago em Portugal, Vasco d'Antas seu irmão, Martim Anes de Barvuda, Gil Vasquez de Barvuda Alvaro Mendez d'Oliveira, Gonçalo Mendez d'Oliveira, Pae Marinho, Gonçalo Marinho, Diego Botelho, Vasco Botelho, Joam Rodriguez Portocarreiro, Fernam Vasquez Pimentel, Martim Correa que tinha o castelo da Feira, Alvaro Gil de Carvalho, Gil Alvarez de Carvalho, Fernam Gonçalvez de Meira, Vasco Porcalho, Joam Gonçalvez Teixeira, Vasco Gomez d'Avreu, Rui Vasquez Micham, Vasco Gonçalvez de Vieira, Gonçalo Rodriguez de Bornes, Manuel Rodriguez seu irmão, Nuno Garcia de Chaves, Pero Mendez comendador d'Almadá, Vasco Madeira, Estev'Eanes de Beja o moço, Alvaro

Fernandez Turrichão, Joam Martinz d'Outel, que estando depois com elRei na batalha se lançou com os castelãos, e assi outros muitos que fariam hū gram capitulo.

«E se alguém disser por todos escusar, que se hūs e os outros houverom do Mestre bom gasalhado mesturado com mercês, que muito cria os fidalgos corações, que os tortos exertos e vergontes novas, todos derom saboroso fruto, a esto posso bem responder que tam gracioso gasalhado nem mais doce companhia podia ser achada em outro homem. De lhe fazer grandes mercês segundo que cada hū era, do sobejo podia ser prasmado, mas do muito pouco nom. De guisa que mais parecia que fora enlegido pera largo destribuidor dos bens e terras do reino que pera ser defensor dele. E disto seriam boas testemunhas os livros das graças daquel tempo se fosse necessario de se buscarem. Assi que nehūa cousa do que pertencia a criaçom de fidalgos corações, faleceo a todos que nom fosse feito. Mas os exertos nom quiserom prender. E as vergontes mudaram sua natureza, como acontece algūas vegadas, que os bachelos de boa casta tornam-se em outra muito contraira, sem culpa daquele que os plantou.

«E porém taes martires como nomeei, nom quisera postos em meu calendario, se nom foram as boas promagens que de si lançaram, de que o Mestre meu senhor foi depois bem servido e aguardado, e o regno defeso e emparado de seus émigos e contrairos.

CLXI

Dos nomes dalguns fidalgos e cidadãos que ao Mestre ajudaram a defender o regno

«A outra maneira dos martires que me acompanharom cuja renembrancha deve durar por sempre, foram aqueles que com limpa entençom sem dobreza de palavras, estiverom fortes com grande firmeza, nom se movendo per nehūas pressas nem ameaças, do que começado tinham. Os quaes se já todos nom podem achar, por ficarem em memoria. E posto que se todos achar podessem, fariam tam gram processo, que mais seria de sobejo que necessario e bem ordenado. Porém estes poucos que aqui som postos, nom per ordem de fidalguia como já dissemos, mas feito dalguns este pequeno feixe, como se melhor apanhar poderom, fiquem por si e por todolos outros *scilicet*:

«O mestre de Cristos dom Lopo Diaz de Sousa, que sendo sobrinho da rainha dona Lionor, e tendo mais terras em Portugal que o Mestre

d'Avis, por ser verdadeiro português e ver que elRei de Castela quebrara os trautos, teve voz por Portugal e servio o Mestre como regedor, até ser preso em tendo cercado Torres Novas, que tinha voz por Castela; o mestre de Santiago dom Fernand'Afonso d'Albuquerque filho bastardo de dom Joam Afonso d'Albuquerque, o qual se veo pera o Mestre e lhe ofereceo as terras do mestrado; dom Lourenço arcebispo que foi de Braga; o doutor Gil do Sem; o doutor Joam das Regras; o doutor Martim Afonso, que depois foi arcebispo de Braga; Lourenç'Eanes Fogaça; Diego Lopez Pacheco, que em tempo tam duvidoso, se veo de Castela com seus filhos Joam Fernandez e Lopo Fernandez e Fernam Lopez, por se lançar com o Mestre; Joam Rodriguez Pereira, filho de Rui Vasquez Pereira; Rui Pereira que morreo na frota; Fernam Pereira irmão de Nun'Alvarez; Rodrig'Alvarez seu irmão; Gil Vasquez da Cunha; Lopo Vasquez da Cunha; Mem Rodriguez de Vasconcelos, e Rui Mendez seu irmão, que leixarom Gonçalo Mendez seu padre em Coimbra, e se veerom pera o Mestre; Lopo Diaz d'Azevedo que leixou todos seus bens, e se veo pera o Mestre pera o servir; Joam Gomez da Silva que leixou seu pai em Montemor-o-Velho onde estava, e se foi ao Porto meter na frota, e veo em ela ao cerco pera o Mestre; Joam Lourenço da Cunha que se veo de Castela pera o Mestre; Alvaro da Cunha seu filho; Alvaro Perez de Castro; Airas Gonçalvez de Figueiredo; Joam Rodriguez de Sá; Fernam Vasquez de Resende; Rui Freire; Gomez Freire seu irmão; Pero Lourenço de Tavora; Rui Lourenço seu irmão; Joam Lourenço de Penela; Vasco Martinz d'Ega; Sancho Gomez do Avelal; Lourenço Martinz do Avelal; Vasco Rodriguez Leitom; Alvaro Leitom seu filho; Fernam Rodriguez de Sequeira; Gonçalo Vasquez de Sequeira; Lopo Vasquez de Sequeira; Fernand'Alvarez d'Almeida; Gomez Garcia de Foios; Rodrigu'Eanes de Buarcos; Joam Afonso de Santarém; Rodrigu'Eanes de Barvudo, Joam Rodriguez da Mota; Gil Estevenz d'Outiz; Pero Fogaça; Pero Vasquez de Pedra Alçada; Nuno Veegas; Alvaro Vasquez de Goes.

«Algús cidadãos dos moradores em mim, assi cavaleiros come escudeiros, foram estes que se seguem: Martim Afonso Valente, Estevam Vasquez Filipe, Gil Estevenz Fariseu, Afons'Eanes Nogueira, Antom Vasquez, Alvaro Paez, Dieg'Alvarez seu filho, Gonçalo Perez, que depois regeo a casa do Civel, Afonso Furtado, Giral Martinz de Lemos, Gomez Martinz seu filho, Airas Vasquez d'Alvalade, Rui Cravo, Gonçalo Gonçalvez Borges, Fernam Gonçalvez da Moxoeira, Pedr'Afonso do Casal, Vasco Queimado, Afonso Estevenz da Azambuja, Joam Afonso seu filho que depois foi cardeal, Gonçalo Vasquez Carregueiro, Joam Dominguez Torrado, Lopo Afonso do Quintal, Estev'Eanes da Grá, Lopo Afonso Donzel, Francisco Dominguez de Beja, Joam da

Veiga o velho, Silvestre Estevenz, Afonso Estevenz seu irmão, Martim Lourenço pai do doutor Gil Martinz, Afonso Lourenço seu irmão, Martim da Maia, Joam Perez Canelas, Dieg'Afonso Alvernaz, Joam Afonso seu irmão, Martim Alvernaz, Estev'Eanes de Barvuda, Afonso Martinz de Gorizo, Nuno Fernandez de Chaves, Pedr'Afonso do Casal, Martim Gonçalves Rombo, Gonçal'Eanes do Vale, Alvaro Vasquez da Veiga, Joam Perez da Veiga, Diego Lourenço da Veiga, Fernand'Alvarez pai do doutor Rui Fernandez, Alvaro Gil de Pedroso, Lourenço Martinz Pratas, Martim Taveira, Lopo Taveira seu filho, Lopo das Regas, Afonso Dominguez do Pao, Rui Portela, Gonçalo Dominguez Barrufo, Rodrig'Afonso Barateiro, Estev'Eanes Lobato, Dieg'Alvarez de Santo Antonio.

«Outros muitos martires tive pelo reino, que sosteverom minha tençom fielmente. Mas dos que se acertarom com o Mestre, em meu padecimento e cerco, foi minha tençom leixar hús poucos em escrito, posto que a memoria de muitos deles se haja de perder de todo.

Mas porque muitas vezes o bom proposito he escorregadiço, e de pouca dura, e o justo cada dia cae sete vezes, e outras tantas se levanta, nom he maravilha se algús fidalgos dos que ante destes nomeei, despois d'estremados serviços que ao reino fezerom, caírom de seu bom estado, partindo-se do que começado tinham, per humanal fraqueza, e desvairança dos tempos. E aqueles que forom verdadeiros portugueses e ao Mestre leaes servidores assi estonce como depois, forom postos em grandes honras e acrecentamentos, como se bem podia escrever.

E quem no conto destes martires e apostolos nom achar seu pai ou irmão ou algú parente a que gram bem queira, nom doeste porém esta obra com gram trabalho ordenada. A qual todos nom pode contentar, assi como hú vento nom pode comprazer a desvairados mareantes. Mas haja aquela paciencia que os santos houverom que nom som postos na ladainha nem na sacra que dizem à missa.

CLXII

Dos nomes dalguns logares que tiverom voz por Portugal

Leixados taes apostolos e martires nomeados, convém outra vez que perguntemos à cidade de Lixboa, dizendo:

— Ó mui nobre cidade de Lixboa, vida e coração deste reino, purgada de todas fezes no fogo da lealdade! Pois que já sabemos algús martires dos que

por ti padecerom, ora vejamos quaes foram os confessores que te fizeram clara antre as gentes, confessando sempre tua tençom, sem desfalecer neles tal fé.

E ela respondendo a tal pergunta pode dizer desta guisa:

— Os que confessaram comigo o papa Urbano ser verdadeiro pastor da Igreja e o Mestre regedor e defensor destes reinos foi a boa leal cidade do Porto, que muito trabalhou comigo neste tam forte negocio, ministrando grandes ajudas e despesas, por manter a verdade que eu defendia. E com ela Coimbra, Evora, e a Guarda, e Viseu, e Lamego, e a cidade de Silves, e desi irmãmente com estas no Algarve, Crasto Marim, Tavira, Farom, e os outros logares daquel reino, Sines, Santiago de Cacém, Mourom, Serpa, Elvas, Monsaraz, Portalegre, Arronches, Fronteira, Portel, Evoramonte, Estremoz, Castel da Vide, Avis, Montemor-o-Novo, Palmela, Setuval, Almadá, a Ameeira, a Sartãe, Penamacor, Pinhel, Monsanto, Trancoso, Linhares, a Lousã, Celorico, Mencorvo, Miranda, Freixeo d’Espada Cinta, Vila Frol, Castel Branco, Nisa, Almourol, Marialva, Celorico de Basto, Avrantes, Tomar, Soure, Pombal, Alcanede, e assi algúas semelhantes a estas.

«E todalas outras me desepararom, húas per fraqueza de coração, e delas per nom leaes portugueses, outras per força de tormento, que soportar nom poderom, fazendo algúas de mim escarnho, e da tençom que tomava por sair da sojeiçom, a que contra razom nossos émigos per força nos obrigar queriam. E estas aqui nomeadas, foram os meus confessores que sempre confessaram a voz que eu tinha, sendo minhas companheiras nas pressas e tribulações, que por defensom do reino me dispuse a padecer.

«E eu assi viuva e desconsolada, nom tendo outro que me emparasse, senom o Mestre meu senhor e esposo, em que era minha grande feúza e esperança, juntarom-se todas na cidade de Coimbra, e ali me receberam com ele de praça, dando-mo por rei e senhor como depois ouvirees. O qual sempre entendo servir e amar e ser muito obediente, nom somente a el, mas a todolos que del decenderem, em quaesquer cousas que me a sua mercê mandar, e meu bom desejo puder abranger.

CLXIII

Da septima idade que se começou no tempo do Mestre

Seguindo nosso falamento por dar fim ao que começamos, em este passo devees de notar que os que escreverom as deferenças dos tempos, assi como Eusebio de Temporibus e Beda e outros algús assinarom no mundo seis idades.

A primeira foi des Adam até Noé, em que passaram mil e seiscentos e cinquenta e seis anos, na qual se conteverom dez gerações, e pereceo toda per deluvio.

A segunda foi des Noé até Abraão, cujo espaço foi de duzentos e noventa e seis anos, na qual houve outras dez gerações.

A terceira de Abraão até David, em que foram catorze gerações, e durou novecentos e quarenta anos.

A quarta des David até o trespassamento de Babilonia em que houve outras catorze gerações e durou trezentos e setenta e três anos.

A quinta foi des David até vinda do Salvador, que conteve em si catorze gerações, e foram os anos dela, quinhentos e oitenta e nove.

A sexta em que ora andamos, que há mil e quatrocentos e quarenta e três que dura, nom tem certidom per anos nem conto de gerações, mas cuidam algús que fará fim, quando se acabar o segre. O qual dizem que há-de durar seis mil anos, de que já seriam passados per esta guisa, cinco mil e duzentos e noventa e sete. E assi ficavom pera se acabar o mundo, setecentos e três anos.

Assi que doutra idade desta presente vida, nehú se tremeteo de falar, salvo quanto algús disserom que assi como Deus criara o mundo per espaço de seis dias, e no septimo folgara, que assi a folgança das esprituaes almas que no paraíso haveriam, seria a septima idade. Mas taes openiões bem som d'engeitar acerca dos entendidos, ca pois Jesu Cristo no evangelho disse que do postumeiro dia nehú era sabedor, nem ainda os angios do ceo senom somente o padre, taes falamentos pouca parte têm de verdade.

Mas nós com ousança de falar, como quem jogueta, per comparaçom fazemos aqui a septima idade. Na qual se levantou outro mundo novo, e nova geraçom de gentes. Porque filhos d'homens de tam baixa condiçom que nom compre de dizer, per seu bom serviço e trabalho, neste tempo foram feitos cavaleiros, chamando-se logo de novas linhagens e apelidos. Outros se apegarom às antigas fidalguias de que já nom era memoria, de guisa que per dignidades e honras e officios do reino em que os este senhor sendo Mestre e depois que foi rei pôs, montarom tanto ao deante, que seus decedentes hoje em dia se chamam dões, e som teúdos em gram conta. E assi como o filho de Deus chamou os seus apóstolos, dizendo que os faria pescadores dos homens, assi muitos destes que o Mestre acrecentou, pescarom tantos pera si per seu grande e honroso estado, que taes houve hi que tragiam continuamente consigo vinte e trinta de cavallo. E na guerra que se seguio os acompanhavom trezentas e quatrocentas lanças e algús fidalgos de linhagem.

Assi que esta idade que dizemos que se começou nos feitos do Mestre, a qual pela era de Cesar per que esta cronica he compilada há agora sessenta anos que dura. E durará até fim dos segres ou quanto Deus quiser que as todas criou.

CLXIV

Como o Mestre foi por cobrar Sintra, e nom pôde lá chegar por azo da muita chuiva

Segundo percalçar podemos nestes postumeiros dias, posemos os nomes dalguns logares que voz por Portugal tiverom, e isso mesmo de certas pessoas que forom em seu defendimento e ajuda, nom por tal memoria dos mortaes trazer consigo algũ espiritual proveito, mas por dar azo aos que esto ouvirem de seguir os bons e honrosos feitos, per que os de seu linhagem ganharam grande e notavel fama.

Porque nom há cousa tam certa nem per que se os homens melhor avisesem, daquelo que aos autos cavaleirosos pertence, que esguardar nas obras per que os antigos florecerom, ou houverom algũ contrairo. Doutra guisa sendo homem delas inorante, quasi cego he nas que som por vinr. E porende nom alongando mais tal razoado, brevemente devees de saber que com algũs fidalgos e cidadãos dos que nomeámos, e parte doutra boa gente, começou o Mestre seus grandes e guerreiros trabalhos.

E a primeira cousa que se trabalhou de fazer, depois que se elRei de Castela levantou do cerco, assi foi haver os logares d'arredor da cidade que por Castela tinham voz. E teve fala com algũs de Sintra, onde estava o conde dom Henrique Manuel por fronteiro, que som cinco legoas da cidade, que lhe dessem o castelo daquel logar, que he hũa grande forteleza, em hũ alto e fragoso monte, e a vila ao pé dele, sem nehũa cerca que a defender possa.

E hũa segunda-feira aos vinte e quatro dias daquel mês d'outubro, que era o dia antr' eles devisado, pouco mais d' hora de vespóra, mandou o Mestre sair fora da cidade a hũ ressião preto dela que chamam Santa Barbora, esses poucos de cavalo que hi havia, e outras gentes d'armas e peões mostrando que queria fazer alardo.

E depois que ali forom juntos apartou desses fidalgos, assi como o conde dom Gonçalo, e o arcebispo dom Lourenço, e doutra gente quanta lhe prougue de levar. E os outros tornarom pera a cidade, e dali partio com eles nom sabendo nehũ pera onde iam salvo aqueles com que o el falara, e a mor parte

deles moverom de pé, per mingua de bestas que nom tinham por azo do cerco em que foram postos.

E eles indo pelo caminho, nom mui longe da cidade, nacerom no ceo hûas leves nuvens com escuro envorilhamento molhando a terra de ligeiros orvalhos e crescendo mais sua espessura, foi assi o ar cuberto de negridom chuivosa, que a noite mostrou sua grande tristeza ante das horas pertencentes. Os montes começaram de se lavar com multidom de grossas chuivas, e decendo às estradas, seu trigoso escorrimento dava gram torva aos armados que queriam seguir seu caminho, de guisa que dos pobres regatos hu adur morava húa simprez rá se faziam tam grandes ribeiros, que poínham espanto de se poder passar. E sendo cada vez mor a aspereza de tam esquivo inverno, parecia que naciã no ceo novas maneiras de chuvas pera soverter o mundo outra vez com mortal diluivio, assi que os rios crescendo fora de mesura e cobrindo as acostumadas pontes adur eram os homens ousados de provar seu medroso passamento.

O Mestre nom embargando isto seguia seu caminho passo e passo, ca nom convinha doutro geito, por os que iam com ele de pé, desi esperando que cessasse tal tempo, como soe acontecer, e acabar aquelo por que ia.

Em este comeos, sendo já as trevas de todo çarradas, com infernal escuridom, naceo de sospeita hû pesado som avondoso de grandes ventos mesurado com saraçom e saraiva, e partindo-se o vento, o ceo se soltou todo em lampados e torvões fora do razoado costume, come se cintemente fossem enviados pera torvar o Mestre de sua ida. Em tanto que a guia que os levava perdeo de todo o esmo da terra, que mui notavelmente sabia, e as gentes começaram de se perder¹⁴⁶ hús dos outros e nom sabiam que fazer, nem pera onde fossem, sendo já hûas quatro legoas da cidade, segundo a manhã depois mostrou. Deles acertavom per aquecimento em casaes e faziam sair fora seus donos que lhe mostrassem per onde haviam d'ir. E nehú podia dizer nem mostrar cousa que lhes aproveitar podesse. Hús topavom com os outros nom vendo caminho nem em que logar eram, e leixavom-se estar quedos, espantados de tam desmesurada noite.

Que compre sobr'esto fazer detença, pois se per escrito dizer nom pode? As trevas eram em tal quantidade, que a nehú lume de lampados leixavom dar ousio de vista que prestasse, mas assi como aos mareantes, na postumeira desesperaçom da gram tormenta, parecem nas arcas e cordas dos navios lumes

¹⁴⁶ perder] esperder

e candeas, que he chamado corpo santo, assi em esta danosa noite, apparecerom três candeas nas pontas das lanças dalguns que eram acerca do Mestre.

Vendo el estonce tam nojoso aquecimento, falou àqueles que achou junto consigo, e disse esta razom: que pois que a Deus nom prazia de cessar aquel mao tempo, ante era cada vez peor, que nom fossem mais por deante, mas cada hũ trabalhasse de se tornar, se entendesse acertar caminho, ou per onde melhor podesse.

Onde sabe que estas foram as mores aguas que os homens nunca virom nem ouvirom falar. E durarom até cerca da manhã, indo-se pouco e pouco como começaram. Ca sua abastança foi tanta, que nom cabendo pelos canos da serventia da cidade per hu tem costume de se livrar quando chove, represarom no muro em tanta multidom que saindo pela porta de Sam Vicente dava agua pela meatade do postigo e derribou casas das que eram mais acerca; e derribou a parede do cerco do mosteiro de Sam Domingos, e entrou dentro em altura de quatro covedos e meo; e anagou as celas dos frades que eram terreas, e hũa mui nobre livraria em que danou muitos e mui bons livros. E saía tam tesa pela porta da igreja, que derribou o muro do alpende hu pregam, e todo o Ressio era hũ grande mar, anagando muitas casas d'arredor dele, e nadavom os tonees do vinho na rua das Esteiras, e pela rua Nova, e nadou hũa galé na Taracena, e outras muitas cousas que pareceriam impossivees de crer.

O Mestre chegou em outro dia à tarde, desacompanhado de como partira, e contando cada hũ os aquecimentos que lhes aveerom era saborosa cousa d'ouvir.

CLXV

Como o Mestre foi a Almadá, e cobrou o logar per vontade dos moradores dele

Andados quatro dias depois deste, ordenou o Mestre de pagar soldo que foi logo pagado dhũ mês. E tendo vontade de cobrar Torres Vedras, e outros logares que diremos, mandou primeiro Joam Fernandez Pacheco com gentes d'armas e besteiros e homens de pé fazer começo de cerco sobre a vila de Torres, hu estava Joam Duque por fronteiro. E tanto que alá chegou, saírom a ele a escaramuçar. E Joam Fernandez com aqueles que com el iam, per força d'armas os fez recolher pelas portas do logar e ençarrar dentro a mao seu grado. E desta guisa esteve cercada até que o Mestre depois chegou.

Ora assi aveo que elRei de Castela quando quis partir do cerco de Lixboa ante que movesse seu arreal, mandou chamar dos moradores d'Almadá algús dos honrados que hi havia, dizendo que queria tornar a Castela, por encaminhar cousas de seu serviço, e que lhe rogava que lhe fossem bons e leaes vassallos, tendo aquela vila por sua, o que el esperava que eles fariam, e que el teria cuidado de os sempre defender e lhes fazer por elo muitas mercês. Mas porque podia ser que per enduzimento doutros algús, eles fariam mudança de sua boa vontade, que por segurança de tal feito el queria que lhe dessem em arreféns os filhos dos melhores que hi houvesse, pera os mandar na frota a seu reino, e à tornada quando veesse, achando que eram bons e leaes servidores que el teria cuidado de lhe criar os filhos e de os casar e fazer muitas mercês.

Eles que al fazer nom podiam, disserom pois sua mercê era fazer-se daquel geito, que lhes prazia de lhos dar. E foram entom dados em arreféns todos os filhos parentes dos melhores que na vila havia bem até vinte, assi barões come femeas, e eram algús deles tam pequenos, que nom chegavom a quatro anos, e estes moços foram todos dados e entregues na frota ao almirante dela.

Alçado elRei de sobre Lixboa ficou a frota per algús dias, e quando partio, chegou a Sezimbra, onde roubarom algúas cousas que tomar poderom. E tornando outra vez sobre o porto da cidade foram-se logo quatro galés dereitas a Almadá, e saírom fora muito foutamente, cuidando aquelo que era razom, que a vila estava por eles.

Os do logar que estonce começavom de vendimar, quando virom as galés sair em Cacilhas que he muito preto, repicarom trigosamente, e foram logo a pressa juntos, os que se prestes fazer poderom. E os castelãos andavom já no¹⁴⁷ arravalde, trabalhando por levar daquel vinho que achavom. Os portugueses começaram de lho defender, metendo-se com eles, ferindo e matando até ribeira, de guisa que ao recolher das galés, onde muitos castelãos morrerom, lhes foi forçado cortar os proízes que tinham em terra jurando por esto os patrões das galés que lhe matariam os filhos que em arreféns levavom, e assi se foram sem tornando mais.

Quando o Mestre disto soube parte, prougue-lhe muito de taes novas, louvando-os por verdadeiros portugueses. E houve logo sua fala com eles, de guisa que lhe mandarom dizer que fosse receber o logar, e que eles lho entregariam, e tomariam voz por ele, nom embargando os filhos que em arreféns dados tinham, posto que soubessem que lhos matavom. O Mestre mandou

¹⁴⁷ no] nom

fazer prestes certas barcas pera aquelo pertencentes. E havendo nom mais de três dias que as galés partirom d'Almadá, chegou lá o Mestre e o conde dom Gonçalo com húas duzentas lanças.

Os da vila saírom todos a recebê-lo com procissom e assi foram com ele até o logar que lhe entregaram com leda vontade, contando-lhe as pressas e tribulações que haviam passadas por ter sua voz, e el prometendo de lhe fazer mercês.

CLXVI

Como o Mestre partio d'Almadá e foi sobre Alanquer

O Mestre em Almadá como dizemos, chegou-lhe recado dalguns d'Alanquer com que tinha fala sobr'esto que partisse logo pera o cercar, havendo-o por seu serviço e que fosse alta manhã se podesse.

E logo húa tarde depois de cea, embarcou com aqueles que tinha consigo, em trinta e cinco antre barcas e batees. E o arcebispo e Afonso Furtado e outros se foram per terra. E posto que o mar começasse d'encher, que era grande azo pera ir mais toste, porquanto o vento nom era de viagem, toda a noite poserom em chegar até hū logar que chamam o Piquete, antre Vila Nova e a Castinheira, húa legoa d'Alanquer.

Ali desembarcou o Mestre com os que levava, e foi com eles pé terra todos armados, sendo já muito clara manhã. E quando chegarom acerca do logar, houverom os da vila vista deles, e repicando saírom logo pela porta às barreiras.

O Mestre como chegou a húa igreja que chamom Santo Espiritu, que he em hū chão acerca do rio que corre arredor da vila, recolheo a si sua gente. Desi foi per húa comprida calçada acima, e pousou em hū moesteiro de Sam Francisco, que hi há. E dali mandou dizer a Vasco Perez todalas boas razões per que entendeo que se devia de mover a lhe dar aquel logar; cuja final reposta depois de longos falamentos foi que o nom entendia de fazer.

Estonce mandou o Mestre a Lixboa por trons e por dous engenhos, e foram-lhe levados em barcas, até quel logar hu desembarcara e dali em bois até o logar. E como chegarom ao arravalde, onde os bois nom poderom mais ir, tomarom os homens cordas pera os levarem per elas onde haviam de ser armados. E porque o pertigo dhū deles era mui pesado, e o nom podiam levar cassando muito com ele, falou estonce o Mestre e disse:

— Ó amigos, esforçae-vos por Deus e tirae bem, e nembre-vos vossas molheres e fazendas, e os filhos e terra dhu soes naturaes, e trabalhae por deitarmos estes émigos fora daqueste logar.

E eles se esforçaram com suas boas palavras de tal guisa que poserom os arteficios¹⁴⁸ cada hũ no logar onde haviam d'estar.

E aveo hũ dia pela manhã, que o Mestre e o conde dom Gonçalo com algũas gentes iam ver hũa casa em que o Mestre mandava começar hũa cava pera poer em contos a torre que está à porta de Santa Maria da Varzea, hu chamom a Porta do Carvalho; e isso mesmo hũ engenho que mandava armar em hũa horta preto do logar. E algũs de dentro saírom pela porta da vila armados, e os do Mestre moverom contra eles; antre os quaes ia Airas Gonçalvez de Figueiredo, e os da vila se recolherom a dentro per hũa barreira baixa onde eram bem defesos dos que estavam em cima do muro.

Airas Gonçalvez come valente homem d'armas entrou pela porta da barreira, a mao seu grado de quantos dentro eram, e chegou acerca da porta da vila, e deu por façanha três ou quatro vezes com a daga na parede do muro.

Onde aqui devees de saber que Afonso Anriquez irmão do conde dom Pedro, era hũ homem pequeno de corpo, de boas feições porende. E era muito namorado de dona Beatriz de Castro, molher que fora do conde de Maiorgas, que ficara em esta vila quando elRei de Castela partira pera seu reino. E falando hũ dia esses fidalgos perante o Mestre das manhas dos bons homens d'armas, começou Airas Gonçalvez dar a entender que os homens de pequenos corpos nom tinham poder de se igualdar com os de maior grandeza. E hús e os outros defendendo seu bando, disse Afonso Anriquez contra Airas Gonçalvez que se lhe a el prougesse de el ser seu companheiro em armas que el o acharia sempre consigo em qualquer bom feito que el mão possesse. Airas Gonçalvez disse que lhe prazia muito, e derom-se as mãos sobre tal irmindade. E deziã que todo esto fazia Afonso Anriquez por amor de dona Beatriz cujo namorado era.

E quando Airas Gonçalvez entrou pela porta da barreira como dizemos, ia Afonso Anriquez junto com ele. E das muitas pedradas que de cima deitavom derom hũa tal a Afonso Anriquez, que caiu em terra e deu algũs tombos. Airas Gonçalvez, nom podendo sofrer as outras, afastou-se afora e tornou-se.

Desta queda foi Afonso Anriquez muito prasmado dos seus, dizendo que se queria poer em cajões que lhe nom compria, mormente com tal come Airas Gonçalvez que era homem de tam gram corpo e força qual nom havia outro naquel arreal; e que a igualdança d'ambos nom era convinavel, e outras taes razões. E el respondeo dando a entender que nom entendia de leixar o proposito que começado tinha.

¹⁴⁸ os arteficios] o arteficio

Em esto foram novas mui a pressa onde o Mestre pousava, como se combatia o logar rijamente e nom era porém assi. E armaram-se quantos hi estavam e pelo arravalde, e foram-se caminho da porta de Soire pera combater daquela parte, que era grande espaço donde o Mestre estava. E como chegaram disserom algús que tal combate nom era razoado. A húa por a porta ser mui forte, a outra porque eles eram muito poucos, e os da vila muito mais que eles.

O doutor Joam das Regras¹⁴⁹ que ia ali de mestura, respondeo estonce dizendo estas razões:

— Ó amigos, mas essa he a verdadeira peleja, que hú português nom peleje com hú castelão, mas com três e com quatro quando mester fazer. E portanto nom compre aqui al senom combater com boa vontade, posto que a porta seja forte, e as gentes muitas.

Entom se chegarom e poserom fogo à porta da barvacã, e per força das muitas pedradas que vinham das torres de cima da porta, e isso mesmo daquela barreira, lhes conveo de se arredarem sem dela arder cousa que prestar podesse nem lhe fazer outro nojo. E posto que ardera e a abrirom de seu grado, nom lhes aproveitara, porque a da vila era mui forte.

Em esto veo o Mestre da outra parte onde escaramuçavam, e estes leixarom o que começado tinham e foram-se todos pera as pousadas.

CLXVII

Do combate que derom os do arreal aos da vila em que foi morto Afonso Anriquez e outros

Em esse dia depois de comer, saírom os da vila pera desfazer e cortar húa ponte de grossos paos per que passavom pela cava da barreira per hu dantes provavom de poer o fogo.

Os do arreal quando aquelo virom, quisierom-lhe embargar que os nom cortassem, e foi alá muita gente por esto, e os da vila saírom à barreira por defender os seus; e foi ali grande envolta de peleja, de guisa que d'escaramuça se começou de fazer combate. Em esto Afonso Anriquez o moço, que estava com o Mestre no moesteiro, ouvindo aquele grande arroído, pedio-lhe licença pera se armar nas suas armas, pois nom estava em sua pousada. E ao

¹⁴⁹ Regras] Regas

Mestre prougue delo, e armou-se de húas solhas postas em pano de sirgo verde per que o Mestre era conhecido quando as vestia. E foi-se logo à porta da barreira onde começavom de combater. E chegando ali, foi mais avante e deu com a lança na porta da vila por mostrar ardidez. E as pedras muitas que vinham de cima de sobre as torres da porta, acertou de lhe dar húa de que caeo em terra morto. E os da vila que o virom caer, conhecendo as armas que eram do Mestre, cuidarom que era ele, e entom se esforçarom de lançar muitas mais pedras sobr'ele de guisa que o cobrirom todo.

Airas Gonçalves que era presente, quando esto vio tomou hū pavês de barreira com que se emparou das pedras o melhor que pôde, e per húa pequena de perna que lhe parecia, o tirou afora per força, nom embargando as muitas pedradas, que assi lançavom. E desta guisa morreo Afonso Anriquez comendo ardidez que nom aproveitava, de cuja morte o Mestre mostrou assaz que lhe pesava, porque segundo dava a entender, tinha bom desejo de o servir.

Em este combate deu hū viratom pelo rosto a Joam Afonso filho d'Afonso Estevenz da Azambuja, de que morreo esse dia. E foi morto Gil Afonso criado do Mestre e outros mortos e feridos. E mais aconteceu entom que dous besteiros, hū da vila e outro do arreal, tirarom hū ao outro. E daquel primeiro tiro, se acertarom ambos, e forom logo mortos. E durou este combate, que se começou como d'escarnho e se acabou de verdade, até cerca de sol posto.

CLXVIII

Como o Mestre preitejou com Vasco Perez e se alçou de sobre o logar

Estando o Mestre sobre Alanquer per espaço de dias, chegou o conde dom Pedro irmão deste Afonso Anriquez que ali morreo; o qual ficara no Porto ferido da mão quando a frota houve de partir, segundo contámos em seu logar, e tragia algús poucos consigo. E o Mestre o recebeo mui bem e lhe fez bom gasalhado.

Em esto começou a agua de minguar aos da vila, porque húa coiraça que hi havia começada nom era ainda em tal alteza que dela podessem tomar agua. E posto que fosse tempo d'inverno, nom chovia cousa que aproveitasse.

Vasco Perez sentindo as cavas que lhe faziam, e o engenho grande que armavom pera lhe tirar, desi como o Mestre mandava por almazém a Lixboa, entendeo que tinha vontade de continuar seu cerco.

Estonce ele e Gonçalo Tenreiro seu sogro mandarom falar ao Mestre sobre preitesia, na qual acordados fizeram tal convença: que Vasco Perez possesse

fora os homens d'armas e besteiros castelãos que hi estavom, que se fossem pera Santarém com o seu todo; que el tomasse voz por o Mestre e fizesse por el guerra e paz; e se a rainha dona Lionor que lhe aquel castelo dera, tornasse ao reino em seu livre poder, sem companhia de castelãos pera ajudar a defender o reino, que lho entregasse, por nom ficar em mau caso.

E feze-se esta preitesia aos dez dias do mês de dezembro, no moesteiro de Sam Francisco onde pousava o Mestre, de noite às tochas presente muitos que hi estavom. E foi posto em ela que o Mestre leixasse hi homens d'armas por guarda do logar, quaes Vasco Perez quisesse escolher. E el feita a menagem ao Mestre, apartou pera ficarem com ele: Rui Cravo, e Gonçalo Gonçalves Borges, e Fernam Gonçalves d'Amexoeira, e outros que eram seus compadres e amigos. E partio o Mestre dhi, e foi cercar Torres Vedras havendo já seis domas que chegara sobre Alanquer.

CLXIX

Como o Mestre partio d'Alanquer e foi cercar Torres Vedras

Feita tal convença e ficando Alanquer por seu, partio o Mestre pera Torres Vedras, onde Joam Fernandez Pacheco havia já feito começo de cerco, e fez pera lá levar engenhos e trons pera lhe tirarem com eles.

Joam Duque que a vila por elRei de Castela tinha, era hū fidalgo castelão bem acompanhado d'homens d'armas e peões e besteiros, que pera defensom do logar eram assaz abastantes.

O Mestre apousentou suas gentes pelo arravalde arredor da vila como se melhor poderom alojar. E nos paços delRei onde pousava o conde dom Gonçalo e Joam Fernandez Pacheco, poínham de noite e de dia húa guarda, e a segunda estava da outra parte contra o castelo.

Este logar de Torres Vedras he húa forteleza assentada em cima dhúa fre-mosa mota, a qual natureza criou em tam ordenada igualdade, como se a mão fosse feita artificialmente. Tem bom e gracioso termo junto consigo e arredor, de pães e vinhas e outros mantimentos, que naquel tempo per azo da guerra de todo ponto eram gastados. A vila tem sua cerca arredor do monte, e na maior alteza dele está o castelo. E antre a vila e o castelo moravom tam poucos, de que nom he fazer conta. E toda sua poboraçom era em hū grande arravalde de muitas e boas casas em bem ordenadas ruas ao pé do monte.

O Mestre desejava muito d'haver e cobrar este logar e Joam Duque gram vontade de lho defender, per cujo azo se faziam algúas escaramuças, antre os

de fora e os de dentro, de que nom compre fazer estoria, salvo daquel longo trabalho per que o Mestre ordenou de a tomar, que foi húa grande cava afora outras que lhe fez; a qual havia d'ir sair ao adro da igreja que chamam Santa Maria, que he dentro no logar antre a vila e o castelo.

Esta cava era larga e espaçosa, de guisa que três homens d'armas podiam ir a par folgadamente per ela. E foi começada em húa tenda muito arredada do logar o mais encubertamente que se fazer pôde, de guisa que nom somente os da vila nom houvessem delo nehúa notícia, mas ainda muitos do arreal nom sabiam parte que se ali fazia. E a terra que de dia tiravom dela, deitavom dentro na tenda, e de noite lançavom-na em tal logar onde os émigos nom entendessem sua obra. Os castelãos tinham atalaia em cima da igreja, e quando virom que o Mestre ia ameúde àquela tenda, o que ante nom havia em costume, sospeitarom aquelo que era. E o Mestre por escusar tal sospeita, leixava de¹⁵⁰ ir de dia, e de noite ia ver o que faziam. Porém todo seu cuidar e sospeita fora vão, se nom forom algúas pessoas, que andavom com o Mestre, que pouco amavom seu serviço, que per sinaes e outras encubertas maneiras, lhe faziam saber todo quanto o Mestre obrava contra eles.

E nom somente lhe faziam saber todolos segredos que se no conselho falavom, mas ainda éavessavom o Mestre de quaesquer cousas que em obra mandava poer, pera destroiçom do logar. Assi como no tirar dos engenhos que o Mestre dezia que tirassem ao muro e às torres pera as desfazer e derribar. E eles deziã que mandasse tirar ao pé do muro da vila, e que per ali fariam hú portal, per que entrassem a tomar o castelo.

O que tinha carrego de tirar com os engenhos contradizia muito tal conselho, e nom embargando esto tirava ao muro da vila, e à torre da menagem. O Mestre por aficamento daqueles nom fiees conselheiros se houve tanto de queixar contra ele, que disse que se nom tirasse ao pé do muro como lhe eles mandavom, que o mandaria lançar na funda do engenho dentro no castelo.

El vendo que por seu bom serviço lhe prometiam tal galardom de que houve gram medo, fugio aquela noite, e foi-se pera Leirea.

¹⁵⁰ de] *om.*

CLXX

Como o mestre de Cristos foi vencido e levado a Santarém

Em esta sazom no mês de novembro que dissemos que o Mestre veera sobre Alanquer, partira o mestre de Cristos dom Lopo Diaz de Sousa da vila de Tomar. E com ele dom Alvaro Gonçalvez Camelo, priol que se chamava do Espital, e Rodrig'Alvarez Pereira irmão de Nun'Alvarez e outros. E foi cercar Torres Novas, levando consigo húas oitenta lanças e homens de pé e besteiros. E fez levar hū engenho pequeno com que lhe mandava tirar, dando-lhe às vezes algūs combatos que lhe pouco empecimento faziam.

Afonso Lopez de Texeda que no logar ficara por alcaide, defendia-o o melhor que podia. E porque se seguiron espaço de dias que era cercado, começou-lhe de minguar a agua e o pescado, de guisa que cada dia comiam carne e esperavom de padecer peor.

Diego Gomez Sarmento que estava em Santarém, soube parte como lhe minguavom os mantimentos, e ordenou de fazer pera alá húa cavalgada, que fosse húa via e dous mandados *scilicet* levar-lhe algúas viandas se as podesse poer dentro pela porta da treição, ou decercar o logar a todo o seu poder. E com esta tençom partio de Santarém à mea-noite com duzentos de cavalo antre homens d'armas e ginetes. E andadas aquelas cinco legoas que há dhú logar ao outro, sol levado amanhecendo chegarom sobre o logar.

O Mestre que disto parte nom sabia, quando os sopitamente tam preto de si vio, juntarom-se todos assi como estavom, e feze-se prestes pera pelejar. E os castelãos isso mesmo vendo-os tam poucos, cobrarom fouteza de pelejar com eles. E foi o mestre vencido e preso, e levado a Santarém, el e Alvaro Gonçalvez Camelo e outros. E assi jouverom até que a batalha depois foi vencida como ouvirees. E jazendo el assi preso, mandou pedir por mercê ao Mestre a Torres Vedras onde estava, que ministrasse entanto por el o mesrado Martim Gonçalvez comendador d'Almoirol. E ao Mestre prougue delo e assi o mandou per sua carta, e fez poer bom recado em todolos logares da terra d'Ordem.

CLXXI

Como Nun'Alvarez foi a Elvas e lançou fora algūs do logar

Contado havemos em seu logar, onde falámos da tomada de Portel, como Nun'Alvarez depois que leixou em el segurança qual compria, se tornou logo

pera Evora. E enquanto o Mestre jaz sobre Torres Vedras, e lhe fazem cava pera a tomar, vejamos o que aveo entanto a Nun'Alvarez pois todo foi em húa sazom.

Onde segundo conta hũ estoriador, estando el em aquela cidade, veo-lhe recado daquela vila d'Elvas, que algũs dos bons do logar se queriam alçar com ela, e tomar voz por elRei de Castela. E que Nun'Alvarez partio pera alá, com certas gentes consigo, pera poer asseseço na vila segundo visse que era mes-ter. Outros dizem que Fernam Pereira chegara a Evora pouco havia, por ir ver sua madre que estava em Elvas, e que Nuno Alvarez por o ir esposar com húa filha de Gonçalo Martinz, alcaide que fora daquela logar e o poer em posse dele, se demovera pera lá chegar.

Ora de qualquer guisa que fosse, indo el pelo caminho com suas gentes, vio levar vestida a seu irmão Fernam Pereira a cota que fora de dom Garcia Fernandez, e cingida a sua espada, as quaes el escondera em Portel, quando se Garcia Fernandez houve de partir. Nun'Alvarez quando o assi vio ir e conheceo aquelas cousas cujas foram, foi muito anojado em sua vontade. E disse estonce a Fernam Pereira que fizera gram mal, passar per ele tal mingua contra seu juramento, dizendo que prouguesse a Deus que lhe nom veesse por elo algũ gram cajom por quebrantar assi sua jura.

Fernam Pereira se escusou com razões, a que Nun'Alvarez nom quis mais responder, e foram assi seu caminho, atá que chegarom a Elvas. E eles ali a mui poucos dias, mandou Nun'Alvarez da parte do Mestre, a Gil Fernandez e a Martim Rodriguez, e outros bons do logar que se saíssem da vila e se fossem a Torres Vedras, onde o Mestre tinha seu cerco, pera o servirem em ele. Desto pesou a eles muito como aqueles que se tinham por verdadeiros portugueses e leaes servidores do Mestre, como se bem per obra atáli mostrara. Porém obedecendo a seu mandado, houverom-no de fazer.

E quando chegarom a Torres Vedras, o Mestre os recebeu mui bem, mostrando que de sua vinda lhe prazia muito, dizendo que veessem muito em boa hora, e outras razões de gasaloso recebimento. Gil Fernandez que era solto em falar, disse logo perante todos:

— Mas venhamos muito era má, senhor, pois por quanto bom serviço vos fizemos, nos mandastes lançar fora d'Elvas, como lançom os treedores.

Dizendo el e cada hũ dos outros todo o que por suas honras entendiam.

O Mestre desculpando-se respondeo que de tal cousa nom era sabedor nem fora feito per seu mandado nem consentimento, mas que ele os havia por verdadeiros portugueses e tam bons e melhores servidores do que eles diziam, e lhes faria por elo muitas mercês e acrescentamentos como eles podiam bem

ver. E com estas e outras boas palavras os apacíficou, e assi estiverom com el espaço de dias.

CLXXII

Como Nun'Alvarez foi por cobrar Vila Viçosa e foi morto seu irmão e a cercou e nom pôde tomar

Tantas vezes contam e foi já ouvido que indo Nun'Alvarez por tomar Vila Viçosa, que Vasco Porcalho dera aos castelãos, foi morto seu irmão Fernam Pereira à entrada do logar, que nehú disto algúa cousa dovida. Mas que o moveo partir pera alá per tal geito como el foi, a desordenança dos estoriadores nos põe sobr'elo em fadigoso cuidado.

Porque hús dizem que sabendo el que o comendador fazia voda e dava casa a hū seu criado que diziam Alvaro Machado, que cuidou por a gram festa e prazer em que seriam postos em aquel dia, que enquanto os noivos fossem na igreja e a mais da gente com eles, que de salto e supitamente podia tomar o logar, e por aquesto se partio assi. Outros contam que algús homens bons de Vila Viçosa enviaram dizer a Nun'Alvarez que fosse alá, e que eles lhe dariam húa porta da vila per que entrasse. E que sendo el mui ledo de tal embaxada, trabalhou logo de o poer em obra.

E partio com suas gentes sobre a noite fazendo infinta que ia pera outra parte. E saindo a sua bandeira pela porta da vila, quebrou a asta dela ao alferez que a levava, o que todolos que ali eram, houverom por forte sinal dizendo a Nun'Alvarez que nom partisse per nehúa guisa e escusasse o caminho que fazer queria; mas el nom curou nada do que lhe deziã, e mandou poer a bandeira em outra asta e seguiu a tençom que começada tinha. E andadas aquelas quatro legoas que há dhū logar ao outro chegou acerca de Vila Viçosa, e alojou-se a preto dela, em hū logar que chamam o Arelhal muito sem arroído e todos assessegados.

Em outro dia pela manhã, ordenou de tomar a vila, segundo a enformaçom que lhe enviada fora. E mandou deante Fernam Pereira seu irmão, e Alvaro Coitado com certos consigo. Os quaes a cavalo armados com seus bacinetes como a tal feito compria, chegarom a pressa a Vila Viçosa e decessom dos cavalos por se lançarem dentro pela porta que chamam da Torre, que he a mais forte que ela tem, a qual he em esta guisa. Ela he húa torre mui larga abovedada em cima da entrada da porta, que nehú nom pode chegar à porta da vila, que primeiro nom passe per sô toda aquela aboveda; a qual

há húa tal boca na meatade, per que cabem grandes cantos pera os lançar de cima quem quiser.

E como Fernam Pereira e os outros se quiserom lançar per sô aquela aboveda por chegar à porta da vila veu hũ grande canto de cima, e deu a Fernam Pereira que lhe esmagou o bacinete e a cabeça toda e foi logo morto. E per esta guisa matarom hũ seu escudeiro que o seguio que chamavom Vicente Estevenz. Alvaro Coitado chegou todavia à entrada da porta sem empediemento nem torva que houvesse. E querendo entrar foi ferido e preso e levado dentro à vila. E também levarom o corpo de Fernam Pereira, que era hũ dos ardidos e fremosos corpos d'homens que em todo o reino havia, sendo àquel tempo de idade de vinte e quatro anos.

Em esto chegou Nun'Alvarez com sua bandeira e gentes, e quando soube que seu irmão era morto, e Alvaro Coitado preso e ferido, houve tam gram nojo que maior ser nom podia, e nom podendo em elo mais fazer, por as portas serem çarradas, e tal entrada mui perigosa, tornou-se com gram nojo pera Borva que estava por o Mestre, que era dali húa legoa.

Ora sabe que hũ outro estoriador contando a partida de Nun'Alvarez, quando desta vez foi a Vila Viçosa, nom se outorga em tal razoado. Mas diz que Vasco Porcalho enganosamente escreveo a Nuno Alvarez aquela carta, em nome de três ou quatro dos bons do logar, dizendo que se trabalhasse de chegar lá com suas gentes o melhor que podesse, pera tomar a vila e quantos eram dentro e que eles lhe dariam entrada. E que el crendo que era tal cousa verdade se demoveo da guisa que dissemos e recebeo aquel grande cajom e engano.

E certamente tal falamento he mais conforme à razom que nehũ dos outros, porque se os da vila em grande segredo tal cousa moverom em perda e dano do comendador e dos que no logar eram, nom houvera morte per que forom vingados dos que tal maldade contra eles cometiam? E nós nom achamos estoria que diga que nehũ por esto mal recebesse, ante forom todos acordados e muito prestes quando Fernam Pereira chegou. Em que parece que já sabiam disto parte. Outros dizem em este passo, que as velas havendo vista deles apelidaram, e por esto forom ali prestes.

No seguinte dia sendo Nun'Alvarez mui anojado por tal perda como havia recebida, enviou dizer a Vasco Porcalho que lhe enviasse o corpo de seu irmão e foi-lhe logo tragido. E ordenou de o ir soterrar ao moesteiro de Sam Francisco d'Estremoz, que he dhi outra legoa tendo gram sentido e entençom, que todo aquel maõ aquecimento que a seu irmão veera, fora por a cota e espada de dom Garcia Fernandez que contra seu juramento tomara.

Nun'Alvarez porém nom embargando esto, segundo convém aos grandes senhores, nom mostrou tanto nojo adefora, quanto em seu coração tinha, assi por nom acabar aquelo que começara, como por a morte de seu irmão. E como homem de grande esforço, confortou si e sua gente, e mandou chamar per esses logares d'arredor mais companhas das que consigo tinha. E enviou a Elvas por hū engenho, e foi cercar Vila Viçosa. E jouve sobr'ela per espaço de tempo, tirando-lhe de noite e de dia com aquel engenho. E escaramuçando e combatendo, nom lhe pôde fazer o nojo que el desejava, porque na vila era boa gente de castelãos e de portugueses, com grande avondança de mantimentos que a defendiam bem. E el por nom perecerem algús bons dos que com el andavom que el muito amava, desi por acudir a outras cousas que se pela comarca recreciam, a que compria tornar por serviço do Mestre, levantou arreal e tornou-se a Estremoz.

Nem ainda segundo se afirma sua condição nom era mui teúda em continuar cercos, nem jazer sobr'eles, por o gram perigo que se algúas vezes segue, dizendo que no campo o havia d'achar, qualquer cousa que lhe a mão vesse, e que quem vencesse e houvesse a praça, ligeiramente cobraria os logares cercados.

CLXXIII

Como os do Porto tomarom o castelo de Gaia e o derribarom

Leixadas algúas cousas que nesta sazom no Porto acontecerom, húa só diremos em breve, por vinrmos a nosso proposito. A qual foi que Airas Gonçalvez de Figueiredo tinha o castelo de Gaia de mão do conde dom Gonçalo, e sua molher d'Airas Gonçalvez estava em ele, com algús escudeiros e homens de pé por guarda; os quaes pelas aldeas d'arredor faziam tam má vizinhança de roubar e tomar per força as cousas que vontade haviam, que todos eram deles muito agravados; e os do Porto tinham desto grande sentido, e desejo de o vingar como o bem fazer podessem.

E aveo assi hū dia que a molher d'Airas Gonçalvez mandou pedir a húa aldeia que lhe mandassem certas cousas pera si e pera aqueles que consigo tinha. Os moradores do logar contradisserom de o fazer, dizendo que ainda que aquel castelo tevesse voz por Castela, que nom podiam del peor vizinhança receber, do que atá'li tinham recebido. E nom lhe quiserom consentir de levar aquelo que eles queriam.

A molher d'Airas Gonçalvez quando lhe com este recado chegarom, com pouco siso e gram queixume foi àquela aldeia, e levou quantos tinha consigo

por tomar vingança deles, e trazer todo o que houvesse vontade. Os da cidade como isto souberom juntarom-se logo e forom alá e tomarom o castelo e roubarom-no de quanto hi acharom. E derribando o muro e torres, deitarom-no todo em devasso.

Airas Gonçalves como isto soube em Torres Vedras onde estava, houve delo mui gram despeito, e disse ao conde dom Gonçalo com que el acompanhava, porque fora seu aio e governador de sua casa em sendo moço:

— Parae mentes senhor e vede que senhor servimos, e de que esperamos bem e mercê, andar homem em seu serviço, e levar más noites e maos dias polo servir, e poer o corpo em tantos perigos de morte, e ele mandar-nos honrar desta guisa que vós vedes. Ca certo he que os do Porto nom se tremeterom de fazer tal cousa se o nom sentirom dele; ca eles têm sua voz, e nós isso mesmo sua voz, pois por que se moveriam eles a me desonrar de tal geito, se nom parece que el tem de nós má sospeita, e mandou-nos fazer esta honra?

O conde nom mostrava em elo tam gram queixume como Airas Gonçalves, e per seu aficamento foi ao Mestre e disse-lhe aquelas razões e outras, cuja conclusom era que el nom tinha deles boa sospeita e que portanto lhe mandara fazer aquilo.

O Mestre se desculpava quanto podia, dizendo que de tal cousa nom sabia parte nem fora feito per seu mandado nem consentimento, que aqueles homens tinham sua voz, e o serviram e serviriam bem em totalas cousas que podiam, e que nom sabia por que se demoveriam a o fazer, porém que sospeitava que o fezerom por seu serviço, assi como o fezerom os de Lixboa quando derribarom o castelo; e que pois já feito era, nom se podia desfazer, mas que ele lhe tornaria seu castelo e outro melhor que aquele, e lhe faria por seu bom serviço muitas mercês como era razom. Mas com quantas boas razões lhe dizer podia, nunca os pôde apacificar, e assi se partirom d'ant'ele queixosos.

Onde leixando seu queixume deles por ora, tornemos ver a cava que ficou começada, em que ponto está, enquanto se estas cousas passarom.

CLXXIV

Como o Mestre combateo a vila com as cavas que feitas tinha e a nom pôde tomar

Fezerom na cava que dissemos per espaço de tantos dias, até que chegarom além do muro, antre a vila e o castelo. E por saberem o esmo em que logar eram, tragiam dous traadores muito grossos, quaes compria pera tal

obra. E com hũ deles furavom a terra per cima por verem o certo onde já chegavom; e com outro enchiam aquel buraco de barro por se nom enxergar. E assi entravom com a cava tam acerca da igreja que já viam o campanairo.

O Mestre com gram prazer, cuidando em outro dia tomar o logar, fez fazer prestes aqueles que entendeo que pera tal obra compria, assi como Joam Gomez da Silva e outros, pera saírem no adro de igreja e entrarem dentro com os émigos.

Joam Duque que era já avisado per hu a cava ia e onde havia de sair per aqueles maos conselheiros do Mestre, e percebido de todo quanto se fazia, amanheceo muito cedo hũa tenda armada, sobre aquel logar per onde os portugueses cuidavam d’haver entrada; e começaram de a atalhar, de guisa que se viam hũs com outros, e cada hũs por comprir sas vontades eram postos em grande afam, de geito que se feriam mui mal.

Os de cima com portas e tavoado embargavom-lhe a saida; os de dentro poserom-lhe fogo, e eles lançavom muita agua polo apagar. Mandou entom o Mestre armar hũ trom dentro na cava, e posto que desse em aquela madeira e dela quebrasse e fizesse nojo, nom era tanto que aproveitasse a fim do que começado tinham. E depois de muito trabalho d’ambalas partes sendo feridos dhũs e dos outros, cessavom d’aperfiar mais sobr’elo.

O Mestre vendo que quanto trabalho atáli tomara, todo fora posto em vão, pesou-lhe muito. E mandou ir hũa cava per sô o muro da vila; e trabalhando sobr’elo per dias, poserom hũ lança dele com suas torres em contos. E hũ dia ordenou seus combatos pera poer fogo à cava.

E quando lhe foi posto veo o muro e as torres todo a terra; e os de dentro que já percebidos eram e sabiam o que se havia de fazer, tinham postas cubas e tonees e taes bastidas feitas naquel logar, de guisa que onde o Mestre cuidou que ficasse per ali bem largo portal, pera entrarem à sua vontade, e ele porque o logar he amotado, ficou muito mais forte do que ante era em tanto que nehũ podia combater nem fazer cousa que lhe dano fizesse. Quando o Mestre vio esto, mandou arredar sua gente afora nom tendo sospeita que nehũ andava em sua companhia de que lhe tal engano e deserviço podesse vir, mas pensava que era bom aviso dos do logar, que em taes feitos trariam esperto sentido.

Em esto começaram os da vila d’haver mingua d’agua de duas cisternas que tinham dentro, e isso mesmo de carnes. E o Mestre nom sabendo disto parte, mandou-lhe Joam Duque hũ dia em dous bacios hũ vergonhoso presente *scilicet* hũa natura d’asno cozida com duas laranjas; e com ela hũa troba, cuja conclusom era que das carnes nom havia tal bocado como aquele que lhe enviava. Mas porém que lhe pedia por mercê que lhe mandasse algũa

carne fresca, que dias havia que era dela desejoso, ca el nom era em culpa de lhe defender o logar, pois lhe seu senhor tal encarrego leixara.

O Mestre começou de rir, e mandou-lhe dar carnes, quanto podesse avon-
dar hũ dia, e na parte do desculpamento respondeo que lho nom havia por
mal mas por bem, porque aquelo era teúdo de fazer todo bom fidalgo; e que
el trabalhasse bem por se defender ca el muito havia de fazer por lhe tomar o
logar. Joam Duque houve seu conselho, vendo como se gastavom as viandas,
que veesse falar ao Mestre. E em lhe falando, moverom suas preitesias, nas
quaes nom se concordando, partirom-se sem nehũa avença.

O Mestre tinha gram sentido, porque em tam breves dias aos de sua parte
acontecerom tam contrairos aquecimentos: assi como o desbarato e prisom
do Mestre, e a morte de Fernam Pereira, e o cerco de Nun'Alvarez que se
nom dera a bem, e isso mesmo de duas galés de Castela armadas que chega-
rom a Lixboa alta noite, nom sabendo nehũ delas parte, e tomarom hũa nao
do Porto carregada d'haver de peso, e mais duas galés que jaziam desarmadas
na agua; e foram-nas queimar na meatade do rio, e a nao isso mesmo porque
lhe nom derom os da cidade vagar que a levassem.

E nom embargando que destas cousas ascondidamente em sua vontade
tevesse assaz de nojo, a grandeza do seu coração encobria todo, nom dando
a entender nehũa cousa. Mas a todos mostrava ledó sembrante e bom gasa-
lhado, dizendo quando em esto falavom que costume era das guerras darem
nojos e prazeres aos que nelas muito usavom. E outras taes razões, per que aos
seus dava a entender que nehũa cousa daquelas lhe fazia torvaçom, e que pera
grandes trabalhos era seu coração prestes.

CLXXV

Que pessoas eram aquelas que ao Mestre nom eram fiees vassalos

A nós he per força sobre certas cousas estoriarmos hũ pouco comprido,
pois temos costume rezar as openiões e parte dos ditos dalguns que já
sobr'esto primeiro que nós falarom; nom por nos prazer de prolixidade, que
aos senhores gera fastio, mas porque nom sendo taes razões achadas em este
volume lhe seja contado por imperfeiçom.

E porém quem muitas estorias quiser ler, mormente autenticas e aprovadas,
achará que os autores delas louvarom grandes senhores e seus bons costumes, e
doutros escreverom suas feas condições, e desvairados feitos. E este modo teve
santo Agostinho no livro da *Cidade de Deus*, cuja obra e autoridade nom he de

prasmár. E nós nesta parte seguindo sua ordenança, forçado he que luxemos algúas pessoas falando delas em certos logares, mormente pois já seus excessos per outros ante que nós, som semezados em taes estorias; cuja nodoa porém segundo dereito escrito e avangelica doutrina nom pôs mágoa em seu linha-gem quando os decentes dela, nom foram seguidores de suas perversas pegadas.

Assi que pois nós dizemos que tendo o Mestre cercada esta vila que tanto desejava de tomar, que nom fiees vassalos que consigo trazia, per escritos, e geitos desvairados, percebiam assi os de dentro que todo seu trabalho faziam ficar em vão, razom he que esperees que digamos que pessoas eram estas e de que estado, e se soube o Mestre delo parte, e quando e per que guisa.

E ante que contemos que os moveo a esto, e pobriquemos aquelo que outros primeiro apregoaram, vejamos logo que homens eram. E buscados todolos livros que destes feitos fazem mençom, as estorias assinam quatro *scilicet* o conde dom Pedro e dom Pedro de Castro, e Joam Afonso de Beça, e Garcia Gonçalvez de Valdês.

Do conde dom Pedro já tendes ouvido, onde falámos dos feitos da Rainha quando foi a Coimbra, como este conde de Trastamara primo cõirmão delRei se quisera deitar na cidade com ela, e como fugio e se foi ao Porto, e desi nas galês de Portugal a Galiza, e como tiverom dele nom boa sospeita no combato de Betanços e como foi ferido no torneio do Porto per seu irmão, e depois se veo pera o Mestre jazendo sobre Alanquer desta vez como dissemos, e era com el em este cerco.

Dom Pedro de Castro já sabees que era filho do conde d'Arraiolos dom Alvaro Perez de Castro, o qual foi culpado no cerco de Lixboa, que pela porta de Santo Agostinho, que era sua guarda, quisera dar entrada aos castelãos e como foi preso e depois perdoado, e era aqui em companhia do Mestre.

Joam Afonso de Beça era hũ dos fidalgos castelãos que depois da morte delRei dom Pedro de Castela em tempo delRei dom Fernando se lançou em Portugal com outros. E quando dom Guido cardeal de Bolonha trautou pazes antre os Reis ambos, húa das pessoas que elRei dom Henrique nomeou que fossem fora de Portugal das vinte e oito que entom deu em escrito foi este Joam Afonso de Beça hũ deles. E quando os ingreses veerom depois que o conde de Cambrig chegou a Lixboa, tornarom-se algús dos que andavom em Ingraterra com ele. Antre os quaes se tornou este Joam Afonso de Beça e ficou no reino, e andava com o Mestre.

Garcia Gonçalvez de Valdês era hũ escudeiro esturão de grande e mui bom corpo, o qual se lançou com o Mestre quando elRei de Castela tinha cercada Lixboa, oferecendo-lhe seu serviço, e ficando por seu vassalo.

E posto que o lançamento¹⁵¹ de taes pessoas em tempo d'esquiva guerra dhúa parte à outra, aos prudentes senhores muito seja de reear, pero porque todos ligeiramente creem qualquer cousa que lhes he prazivel, mormente serviço de bons fidalgos em tempo de necessidade, nom teve o Mestre deste sospeita, nem renembrança das nodoas dos outros.

Ora o que os moveo a esto segundo contam as estorias foi que elRei de Castela enviou cartas per hũ judeu em gram segredo ao conde dom Pedro seu primo, em que lhe fez saber que bem sabia o gram dívedo que com el havia, e como o mor émigo que el no mundo tinha era o Mestre d'Avis com que el andava, contra o qual el devia ser ajudador por antr'eles haver tam grande parentesco. E que se el nesto quisesse obrar todo o que bem podia fazer, que era falar com algús taes que amavom seu serviço, e matarem o Mestre a seu salvo, que era bem ligeiro d'acabar, que nesto lhe faria tam gram serviço e prazer que maior ser nom podia; por o qual lhe seria perdoado algũ erro que passado era, e o acrecentaria tanto em todo seu reino, que nehũ outro visse semelhante; e àqueles que em ajuda de tal feito fossem, poeria em grandes estados, e faria muitas mercês.

O conde vendo as palavras da carta, e mais o dito do judeu, que lho bem dizer soube, prouve-lhe delo com leda vontade, e falou esta cousa com os três que nomeámos e com algús outros seus escudeiros; os quaes ouvindo as grandes promessas, por cada hũ acrecentar em si, conceberom em seus corações este danado segredo, determinando¹⁵² de matar o Mestre, o mais cedo que se fazer podesse.

E porém dizia o senhor Joam, duque de Bretanha padre deste que de presente vive, falando húa vez com seus ricos homens na deslealdade que os vassalos contra os senhores cometem, dizendo cada hús por si as entenções que sobr'esto tinham, porque hús diziam que ante queriam ser cornudos que caírem em mau caso; outros escolhiam serem ante mortos que cometer tam má cousa, outros cativos e presos por sempre, e assi cada hũ nomeava pera si o mal que ante queria que lhe avesse que cometer tam grave excesso.

El vendo as tenções de todos, começou de sorrir e disse:

— Nom sabees que vós dizees, ca por mais pequena cousa dessas, cairia cada hũ de vós em el, e eu convosco, quando me a mão veesse.

¹⁵¹ o lançamento] a lomçamento

¹⁵² determinando] determinado

E eles preguntando por que razom seria aquelo, respondeo ele estonce e disse:
— Por vingar húa pouca de sanha, ou por cobiça d’acrecentar em honra.

E certo estes que dizemos que se a esto demoverom, por esta segunda razom foi. E assi o afirma Cristoforus *decretorum doctor* falando dos feitos do Mestre em hū trautado que disto compôs no capitulo *Postquam autem*, naquel logar onde diz: «*Eis propter hoc, multa bona promitentis*».

CLXXVI

Per que modo tinham ordenado de matar o Mestre e descubriam seus segredos

Nom embargando esto que assi he dito, e que a longa prática ensina, algús porém têm openiom que ambalas cousas que dissemos *scilicet* desejo d’honra, e vingança d’odio ambas neste feito concorrerom, dizendo que mais se outorgou dom Pedro em este conselho, quando lhe foi falado, por vingança d’odio que ao Mestre tinha por a prisom que ante passara, que por cobiça d’acrecentar em honra, como algús escrevem. Mas nós do encuberto falar nom podemos, salvo das graças e mercês e honra e grande gasalhado, que do Mestre todos recebiam cada hū em seu estado. Ca posto que el prendesse dom Pedro por aquel erro que as cronicas recontam, logo a mui poucos dias o mandou soltar. E desta vez jazendo sobre Alanquer, pouco mais havendo de dous meses que sua prisom fora, o Mestre lhe confirmou e fez doaçom pera sempre de totalas vilas e logares e castelos que os reis haviam dadas ao conde dom Alvaro Perez seu padre, assi per condado come per doaçom, e per outra qualquer guisa que fosse. Salvo dos bens de Diego Lopez Pacheco, que elRei dom Fernando dera ao dito conde seu padre. Mas de todolos outros lhe fez doaçom per escriptura tam firme, como a dom Pedro quis mandar fazer. E porém nom he de cuidar que por odio se movesse contra hū senhor, de que tam assinadas mercês recebia.

Ora por qualquer das entenções que fosse, a fala era deste geito, que cada hū deles que a seu salvo podesse matar o Mestre que o fizesse. Mas Joam Afonso e Garcia Gonçalvez tinham de tal obra especial encarrego, lançando-se logo a pressa no logar como fosse feito. Porquanto Joam Duque que já disto era sabedor, havia sempre de ter atalaia, que como alvorço no arreal fosse visto, que logo abrisse as portas saindo com os seus, por recolher os que fugissem. E a morte havia de ser per húa de duas maneiras.

Joam Alfonso de Beça era gram cavalgante e mui desenvolto especialmente à geneta, e quando o Mestre cavalgava, e algús dos seus com ele, ia el sempre

muito diante com húa lança na mão, por acompanhar come os outros. E dava d'esporas ao cavalo vindo correndo brandindo a lança; e quando era acerca do Mestre, mostrava que o queria remessar, desviando-se hú pouco dele; e desi rindo, voltava logo rijamente dando a entender que o fazia por sabor, por o Mestre nem algũ outro poder tomar sospeita dele. E esto entendia ele de fazer tantas vezes por dessegurar, até que visse geito de o remessar, e assi o matar.

Onde aqui he de saber e nom sem razom de notar que o Mestre tinha hú seu criado e vedor de sua casa, que chamavom Fernand'Alvarez comendador de Vila Viçosa, homem avisado e bem discreto, e que amava muito seu serviço. Este cavalgava sempre com o Mestre, de guisa que a longe e a preto, nunca se del partia. E vendo esto que Joam Afonso usava ameúde, mormente que nunca mostrava aquel geito, senom contra a pessoa do Mestre, desprougue-lhe delo muito, sem sospeita porém algúa que de tal cousa podesse haver.

E hú dia vindo Joam Afonso correndo rijo com a lança na mão por fazer tal mostrança como havia em costume, pose-se Fernand'Alvarez diante e desviou-o com sua lança e disse:

— Afastae, afastae lá vossa lança. Nom havees empacho tantas vezes fazerdes já isso, e vinrdes de tal guisa contra o Mestre meu senhor? Sabe que vos nom parece bem, ante parece mal a quantos vo-lo vêem fazer.

Joam Afonso disse que o fazia por joguetar e por tomar sabor e nom por fazer desprazer ao Mestre.

— Esse jogo, disse Fernand'Alvarez, i vós fazer a outrem, mas nom ao senhor com que vivees.

E sobr'isto começaram d'haver razões. E o Mestre disse que se calassem e que nom curassem¹⁵³ daquelo. E des entom nom se tremeteo mais Joam Afonso de usar daquel fingido jogo. E perdeo a esperança de per tal azo poder acabar o que tinha cuidado. A outra maneira era que indo o Mestre ver os engenhos como havia em costume, quando fosse mal acompanhado, e com poucos, que entom teriam geito de comprir sua má vontade. E assi andavom aguardando tempo, quando poderiam cometer e acabar tam maliciosa obra.

E enquanto estas cousas assi passavom com maduro assessego e fingidas razões, davom ao Mestre muitos maos conselhos, fazendo saber a Joam Duque per escritos e sinaes quanto o Mestre contra eles ordenava; e era daqueste geito como depois foi sabudo: fendiam os viratóes e poínham-lhe penas de papel ou porgaminho e nelas ia escripto quanto lhe queriam descobrir.

¹⁵³ curassem] curasse

E mais lhe faziam saber que onde se possesse algũ dos seus, e começasse de doestar os da vila acenando com a mão que per ali ia a cava. E assi o faziam de feito que lhe chamavom fidesputas cornudos, vassalos do alfenado, fazendo-lhe certos sinaes, per que os avisavom de todo, de guisa que com esto e com o mau conselho que ao Mestre davom, em todalas cousas que contra eles fazia, seus trabalhos aproveitavom pouco.

CLXXVII

Como foi descuberta a treição que ao Mestre tinham ordenada e queimado Garcia Gonçalvez

Já dissemos como o conde dom Gonçalo e Airas Gonçalvez de Figueiredo chegaram ao Mestre muito queixosos por razom do castelo de Gaia que fora tomado como ouvistes, e as razões que sobr'elo houverom. E des entom até este tempo sempre ambos mostrarom de si geito, que eram mal contentes do Mestre. Em tanto que seu apartamento e fala ameúde, em segredo e apartados, fez gerar presumpçom às gentes, que algũa cousa queriam ordenar contra ele. De guisa que por este azo forom algũs que disse-ram ao Mestre:

— Senhor, sabe que aqui he fama que o conde dom Gonçalo, e Airas Gonçalvez de Figueiredo, nom andom verdadeiros em vosso serviço, e se querem lançar em Coimbra com os seus, pera vos serem contrairos nas cousas que houverdes de fazer. Mandae sobresto poer avisamento, de geito que nom recebaes per eles estorvo, ante que se tremetam começar algũa cousa.

O Mestre ouviu o que lhe deziã, e teve sentido no que podia acontecer, e calou-se sem dar a entender nada.

Em esto começou-se dizer e afirmar que Diego Gomez Sarmento que estava em Santarém com quatrocentas lanças, e Vasco Perez, em Alanquer com cento e cinquenta, e Joam Gonçalvez em Obidos com cento, e o conde dom Henrique em Sintra com outras cento, que estes capitães tinham fala feita com Joam Duque e com este conde dom Pedro que dissemos, que hũa noite sopitamente dessem todos sobre o Mestre, e que de morto ou preso e desbaratado, nom lhe podia escapar.

E diz aquel doutor já alegado no capitulo que dissemos que a fala era antre eles desta guisa: que nom se podendo matar o Mestre, como tinham ordenado, que hũ dia se lançassem todos na vila, e que daquel dia que se assi deitassem a seis dias seguintes havia de ser a vinda destes capitães com suas

gentes, em cuja ajuda havia de sair Joam Duque com os seus, pera todos acabarem esto que tinham ordenado.

Ora o Mestre nom sabendo parte do que contra el tragiam cuidado, somente por seu percebimento e boa segurança, quando isto ouvio dizer, aos oito dias do mês de janeiro da era que se entom começara de quatrocentos e vinte e três anos, ordenou esse dia d'estar em conselho. E mais que todos os capitães parecessem com suas gentes perant'ele pera ver quantos homens d'armas tinha consigo. E aqueceo que dos primeiros que ao conselho veerom, foi o conde dom Gonçalo com seu filho dom Martinho, e Airas Gonçalvez com ele; e como forom na tenda do Mestre, e ele mandou-os todos três prender, posto que o filho fosse moço pequeno e entregou-os a Vasco Martinz de Melo. O conde dom Pedro e Joam Afonso de Beça, e dom Pedro de Castro que andavom pelo campo falando de bestas, quando ouvirom dizer que o conde dom Gonçalo e Airas Gonçalvez eram presos, cuidarom certamente que seu segredo e fala era descuberta. E com grande medo que houverom, sem outro conselho nem mais vagar que houvessem, começaram de fugir a pressa *scilicet* o conde dom Pedro se lançou na vila, e Joam Afonso de Beça, e dom Pedro de Castro fugirom pera Santarém. E querendo-se Garcia Gonçalvez lançar no logar com o conde dom Pedro, pela guarda que tinha Antom Vasquez, foi filhado pelas gentes do Mestre.

O alvoroço foi grande no arreal por a fugida de taes homens ser assi supitamente e d'arrevato. E o Mestre ficou espantado, e nom sabia que dizer. E folgou muito quando lhe disserom que Garcia Gonçalvez era preso, por saber per ele a verdade. E tragido perant'ele, perguntou-lhe que fugida era a sua de tal geito, e por quê. E el pensando guardar sua vida, escusou-se com razões nom bem compostas, as quaes lhe crer nom quiserom. Entom o mandou meter a tormento d'açoutes, e confessou pelo meúdo todo o que havees ouvido, e quaes pessoas eram em elo culpadas. E como jazendo elRei de Castela sobre Lixboa, per seu mandado se lançara com o Mestre pera o haver de matar em companhia dos outros.

O Mestre vendo tam grande maldade, deu muitas graças a Deus, que por sua grande misericórdia o quisera guardar de tamanho perigo, andando tam dessegurado antr'eles. Doutra parte foi mui irado contra ele, per nova e razoada sanha, e nom o quis mandar matar de simprez e honesta morte, mas cruel de fogo, e grave de sofrer, e mandou que o queimassem.

E se alguém neste passo escreve que o Mestre era bem certo como lhe estas pessoas tragiam trautada morte, e que nunca lho deu a entender, esperando que maneira em elo queriam ter, nom dees fé a tal escriptura, ca quem nom

pôde consentir hũa pouca de sospeita, que do conde dom Gonçalo tomou, e o teve por elo tanto tempo preso como depois ouvirees, grave lhe seria de sofrer saber tal teorica como esta, pera esperar a prática dela.

E porém outro dia quando houverom de o levar ao fogo, mandou o Mestre que o trouxessem perante a sua tenda. E ali lhe mandou que confessasse outra vez perante todos aquelo que apartadamente dissera per tormento. E el disse que lhe pedia por mercê que o nom costringesse mais a dizer aquelo que já havia confessado, e o Mestre mandou todavia que o dissesse. E el respondeo que mor pena lhe era aquelo, que a morte que lhe mandava dar.

Entom começou de contar compridamente aquele tam notavel erro, em que el com os que fugirom e outras pessoas eram culpados. E acabado seu confesso, levarom-no ao fogo que já era prestes. E atarom-no a hũ esteo, onde ardendo, fez má fim de sua vida.

CLXXVIII

Como o Mestre deu os bens dos que eram culpados contra ele

Fazendo-se assi naquel homem esta bem merecida justiça, nom podiam as gentes em outra cousa falar, salvo na treição que el com os outros ao Mestre tinham ordenada, dando sobr'elo desvairadas razões e exempros. E com queixume antre si falando, diziam contra o Mestre:

— Leixae-o vós pois se tal quer! Nom lhe avondava o que lhe dom Pedro fez no cerco de Lixboa, quando quisera dar a cidade a elRei de Castela, per que se perdia o reino e nós outros todos. E prendia-o e soltava-o, pera lhe depois bastecer a morte por galardom do soltamento. Leixou logo de o mandar matar, ou meter em cárcer dhu nunca saísse, por tirar sospeiçom do reino e soltou-o dhi a poucos dias, como se fora cousa leve que lhe pouco houvesse d'empecer. Quanto agora bem podem dizer o que diz o exemplo antigo, que quem seu émigo poupa, às suas mãos moira. Ele cuida por perdoar aos maos que lhe he mui grande bondade. E eles fazem-se cada vez peores e fazem-lhe este jogo que vós vedes.

E destes exempros e estorias contavom tantos e de tantas guisas que em al nom achavom desfadamento.

Outros diziam que fezera o Mestre bem, mandar após eles pera os haver a mão, e fazer neles justiça quegenda mereciam. Mas esto nom prestara nehũa cousa, porque eles tragiam os melhores e mais ligeiros cavalos que em toda a hoste havia, de guisa que nunca os nehũ encaçara.

O Mestre isso mesmo de praça perante todos contava sua gram treição e maldade segundo pelo morto fora confessado, dizendo que agora entendia e era em conhecimento do geito do remessar que Joam Afonso fazia; e per quantas guisas cada hũ mostrava em lhe falando que amava muito seu serviço, e como todas eram fundadas em no deservir e éavessar, contando o que lhe aveera com cada hũ deles no cerco daquel logar, e em outras cousas, e como per seu azo nom fora tomado, e despendera sobr'ele muito trabalho em vão.

Mas a esto nom mingua quem responder muitas razões, culpando-o no perdom que a dom Pedro fizera dizendo que a muito se aventurava quem poínha sua vida e honra em poder de quem lhe em algũ tempo começou d'errar. Desi diziam que fiar de nehũ castelão era a el cousa muito empencível mormente de tal come o conde dom Pedro, que era primo cõirmão delRei de Castela, do qual bem devera entender que seu serviço nom seria fiel.

O Mestre respondia a todo e em fim veo a dizer:

— Eu nom som o primeiro que fui enganado per falsos vassalos nem hei-de ser o derradeiro. Mas eu dava gram fé a todo seu conselho, por serem homens de tal autoridade, desi por mostrarem tam grande desejo que amavam muito meu serviço. Em tanto que per vezes me fezerom dizer asperas palavras a algũs que me lealmente desejavam servir. Assi como fiz ao mestre dos engenhos, que daqui fugio com medo que de mim houve, e algũs outros muito sem por quê.

Em esto vendo Joam Duque como queimavam Garcia Gonçalvez, com gram menencia que delo houve, mandou tomar hũs seis ou sete portuguezes homens de trabalho que tinha presos, e mandou-os todos decepar das mãos e fanar dos narizes e poer todalas mãos ao colo dhũ deles, e mandou-os assi ao Mestre; o qual vendo sua desmesurada crueldade, mandava lançar na funda do engenho dentro à vila os prisuneiros que tinha castelãos. Desi usando mais de piedade que de rigor de vingança, houve deles compaixom e mandou que se nom fizesse.

Estonce chegou Nuno Alvarez que o Mestre mandara chamar a Evora onde estava, pera falar com ele. E tragia consigo hũs sessenta de mulas com cotas e braçaes. E ouvindo em Lixboa dizer como os capitães dos logares que dissemos se juntavam pera ir hũa noite sobre o Mestre, houve armas empreatadas pera os que com el iam, e trigosamente se foi a Torres Vedras.

O Mestre soube parte de sua ida, e prougue-lhe muito com ele, e saiu-o a receber, e mandou-o bem aposentar. E per três dias seguintes depois da fugida daqueles que dissemos, o Mestre aguardou em batalha as gentes que

diziam que haviam de vir sobr'el. E estonce nem depois nom veo nehú que lhe nojo fezesse.

O conde dom Gonçalo, e Airas Gonçalvez, mandou o Mestre que levassem ao castelo de Tomar, e entregaram-nos ao alcaide e depois foram levados a Evora.

Estonce deu o Mestre a Vasco Martinz de Melo todos os bens móvis e raiz que a condessa molher que fora do conde dom Alvaro Perez, e dom Pedro de Castro seu filho, e o conde dom Pedro seu genro haviam em quaesquer logares do reino (ca este conde dom Pedro era casado com dona Isabel de Castro, filha do conde dom Alvaro Perez, e desta condessa dona Maria), assi de terras casteladas come chás, ressaltando as terras e logares do conde de Viana, e as que dadas eram por condado ao dito conde dom Alvaro Perez. E mandou que possessem na carta da mercê estas seguintes razões: porquanto o dito conde dom Pedro nos tragia bastecida morte e treição, e a dita condessa era em elo consentidor.

Esta condessa dona Maria se foi pera Castela com a condessa dona Beatriz, molher do conde de Barcelos dom Joam Afonso Telo irmão da rainha dona Lionor, quando se foi deste reino, e deu estonce o Mestre os bens deles a Afonso Gomez da Silva. Outrossi deu o Mestre a Lopo Diaz d'Azevedo todos os bens móvis e raiz que foram de Joam Afonso de Beça, assi os que lhe el dera per doaçom, come quaesquer outros que tevesse. E mandou poer na carta estas palavras: «porquanto o dito Joam Afonso em vivendo connosco, e recebendo de nós muitas mercês, nos tragia bastecida morte e treição, come mao e desleal e se foi pera Castela». E nom somente deu os bens dele, mas ainda de Maria Anes Leitoa sua manceba, morador em Lixboa, se achassem que fugira com ele, ou era consentidor naquela maldade, e assi doutros seus criados.

Onde sabe que nesta sazom, estando elRei de Castela em Sevilha armando naos e galés pera mandar sobre Lixboa, e juntando muitas gentes pera entrar em Portugal, chegou-lhe recado do desbarato do mestre de Cristos e de sua prisom e do priol, e prougue-lhe muito com taes novas. E quando lhe contaram o que aveera a estes fidalgos que nomeámos, e como eram já do seu bando, foi er mui ledto entendendo que seus feitos se davom a bem. E se muito prougue a elRei destas cousas, tanto prougue à rainha dona Lionor sua sogra, assi da prisom de seu irmão o conde dom Gonçalo, come do desbarato do mestre de Cristos seu sobrinho. Do irmão, porque lhe nom quisera fazer a vontade quando foi a Coimbra com elRei seu genro, e da prisom do sobrinho, porque a nom veera tomar ao caminho quando a levavom presa pera Castela, segundo lhe ela escrevera, podendo-o bem fazer.

E falando àquela hora nos feitos do Mestre, disse:
— Ó Mestre, Mestre, como andas vendudo e nom o sabes.
E preguntando os que eram presentes por quê, respondeo estonce e disse:
— Porque quantos dentes tem na boca, todos lhe abalam senom hû.
E este dizia que era Nun'Alvarez.

CLXXIX

Como Vasco Perez tomou outra vez voz por elRei de Castela

Contado havemos como jazendo o Mestre sobre Alanquer preitejou com Vasco Perez de Camões, que lhe desse o logar com certas condições em que se concordarom, recebendo do Mestre soldo, el e Gonçalo Tenreiro seu sogro. E tendo assi voz por Portugal, soube como Garcia Gonçalvez fora queimado, e como fora descuberta aquela peçoenta fala, que el e os outros antre si trajiam guardada. E mandou Vasco Perez ao Mestre, Gonçalo Tenreiro seu sogro com recado sobre certas cousas. E quando tornou de Torres Vedras, parece que Vasco Perez nom foi contente da reposta que lhe trouve. Ou per ventuira tinha em vontade de fazer aquelo que fez, e buscou per ali azo de o fazer mais sem prasmo.

Entom mandou chamar quantos bons havia na vila, assi os melhores come doutra condiçom, dando a entender que queria com eles haver conselho. E el fazia-o por saber sua tençom, quegenda era. Entom propôs perante todos, e disse estas razões:

— Amigos senhores, segundo as cousas que vós vedes que se acontecem, eu queria saber de vós, quegenda he vossa vontade, ou como querees que façamos; se vos praz que tenhamos com elRei de Castela, ou se manteremos voz do Mestre. Mas o que a mim parece he esto: eu vejo que do Mestre som partidos os melhores capitães que el consigo trazia, assi como he o conde dom Pedro, e dom Pedro de Castro, e Joam Afonso de Beça, e o conde dom Gonçalo que mandou prender, e Airas Gonçalvez isso mesmo. Assi que com ele nom fica gente que de conta nem valor seja, pois el sem gentes, nom há poder de se defender de seus émigos e contrairos; de mais que estas vilas todas d'arredor estam por elRei de Castela, o qual eu hei per novas certas que a mui poucos dias será aqui com todo seu poder, pera haver e cobrar este reino, que diz que he seu de direito. Ora consirae vós estas cousas, e vede como vos parece que he bem que façamos e assi me respondee logo, ou quando vos prouguer de haver acordo.

E eles porque entendiam em suas palavras o que el tinha em vontade de fazer, disserom que fizesse como melhor entendesse, por proveito dos corpos e dos haveres, ca eles prestes eram a fazer quanto ele mandasse e por bem tevesse.

Entom respondeo el dizendo:

— Amigos, eu vos digo que já muito cuidei sobr'esto. E por segurança de todos nós outros, eu acho que he bem termos com elRei de Castela.

E falando em esto, levantaram-se. E el meteo-se dentro no castelo, e mandou levantar hū pendom na torre da menagem. E disse àqueles que hi ficaram da parte do Mestre que se quisessem quedar com ele e ter voz delRei de Castela seu senhor, que el lhe faria fazer muitas mercês; e se o fazer nom quisessem, que desemparassem a vila e se fossem logo. Estonce ficou com ele Airas Perez de Camões seu primo, e micê Lello Francês criado do conde dom Alvaro Perez. E foi-se Rui Cravo, e Fernam Gonçalvez da Moxoeira e outros pera o Mestre a Torres Vedras onde estava. E foi esto húa vespora de sam Vicente, vinte e hū dias do mês de janeiro daquela era.

E mandou Vasco Perez lançar pregom, que quantos hi estavom da parte do Mestre que se saíssem logo sô pena de morte. E os que acompanhavom os que se partirom foram-se com eles, e os outros ficaram todos. Entom matou muitos gados dos que andavom arredor da vila, e mandou por os castelãos que enviara a Santarém. E açalmou-se o melhor que pôde, e pobricou voz por Castela.

E falando em esto, disse de praça o que lhe houverom por mal pera tal fidalgo:

— Olhae que vos valha Deus, que boa preitesia fazia comigo o Mestre! Mandei lá meu padre Gonçalo Tenreiro por algús desembargos, e nom me trouve nenhúa cousa. Ainda se me trouvera mil dobras envurilhadas em hū trapinho, guardara-lhe a preitesia, mas pois me nom trouve nada, nom cuido de lha guardar.

O Mestre quando ouvio dizer que se Vasco Perez de Camões alçara com Alanquer, e tomara daquela guisa voz por Castela, começou de sorrir mostrando que nom dava por isso, e disse contra os outros:

— A mal se querem dar estes meus vassalos.

Estonce falou com Nun'Alvarez e com outros que era bem alçar dali seu cerco, pois o logar era assi forte de tomar, que compria gram detença sobr'ele. Mormente que lhe era tam necessario chegar a Coimbra, onde se juntavom todos los fidalgos e concelhos do reino, pera falarem no feito da guerra, e que maneira se havia de ter em na continuar. E que a partida fosse dhi a quinze dias, e Nun'Alvarez mandasse entanto chamar suas gentes.

CLXXX

Como o Mestre partio de Torres Vedras e chegou a Leirea

Ordenou o Mestre d'alçar seu cerco, e ir-se caminho de Coimbra, onde já era certo que per seu mandado estavam juntos todos os bispos, e procuradores das vilas e cidades que sua voz entendiam manter, segundo foram chamados, pera ordenar com eles como haviam de seguir sua guerra, em que tam necessariamente eram postos. E porque algũs arteficios de combater que ali estavam, e mais dous engenhos, nom se podiam levar como compria a Lixboa, mandou-lhe o Mestre poer o fogo, por se deles nom prestarem os émigos.

Onde sabe que nesta sazom era o termo de Lixboa mui danificado com gram mingua de mantimentos, por a vinda e estada delRei de Castela; e isso mesmo termo de Torres Vedras e doutros logares d'arredor. E vendo muitos lavradores e outras gentes que moravam em eles, como ficavam assi tam minguados em poder de castelãos, costringidos per tal necessidade, nom sabendo o que lhes depois havia de vir, quando souberom que se o Mestre queria partir, veerom-se pera ele com molheres e filhos e muitas crianças pequenas. Assi que quantos moravam no arravalde de Torres Vedras e no termo com algũs doutros logares, todos ali foram juntos.

O Mestre quando vio tanta gente de tal condiçom, e como bradavam hús e os outros que se amerceasse deles, e os levasse em sua companhia, pera haverem algũ mantimento e nom ficarem em poder de seus émigos, foi posto em cuidado que lhes faria. E mais lhe prouguera com outros tantos homens d'armas que o ajudassem que levar consigo homens e molheres e parvos, compridos de muita miseria. E eram tantos e de tal guisa que bem lhe podiam estonce chamar padre de muitas companhas. Porque até hũ cego que morava no arravalde, ouvindo como o Mestre partia deste geito com aquelas gentes, começou de bradar grandes brados, rogando por Deus que o levassem consigo, nom ficasse em poder de tam má gente. Nun'Alvarez quando esto ouvio, movido com dó e piedade dele, mandou que lho posessem nas ancas da mula em que já estava, e desta guisa foi com os outros.

Estonce partio o Mestre com eles assi como Moisés quando trouve os filhos d'Israel pelo deserto levando esta ordenança. Eles iam todos deante e el com suas gentes detrás, que seriam até seiscentas lanças, das quaes iam encaalgadas húas cento e cinquenta, e as outras todas de pé com cotas e loudees vestidos e os bacinetes ao pescoço nas fachas. E assi andavam suas trabalhosas jornadas, as quaes o Mestre ordenava que nom fossem mores, que quanto

aquela pobre gente pudesse andar passamente, que era duas e três legoas, e às vezes pouco mais.

E andadas quatro legoas, quedou o cego em hú logar hu se contentou de ficar. E às vezes ia o Mestre com os seus a pé por lhe fazer boa companhia, como era seu costume. E assi passaram per antre Obidos e o Cadaval, e naquela vila d'Obidos se lançou com os castelãos Alvaro Fernandez Turri-chão, comendador de Montemor-o-Novo e outros.

Desi foram a Alcobaça cujo castelo tinha voz do Mestre com os outros logares da Ordem de que entom era abade dom Joam d'Ornelas que o sempre bem servio.

E chegando a Leirea onde pensou achar bom acolhimento em Garcia Rodriguez alcaide do logar, e el usou muito doutra maneira, tendo razom de fazer o contrairo, ca o Mestre havia a vila por sua, segundo lhe Garcia Rodriguez per sas cartas dera a entender, fazendo-lhe o Mestre grandes mercês. Assi no cerco de Lixboa, come jazendo sobre Alanquer, assi como a homem de que esperava bom serviço em tal tempo, e assi o dizia o Mestre de praça, e nas cartas das mercês taes razões mandava poer, dizendo per esta guisa: «que nós vendo e consirando o muito estremado serviço que atáqui recebemos e entendemos receber ao adeante de Garcia Rodriguez Taborda alcaide do nosso castelo de Leirea, e querendo-lho nós galardoar com mercês, como deve fazer bom senhor a bom servidor, fazemos-lhe doaçom pera todo sempre do nosso logar de Porto-de-Mós com seu termo e rendas e dereitos *et cetera*». E assi o dizia na carta da mercê, quando lhe deu de jur e d'herdade as jugadas do pam de Leirea, e quando lhe fez doaçom da terra de Nespereira e doutros logares em termo de Viseu, e assi em outras cartas de mercês, de que nom compre fazer mençom.

Ora vede se tinha o Mestre razom de cuidar que esta vila estava por ele e que teria sua voz, hú homem a que tantas mercês e outras muitas havia feitas. E com todo esto nunca outra reposta pôde haver dele quando per hi chegou salvo que el fezera menagem daquel logar à rainha dona Lionor e que a ela o entendia d'entregar e nom a outro nehú. E quando muito postarom com ele, disse que nom faria del guerra nehúa, atá que Deus possesse fim a estes feitos como sua mercê fosse.

Assi que se ao Mestre abalavom todos os dentes, como disse a Rainha em Castela, bem abalou este e apodreceo, atá que caiu de todo como fezerom outros.

Como o Mestre chegou a Coimbra e foi recebido de todos da cidade

Partio o Mestre de Leiria caminho de Coimbra, sem fazer ali mais detença. E em aquel logar se lançou dom Afonso irmão de dom Pedro de Castro, com Garcia Rodriguez.

Mas sobre a tenção que o Mestre levava, desacordam algús autores, por cujo azo a nom certidom oferece aqui desvairadas razões. Hús escrevem que o Mestre ia a estas cortes sobre título de rei, que era requerido que tomasse, se o tomaria ou nom. Outros contam que sua tenção nom era, salvo governar e defender o reino, até que o ifante dom Joam fosse solto, pera lho depois entregar; e que esta era a mais honrada façanha que nehú homem podia fazer, da qual el seria mui louvado de todos aqueles que esto soubessem.

Deles er dizem que ele nom mandava fazer tal ajuntamento, senom por ordenarem o prosseguimento da guerra, e como se haveriam as despesas e cousas necessarias pera ela. Outros afirmam que todos os concelhos eram ali juntos somente pera o fazerem rei, e que el tal vontade levava. E que esto acabado entom falariam no feito da guerra e cousas que a ela compriam. E esta razom segundo nos parece ocupa mor parte da verdade que as outras.

Porque na procuraçom que Lopo Martinz, corregedor àquel tempo de Lixboa, e Joam da Veiga, e Afonso Gonçalvez e Silvestre Estevenz, e Alvaro Gil com outros muitos da cidade, fezerom a Pedr'Afonso filho d'Afons'Eanes, e a Martim Lourenço seus cidadãos, quando os enviaram a estas cortes, logo em ela estas palavras, e poder, especialmente poserom, dizendo que por eles e em seu nome podessem «alçar e receber por rei e senhor destes reinos o mui nobre senhor dom Joam, mestre da cavalaria da ordem d'Avis e lhe fazer preito e menagem, como a seu rei e senhor, e receber dele promessa e juramento a lhe guardar e manter seus privilegios e foros e costumes». E assi dizia a do concelho d'Evora e todas as outras das vilas e cidades do reino que estonce ali eram juntos, em que se claramente mostra que espcialmente ia pera esto.

E indo assi caminho de Coimbra ante que aló chegasse, saiu a recebê-lo com todos seus, Gonçalo Gomez da Silva que estava em Montemor-o-Velho, que já tinha voz por ele. E o Mestre lhe fez grande honra e gasalhado. Mas nom o saiu a receber Gonçalo Mendez de Vasconcelos, que estava na cidade, e tinha o castelo, dizendo como dissera Garcia Rodriguez que tinha voz da rainha dona Lionor, cujas eram todas as menagens, depois da morte delRei dom Fernando, e que a ela devia d'obedecer. Como quer que algús dizem que el vontade tinha de tomar voz por Portugal, por quanto elRei

de Castela britara os trautos, entrando no reino ante do tempo que lhe era devido, desi porque dous seus filhos como ouvistes, andavom com o Mestre já tempo havia. Outros querem dizer que Gonçalo Mendez estava assi nom tendo com Portugal nem com Castela, até que visse a quem ia melhor, e com aquela parte ter, como faziam os outros. Mas porém el non aguardou tanto, ca logo dhi a poucos dias se tornou pera o Mestre, e foi na enliçom sua quando o alçarom por rei.

Os da cidade fezerom-se prestes pera ir receber o Mestre, a clerezia em procissom, e os leigos com seus jogos e trebelhos; e desi os fidalgos e concehlos que hi eram, todos juntamente de bestas como melhor podiam. E em se corregendo hús e os outros, começaram muitos cachopos de sair fora da cidade, sem lho mandando nenguém, pelo caminho per hu vinha¹⁵⁴ o Mestre, com cavalinhos de canas que cada hú fazia, e nas mãos canaveas com pendões, correndo todos e bradando: «Portugal, Portugal por elRei dom Joam! Em boa hora venha o nosso rei!». E assi foram per mui grande espaço acerca dhúa legoa. O Mestre e Nun'Alvarez e muitos dos que hi vinham, maravilhavam-se desto muito, havendo-o por cousa estranha, e assi como milagre dizendo que Deus os movera a fazer aquelo e falava per aqueles moços come per bocas de profetas. E assi veerom ant'ele até a cidade onde foi com grande honra recebido.

Quando o Mestre chegou acerca dela, e vio estar a procissom, deceo-se el e todolos outros das bestas. E humildosamente ficou os geolhos em terra e beijou a cruz, e veo-se de pé com a procissom. E entrou pela cidade com gram festa e prazer que com el haviam, e levarom-no aos paços da alcaceva hu havia de pousar. E foi esto no mês de março, húa sexta-feira, três dias andados dele, da era já nomeada.

CLXXXII

Das razões que se falavom ante que entrassem às cortes e nomes dalguns que a elas estiverom

Juntos ali esses prelados e fidalgos que Portugal defender entendiam, e algús procuradores de certas vilas e cidades do reino, começavom de falar hús com outros, assi cavaleiros e escudeiros, come doutra meá gente, tam

¹⁵⁴ vinha] uijnham

bem de praça come a parte, sobre a governança da terra, e quem era bem de reinar.

Os que eram afeccionados ao infante dom Joam que jazia preso em Castela bandeavam de todo àquela parte. E sem mais dúvida que em elo possessem, davom-lhe logo o reino per direita linha e herança, dizendo que el somente devia de reinar, e outro nehú nom; e que o Mestre era bem de reger e governar o reino, até que el fosse livre e solto, ou se dele fizesse outra cousa. E se acontecesse de morrer, que entom ou reinaria o infante dom Denis seu irmão, ou o Mestre ou quem vissem que era mais razom e proveito do reino. Mas que enleger outro rei de novo, visto o ponto em que eram postos, era cousa mui errada e nom pera consentir.

E esta parte tinham certos fidalgos, deles de praça, e outros caladamente, especialmente Martim Vasquez da¹⁵⁵ Cunha, e seus irmãos, e algús aliados a eles. O maior conto doutros fidalgos e pobo meúdo eram de todo contra esta tençom, dando muitas razões a nom ser assi, dizendo que hú era preso donde nunca havia de sair, mormente que veera fazer guerra ao reino, e o outro isso mesmo em tempo delRei dom Henrique. E portanto compria d'enleger tal que regesse o reino e se possesse por ele, sem mais curar doutros herdeiros que o houvessem d'haver. E sobr'esto falavom tam ameúde suas discordavees razões, e às vezes per tam asperas palavras que já notorio era a todos, quaes fidalgos contradiziam o Mestre nom haver de ser rei, e quaes razoavom por sua parte. De guisa que foram postos em dous bandos, de que o Mestre já havia notícia.

Em esto chegou-se o dia em que haviam d'entrar às cortes. Nas quaes eram presentes estes prelados *scilicet* dom Lourenço arcebispo de Braga, dom Joam bispo de Lixboa, dom Lourenço bispo de Lamego, dom Joam bispo do Porto, dom Joam bispo d'Evora, dom frei Rodrigo bispo da¹⁵⁶ cidade, dom frei Vasco bispo da Guarda, e o priol de Sancta Cruz e o abade de Sam Joam da Alpendorada, e o abade de Bostelo, e Rui Lourenço daiam de Coimbra, grande letrado, e outras honradas pessoas eclesiasticas.

Outrossi dos fidalgos, estavom hi, Vasco Martinz de Sousa ric'homem, Nun'Alvarez Pereira, Vasco Martinz da¹⁵⁷ Cunha o velho, seus filhos Martim Vasquez da Cunha, Vasco Martinz o moço, Gil Vasquez da Cunha e Lopo Vasquez, Gonçalo Mendez de Vasconcelos, Mem Rodriguez, e Rui Mendez

¹⁵⁵ da] de

¹⁵⁶ da] de

¹⁵⁷ da] de

seus filhos, Diego Lopez Pacheco, Joam Fernandez e Lopo Fernandez seus filhos, Gonçalo Vasquez Coutinho, Joam Rodriguez Pereira, Alvaro Pereira, Gonçalo Gomez da Silva e Joam Gomez seu filho, Martim Afonso de Sousa, Vasco Martinz de Melo, e Gonçalo Vasquez, e Vasco Martinz, e Martim Afonso seus filhos, Fernam Pereira irmão de Nun'Alvarez, Estevam Vasquez de Goes, Fernam Vasquez de Resende, Afonso Vasquez Correa, Alvaro da Cunha, e outros fidalgos que nom nomeamos.

Isso mesmo estavam hi, assi como Afonso Furtado, capitam-mor da frota, Afons'Eanes Nogueira, Gonçal'Eanes de Castel da Vide, que se veera já pera o Mestre, Fernam Rodriguez que depois foi mestre d'Avis, Martim Gil comendador-mor de Cristos, Pero Lourenço de Tavora, Rui Lourenço seu irmão, Alvaro Gil Cabral, Lourenço Mendez de Carvalho, Gomez Martinz de Lemos, Nuno Veegas o moço, Rui Vasquez de Castel Branco, Antom Vasquez Cavaleiro, Egas Coelho, Gonçalo Gonçalvez Borges, Martim Afonso Valente, Estevam Vasquez Filipe, Rui Cravo, e outros muitos cavaleiros e escudeiros de boa conta, e muito outro pobo. Procuradores das vilas e cidades, eram hi juntos aqueles que nomeámos por confessores ante desto em seu logar.

CLXXXIII

Como o doutor Joam das Regras¹⁵⁸ propôs em nas cortes mostrando que havia quatro herdeiros do reino

Eles todos em hũ paço postos em asseseço e boa ordenança, era hi hũ notavel barom, homem de perfeita autoridade, e comprido de ciencia, mui grande leterado em lex, chamado doutor Joam das Regras¹⁵⁹ cuja sotildade e clareza de bem falar antre os leterados, hoje em dia he teúda em conta.

Este propôs naquelas cortes, tendo cuidado de mostrar per ciencia e razom, a verdade e proveito de tam gram negocio como este, e aos pobos ficar depois encarrego, escolher qual determinaçom quisessem.

Mas quem poderia reter segundo algús escrevem a avondança de seu bom falar, e come se houve tam sabedormente acerca de tam alto feito? Das quaes cousas algús leigos, leixando as migalhas do que percalçar poderom em

¹⁵⁸ Regras] Regas

¹⁵⁹ Regras] Regas

escrito, dizem que começou desta guisa:

— Senhores fidalgos e honradas pessoas que ora de presente estaes, bem sabees como somos aqui juntos, pera com a graça de Deus e sua ajuda haver-mos de trautar e acordar as cousas que compridoiras som pera regimento e governança destes reinos, especialmente em feito de defensom da guerra, na qual somos postos e tam prestes temos como todos bem sabees.

«E mais pera falarmos, se estes reinos depois da morte delRei dom Fernando, que deles foi postumeiro possuidor, ficarom vagos e desemparados, sem rei e defensor lidemo, que os possa e deva herdar de dereito, pera sobr'elo provermos como nos Deus ajudar, de guisa que o reino seja manteúdo em dereito e justiça e nós guardados e defesos de nossos êmigos e contrairos. Mas porque algús dizem que nom há hi dereito herdeiro, outros afirmam que o temos mui certo, e por esto soes em algũ desacordo, porém eu por tirar d'antre vós tal debate e fadiga, em favor das razões dos que devem herdar, quero mostrar que nom somente há hi hũ herdeiro, mas que temos assaz deles, de que podemos tomar qual nos prouguer.

«Mas ante que disto façamos palavra, quero responder hũa razom, que se aqui move da parte dalguns, dizendo, pois somos tam poucos que nom podemos enleger nem escolher rei, pois que o reino he em si deviso, e nom somos todos em hũ acordo; mas que leixemos assessegar estes feitos, e depois que a Deus prouguer de o reino todo ser dhũ acordo, e posto em assesego como dante era, que entom devem todos de enleger rei, qual mais entenderem que he proveito da terra. E sua enliçom será valiosa, pois he com acordo de todos, e nom com tam poucos como ora somos, e doutra guisa nom he de fazer nem valeria tal enliçom.

«Mas os que esto dizem nom som de culpar, porque nom ham fundamento nem ensinança de dereito, ca se o papa que he maior cousa pode ser enlegido per hũ só cardeal, morrendo todos e ficando el só, e ainda se este morrer, a clerezia pode enleger pastor da Egreja, e ser verdadeiro papa; quanto mais nós outros em tal necessidade postos, ainda que poucos sejamos, e o reino em si deviso podemos enleger quem reja o reino e nos empare de nossos êmigos. E sobr'isto nom compre despender tempo, nem detença de palavras, mormente que aqui som juntos bem cinquenta procuradores de vilas e cidades do reino.

«Mas leixando esto venhamos ao proposito, e vejamos, pois estes reinos som desemparados e ham mester rei e defensor que se por eles ponha, se temos herdeiro pera eles, que os possa e deva herdar de dereito. E acharees que muitos, de que podemos tomar hũ.

«E digamos logo delRei de Castela que ora he, o qual era primo coirmão delRei dom Fernando, em cujo parentesco nom he de poer dúvida, ca elRei dom Fernando era filho de dona Costança, molher que foi delRei dom Pedro de Portugal. E este rei de Castela he filho de dona Joana molher que foi delRei dom Henrique, ambas irmãs filhas de dom Joam Manuel. E assi eram primos coirmãos, filhos de duas irmãs. Além desto, el está casado com dona Beatriz filha lidema do dito rei dom Fernando, que foi postumeiro possuidor deles; e assi herdeira dos ditos reinos, e isso mesmo elRei seu marido, per bem de tal casamento.

«E posto que hi nom houvesse estes, temos os ifantes dom Joam e dom Denis, filhos delRei dom Pedro, irmãos delRei dom Fernando. Os quaes som vivos e tam chegados parentes, que se nom pode dizer com razom que os reinos som vagos e sem socessor que os deva herdar. E assi temos herdeiros.

CLXXXIV

Razões daquel doutor por que a rainha dona Beatriz nom podia herdar este Regno

«Visto que temos assaz d'herdeiros, de que podemos tomar hũ qual ante quisermos, fica gram processo pera razoar qual deles deve ser escolhido, que dignamente reine, segundo os direitos querem. E por vos escusar daqueste trabalho, eu quero mostrar per vivas razões e direito, que estes reinos som agora vagos livremente de todo. E nehũ dos que nomeei nom devem nem podem soceder em eles, posto que a algũs pareça o contrairo por as razões que por sua parte disse.

«E pera vós isto, senhores, claramente verdes, compre primeiro tirar d'antre vós toda afeiçom e benquerença, que a algũa destas pessoas tenhaes, a qual nestas cortes nom deve de ter voz, nem deve de pousar com nehũ de vós outros. Porque segundo que os saibos dizem, a afeiçom deve ser de todo homem leixada, pois per ela o entendimento perde seu razoado juízo, de guisa que nom julga segundo o que dereitamente entende, mas segundo aquelo que assi ama, pervertendo o juízo da razom.

«Porém nós leixando tal liança d'afeiçom, vejamos todos o mais proveitoso, segundo a necessidade em que somos postos requiere. E assi com a graça de Deus e sua ajuda, que deu bom começo a nossos feitos, encaminhará a dar boa fim a este negocio, de guisa que seja a seu louvor e serviço e honra e defensom destes reinos.

«Ora senhores, eu dixei que tínhamos assaz de herdeiros pera escolher hũ qual quisermos. E nomeei primeiro elRei de Castela, dizendo que era primo coirmão delRei dom Fernando postumeiro rei que foi destes reinos; e per bem deste dívedo, desi por parte da rainha sua molher, filha do dito Rei, que el havia no reino dereita herança. Do dívedo nom curo pois que hi há outros mais chegados parentes que som os irmãos. Mas de el poder herdar per bem do casamento de sua molher, desi por razom dos trautos que por azo de tal casamento forom feitos antre estes reinos e os de Castela, esto digo que nom pode el haver per nehũa guisa e provo-o deste modo.

«A rainha dona Beatriz molher que ora he delRei de Castela, nom he lidemamente nada, ca se sua madre ao tempo que casou com elRei dom Fernando, nom podia casar com ele, e per dereito tal casamento era nehũ, tam pouco pode ser a filha legítima, pera soceder nem poder herdar. E que ela casar nom podesse, bem o sabem quantos aqui estam. Certo he que a rainha dona Lionor ante que casasse com elRei dom Fernando, era casada com Joam Lourenço da Cunha, da qual houve hũa filha que se morreo, e Alvaro da Cunha que aqui está. E posto que depois que a elRei tomou, lhe ela chamasse Alvaro de Sousa, dizendo que era filho de Lopo Diaz de Sousa e dhũa molher de sua casa que chamavom Elvira, e esto por se dar por virgem a elRei dom Fernando, dizendo que seu marido nunca dormira com ela, e se elRei gabasse que a achara virgem, certo he que ele era seu filho. E quando Joam Lourenço foi doente em Lixboa que o o Mestre foi ver ante que morresse, ele lhe pedio por mercê que a este moço desse seus bens, e lhos leixasse haver e possuir come seu filho que era, o qual nunca ousara nomear por filho em vida delRei dom Fernando. E assi os houve e herda agora como todos sabem.

«Ora sendo ambos assi casados, havia já hũs três anos, elRei dom Fernando lhe tomou a molher, recebendo-a depois de praça, o que fazer nom podia, sendo seu marido vivo, a que muito pesou de tal feito. E se alguém disser, o que he verdade, que pois a rainha dona Lionor era parenta de Joam Lourenço, que nom podia ser seu marido, e assi podia casar com outro, e ser o casamento valioso, respondo que esta razom nom desfaz meu proposito, porque foi muito pelo contrario. Ca eles houverom despensaçom de Roma pera seu matrimonio ser valioso, segundo bem sabe Diego Lopez Pacheco e outros muitos que aqui estam; e isso mesmo Vasco Martinz de Sousa que a vio e teve na mão, que lha mostrou o conde velho, falando com el acerca destes feitos. E assi era sua lidema molher, e el seu marido, e nom podia casar com outrem.

«Por outra razom digo ainda que nom podia ser sua molher per nehũa guisa, sem primeiro haver pera esto especial despensaçom do Papa, porquanto

ela era sua cunhada bem chegada, sendo elRei dom Fernando e Joam Lourenço seu marido, filhos de segundos coirmãos. E vede de que guisa: Joam Lourenço da Cunha era filho lidemo de Martim Lourenço da Cunha, e de dona Maria de Briteiros, que foi filha de dona Mari'Afonso Chichorra, neta delRei dom Afonso, conde que foi de Bolonha, avô delRei dom Afonso o quarto, seu padre delRei dom Pedro, padre que foi delRei dom Fernando. Assi que o dito rei dom Fernando, e Joam Lourenço seu marido eram terceiros coirmãos filhos de segundos coirmãos, e assi se nomeavom per vezes. E sei que este dívedo saberá Vasco Martinz de Sousa que vem e decende daquel linhagem.

«Ora vede como podia ser sua molher lidema, e os filhos taes que podessem e devessem herdar, quem casava com molher casada, sabendo bem que era seu dívedo em tam chegado parentesco. Porém tal casamento nom era valioso, quanto a Deus, nem quanto ao mundo, ante foi vergonha e escarnho d'ouvir assi nestes reinos, como em Castela.

«Ainda mais venho a outra razom, posto que mingua aqui nom faça. E digo que toda molher que he enfamada que faz maldade a seu marido, e desto he púbrica voz e fama, que os filhos que dela nadem, o direito presume e há por sospeitos que podem ser nom de seu marido. Ca pois ela com dous dorme, mui mal será certa de qual deles emprenha. E per esta regra fez húa vez a rainha dona Lionor a elRei dom Fernando, que nom tomou por seu filho hū cachopo que pario húa molher casada com que ele dormira, o qual el já tomava, sem poer mais dúvida cuidando pouco em tal cousa. E a Rainha que neste feito era mais sages perguntou a molher por o tempo que houvera da dormida de seu marido com ela até que elRei com ela juntara. E achou que fora tam pouco espaço que nom havia poder de ser certa cujo era aquel filho, e desta guisa lho fez engeitar.

«Ora a nosso proposito tornando, que a rainha dona Lionor fosse enfamada que nom era leal a seu marido, e isto como e per que guisa, nom compre delo fazer mais sermom. Porque muito melhor he calar taes cousas por serem feas, que vergonhosamente as pobricar. E assi torno a minha razom que se nós herdeiro houvessemos d'escolher destes que já nomeei, nom tomaríamos nós sua filha desta, pois que o direito a tem por suspeita, por ser filha de madre nom casta. Ca nom devemos nós tomar por herdeira pessoa duvidosa que reine sobre nós, mas muito certa e sem suspeita. Pois como faremos nós certo o que o direito há por incerto? Nem como diremos que naceo lidema na qual o direito põe tal sospeiçom?

«E se alguém disser que muitos filhos de taes molheres herdaram seus bens e os dos maridos, sem lhe poendo tal contradiçom, confesso-o, porque algúas

cousas consente o direito nos ligeiros casos e pequenos, que nos grandes duvida muito, e nom outorga, por os perigos que se seguir podem; assi como he na herança dhú reino, ou semelhante cousa, o que nom faz em hús poucos de bens de pequena conta, que ficam dhú homem ou dhúa molher. Assi que herdeiro duvidoso no ponto em que somos postos, nom pertence d’havermos por senhor.

CLXXXV

Outras razões desse mesmo doutor por que elRei nem sua molher nom devem ser tomados por senhores

«Leixados taes impedimentos da parte da madre, e outros da sua pessoa, em que nos podíamos deter, assi como ser ela sobrinha de seu marido, filha de seu primo, coirmão; e se despenaçom hi houve, nom já de verdadeiro papa, e outras taes razões, com que se per direito podia mostrar seu casamento ser nehú, venhamos a outra maior contradicòm.

«Certo he que a herança, que eles neste reino houverom d’haver, havia de ser a certos anos e com certas condições, as quaes el e sua molher jurarom guardar com grandes penas nos trautos conteúdas; os quaes elRei todos aprovou, ante que a por molher tomasse, quando a em Badalhouce recebeo, jurando elRei per sua fé real, e aos Santos Evangelhos corporalmente tangidos, e per o corpo de Deus consagrado que o bispo dessa cidade revestido em pontifical, em húa patena tinha, sobre a qual elRei pôs suas mãos, jurando que ele guardasse e comprisse todas as cousas e cada húa delas conteúdas em eles; e que nunca vesse contra elas em parte nem em todo, per si nem per outrem em púbrico nem escondido, nem per feito nem per dito, nem per outra nehúa maneira; e vindo contra todas ou cada húa delas, razoando ou falando em parte ou em todo, dereitamente ou pelo contrario, em púbrico ou em segredo, que nom valesse nehúa cousa, e ficasse logo fé perjuro, e mais que pagasse por pena cem mil marcos d’ouro. E caindo em tal pena, que a el prazia e dava logar a elRei dom Fernando, ou àqueles que pera esto poder houvessem, e a todos do reino de Portugal, que per sua propria autoridade, sem outra ordem de juízo, podessem fazer penhora e entrega nas vilas e cidades e bens de seus reinos, fazendo por esto guerra a el e a todos seus naturaes, até que fosse entregue dos ditos cem mil marcos d’ouro; por a qual guerra elRei de Castela nom podesse fazer prenda nas terras e bens dos portugueses, mas que quantas vezes vesse contra os ditos trautos em parte ou

em todo, que tantas vezes pagasse os ditos cem mil marcos d'ouro, prometendo de nunca alegar nehúa excepçom per si nem per outrem, nem outra legítima razom, nem foro nem degratal, nem lei nem costume, nem façanha, nem outro derecho, sometendo-se a pena d'escomunhom e de interdito, posta sobr'ele e em seus reinos, vindo contra os ditos capitulos ou cada hū deles; e fazendo-o que perdesse o derecho que havia nos reinos de Portugal, per qualquer guisa que fosse, como bem sabem e virom muitos que ora aqui estam que forom presentes a este juramento.

«E per esta guisa o jurou a rainha dona Beatriz per seu mandado e outorgamento depois que foi em poder dele. E assi o jurarom ao Corpo de Deus consagrado tangido per suas mãos, os senhores e fidalgos de seu reino, fazendo preito e menagem, nas mãos de Gonçalo Mendez de Vasconcelos que aqui está, que nom guardando elRei de Castela seu senhor os trautos na forma que eram postos, ou fosse contra húa só cousa em eles conteúda, que eles se desnaturassem dele, e tevessem com os portugueses, e lhe fizessem guerra; e nom o fazendo assi, que caíssem naquel caso que caem aqueles que traem castelo, ou matam senhor. Pois se nós houvessemos de retar por treedores quantos em tal caso caírom, britando seu juramento, e de demandar tantos cem mil marcos d'ouro, quantos elRei encorreo de penas, depois que el jurou estes trautos e os começou de quebrar, nom avondaria o reino de Castela, ainda que o todo metessem em pregom pera paga de tam gram soma.

«Por outra cousa mui forçada digo ainda que razom e derecho nom querem consentir que posto que elRei nom britara os trautos, nem veera contra o juramento que fez, per que perdeo algū derecho se o no reino tinha, que el nom devia ser nosso rei, nem sua molher tomada por rainha, a qual razom he esta. Certo he que mais devemos d'obedecer a Deus que aos homens. Nem lei nehúa he dita lei, se nom he conforme com a lei de Deus, e mandados da Egreja. E pois que o Papa afora pecado todalas cousas pode sobre a terra assi como Deus, e quem despreza o que el manda, despreza Jesu Cristo cujas vezes tem; ergo de seu mandado per nehúa guisa nom devemos de desviar quanto a Deus nem¹⁶⁰ quanto ao mundo, pois que comprido poder há sobre a terra. Em tanto que nom somente sobre os cristãos, mas ainda sobre todos los infiees tem poderio e jurdiçom, porque todos som suas ovelhas, os maos e os bons; nem devemos demandar razom, por que o Papa que he vigairo de Cristo isto possa fazer ou nom. Pois se os judeus e os infiees o Papa pode

¹⁶⁰ nem] ne

castigar e punir, dos cristãos nom he de ter dúvida; o qual Papa e pastor deve ser hũ e mais nom, sô cuja obediencia e temor, todos devemos viver e nos salvar. E fora dhũa egreja só militante e sua obediencia nehũ pode haver salvação posto que seja martir por amor de Jesu Cristo, se em cisma persevera e he fundado, ergo justamente o Papa pode mandar punir quaesquer cismaticos nom obedientes à Egreja.

«Pois se o papa Urbano nosso pastor e Deus sobre a terra nos manda e amoesta que persigamos todos los cismaticos infiees assi como hereges e membros talhados da Egreja, havendo-os por escomungados da maior escomunhom, outorgando-nos por esto aqueles privilegios e perdoanças, que outorga aos que vão contra os êmigos da fé, em ajuda da Casa Santa, como tomaríamos nós por nosso rei e senhor quem foi e he tam claramente contra ele e cabeça de tanta maldade e cisma? Certamente nom he de dizer.

«Ca notorio he que elRei dom Fernando, logo no começo da cisma teve com nosso senhor o papa Urbano. E depois per aficados rogos delRei de Castela, declarou por o antipapa, até vinda dos ingleses, que o fezerom tornar à primeira verdade. Pois se elRei de Castela e aqueles que sua tenção seguem, por suas maldades e indigno proposito, per nosso senhor o Papa assi como cismaticos e hereges per sentença som condenados, como tomaríamos nós taes pessoas por nossos reis e senhores? Eu vos digo sem dúvida que nom era mais outra cousa salvo querer tomar hũ mouro, ou outro algũ de fora da fé, por seu rei e senhor. E por isso dizem os direitos que em pecado e maldade de pagão vive qualquer que afirma que he cristão, e à Sé apostolica despreza obedecer.

«E nom sem razom, porque o senhor Jesu Cristo ordenou e juntou assi hũa só catolica Egreja, a qual nom recebe em si departamento nem divisom, mas deve ser hũa unidade, sempre e perpetualmente. E estes cismaticos hereges querem talhar a Egreja de Deus, e a vestidura do Senhor nom cosida, pecando na fé contra aquele artigo: «Creo no Espiritu Santo, e hũa santa catolica Egreja».

«Pois haveremos¹⁶¹ nós de tomar cismatico infiel herege, por nosso rei e senhor, que o direito e nosso senhor o Papa defende? Nom queira Deus que tal erro passe per nós. Mas defendamos nossa terra, que justamente podemos fazer. E nehũ presuma per errónia e indiscreta cuidaçom, o contraíro desto haver de ser feito.

¹⁶¹ haveremos] auermos

CLXXXVI

Como o doutor mostrou claramente que nunca foi certo que dona Enês fosse molher delRei dom Pedro

«Ora pois temos elRei e a Rainha nom pertencentes pera reinar, vejamos se acharemos outros algús chegados parentes que reinem em logo deles. E temo-los logo muito prestes, que som os ifantes dom Joam, e dom Denis filhos delRei dom Pedro, dos quaes a muitos parece sobejo razoar falar homem se devem herdar ou nom. Porque assi como o que se quer salvar, nehúa cousa duvida na fé que crê, assi a estes sem mais dúvida que ponham, sempre som prestes a ouvir que som lidemos herdeiros sem contradizom que em elo achem. E porque se algús acostam a esta parte, e nós nom cairmos assi de ligeiro, pesemos ante bem esta cousa, sem afeiçom que se de nós assenhore. E ponhamo-la em preço razoado segundo a razom e dereito requiere e assi podemos ver se a verdade contradiz ao desejo de taes.

«E pois todas nossas razões chãmente ham-de ser encaminhadas por saber a certidom desto, sem outros argumentos nem mais disputaçom, a antiga verdade protesta saber primeiro duas cousas daqueste negocio. A húa se foi certo que dona Enês era molher delRei dom Pedro; a outra, posto que a recebesse, se podia ser sa molher de dereito, e os filhos taes que podessem herdar. E de muitos cuidarem que ela sua molher era recebida, esto nom he de maravilhar, ca vistos os juramentos, que elRei e os outros sobr'isto fezerom, desi as razões que o conde de Barcelos em esta cidade propôs naquel tempo, e mais húa letera de dispensaçom que logo publicou perante todos, bem he de cuidar que sua molher era, sem outra dúvida que se nelo deva de ter. E porque estas cousas a todos som notorias, e aqui há muitos que de presente foram, nom curo perlongar mais como se esto passou.

«Mas respondendo à primeira razom que compre de saber se foi ela sua molher ou nom, digo que nunca foi certo, em vida delRei dom Afonso nem depois, que a el recebesse por molher, posto que fizessem aquelas avondanças que aqui fezerom.

«De nom ser sabudo em vida delRei seu padre mostra-se claro per esta guisa. Certo he que vivendo elRei dom Afonso padre deste rei dom Pedro, sendo entom ifante casado com dona Costança, foi tragida à corte delRei dona Enês de Castro, sobrinha de dona Tareija d'Albuquerque pera andar por donzela da Rainha. E andando assi em casa delRei, sendo ela de bom parecer, namorou-se dela o ifante dom Pedro. E per novos geitos que com ela começou de ter, entende'-o elRei seu padre; e além de el ser mui ceoso, como

já ouviríeis, desprougue-lhe muito de taes amores, assi por dona Costança a que queria grande bem, como por dom Joam Manuel seu padre com que havia grande liança, e ordenou logo de a mandar pera sua tia. E estando assi com ela, aconteceu de morrer dona Costança.

«E nom esquecendo ao ifante a bem querença trespassada, mandou seus recados à tia e à sobrinha, de guisa que a houve estonce, como ouviríeis dizer; da qual cousa muito desprougue a elRei seu padre, mormente porque algús diziam que era sa molher, outros afirmavom que nom podia ser. E tragendo-a o ifante assi consigo, e havendo dela seus filhos, por tirar elRei dúvida se era sa molher ou nom, estando húa vez em esta cidade, e pousando o ifante naqueles paços de Santa Clara, mandou lá elRei Diego Lopez Pacheco que aqui está, e mestre Joane que eram de seu conselho, per os quaes lhe mandou dizer que pois lhe nom prazia casar com filha de rei, e tanto amava dona Enês, que casasse com ela e a recebesse por molher, e que a el prazeria delo, e honrá-la-ia come sa molher. E o ifante respondeo estonce que nom era seu talento de o fazer, por aficamento que lhe sobr'elo fizessem, nem cuidava de a receber em dias de sa vida.

«E falando elRei com seus privados acerca de tal reposta, disserom algús que entendiam que o ifante o nom leixava de fazer, salvo por tal casamento ser muito desconveniente pera ele. Porque dona Enês, quando à primeira veio pera a corte, nom se chamava dona Enês, mas chamavam-lhe Enês Perez, filha bastarda de dom Pedro de Castro; e ainda mais vos digo que nunca ouvi dizer quem fora sa madre nem achei em escrito; e depois que a o ifante tomou e trouve consigo, entom lhe chamarom dona Enês. E desta guisa nunca foi sabudo em vida delRei dom Afonso que a el recebesse por molher, nem que o ifante tal cousa dissesse. E se alguém quiser dizer contra isto que eu razoo, dêem juramento aos Evangelhos a Diego Lopez Pacheco que aqui está, se he verdade aquesto que eu digo, e cuido que dirá que desta guisa se passou.

«Nem chamavom a seus filhos ifantes, senom depois que elRei dom Pedro reinou. E quando elRei dom Afonso dava algúa cousa a cada hū deles, dizia na carta que faziam: «querendo fazer graça e mercê a dom Joam meu vassalo filho do ifante dom Pedro meu filho», e doutra guisa nom. Nem elRei dom Afonso se soubera que ela era sua molher recebida, posto que nom fosse azada pera o ser, nunca a mandara matar, por cousa que aveera. Mas tendo-a em conta de manceba, a mandou matar da guisa que sabees.

«Mas nom embargando que eu haja dito que em vida delRei dom Afonso, nunca foi tirada tal dúvida como esta, bem pode dizer a parte contraira, que o foi logo depois muito certo, quando elRei dom Pedro em esta cidade fez

notificar a todos como a recebera. E de o muitos estonce assi crerem, nom he maravilha nem som de culpar, porque as mentiras que se escondem sô semelhança de verdade, ligeiramente vencem o coração pouco avisado. Mas o sisudo que há discreçom, nom recebe de ligeiro taes cousas, nem se vai depós a openiom de muitos; mas examina bem o que houve se he razom de ser ou nom, por nom cair em engano.

«E nós em tal negocio como somos postos, esta maneira havemos de ter. Ca eu vos digo que aquela publicaçom¹⁶², que estonce foi feita, por mostrar que era sa molher, foi muito mor ajuda, pera certificar que nunca fora assi, que pera cessar homem do que dante duvidava. Assi que onde eles cuidavom que o faziam muito claro pera o todos haverem de crer, ali forom deixar pegadas assi duvidosas que nom há homem por ligeiro que seja que nelas muito nom entrepece. E vede de que guisa.

«ElRei disse em Cantanhede per seu juramento, que podia haver hús sete anos, pouco mais ou menos, nom se nembrando do mês nem dia, que el recebera por sua molher esta dona Enês; e porquanto deste recebimento, muitos nom tinham boa sospeita, e el por temor e receo de seu padre, em vida dele, nom ousara de o dizer, que entom por desencarregar sua consciencia o notificava a todos. Desi veo aqui o conde de Barcelos e mestre Afonso das Leis com outros muitos que elRei mandou, e preguntarom Estevam Lobato e o bispo da Guarda, que já consigo traziam avisados por testemunhas deste feito; e vistos seus ditos e húa dispensaçom que logo publicarom, quantos simprezes d'entender ali forom juntos todos ligeiramente crerom que assi era como eles diziam. E foi entom sabudo per todo o reino que dissera elRei que fora sa molher; e disto tomarom logo estormentos pubricos, por parte e em favor dos filhos.

«Ora vede que vos valha Deus, que estoria esta pera nehú sisudo haver de crer. Certo he que quanto a cousa he mais pesada e teúda em maior conta e segredo, tanto mais nembra àquel que a faz, e àqueles que presentes som. Pois como pode ser que tamanha cousa como he o casamento, e que elRei fazia entam gram segredo e com tal receo e medo de seu padre segundo diziam, lhe houvesse d'esquecer em tam pouco tempo nom lhe nembrando o dia e mês em que o fezera? E nom somente a ele, mas a quem em tamanha puridade fora chamado pera os receber. Certamente isto a razom nom consente, ca nom há aqui tal de vós outros a que ora perguntassem o dia em que casou,

¹⁶² publicaçom] publiçacom

posto que nom fosse festa, mas hũ dia simprez, por muitos anos que houvesse, que lhe nom nembre o dia ou mês em que foi, e ainda as horas se acontecer, posto que lhe os anos de todo esqueçam.

«E onde Estevam Lobato cuidou que o certificava muito, por dizer que fora em dia de janeiro, ali fez seu dito muito mais duvidoso, e cheo de suspeita pera nom ser creúdo. Ca pois el dizia que fora em dia de janeiro, que he tamanha festa como usam todos, vede se era este bem assinado dia pera nembrar a elRei tal cousa, posto que houvera cento anos que fora! Mas parece que naquel tempo perdiam os homens muito cedo a memoria.

«A outra razom que entom disserom por que o elRei leixara de fazer, esta he já muito mais fraca, e muito peor de crer. Ca se el em sua vida lhe fora sempre muito obediente filho e nunca o anojara em nehũa cousa, ainda mostrara razom pera crer que isto fora como el dizia. Mas hũ homem que tanto nojo fez a seu padre tomando tal molher contra seu talente, além desto tamanho desvairo como com el houve por sua tomada, e depois da morte dela per espaço de tempo, que receo haveria de dizer que era sa molher? Nom houve receo de juntar a si quantos malfeitores e degradados havia pelo reino, e fazer guerra com eles a elRei seu padre, cercando-lhe as vilas e os castelos, e roubando e poendo fogo pela terra, come se fosse d'émigos, e diz que havia medo e receo de dizer que fora dona Enês sa molher! Ante fora melhor de o pubricar entom. E disserom as gentes que elRei fezera mui mal de lhe matar sua molher, e tenerom de melhor mente com ele.

«Vede se era bom jogo de filho contra padre que tanta guerra lhe fazia ele andando pelo reino e tal destruiçom, que assi mandava elRei guardar e velar as vilas e castelos por azo dele, como se dentro no reino andassem seus émi-gos. E nom cuidees somente que esto fazia nas vilas e logares, mas a alcaceva e castelo de Lixboa, se velou e guardou bem três meses. E assi lhe pagavom soldo aos vassalos delRei, que em el estavom, como se fosse na mor guerra d'émigos. E fazendo isto e outras taes cousas, diz que havia medo de dizer que dona Enês fora sa molher!

«Quem ora preguntasse a Diego Lopez que aqui está que milagres el andou fazendo pelo reino, e quanta destruiçom nos bens d'Airas Gomez da Silva, e de Diego Gomez d'Avreu e doutros muitos que elRei depois pagou, bem podia dizer que nom haveria tal filho medo de dizer a seu pai que recebera dona Enês.

«Ora ponhamos que fosse assi, que em vida delRei seu padre nom ousou de dizer que era sa molher; quem lhe tolhia a ele depois que ele morreo, que o nom pubricasse logo como reinou. Ca podera fazer hũ honrado saimento

em Alcobaça; e chamados os prelados e fidalgos do reino ali publicasse como a recebera e todo o que se passara em tal feito, e cuidarom que era assi. Mas a cabo de quatro anos, depois que elRei foi morto, e nehú já disto nom curava, entom ordenou de dizer que a recebera por molher segundo aqui mandou publicar.

«E por que pensaes que esto entom foi assi feito? Porque em vida delRei seu padre nem depois até'quel tempo, nunca el pôde haver dispensaçom do Papa que lhe legitimasse os filhos, e entom fez aquela publicaçom como vistes por mostrar que eram lidemos, e valesse o que podesse valer.

CLXXXVII

Dos impedimentos que o doutor disse por que dona Enês nom podia ser molher delRei dom Pedro

«Mostrado claramente que nunca foi certo que dona Enês fosse molher delRei dom Pedro, e que todo seu razoar foi mui sospeito, e testemunha de grande rudeza, fica por ver a segunda razom mais forte, se per ventuira recebida fosse, se era tal casamento valioso. E provo logo que nom, por estes impedimentos.

«Certo he que dona Enês era sobrinha delRei dom Pedro, filha de seu primo coirmão per esta guisa: elRei dom Pedro era filho da rainha dona Beatriz filha delRei dom Sancho de Castela; e dona Violante, molher que foi de dom Fernam Rodriguez de Castro, e aquela rainha dona Beatriz eram ambas irmãs filhas do dito rei dom Sancho, posto que nom fossem dhúa madre, porque dona Violante Sanchez houvera elRei dom Sancho, dhúa dona que chamavom dona Mari'Afonso, molher que foi de dom Garcia d'Uzeiro. E esta dona Violante Sanchez foi madre de dom Pedro de Castro, que se chamou da Guerra, cuja filha foi esta dona Enês. Assi que ela era sua sobrinha da parte do padre, filha de seu primo coirmão.

«Nem curemos do que algús dizem, de como elRei dom Pedro foi primeiro casado com dona Branca filha do ifante dom Pedro que morreo nas veigas de Graada; e como foi tragida a este reino e a recebeo em esta cidade ante que casasse com dona Costança, ca esto nom faz mingua a nosso proposito.

«Mas venhamos a hú grande impedimento além dos outros com que o Papa nom dispensara por cousa que avinr podesse por o qual ela nom podia ser sua molher per nehúa guisa. E he este que sendo elRei dom Pedro ifante

casado com dona Costança, houverom ambos hũ filho que chamarom dom Luis. E quando ordenarom de o baptizar, em esta cidade, foi esta dona Enês madrinha daquel moço, e comadre delRei dom Pedro, salvando-a¹⁶³ depois per muitas vezes a ifante dona Costança por comadre, e humilhando-se a ela como he de costume. Ora vede como podia elRei ser lidemo marido de sua comadre, madrinha de seu filho? Certamente nom podia ser.

«Mas algũs entendidos que disto parte sabem, desfazem este impedimento per aqueste modo: dizem que sendo o ifante estonce muito namorado de dona Enês e tendo vontade de dormir com ela, que lhe mandou dizer em segredo quando houve de ser comadre, que chegasse com o menino à egreja, e que estevesse presente ao baptizar mas que nom dissesse as palavras que os padrinhos costumam de responder em nome do afillhado; e que ela desta guisa o fez, e portanto nom era sa comadre e podia casar com ele sem pecado. Alegando por sua parte a este proposito hũ semelhante caso do matrimonio, dizendo que posto que hũ homem receba hũa molher per aquela forma das palavras que a Egreja ordenou, nom com entençom de a haver por molher mas porque a doutra guisa nom pode haver pera dormir com ela, que tal como esta quanto a Deus nom he sua molher, e el pode depois casar com outra se nunca em esta consentio e fará deste pecado pendenza; a qual cousa he verdade, que quanto a Deus nom he seu marido; mas quanto ao mundo julgar-lho-am e será costrangido que lhe faça maridança. E assi dizem que posto que dona Enês fosse rogada pera comadre e com os outros padrinhos tangesse a criança e fizesse aquelas cerimonias que som de costume, que pois tal vontade nom levava nem nunca em elo consentio, que tal compadradigo era nehũ e podia depois sem pecado casar com o padre de tal afillhado.

«A qual cousa posto que assi seja, que quanto a Deus nom fosse comadre, necessario era que por esta fama, desi polo escandalo do mundo, que fosse notificado ao Papa; e el despensando com eles segundo sua enformaçom havendo-a por verdadeira, leixá-lo-ia estonce em encarrego de sua consciencia; a qual cousa aqui nom houve nem nunca lhe foi suplicado. Ora se eles podiam casar ou nom, vede se he bem duvidoso, mas a estoria se passou desta guisa. E sabe-o bem Diego Lopez que aqui está, que foi presente a este baptismo, e padrinho daquel dom Luis com outros compadres que foram rogados.

«E posto que casar podessem sem dispensaçom, o que nom podiam, e taes filhos lidemamente fossem nados, o que he certo que nom foram, somente

¹⁶³ salvando-a] Saluamdo

por virem contra o reino dhu naturaes eram, em serviço e companhia de seus êmigos pera o destruir, nom per húa vez mas per muitas, isto só he abastante pera nehú deles haver de reinar, posto que lidemos nacerom. Deles vinrem contra estes reinos, notorio he a todos como o ifante dom Denis em tempo delRei dom Fernando veo em companhia delRei dom Henrique armado com gentes entrando pelo reino até Lixboa, fazendo-lhe guerra per fogo e roubo, matando e destruindo quanto podiam. E isso mesmo o ifante dom Joam em companhia deste rei de Castela que ora he com gentes, e per seu mandado veo cercar Trancoso, e o teve cercado combatendo-o per algús dias. E quando entrou ao reino em Val de la Mula, desnaturou-se poendo fogo com sua mão. E desi veo cercar Elvas, e andou pelo reino fazendo muita guerra.

«E sei que isto sabe bem Vasco Martinz de Sousa, e Diego Lopez Pacheco e Vasco Perez Bocarro e outros muitos que aqui estam. Pois mui desaguisado fariamos nós, enleger por rei a quem se del desnaturou, e veo contra ele pera o destruir, e nom o dar a quem tantos trabalhos e perigos de morte soportou por o defender e he prestes pera soportar.

CLXXXVIII

Da desacordança que os fidalgos e pobos haviam antre si sobre a enliçom que queriam fazer

Nom embargando estas razões todas e outras que aqui nom dissemos, que propose aquel doutor, per que todos deverom ser em hū pacífico assesego, pera haver de enleger rei sem poer hi outra mais dúvida; pero porque a benquerença he muito firme na maginaçom daquel que ama, e nom se tira assi de ligeiro, por muitas razões que lhe sobr'elo digam, nom poderom todalas que havees ouvidas arrancar da vontade e desejo dalguns a primeira tençom que por parte dos ifantes tinham. Assi como Martim Vasquez e seus irmãos, e todolos daquela liança, dizendo que nom embargando o que haviam ouvido, que o reino sem nehúa dúvida ao ifante dom Joam pertencia de direito; e que em seu nome deviam de fazer guerra até que vissem que termo havia sua prisom, ca lhes parecia mui estranho darem nome de rei ao Mestre pois a outrem pertencia o reinado.

Em tanto que hū dia Martim Vasquez se saiu do conselho com queixume dizendo altas vozes:

— Vós podees fazer o que vos prouguer e fazerdes rei quem quiserdes, ca eu hū homem som e minha voz pouco val. E quem vós fezerdes rei, eu

o ajudarei a defender o reino até morrer. Mas que eu consenta que o seja o Mestre, isto he cousa que nunca eu hei-de dizer.

Nun'Alvarez com outros fidalgos e desi aqueles concelhos eram de todo contra estas razões, dizendo que o Mestre todavia fosse rei. E sobr'esto faziam seus conselhos a parte, os fidalgos sobre si e os procuradores das vilas e cidades em seu cabo.

E razoando muito sobr'esto, começou a dizer hū deles:

— Pera que som estas falas tantos dias há, e esta detença sem proveito, poendo dúvida no que todos veem claramente? Olhae que vos valha Deus, que nos estes fidalgos querem meter em cabeça: dizem que façamos guerra em nome do ifante dom Joam, até que morra ou que seja solto; e que gastemos os corpos e quanto no mundo temos por dar o reino a hū homem que veo contra ele, pera o destruir, e dá-lo de todo a elRei de Castela! Mormente que se mostra claro segundo bem vemos que a nehū deles pertence de direito. Digo-vos que nunca me tal cousa sairá pela boca. Ante digo que sem mais detença levantemos o Mestre por rei, ca mais razom he de o dar a ele que se aventurou a tantos perigos por o defender e emparar que a quem dele fazia tam bom mercado a seus émigos. Nem curemos do que algūs dizem que o defenda come regedor e defensor mas come rei em toda guisa, porque sempre ouvi dizer: «rei pera rei e o al pera nada». E nós pois havemos de ser guerreados per rei, rei seja nosso defensor e do reino.

Disserom entom todos que assi era mui bem e que nesta tençom estevessem firmes.

Os fidalgos isso mesmo tinham seu conselho a parte, no qual como dizemos quem¹⁶⁴ principalmente contradizia o Mestre nom haver de ser rei, sendo cabeça desta opiniom, era Martim Vasquez da Cunha.

Nun'Alvarez Pereira, que muito desejava o contraio desto, era o principal d'outro bando. E porque o amor e o odio nom se podem bem esconder, eram às vezes taes debates antr'eles ambos sobr'esta estoria, que passavom já do razoado, de que ao Mestre muito pesava. Nom por Martim Vasquez e os da sua parte quererem torvar a defensom do reino, nem lhes prazer de o haver elRei de Castela, nem por tençom que contra o Mestre tevessem. Mas por a grande afeiçom e benquerença que haviam com o ifante dom Joam como dissemos, servindo com ele nos tempos que compria, e chegando-se a el quando era em estes reinos. Assi que Vasco Martinz da Cunha e seu filho Martim

¹⁶⁴ quem] que

Vasquez, e seus irmãos e parentes e outros aliados tiravom pera si gram parte dos fidalgos.

O Mestre soube parte do que se antr'eles passava e pesou-lhe muito de vontade. E chamou Nuno Alvarez e disse que bem sabia como Martim Vasquez e seus irmãos eram homens de muitas gentes e tinham algúas fortelezas; e que nom compria a seu serviço de se desavirem a tal tempo; e que porém lhe rogava que em tal sazom nom houvesse com eles desavença.

— Ora senhor, disse Nuno Alvarez, vós nom tendes aqui outro que seja contra vosso serviço nem que torve de vós serdes rei salvo este roncadador de Martim Vasquez. E se vós quiserdes, eu vos despacharei de seu estorvo.

O Mestre disse que nom quisesse Deus tal cousa, mas que se temperasse com eles de boa maneira, de guisa que nom houvessem arroído, ca el nom fazia aquilo por tençom que contra ele tevesse mas por lhe parecer que aquilo era bem. Nun'Alvarez disse ao Mestre que lhe prazia de fazer seu mandado, contanto que os outros o nom assobervassem; que fosse certo se lhe mostrassem sobrançaria que nom podia postar com seu coração que o sofresse.

Em esto aveo hũ dia que forom ao paço do Mestre, Martim Vasquez e seus irmãos e outros fidalgos com eles. E estando assi no paço, foi Nun'Alvarez alá, por falar ao Mestre, e levou consigo bem trezentos escudeiros com cotas e braçaes e espadas cintas e dagas. E quando Nun'Alvarez entrou assi acompanhado, ao Mestre pesou muito em sua vontade, receando o que se podia antr'eles seguir, porque os via assi desavindos. Porém nom deu a entender nada. Nem Nun'Alvarez quando entrou nom mostrou nehũ geito de sobrançaria mas muito chãmente falou ao Mestre, e isso mesmo a algús dos seus. Martim Vasquez e seus irmãos e desi parentes e outros aliados quando virom Nun'Alvarez virn daquela guisa partirom-se do paço poucos e poucos. E Nun'Alvarez ficou só falando ao Mestre, desi tornou-se pera a pousada.

O Mestre calando o que entendeo, vio seus geitos de Nun'Alvarez e a tençom por que o fazia e teve-o por de gram coração. E chamou o doutor Joam das Regras¹⁶⁵ e disse-lhe todo o que lhe com el aveera, e o modo que tevera em sua vinda, e o que receava de se seguir de taes feitos, razoando muitas cousas sobre a tençom de Martim Vasquez.

— Senhor, disse o doutor, eu hei assaz trabalhado por mostrar per vivas razões e dereitos que estes reinos som vagos de todo e a enliçom deles fica livremente ao pobo, juntando muitas provas de desvairados logares, que

¹⁶⁵ Regras] Regas

devera satisfazer a ele e a outros que muito mais soubessem. Mas parece que o amor e benquerença, que vence todalas cousas, os nom leixou conceber as razões que per mim foram ditas e estam ainda na septa que tinham. Porém pois assi he, o que eu quisera calar, que este feito faz mais feo, vos prometo, que proponha no primeiro dia que nisto falarmos, e dhi em deante livre-se como vossa mercê for.

CLXXXIX

Do recado que elRei dom Afonso enviou em corte por o ifante seu filho nom casar com dona Enês

Tornando à fala em aquel mesmo paço e todos ali juntos como acostumavam, começou dizer aquel gram doutor:

— Senhores fidalgos e honradas pessoas, bem sabees como nestas cortes foram per mim propostas algúas razões, a mostrar que estes reinos som de todo ponto vagos e nehú há hi que os deva e possa herdar per linhagem nem a quem de direito pertençam; as quaes som em si tam claras e mais os direitos que as fortificam de cuja autoridade nom devemos desviar que qualquer siso d’homem devia de ser contente das razões que sobr’elo chãmente ante vós já foram mostradas. Mas nom embargando o que eu propuse que todos devera de contentar a afeiçom que eu muito receei no começo destes feitos, parece que faz ainda a algús que em toda guisa têm e creem que os ifantes dom Joam e dom Denis som lidemos e podem herdar, visto como elRei dom Pedro disse que dona Enês fora sa molher, naquela publicaçom que aqui foi feita.

«E porque eu pensava que aquelas razões que já notifiquei eram abastantes, pera todos verem o contrairo desto, nom quisera em elo mais falar, por usar de boa mesura, e me haver honestamente acerca deste passo. Mas pois todo o que eu propuse, a estes nom satisfaz nem abasta, a mim convém mostrar de todo em todo, o defeito de sua nacença sem legitimaçom, pera todos claramente verdes que eles nom nacerom lidemos nem nunca o foram depois pera poderem herdar, per sucessom de nehú seu divedo.

«E quem das cousas que ora eu disser nom for contento e ficar em sua tençom, bem mostrará que quer arremedar a perfia dos judeus que esperam o messias que nunca há-de vir. Ora senhores, propoendo em praça o que calar quisera e nom falar em elo, o feito deste negocio acerca de sua nacença e legitimaçom, brevemente se houve assi.

«Tragendo o ifante dom Pedro dona Enês consigo e nom sendo sabudo em certo se era sa molher ou nom, fezerom entender a elRei seu padre que o ifante ordenava d'enviar em corte pedir ao padre santo que dispensasse com ele, pera poder casar com dona Enês. E foi isto hús três anos ante que dona Enês fosse morta estando entom elRei na vila d'Alanquer. ElRei dom Afonso quando esto ouvio, desprougue-lhe muito de se fazer assi. E sendo mal contente de tal embaxada, trabalhou-se de a desviar quanto pôde. E secretamente escreveo ao arcebispo de Braga, que entom era em corte, que houvesse com o Papa, de nom acceptar a suplicaçom do ifante acerca de taes feitos, por serem a ele em grande odio e perjuízo.

«Ora que vos eu dissesse em soma as razões que elRei sobr'elo escreveo, e a embaxada que o ifante dom Pedro depois que foi rei enviou ao Papa e a reposta que lhe veo de corte, e per que guisa se esto passou, vós diriees que todo eram palavras afremosentadas que he ligeira cousa d'achar aos homens, as quaes eu buscara pera virn a meu proposito, mas nom que fosse assi de feito. E por nom terdes tal sospeita, sem mais detença de razões nem alegaçom doutros dereitos que esto ajudar possam, eu vos lerei o recado que elRei estonce escreveo em corte, e isso mesmo a embaxada que elRei dom Pedro depois enviou ao Papa, e a reposta que lhe el mandou a nom cumprir sua petiçom que som abastantes pera desfazer mor dúvida que esta, e pera destruir de todo tal opiniom. E per aqui façamos fim daqueste negocio.

Entom leo húa carta per latim que logo todos virom em linguagem cujas razões eram estas:

«Afonso pela graça de Deus rei de Portugal e do Algarve, ao muito honrado em Cristo padre dom Gonçalo per essa mesma graça arcebispo de Braga, saúde *et cetera*. Sabe que dom Pedro meu filho primogenito e herdeiro anda embevedado d'amores e enduzido per palavras dalgús que case com húa mulher filha que foi segundo dizem de dom Pero Fernandez dito da Guerra e dhúa madre que nom era sa molher lidema; e o enduzem pera tal casamento, nom embargando que algús que som parentes do ifante no segundo grao de parentesco, ao de presente, cometam nom lícita cousa com ela. E dizem que pera se tirar tal embargo, que o ifante he em disposiçom d'escrever em corte a algús seus amigos, que lhe empetrem sobr'elo dispensaçom do Papa; a qual se outorgada fosse, poder-se-ia seguir ao deante, grande escandalo antre os que vivem em nossos reinos.

E porque os que som parentes donde o ifante meu filho descende sempre até o presente foram honradamente e com molheres filhas de reis per legitimo matrimonio casados, e porque outrossi à honra da nossa real dignidade

em que segundo direito da natureza meu filho há esperança de soceder, e isso mesmo a todos seus honrados parentes do dito casamento se feito fosse, se seguiria grande desonra; porém aficadamente vos rogamos que secretamente da nossa parte enformees o Papa como o dito casamento seria nom lícito e desigual, e que praza à sua Santidade, em esta parte nom ouvir com efectu as supplicações do ifante meu filho; e se cumprir de o Papa ser mais certificado da nossa vontade estonce secretamente lhe mostrae esta nossa carta. E em esto trabalhæe com tal diligência por nosso serviço, per que sejamos teúdo de vos fazer mercê».

CXC

Do recado que elRei dom Pedro enviou ao Papa e da resposta que lhe de lá veo

«Foi enviada esta carta em corte, nom sendo já vivo aquel papa Joane vice-simo segundo, de que elRei dom Pedro, quando era ifante, houvera aquela geral dispensaçom. Per cuja morte socedeo Benedicto duodecimo. E depois dele veo Clemente sexto. E era entom papa Inocencio sexto.

«E em morrendo estes papas e passando hús poucos d'anos, aqueceo a morte de dona Enês. E dhi a dous anos e pouco mais, morreo elRei dom Afonso. E se foi por elRei dom Pedro esto entender, ou por dito doutrem que o conselhou, duvidava muito o que era verdade, se per bem daquela dispensaçom e força de tal matrimonio, o casamento fora qual devia, e seus filhos ficavom lidemos, pera poderem herdar e soceder no reino per morte do ifante dom Fernando seu primogenito e herdeiro filho, que na sucessom do reino havia e tinha direita herança.

«E de em tal casamento el ser duvidoso ainda que a recebida tevesse, era muito razoado. Porque el per húa geral dispensaçom que houve sendo moço, esposou com dona Branca, filha do ifante dom Pedro que morreo nas veigas de Graada, com que depois casar nom quis. E quando houve de ser recebido com dona Costança filha de dom Joam Manuel e lhe haviam de fazer as benções em Lixboa, já algús duvidavom se per bem de tal dispensaçom el podia casar com ela ou nom. E porque elRei seu padre ordenou que todos los prelados dessa terra fossem presentes ao officio das benções, duvidava dom Gonçalo arcebispo de Braga, se per tal dispensaçom eles podiam casar ambos. E primeiro mandou saber e fazer húa protestaçom a dom Joam bispo dessa cidade, se podia ele vinr aos esposoiros do dito ifante sem perigo de seu

estado. E o bispo de Lixboa respondeo que el vira aquela geral despensaçom do papa Joane; e que falando sobr'elo com leterados lhe disserom¹⁶⁶ que bem lhe parecia avondosa pera casarem per ela. E per esta despensaçom segundo el disse, casou el depois com dona Enês, o que nom devera de fazer segundo os impedimentos que antr'eles havia.

«Ora sobre esta tal dúvida, e outras cousas que a seu estado compriam, ordenou elRei d'enviar seus embaxadores, em corte, quando lá foi Girald'Estevenz, pelos quaes enviou ao Papa esta embaxada que aqui está.

Entom mostrou hú grande rol de purgaminho usado de velhice, assinado per Gomez Paez d'Azevedo, e per Mestre Afonso e outros do conselho delRei dom Pedro, em no qual antre as outras cousas que ao Papa pedir enviava, em três logares era conteúdo o requerimento deste casamento ser valioso e os filhos legitimados dizendo estas palavras: «Outrossi direes ao Papa em sua camara que elRei recebeo per palavras de presente dona Enês de Castro a que Deus perdoe, como manda a Santa Egreja da qual houve seus filhos e há com a qual havia dívedo. E que lhe pede que praza à sua Santidade d'outorgar e retificar e firmar o dito casamento nom embargando o dito dívedo de linhagem que com ela havia. Assi que per tal confirmaçom e legitimaçom os ditos filhos que hi há sejam lidemos; e que hajam e possam haver aquelo que haveriam nom havendo hi o dito embargo de linhagem. E em esto vos aficae pera haverdes delo recado.»

E depois dalguns petitorios de bispados e doutras cousas, dezia em outro logar: «Outrossi se virdes que o Papa vos outorga cada húa das quatro cousas primeiras em razom das pedidas das egrejas, pedide logo o al, em razom da legitimaçom do casamento, e depois as outras cousas pela guisa que aqui som escritas. E nom vos outorgando cada húa das quatro cousas, vós todavia fazee de guisa que hajaes desembargo da dita confirmaçom do casamento, em guisa que os moços fiquem legitimos. E quanto he das outras pedidas nom curees delas.»

— Ora, disse o doutor, vista esta embaxada, que nom som razões minhas nem outros direitos alegados, bem he de cuidar quanto os messegeiros fariam em corte, por desto haverem gracioso desembargo. Mas leixando esto veja-mos que respondeo o Papa e assi cessemos de mais razoar.

Entom mostrou húa carta de reposta que o Papa enviara a elRei dom Pedro escusando-se de nom cumprir sua petiçom acerca de taes feitos que

¹⁶⁶ lhe disserom] *om.*

dezia desta guisa:

«Inocencio bispo servo dos servos de Deus. Ao muito amado em Cristo filho Pedro mui nobre rei de Portugal saude e apostolical bençom. Seja certa a tua real clareza que beninamente recebemos teus honrados e discretos embaxadores.

E antre algúas cousas que em sua embaxada da tua parte nos foram prepostas esta em especial foi: que havendo tu feúza e atrevimento, per húa geral dispensaçom que em forma acostumada, à tua instancia, e do mui nobre rei dom Afonso teu padre, de nosso predecessor da boa memoria Joane papa vicesimo segundo impetraras, casaste e recibiste por molher dona Enês filha que foi de dom Pedro de Castro, a qual per linha transversa dhúa parte no segundo grao da geraçom era ta parenta, e doutra per semelhante linha, no terceiro grao, era teu dívedo, e no quarto grao de afinidade, era ta cunhada.

E porém devotamente nos pedirom e suplicarom que de nosso apostolico e comprido poder, graciosamente per nosso rescrito declarassemos o dito matrimonio de seu fundamento, per virtude daquela dispensaçom ser antre vós ambos dereitamente contrautado, e os filhos que dele descenderom, legitimamente serem nados. E se assi perfeitamente aquesta graça recusassemos d’outorgar, que ao menos por tua parte nos suplicavom, que per nosso apostolico rescrito nos prougesse de legitimar a dita tua geraçom e de dona Enês. E perfeitamente a reintegrassemos ao primeiro dereito da natureza de guisa que em todo ficasse habilitada, pera poder soceder. Assi como se vosso matrimonio de seu principio fora valioso e dereitamente contrautado, e se a tua geraçom lidimamente dele descendera.

E certamente filho muito amado, nós pensámos em elo com boa femença, e consirámos em todo aquello que pelos ditos embaxadores por tua parte nos foi requerido. E como quer que muito sejamos de bom proposito pera condescender a teus desejos e comprazer à tua real alteza, pero somos demovido, por algúas lidemas razões fundadas em dereito que em toda guisa devemos guardar, a nom cumprir com efectu nem receber tua suplicaçom sobre o declaramento do dito matrimonio.

À outra segunda razom da tua parte proposta, sobre a legitimaçom dos filhos, de ti e de dona Enês nacidos, em conclusom te respondemos que a santa sé apostolica nom tem em costume d’outorgar semelhantes dispensaçõs nem legitimaçom salvo se for a grandes e nobres pessoas. E esto por algúas evidentes e manifestas razões (as quaes no recontamento de tua suplicaçom nom se mostram serem por tua parte expressas nem alegadas), pera em perjuízo doutrem, que no dereito da sucessom haja esperanza, semelhante

legitimação haveremos d'outorgar. Salvo se o terceiro a que pertencesse por tal razão, supplicasse e o pedisse, ou se per algũa outra guisa, claramente se mostrasse que teu requerimento procedia de seu expresso consentimento, o que he necessario de proceder. Maiormente em aqueste caso em que se trata de legitimação sobre sucessom d'herança pera pessoas que nom som das terras à temporal jurdição da egreja sojeitas.

E porém muito amado filho, a santa sé apostolica tem por bem que nom condescenda às tuas supplicações, nem te outorgue semelhante graça. E rogamos a tua real clareza com todo bom desejo e conselhamos que com paciencia soportes nossas excusações que nos demovem e costringem usar do contrario que tu supplicaste. Porque a nosso pastoral officio quebrantar nom pertence a lei de Cristo nosso salvador, mas a ela nos achegar e nom desviar da sua doutrina. Dada em Avinhom idus do mês de julho do nosso papado ano nono.»

— Ora vedes aqui, disse aquel doutor, sem mais êader nem minguar toda a estoria como se passou do casamento de dona Enês, e legitimação de seus filhos, a qual eu escusar quisera por honra dos ifantes, posto que sejamos em tal passo, e entendo que fora melhor que me fazerem pubricar de praça e semear pera sempre sua incestuosa nacença.

CXCI

Como acordarom todolos fidalgos e os pobos que alçassem o Mestre d'Avis por rei

Mostrado assi claramente como se estes feitos passarom, acerca desta grande e pesada questom, em que muitos duvidavom, forom todos mui espantados, por ouvir taes cousas de que ante parte nom sabiam, de guisa que aqueles que esto levemente criam, forom confirmados no que dante sospeitavam, e os que de todo eram contra tal entençom, per nova e razoada crença, forom afastados de toda dúvida, assi como Martim Vasquez da Cunha, e todolos aliados àquela parte.

E faladas estonce muitas razões, que por abreviar leixar queremos, e vista assaz de certa prova a desfazer aquelo sobre que eram em desacordo, foi antr'eles determinado per mansa e pacífica concordia hũa virtuosa e final entençom *scilicet* que enlegessem rei.

— Ora senhores, disse aquel doutor, pois que já vistes claramente aquelo sobre que tanto duvidavees e que a Deus prougue de serdes sem conhecimento, em como estes reinos som de todo vagos e postos em nossa disposição pera

enlegermos quem os defenda e governe, nom curemos mais d'estorias antigas que a nosso proposito possamos trazer, mais pois sempre foram defesos e manteúdos per rei e nós isto como compre, per nós fazer nom podemos, segundo a necessidade em que somos postos requiere, a nós convém em tal caso per força enlegermos rei que faça todo aquello que compre pera nom cairmos em sojeiçom de nossos émigos cismaticos que se delo trabalham quanto mais podem, nom somente por nosso dano e perda, mas ainda da Santa Egreja, e de nosso senhor o Papa cujos émigos capitaes som.

«E pois nom he menos de consirar a pessoa que há-de ser enlegida que o proveito que se dela segue ao reino, vejamos primeiro que condições se requerem em ela. E se as taes acharmos naquel que houvermos d'enleger, nossa enliçom será discreta e sem repreensom de nêhú. E digo brevemente segundo os saibos recontam, que ante as outras cousas que em el há-d'haver, deve de ser de bom linhagem, e de grande coração pera defender a terra, desi que haja amor aos subditos. E com isto bondade e devaçom.

«Ora que estas condições sejam achadas no Mestre nosso senhor que temos em vontade pera enleger, assaz he visto claramente como todos bem sabees.

«De ser de bom linhagem, vede se he boa ser filho de rei.

«De ser de gram coração, assaz se mostrou e mostra que com tam pouca parte do reino como consigo tinha, com maravilhosa ousança soffreo taes perigos como há passados. E despoer-se a muito maiores segundo o tempo em que somos postos.

«De haver amor aos subditos, vede que podia mais fazer que com quantas avenças e prometimentos lhe elRei de Castela mandou fazer com grandes acrecentamentos de sua honra e estado, em tempo de tal necessidade qual foi a fame e cerco de Lixboa, que nunca em elo quis consentir, por nom leixar os pobos em sojeiçom de seus émigos.

«De haver em ele bondade, bem se mostrou no roubar que os de Lixboa quizerom fazer aos judeus, e no remir dos cativos, e nas ajudas que pera elo dava segundo que cada hũ era.

«De el ser devoto, e encaminhar seus feitos segundo Deus, esguardae as esmolas que fez, e o falar com frei Joam da Barroca, e acharees que todos seus feitos som com grande peso e madureza de siso.

«Além deste ordenar tam discretamente totalas cousas que a defensom deste reino pertencem, que nehũ outro melhor poderia.

«Assi que pelas cousas que vimos até ora, este dom Joam Mestre d'Avis, que tanto trabalhou e trabalha por honra e defensom destes reinos, he apto e pertencente, e merece esta honra e estado de rei. E portanto pois que he

serviço de Deus, e prol e honra da Sancta Egreja, pera nom sermos destruidos de nossos êmigós, e ela vinr em mãos de cismaticos, acordemos em hũ amor e proposito, e em nome de Deus que he santa trindade Padre e Filho e Espiritu Santo, nomeemos e escolhamos na melhor maneira que puder ser este dom Joam, filho delRei dom Pedro, por rei e senhor destes reinos e outorguemos-lhe que se chame rei, e mande fazer no regimento e defensom deles todalas cousas que pertencem ao officio de rei, segundo costumaram de fazer aqueles que o atá'qui forom.

Estonce falarom muitas razões em que nos podiamos deter, que aqui mingua nom fazem. E per unida concordança de todolos grandes e comum pobo, disserom que o promovessem a alta dignidade, e estado de rei, e que nom consentissem que nehũ mais contra esto falasse, e que lho fossem logo dizer.

CXCII

Das razões que os fidalgos e pobos houverom com o Mestre e como foi alçado por rei

Havudo tal acordo como dizemos, os prelados e fidalgos, e procuradores dos concelhos, todos juntamente forom entom a el, e lhe pedirom por mercê e requeriom que lhe prouguesse consentir em esta enliçom que feita haviam; e quisesse acceptar e tomar em si o nome e dignidade e honra de rei tomando carrego de defender os reinos, ca pera el os tinha Deus guardados, que esto assi ordenara.

O Mestre ouvindo estas razões, respondeo estonce e disse que el dava a Deus muitas graças e lhe era mui teúdo de lhes poer em coração e vontade de o haverem de enleger pera tam alto estado, e a eles agradea muito o bom desejo que contra ele mostravam. Mas que eles viam bem, e el outrossi sentia em si que nom era nem podia ser soficiente pera receber nem soste em si tal honra e dignidade, como era o regimento real. Mormente que eles eram certos que hi havia taes embargos assi no defectu de sua nacença come na profissom que à ordem d'Avis fezera, que nom havia poder de receber tal encarrego e honra como aquela a que o eles haviam enlegido. E que portanto nom podia consentir em elo.

Além desto dezia que sua vontade nom se outorgava de o ser por outra razom, dizendo que el prestes era por defensom do reino trabalhar quanto podesse até morte; e de esperar elRei de Castela com todo seu poder e pelear com ele, e desto nom tevessem dúvida; e que vencendo-o ele sendo cavaleiro

assi como era, o que esperava em Deus que assi fosse, que cobraria mui grande honra, e eles isso mesmo; e quando se doutra guisa acertasse, o que Deus nom quisesse, que mor mingua lhe era sendo rei e vencido, que posto que o fosse, sendo cavaleiro; e que porém sobre o ajuntamento das gentes, e a maneira como se o reino poderia defender e haver dinheiro pera elas, se trabalhassem de determinar, e sobre outra cousa nom fossem deteúdos.

Entom todolos prelados e fidalgos e procuradores dos concelhos houverom gram nojo e desconforto de tal reposta como esta, entendendo que se o dito dom Joam nom tomasse nome e dignidade de rei, que o encarrego da defensom dos reinos nom tomaria com tanto amor e diligência quanto a eles era compridoiro; por a qual razom enfraqueceriam os corações dos pobos nom curando de se defender nem aguardar seus contrairos como fazia mes-ter; e que porém os ditos reinos estariam em gram perigo de vinr em mãos de seus émigos, mormente cismaticos e revees à Santa Egreja.

Assi que estando todos em seu firme proposito, nom se entendendo departir do que começado tinham, tornaram a dizer ao Mestre que por as muitas necessidades em que eram postos, que deste só remedio queriam prover a todas, em haverem ele por rei e senhor. Por o qual remedio entendiam ser feita provisom a todolos outros remedios, pera menos sentirem os danos e perigos com que os ameaçava elRei de Castela. E pois eles haviam vontade de se defender dele e de levar adeante a honra do santo padre Urbano sexto, verdadeiro papa de Roma, que porém lhe pediam por mercê e rogavam aficadamente, dizendo altas vozes que os nom quisesse desemparrar, nem poer em tamanho desconforto, mas que lhe prouguesse de tomar e haver em si o nome e dignidade e honra de rei; porque bem via ele quanto esto era necessario a ele e ao reino, e quanto mal e dano se seguiria, se el a esto nom desse consentimento e obra. Prometendo de o ajudar com os corpos e haveres, e manter em estado e honra de rei, e pera levar sua guerra adeante; e mais de enviarem à corte de Roma seus honrados embaxadores ao Papa pera haverem dele quaesquer dispensações e graças, assi pera cessarem os embargos de sua nacença e profissom, como pera ele ser firme em aquel estado de rei, em que o poínham.

Quando o Mestre vio seus aficados rogos, e consirando as grandes necessidades do reino, e suas boas vontades e oferecimentos, entendendo que prazia a Deus de o ser, pois se tanto aficavom a esto, como quer que lhe fosse grave de fazer por as razões que dissera, houve em elo de consentir, e disse que pois se

doutra guisa fazer nom podia, que el aceptava enliçom¹⁶⁷, e nome e dignidade real de rei pera defender o reino com aqueles oferecimentos que lhe per eles eram feitos, e à honra e reverença do Sancto Padre e da sé apostolica de Roma.

Esto determinado de todo e o dia que o alçassem por rei, foi o prazer grande em todos e dado carrego a Nun'Alvarez de mandar correger os paços onde se esto havia de fazer. E andando el per húa sala onde elRei havia de comer, com muitos que o acompanhavom, com o gram prazer que houve, posto que mui temperado fosse em falar, nom se pôde ter e disse contra eles:

— Desta vez meu senhor o Mestre será rei a prazer de Deus e a pesar de quem pesar.

E quando veo à quinta-feira seis dias daquel mês d'abril da era já nomeada de quatrocentos e vinte e três, sendo entom o Mestre em sua nova e florecente idade de vinte e seis anos e onze meses e vinte e cinco dias, foi alçado por rei, e feito seu officio, assi eclesiastico come secular, dando-lhe aquel poderoso e real estado que el bem merecia, com grande festa e prazer; assi de lançar a tavolado, come doutros jogos e trebelhos, segundo usança daquel tempo, nom somente em aquel logar de Coimbra, mas nas outras vilas e cidades que por el estavom e sua voz mantinham.

Especialmente em Lixboa, onde foi feita húa mui honrada e solene proccissom que partio da Sé e foi a Sam Domingos. E depois de comer com muito prazer e alegria, trouverom bandeira pela cidade, com muitos jogos e trebelhos, apregoando: «Arreal, por elRei dom Joam». E alçarom entom na rua Nova por tavolado hû grande e alto masto de carraca da parte do mar, de guisa que nom torvava a rua.

CXCIII

Como Nun'Alvarez foi feito condestabre e dalguns modos de seu viver

Enlegido o Mestre e alçado assi por rei, falou-se logo que fizessem condestabre pera a guerra em que eram postos segundo novamente fizera elRei dom Fernando quando em seu tempo os ingreses veerom. E ordenou elRei que o fosse o seu mui leal e fiel servidor Nuno Alvarez Pereira, havendo àquel tempo vinte e quatro anos e nove meses e doze dias, conhecendo del que era d'honestos costumes e mui avisado nos autos da cavalaria.

¹⁶⁷ enliçom] sua emliçom

Assi que vista sua prudente e notavel discreçom, bem se podia dizer dele que posto que cega fortuna em esta presente vida leixe nus de galardom algús que o bem merecem, contra este nom sendo ingrata, o promoveo estonce a alteza de grande e honroso officio, nas guerras e hostes do reino; do qual el usou de tal guisa, crescendo de dia em dia em cavaleirosos feitos que em muitos como depois verees, espertou envejosa grandeza. Porque se forteleza he esforçado desejo de percalçar grandes cousas, com soportamento de proveitoso trabalho, este nom receando noites asperas nem esquivos dias, nom temia de se poer a quaesquer aventuras, por haver vitoria dos émigos; nom por desprezar com soberva afouteza a¹⁶⁸ multidom deles, mas porque nehú avisamento antigo podia estonce ser igual às sajarias daqueste novo guerreiro, sendo sempre muito sem oufania¹⁶⁹ e levantamento em seus bem aventuirados vencimentos.

Assi sagesmente ordenava seus feitos que nehú outro podia entender o proposito de sua envençom salvo aqueles com que costumava de o falar. Da ardidez e bom regimento, em que está a principal cousa da guerra, era ele assi condido, que quem semelhante a el, antre os mortaes quisesse buscar, assaz lhe seria de trabalho. E porém se escreve dele que foi grande e forte muro, e segundo braço da defensom do reino. Assi que com gram vontade diziam del despois os pobos, que nehú podera ser enlegido a semelhante honra, de que tantos proveitos veessem ao reino, e a alteza real como deste.

Como a estrela da manhã foi claro em sua geraçom, sendo de honesta vida e honrosos feitos, no qual parecia que reluziam os avisados costumes dos antigos e grandes barões.

Seus geitos e defesa na guerra mostravam tal autoridade que nehú era ousado andando em sua companhia d'empecer mais a seus émigos, do que lhe per el era mandado. De guisa que cada hū se despoinha a comprir todos seus preceptos, nem lhe convinha de os quebrantar por cousa que avinr podesse; no qual porém sempre morava húa discreta mansidom, que he ama dos bons costumes. Trazer molheres, nem jogo de dados a nehú era consentido. E muito se trabalhava quando tal desvairo antre algús nacia, per que começavam de se nom falar, de os concordar logo e fazer amigos, de guisa que seu arreal nom parecia hoste de guerreiros mas honesta religiam de defensores. Em totalas cousas muito sagesmente, per igual pena e galardom procedia contra quaesquer que sua virtuosa vontade podia chegar com execuçom. E quando se assanhava

¹⁶⁸ a] e

¹⁶⁹ oufania] oufana

contra algúas pessoas, com brando arroído era seu castigo; de guisa que ao seu pesado asseseço mais haviam os homens reverença que temor.

El em sua nova mancebia desviado do humanal uso, começou d'assentar em si totalas boas condições que em hũ louvado barom nomeadas podem ser, como se o tesouro de toda ensinança fosse em el encuberto. Assi que em¹⁷⁰ cuidar em virtuosas cousas e poê-las logo em obra ocupava tanto tempo, muito mais daquelo que sua tenra idade requeria.

E porque semelhantes bondades nom eram usadas antre os outros homens, eram em el teúdas em mui grande conta. De guisa que hu tantas virtudes haviam morada, adur podia nehũ cuidar que vicio algũ podesse ser hospede. Nem podia alguém em el poer prasmo, que nom fosse havudo por malicioso, ca posto que trabalhasse por encubrir sua mui louvada fama, seus virtuosos feitos eram pregoeiros dela. Nos grandes e notavees conselhos el era sempre o principal e nehũa pesada cousa se fazia sem seu acordo.

Foi d'alta e prudente conversaçom onde compria e boa e amorosa aos de meor estado, e aos muito pequenos tam doce como parvo. Havia compaixom dos pobres e minguados nom os leixando padecer injúria. E a sua larga mão sempre era prestes a dar onde quer que humanal honra ou espiritual proveito conseguia seu dom. El ordenava assi sua fazenda leixadas as pomposas despesas que muito som de esquivar, que por nehũ mester de guerra nem doutra necessidade nunca em suas terras deitou peita nem serviço nem outra ajuda; e tinha taes regedores de casa em que havia pouca ou nehũa nodoa de error.

Na limpeza da sua verdade nehũa cousa encuberta nem fingida havia, e sua palavra nom era menos certa que se a firmasse com juramento. Nos esprituas autos sobre totalas cousas era ele assi nembrado dos divinaes officios, que per nehũa guisa os leixava de comprir por chegada de nehũa pessoa por grande e poderosa que fosse. Tanto foi de limpa consciencia, que a passiom da sanha, que em muitos parece sandice, temperou de tal guisa, por¹⁷¹ saúde de sua alma, que nunca a nehũ tolheo fala, posto que razom tevesse, a qual tirada d'antre as pessoas, he criador de maior odio, com mordimento de desvairadas sospeitas.

Ele foi o primeiro que começou cada dia ouvir duas missas, dizendo que assi como os senhores tinham vantagem de mundanal excelencia, sobre o outro comum pobo, assi nas esprituas obras deviam ter grande melhoria.

¹⁷⁰ em] *om.*

¹⁷¹ de tal guisa por] de tall guisa que por

Nas festas principaes do ano, em que a Igreja costuma que se faça procissão, ordenava el de a fazer pelo arreal, com candeas nas mãos segundo o dia em que era, ouvindo sua pregação e officio o mais honesto e devotamente que se em taes logares fazer podia. E se contam em louvor dos romãos sendo gentis, que nom era a eles segura cousa leixadas as cerimoniaes que ao Deus das batalhas deviam fazer entrar em peleja nem mover guerra, e que primeiramente faziam oraçom aos deuses das terras que cada hũ tinha em sua guarda, grande louvor devem dar a este; o qual com boa ardidez e firme esperança, que no mui alto Deus sempre houve, feita primeiro sua devota oraçom àquel senhor em cujo poder he todo vencimento, ledos e sem nehũ receo, pelejava sempre com os êmigos.

Este nom somente dos naturaes dões da graça, que he muito de notar, mas ainda dos bens da fortuna, houve tam grandes e especiaes joias que até o seu tempo, des o começo do reino, nom se lê de nehũ semelhante.

E posto que algũs digam que o bem acostumado mancebo raramente percalça duravees louvores, este per contrario, assi no temporal come espirital, vivo e depois da morte sempre foi havudo em grande reverença de todo o pobo, como adeante ouvirees.

ÍNDICE GERAL

Introdução — Uma leitura da <i>Crónica de Dom João I</i>	7
Bibliografia	15
Prologo	21
I — Como o conde houvera de ser morto per vezes e nehúa houve azo de se acabar	23
II — Como algús ordenarom de o conde ser morto e por qual azo se nom fez	24
III — Como elRei mandava matar o conde Joam Fernandez e por que se leixou de fazer	25
IV — Como o conde Joam Fernandez houvera de ser morto e per que azo se desviou sua morte	27
V — Como se azou a morte do conde Joam Fernandez e quem falou em elo primeiro	29
VI — Como Alvaro Paez falou com o Mestre sobre a morte do conde Joam Fernandez e do acordo em que ambos ficaram	30
VII — Como o conde Joam Fernandez veo ao saimento delRei e o Mestre foi ordenado por fronteiro em Riba d’Odana	32
VIII — Como foi ordenada a morte do conde Joam Fernandez e como o Mestre partio de Lixboa sem levando tençom de o matar	33
IX — Como o Mestre tornou a Lixboa e de que guisa matou o conde Joam Fernandez	35
X — Do que a Rainha disse por a morte do conde e doutras cousas que hi aveerom	38
XI — Do alvorço que foi na cidade cuidando que matavom o Mestre e como aló foi Alvaro Paez e muitas gentes com ele	39

XII — Como o bispo de Lixboa e outros foram mortos e lançados da torre da Sé afundo	42
XIII — Como o Mestre depois que comeo foi pedir perdom à Rainha e das razões que hi foram faladas	45
XIV — Como os da cidade quiserom roubar os judeus e o Mestre os defendeo que lhe nom foi feito	48
XV — Que maneira tinha a rainha dona Lionor com o Mestre e com algús outros a que nom tinha bom desejo	50
XVI — Como a Rainha partio de Lixboa pera Alanquer, e que maneira teve em sua partida	51
XVII — Como se o Mestre guisava pera se ir pera Ingraterra, e como pedio perdom a Vasco Porcalho	52
XVIII — Por quaes razões o Mestre se queria partir do reino e se ir pera Ingraterra	53
XIX — Por quaes razões os da cidade disserom ao Mestre que ficasse no regno e o tomariam por senhor	54
XX — Das razões que os da cidade deziam ao Mestre por que se nom devia de partir	55
XXI — Da maneira que a Rainha ordenou pera matar o Mestre quando soube que se queria partir pera Ingraterra	57
XXII — Das razões que Alvaro Vasquez houve com o Mestre sobre sua partida pera Ingraterra	58
XXIII — Como frei Joam da Barroca veo a Lixboa e da maneira do seu viver	59
XXIV — Como o Mestre falou com frei Joam da Barroca e da reposta que lhe ele deu	60
XXV — Como foi acordado de enviar a Rainha cometer casamento com o Mestre e segurança pera os da cidade	61
XXVI — Como o Mestre outorgou de ficar por regedor e defensor do reino, e do que foi falado na camara da cidade sobre sua ficada	64
XXVII — Como o Mestre tomou officiaes pera sua casa e que ditado ordenou de se poer em nas cartas	66
XXVIII — Como o ifante dom Joam soube que o Mestre seu irmão se chamava regedor e defensor do regno e da maneira que em elo teve	68
XXIX — Do recado que a Rainha mandou a Gonçalo Vasquez d’Azevedo ante que partisse pera Santarém, e das razões que disse aos do logar	69
XXX — Como a Rainha partio d’Alanquer pera Santarém e das razões que disse aos do logar ante que partisse	71
XXXI — Razões do autor desta obra ante que fale dos feitos de Nun’Alvarez	72

XXXII — De que linhagem decendeo este Nun'Alvarez e quem foi seu padre e madre	74
XXXIII — Como Nun'Alvarez foi tragido à corte delRei dom Fernando e como tomou as primeiras armas de mão da rainha dona Lionor	75
XXXIV — Como o prior cometeo a seu filho que quisesse casar, e como em elo consentio e casou com dona Lionor d'Alvim	77
XXXV — Como Nun'Alvarez partiu pera sua casa e da maneira do seu viver	78
XXXVI — Como Nun'Alvarez soube que o conde Joam Fernandez era morto e das razões que houve com seu irmão sobr'elo	80
XXXVII — Como Nun'Alvarez descobrio aos seus que se queria ir a Lixboa pera servir o Mestre	81
XXXVIII — Como Nun'Alvarez chegou a Lixboa e das razões que disse ao Mestre	83
XXXIX — Como sua madre de Nun'Alvarez vinha pera torvar seu filho do serviço do Mestre e do que sobr'elo aveo	84
XL — Como o Mestre falou com os de seu conselho sobre sua ficada ou partida do regno	85
XLI — Como o Mestre quisera combater o castelo de Lixboa e como o tomou sem combato	86
XLII — Como foi tomado o castelo de Beja e morto o almirante micê Lançarote	89
XLIII — Como o castelo de Portalegre e o d'Estremoz foram tomados	92
XLIV — Como o alcaide d'Evora quisera ter voz por a Rainha e foi tomado o castelo pelos da cidade	94
XLV — Como os da cidade se levantaram contr'a abadessa e do geito que tiveram em na matar	95
XLVI — Como foi alçada voz e pendom polo Mestre na cidade do Porto e da maneira que o pobo em elo teve	97
XLVII — Por que razom enviou o Mestre embaxadores a Ingraterra, e da reposta que lhe de lá veo	100
XLVIII — Como a cidade de Lixboa deu hū serviço ao Mestre pera ajuda de fazer moeda	103
XLIX — Como o Mestre ordenou de fazer moeda e de que liga e talha foi feita	104
L — Como o Mestre deu logar a algús que lavrassem moeda e pôs mantimento a muitas pessoas	106
LI — Como os da vila d'Almadá tomarom voz por o Mestre, e como foi sobre Alanquer	107

LII — Como elRei de Castela mandou prender o conde dom Afonso seu irmão	109
LIII — Como elRei de Castela mandou prender o ifante dom Joam de Portugal	110
LIV — Como elRei fez em Toledo exequias por elRei dom Fernando e da maneira que em elo teve	111
LV — Do que aconteceu quando alçaram pendom por elRei de Castela	112
LVI — Como elRei teve conselho se era bem entrar em Portugal, e como determinou de o fazer	113
LVII — Como o bispo da Guarda disse a elRei que lhe daria a cidade e como elRei determinou em toda guisa entrar no regno	116
LVIII — Como elRei de Castela entrou em Portugal e dalgús fidalgos que se veerom pera ele	117
LIX — Das razões que Beatriz Gonçalvez disse a seu filho por nom dar os castelos que tinha a elRei	119
LX — Do recado que mandou a rainha dona Lionor a algús concelhos depois da morte do conde Joam Fernandez	120
LXI — Como a Rainha escreveo a elRei que entrasse no reino, e a tençom por que o fez	121
LXII — Como elRei de Castela seguiu seu caminho e chegou a Santarém	122
LXIII — Como se o Mestre tornou d’Alanquer pera Lixboa	124
LXIV — Como elRei falou à Rainha e a levou consigo pera o moesteiro onde pousou	124
LXV — Como elRei ordenou de se vinr pera a vila, e da maneira como entrou no logar	126
LXVI — Da maneira que elRei teve com os desembargadores da justiça e como mizcrou suas armas com as de Portugal	128
LXVII — Dos fidalgos e cavaleiros que estavom com elRei em Santarém, e do que aveo a Gonçalo Vasquez com o soldo que mandou pagar aos seus	130
LXVIII — Dos logares que tomarom voz por Castela em totalas comarcas do regno	132
LXIX — Como foram filhados os navios do pescado que vinham de Galiza	134
LXX — Como o conde de Maiorgas mandava desafiar o Mestre e como Nuno Alvarez respondeo a elo	136
LXXI — Como Nun’Alvarez foi a termo de Sintra à forragem, e algús capitães de Castela chegaram ao Lumear	138
LXXII — Como o Mestre teve ordenado d’ir a Santarém pelejar com elRei de Castela, e por que azos se nom fez	139

LXXIII — Como a Rainha escreveo ao conde dom Gonçalo seu irmão que desse Coimbra a elRei de Castela	140
LXXIV — Do que aveo a algús da cidade que saírom fora pera pelejar com os castelãos	141
LXXV — Das razões que Nun'Alvarez disse ao conde dom Alvaro Perez de Castro e a seu filho, e como o Mestre ordenou de pelejar com os capitães de Castela que estavom no Lumear	142
LXXVI — Por que se gerou o desprazimento antre a rainha dona Lionor e elRei de Castela	144
LXXVII — Como elRei partio de Santarém caminho de Coimbra com entençom de a cobrar	145
LXXVIII — Como elRei chegou a Coimbra, e dalgúas cousas que hi acontecerom	146
LXXIX — Das razões que dona Beatriz de Castro falou com Afonso Anriquez e do que lhe respondeo	148
LXXX — Das razões que a Rainha houve com o conde dom Gonçalo seu irmão	149
LXXXI — Das falas que se trautavom antre o conde dom Gonçalo irmão da Rainha e o conde dom Pedro	151
LXXXII — Como foi sabudo o que o conde dom Pedro queria fazer, e como fugio e se foi ao Porto	153
LXXXIII — Das razões que elRei e a rainha dona Lionor houverom sobre este feito	154
LXXXIV — Como a rainha dona Lionor foi levada pera Castela	156
LXXXV — Do recado que os d'Alanquer enviaron ao Mestre, e da reposta que lhe sobr'elo deu	157
LXXXVI — Como elRei partio de Santarém e do conselho que houve se cercaria Lixboa	158
LXXXVII — Como o Mestre ordenou por fronteiro antre Tejo e Odiana Nun'Alvarez Pereira	160
LXXXVIII — Da bandeira que Nun'Alvarez mandou fazer, e do poder que lhe o Mestre deu	161
LXXXIX — Das razões que o Mestre disse a Nun'Alvarez, e como se espedio dele	162
XC — Dhúa sajaria que Nuno Alvarez fez pera provar os seus de que esforço eram	164
XCI — De que guisa Nun'Alvarez escolheo dos seus os que tomou pera seu conselho	165

XCII — Como Nun’Alvarez mandou chamar algúas gentes, e das razões que propôs a todos	166
XCIII — Da reposta que a Nun’Alvarez foi dada e como todos outorgaram de ser com ele na batalha	168
XCIV — Das razões que Nuno Alvarez houve com Rui Gonçalvez	170
XCV — Como Nun’Alvarez pôs batalha aos castelãos, e os venceu e desbaratou	172
XCVI — Como Nun’Alvarez cobrou Arronches e Alegrete	175
XCVII — Dhúa entrada que os portugueses fizeram per Castela, e do roubo que trouverom	177
XCVIII — Como Vasco Porcalho foi lançado de Vila Viçosa, por sospeita que dele tomarom	178
XCIX — Como o Mestre mandou entregar a Vasco Porcalho o castelo como ante tinha	180
C — Como Vasco Porcalho prendeo Alvaro Gonçalvez per arte	181
CI — Como os portugueses pelearom com certos castelãos e os vencerom e os desbaratarom	183
CII — Como foi livre de prisom Alvaro Coitado, e desbaratados os castelãos que o levavom	186
CIII — Como Pero Rodriguez foi por acorrer a Alvaro Coitado que o nom prendessem os castelãos	190
CIV — Como Vasco Porcalho foi correr ao Alandroal, e da prea que tomou aos portugueses	191
CV — Como Pero Rodriguez da Fonseca lançou húa celada aos do Alandroal e do que lhe aveo	192
CVI — Como Pae Rodriguez prendeo Gil Fernandez d’Elvas	194
CVII — Como Gil Fernandez foi prear a Castela, e do que lhe aveo	195
CVIII — Como Gil Fernandez pelejou com Pae Rodriguez Marinho, e foi desbaratado e morto	196
CIX — Dalgúas naos de Genoa que o Mestre cobrou a seu poder e como combaterom Alanquer e nom foi tomado	198
CX — Como o Mestre mandou armar certas galés em Lixboa	200
CXI — Como foi entregue o estendarte a Gonçalo Rodriguez, e partio a frota pera o Porto	200
CXII — Como escaramuçarom os castelãos com os portugueses, e foi hi preso Joam Ramirez d’Arelhano	202
CXIII — Como elRei chegou sobre a cidade e do combate que lhe deu	203
CXIV — Como elRei de Castela chegou sobre Lixboa, e como assentou seu arreal sobr’ela	206

CXV — Per que guisa estava a cidade corregida pera se defender, quando elRei de Castela pôs cerco sobr'ela	208
CXVI — Como foi tomado Ourém per o mestre de Cristos, e preso Diego Lopez Pacheco, e dado por ele Joam Ramirez d'Arelhano	212
CXVII — Dos capitães que entraram com o arcebispo a correr em Portugal e como foi preso Fernand'Afonso de Çamora	214
CXVIII — Do conselho que o arcebispo houve com os seus como fossem cercar o Porto	215
CXIX — Como os do Porto saírom fora da cidade pera pelejar com os galegos	216
CXX — Como as galés de Lixboa chegaram ao Porto, e se juntaram as gentes delas com os da vila, pera pelejarem com os galegos	218
CXXI — Como os portugueses escaramuçaram com os galegos e se foi o arcebispo	219
CXXII — Como Rui Pereira disse sua mensagem aos do Porto, e da reposta que lhe derom	221
CXXIII — Do recado que os do Porto enviaram ao conde dom Gonçalo e da reposta que a elo deu	223
CXXIV — Como as galés foram correr a costa de Galiza e do que lhe aveo em sua viagem	225
CXXV — Como Nun'Alvarez houvera d'ir na frota, e por que razom nom entrou em ela	227
CXXVI — Como Nun'Alvarez ordenou de partir de Coimbra, e do que lhe hi aveo	228
CXXVII — Do que aveo a Nuno Alvarez com dom David Alguaduxe sobre dinheiros que lhe quisera dar	230
CXXVIII — Como Nuno Alvarez pelejou com algús castelãos e os desbaratou	231
CXXIX — Do conselho que elRei de Castela houve com os seus em que guisa pelejaria com a frota de Portugal	232
CXXX — Das razões que Pero Fernandez de Valasco disse, por que nom era bem de a sua frota pelejar com a de Portugal, e do que elRei respondeo sobre elo	235
CXXXI — Como a frota do Porto chegou a Cascaes, e da maneira que lhe o Mestre mandou que tevessem	237
CXXXII — Como foi sabudo pela cidade que a frota vinha, e do que as gentes por elo fizeram	238
CXXXIII — Como algúas naos de Portugal pelejaram com as de Castela, e foram tomadas três dos portugueses e morto o bom de Rui Pereira	240

CXXXIV — Como trouverom a elRei hũ dos escudeiros que foram presos e das razões que houve com ele	243
CXXXV — Porque nom pelejou mais a frota com a de Castela, e como elRei mandou combater Almadã	245
CXXXVI — Das cousas que passavom os d'Almadã per mingua d'agua	247
CXXXVII — Como os d'Almadã derom a vila a elRei de Castela	249
CXXXVIII — Como foi descuberto ao Mestre o que dom Pedro tinha ordenado de fazer, e da maneira que em elo teve	250
CXXXIX — Como as galés de Castela quiserom tomar as de Portugal, e do que sobr'elo aconteceo	253
CXL — Dalgũas cousas que aconteciam aos da cidade com os do arreal, jazendo cercados	258
CXLI — Como elRei enviou cometer avença ao Mestre, e das razões que sobr'elo passaram	260
CXLII — Como o Mestre determinou com os de seu conselho de pelejar com elRei de Castela	264
CXLIII — Como Nun'Alvarez ordenou de tomar Monsaraz per arte, e de que guisa foi filhado	267
CXLIV — Do recado que Joam Rodriguez de Castanheda mandou a Nun'Alvarez, e do que sobr'elo aveo	268
CXLV — Como Nun'Alvarez houve recado que gentes se juntavom pera o vir buscar e da maneira que em elo teve	269
CXLVI — Como Nun'Alvarez pôs batalha a Pero Sarmiento e outros capitães e nom quiserom pelejar com ele	270
CXLVII — Como Nuno Alvarez ordenou de ir a Almadã sobre Pero Sarmiento e do que sobr'elo aconteceo	274
CXLVIII — Das tribulações que Lixboa padecia per mingua de mantimentos	278
CXLIX — Da pestelença que andava antre os castelãos e dalgũs capitães que em ela morrerom	282
CL — Das razões que dom Carlos disse a elRei de Castela e como elRei levantou seu arreal e decercou a cidade	284
CLI — Como os da cidade ordenarom hũa procissom por darem graças a Deus, e da pregaçom que hũ frade em ela fez	287
CLII — Como Nun'Alvarez passou a Lixboa por falar ao Mestre	291
CLIII — Como Nuno Alvarez falou ao Mestre e das razões que ambos houverom	293
CLIV — Como os fidalgos e pobos fezerom menagem ao Mestre e dos privilegios que deu à cidade	294

CLV — Como elRei de Castela chegou a Santarém e ordenou alcades em algús logares	298
CLVI — Como elRei de Castela partio pera seu reino e da maneira como ia	301
CLVII — Como Nun'Alvarez cobrou a vila de Portel per azo dalgús que dentro moravam	303
CLVIII — Como entregaram o castelo a Nun'Alvarez e se foi Fernam Gonçalvez pera Castela	305
CLIX — Dos nomes dalgúas pessoas que ajudaram o Mestre a defender o reino	307
CLX — Dos nomes dalguns fidalgos assi portugueses come castelãos	310
CLXI — Dos nomes dalguns fidalgos e cidadãos que ao Mestre ajudaram a defender o regno	312
CLXII — Dos nomes dalguns logares que tiveram voz por Portugal	314
CLXIII — Da septima idade que se começou no tempo do Mestre	315
CLXIV — Como o Mestre foi por cobrar Sintra, e nom pôde lá chegar por azo da muita chuiva	317
CLXV — Como o Mestre foi a Almadá, e cobrou o logar per vontade dos moradores dele	319
CLXVI — Como o Mestre partio d'Almadá e foi sobre Alanquer	321
CLXVII — Do combate que derom os do arreal aos da vila em que foi morto Afonso Anriquez e outros	323
CLXVIII — Como o Mestre preitejou com Vasco Perez e se alçou de sobre o logar	324
CLXIX — Como o Mestre partio d'Alanquer e foi cercar Torres Vedras	325
CLXX — Como o mestre de Cristos foi vencido e levado a Santarém	327
CLXXI — Como Nun'Alvarez foi a Elvas e lançou fora algús do logar	327
CLXXII — Como Nun'Alvarez foi por cobrar Vila Viçosa e foi morto seu irmão e a cercou e nom pôde tomar	329
CLXXIII — Como os do Porto tomarom o castelo de Gaia e o derriбарom	331
CLXXIV — Como o Mestre combateo a vila com as cavas que feitas tinha e a nom pôde tomar	332
CLXXV — Que pessoas eram aquelas que ao Mestre nom eram fiees vassalos	334
CLXXVI — Per que modo tinham ordenado de matar o Mestre e descubriam seus segredos	337
CLXXVII — Como foi descuberta a treição que ao Mestre tinham ordenada e queimado Garcia Gonçalvez	339
CLXXVIII — Como o Mestre deu os bens dos que eram culpados contra ele	341
CLXXIX — Como Vasco Perez tomou outra vez voz por elRei de Castela	344

CLXXX — Como o Mestre partio de Torres Vedras e chegou a Leiria	346
CLXXXI — Como o Mestre chegou a Coimbra e foi recebido de todolos da cidade	348
CLXXXII — Das razões que se falavom ante que entrassem às cortes e nomes dalguns que a elas estiverom	349
CLXXXIII — Como o doutor Joam das Regras propôs em nas cortes mostrando que havia quatro herdeiros do reino	351
CLXXXIV — Razões daquel doutor por que a rainha dona Beatriz nom podia herdar este Regno	353
CLXXXV — Outras razões desse mesmo doutor por que elRei nem sua molher nom devem ser tomados por senhores	356
CLXXXVI — Como o doutor mostrou claramente que nunca foi certo que dona Enês fosse molher delRei dom Pedro	359
CLXXXVII — Dos impedimentos que o doutor disse por que dona Enês nom podia ser molher delRei dom Pedro	363
CLXXXVIII — Da desacordança que os fidalgos e pobos haviam antre si sobre a enliçom que queriam fazer	365
CLXXXIX — Do recado que elRei dom Afonso enviou em corte por o ifante seu filho nom casar com dona Enês	368
CXC — Do recado que elRei dom Pedro enviou ao Papa e da reposta que lhe de lá veo	370
CXCI — Como acordarom todolos fidalgos e os pobos que alçassem o Mestre d’Avis por rei	373
CXCII — Das razões que os fidalgos e pobos houverom com o Mestre e como foi alçado por rei	375
CXCIII — Como Nun’Alvarez foi feito condestabre e dalguns modos de seu viver	377

